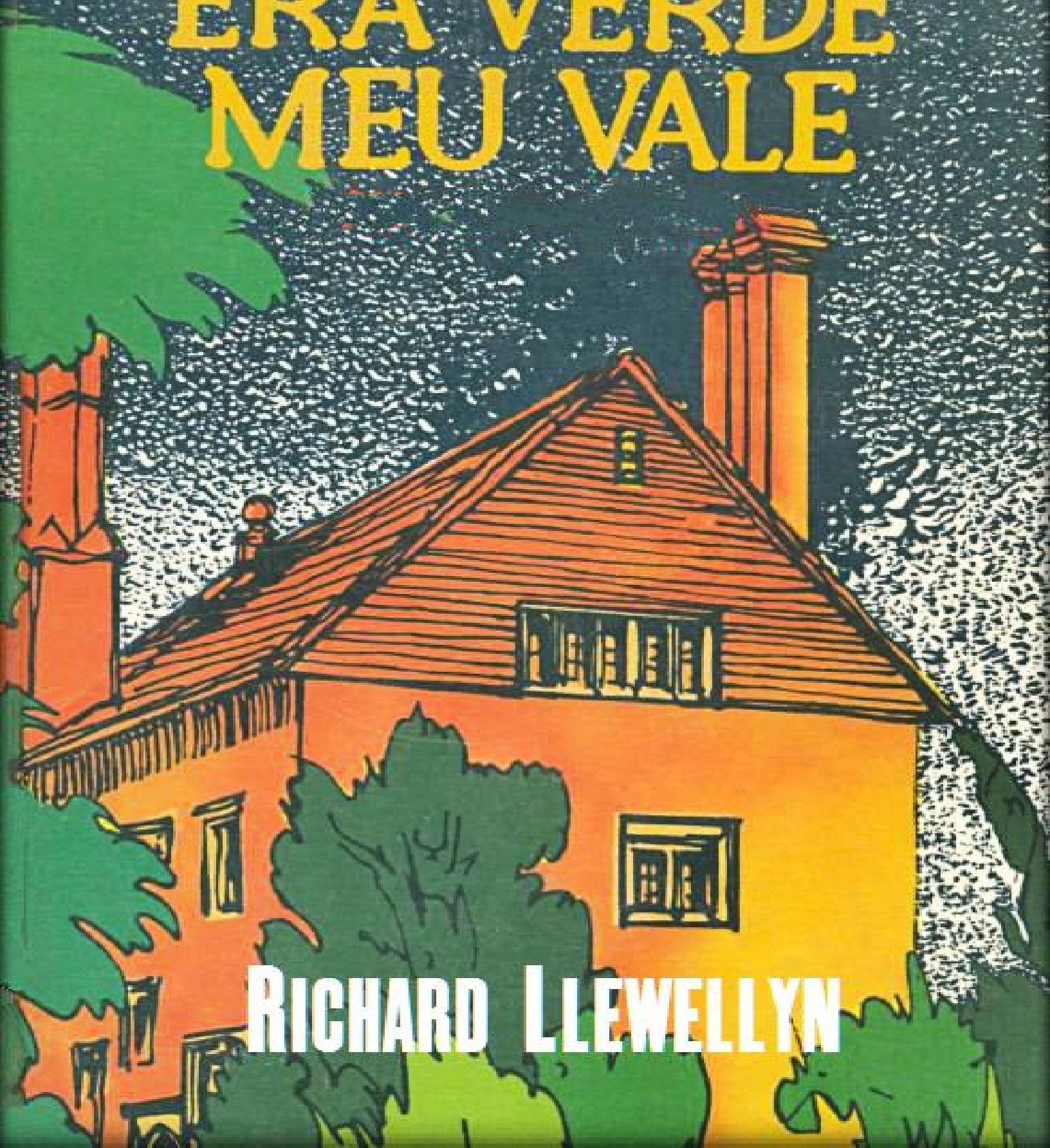


COMO ERA VERDE MEU VALE



RICHARD LLEWELLYN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

*Como
era verde
meu vale*

RICHARD LLEWELLYN

1939

How green was my valley



Como era verde meu vale
Richard Llewellyn
Círculo do Livro
CÍRCULO DO LIVRO S.A.
Caixa postal 3 São Paulo, Brasil
Edição integral
Título do original: "How green was my valley"
Copyright © 7 by Harry McIntire, Esq.
Tradução: Oscar Mendes
Capa: Alfredo Peixoto
Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Editora
Globo S.A.

*A meu pai e
à terra de meus pais*

Prefácio

Traduzir um livro de autor que se não conhece é sempre uma aventura, inçada dos temores da desilusão e do receio do esforço inútil. Mormente quando se trata de um autor novo, que surge lançado pelas trombetas dum prêmio literário, como um dos best sellers de 0. Foi com essa hesitação diante do desconhecido que iniciei a tradução de *Como era verde meu vale*, de Richard Llewellyn, de quem jamais ouvira falar.

Logo de princípio tropecei na dificuldade do estilo característico do autor. Não era o inglês habitual das obras literárias, mas uma linguagem de sabor popular, provinciano, campesino. O autor, originário do País de Gales, escrevia no tom de conversa da gente de sua terra, num tom familiar de quem conta uma história, sem retórica literária, sem artifícios, sem procura de efeitos vistosos. Tudo muito simples e muito cotidiano, tocado, porém, de uma funda saudade, dessa saudade dos que se distanciaram no tempo daquela época das primeiras experiências, dos primeiros contatos com o mundo, dos primeiros sofrimentos, dos primeiros amores, dos primeiros anseios e das primeiras desilusões.

Ao me mandar o livro para traduzir, Érico Veríssimo me escrevera: "É uma história que não se apoia em enredo, nem em lances sensacionais, mas que está cheia de funda e humana poesia". Tinha razão o romancista de Olhai os lírios do campo. O livro de Llewellyn não é o romance de sensação para empolgar os digeridores do excepcional, do mórbido, do fantástico, nem tem o entrecho enredado, para excitar os dotes divinatórios dos destrinchadores de mistérios. É apenas a reevocação da vida cotidiana duma família de mineiros do País de Gales, feita por um de seus filhos, um dos raros que persistiram apegados à terra natal,

enquanto os outros se partiam para longes terras, ou para aquele país de onde não mais se torna.

Huw Morgan, no momento em que não tem mais forças para lutar contra a invasão asfixiante do montão de escórias de carvão, que esmaga lenta e implacavelmente a casinha onde nascera e onde fora feliz ou infeliz, já velho e fatigado, vai rememorando, no adeus de despedida, toda a vida que vivera naquele vale, outrora verde, onde brincara, onde estudara, onde trabalhara, onde amara, onde sofrera. E essa vida tem toda a beleza e toda a simplicidade das coisas elementares. As faltas e pecados que nela ocorrem carecem daquela visceral malícia das coisas corruptas, reveladora duma íntima perversão moral.

Os homens e mulheres que no livro se movem estão bem plantados dentro da vida, vivem a realidade do cotidiano sem complexidades doentias. Têm seus dramas, suas complicações, seus momentos de fraqueza, suas maldades, seus gestos de heroísmo e de grandeza, mas nunca perdem a sua naturalidade, a sua adequação com o ambiente em que vivem e trabalham. O realismo, pois, deste livro é aquele mesmo realismo da arte que encontramos nas estátuas, símbolos e cenas das catedrais medievais. O dia a dia na sua realidade simples e sincera, redourado pela auréola completadora da poesia artística. E poesia é o que não falta neste livro, que narra as vicissitudes do cotidiano entre gente simples. Não uma poesia cerebrina, misteriosa, sibilina, mas a poesia clara, arejada, ridente como uma criança feliz, poesia que mantém precisamente o espírito de criança, esse dom de maravilhar-se diante do mundo, de vê-lo com olhos de imaginação, de dar forma e vida às coisas inanimadas, de unificar-se intimamente com todas as variegadas manifestações da natureza, de achar sabor e gozo nas coisas triviais da existência, de descobrir a beleza intrínseca que existe em tudo.

Huw Morgan tem a contemplação comovida do poeta diante da natureza, sente a deleitação do êxtase e da beleza diante da vida: um raio de sol, um peixe que nada, travesso, no rio, o escachoar das águas, o luar solitário numa noite fria, o clarão duma fogueira, os afagos do vento, o rugir das rajadas, um cabelo louro, uns olhos

azuis, um vestido matizado, um corpo esbelto, uma voz que se ergue cristalina no silêncio da noite, um prado de narcisos, tudo o enche de encanto, tudo tem para ele uma vida própria e lhe envia como que uma mensagem de suavidade, de prazer e de beleza. Sente-se, por isso, franciscanamente irmão de todas essas coisas. O vento, para ele, é como um companheiro de travessuras. Descreve-o sempre como se ele fora uma criatura viva, fala nos seus dedos, na sua voz, no seu odor. Procura emprestar vida e sentimentos às coisas inanimadas. Parece sentir os mesmos sofrimentos de sua velha casa, quando o montão de escórias a vai lentamente sufocando nos seus braços de sujeira. Compreende o desgosto do rio que chora ter perdido a limpidez de suas águas cantantes, quando o pó de carvão o emporcalha para sempre. Descobre a vergonha que acabrunha o rio outrora alegre e o faz escoar-se agora negro e lento.

Suas reações diante das coisas mais simples e mais prosaicas da vida têm sempre essa limpidez e esse maravilhamento das sensações infantis. Dedicava mais de uma página a descrever seus sentimentos, no dia em que vestiu suas primeiras calças compridas. O pano da roupa ele o chama de "amigo". Veja-se a sutil diferença que faz entre o trabalhar o ferro e o trabalhar a madeira. A madeira para ele tem algo de vivo e algo de humano, na maciez de seus tecidos. O artífice que a trabalha, como que a vai afagando, ao passo que o ferreiro espanca o ferro com uma fúria raivosa, para dominá-lo pela força, para obrigá-lo, violentando-o, a tomar essa ou aquela forma.

Essa fruição da vida, em todos os seus aspectos, se revela mesmo no trivial. Huw Morgan nunca se refere com indiferença às coisas, nem mesmo à comida. Quando lhe ocorre referir-se a uma refeição, ou a um prato especial, descreve-os com o mesmo carinho e a mesma satisfação com que fala duma flor ou duma manhã de sol. Aponta-nos a beleza duma sopa gorda, dum cozido rico das mais complicadas substâncias, deleita-se com o perfume dos bons assados, saboreia uma torta de maçãs com requintes luculianos. E não se contenta com transmitir suas sensações. Não quer egoisticamente que os outros se privem de saborear também tão

boas coisas. Passa então a mencionar os ingredientes necessários a preparar um bom cozido, ou uma deliciosa torta de maçãs, escrevendo verdadeiras receitas de cozinha.

Essa deleitação gastronômica de Huw Morgan não é mais do que uma amostra da própria maneira de ser de seu criador. Richard Llewellyn parece ser uma criatura para quem a alimentação não se tornou ainda uma coisa brutal e feia, uma complicação requintada de exotismos gastronômicos, ou uma deglutição tabelada de letras vitamínicas. A esse propósito, conta-se o seguinte episódio, por ocasião do almoço em homenagem aos vencedores dos prêmios literários de 0, instituídos pelo Annual Book-Award Richard Llewellyn não pôde tomar parte no almoço, como um dos premiados do ano, por se achar em Londres. O presidente da mesa, Richardson Wright, enviou-lhe um radiograma, felicitando-o pela láurea e Llewellyn respondeu nos seguintes termos: "Este é ao mesmo tempo o momento mais feliz e mais miserável de minha vida: feliz pela honra que os senhores me concederam; miserável, porque não estou entre vocês, participando desse esplêndido almoço. Que estará sendo servido aí? Torta de moranguinhos, possivelmente".

O realismo de Llewellyn é, pois, um realismo sadio, bem plantado na terra, como uma árvore sólida e saudável, presa ao húmus negro e rico, mas com a fronde ao sol, divertindo-se com as carícias doidas do vento, bracejando alegre, num arroubo de prazer e de encantamento. Por isso é que em algumas cenas de realismo mais forte, principalmente em uma que outra cena de amor, um sopro ardente de poesia tudo envolve. O autor, sempre singelo e claro, torna-se verboso, usando símbolos e imagens que atenuam a crueza dos tons, quando não os ocultam sob a névoa do símbolo. E nisso vemos, mais uma vez, a delicadeza natural do poeta, que prefere sugerir, evocar ou simbolizar a tudo dizer, a tudo descrever, numa cópia sem arte e sem beleza.

Outra grande qualidade de Llewellyn é o verismo de seus personagens. Não os aformoseia, nem redoura. São rústicos, são simples, são verídicos. Não são heróis, nem simbolizam ideias ou teses. São apenas criaturas humanas vivendo, sofrendo, amando, odiando, pecando, mas ao mesmo tempo revelando todas as nobres

qualidades, todas as belezas e virtudes de suas almas. Ele não as falseia, embora saiba fazer ressaltar o lado belo e poético, que existe em todas as criaturas. A figura da mãe de Huw, por exemplo, é um belo tipo de matrona, nas suas admiráveis virtudes de dona de casa, de dedicada esposa e sobretudo de terna e carinhosa mãe. Mas o autor não hesita em mostrar suas limitações, seu gênio teimoso, seu nervosismo, seu interesse em arranjar um casamento rico para a filha, embora esta ame a outro homem, o pobre Sr. Gruffydd, pregador e pastor daquela localidade de mineiros, bem como a sua ignorância, revelada no interessante episódio das frações decimais.

O velho Gwilym, o pai de Huw, é outra figura admirável e inesquecível, no seu conservadorismo, na sua luta contra os métodos revolucionários dos mineiros e de seus próprios filhos, na sua rígida observância dos preceitos morais, no seu espírito de justiça, na sua heroica dedicação e na sua morte, tão comovedora, no fundo da mina. O Pastor Gruffydd é um tipo complexo, impressionante pelo seu misticismo, pela sua sinceridade, pelo seu domínio de si mesmo, pelo seu espírito de sacrifício. As demais personagens, mesmo as de segundo plano, como os irmãos de Huw, como os dois lutadores Cyfartha e Dai Bando, são bem traçadas, com uma naturalidade que revela o escritor nato, mestre em fixar com arte e veracidade os tipos humanos.

Quanto a Huw, o narrador, sem que o autor procure embelezá-lo ou mostrá-lo como um herói de romance, destaca-se no livro pela franqueza e sinceridade com que vai contando a sua própria história e a história de seus parentes, amigos e inimigos. É uma alma franca, que sabe odiar e sabe amar, sem que por isso os sentimentos lhe empanem o rigor da visão. Odeia, às vezes, mas tem pena daqueles com quem não pode simpatizar. Há muito de franciscano no seu amor à natureza, às coisas inanimadas, aos animais e às criaturas. É pena que essa criatura, tão lúcida para descobrir a alma recôndita dos seres e das coisas, não tenha percebido a divindade do Cristo, a quem considera apenas um homem, mais virtuoso e melhor que todos os outros.

Os tipos femininos do livro são também feitos de poesia e de realidade. Shani, a primeira namoradina, passa de leve no

romance, como um trecho de céu azul, que luz e desaparece. Ceinwen, a segunda namorada, é já a mulher, na sua faceirice, nas suas manhas, nos seus sonhos de luxo, de glória e de fama, instintiva e ousada, ao mesmo tempo que medrosa e submissa, bem feminina e caprichosa. Mas a grande figura feminina do livro é Bronwen, a cunhada de Huw, o seu verdadeiro e duradouro amor. Não tem o luxo, a fantasia, as paixões extremadas que a tornem excepcional e arrebatadora. É a moça do campo, é a esposa dedicada, na sua labuta caseira cotidiana, de uma beleza saudável e pura. Há nela, porém, tanta beleza recôndita, tanta força de alma, tanto heroísmo latente, tanta dor abafada e suportada com coragem e resignação, que sua figura ilumina o romance. É uma das mais belas coisas deste livro.

Duas outras mulheres, aureoladas pela tragédia e pelo drama, completam a galeria feminina das personagens: são Marged, a que enlouquece de amor, mulher de Gwil, irmão de Huw, e a irmã deste, Angharad, cujo amor pelo Pastor Gruffydd é uma das notas mais dramáticas deste romance, tão cheio de variadas harmonias.

Poesia, realidade, amor à terra, sentimentos profundos, tipos vincadamente humanos, tais são as características deste belo romance de Richard Llewellyn. O livro terá sua lentidão no desenrolar de certas cenas e episódios, certas situações precisariam talvez ficar mais bem esclarecidas, certos caracteres, apenas esboçados, mereceriam desenho mais acentuado. Mas a impressão de beleza pura, de profunda poesia, que de todo o livro se irradia, tem sobre nós o efeito de uma rajada de ar puro dos campos, muito embora a essência mesma do livro seja o drama doloroso, das vidas humildes, as tragédias do cotidiano, os conflitos das almas e a tristeza pungente, diante do tempo que passa, amontoando asfixiadamente sobre nossas almas os resíduos de dores e alegrias, de saudades e esperanças mortas, matando na nossa paisagem interior toda a verdura de suas primaveras.

OSCAR MENDES

Capítulo I

Vou embrulhar minhas duas camisas e minhas outras meias, com minha melhor roupa, no paninho azul que minha mãe costumava atar em torno do cabelo, quando arrumava a casa, e vou me afastar do vale.

Esse pano é bom demais para embrulhar coisas. Hei de conservá-lo, pois, no meu bolso, uma vez que nada mais há na casa que sirva, estando o cesto de palha trançada em casa do Sr. Tom Harries, para lá da montanha. Se eu descesse até a venda de Tossall, para arranjar uma caixa de papelão, teria de dizer-lhe para que a queria, e então ficaria toda a gente sabendo que vou embora. Não é isso o que quero, de modo que vou utilizar mesmo o paninho azul, comprometendo-me a lavá-lo bem depois e passá-lo a ferro, quando estiver estabelecido, seja lá onde for.

Sempre me pareceu que deve sentir um grande abalo o homem que decidiu abandonar as coisas que conhece e partir para lugares estranhos. O mesmo devem ter sentido as rosas que cortei e levei do jardim para o cemitério. Mas os homens são diferentes das flores, porque são capazes de formar pensamento próprio a respeito das coisas. E penso que isso há de tornar o sentimento mais forte.

Mas tudo o que senti desde que, há uma hora, tomei minha decisão foi uma cócega entre os ombros, causada por uma lasca de pau que se enfiou na minha camisa, enquanto trapejava na cerca para enxugar. Senti, e muito, justamente ainda agora, quando disse adeus a Olwen, mas já que neste momento não me estou despedindo e nem lhe passa pela cabeça que me vou embora, não me parece propriamente que isto seja uma despedida, de modo que estou me sentindo melhor do que estaria com falsos pretextos.

Motivo de inquietação para mim agora é este velho pano azul, porque fico pensando que ele possa rasgar-se ou perder-se e ficarei com isso na consciência para o resto de minha vida.

Desde pequenino que me lembro de ter visto minha mãe usá-lo. Seu cabelo era louro e crespo, e tão grosso que se emaranhava no pente, e sempre se conservou bonito mesmo quando ficou branco.

Meu pai conheceu-a quando tinha ela dezesseis anos e ele vinte. Saíra duma fazenda para colocar-se nas oficinas siderúrgicas daqui, e certa noite, quando subia a rua, cantando, viu minha mãe puxando as cortinas lá em cima, na casa em que estava trabalhando. Parou de cantar e olhou para ela e suponho que ela olhou para baixo a fim de ver por que havia ele parado. Pois bem, olharam-se e ficaram gostando um do outro.

Se você falasse nisso à minha mãe, ela daria uma risada e mandaria você meter-se com sua vida, mas fiquei sabendo do caso porque meu pai me contou. Casaram-se seis semanas depois disso durante o pior inverno que já houvera há anos. Temos tido terríveis invernos desde então, mas meu pai sempre dizia que não haveria outro como aquele em que ele e mamãe se casaram. Acontecia que, quando se levantavam de manhã, encontravam a umidade de sua respiração transformada em pedacinhos de gelo, nas roupas de cama.

A vida era bem dura naqueles tempos. Não havia habitações para os operários e os que se casavam eram obrigados a viver em celeiros e velhos barracões, até que eram construídas casas suficientes. Pagava-se muito dinheiro por uma casa. Meu pai esteve pagando aluguel por esta, durante mais de vinte anos, até adquiri-la totalmente. Sinto-me satisfeito por ter feito ele isso, pois se tal não houvesse acontecido, não teria tido minha mãe para onde ir, nestes últimos poucos anos.

Mas naqueles tempos havia muito dinheiro e ganhava-se facilmente. E não dinheiro de papel. Sólidos soberanos de ouro, como os usados por meu avô na corrente do relógio. Pequenas moedas redondas, amarelas como narcisos no verão, e denteadas em volta como xelins, com uma cabeça decepada dum lado e um dragão e um homem com uma vara do outro. E elas tiniam quando

ele as batia de encontro a alguma coisa dura. Deveria ser uma sensação bem agradável meter a mão no bolso e remexer em dez ou quinze delas, o que, de qualquer modo, jamais acontecerá de novo com ninguém do meu tempo. Mas imagino que o derradeiro homem, o verdadeiro último homem que tinha um bolso cheio delas, havia de parar para pensar que era o derradeiro homem capaz de fazer tilintar aquelas ricas moedas.

Não é nada voar a centenas de milhas por hora, pois, na verdade, penso que é caso para rir, o estardalhaço que se faz por causa de semelhante tolice. Mas quero que me mostrem um homem com um bolso cheio de soberanos para gastar. E, no entanto, toda a gente os possuía aqui outrora.

Quando os homens acabavam o trabalho, à hora do jantar, no sábado, minha mãe ouvia o apito e corria a botar o velho banco do lado de fora da porta, para esperar meu pai e meus irmãos, que vinham subindo a colina.

Muitas vezes tenho ficado na porta a olhar para o vale, vendo na imaginação os homens todos a subir, negros de poeira, rindo aos grupos, caminhando curvados, porque a rua era escarpada e, naquele tempo, ainda não fora calçada.

As casas são, sem dúvida, as mesmas que eram outrora, feitas de pedras das pedreiras. Deve ter sido um trabalhão para eles, carregar em carroças e carros todos aqueles blocos, milhas e milhas, sem haver nenhuma estrada realmente boa, pois a região tinha apenas fazendas naquele tempo.

Todas as mulheres costumavam vestir seus trajes melhores com aventais duros de goma, na manhã do sábado, pois então os homens recebiam seu pagamento, ao saírem na turma do meio-dia.

Logo que o apito se fazia ouvir, colocavam cadeiras do lado de fora das portas, sentando-se à espera dos homens, que subiam a colina de regresso a casa. Quando os homens chegavam à porta, lançavam seus salários, moeda por moeda, nos lustrosos regaços, primeiro os pais, depois os filhos, finalmente os inquilinos, enfileirados, atrás. Minha mãe tinha muitas vezes quarenta deles, além de meu pai e cinco irmãos trabalhando. Rua acima e rua abaixo você poderia ouvi-los, cantando e rindo, e, em meio de tudo

aquilo, o tinido do dinheiro arremessado. O sábado era, pois, realmente um bom dia.

No verão, papai e meus irmãos costumavam ir tomar banho no barracão do quintal, mas no inverno entravam para a cozinha. Mamãe enchia as barricas de água quente e deixava baldes de madeira, cheios de água quente e de água fria, para enxaguar. Quando acabavam e vestiam suas melhores roupas, iam para a cozinha, comer o jantar do sábado, que era sempre especial.

No domingo, sem dúvida, não era permitido cozinhar, a não ser que papai tivesse de descer à mina, para ver uma coisa ou outra, e mesmo então mamãe se mostrava muito cuidadosa.

Mas o sábado era sempre bom para nós. Lembro-me precisamente disso, embora fosse então ainda pequeno.

Para começar, tínhamos sempre presuntos na cozinha, o ano inteiro, e não um presunto só, mas uma dúzia de cada vez. Dois porcos inteiros estavam pendurados numa cozinha só, prontos a serem repartidos com quem quer que transpusesse a porta, conhecido ou estranho. Tivemos durante anos um galinheiro ali atrás, no quintal. Belas galinhas brancas e castanhas. Se vissem os ovos que elas punham! Castanhos, castanhos manchados de preto t alguns quase rosados, e todos tão grandes como o meu punho. Lembro-me bem que ia de rastos, pela palha, até aos ninhos, enquanto a galinha gritava e batia as asas diante de mim, apoderando-me de um, muito quente e tão grande para minhas pequenas mãos, que eu tinha de agarrá-lo de encontro ao peito, para levá-lo a mamãe na cozinha. As galinhas têm um cheiro estranho, cheiro que eu penso que é de suas penas, do mesmo modo que o homem tem seu cheiro próprio. Esse cheiro de galinhas é dos mais caseiros que o nariz possa sentir. Faz você pensar em tudo quanto de bom o tempo já levou.

Era agradável olhar aquela mesa, em que nos sentávamos para o jantar do sábado. Naqueles dias ninguém pensava em olhar para a mesa, a fim de conservar-lhe viva a memória no espírito. Havia sempre um lombo de vaca e uma costela ou perna de carneiro, nas travessas, perto de papai. Na frente dele estavam os frangos, cozidos ou assados, ou patos, perus e gansos, em qualquer época

do ano. Depois batatas, amassadas, cozidas ou assadas, couve, couve-flor, ervilhas ou feijões, e, às vezes, quando o tempo era bom, tudo junto.

Começávamos rezando a ação de graças, todos de pé e mamãe comigo carregado no braço. Papai tinha por hábito fechar bem os olhos e levantá-los depois para a mancha do forro, estendendo as mãos por cima da mesa. Às vezes, quando abria os olhos, me surpreendia olhando para ele. Brandia então o punho para meu lado e dizia que eu havia de ter um mau fim. Por brincado, é claro. Mamãe então lhe dizia que cuidasse de sua vida e me deixasse tranquilo.

Mas, realmente, até agora meu pobre pai teve razão, pois há muito venho pensando que ele foi mesmo profeta.

Quando nos sentávamos, e eu no colo de mamãe, meu pai tirava do caldeirão, com uma grande colher, rala sopa de alho, tendo dentro um pedaço de presunto, que mostrava sua casca ao virar-se na fumaça, ao sair a colher completamente cheia. Cheirava bem aquela sopa. Sinto-a ainda agora no nariz. Tudo quanto havia nela era bom, e, por isso, bastava seu cheiro para se sentir quão aquecedor e confortável era o prazer de estar sentado ali, pois sabia-se qual o outro prazer que ainda viria.

Volta ele a mim agora, substancioso, confortante e vital, com ervas frescas do campo sossegado, pacífico odor de lar e de gente feliz. Na verdade, se a felicidade tem cheiro, conheço-o bem, porque nossa cozinha sempre o teve indistintamente, mas naquele tempo perfumava ele a casa inteira.

Depois que mamãe, auxiliada por minha irmã mais velha, punha os pratos, papai trinchava os frangos, ou o que ali estivesse. Minha mãe estava sempre a correr, da mesa para o fogão, espalhando molho nos pratos, e era sempre a última a começar a jantar.

— Comam à vontade, agora — costumava dizer papai —, comam à vontade, meus filhos. Sua mãe é uma cozinheira horrível, é certo, mas não importa. Comam.

Não se conversava, enquanto se comia. Eu mesmo era convidado a ficar calado, quando fazia barulho. E dessa forma, penso eu, se

tira mais proveito de sua comida, pois jamais encontrei alguém cuja conversa fosse melhor do que uma boa comida.

Depois que os pratos ficavam bem limpos com os pedaços de pão que mamãe cortava, agarrando o macio pão inteiro de quatro libras de encontro ao peito, surgia o pudim, e deixe-me dizer-lhe que os pudins que mamãe fazia eram de lamber os beiços. Às vezes, era uma torta ou fruta assada, com creme grosso, vindo da fazenda naquela manhã. Mas, fosse o que fosse, era sempre bom.

E depois disso, então, uma boa xícara de chá.

Papai nunca fumava seu cachimbo à mesa. Por isso, enquanto minha irmã estava lavando a louça, ele e meus irmãos seguiam para a sala vizinha, e às vezes eu tinha permissão de sentar-me em seus joelhos.

Se ele e os rapazes estavam de saída para a cidade, a fim de comprar alguma coisa, esperava-se um pouco até que mamãe estivesse pronta para distribuir o dinheiro a ser gasto.

Mamãe guardava todo o dinheiro no bauzinho de flandres, que ficava na prateleira, por cima do fogão, na cozinha. Todos os sábados, ano após ano, colocava sua pequena pilha de soberanos ao lado dos outros, até que a lata ficava tão pesada que eles faziam pilhéria, ajudando-a a carregá-la, e muitas vezes Ivor, o mais forte de meus irmãos, carregava ambas, mamãe e a lata.

Colocado o bauzinho na mesa, mamãe abria a tampa e se sentava, olhando para papai.

— Pois bem, Gwilym? — dizia ela, com aquela sua voz profunda.

— Pois bem — dizia meu pai, tirando, ao levantar-se, o cachimbo da boca e pondo a fumaça pelo nariz. Era sempre assim quando se tinha de gastar dinheiro, além das despesas habituais da casa.

Papai dizia sempre que o dinheiro fora feito para ser gasto, da mesma maneira que os homens de bom grado gastam energia e miolos para adquiri-lo. Mas justamente como trabalham, tendo em vista um objetivo, do mesmo modo os resultados desse trabalho devem ser gastos com uma finalidade e não desperdiçados. Assim, na nossa família, uma vez que todos os adultos ganhavam dinheiro, exceto minhas irmãs, minha mãe e eu, sempre havia motivo para ponderação antes de ser a lata retirada da cozinha.

Se meu pai e os rapazes tinham de ir além da montanha, assistir a uma partida de rúgbi, desejavam uns poucos xelins extraordinários e papai tirava um meio soberano e repartia-o. Fixava-se a quantia a gastar, porque pouco havia em que empregar o dinheiro.

Costumavam tomar sua cerveja lá embaixo, no Três Sinos, no sopé da colina, e papai pagava todos os impostos quinzenalmente. Às vezes, havia excursões com o coro musical e, de vez em quando, uma visita a um jogo lá no vizinho vale, ou um internacional, na cidade. Mas quando tal acontecia, pode-se dizer que o vale inteiro, exceto os que estivessem de cama ou de muletas, lá estaria. Muito poucos deles assistiam a um jogo, mas não deixavam por isso de ir à cidade, o que era o mais importante de tudo. Ficariam sabendo o que acontecera no jogo, da boca dos amigos, ao regressarem para casa, de modo a poder discutir o caso tão bem como os outros. Por isso não havia diferença no terem ou não visto o jogo.

Ganhava meu tostão no sábado, quando era bem pequeno, e costumava comprar com ele caramelos na casa da Sra. Rhys, a doceira. Fazia ela o caramelo em caçarolas, depois enrolava-o e pendurava-o, ainda mole, de um prego atrás da porta, onde ele ficava preso. Depois pegava um bocado bom, com ambas as mãos, e puxava-o para si, em seguida jogava a massa mole de novo para o prego. Isso continuava assim durante uma meia hora ou mais, até que ela ficasse satisfeita com o ponto. E então estendia-o para que ficasse achatado. Quantas horas esperei eu, na sala da frente de sua casa, com meu tostão na mão e a boca cheia de água, pensando no caramelo, e aspirando o cheiro do açúcar, do leite e dos ovos. Poder-se-ia mastigar aquele caramelo durante horas, tenho essa impressão agora, sem que ele perdesse o gosto, e mesmo depois que ele se dissolvia, ao engolir se encontrava ainda o gosto lá por trás da língua.

A primeira vez em que pude gastar realmente dinheiro foi por ocasião do casamento de Ivor. Bronwen veio de além da montanha, onde seu pai era merceeiro. Ivor conheceu-a quando foi lá para um concurso coral, e entrou na venda para comprar uns ovos, com que esperava melhorar a voz. Bronwen serviu-o e suponho que começaram a conversar a respeito duma coisa e outra, mas fosse o

que fosse, deve ter sido muito interessante, porque durante horas esqueceu ele o concurso, sendo muito repreendido por causa disso. Imagine que ele possuía uma boa voz de tenor, herdada de papai, e lindamente treinada. Foi, pois, uma grande perda.

Dai Ellis, o estribeiro, que andava para baixo e para cima com o coro musical no carro, contou o caso a papai. Ivor teve de gramar a pé todo o caminho da montanha até casa, pois só chegou uma hora antes de mamãe levantar-se para o desjejum. Papai só fez rir.

— Beth — disse ele —, não demoraremos a perder Ivor, você está vendo? Será ele o primeiro.

— Está bem — disse mamãe, e não se pode dizer que estivesse sorrindo, mas parecia envolver um sorriso dentro dum pensamento —, já era tempo, na verdade. Admiro-me de ter demorado tanto. Quem é ela?

Ninguém a conhecia, então. E ninguém ousaria perguntar, mesmo papai. Dizia ele que cada qual tinha seus próprios pensamentos e gostos, e ninguém tinha nada de andar fazendo perguntas e metendo o bico onde não era chamado. E era assim que ele fazia.

O coitado do Ivor é que andava mal. Deixava de comer durante dias. Voltando do serviço, tomava banho e subia para uma ladeira e deitava-se na grama para pensar. Pelo menos, foi o que me disse, quando fui lá um dia procurá-lo.

— Estou pensando — disse para mim. — E vá-se embora daqui agora, antes que eu o atire de cabeça para baixo no rio.

Costumava transpor a montanha duas vezes por semana, e depois disto, semana sim, semana não, com neve e tudo, e se perdia o carro de Dai Ellis, tinha de regressar aquelas milhas todas pela montanha, num caminho escuro como breu. Deveria ser um verdadeiro amor aquele que fazia um homem como Ivor agir daquele modo para ver uma moça, durante uns poucos minutos, na presença do pai e da mãe.

Um sábado, à tarde, depois do almoço, quando Ivor tinha já quase posto papai maluco, por andar para baixo e para cima, inspirando e saindo da sala para dar uma olhadela lá para baixo da colina, e voltando para pegar o *Christian Herald*, dar-lhe um piparote

e largá-lo de novo, ouvimos o barulho de um carro, que parava diante da porta.

Papai levantou-se, ao perceber que teria uma visita, e meus irmãos ficaram também em pé. Ivor estava à porta, mostrando-se muito cortês para com o pai de Bronwen, que viera para conhecer a família. Papai mandou-me sair da sala, quando eles entraram.

— Papai — disse Ivor, branco como um lírio —, este é o pai de Bronwen.

— Oh! — exclamou meu pai — como está o senhor?

— Bem, obrigado — disse o pai de Bronwen, olhando de relance para todos e também para a sala. — Que frio que está fazendo!

Depois disso, sem dúvida, tudo correu bem, e quando mamãe serviu o chá, estavam eles de fato como velhos amigos, e o pai de Bronwen bebeu como um lorde, lá no Três Sinos, antes de voltar para casa naquela noite. Papai tomara também sua dose dupla, mas sabia sempre quando o bastante corria risco de se tornar demais, e não se conseguia fazer-lhe beber nem um tico depois disso.

Noutro dia, transpôs com mamãe a montanha, para conhecer a mãe de Bronwen.

Mas num sábado, antes disso, Bronwen veio por si mesma, antes de os homens chegarem à colina.

Jamais me esquecerei de como era Bronwen, quando subiu a colina, com um cesto de duas tampas apoiado nas cadeiras.

Tinha na cabeça um chapéu de palha, com flores que lhe desciam pelas faces e largas fitas verdes, amarradas por baixo do queixo, a adejar em tomo de seu rosto. Um capote verde-escuro ondulava-se-lhe no corpo, ao andar, abrindo-se para mostrar o vestido e o branco avental, que descia até os tornozelos de suas botinas de abotoar. Apesar de ser íngreme a colina e grande e pesado o cesto, ela parecia nada sentir. Chegou ao alto, olhando para as casas de nosso lado, até que me avistou na porta de nossa casa, espreitando-a. E sorriu.

Na verdade, seus olhos brilhavam tanto como gotas de chuva no peitoril da janela, ao nascer do sol, e seu narizinho se enrugava, sua boca vermelhejava em torno de seus longos dentes brancos e tudo isso era reunido pelas verdes fitas ondulantes.

— Olá, Huw — disse ela.

Mas eu era tão acanhado que corri para o lado de mamãe e me escondi atrás da cama.

— Que é. que há com você? — perguntou-me mamãe, mas só fiz esconder a cara nos cobertores. E então Bronwen chamou em voz suave, lá da porta.

Imagine, minha mãe nunca vira Bronwen ou ouvira sua voz, mas estou certo de que soube logo quem era. Virou a cabeça para um lado, largou o garfo com que estivera cozinhando e caminhou para o espelhinho, a fim de tirar da cabeça aquele velho pano azul e arranjar um pouco os cabelos.

— É você, Bronwen? — perguntou ela, enquanto ainda se mirava.

— Sim — respondeu Bronwen, num tom que quase não podia ouvir.

— Entre, minha filha — disse mamãe e saiu para encontrá-la. Olharam uma para a outra, durante um instante, sem falar, e depois minha mãe beijou-a.

Em cinco minutos mamãe ficou sabendo tudo quanto deveria ser sabido, e Bronwen ouviu a narrativa da maior parte das manhas que Ivor adquirira desde pequeno, que espécies de coisas gostava de comer, que nunca bebia chá quente e coisas como essas. Na verdade, a conversa se animou tanto que mamãe quase se esqueceu de sentar-se do lado de fora e papai e meus irmãos já estavam cantando, em coro, perto da porta, quando ela gritou e correu a pôr lá fora o banco, sentando-se depressa e limpando as mãos para esperar.

— Há alguma coisa completamente errada hoje aqui — disse meu pai, ao entrar. — Você nunca se atrasou, minha menina.

Avistou então Bronwen, por trás da porta, e riu.

— Errada? — disse ele. — Não, sem dúvida. Certa, isto sim, Ivor!

Papai agarrou-me pelo pescoço e empurrou-me para fora da cozinha, justamente quando Ivor, encarvado e sujo, ia beijar Bronwen.

— Essas coisas não são para você, meu filho — disse ele. — Sua vez há de chegar também.

Minhas irmãs voltavam da fazenda justamente naquele momento e meus irmãos estavam tomando banho lá atrás, de modo que a casa se encheu de barulho e risadas, e o cheiro da comida dava tanta fome à gente, que se sentia a barriga doer.

Bronwen voltou à nossa casa muitos outros sábados depois desse, mas eu me sentia sempre acanhado diante dela. Penso que me apaixonei por Bronwen desde aquele tempo e estive apaixonado por ela a vida inteira. É tolice pensar que uma criança possa se apaixonar. Se você pensar assim, não importa, Mas eu era assim e ninguém sabe o que eu sinto, senão eu mesmo. E penso que me apaixonei por Bronwen naquela colina.

Enfim, isso passou.

Capítulo II

O casamento de Ivor foi uma festa magnífica. Quase saiu briga, a respeito do lugar onde deveria realizar-se a boda. O pai de Bronwen queria que fosse na capela de Sion, do outro lado da montanha, mas meu pai estava certo de que nossa capela estaria pronta a tempo.

Todos os homens de nossa aldeia vinham, todas as noites, durante meses, ajudar na construção de nossa capela. Eu costumava brincar com os outros meninos no meio dos tijolos, traves e cal, enquanto os homens trabalhavam, e belas horas passávamos.

Na verdade, a capela parece agora a mesma do dia em que foi estreada por um pregador da cidade. Não tivemos pregador nosso, durante muito tempo, porque a aldeia não era bastante rica para pagar um, de modo que os adultos se revezavam na pregação e na oração. Nem preciso dizer que o coro estava sempre presente.

Ivor casou-se com Bronwen na nossa capela nova, como desejava papai, e eu queria que vissem o festão que houve depois.

Milagrosamente, fez um dia admirável. Papai pôs sua cartola, mamãe estava com um vestido novo cinzento e de touca, todos os meninos tinham roupas pretas novas e chapéus de feltro, e eu ostentava um sobretudo preto, novo, com uma gola de veludo. E que elegante eu estava!

Haveriam de ver Ivor e Bronwen! Ele vestia também uma roupa preta nova, mas papai emprestou-lhe seu colete branco, que parecia bem ajustado nele, com um ramo de cravos na botoeira.

Mas Bronwen...

Todos afirmavam que ela estava belíssima. Usava o vestido de sua bisavó, segundo dizia sua mãe, e, de fato, embora houvesse sido especialmente lavado, a renda estava ainda um tanto

amarelada, ou assim me parecia, e não admirava, sendo ela tão velha.

Na frente, iam mamãe e a mãe de Bronwen chorando, junto delas, papai e o pai de Bronwen e, em seguida, meus irmãos mais velhos, Ianto, Davy e Olwen.

Eu seguia mais atrás, com minhas irmãs e meu outro irmão, ao lado de minhas tias e tios. A capela estava tão cheia que não havia espaço para levantar os braços, e abrir um livro de cânticos era coisa em que nem se pensava. A vantagem é que todos sabiam de cor as palavras dos hinos.

O pregador fez um bonito sermão. Empregou umas compridas palavras inglesas, que eu antes nunca ouvira, porque nas nossas reuniões os adultos falavam na nossa linguagem. Mas retive o som de algumas delas e perguntei a papai depois. Acho que guardei erradamente os sons, porque embora papai tentasse repeti-las de novo, nunca conseguimos descobrir que palavras eram e até hoje não sei o que elas queriam dizer.

Mas todos os que estavam ali ouviam com atenção, uns curvados para a frente, de ouvidos tesos, outros, inclinados para trás, de olhos cerrados, e alguns sentados naturalmente.

Quando acontecia dizer ele algo de extraordinário, alguns dos homens sussurravam de si para si, e as toucas de todas as velhas balouçavam como quando passa o vento sobre um campo.

Eu mesmo falei baixo, uma vez, quando todos estavam calados, e sem dúvida não era a ocasião oportuna, pois meu tio me deu uma cotovelada, que me lançou na nave lateral, deixando-me um inchaço. Levantei-me, procurando limpar a poeira de minha roupa nova, e o pregador interrompeu o que estava dizendo, para olhar para mim. Todos então se voltaram, olhando para o meu lado, e a capela se encheu de muxoxos. Senti desejos de me meter por um buraco, e, na verdade, ainda sonho muitas vezes com isso, sentindo o mesmo que senti naquela ocasião, como se ainda fosse pequeno e todas aquelas pessoas estivessem vivas.

É bem estranho voltar a pensar nisso, embora não haja cerca ou tapume em torno do tempo que passou que o impeça. Podemos

voltar atrás e conseguir o que desejamos, se o relembrarmos bastante bem.

Não me esquecerei jamais da festa que houve depois do casamento, quando Ivor e Bronwen subiram para a nossa casa, a fim de partirem. Iriam na mais bela carriola de Dai Ellis, puxada pela égua branca, que costumava carregar a correspondência.

Na tenda grande, achavam-se as comidas, e na pequena, BB bebidas. Debaixo das árvores havia mesas para os adultos, junto do jardim da capela, mas as das crianças eram suas próprias mãos, sentadas na grama, ao lado do tanque batismal.

A tenda grande era um quadro por dentro, com todas as Comidas colocadas em cima de mesas alinhadas por todos os lados, e as mulheres com seus melhores vestidos e chapéus, e flotes em jarros e baldes.

O pai de Bronwen cozinhou no forno, toda a noite, e haviam de ver o material que ele trouxe. Havia empadões tão pesados que eram precisos dois homens para carregá-los, e a crosta de cima tinha tão lindos bordados que era uma pena cortá-la. O bolo de noiva estava lá fora, debaixo das árvores, branco e subindo em três voltas, todo ele feito pelo pai de Bronwen, com ferraduras e pequenas bolas de prata, formando os nomes de Ivor e Bronwen e a data.

Naturalmente, todas as pessoas da aldeia e de todas as fazendas, além dos amigos da família de Bronwen, haviam trazido alguma coisa feita especialmente, porque todos se conheciam e procuravam o que os outros haviam trazido, de modo que, ao final, as mesas estavam repletas, parecendo que jamais se poderia dar conta de tanta coisa, e além do mais era uma pena desfalcar aquela exibição.

Mas quando mamãe bateu palmas para os convidados, dizendo que era a hora da comida, ficaram espantados de ver a pressa com que as iguarias desapareceram. De fato, se eu e Cedric Griffiths não tivéssemos descoberto um buraco, atrás da tenda grande, ficaríamos sem nada. Não pensem que todos saíram correndo com seus pratos, mas estavam tão ocupados em falar e comer, as meninas mais taludas tão sobrecarregadas de criancinhas a quem dar comida, os

adultos servindo a outros adultos, e Cedric e eu, de mau tamanho, grandes demais para termos comida da mão das moças, e pequenos demais para ficarmos com os outros rapazes, que tivemos de arranjar-nos o melhor que pudemos, e, na verdade, muito bem nos saímos lá embaixo da mesa comprida.

As mulheres estavam falando ali bem perto de nós, mas tudo quanto víamos eram apenas suas botinas e as barras de suas saias, pois a toalha da mesa ocultava o restante. Quando queríamos mais comida, arrastávamo-nos para fora e, enquanto um ficava de joelhos, o outro tratava de deitar a mão em tudo quanto estava ao alcance. Todas as vezes que Cedric se levantava para tirar mais comida, escolhia geleia ou manjar-branco, mas eu preferia bolos ou uma torta.

— Vá passear, rapaz! — sussurrava Cedric. — Que bobo é você querendo comer bolo, quando pode apanhar geleia das boas.

Penso que talvez tenha permanecido ele fiel a esse modo de ver, a vida inteira, pois sempre se arranjou bem. Pelo que soube ultimamente, estava ele dirigindo uma pensão, no litoral, e tudo corria esplendidamente.

Todavia, passamos mal depois, devido à nossa esganação, ao começarem as corridas para todos. Meus irmãos tinham estado à minha procura, para eu tomar parte na corrida dos meninos, e, por mais que gritasse e esperneasse, tive de ir também. Sempre odiei as multidões, e foi isso e o pensar que poderia ser batido na frente de todos que me fizeram escoicear e gritar.

Mas por fim me submeti, pois Davy ameaçou tirar-me as calças, diante das moças, e bater-me na bunda.

Foi o suficiente. Davy nunca foi desses que prometem e não cumprem a palavra. De modo que tomei parte na corrida, com cerca de uma dúzia de outros meninos, ganhei e me senti doente.

Davy pensou que eu estava morrendo e, na verdade, sentia-me tão atordoado, que não me podia ter em pé, até que o Dr. Richards me deu um copo de água fria e eu melhorei. Depois Davy e Ianto me deram cada um seis tostões, ganhei também o prêmio e papai ainda me deu um xelim. Mamãe chamou-me lá na tenda, tomou todo o meu dinheiro para guardá-lo na caixa e, em vez dele, me

entregou três tostões para eu gastar, fazendo-me sentar à mesa para comer mais geleia e mais bolo. À tardinha, depois que acabamos de tomar chá, sentamo-nos todos na grama, e cantamos hinos e canções, recebendo prêmio quem melhor cantasse. E não é que fui escolhido de novo entre os meninos por ter a melhor voz?! Como papai ficou alegre! Nunca esquecerei o seu semblante, quando o Sr. Prosser, de St. Bedwas, me deu os doces.

O canto estava em meu pai como o olhar no olho. Depois disto, sempre me chamou "o solista da família". Naquela noite conservou minha mão presa na sua, ao regressarmos para casa, com mamãe do outro lado dele e minhas irmãs atrás de nós.

É estranho como as coisas reaparecem, se começamos a pensar numa coisa e vamos sentindo a memória confusa. Porque muitas vezes pensamos numa coisa e ela nos recorda uma outra, mas quase sempre esquecemos a razão de nos termos lembrado e acabamos por perder o fio de ligação entre elas.

Depois disso, Ianto casou-se com uma moça da vila, residindo então com uns parentes. Não a fiquei conhecendo bem, porque seu pai convidou Ianto para ir trabalhar com ele, depois que se casassem, e assim ele fez, casando-se lá mesmo. Fiquei privado da festança, porque estava com caxumba, mas minha mãe e minhas irmãs foram, voltando tristes, com pena de Ianto. Dizia minha mãe que a ele coubera um ruim bocado e, durante anos depois, não mais soubemos dele.

Mamãe vivia sempre aflita por causa de Ianto, mas sem necessidade.

Davy era o cabeça da família. Foi sempre seu desejo doutorar-se, mas o Dr. Richards dizia que ele já estava muito velho para isso. Quando ocorria um acidente na mina, era certo ver Davy lá, com a maleta de ligaduras. E se alguém se machucava na aldeia, Davy era sempre chamado. Cobrava somente as ligaduras e os remédios que empregava. Em todo^ o distrito, era tido em muito boa conta.

Começou a ficar bastante melancólico, quando entrei para a escola, e bem cedo deixei de fazer-lhe perguntas acerca de contas, porque ele nunca me respondia. Papai perguntou-lhe uma noite, depois da ceia, o que se passava com ele.

Davy levou um tempo enorme a responder. Tanto tempo que tive receio de que meu pai desviasse o pensamento dele e pensasse em mandar-me para a cama. Fazia questão estrita de que eu estivesse na cama às oito em ponto.

— Papai — disse Davy, olhando fixamente para sua xícara vazia —, não tenho nem um pouquinho de felicidade.

— Fico triste por ouvir isso, meu filho — disse meu pai.

— Que é que não está indo bem aqui, Davy? — perguntou mamãe.

— Tudo — disse Davy. — Tudo. E, no entanto, ninguém parece dar-se conta disso. E se reparam, nada se faz.

— Vejamos o que seja — disse meu pai —, e se for alguma coisa que um homem possa fazer, você terá o que deseja.

— Não, papai — disse Davy —, não é nada que o senhor possa fazer. É alguma coisa que diz respeito a todos nós. É o seguinte. Na próxima semana nossos ordenados vão ser reduzidos. Por quê? Justamente quando mais o carvão está subindo, mais do que no ano passado. Por que serão reduzidos nossos salários? E além disso, veja, as forjas se estão fechando e mudando-se para Dowlais e estão engajando homens para Middlesbrough. Os homens das forjas acompanharão o ferro a Dowlais, ou a Middlesbrough, ou irão para a mina à procura de trabalho?

Davy olhava fito para meu pai e seus olhos estavam sombreados pelo cabelo, que usava comprido e lhe caía pela frente.

— Está bem — disse meu pai, movendo o cachimbo, como sempre fazia quando estava contrariado —, em qualquer parte encontrarão emprego, suponho eu.

— Na mina — disse Davy, meneando a cabeça —, e a mina já está bem suprida de homens. Os rapazes dos Owain tiveram de transpor a montanha, em busca de trabalho. Assim, que sorte têm outros, quando seus tios e seus pais aqui estiveram durante anos? Dir-lhe-ei o que acontecerá, papai — disse Davy e levantou-se, indo até a prateleira da chaminé e batendo no bauzinho: — em breve o senhor terá isto tão vazio como meu cachimbo.

— Tolice, meu filho — disse papai, bastante surpreso e olhando para minha mãe. — Espero em Deus que isso jamais aconteça,

enquanto houver carvão.

— Veremos, então — disse Davy. — Quando aqueles ferreiros se reunirem em torno da mina, pedindo trabalho, o senhor terá muitos deles oferecendo-se para trabalhar por menos, e o administrador aceitará. Verá então que os mais velhos e os que ganham mais serão postos de lado também. E o senhor será um deles, se não se precatar.

— Que bobo é você, rapaz — disse meu pai, rindo. — Vamos, Beth — disse ele a minha mãe —, arranje-nos uma boa xícara de chá, sim? E você — disse ele, dando com a vista em mim —, pra cama já. Depressa.

E aconteceu o que Davy dissera. Os ferreiros passaram a trabalhar na mina, por pouco mais do que ganhavam alguns dos meninos. Muitos deles puseram-se mesmo a puxar os vagonetes, em lugar dos pôneis. Uma porção dos mais velhos e dos mais bem pagos dos homens foi despedida, sem razão motivada, embora tivesse sido alegado que eram demasiado velhos e não podiam trabalhar tão bem como deviam. Isso, porém, era tolice, pois Dai Griffiths, um deles, era conhecido como um dos melhores trabalhadores em todo o vale.

Meu pai estivera trabalhando durante algum tempo fora da mina, como apontador. Quando o carvão subia, ele anotava a quantidade de carvão que estava no vagonete e quem tinha sido o trabalhador. Os homens eram pagos de acordo com os números anotados. De modo que era uma espécie de líder e efetivamente os homens voltavam-se para ele, quando necessitavam de resolver as complicações que suscitavam entre si. E complicações não faltavam.

Uma noite, regressou ele a casa, de um comício no Três Sinos, e bem mal-humorado. Davy estava sentado à mesa, lendo, e eu desenhava um pouco, na beira da cama.

— Davy — disse papai —, vamos fazer greve.

— Muito bem, papai — disse Davy, sossegadamente. — Já decidi o que fará, quando receber sua exoneração?

— Não serei exonerado — disse meu pai, encolerizado. — É por causa disso mesmo que se travará a luta. Salários adequados e não condições que não agradem a todos nós.

Davy ergueu a vista para o bauzinho e sorriu. Isso serviu apenas para encolerizar mais meu pai, embora não deixasse transparecê-lo.

— Por que ficou aqui, quando deveria ter estado no comício? — perguntou ele a Davy.

— Porque desejo ver primeiro o que eles farão — disse Davy. — Agora sim, sei que posso fazer alguma coisa. E a primeira é pedir que o senhor se conserte fora disso e deixe que eu tome a palavra.

— Não — disse papai —, não consentirei. Eles me pediram para expor o caso, e eu o exporei.

— Então — disse Davy —, Gwilym, Olwen e eu, em breve, teremos de sustentar a casa. O senhor vai emparelhar com Dai Griffiths e o resto.

— Veremos isso — disse meu pai.

E na verdade, Davy teve razão de novo.

Meu pai e dois outros homens foram ter com o administrador e voltaram calados e desanimados. Nada havia a fazer, disseram eles, a não ser suspender o trabalho.

De modo que suspenderam o trabalho.

Da primeira vez, a greve durou cinco semanas e os homens só voltaram a trabalhar dois dias, quando de novo pararam porque uma dúzia deles foi despedida, inclusive meu pai.

Da segunda vez conservaram-se em greve durante vinte e duas semanas.

As minas estavam em atividade por todo o vale, mas ninguém, de nossa aldeia, parecia preocupar-se com isso. E dessa forma prosseguiram as coisas, até o inverno. Depois alguns homens vieram da cidade, com alguém de Londres, e meu pai foi ter com eles espontaneamente. Já por aquele tempo o povo se sentia em apuros. O alimento era escasso, bem como o dinheiro, e, não tivessem as mulheres poupado, em melhores tempos, as coisas teriam ido cada vez pior. De qualquer forma, as economias estavam quase esgotadas e minha mãe já lançava mão de nosso bauzinho, para auxiliar as mulheres da colina, que tinham grandes famílias ainda por criar. A pobre Sra. Morris, de junto da capela, que tinha catorze filhos, e nenhum maior de doze anos, viu-se forçada a sair pedindo comida, e

seu marido ficou tão envergonhado que se lançou dentro dum poço da mina.

Meu pai regressou aflito, mas decidido, depois de haver falado com os homens. Minha mãe não lhe fez perguntas.

— Acabamos a greve, Beth — disse ele. — Mas nossos salários devem ser rebaixados. Eles não estão obtendo o preço pelo carvão que costumavam ter, de modo que não podem suportar o pagamento dos salários antigos. Devemos ser decentes também.

— Voltará você ao serviço que tinha, Gwilym? — perguntou minha mãe.

— Sim, menina — disse ele. Mas penso que minha mãe o achou estranho ao dizer isso.

Descobri por que uns dois dias depois.

Os homens voltaram ao serviço no dia seguinte ao em que meu pai falara aos proprietários. Deviam ter visto a colina, quando eles se puseram a caminho.

Era uma madrugada fria e a lua não havia ainda desaparecido. Alva geada, dura e espessa, cobria a estrada e os telhados, e todas as janelas iluminadas lançavam remendos alaranjados de luz pelo caminho afora.

Ao se abrirem as portas e saírem os homens, suas mulheres e crianças acompanhavam-nos na estrada e paravam para vê-los seguir. Meu pai foi um dos primeiros, com Davy, e logo que os homens o viram começaram a dar vivas, pois todos o julgavam o salvador da aldeia. Mas meu pai não era vaidoso e não gostava de ostentações. De modo que fez um gesto para que todos se calassem e começou a cantar.

Assim que ouviram sua voz, tenores e contraltos esperaram sua vez, depois os barítonos e baixos e, por fim, as mulheres e as crianças.

Assim que a canção começou, todas as portas se abriram na colina inteira, e homens, mulheres e crianças saíram para fora, enchendo a estrada.

Olhei para o céu, levemente azulado, e para os cintilantes telhados brancos, para a estrada escura, obstruída com os vultos ainda mais negros de homens gesticulantes, que desciam a colina,

entre grupos de mulheres e crianças, agarradas às saias daquelas, todos aureolados pela brilhante luz alaranjada, que jorrava das portas abertas, e ouvi as formosas vozes, alteando-se em numerosas harmonias, levadas mais ao alto pelas névoas, que fluíam das bocas que cantavam e dos rostos velados, beliscados pelo frio, magnificando o esplendor de olhos esperançosos. Senti então meu coração apertar dentro do peito.

E em redor de nós o vale ecoava ao som do hino, e luzes brotavam das fazendas sobre a escura montanha, e na direção da mina os homens iam agitando suas lanternas, centenas de pequeninas luzes, para marcar o compasso da música. Todos cantavam. A paz de novo voltara, como veem.

Capítulo III

Fui para a escola da Sra. Tom Jenkins, numa casinha não muito distante da aldeia. Tom fora queimado por ferro fundido nas oficinas e nada fizera durante anos, senão jazer numa cadeira. Sua mulher tivera de abrir uma escola, para poder sustentar a casa. Tinha duas filhas, que, enquanto lecionava, costumavam ficar sentadas em tamboretas, junto da mesa, separadas dos que pagavam. Tom estava sempre a sofrer, de modo que as lições eram muitas vezes interrompidas, quando ela saía para ver se podia fazer alguma coisa por ele.

Aprendemos a contar e a ler, um pouco de história e os nomes de cidades e de rios e onde se encontravam. A Sra. Tom Jenkins viera de Caernarvon, onde seu pai tinha sido livreiro, de modo que, sem dúvida, ela sabia bastante.

Quero fazer-lhe justiça, pois deu a nós mais do que valiam os nossos tostões semanais. Isso aconteceu quando aprendi a pensar, mas só vim a aperceber-me quando comecei a trabalhar. Os outros meninos e meninas que ali comigo estavam, todos venceram na vida, embora não esteja eu certo de que diriam a mesma coisa a respeito dela.

Costumávamos sentar-nos na sala da frente de sua casa, sobre tamboretas, descansando as lousas em nossos joelhos. A Sra. Tom ficava na frente dum quadro-negro, pregado na parede, e escrevia com pedaços de giz. .

A primeira coisa que fazíamos quando entrávamos era, por , ordem dela, pendurar nossos chapéus e capas direitinho, e depois caminhar para a sala da frente, dar-lhe bom-dia e às meni- ^j nas. Depois nos virávamos e os meninos ofereciam os tamboretas às meninas e as meninas as lousas e lápis aos meninos. ^

Quando estávamos todos prontos, começávamos a cantar o hino da manhã. A Sra. Tom pronunciava uma curta oração, pedindo a bênção de Deus para todos nós, e energia de espírito f^ e vontade de viver e aprender para o benefício da humanidade. ^

Lembro-me bem do meu esforço para pensar no significado de "humanidade". Fazia tentativa de construir algo que se assemelhasse à humanidade, porque a palavra "humano" eu conhecia e também a palavra "idade". Pensei afinal que humanidade fosse um homem altíssimo, com uma barba muito velha e sempre se curvando sobre o povo, com bondade e polidez.

Disse isso à Sra. Tom uma tarde, depois que os outros haviam partido e ficara a ajudá-la a acomodar Tom, para passar a noite.

— Esse é um belo retrato de Jesus, Huw — disse ela.

— Jesus é então a humanidade? — perguntei-lhe, cheio de surpresa.

— Pois não, decerto — disse ela, enquanto enrolava Tom num cobertor. — Seja o que for, sofreu ele bastante para ser humanidade.

— Pois então, que é humanidade, Sra. Jenkins? — perguntei-lhe, certo de ter uma resposta, pois há muito que a coisa me enchia a cabeça.

— Humanidade somos todos nós — disse a Sra. Tom —, você, eu, Tom e todas as pessoas que você possa imaginar no mundo. Isso é a humanidade, Huw.

— Obrigado, Sra. Jenkins — disse eu —, mas por que é que a senhora pede todos os dias por nós, para que ajudemos à humanidade?

— Porque — disse ela — desejo que vocês todos pensem não somente em si mesmos e em suas famílias, mas em todas as criaturas vivas. Somos todos iguais, e todos nós necessitamos de auxílio, e ninguém existe que possa ajudar a humanidade senão a própria humanidade.

— Mas por que rezamos a Deus, se somente existe a humanidade para ajudar a si mesma? — perguntei, pois meu pai estava sempre a dizer que Deus era o único auxílio em que podia um homem confiar, e o que a Sra. Tom estava dizendo era novo para mim.

— Somente Deus lhe dirá isso, Huw — respondeu ela, enquanto olhava para Tom. Mas a Sra. Tom nunca veio a saber que eu ouvi o que ela murmurou baixinho. “Se existe um Deus”, disse a si mesma.

Olhava para Tom, justamente antes de enfiar-lhe na cabeça o barrete de dormir. O ferro apanhara-lhe a cabeça e os ombros. Estava cego, sem dúvida, o nariz queimado, a boca parecendo uma casa de botão, com os dentes todos enegrecidos lá dentro, e a cabeça calva e de uma cor arroxeada. Andaria então pelos trinta anos e meu pai dizia que ele fora um homem bem-parecido e o melhor tenor do vale. Agora podia apenas emitir estranhos sons da garganta e não tenho certeza de que conhecesse a Sra. Tom e suas filhinhas. De modo que, olhando para o passado, não estou certo de poder censurá-la por dizer o que disse.

Isso foi, porém, quando comecei a pensar por mim mesmo, e talvez tenha sido isso que me fez chegar ao que sou.

Não que não esteja satisfeito com o que me tornei, ou que esteja onde devia estar. Somente que, se não tivesse começado a pensar coisas por mim mesmo e por mim mesmo descobrir coisas, poderia ter tido uma vida mais feliz, julgando pelos padrões comuns, e talvez pudesse ter sido mais respeitado.

Se bem que nem a felicidade nem o respeito valessem alguma coisa, pois, a menos que ambos provenham dos mais verdadeiros motivos, não passam de meras imposturas. Um homem vitorioso merece o respeito do mundo que não se incomoda com qual seja seu estado de espírito, ou sua maneira de ganhar. Portanto, de que serve esse respeito e até que ponto será esse homem feliz no seu íntimo? E, embora o considerem feliz, tal estado é mais baixo do que o contentamento consigo mesmo do mais ínfimo animal.

Contudo, circunvagando a vista por este pequeno quarto, tal pensamento é na verdade um fraco consolo e também estranhamente insatisfatório. Deve haver algum meio de poder a gente viver sua vida de maneira decente, pensando e agindo decentemente, e não obstante conseguir viver bem.

Meu pai foi extraordinário nessa questão de proceder com honestidade, mas nunca teve sua recompensa aqui embaixo e nem tampouco minha mãe. Nada me causa amargura e nenhum

sentimento existe dentro de mim para tornar-me insolente. Estou apenas dizendo o que penso.

A primeira vez em que vi meu pai como um homem, e não simplesmente como meu pai, foi quando voltei da escola para jantar, no dia em que os operários retomaram o serviço, depois da greve.

Corríamos todos debaixo da chuva hibernai, fria, cinzenta e picante como agulhas, chapinhando em sulcos e poças, com as sebes assobiando alto quando as nuas hastes eram chicoteadas pelas cordas d'água, e as valas borbulhavam e espumavam de todos os lados. Sentíamos os pés congelarem-se, quando a água entrava pelo cano de nossas botas, e nossos peitos se enregelarem e se tornarem pegajosos, quando os paletós úmidos se tornavam mais úmidos. Atingimos o alto onde a azinhaga alcançava a estrada da mina de carvão. Justamente por cima da baixa sebe, podíamos ver a gaiola do elevador e a usina de energia e, mais perto ainda, o lugar onde ficavam os apontadores para controle da carga dos troles.

Os apontadores tinham pequeninas barracas próprias, onde permaneciam quando chovia, ou fazia frio, e, até onde alcança minha memória, havia sempre ali três barracas, uma para cada apontador, e a usada por meu pai era a verde, do meio.

Fiquei parado, enquanto os outros corriam, olhando para a brecha que havia entre as outras duas barracas. Meu pai estava de pé na chuva, anotando um vagonete no seu livro, agarrado debaixo da dobra de seu capote encharcado. Permanecia numa poça feita pelas goteiras que caíam de seu capote, e o cabelo se lhe grudara na cara.

Sua barraca havia sido arrancada.

Se meus olhos espantados fizeram-no erguer a vista ou não, não sei dizer até hoje, mas quando ele me viu, tirou o lápis da boca e levantou o dedo, como se dissesse a mim que não deveria contar a mamãe, acenando depois para que me fosse para casa.

Naquela noite achava-me na cama, neste quarto, quando despertei e ouvi meu pai falando com Davy e mamãe chorando.

— O senhor não alcançará nada sem uma luta! — exclamava Davy. — Pensa que permitirei que meu pai fique debaixo da chuva, como um cachorro, e não levante as mãos para acabar com isso?

— Trate de sua vida — disse meu pai. — Você não deverá fazer do meu caso um trampolim para suas políticas. Não me meta nisso. Sei muito bem cuidar de mim mesmo.

— Sim, por Deus, que sabe — disse Davy —, e pode afogar-se como um rato.

— Cale essa boca agora mesmo — disse meu pai. — Você não pode blasfemar dentro desta casa.

— Mas, papai — disse Davy —, que vai o senhor fazer? Morrerá de frio, quando começar a nevar. Permita que todos nos unamos e verá como eles agirão. Não adianta que seja uma mina só a parar. Devem ser todas as minas ao mesmo tempo.

— Se eu morrer gelado, não importa — disse meu pai. — Não tirará você de mim um pretexto para mais outra greve. Não permitirei que se negue justiça ao povo somente porque passo frio, e se assim o fizesse, mereceria uma morte pior do que isso.

— Mas se eles acham que podem fazer coisas como essa ao representante — disse Davy —, que não tentarão fazer contra os operários?

— Veremos — disse meu pai. — Não tratarei mais desse assunto. Cale a boca, então, e vá dormir.

Gwilym estava deitado na cama vizinha e, pela sua respiração, pude perceber que estava acordado e escutava.

— Gwil — cochichei —, que deseja Davy fazer?

— Cale a boca, rapaz — murmurou Gwilym. — Quer que papai suba até cá com a correia?

— Mas que é que Davy deseja? — sussurrei, tão baixinho que estava certo de que somente um rato e Gwilym poderiam ter ouvido.

— Lutar contra o maldito inglês — bichanou Gwilym, levantando-se, apoiado no cotovelo.

Uma cócega fria correu-me pelos ossos das costas e o cabelo da cabeça enristou-se, como os de uma escova.

Gwilym tinha então apenas catorze anos e começara justamente a trabalhar na galeria do carvão, embora tivesse estado trabalhando com os pôneis, durante quase um ano. E aqui estava ele, o mais sossegado de todos nós, blasfemando, e não somente isto, dizendo alguma coisa tão feia, que me enregelava o corpo.

Davy subiu então para a cama e impediu que continuássemos nossa conversa. Dormia na minha cama, de modo que pude ver, quando ele pôs a vela na mesa e sentou-se olhando para ela, que seus olhos estavam bem arregalados e sombrios e seu rosto, branco e coberto de suor, cintilava à luz da vela. Receoso, fechei os olhos e assim os mantive, trêmulo, durante muito tempo, e então devo ter adormecido.

Ivor e Bronwen tinham casa própria, mais abaixo, na colina, de modo que Bronwen estava muitas vezes com minha mãe, embora esta nunca fosse lá embaixo, a não ser quando solicitada. No sábado, vinham jantar conosco, mas quase sempre, num domingo, iam para além da montanha ver o pai e a mãe de Bronwen e até o Sion.

Ivor ficou tão contrariado por causa de papai quanto Davy, mas refreou sua língua, coisa que Davy não faria nem poderia fazer. Contou a meu pai que Davy se fizera conhecido como um revoltado e lograria colocar-se na lista negra da mina, se não tivesse muito cuidado, mas meu pai disse que não adiantava falar. O rapaz tinha sangue nas guelras e pronto.

— Então que é que ele deseja? — perguntou Ivor, impaciente. — Ele não se demorou nem dois minutos a falar comigo.

Eu poderia ter-lhe dito a razão, pois ouvira, antes disso, Davy chamá-lo de velho ronceiro e dizer que os homens casados eram inúteis em qualquer causa, por motivo de suas ligações.

— Davy deseja o socialismo — disse meu pai. — E deseja uma união de todos, em todo o globo, assim penso que ele disse.

— É tolice para vocês — disse Ivor. — Agora, se ele se referisse aos mineiros, estaria com eles.

— Pode chamar a isso o que quiser, Ivor Morgan — disse meu irmão Gwilym. — Mas isso direi a você. Há mais juízo no dedo grande do pé de Davy do que possui você em todo o corpo.

Que surpresa não foi a de meu pai e como Ivor ficou enraivecido! Meu pai pulou da cadeira, num instante, para buscar a correia, mas Gwilym voava de casa e corria, colina abaixo, como o espírito do vento, antes mesmo que meu pai alcançasse o prego.

— Há muita coisa de Davy nele — disse meu pai. — Prevejo para breve aborrecimentos nesta família. Parece-me que há uma colmeia de vespas crescendo aqui no canto do dormitório.

Papai me olhava abstraidamente. Eu me achava no quarto de trás, com os outros, e me senti obrigado a falar, mesmo sabendo que não estava direito.

— Serei também uma delas, papai — disse eu —, enquanto o senhor estiver no frio.

— Suma-se daqui agora — gritou meu pai —, antes que lhe passe umas lambadas.

Mas seus olhos estavam sorridentes, de modo que saí andando de casa, em vez de correr, e fui ter com Bronwen.

Deixara de ser tímido na sua presença. Possuía ela um jeito de olhar para a gente, contendo um sorriso, e no entanto ela nunca sorria propriamente, de modo que você nunca sabia se devia retribuir o sorriso ou conservar um rosto sério. Começou a chamar-me de o “grande homem” precisamente depois que havia montado casa, e quando eu descia até lá, parava tudo quanto estava fazendo e me lançava aquele olhar, até que eu me houvesse sentado no cadeirão de Ivor.

— Que é que está preocupando o grande homem desta vez? — dizia ela. E aqui diria eu o que fosse, se alguma coisa fosse. De outro modo ficava calado. Naquela tarde nada lhe disse, antes que ela houvesse terminado de preparar uma xícara de chá.

— Davy vai lutar contra o inglês — disse-lhe eu.

— Ora essa, rapaz — disse ela, rindo.

— É mesmo, foi Gwilym quem me contou.

— Gwilym é demasiado moço para saber o que diz.

— Davy, porém, sabe — disse eu. — E ele é o único.

— E que é que o grande homem vai fazer? — perguntou Bronwen, ajoelhando-se a meu lado.

— Irei lutar contra eles — disse eu. — Eu os castigarei por fazerem meu pai ficar debaixo de chuva.

Bronwen cingiu-me com os braços, tão ligeira que bateu no chá, mas não pareceu incomodar-se com a xícara quebrada.

— Muito bem, Huw — murmurou ela. — Lute, então. É por causa disso que há homens e mulheres. Homens para lutar/mulheres para ajudar.

— É você uma revoltada, Bron? — perguntei-lhe.

— Se isso é ser revoltada — disse ela —, eu o sou, sim.

— Pois bem — disse eu —, então sou justamente um revoltado.

Que irá Davy fazer, Bron? Ninguém me quer dizer.

Bronwen começou a juntar os cacos da xícara e mostrava-se carrancuda, ao curvar-se.

— Olhe, Huw — disse ela —, você é pequeno demais para ficar sabendo de certas coisas. Vá e chame Ivor para mim.

Mas perguntei-lhe de novo e senti raiva por ver que ela sabia por ser mulher, e eu, no entanto, era menino e ignorante. Que ideias divertidas as que encham a cabeça dum rapazinho!

— Pois bem, grande homem — disse ela —, veja se compreende: Davy está pensando em fazer as coisas melhorarem, mas a seu jeito. É tudo quanto sei, de modo que deixe por enquanto as coisas como estão. Vá chamar Ivor para mim, sim?

Capítulo IV

Interroguei papai a respeito de Davy.

— Por que quer você saber, meu filho? — perguntou-me meu pai.

— Todos os outros meninos sabem, papai — disse eu —, e eu desejava saber também, de modo que pudesse ajudá-los.

— Trate das suas obrigações — disse meu pai —, você tem suas contas a aprender e seu trabalho a fazer. Faça isso e faça-o direito e pronto. Não esqueça isso.

Estou de certo modo triste por ter desobedecido a meu pai a respeito daquilo que se tornara para mim motivo de inquietação, e eu sabia que nunca mais ousaria fitar-lhe os olhos se ele me surpreendesse, mesmo sem falar na correia.

Mas a verdade é que descobri fora o que desejava saber a respeito de Davy, da maneira usual pela qual os meninos pequenos descobrem as coisas que as pessoas mais velhas se negam a contar-lhes, isto é, por meio de outros meninos pequenos.

Mervyn Ellis, filho de Dai Ellis, o estribeiro, era um dos meus melhores amigos então, e ainda o era há uma semana passada. Dirigi-me a ele no dia seguinte, ao voltar da escola, e lhe contei que havia uma conspiração ou coisa parecida, tendo meu irmão como cabeça. Isso tinha um tom nobre e desesperado, devo dizer, e lembro-me de que não podia conter meu lábio inferior, enquanto lhe contava a história. Parecia que ele se endurecia, e em vez de falar naturalmente, minha boca estava tomando todas as formas, como se se sentisse orgulhosa de si mesma.

É idiota o que a gente sente, quando descobre que é incapaz de controlar até mesmo sua própria boca.

— Sei disso, menino, sei disso — disse Mervyn. — Haverá uma reunião hoje à noite lá no alto da montanha.

— De quem? — perguntei.

— De Davy e dos homens, sem dúvida — disse Mervyn. — Que tolo é você! É seu próprio irmão e você não sabia disso.

Contou-me então que muitas outras reuniões se tinham realizado durante meses e que muitos homens haviam vindo de todos os outros vales das redondezas. Iam eles formar um sindicato, disse Mervyn, embora não soubesse bem o que isso significava. De modo que ambos combinamos subir à montanha, naquela noite, para ver o que lá haveria.

Então fiquei sabendo por que Gwilym nunca ia cedo para a cama, entrando sempre logo antes de Davy, não pela porta, mas galgando o alpendre, para alcançar esta janelinha. Sabia disso por causa da corrente de ar frio, que muitas vezes me acordava, embora eu nada dissesse. Não desejava denunciar Gwilym, porque ele estava sempre complicado, e se meu pai tivesse sabido que voltava para casa tão tarde, pulando pela janela, a barulheira teria sido medonha.

Naquela noite, depois que beijei mamãe e dei boa-noite a papai, subi com a vela e meti-me debaixo dos cobertores, sem tirar a roupa.

— Já está na cama, Huw? — perguntou minha mãe, lá de baixo, depois de algum tempo.

— Sim, mamãe — disse eu.

— Meu bom menino — disse minha mãe. — Apague a vela.

Apaguei a vela e fiquei ali, olhando o retângulo quadriculado e azul da janela. Na verdade, não tinha receio agora que a hora chegara, mas meu coração estava batendo tão alto, que estava certo de que eles lá embaixo poderiam ouvir. É estranho como se tornam altos pequenos sons, quando a gente está no escuro e fazendo alguma coisa que não é direita.

Quando me levantei, a velha cama estalou tanto que me deu vontade de assestar-lhe um bom pontapé, por causa do barulho que estava fazendo, mas, afinal, polegada a polegada, consegui sair dela, e mesmo então as roupas de cama roçagaram tão alto, como o resfolegar dum velho.

Em seguida, o soalho.

Cada tábuia tinha alguma coisa a dizer, ralhando e gemendo quando eu assentava um pé e o levantava; enfim, o tapete que se estendia até à cômoda perto da janela.

Parecia a mim que levantar aquela janela era sofrimento para anos. Contive a respiração e fiz toda espécie de caretas, ao levantar a pequena vidraça, pronto a correr para debaixo dos cobertores ao menor ruído lá embaixo. Pouco a pouco, ela foi subindo, e quanto mais subia, mais fria se tornava a corrente de ar e mais eu tremia. De tanto escutar o barulho lá de baixo, os rangidos da janela e rumores de passos de alguém passando lá fora, cresceu nos meus ouvidos tal confusão, que afinal eu poderia facilmente ter gritado para baixo que estava saindo e ter apanhado as correias sem um murmúrio, de puro alívio.

Mas por fim o caixilho foi erguido o bastante para me dar passagem e aí é que começou a verdadeira complicação. As telhas, do lado de fora da janela, obliquavam para a caleira e dali para baixo a gente tinha de ser de borracha. Primeiramente, fiz sair uma perna para o frio, descansando-a no peitoril gelado, depois saquei para fora o resto do corpo, para poder tirar a outra perna, e foi então que começou a luta entre meu queixo e meus joelhos. Houve um momento em que pensei que ficaria ali fincado a noite inteira, a menos que minha cabeça se achatasse de encontro à parede. Meu pé, por fora da janela, não cessava de escorregar pelas telhas e fazia um barulho medonho, na verdade.

Foi a cadeira de papai, arrastando-se nas pedras, lá embaixo, que me deu forças para safar-me. Ouvei o rumor, quando estava tentando fazer minha cabeça passar pelo espaço entre meus joelhos dobrados e a beirada da janela.

O rumor da cadeira me amedrontou tanto que devo ter me tornado menor ou coisa parecida, e o que vim a saber depois é que havia transposto a janela e estava escorregando pelas frias telhas, com os pés na direção da caleira, tendo de dar um pulo de metro e muito.

Estava sem saber se deveria começar logo a gritar, ou esperar até cair no chão. Lembro-me de ter pensado que se gritasse já do chão e estivesse machucado, não apanharia de papai até sarar, mas

se gritasse naquele instante, ele correria para fora, me agarraria e talvez me arrancasse a pele vivo. Fui salvo de toda essa complicação firmando a ponta de minhas botinas na beira da calha e isso me fez parar.

Escorregando e aferrando-me ao beiral, oscilando um instante, antes de dar o pulo, foi tudo tão fácil que comecei a me chamar de tudo quanto era nome por ter sido um choramingas, um minuto antes. Enquanto descia para a casa de Dai Ellis, o estribeiro, lembrei-me de que papai dizia que muita gente grita antes de ser golpeada e bem orgulhoso estava me sentindo de mim mesmo, ao meter-me pelo buraco da cerca.

Tão altivo me sentia, na verdade, que estava pronto a desafiar qualquer coisa, justamente para mostrar a mim mesmo que não era o covarde que pensava ser.

Mas aconteceu então que Dai Ellis abriu a estrebaria, onde cuidava de Bess, a égua preta, que estava doente, e ao vê-lo enquadrado na claridade meus pés aferraram-se às botinas, sem que eu tivesse jeito de movê-los.

Foi bom para mim ter ele voltado para dentro, do contrário ter-me-ia visto com certeza. Mas quando ele se foi, arrastei-me, dando dupla volta por trás da casa, até o chiqueiro onde Mervyn estava me esperando, e ali o encontrei, quase morto de medo. Ele não deixava perceber, sem dúvida, que estava pronto a largar tudo de mão e a voltar para a cama, mas eu sabia que era assim, porque também sentia a mesma coisa.

De modo que ambos pretendíamos estar gostando de sair daquela forma, do divertido que era, e de quão arrogantes ficaríamos, no dia seguinte, em face dos outros meninos, e com o olhar todo particular que têm as meninas para com os que praticam alguma proeza.

Passamos por cima do chiqueiro e pulamos o muro de pedra que conduz ao rio, cruzando com muito cuidado o caminho de pedras, porque estava escuro e as árvores ocultavam a luz, de modo que só podíamos ver as pedras, graças às brancas orlas que a corrente de água punha em torno delas.

Do outro lado do rio, começamos a correr pelo caminho que subia a ladeira entre as árvores, e corremos até quase cair de cansaço. Agora, que estávamos fora de casa, ficamos a pensar em bruxas, que viviam nas cavernas, e embora Mervyn nada me dissesse e eu nada dissesse a Mervyn, sabia que ele estava pensando a mesma coisa que eu, pois vi que olhava uma ou duas vezes em redor de si, e depois seguia mais depressa quando percebia que eu o observava.

Saindo do arvoredo para o campo, sentíamo-nos melhor, porque a lua estava dando um pouquinho de luz, embora a luz da lua seja um conforto que eu posso dispensar a qualquer hora. Nada é tão insinuante como aquela luz, que se esparrinha sobre todas as coisas para fazer brilhar tudo o que é branco e dar ao resto uma cor azul-acinzentada ou um negro suave. Até mesmo a grama se acinzentada, e o rosto dum menino é tal e qual o de um morto, com negras sombras nas bochechas e debaixo dos olhos, e manchas prateadas nos próprios olhos.

Estávamos tão ocupados com o medo que nos tomara, que quase esquecemos a razão de nossa subida até ali, quando avistamos luz de lanternas, brilhando nas folhas de um espinheiro branco, que crescia numa sebe à nossa frente.

Agarrei o braço de Mervyn, justamente a tempo de impedi-lo de correr a toda a pressa pelo campo de Jones, o encarregado da capela. Ficamos imóveis e rastejantes diante da sebe, olhando para ver se havíamos sido vistos, e, enquanto estávamos ali de tocaia, contendo a respiração, ouvimos uma porção de surdas vozes lá do outro lado, como se uma multidão de homens se tivesse posto de acordo a respeito de alguma coisa.

Levantando-nos, escalamos as pedras e olhamos por cima da sebe. Por pouco não caí para trás de surpresa.

Havia grupos de homens, ali, facilmente umas centenas, todos enfileirados, com seus sobretudos e os tapa-orelhas dos bonés descidos, a ouvir Davy.

Ele estava de pé sobre um pedaço de rochedo, e embora só conseguisse ouvir alguma coisa muito debilmente, poderia dizer,

pelas suas mãos, como estaria soando sua voz e, sem olhar, sabia qual seria a expressão de seu rosto.

Sabendo disso é que mais medo tinha de ser apanhado ali em cima.

Dei uma sacudidela em Mervyn e pulei para baixo.

— Vou voltar — disse eu —, e depressa.

— Ainda não, rapaz — disse Mervyn —, quero ouvir o que eles pretendem fazer.

— Fique você então, eu é que vou dar o fora daqui agora mesmo.

E assim fiz e bem antes que Mervyn viesse correndo atrás de mim. Descemos a montanha a toda a pressa, não pensando mais na lua, nem nas bruxas, atravessamos o rio e deixei Mervyn junto da pocilga, para seguir a azinhaga que conduzia para casa. Mas quando cheguei debaixo de nossa janela, descobri que não havia meio, para mim, de alcançá-la.

Tinha me esquecido de que havia mais de um metro e tanto de tijolo a galgar, antes de atingir a caleira.

Agora sim, havia mesmo motivo para chorar.

Lembrei-me então do tonel de água. Era muito maior do que eu, e ficava debaixo da bica, perto da porta da cozinha. De modo que comecei a rolá-lo, polegada a polegada, até o lugar debaixo da caleira, onde eu poderia trepar. Nunca tinha ouvido tanto barulho como o que fazia aquele velho tonel.

Primeiramente arrastou seus velhos arcos pelos seixos, depois esborrifou e derramou sua água. Em seguida, livrou-se ele mesmo de minha mão, pois era bastante pesado, e bateu

com força, com um estrondo semelhante ao de um tambor, e tomei mais borrifos e mais água derramada. Na verdade, jamais fizera eu tantas caretas para uma coisa, como se o ato de fazer uma careta desculpasse o barulho diante da quietude circunstante.

E aos cochichos, ia-lhe dizendo que se calasse e tivesse vergonha. Se conhecesse alguma blasfêmia, teria dito também.

E depois, quando consegui colocá-lo sob o lugar onde desejava e havia subido para a beirada do arco, escorreguei no viscoso lodo e

caí dentro da água, com tamanho barulho que as galinhas acordaram e puseram-se a gritar, de fazer a gente ficar zabolho.

Durante minutos fiquei ali, gotejante, metido até os joelhos na água, que me enregelava as pernas e os pés até os ossos. O velho tonel preto cobria-me por completo, tresandando a terra velha e a lodo e a tudo quanto é torto e partido. De modo que, quando descobri que ninguém se estava levantando, dei-me ao trabalho de sair dele, na verdade esperto e vivo.

Pulei para cima da beirada e balancei-me ali para deixar a água escorrer. O vento porém soprava tão frio que, nos lugares onde eu estava molhado, era como se tivesse navalhas a cortar-me. Depois, levantei a perna para galgar a caleira, com os dentes a bater tanto que quase me sacudiam a cabeça fora dos ombros. Tão enregelado estava, que as pedras me davam a sensação de completa quentura, quando me sentei nelas para deixar a água escorrer, e nada me aliviou tanto como agarrar o peitoril e ali permanecer para respirar e sentir que alcançara enfim a meta. Sossegadamente, passei as pernas e com todo o cuidado entrei. Finalmente me achei, de pé, em cima do tapete.

Foi então que meu pai acendeu a vela.

— Onde esteve você, meu filho?

Estava mais frio de medo do que do vento e da umidade.

Minha língua era como um pedaço de aço dentro da boca, e se houvessem visto a cara de meu pai, também teriam ficado sabendo por quê.

Ele não era alto nem muito gordo, mas airoso de porte, e sempre andava de cabeça bem erguida. Sua cabeça parecia ser a parte maior de seu corpo, larga na frente e atrás. Seus olhos eram cinzentos e, às vezes, quando ria, tornavam-se quase azuis. Tinha um nariz curto, cruzado por uma cicatriz causada por um desabamento de carvão. Uma bela boca. Seus bigodes eram compridos e quase da mesma cor do cabelo, preto e grisalho, mas suas sobrancelhas, de azeviche, salientavam-se no seu rosto pálido, especialmente quando ele se achava perto duma luz ou quando visto à luz do dia sem boné.

À luz da vela seus olhos estavam quase brancos, cintilando para mim como joias e tão severos que desejei morrer.

— Onde esteve você? — perguntou de novo, e abrigou os olhos com a mão. Estava ainda vestido e sentado na minha cama.

— Lá em cima, na montanha, papai — disse eu, embora seja até hoje para mim um mistério como consegui falar.

— Não lhe disse que tratasse de suas obrigações e deixasse a vida dos outros?

— Sim, papai.

— Está esperando que sua mãe venha limpá-lo de toda essa porcaria? — perguntou-me.

— Não, papai.

— Desça, limpe-se e não se demore com isso.

Corri para fora como um besouro preto, borrifando todo o soalho, esperando um sopapo, que me deixaria sem sentidos. Mas coisa alguma aconteceu.

O fogo da cozinha permanecia aceso a noite inteira, de modo que pude facilmente secar minha roupa. Mas limpar e polir minhas botinas era outro cantar. Durante minutos permaneci ali, esfregando e escovando minhas botinas, nu, defronte do fogo, sabendo que meu pai estava ainda sentado lá em cima, pensando no que iria ganhar de suas mãos e o que diria mamãe, de manhã, e se Gwilym entraria antes que eu pudesse fazer-lhe um sinal para esperar.

Quando subi de novo as escadas, carreguei minhas roupas secas e minhas botinas polidas, para mostrar a meu pai. Olhou para tudo bem atentamente, coisa por coisa, balançando a cabeça.

— Veja — disse ele, ao terminar, apontando as poças no soalho.

— Veja a porcaria com que sua mãe terá de avir-se de manhã. Vá buscar um pano.

Desci de novo e subi com um pano e sequei todas as poças. Com todo o cuidado observei o soalho, para ver se podia encontrar mais alguns lugares úmidos, sabendo, todo o tempo, que aqueles olhos cinzentos estavam fixos em mim. E por causa disso mostrei-me tão cuidadoso no meu trabalho e tão diligente quando encontrava algo por fazer, que meu pai foi ficando impaciente.

É estranho como a gente executa uma tarefa com mais cuidado do que habitualmente, quando tem uma falta na consciência. É quase como se a gente pensasse em fazer de sua diligência uma espécie de penitência.

— Venha cá, Huw — disse meu pai, afinal.

Larguei o pano e fiquei de pé diante dele, com a cabeça baixa.

— Por que subiu você à montanha, tendo-lhe eu dito que lá não fosse? — perguntou meu pai e, para surpresa minha, sua voz soava completamente de modo usual, sem nem um tantinho de cólera.

— Desejava ajudar Davy, papai.

— Ajudar Davy? E por que não a sua pobre mãe? Que lhe teria acontecido se, por acaso, você houvesse sofrido alguma coisa? Já pensou nisso?

— Não, papai.

— Pense no futuro. Agora vá para a cama e durma. E não se esqueça, não pense mais nessa tolice de Davy.

— Sim, papai.

Meu pai levantou-me e pôs-me na cama, cobriu-me e deu-me umas palmadinhas na cabeça.

— Em breve você será um homem, meu filho, e encontrará plenamente todas as complicações que agora deseja. Plenamente, de fato. Tenho medo que elas sejam maiores do que as que temos agora. De modo que, até lá, seja um bom menino e pense em sua mamãe. Ela é a única que precisa ser ajudada. Boa noite, meu filho. Deus o tenha em sua guarda.

— Boa noite, papai.

Estava tão alegre por ver que ele se retirava, antes que Gwilym chegasse pela janela! Depois adormeci imediatamente.

Mas pensando naquilo, agora, de novo, ouço a voz de meu pai como então falava, tão triste e tão branda, como se tivesse sabido e previsto o futuro.

Capítulo V

Muita coisa era precisa para transformar minha mãe, mas se mostrava silenciosa e preocupada, quando voltei da escola, no dia seguinte, à hora do jantar. Gwilym me contou que papai passara uma repreensão em Davy, naquela manhã, e que Davy se retirara para a colina, a morar em casa da Sra. Beynon, que já tinha quatro pensionistas, todos eles amigos de Davy.

Minha mãe nunca pronunciou uma palavra a respeito, mas manifestou o que sentia, no primeiro sábado em que Davy subiu para colocar seu dinheiro no bauzinho e jantar. Não estava chorando, mas as lágrimas lhe corriam pelas faces, quando ele a beijou. Davy e meu pai procederam como se nada houvesse acontecido e estiveram conversando sossegadamente, como sempre fizeram. Foi Olwen quem provocou a trapalhada.

Olwen era então um rapaz sossegado. Nada tinha a dizer a ninguém e por isso todos pensavam que era bobo. Ficava quieto horas inteiras, lendo, ou lá fora, no barracão das ferramentas, soldando ferro. Eu era um estorvo para ele, porque furtava suas ferramentas ou desarrumava seus livros, de modo que era sempre agraciado com um piparote na orelha, quando ele me via.

Olwen tinha a voz de minha mãe, profunda e vinda do peito, e ouvi-lo ler na capela comovia, tão bem ela soava, ecoando lá em cima na galeria e sob as vigas. Meu pai tinha a intenção de fazê-lo pregador, mas Olwen não tinha ainda bastante idade e, afinal de contas, gostava mais de manejar ferramentas do que de estudar, embora mesmo então soubesse quase de cor qualquer parte da Bíblia.

Esquecime de qual fosse exatamente o assunto da conversa entre meu pai e Davy. Penso que era a respeito do carvão que

aumentava e do caminho que o filão tomava, vale abaixo.

— Todos eles são idiotas — disse Olwen.

Davy ficou tão surpreso, que largou a faca e o garfo.

— Cale a boca, Olwen — disse minha mãe, e olhou para meu pai com os olhos bem arregalados. Nenhum de nós tinha permissão de falar, a menos que papai primeiro nos dirigisse a palavra.

Meu pai mastigou o que tinha na boca, como se não houvesse escutado, mas logo que engoliu tornou a olhar para Olwen como se nunca o houvesse visto anteriormente.

— E que sabe você desse assunto? — perguntou ele.

— Sinto muito, papai, ter sido rude — disse Olwen, sem medo algum no olhar ou na voz. — Mas o modo como estão eles cavando o carvão agora é não somente estúpido mas criminoso.

— Acontece que você tem razão, meu filho — disse meu pai. — Mas quem lhe deu licença para falar? E onde adquiriu você esse conhecimento?

— Falei sem pensar, papai — disse Olwen. — Devo ter estado sonhando ou coisa parecida. Quem me contou foi Dai Griffiths.

— Está bem — disse meu pai. — Ninguém conhece melhor isso do que Dai. Mas tenha modos, também. Fale quando for interrogado e não antes.

— Falarei contra qualquer coisa que eu saiba que não está direita — disse Olwen.

— Não nesta casa — disse papai. — E da sua parte é já bastante.

— Nesta casa e fora desta casa — disse Olwen. — Em qualquer parte onde haja uma coisa errada, falarei contra ela.

— Saia da mesa — disse meu pai.

— Sairei de casa — disse Olwen.

— Gwilym — disse minha mãe, estendendo uma mão para meu pai. — Olwen — disse ela, voltando-se para este —, diga a seu pai que sente o que fez.

— Não estou sentido — disse Olwen. — Tenho pena é de perder meu jantar. Vou passar a viver com Davy.

— Eu também — disse Gwilym, largando a faca e o garfo e empurrando sua cadeira para trás.

— Se vocês dois deixarem esta casa — disse meu pai —, nela jamais hão de pôr os pés novamente.

— Está bem — disse Gwilym, quase chorando.

— Oh! Gwilym — disse minha mãe, olhando para papai.

— Estamos juntos, Gwil — disse Olwen.

— Davy — disse minha mãe —, diga-lhes para pedirem desculpas ao papai. Eles estão seguindo o seu exemplo.

— Sim, mamãe — disse Davy, levantando-se. — Mas eles são homens e trabalham para viver. Não posso detê-los.

— Darei a vocês dois — disse meu pai, olhando para Olwen e para Gwilym — mais uma oportunidade. Portem-se bem e não falaremos mais nisso.

— Nada fizemos — disse Olwen —, e se os modos na mesa nos proíbem de falar a verdade, prefiro ser mal-educado.

— Eu também — disse Gwilym.

— Rapazes — disse Davy —, não é preciso isso.

— É sim, Davy — disse Olwen, com os olhos brancos de cólera.

— Vou-me embora, quer você me queira ou não.

— Eu também — disse Gwilym.

— Apanhem suas roupas e rua — disse meu pai, que começou a comer de novo.

— Oh! Gwilym — disse minha mãe, num sussurro. Meu pai não respondeu, mas continuou a mastigar, embora seu corpo tremesse e seus olhos estivessem úmidos.

Ninguém se moveu durante algum tempo. Depois Davy suspirou e curvou-se para beijar o alto da cabeça de mamãe, ali naquele pano azul.

— Adeus, mamãe — disse ele e saiu da sala.

— Adeus, mamãe — disse Olwen, esperando por Gwilym.

— Adeus, mamãe — disse Gwilym, saindo com Olwen. Fez-se silêncio na cozinha, quando eles saíram, e o som de seus passos acompanhou-os colina abaixo. Minha mãe ficara a olhar para meu pai todo o tempo, como se estivesse certa de que ele os tornaria a chamar.

Mas ele continuou a comer seu jantar, olhando pela janela da cozinha para o rochedo em frente. Eu tentava ficar o mais quieto

que podia, enquanto ia jantando, mas depois minha colher arranhou o prato, atraindo o olhar de papai para meu lado.

— Sim, meu filho — disse meu pai —, sei que você está aí. Parece que agora ficarei somente com você e com Ivor.

— Gwilym — disse minha mãe, no seu tom de voz habitual —, quanto tempo, então, deixará aqueles rapazes fora de casa?

— Os únicos rapazes que tenho, menina — disse meu pai —, estão com vinte e três anos de idade e com seis. São Ivor e Hw. São estes os dois únicos e Tanto está fora. Não tenho outros filhos e não há quem possa arrogar-se o direito de se chamar meu filho, a menos que eu o permita.

— Oh! Gwilym — disse minha mãe, que começou a chorar. Nunca vira antes minha mãe chorar, real e totalmente, como eu tinha chorado e como vira outros chorarem.

Desejo agora não ter visto. Supõe-se que haja algo de nobre nas lágrimas de uma mãe, mas é pena que as lágrimas verdadeiras e justas não possam brotar, desacompanhadas dos sons que as seguem. Os ronquidos da garganta, a abundância de cuspe, os pesados soluços e os entrecortados e engolidos suspiros não são adequados a servir ao pesar sincero, de modo que há neles de que rir e zombar, especialmente na mente duma criança.

A primeira surpresa é a de que um adulto possa chorar completamente, e vem depois a curiosidade de ver como ele chora, e isso suscita uma fria observação, na qual se perde todo o sentimento, mesmo quando é a própria mãe da gente que está chorando.

A gente fica atento aos detalhes.

Mãos a tremer, inchadas veias azuis, bochechas lambuzadas, cabelos despenteando-se sob a violência de um soluçar quase rítmico, pontos de luz agitando-se nas pestanas cheias de água, além do espanto que nos causa o crescente encharcamento do lenço e o infundável fluir de grossas lágrimas.

Essa é a nossa mãe, a gente pensa.

Aquela pobre e encolhida mulher que ali está é a mãe da gente, que tantas vezes nos disse que não chorássemos. Depois disso, seu rosto avermelhado, seus olhos inchados e úmidos, tão lastimosos e

infelizes, produzem na gente um choque que obriga a rir, e embora saibamos que isso não está direito, sentimos a necessidade de rir, às gargalhadas, ou fugir para debaixo da mesa.

E passado isso, teremos vontade de chorar, porque nossa mãe está ainda chorando e nenhum alívio pode achar.

Será vergonhoso dizê-lo agora, mas depois daquilo minha mãe nunca mais significou a mesma coisa para mim. Estava sempre ouvindo-a a chorar e a ver-lhe o rosto, embora depois que cresci, naturalmente, tenha mudado de ideia. Mas naquele tempo foi assim.

Meu pai não se deu por achado. Agora sei como ele encarou a questão. Ele era o pai e governava a casa inteira, por dentro e por fora. Sua autoridade fora desafiada e ele tomara o caminho que via ser o mais adequado. Por essa razão, sua consciência de nada o acusava e nada dizia a minha mãe, por causa do choro, pois sabia que o pranto é o derradeiro refúgio de uma mulher. Ela não pode ir mais além, especialmente se é uma boa mulher. E, com meu sangue, jurarei que minha mãe era boa.

Minhas irmãs choravam juntamente com mamãe. Ceridwen desviava os olhos dos pratos para minha mãe e depois para minha irmã mais moça; de pé, junto do fogo, esperando que a chaleira fervesse. Angharad tinha quase dez anos então, e Ceridwen era cinco anos mais velha. Pela expressão do rosto de Angharad, eu tinha certeza de que ela ia dizer alguma coisa. Se nunca viram o olhar de um gato, quando um barulho o desperta do sono, amedrontando-o, não poderão avaliar a vivacidade dos olhos de Angharad.

Era tão alta como minha mãe, então, e muito loura, com olhos cinzentos, mais brilhantes do que um céu de neve, e tão grandes e tão límpidos que ninguém os acreditaria reais. Por isso, quando estavam repletos de energia e encaravam a gente, tinha-se a sensação de ir ficando cada vez menor intimamente.

— Mamãe — disse Angharad, bem claro e bem alto, com o tom da voz de minha mãe —, vou morar com os meninos, para tomar conta deles.

Minha mãe parou de chorar e virou-se tão depressa que fez meu pai dar um pulo.

— Angharad — disse minha mãe, e posso garantir que sua voz me deixou todo gelado —, cale a boca nesse mesmo instante.

— Mamãe — disse Angharad —, vou morar com os meninos.

— Nesse mesmo instante — disse minha mãe e se levantou — passe para a copa e trate de acabar seu serviço. Nem mais uma palavra. Se escutar outra palavra, dou-lhe umas palmadas, minha dona. Passe para fora, vamos!

Meu pai arrastou sua cadeira e olhou para mim.

— Venha cá, meu filho — disse ele —, vamos subir a montanha à busca de paz. Beth — disse ele a minha mãe —, deixarei Angharad a seus cuidados. Mas espero que ela saiba até onde pode ir. Possuo ainda urna correia. Vamos, meu filho.

Desci da mesa muito satisfeito e corri para apanhar meu boné e a bengala de papai. Gostava de passear com meu pai. Pus-me muitas vezes a imaginar que não teriam acontecido complicações em nossa família se meu pai houvesse passeado com os outros filhos, como fazia comigo. Se tivesse conhecido meu pai somente em casa, talvez me dirigisse a ele como os outros o fizeram, mas conhecendo-o como ele era nas montanhas, nunca fui capaz de lhe falar senão com respeito e com amor.

Ele nunca, por mais longe que me vá a memória, falou comigo como se eu fosse um menino. Eu era sempre um homem quando estava com ele, de modo que não é de admirar que Bron me chamasse "grande homem". Tudo quanto aprendi quando criança devo-o a meu pai, e nada do que me ensinou me pareceu jamais errado ou sem valor.

Mas talvez as coisas que ele achava serem boas e direitas não fossem boas e direitas para o nosso tempo, ou, se eram, talvez então ele as revelasse com demasiada energia, ou em linguagem por demais direta, o que fazia ficarem todos contra ele.

Naquela tarde, passeamos milhas inteiras ao longo do rio, a princípio, e depois subimos a montanha.

Nossa aldeia, então, era uma das mais agradáveis de ver-se. Digo agradável, porque era tão verde, tão fresca e tão limpa, soprada pelos ventos dos campos e molhada pelo orvalho da montanha! O rio não era muito largo, apenas uns seis metros, mas

tão claro que se poderia enxergar, polegada por polegada de rochedo, através da água borbulhante, e tão repleto de peixes que ninguém pensava em usar vara de pescar. Meu pai ensinou-me a atrair trutas, lá no rochedo chato, perto da casa da Sra. Tom Jenkins.

Horas inteiras ficávamos sentados ali, jogando pedras para espantar as trutas pequenas, e depois tocaiando a aparição de uma grande, e fazendo planos para agarrá-la.

Primeiramente era preciso enrolar as mangas da camisa o mais alto possível, e meter o braço dentro da água, conservando a mão aberta e pronta. Decerto, muitas vezes o rio estava tão frio que fazia a gente gritar, mas não importa, quem queria um peixe tinha de sofrer.

Então o peixe velho vinha muito de leve e mansinho, e a gente quase que sentia a sua perplexidade, observando nossa mão e sabendo que de alguma coisa se tratava, mas sem saber bem o que fosse. Naturalmente a gente não se movia nem um tiquinho, nem mesmo com os olhos, enquanto isso continuava, pois uma truta sensata tratará de se pôr fora de alcance e lá ficar a mangar da gente. Isso é mesmo verdade, porque as vi fazê-lo.

Pois bem, se ela fosse tola, aproximava-se para ver os dedos da gente e cheirá-los, esfregando-se neles. Era esse o momento de agir. De mansinho, a gente dobrava os dedos para alisar-lhe a barriga e cocegar-lhe as costelas. Acontecia às vezes que ela escapulia. Mas, a maior parte das vezes, ela ficava. Então se trabalhava com os dedos pelo seu corpo até poder meter o polegar na guelra.

Era o bastante.

Dava-se uma pancada e retirava-se o braço, e ei-la a bater de encontro ao rochedo.

E dessa forma tinha-se boa truta fresca para a ceia.

Minha mãe costumava colocá-las numa pedra quente, em cima do fogo, enroladas em miolo de pão, manteiga, salsa e casca de limão, tudo embrulhado em verdes e tenras folhas de alho-porro. Se houver melhor comida no céu, terei a maior pressa em seguir para lá, embora pensem que sou maluco dizendo isso.

Mas voltemos ao assunto.

O suave murmúrio do rio, as pedras lavadas e limpas, a verdura cercando tudo, as árvores tentando afogar suas sombras, e a montanha subindo mais e mais lá ao fundo, que belo que era tudo aquilo!

Quando os pássaros estavam nidificando, muitas vezes saíamos a procurar os ninhos, olhando os ovos, embora jamais tirássemos um que fosse, notem bem. Meu pai jamais consentiria que eu os colecionasse e não deixava também que os outros meninos o fizessem. Penso que, por causa disso, nosso vale sempre estava repleto de pássaros. Interessante é que a gente só dá pelos pássaros quando não mais estão ali.

Apanhamos duas trutas naquela tarde e coloquei-as em folhas, dentro de meu boné, para carregá-las ao subir a montanha. Sentia-se naqueles dias, trazido pelo vento, um perfume de todas as flores silvestres e da relva cheirosa que cresciam ali então. Esse perfume fazia-se sentir mais forte naquela tarde e meu pai muitas vezes parou para aspirá-lo, pois já me havia dito seguidamente que uma contrariedade não se demora num homem cujos pulmões estão cheios de ar fresco. Sempre dizia que Deus nos dá a água para lavar nossos corpos e ar fresco para lavar nossos pensamentos. De modo que você muitas vezes veria nós dois pararmos, aspirando e expirando, e depois prosseguindo na subida da montanha, apontando talvez para uma pequena moita, que víamos brotando na primavera passada, ou olhando para ver se alguém estivera no canteiro de primaveras, no alto do campo de Davies, o fornecedor de lenha.

Já havíamos andado um pouco, quando comecei a sentir um frio por dentro, pois caminhávamos pela montanha, na direção do campo onde eu vira Davy discursando aos operários. Era um sábado e os homens estariam livres, de modo que pensei que teriam combinado para aparecer ali.

— Papai — disse eu —, poderíamos passear pelo outro vale?

— Decerto que não, meu filho — disse meu pai; — vou somente até o alto. Tenho muita coisa que escrever para a capela hoje. Aliás, que iríamos fazer lá?

— Ver Ivor e Bron. Seria uma agradável surpresa, papai.

— Sim. Seria surpreendente me encontrar por ali esta tarde. Para o alto, e depois para casa, nós dois.

Eu estava pensando em inventar alguma coisa para conservar meu pai afastado daquele campo, mesmo que fosse rolar de montanha abaixo. Teria feito isso, mas as sebes me deteriam na queda.

O certo é que, ao galgarmos o tapume do campo de Meredith, o lojista, pudemos avistar as cabeças duma grande multidão de homens, dois campos mais acima. Estávamos chegando a um lugar mais elevado e o vento soprava para o lado deles, de modo que não podíamos ouvir coisa alguma do que diziam.

Meu pai deteve-se imediatamente.

— Foi ali que você esteve? — perguntou-me.

— Foi, sim, papai.

— Oh! — disse ele, baixando a vista sobre mim. — Então é por isso que você desejava ir para o outro vale, não? Não acredito mais em você, meu filho.

Os vigias deviam ter visto meu pai, porque um deles veio correndo ao nosso encontro, pulando o tapume, como se tivesse apenas um pé de altura.

— Sr. Morgan — gritou ele —, Davy pede-lhe que tenha a bondade de ir até lá.

— Que deseja Davy de mim? — perguntou meu pai, em resposta.

— Estão lá em cima homens de todos os outros vales —

disse Mog, subindo — e de uma quantidade enorme de lugares. Coisas importantíssimas estão se passando lá.

— Coisas importantíssimas, de fato — disse meu pai —, e vazias como tambores. Nem uma só cabeça que pense. Onde está Davy?

— Lá em cima, Sr. Morgan — apontou Mog. — Vai falar ao comício dentro dum minuto.

— Tem sorte esse comício — disse meu pai. — Está bem, Mog. Eu irei. Tome conta de Huw, por favor.

Vi que não era conveniente dizer coisa alguma, de modo que fiquei junto de Mog, enquanto meu pai atravessava outra cerca, para dentro do pasto, onde os homens estavam aglomerados.

Mas quando ele se foi, disse a Mog que desejava me aliviar. Ele então me indicou um monte de pedras perto de uma moita de amoras silvestres.

— Vá lá e volte ligeiro — disse ele —, senão seu pai lhe arrancará as orelhas.

Bom. Assim fiz, mas logo que me achei por trás daquelas amoreiras e fora de vista, corri de novo pela brecha do gado e na direção dos homens reunidos, abrindo cuidadosamente caminho por entre eles, até chegar à frente. Logo que pude ver meu pai por um pequeno espaço entre os homens, parei onde estava.

Havia uma porção de operários que cochichavam, indo e vindo em redor de mim, como se houvessem tomado uma resolução séria. Bem na frente, numa laje inclinada do rochedo, Davy. Dai Griffiths e uma porção de homens que nunca vira antes estavam todos falando com meu pai. Ele os escutava, com as mãos cruzadas sobre o ventre e os olhos fechados, de modo que percebi que o que diziam entrava-lhe por um ouvido e saía pelo outro, o que, na verdade, me fazia rir.

Um a um, eles o instigavam, e um a um desistiam. Por fim Dai adiantou-se até a extremidade do rochedo e ergueu as mãos.

Todos calaram a boca.

Somente o vento movia as avencas por cima de nós, fazendo "psiu" para todos, menos para si mesmo.

— Rapazes — gritou Dai —, antes de vocês decidirem propriamente fazer o que pensamos que está direito e é melhor, é certo que terão uma palavra de Gwilym Morgan. Jogo limpo, agora.

Os homens se agitaram e um profundo murmúrio começou a ouvir-se, o qual se transformou numa enorme ovação, quando meu pai se adiantou e se pôs de pé na extremidade, olhando em derredor, para a aldeia embaixo e para o céu em cima. Vi que ele estava rezando e os demais devem ter também assim entendido, pois surdo sussurro se ouviu e em seguida todos tiraram os bonés e curvaram as cabeças.

— Rapazes — disse meu pai —, se a consciência de vocês estivesse limpa, a respeito do que desejam fazer, não teriam subido para cá, longe das vistas, mas teriam ficado na aldeia, para serem ouvidos por todos. Esperem. Estou aqui por algum feliz acaso, que

chamarei a vontade de Deus. Não desejava vir cá, mas já que estou aqui agora, exporei a vocês o que me tem andado pela cabeça nestes meses. Vocês têm razão no que desejam, mas não nos meios de consegui-lo. A força só lhes servirá depois que tiverem experimentado a razão. E a razão requer paciência. E se a paciência exigir um cinturão mais apertado, então apertar-se-á o cinturão. Vocês não podem pedir o auxílio de Deus com o ódio nos corações, e sem esse auxílio nada alcançarão. De nada vale dizerem que formarão todos um sindicato se não tiverem ideia do que terá de fazer esse sindicato. Obter melhores salários? Vocês terão melhores salários, ou tão bons quanto forem possíveis, sem um sindicato. Nem todos os proprietários são selvagens, mas eles não concederão a vocês o que desejam, justamente porque há multidões de vocês e vocês empregam ameaças. Razão e procedimento civilizado são as melhores armas que têm. E se a causa de vocês for justa e limpa estiverem suas consciências, Deus estará sempre com vocês. E homem algum poderá ir longe sem ele.

Mas os homens estavam ficando desassossegados e pude ouvir exclamações em redor, embora eu fosse tão pequeno, no meio da multidão, que não conseguia distinguir as palavras. Vi meu pai tentar prosseguir, mas depois um homem que estava por trás de mim agarrou-me pelos ombros e fez-me dar uma volta.

— Você não é Huw Morgan — disse ele, curvando-se para mim —, o mais moço da casa? Pode ouvir o que seu velho está dizendo?

— Meu pai não é um velho — disse eu —, e se ele ouvir o que o senhor está dizendo, há de avir-se com ele.

·— Oh! — disse outro homem, rindo — o velho está dentro dele seguramente. É um Morgan, de fato.

Antes que eu pudesse correr, o homem que me agarrara levantou-me, conservando-me acima de sua cabeça.

— Morgan — gritou ele —, aqui está um que ficará sem nada, quando você apertar seu cinturão. E eu tenho cinco desses.

Um berro cortou a voz de meu pai. Em torno de mim podia ver os homens gritando, antes que me largassem e eu pudesse safar-me. Logo que me foi possível, à custa de golpes e empurrões, varei a multidão, até alcançar a brecha do gado, e então olhei para trás.

Meu pai estava falando com Dai Griffiths no alto do rochedo, e Davy tentava conter a multidão, mandando-a sentar de novo. Vi meu pai agitar a cabeça e começar a descer do rochedo. Corri então à procura de Mog.

— Diabo — disse ele —, pensei que você tivesse tocado para casa. Lá vem seu pai, agora.

Um olhar para papai foi-me bastante, e Mog ia dizer qualquer coisa, mas parou e começou a assobiar baixinho.

Meu pai estava tão branco, os olhos vermelhos e olheiras tão profundas, que dava até pena olhar para ele.

E no entanto, ele sorria.

— Vamos, meu filho. Obrigado, Mog.

— Não há de quê, senhor — disse Mog, tirando o boné. Nada foi dito até atingirmos o alto da montanha, embora durante toda a subida os homens pudessem ser plenamente ouvidos, e, se houvéssemos olhado para trás, poderíamos tê-los visto a cada passo do caminho. Por cima de tapumes e cercas, através de campos e de pastos, galgando pontas de rochedos, roçando pelas urzes e espinhais, a cada segundo tentava manter o olhar fixo em meu pai, procurando uma mudança no seu rosto, mas mesmo depois de tudo galgado, não demonstrava nenhuma alteração.

Sentou-se em cima da rocha, no cume da montanha, de frente para o outro vale, e apoiou-se no cotovelo.

— Venha sentar-se aqui, meu filho — chamou-me ele, pois eu me havia distanciado um pouco, para deixá-lo à vontade. — Não está com medo de seu pai, não é?

— Não, papai. Mas achei que o senhor estava querendo pensar.

— Já acabei de pensar, Huw. Minha maneira de pensar não tem lugar agora. É espantoso, na verdade.

Ficamos sentados quietamente durante algum tempo, olhando para o vale lá embaixo. O vento soprava ali em cima como se houvesse umedecido seus lábios, para torná-los menores e assobiar com música mais aguda, mas sua toada era fria e dentro em pouco eu estava tremendo. Meu pai contemplava o vale, mas eu não demorava muito a vista sobre ele, com receio de perturbá-lo.

Lembro-me de quão frio era o prado ali embaixo e como se assemelhava a uma colcha de retalhos, com todos os escuros das lavras e os quadrados das sebes que se curvavam. As fazendas eram pequenas como brancas caixas de fósforos e os carneiros pareciam gatinhos. Na verdade, quando não se mexiam, davam a impressão de pequenos rochedos.

Somente no nosso vale havia uma mina de carvão a estender seus magros dedos negros entre o verde-claro. Ali em cima tudo era paz e sossegado contentamento, e mesmo o vento fazia-se ouvir em tom mais feliz por estar trabalhando ali, subindo do nosso vale com um ímpeto alegre e espalhando-se lá em cima, passando por nós um frio mais forte e mais agudo, ávido de deitar-se ao longo dos quentes campos lá de baixo e assanhar as crinas dos cavalos que pastavam ao sol.

— É triste, Huw, meu filho — disse papai, depois de muito tempo. — É triste, de verdade. Tudo é belo por aqui, nada se vê fora do lugar, tudo está em ordem. Mas conosco, nada senão a feiura, o ódio e a loucura.

— Como é isso, então, papai?

— Maus pensamentos e voracidade, Huw. Tudo desejar, tudo tomar e nada para dar. Outra foi a ideia que presidiu à formação do mundo. Você terá tudo da terra, se andar pelo caminho certo. Mas senão, nada terá. Aqueles pobres homens lá embaixo estão todos no encalço duma coisa que nunca alcançarão. Nunca a alcançarão, porque seu modo de pedir está errado. Todas as coisas vêm de Deus, meu filho. Todas as coisas são dadas por Deus e para Deus devemos voltar-nos quando queremos alguma coisa. Deus nos deu tempo para que Sua obra se perfizesse, e paciência para sustentarmos, enquanto ela se está fazendo. São a varinha de condão e o bordão de cada um de nós. Não se importe com o que os outros homens possam lhe dizer, meu filho, olhe para Deus nas suas inquietações. Receio que o que está começando lá embaixo neste mesmo instante venha a ser causa de enormes desgraças para você nos tempos que virão.

Meu pai falava de olhos fitos no céu e me alegrava por ver que ele estava parecendo muito melhor. Tinha na verdade um gênio

terrível, mas nenhum de nós jamais o viu estourar, exceto eu, e isto somente uma vez e fora de casa.

— Voltemos para casa — disse ele. — Nada diga à sua mãe, a não ser que ela pergunte. Basta-lhe por hoje o que já sofreu, para que ainda lhe aumentemos a carga.

Descemos pelo pasto, mas não na direção em que os homens ainda se encontravam. Foi talvez por estar olhando muito tempo para o outro vale, que senti um enorme choque inquietador ao contemplar de novo o nosso.

Por toda a extensão do rio, as margens apresentavam espuma do reservatório da mina, e os edifícios, todos pretos e chatos, eram feios de doer. As duas filas de casinhas, rolando pela ladeira como um par de ltuosas serpentes de pedra, davam a impressão de que podiam erguer-se e cuspir rochas cinzentas, como elas próprias. Ninguém pensaria que dali pudessem provir fogos aquecedores e boa comida, tão mortas e desgraçadas pareciam.

Nosso vale estava se tornando negro e o montão de escória crescera tanto que já estava a meio caminho de nossa casa. Jovem e pequeno era eu, mas, jovem ou pequeno, sabia que aquilo não estava direito e isso mesmo disse a meu pai.

— Sim, Huw — disse ele e parou a olhar. — Disse a eles, faz anos, para começarem pela base, mas ninguém me deu ouvidos. Agora têm coisas mais importantes em que pensar. Isso será algo que você terá que fazer, quando crescer. Muito você terá que fazer, sem dúvida alguma.

Quando atravessamos a aldeia, quase todas as mulheres estavam do lado de fora, esperando saber o que os homens estavam fazendo lá no alto da montanha. Meu pai tirou o boné para dar bom-dia, junto da capela, à velha Sra. Rhys, a moleira, e ficou com ele na mão todo o caminho até em casa, porque durante todo o percurso, todos o cumprimentavam.

Minha mãe estava sentada sozinha quando entramos e parecia ter dominado seu desgosto, mas a casa estava silenciosa, naquela espécie de tranquilidade que um gato apresenta quando aguarda a ocasião de dar um pulo, e com as costas curvadas em arco.

Papai olhou para mamãe e não disse nada, conhecendo-a como a conhecia, mas fez-me sinal para que me mantivesse calado, enquanto ele ia mudar as botas. Dirigi-me ao guarda-louças para pegar minha ardósia e, enquanto a limpava, papai reapareceu.

Minha mãe então se moveu e papai encarou-a.

— Gwilym — disse ela —, Angharad foi embora.

— Oh! — disse papai — onde está ela?

— Na casa dos Beynons, penso eu.

— Espere. Vou ter uma conversa com ela.

Quando ele saiu, mamãe pediu-me que enchesse a chaleira e jogasse no fogo duas pazadas de carvão. Terminado o serviço, chamou-me.

— Huw, estou pensando no que fará você quando crescer.

— Ora, seja como for, jamais deixarei esta casa por outra, a não ser que a senhora me ponha para fora.

— Espero que seja verdade, Huw — disse minha mãe, olhando-me fixamente. — Se mais alguém de minha família se afastar de mim, sentirei desgosto de haver dado filhos ao mundo.

— Ora, por que os teve, mamãe?

— Valha-me Deus, menino — riu minha mãe. — Saia daqui agora. Sim, é verdade, por quê? Talvez para não ter mais descanso.

Mas essa questão suscitou-me perguntas a respeito de bebês, que ninguém parecia saber, e, se sabia, conservava para si mesmo. É estranho que um homem proceda como se dizer a verdade importasse numa perda de dinheiro, em tal assunto. Mas disso fiz a experiência depois.

Deviam ter visto minha mãe, quando papai voltou com Angharad. Quão satisfeita se mostrou. Com gentileza colocou-a na cadeira do canto e tirou-lhe o capote. Angharad estava calada e ainda pensativa, mas sua mente se aclarara e era certo que não fora obrigada a voltar para casa. Meu pai saiu lá para trás, a fim de tomar banho, e voltou, fechando a porta do quarto vizinho, pondo-se a escrever. Durante esse tempo nada foi dito, mas eu tinha torrado quatro rodela de pão, que minha mãe substituíra na ponta do garfo, à proporção que cada uma ia ficando castanha.

Que coisa boa é fazer torradas, à noite, junto do fogão! Boa geleia gotejante e pão coberto de crosta cozida, com o farinhento sabor do trigo maduro bem sentido na boca e sob os dentes, a torrada macia, ondeada e bem castanha, coberta de buraquinhos onde o unto se esconderá, derretendo-se e brilhando na luz, bem lá dentro, pronto a escorrer quando os dentes derem com ele. Sabem que manteiga também é coisa boa. Mas a manteiga, eu gosto dela com pão simples, cortado em comprida fatia, e do seu sabor direi que nada há de melhor, especialmente se a manteiga é espalhada uma hora depois de haver sido tirada da desnatadeira.

— Angharad — perguntou mamãe —, que foi que seu pai lhe disse?

— Disse que muito sentiria se houvesse praticado algo de errado, mamãe, e que eu lhe dissesse por que desejava deixá-lo.

— Ora! — exclamou mamãe, mostrando-se grandemente surpresa.

— Respondi que desejava cuidar dos rapazes, porque a Sra. Beynon é por demais amiga da pinga.

— Angharad — disse mamãe, levantando as mãos. — E depois?

— É verdade, mamãe — disse Angharad, e suas lágrimas começaram a cintilar à luz do fogo. — Viu a senhora o nosso Davy com um grande buraco na meia, aqui, hoje?

— Sim, minha filha, vi. E Gwilym vai trazê-las todas hoje aqui, à noite, para que eu as conserte.

— Trouxe-as comigo e também um par de camisas. Se a senhora quiser trapos para as botinas, mamãe, vá ver os lençóis da cama de Davy.

Minha mãe estava silenciosa e bem quieta, com o prato sobre os joelhos e os olhos bem abertos, fixando o fogo.

— Oh! meu Deus — disse ela. — Ou terei meus filhos aqui hoje, ou deixarei eu mesma esta casa.

Pôs seu prato no guarda-fogo da chaminé e levantou-se, dirigindo-se à porta do quarto próximo.

— Dê o chá de Huw, Angharad — disse ela, em voz alta. Depois abriu a porta e entrou.

Havia silêncio na cozinha, de modo que podíamos ouvir meu pai falando baixo com mamãe e ela respondendo, mas a porta era tão espessa que nada percebíamos das palavras.

— Você esteve lá no alto da montanha? — perguntou-me Angharad.

— Estive, sim, e papai tentou convencer os homens, mas eles gritaram com ele.

— Os meninos estavam lá em cima?

— Todos eles, mas ninguém ficou do lado de papai.

— Bem feito!

— Você também está contra papai?

— Sim, estou, embora não contra ele mesmo, mas sim contra o que ele está querendo que os outros façam.

— Que é, então?

— Bem, se você quer saber — disse Angharad, com impaciência.

— Está querendo que eles peçam, por meio de oração, o que desejam, em vez de se unirem e forcarem os tais proprietários a lhes dar o que querem.

— Por que papai não tem então razão? — perguntei-lhe, depois de haver pensado.

— Cale a boca, menino, e coma sua torrada. Está fazendo tanto barulho com esses seus dentes que é capaz de pôr a casa abaixo.

— Mas por que papai não tem razão?

— Porque a gente não arranja nada com oração. Eu ainda nada consegui, nem ninguém também. Repare na Sra. Mostyn. Toda a gente reza por ela e contudo seu filho continua na mesma.

Minha mãe voltou justamente nesse instante e começou a servir chá para papai.

— Angharad — disse ela, levando a xícara para o outro quarto —, desça à casa da Sra. Beynon e apanhe tudo quanto for dos meninos. Diga-lhe que eu mesma irei pagar o que devo na segunda-feira de manhã.

— Sim, mamãe — disse Angharad e correu para fora, saindo pelos fundos, batendo as mãos e cantando.

Quando minha mãe voltou, apontou para a cama da parede.

— De hoje em diante, você dormirá aqui embaixo, Huw, e os meninos ficarão com o quarto de trás para eles. Você é pequeno demais para ficar com eles lá em cima, agora que estão todos homens.

E daquele dia até esta última noite, nunca mais dormi em outro lugar, exceto no tempo em que vivi em casa de Bron.

Quando os rapazes regressaram a casa naquela noite, estava eu na cama com as cortinas corridas, de modo que podia ouvir tudo quanto se dizia, embora estivesse com tanto sono, a ponto de dormir e despertar sobressaltado.

Chegaram todos juntos, como se tivessem receio de aparecer um por um. Como é divertido ficar no escuro ouvindo pessoas que conhecemos, falando e se movendo, produzindo os pequenos ruídos habituais, executando os simples atos costumeiros, tudo isso acontecendo no escuro e, contudo, tão claro na cabeça da gente que dá vontade de rir. A gente pergunta a si mesma que necessidade há de ver as pessoas, quando são bastantes suas vozes e os simples ruídos.

Podia ouvir Davy jogando para trás o cabelo, antes de falar, porque seu cabelo fazia um leve psiu e a cadeira rangia. Gwilym, eu conhecia por causa do barulhão que fazia sua garganta quando engolia. Olwen sempre coçava a testa e puxava a orelha. Suponho que isso não produza som, contudo eu ouvia e sabia o que ele estava fazendo.

Mas embora soubesse que meu pai estava ali, dele nada ouvia, se bem que conhecesse bem os sons que produzia. Não obstante, sabia que estava lá, e mesmo se Davy e Olwen não fizessem ruído algum, teria ficado sabendo que eles estavam presentes. A gente pode sentir uma espécie de quente silêncio, e contudo não é quente, nem é silêncio, mas manterá a gente em suspenso e nos porá sobre brasas, quando pensamos nisso. Sempre senti coisa igual para com meu pai e também para com meus irmãos.

Essa sensação é que tornava a cama da parede um forno para mim e me fazia suar, a ponto de as gotas de suor escorrerem pelas minhas bochechas dentro de meus ouvidos.

Iam cear caldo, mas suponho que enquanto isso adormeci, embora estivesse certo de poder ouvir tudo o que eles diziam, numa espécie de cochicho, como o dos lençóis embaixo de mim, que eu nunca sentia, a menos que pensasse neles.

Foi propriamente meu pai quem me despertou, muito embora estivesse falando em voz bastante baixa, como se mamãe houvesse feito um sinal para a cama, a dizer que eu estava ali e dormindo. Ele tinha várias maneiras de limpar a garganta, bem conhecidas todas elas por mim. Tinha uma para cantar, uma para falar na capela, uma para ler a Bíblia, e outra para ler outra coisa qualquer, exceto um livro de histórias, que já era diferente. Mas tinha uma maneira especial de fazê-lo, quando tinha alguma coisa séria a dizer.

Foi dessa forma que ele me acordou.

— Davy — disse ele —, você é o mais velho da casa e a você me dirigirei.

— Sim, papai — disse Davy, e eu sabia que seus olhos estavam fixando papai, sob a sombra do cabelo.

— Pedi a você para deixar esta casa — disse meu pai — porque pensei que era o melhor que tinha a fazer. Pensei que você era uma má influência para os outros rapazes. Mas descobri que os outros eram tão maus como você e até mesmo uma criança, como Huw, estava saindo de casa, à noite. Não é dessa forma que um lar pode manter-se, e assim o disse. Tenho essa autoridade porque sou pai de vocês.

— Nunca porei isso em dúvida, papai — disse Davy.

— Bom — disse meu pai. — Doía-me ter que fazê-lo. Tenho orgulho de minha família e tenho orgulho de pensar que vocês estão preparados para sacrificar-se por aquilo que pensam que está certo. É bom sofrer, a fim de que os homens possam melhorar de condições, mas tomem cuidado de ver se o que estão fazendo é direito e não apenas um direito pela metade. Minha razão é contrária ao que vocês estão fazendo. Se vocês estivessem com a razão, não teriam realizado aquele vergonhoso comício de hoje lá em cima. Deveria ter sido feito com outro espírito. Mas não é isso que desejo dizer. Eu não teria pedido a vocês que voltassem de novo para casa se sua mãe não me houvesse rogado, e só lhes digo que o

fiz porque ela me contou que vocês estavam vivendo num chiqueiro. Gostarei de ver vocês fazendo um sacrifício e sofrendo. Isso lhes faria bem. Mas nenhum homem poderá jamais tornar-se útil a si mesmo, ou a seu próximo, vivendo na porcária e na sujeira, e fico pasmo de que um filho meu possa consentir numa coisa dessas.

— Éramos pensionistas, papai — disse Davy, movendo a cadeira —, e não poderíamos arranjar lugar em outra parte. Entre o trabalho e as reuniões, o prazo era curto para procurar outra coisa.

— Quando o prazo é curto, pouca é a utilidade — disse meu pai. — Deixemos isso, agora. Irei falar com a Sra. Beynon. Quanto a vocês, como disse, sua mãe me falou a respeito, e eu disse que os aceitaria de volta. Mas somente com uma condição.

Reinou silêncio por algum tempo.

Aquela sensação de calor e de silêncio cresceu, cresceu, até que pensei que rebentaria.

— Qual é, papai? — perguntou Davy.

— Seremos todos pensionistas aqui — respondeu meu pai. Pelos ruídos podia saber que meus irmãos estavam todos sentados, a olhar para meu pai, e podia sentir a lívida tensão.

— Mas, papai, por que será pensionista o senhor? — perguntou Davy.

— Porque permanecer aqui — disse meu pai. — Não sou um pai porque não tenho autoridade. Nenhum homem poderá dizer que é o chefe de um lar quando sua palavra não é obedecida. A minha não é, de modo que não sou um pai, mas alguém que paga o seu sustento. Sou um pensionista, e o mesmo são vocês, e sua mãe atenderá a mim e a vocês. Está pronto.

— Papai — disse Davy —, sinto muito isso. Desejaria poder fazer o senhor pensar como eu penso, somente para que me compreendesse.

— Já é tarde demais hoje, mesmo que quisesse — disse meu pai. — Amanhã é domingo e tenho de ir cedo à capela. Boa noite a todos.

— Boa noite, papai — disse Davy e os outros rapazes repetiram, mas tão baixo, como se a surpresa lhes houvesse feito perder a língua.

— De modo que agora já sabe — disse mamãe, depois que papai saiu.

— Sim, mamãe, já sei — disse Davy.

— Está bem — disse ela —, e quando subir, jogue cá embaixo sua camisa velha. Vocês também, Gwilym e Olwen.

— Sim, mamãe — disseram os rapazes.

— E nada de falatórios, na hora da comida — disse mamãe. — Se sou eu a dona da pensão, saberei levar as coisas ao meu jeito.

— Oh! mamãe — disse Davy e tenho certeza de que a beijou. — Irei cedo à capela também. Boa noite, mamãe.

— Boa noite — disse minha mãe. — Mais um dia com essas meias, Davy, e estaria você a mostrar as pernas. Que vergonha!

— A senhora haveria de ver as de Olwen, mamãe — disse Gwilym. — Mais um passo e a senhora veria com certeza sua nuca.

— Cale essa boca, homem — disse Olwen. Que alegria senti ao ver a satisfação com que mamãe subiu para deitar-se!

Capítulo VI

Depois disso reinou a paz em nossa casa, durante algum tempo, embora fosse demasiado pequeno para ter noção completa da coisa. Somente entendia o que via e ouvia, e muitas vezes desejei ver e ouvir mais do que devia. Nada é, porém, pior do que um meninote metido e de língua solta, mas graças a Deus nunca fui assim.

A família se reunia para comer da mesma forma, mas havia sempre na sala um sentir diferente. Mesmo quando Bronwen vinha, já não era bem como antes. Todos nós parecíamos receosos de dizer em que pensávamos, suponho que pelo medo de dar início a uma complicação. Assim, em vez do riso e da brincadeira de outrora, haveriam de pensar que estava ali na mesa conosco algum pregador.

Davy continuava indo à montanha e os rapazes com ele, de lá voltando juntos, abertamente agora, e não mais pela janela, mas entrando e saindo pela porta da rua. Por aquele tempo, estava Davy fazendo comícios para os homens dos outros vales e chegando a um acordo a respeito da formação de um sindicato de todos, de modo que se um grupo apresentasse uma queixa, todos sairiam a campo e paralisariam o serviço da jazida de carvão.

Justamente como agora acontece, estavam eles planejando naquele tempo. E após semanas de trabalho, Davy alcançou o que desejava. Depois disso a coisa alastrou-se como um incêndio por todos os vales. Todos os rapazes entraram a fazer parte, mas os homens velhos, como meu pai, nada quiseram ter com aquilo.

Davy discutiu com papai várias horas, mas afinal teve que desistir. Sabia que teria conquistado a maior parte dos velhos se meu pai houvesse cedido, e por isso tanto se esforçou por consegui-lo.

— Não, Davy — disse meu pai, uma noite. — Nunca assinarei isso. Sou um homem e resolverei os meus problemas particulares ao meu jeito. Não desejo auxílio de ninguém.

— Mas, papai — disse Davy —, o senhor era o nosso representante na última greve. Qual a diferença?

— Muito grande, Davy — disse meu pai. — Sabíamos o que todos desejávamos e podíamos definir nosso programa. Ele afetava a todos nós e aconteceu que eu fui escolhido para representante.

— Mas é isso precisamente o que pretendemos fazer — disse Davy. — Nós apresentamos nossas exigências e as sustentamos com apoio unânime.

— Essa é que é a complicação — disse meu pai. — Vocês são todos uns pedaços de gente, metidos nisso por causa do que pretendem obter. Exigências, chamam-nas vocês. Ora, eu sou contrário a exigências de qualquer espécie. Onde há exigência, não há razão, e onde não há razão, não há sentido algum. Quanto ao apoio de vocês, ou lá que palavra complicada seja, qual a utilidade disso?

— Unanimidade, papai — disse Davy —, significa todos juntos. E a utilidade é fazer com que os proprietários nos concedam preços justos.

— Unanimidade — pronunciou meu pai, com todo o cuidado. — Sim. Soa como é. Uma coleção de estúpidos macacos que não podem pensar por si mesmos. E os que falam por eles terão línguas de uma jarda de comprimento e nada de nada dentro das cabeças. Todo o espaço será tomado pelo rolo de suas línguas. Já os conheço.

— Serei um desses, papai — disse Davy.

— Será mesmo? — disse meu pai. — Aconteça o que acontecer, eu não serei. E está tudo acabado.

— Dia virá, papai — exclamou Davy —, em que o senhor terá de ser um deles.

— Quando chegar esse dia, Davy — replicou meu pai —, pensarei nisso de novo.

Ivor estava do lado de meu pai desde o começo. Nada do que Davy lhe disse conseguiu demovê-lo e isso foi causa de desavença

entre eles. Davy chegou mesmo a deixar de falar com Bronwen por causa disso.

De modo que, na verdade, durante algum tempo, formávamos ali um grupo feliz, com meu pai procedendo como um dono de pensão, meus irmãos fazendo tudo o que podiam para salientar que ele era o pai, e minha mãe tentando todos os meios para mantê-los unidos.

Os proprietários devem ter descoberto que meu pai era contra a ideia do sindicato, porque assim que o velho Rhys, o superintendente, morreu, ofereceram o lugar a meu pai, que, sem hesitar, o aceitou. Ó fato de ser superintendente aproximou meu pai do cargo de administrador, aumentou-lhe o ordenado e tornou-o um dos mais importantes homens da aldeia.

Mas, ao mesmo tempo, os homens começaram a pensar que ele se passara para o lado dos proprietários, e esse boato chocou-o mais do que sua briga com Davy. Não gostava de pensar que alguém pudesse considerá-lo desleal, especialmente para com os companheiros, mas não achava meio de combater o boato, pois nunca era este dito às claras.

Muitas vezes falava ele a esse respeito, à noite, com minha mãe, e eu não perdia uma palavra. Minha mãe fazia o impossível para torná-lo feliz de novo, mas não dependia dela. Dependia dos companheiros, e não havia meios de conquistá-los, pois não mais vinham ter com ele, como costumavam fazê-lo. Notou a mudança desde o instante em que seu nome foi afixado na tabuleta.

Durante os primeiros dias, os companheiros passavam por ele sem cumprimentá-lo, tocando apenas nos bonés por civilidade. Mas quando mais de dois dias se passaram, e depois uma semana, sem que os homens lhe falassem, exceto a respeito de assuntos do serviço, começou a perceber que estava sob suspeita. Como se merecesse censura por ter sido feito superintendente, mamãe falou com Davy a esse respeito, quando viu que não havia quem fosse contar a Ivor.

— Davy — disse ela —, que há com seu pai?

— Ora, mamãe — disse Davy, e ele sabia, sem dúvida, o que minha mãe queria dizer. — E é bem estranho que papai houvesse

sido escolhido para superintendente, quando toda gente sabe que ele é meu pai.

— Que há de estranho nisso, rapaz? — perguntou mamãe, com a faca suspensa a meio caminho da torta.

— Porque eu sou seu filho e moro na mesma casa. Eu represento o sindicato rebelde contra os proprietários e papai é conhecidamente contrário a mim. Por que escolheram a ele, em vez de escolherem Tom Davies ou Rhys Howell? Ambos são idosos, embora não sejam capazes de exercer melhor o cargo, essa é que é a verdade. Escolheram papai para me insultarem e aos rapazes que estão comigo.

— Isso é tolice, rapaz — disse minha mãe, pousando os pratos com estrondo. — Vocês o que parecem é um bando de crianças. Seu pai sempre fez o que estava direito e sempre o fez bem. Não há melhor homem em todos esses vales. Se vocês crescessem para serem iguais a ele, Deus haveria de sorrir satisfeito, com certeza. Você vai dizer a esses malucos desses homens que seu pai está com eles agora, tanto como sempre esteve. Esperem até que ele tenha uma ocasião de prová-lo.

— Os companheiros esperarão até lá, mamãe, tenho receio. É inútil falar com eles, agora. E a senhora faria melhor avisando Ivor de que sua vida correrá perigo, se ele continuar a falar tão estupidamente como vem fazendo. Faria melhor ficando de boca fechada, a não ser que prefira que eu a feche.

— Davy Morgan — disse minha mãe —, como pode você referir-se a seu bom irmão dessa maneira? Na verdade, nunca pensei ouvir isso de sua boca. Se alguma coisa acontecer a Ivor, enquanto estiver cumprindo com seu dever, ao lado de seu pai, eu o amaldiçoarei até o meu último suspiro.

— Mamãe, mamãe — exclamou Davy, levantando-se para abraçar minha mãe, mas ela esforçou-se por afastá-lo. — Não estou dizendo nada contra Ivor, mas apenas avisando. Os homens são de maus bofes e de certo modo perigosos.

— Se Davy não tivesse sido enérgico com eles — disse Olwen — ambos teriam sido jogados por cima da ponte há dias passados.

Minha mãe estava parada, como que em sonho. Novas rugas se formaram em seu rosto e seus olhos se dilataram com um sentimento pior do que inquietação.

— É assim, com essa gente? — sussurrou ela. — Oh! Davy, meu menino, pensei que tudo não passasse de conversa.

— Não, mamãe — disse Davy, beijando-a. — É coisa séria. Os homens terão aquilo que querem desta vez, e, se julgarem que alguém quer detê-los, passarão por cima, seja meu pai ou não. Há um movimento grevista para substituir papai.

— E você permitirá isso? — perguntou mamãe.

— Que sou eu contra vinte mil homens ou mais? — perguntou Davy.

— Vinte mil? — perguntou mamãe, e seus olhos brilhavam e se obscureciam ao mesmo tempo, enquanto procurava imaginar quantos fossem.

— Vinte mil, mamãe — disse Davy, e bem triste estava ele —, e provavelmente serão cem mil antes que o mês finde.

— Oh! Davy, meu filhinho — disse mamãe, sentando-se na velha cadeira junto do fogão. — Onde irá você parar? Que complicações nos trará você?

— Um sem-fim delas, mamãe — disse Davy, baixando o olhar para ela. — É apenas o princípio.

— No princípio era o Verbo — disse Olwen, e sua voz soava com uma profundidade de abalar —, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus.

— Chegaremos atrasados — disse Davy, consultando o relógio. — Mamãe, nada acontecerá a papai ou a Ivor, se estiver ao meu alcance. É tudo quanto posso dizer.

Beijou-a na fronte e fez sinal aos rapazes para saírem. Quando eles partiram, minha mãe encarou-me.

— Huw, não fale nada a seu pai a respeito disso.

— Sim, mamãe.

— Venha cá. Sabe onde os homens se reúnem à noite?

— Sei, sim, mamãe. Perto do campo de Jones, o zelador da capela.

— Oh! — disse ela. — Lá em cima, não é? Agora preste atenção, Huw. Seu pai esta noite vai trabalhar até tarde. Você me levará até lá em cima. E nada dirá, está ouvindo?

— Sim, mamãe — respondi, enquanto sua expressão me cortava o coração.

— Está bem. Angharad e Ceridwen estarão aqui num instante. Nem uma palavrinha, meu rapaz.

Ficara na cama uns três quartos de hora, de cortinas descidas, até que minhas irmãs foram deitar-se. Logo que elas se deitaram, ouvi minha mãe abrir o armário, para dele tirar sua capa e a touca, e o barulho que fazia ao retirá-las do papel.

Depois afastou as cortinas e olhou para mim, escondendo a luz.

— Huw — sussurrou ela —, está dormindo?

— Não, mamãe.

— Faz pena tirar você do quente — disse minha mãe, com lágrimas na voz. — Durma, meu filhinho. Eu me arranjarei sozinha.

— Não, ora essa, mamãe. A senhora poderia cair no rio.

— Sim. Estava pensando nisso. Tenho estado metida em casa há tanto tempo, de fato, que me perderia, mesmo daqui à capela.

— Espere que me vista, mamãe. E levarei a senhora lá num minuto.

— Venha então — disse ela, levantando minhas calças de xadrez. — Há muito de seu pai em você, na verdade.

— Bom — disse eu, e mamãe sentou-se, rindo. Depois que me vesti, saímos pela porta do quintal e pelo caminho de trás até os fundos da casa de Dai Ellis, o estribeira. Cruzamos o rio pela pontezinha de madeira, o qual estava mais alto do que as pedras.

O rio estava quase gelado e cheio até as margens. O inverno quase terminara, mas ainda fazia muito frio e a neve estava prestes a cair, e realmente naquela noite eu podia sentir-lhe o cheiro como o da chuva, somente mais frio, e com um sabor acre que parecia queimar-me o nariz, bem entre os dois olhos.

— Cuidado, agora, Huw — disse minha mãe, ao cruzarmos as pranchas. — Você é tão pequeno que pode escorregar pelo meio delas. Dê cá sua mão.

Meti a mão no regalo de mamãe e continuamos a subir, indo eu debaixo de sua capa, mostrando apenas um pedaço de cara para poder enxergar o caminho.

Não indagava de mim mesmo a razão da ida de minha mãe. Não me lembro de haver pensado nisso. Mas podia sentir seu calor em redor de mim e ouvir a sua fala baixinha quando o caminho não era demasiado íngreme.

Estava mais escuro dessa vez porque havia mais árvores, mas o céu parecia tão negro que não havia possibilidade de vermos as grimpas e podíamos enxergar a vereda somente porque era mais negra do que a grama dos lados. Minhas botinas batiam no chão duro como um martelo e muitas vezes arrancavam pequenas faíscas, e eu procurava' repetir a experiência até que minha mãe me deu um puxão.

— Botinas custam dinheiro — disse minha mãe, com a respiração formando um véu em torno de seu rosto. — Levante os calcanhares, menino. Você está parecendo um isqueiro.

Bem no alto da montanha, tivemos que parar muitas vezes para que minha mãe tomasse fôlego; ela, porém, não esmorecia. Não havia esperança de voltar atrás, quando minha mãe começava uma coisa. Mesmo quando a neve começou a cair, derretida, ao sairmos de sob as árvores para o pasto, ela nada disse, embora me pegasse com mais força. Não havíamos ido longe, quando principiou a nevar tão rijo, que era como caminhar debaixo de uma chuva de pedaços de papel, mas eu estava certo do caminho e nem uma vez nos detivemos.

— Tem certeza do caminho, Huw? — perguntou minha mãe, deixando cair a neve da sua touca, em cima de mim, ao curvar-se. — Onde é que é?

— Sim, mamãe — disse eu, surpreso com a pergunta. '—' Se não tivesse, diria à senhora.

— Oh! Gwilym — disse minha mãe. — Vamos, então, Huw.

Continuamos subindo. Mas mamãe estava cansada e pensando sobre mim. Sentia-me orgulhoso de conduzi-la e auxiliá-la, como vinha fazendo. Hão de imaginar o meu estado, quando avistei as fogueiras que os homens haviam feito a pouca distância, acima de

onde nos achávamos, parecendo grandes flores vermelhas através de hostes de sombras tempestuosas e deslizantes de neve, que assobiavam ao cair e rangiam sob nossos pés.

— Chegamos, mamãe. Ali estão eles. Veja.

— É isso mesmo. Vamos calados, agora.

Passamos em redor das duas maiores fogueiras e, quando chegamos mais perto, vi que as tinham feito em cima da rocha, e mais fogueiras ardiam no campo, cercadas pelos homens.

Alguém, que não era Davy, falava da borda da rocha, mas justamente quando lhe atingimos o sopé, acabou e desceu.

— Depressa — disse minha mãe —, ajude-me a subir até lá, agora.

Na verdade, nunca fiquei mais surpreso do que naquele dia. Minha mãe trepava pelo rochedo, com a capa arrastando na neve. Cada vez subia mais, e virou-se, quando chegou em cima, para olhar para mim.

Difícilmente podia ouvir o que ela estava dizendo, porque os homens ainda aplaudiam o último orador.

— Huw — gritou ela, fazendo concha das mãos —, espere por mim aí.

— Está certo, mamãe — respondi, e vi que ela atravessava cuidadosamente o rochedo pela frente, até onde o último homem estivera parado a falar.

Os aplausos cessaram, quando os homens a viram de pé ali, mas ninguém podia ver bem quem era por causa da neve e por estar encandeada pela luz e pela fumaça das fogueiras. Alguns homens, dos que se achavam embaixo e na frente, viram que se tratava duma mulher e começaram a gritar para os outros, mas eles apenas conseguiram ver a forma de sua capa. Seu rosto estava oculto pelo regalo, a fim de evitar que a neve o ferisse.

Dera a correr uma volta em frente do rochedo, para ver o que minha mãe ia fazer, quando ela afastou o regalo e começou a falar. Alguns homens tinham vindo de uma das fogueiras, em cima do rochedo, para ver quem era, mas quando ela começou a falar, pararam onde estavam.

— Sou Beth Morgan — disse minha mãe, e sua voz soava profunda e forte, como a de um homem. — Subi até aqui para dizer-lhes o que penso de vocês todos, pois vim a saber que andam falando mal de meu marido. Duas coisas neste mundo eu odeio. Uma, é falar pelas costas, e a outra, os piolhos. De modo que vocês ficarão sabendo o que penso de vocês.

Os únicos rumores que se ouviam, quando minha mãe parou, eram o estralejar da madeira e o cicio da neve.

— Vocês são um bando de covardes para andar falando do meu marido — disse mamãe, com voz bem cheia. — Ele nada fez contra vocês e nunca fará, sabem vocês disso muito bem. Ele é superintendente da mina de carvão agora, porque todo homem terá a recompensa de seu trabalho. E essa foi a sua. E quanto a vocês pensarem que ele está do lado dos proprietários, porque obteve a recompensa merecida, é não somente uma tolice, mas uma maldade chapada. Não sei como alguns de vocês podem sentar-se ao lado dele na capela. Para isso, eu precisava ter uma língua de fogo acima da minha cabeça, na verdade. Mas há outra coisa mais a dizer e é a seguinte. Se algum dano acontecer ao meu Gwilym, hei de descobrir seus autores e matá-los-ei com minhas mãos. E isso eu juro pelo Todo-Poderoso. E não haverá inferno para mim. Ninguém vai para o inferno por matar piolhos.

— Mamãe! — chamou Davy, de trás do rochedo. Minha mãe virou-se para olhar para Davy, mas não podia vê-lo, a princípio.

— Não sou sua mãe — disse ela —, quando você está misturado com essa gente. Você é piolho igual a eles. E se seu pai vier a ser molestado, você será o primeiro que despacharei.

Davy saiu da escuridão, para dirigir-se ao encontro de minha mãe, mas ela se desviou e começou a descer tropeadamente a rocha. Corri a ajudá-la a achar lugar onde pusesse os pés, e Davy ficou no alto, observando em silêncio. Os homens conversavam baixinho e nada mais, e se efetivamente já ouvi a voz da vergonha, foi naquela ocasião, enquanto minha mãe chorava, ao descer.

Somente percebi que ela chorava, quando caminhou um pouco e tirou minha mão de dentro do regalo para assoar o nariz.

— Mamãe, a senhora mataria esses homens?

— Sim, Huw, mataria.

— Mas papai diz que está escrito na Bíblia: “Não matarás”.

— O que está escrito na Bíblia e o que se passa fora é diferente. Mas se eles tocarem no seu pai, cumprirei minha palavra. Fique calado agora e ache o caminho de volta. Está com frio?

— Não, mamãe. Exceto os meus pés, que estão umas verdadeiras pedras.

— Huw, meu filhinho — disse minha mãe, parando —, venha cá. Eu carregarei você.

— Não, mamãe — disse eu, sentindo ganas de gritar. — Não quero. Posso ir pelos meus pés. Venha. Eu lhe mostrarei o caminho.

— Você é o mesmo que uma mula velha, rapaz. Siga na frente, então. E tome cuidado. Não consigo deveras enxergar coisa alguma.

A neve caía mais depressa agora e nós nos achávamos ainda no pasto, de modo que o vento e a neve se encarniçavam em torno de nós e a escuridão era espessa. Achava o caminho somente por causa do declive do campo e do som da terra sob meus pés, duro em alguns lugares, e suave em outros, mas sabia onde deixaria de ser duro e onde começaria a ser brando.

E nós descíamos, com minha mãe inclinando-se pesadamente sobre meu ombro e parando muitas vezes para tomar fôlego. O vento começava agora a gritar, como uma mulher aflita. Foi melhor, e seguimos mais depressa, quando alcançamos as árvores, mas a neve estava formando pilhas ao atingirmos o nível do rio, derrubada dos ramos, de modo que tínhamos de levantar os pés e senti-los mergulhar de novo, não sabendo a que profundidade nos achávamos, até que tocássemos o solo.

Precisamente antes de alcançar a ponte, caí num montão de neve rente com meus ombros e minha mãe também, por cima de mim, quando procurou tirar-me de lá. Eu jazia de cara para baixo e podia senti-la tentando levantar-se, mas quanto mais se esforçava, mais eu caía, de cara para baixo, lutando por conservar o fôlego. Devo ter perdido então os sentidos, porque quando despertei estava no colo de minha mãe, sentada sob a nevasca, sem touca, o cabelo todo coberto de neve, olhando ansiosa para mim.

— Huw — disse ela.

— Que é, mamãe? — respondi, com vontade de chorar, mas me contendo.

— Está machucado? — perguntou ela, com o mesmo tom de voz, como se lhe doesse a garganta.

— Não, mamãe. Mas está fazendo frio.

— Venha então — disse ela e tentou levantar-me, mas caiu para trás. Consegui levantar-me, mas senti-me como quando ganhei a corrida, todo atordoado e pronto a cair de novo. Mas tinha certeza de que podia manter-me de pé, pois minha mãe estava precisando do meu auxílio, de modo que me dirigi para ela e peguei-a pela mão.

— Venha, mamãe. De pé.

— De pé, hem? Sim, e quem estava de pé agora mesmo, assustando sua mamãe?

— A culpa não foi minha, mamãe. Foi dessa neve. Minha mãe puxou-me para si e apertou-me tão fortemente, que quase perdi a cabeça de novo.

— Huw, meu filhinho. Sua mamãe pensou que a neve ia ficar também com você. Ficarão com nós dois, se não pudermos sair daqui. De pé, agora.

Encontrei sua touca, enquanto ela amarrava a capa, e segui na frente, mas cuidadosamente desta vez, até alcançarmos a ponte.

Mais perto da ponte demos com o vento em cheio, que carregava neve tão espessa, que nada se podia ver através dela. Achei caminho através das pranchas, agarrando-me na barra de madeira, enquanto minha mãe me segurava pela mão. Tínhamos que andar cautelosa e lentamente, e durante todo o tempo o vento não cessava de empurrar-nos para o gelo.

Mas descobrimos o outro lado e depois nos perdemos, podendo apenas conjecturar para onde seguir.

Onde nos achávamos, a distância não era grande para nossa casa, mas não podíamos ver coisa alguma, exceto a escuridão casada com a neve. Da ponte estava certo de conhecer o caminho a seguir, mas depois de caminhar alguns minutos, minhas botinas tocaram em pedras e percebi que, se déssemos mais um passo, cairíamos no rio.

— Sinto muito, mamãe. Mas perdi o caminho.

— Está bem, meu filhinho. Você fez o que pôde, na verdade. Deveremos voltar agora?

— Estas pedras indicam que estamos quase perto da capela, mamãe, de modo que se atravessássemos por aqui iríamos dar diretamente na casa de Morris, o açougueiro.

— Siga, então, Huw. O homem aqui é você.

Fiquei abrasado, como que galvanizado, quando minha mãe disse isto. Infundiu-me mais coragem, na verdade, e arrojé-me na direção em que pensava estivesse a casa de Morris, o açougueiro, como se fossem três horas de uma tarde primaveril.

Mas se eu me sentia forte e seguro, o mesmo não acontecia com mamãe.

Já tínhamos percorrido cerca de metade do caminho, através das rochas e do cascalho, e pesava ela cada vez mais sobre meu ombro, com a respiração ofegante, quando levou as mãos ao peito e caiu de borco, calada, imóvel.

O terror se apoderou de mim.

Olhei para ela, mancha negra na neve, com a neve branquejando cada vez mais por cima, e tive medo. Mas lembrei-me de que ela me havia chamado um homem, e cerrei os punhos. Que fazer?, perguntava a mim mesmo. Se corresse a buscar meu pai, talvez não encontrasse minha mãe de novo. Se ficasse ali com ela, talvez nós dois não fôssemos encontrados e ela então morreria de frio. Talvez se eu fosse, deixando-a ali, não conseguisse chegar até meu pai.

E durante todo o tempo em que pensava no que deveria fazer, mantinha-me ajoelhado a seu lado, tirando e raspando a neve que a cobria, odiando cada pedaço e cada punhado, como se fosse uma coisa viva e capaz de compreender, odiando aquela neve branca, silenciosa, fria e cruel.

Pensei então nos rapazes. Em breve estariam descendo de volta, e alguns deveriam passar pela ponte. Se eu conseguisse conservar minha mãe ali perto, teríamos de ser encontrados por alguém. Logo que pensei nisso, pus-me em ação.

Mas como minha mãe parecia pesada para minhas forças! Tentei e tornei a tentar, mas seus braços estavam frouxos e escorregavam, quando eu procurava levantá-la pelos ombros. Parecia-me por

demais rude agarrá-la pela perna, como eu teria feito com um menino. De modo que tentei e tornei a tentar, chorei de raiva por ser tão fraco e desejava que a neve fosse mais dura e tivesse forma, para me lançar contra ela às dentadas.

Afinal, pus os braços em torno da cintura de minha mãe e, ajoelhando-me na neve, agarrando-a desse jeito, rastejei na direção da ponte, puxando-a e arrastando-a pelo caminho.

Parecia-me que passavam horas. Nada mais sentia nem pensava, mas chorava pedindo a Deus auxílio para salvar minha mãe e ajudado fui com certeza, pois não posso dizer onde achei forças.

Percebi que havia alcançado a ponte quando meus ombros bateram de encontro ao parapeito. Puxei minha mãe, pondo-a ao abrigo do pilar, e procurei sentá-la, apoiada nele. Ela, porém, estava ainda desmaiada, com a boca aberta, tendo eu de conservá-la fechada. Então senti que não podia mais ficar de pé. A força desaparecera de minhas pernas. De modo que tive de rastejar, para encontrar o meio da ponte, e raspar a neve para sentir as pranchas e ficar certo de que estaria perto, quando os rapazes a atravessassem. Depois arrastei-me de volta, para onde estava minha mãe. Ela escorregara para um lado e estava prestes a cair no rio. Puxei-a com todas as forças para fazê-la voltar à antiga posição. Ela, porém, era pesada demais e meus braços fracos demais, nada podendo fazer com os dedos, tão gelados estavam.

E quando percebi que ela cairia forçosamente no rio, vi que só havia uma coisa a fazer. Conservei-a estendida, pesando sobre seu corpo, e depois, por cima dela, rolei dentro do rio. Sabia que não era fundo ali, e que a água dava apenas pela minha cintura, pois fora naquele lugar que eu aprendera a nadar.

Mas agora estava acima de meu peito, e quando entrei na água ela estava tão fria que parecia ter aberto suas mãos para agarrar-me, e tão forte que fiquei sem fôlego uns bons minutos. Com a cabeça no meio de seu corpo e com as mãos pegando-a pelo queixo e pela perna, mantinha minha mãe, de forma que não pudesse escorregar, mas tinha medo de que as pernas me faltassem, pois não estava de pé, mas ajoelhado de encontro às rochas, e o gelo me cortava o queixo.

Minha mãe continuava muda e sem movimentos, mas isso não me amedrontava, tão insensível me encontrava.

Não posso dizer quanto tempo durou isso, mas muito custou para que eu visse uma luz, a luz amarela duma lanterna, ondulando perto de mim, na aflitiva escuridão. Tentei gritar, mas a voz me fugira da garganta. Fiquei louco por gritar, por ter aquela luz mais perto, poder levar minha mãe para casa.

De modo que a voz me veio, mas não era minha voz, pois não há voz que produza o som que emiti. Toda a fúria de um ser vivo, lutando contra a dor inútil, vibrou no grito que atraiu a lanterna para o nosso lado.

Era Davy, mas só tive força nos olhos para ver seu rosto, frio e azulado, iluminado por uma luz amarela, seus olhos brilhando, grandes e fixos, e sua mão cercando a lanterna para protegê-la. Lembro-me de que caí no meio do gelo, quando senti que ele retirava mamãe das minhas mãos.

— Huw, Huw — ouvi-o gritar, chorando —, ó Huw!

Capítulo VII

Despertei na cama da cozinha e vi a luz do candeeiro, brilhando avermelhada nas almofadas das portas. É engraçado acordar e não ficar sabendo se somos nós mesmos.

Embora a gente esteja como é, habitualmente, contudo há algo que falta e a gente pergunta a si mesmo onde está, quem é e por quê. Há uma porção de coisas que faltam na nossa vida, quando não temos .noção de quem somos. Tem-se diante dos olhos apenas um quadro e nada mais que o vazio por trás dele, nem mesmo o conforto de conhecer-se o próprio nome. Na verdade, é isso que causa tanto medo à gente e nos faz gritar, ansiosos, para ter a companhia de nós mesmos. O homem é um covarde no espaço, porque está só, e quando temos a sensação da solidão e da solidão de nós mesmos, enchemo-nos de pavor. Fico a imaginar para onde irá o eu real, quando sentimos tão estranha sensação.

Comecei a gritar.

O pior é que não consegui gritar. Tentei, mas nada saía da garganta.

Nenhum medo é pior do que esse de sentir-se perdido em si mesmo e de não ter voz para gritar.

Esse é que é o pavor autêntico e terrível.

Porque nos sentimos em pleno espaço, ouvindo, pensando e vendo, mas sem fala e sem ideias. Começamos a chorar e as lágrimas nos cegam, enchemo-nos de fúria para enxugá-las e poder ver, elas porém continuam a brotar e nos sentimos perdidos num nevoeiro de brilhante umidade.

Então ouvi Bronwen cantando suavemente, bem pertinho de mim.

Num relâmpago, encontrei-me a mim mesmo, e o sangue inundou-me todo, aquecedor, e tamanha dor me causou que tentei virar-me. Estava bem apertado por ligaduras. Meu rosto, meus braços, meu corpo inteiro e pernas, eu todinho, era uma salsicha só, de macias e móveis ligaduras.

Em torno de mim pairava o cheiro suave e gordo de enxúndia de ganso e percebi, então, por que as ligaduras eram escorregadias. Eu estava todo untado de enxúndia de ganso, para curar queimaduras de frio.

A lembrança de estar agarrado à minha mãe voltou-me e aí, então, cresceu em mim o terror. Tentei olhar para Bronwen, mas não podia mover a cabeça e toda ela doía. Mas Bronwen deve ter notado meus esforços para mover-me e falar, pois levantou-se ligeira do assento, como se houvesse dado um pulo.

Ela cheirava sempre a tomilho e alfazema, porque fazia saquinhos deles para os lençóis e suponho que punha os dois na própria água em que tomava banho. De modo que estava sempre perfumada e não há coisa mais agradável do que isso.

Ajoelhou-se a meu lado, sussurrando, mas eu não podia ouvir, por causa da ligadura. Limpou meus olhos e levantou-se para contemplar-me.

Que bonita que era Bronwen, bonita deveras.

— Huw — disse ela, como se receasse falar —, está sentindo dores?

Acenei com a cabeça e seus dentes cravaram-se fortemente nos lábios.

— Oh! Huw — disse ela, sorrindo cheia de bondade e chorando mansinho —, meu pequeno Huw. Como me sinto orgulhosa de usar o mesmo nome que você. Orgulhosa, deveras.

Curvou-se para beijar-me, ligeira e tão levemente, que era como o toque tépido duma mariposa, e correu então a chamar meu pai, que estava lá em cima, sentado, com minha mãe.

Primeiro entrou o Dr. Richards, barulhento, para tomar meu pulso, olhando para o relógio com as sobranceiras erguidas, e depois veio meu pai, pondo-se ombro a ombro com ele e olhando para mim, com as mãos nos bolsos da jaqueta.

— Ele escapará — disse o Dr. Richards. — Mas não me é possível explicar na verdade. Vocês estão criando cavalos nesta família, Sr. Morgan. Quanto a mim, acho que esse menino estaria é num caixão.

— Graças a Deus não está — retrucou-lhe papai. Olhou de novo para mim e sorriu. — Sua mãe está passando muito bem, meu filho, e também sua nova irmã. Graças a você, sem dúvida. Seu pai, Huw, sente-se muito orgulhoso de você.

Curvou-se para beijar-me, deixando em torno de mim o seu cheiro e do seu cachimbo. Meu silêncio encheu-o de inquietação por mim, mas o Dr. Richards puxou-o para fora do quarto e disse que eu estava com sono.

— Sra. Ivor — disse o Dr. Richards a Bronwen, quando meu pai saiu —, desatemos a ligadura agora e vejamos como vai ele. Tenho receio de uma fratura.

Ora, isso foi a última coisa de que me recordo, porque logo que o Dr. Richards puxou as ligaduras e botou a mão na minha perna, causou-me tamanha dor que suponho haver desmaiado.

Estranho é voltar a pensar dessa forma e ser de novo uma criancinha, e falar de gente que já se foi nestes anos.

Tive febre nos ossos de minhas pernas, durante quase cinco anos depois disso. Cinco anos, jazendo na cama da parede, e incapaz de levantar-me, de sair, de mover-me afinal.

Tempo não me faltou para pensar.

Durante meses, a princípio, não fui completamente examinado por causa da dor. Depois ela melhorou e por fim não senti mais dor alguma. Contudo, não tinha permissão de levantar-me, por causa da fratura, que tinha de ser mantida em talas até encanar-se.

Enquanto estava apenas vivendo, não tomei conhecimento do que ia acontecendo, e, na verdade, não me recordo bem de coisa alguma a respeito.

Sabia apenas que era Bronwen quem cuidava de mim, noite e dia, até que ela teve um filho, um menininho.

Deram-lhe o nome de Gareth.

Os rapazes entravam muitas vezes para ver-me. Todos tinham que fazer suas refeições na saleta de visitas, durante o tempo em que estive mal, e, às vezes, à noite, era-lhes permitido entrar um

instante, embora eu ainda não pudesse falar-lhes, por causa de um maxilar quebrado.

Mas todos se mostraram muito bondosos para comigo, mais tarde, e Davy e Olwen se revezavam para ler livros, mas tiveram de interromper a leitura da Vida de Johnson, de Boswell, porque me causava riso e a risada me magoava bastante.

Que homem era aquele Dr. Johnson! Na verdade, gostaria que houvesse alguns de sua espécie, vivendo hoje em dia. Veja você, sempre ouvi chamarem-no de velho intrometido e outras coisas assim. Mas sempre percebi que os que diziam tais coisas eram justamente aqueles a quem o Dr. Johnson faria meter debaixo da mesa com um olhar, sem mesmo dizer uma palavra. Tenho uma grande dívida, na verdade, para com Boswell. Quão feliz deve ter-se ele sentido, ao escrever a respeito de tão grande homem.

Foi durante aquele tempo que tomei gosto pelos livros. Não tínhamos muitos em casa, mas os que havia eram bons, embora um tanto sólidos demais para mim, não de convir. Meu pai, Davy e Ivor, quando tinham tempo, passavam maus bocados para explicar as palavras difíceis que apareciam, e assim, sem esforço, subi com eles.

Mas apertados passávamos com o Sistema de lógica, de Stuart Mill. Era tão difícil que ríamos, sem parar, de nós mesmos. Nós varamos até o fim e tanto melhor para nós. Outro homem de cabeça!

A Bíblia, já se sabe, era lida por meu pai e por Olwen, antes de irem para a cama, e por fim cheguei a ficar conhecendo-a tão bem como Olwen.

Foi então que comecei a refletir a respeito de Cristo e nunca mais mudei meu modo de pensar. A mim me apareceu então como um homem, e penso nele ainda como em um homem. Dessa forma, sentia-me confortado. Se tivesse sido um Deus, ou mais filho de Deus que qualquer de nós, seria então injusto exigir que fizéssemos o que ele fez. Mas se era um homem que achou por si mesmo o mistério da vida, então todos nós teremos uma oportunidade de fazer o mesmo. E com a ajuda de Deus faremos.

Na verdade, vou sair desta casa hoje à noite, para tentar descobrir o que há comigo e com a gente que conheço, porque há algo de radicalmente errado em nós todos, não resta dúvida.

Davy costumava dizer a mesma coisa, e se jamais alguém teve motivos para fazer perguntas a seus companheiros, esse alguém foi Davy. Quando melhorei, costumava escrever cartas por ele, não porque não fosse capaz de escrevê-las de próprio punho, mas porque eu tinha o dia inteiro para fazê-lo. De modo que vim a ficar conhecendo tudo quanto concernia ao sindicato e, logo de início, percebi que as coisas estavam erradas.

A Sra. Tom Jenkins costumava subir até nossa casa, após as aulas, com suas filhinas, e dava-me as lições do dia vindouro, levando a tarefa que eu havia feito durante o dia. Foi muita bondade de sua parte subir todos os dias aquele caminho, apenas para ganhar uns pence por semana e fazer o melhor que podia por um menino doente. E não pensem que é história, era o melhor mesmo. Arranjou cadernos de caligrafia para mim, comprados por papai, a fim de que eu tivesse boa letra quando chegasse o tempo de levantar-me da cama. E eu sabia escrever bonito, também. Nunca disse isso, mas não posso expressar em palavras o que me ocorreu, quando ganhei um concurso de caligrafia, organizado por um jornal da cidade.

Você haveria de ver o olhar de papai, quando leu a notícia no jornal. Estavam todos na cozinha, pois era hora de leitura, à espera de papai, que estava atrasado, o que era estranho da parte dele.

Mas quando ele entrou, resfolegando um pouco por causa da subida, trazia o jornal debaixo do braço, ao puxar sua Bíblia, e do jeito como entrou e se sentou na cadeira, percebemos que tinha algo de sério a contar. De modo que todos ficamos quietos. Podíamos ouvir a voz de mamãe lá em cima, ninando nossa irmãzinha.

Meu pai pôs seus óculos, pegou o jornal e relanceou a vista por todos os rapazes, sem olhar, porém, para mim. Pensei que havia praticado alguma coisa errada e quebrava a cabeça para imaginar o que fosse, quando meu pai limpou a garganta, e então foi que vim a saber que se tratava de coisa boa e não de coisa ruim para mim.

— “Concurso de caligrafia” — leu ele, e meu coração pulou até quase o céu de minha boca. — “Meninos abaixo de doze anos de idade. Primeiro prêmio, de dois guinéus, concedido ao menino Huw

Morgan, filho do Sr. Gwilym Morgan, por uma nota de grande mérito.”

Bem, todos ficaram calados ao ouvir isto.

Meu pai largou o jornal, tirou os óculos e começou a bater de leve com eles na cadeira.

— E esse menino — disse ele — tem estado deitado ali para mais de três anos, e de sua boca não saem senão risos, senão palavras de alegria. Receio... — continuou ele, olhando para mim — que terei de parar por aqui mesmo o que ia dizer. Que bom filho é você, Huw, meu filhinho. Se fosse ter com você agora, acho que haveria de proceder muito tolamente. Deus o abençoe, meu filho. Você é deveras um consolo para mim.

Então, todos se levantaram. Liam repetidamente as poucas palavras do jornal, como se quisessem decorá-las de cada vez, ou ver se estava oculta alguma coisa que fora esquecida. Gwilym correu a buscar Ivor e Bronwen e foi isso sem dúvida o remate daquela noite.

— Como você é inteligente, menino — disse Bronwen, fingindo-se tímida e sorrindo a seu jeito. — Você faz com que me sinta como o Chapeuzinho Vermelho diante do lobo mau. Já lhe nasceram dentes grandes e fortes, velho lobo?

Meteu a ponta do dedo na minha boca. Meu queixo estava melhor agora, embora um pouco fraco, mas dei-lhe uma boa dentada no dedo e segurei-o até que ela gritasse.

— Ô danado! — gritou ela — os queixos que arranjou estão como os de uma mula velha. Muito bem, sim senhor! Você vai me pagar. Terá de comer seu jantar sozinho.

Davy veio sentar-se a meu lado, quando Bronwen foi ajudar as meninas a preparar a ceia, e ficou olhando algum tempo para mim sem dizer nada.

— Você é um menino inteligente, Huw, é o primeiro da família que tem o nome no jornal. Muito bem. Então agora vamos transformar isso em bom lucro. Você ganhará dois pence todas as vezes que escrever uma carta para mim. Que acha do negócio?

— Prefiro escrever de graça para você, Davy.

— Não, não. Escreverá para o sindicato. E os dois pence servirão para pagar-lhe a escola e para algum feriado, quando você estiver melhor. De acordo?

— Está bem — disse eu, pois a ideia de que poderia pagar com dinheiro meu me dava prazer.

Bronwen deu-me a ceia naquela noite como de costume, mas com um pedaço de torta, em lugar do pão e do leite. E que gostosa ela estava!

— Se não se arranjar bem com a comida — disse ela —, me diga, que farei o grande homem voltar à comida de bebé.

Sabia ela que, por causa disso, eu mastigaria o mais que pudesse, e assim fiz, apoiado na curva de seu braço, sentindo-lhe o cheiro de tomilho e alfazema e o calor do corpo, vendo-lhe o rosto dourado à luz do lampião e os olhos sorridentes. Talvez não estivesse direito que um menino se apaixonasse por uma mulher — dez anos mais velha do que ele, mas ninguém nunca soube, nem mesmo Bronwen, até o dia de hoje. Dessa forma, nada houve de mal, tendo sido ela sagrada para mim, durante toda a minha vida. E ela completaria setenta e dois anos no próximo mês.

Assim passam os anos.

Mas eu nunca descobri que estava apaixonado, sem dúvida, a não ser muito mais tarde. Fala-se muita coisa errada a respeito do amor e a maior parte dos que assim fazem são os que nunca o conheceram, que não tiveram no seu íntimo o dom de inspirá-lo aos outros. Conversas de amor em tais bocas são, deveras, uma grosseria.

Experimentei-lhe o primeiro sabor quando Olwen encontrou Marged Evans. Marged era filha de um dos mais velhos amigos de meu pai, e veio para nossa casa porque sua mãe pensava que ela aprenderia a dirigir uma casa de família. Minha mãe estava ainda muito fraca para cuidar direito da faina diária, de modo que tinha de ficar na cama. Ordens de meu pai, e razoáveis.

Marged tinha uma boniteza calma, com olhos de um azul escuro que mudavam de cor, quando ela ria, e agradavam tanto à gente, que dava vontade de rir mais do que o devido. Durante a primeira semana mostrou-se tão tímida, que ninguém conseguiu dela

arrancar outra coisa que "sim", "por obséquio" e "obrigada". Bronwen empregou todos os meios para conversar com ela. Eu também e papai. Mas não houve jeito. Marged conservava a cabeça baixa e quem quisesse troçá-la veria lágrimas brotarem e ficaria triste. Como é que as pessoas que têm estranhos tímidos em casa não pensam que a saudade do lar e todas as caras estranhas, costumes e vozes possam fazer doer um coração?!! A gente está tão acostumado com sua casa e com seu povo, que nunca chega a pensar que o que é comum para nós pode ser um deserto de desastrosa novidade para outrem.

Estava conosco havia uns quatro ou cinco dias e se encontrava já naquele estágio em que podia sorrir para a gente rapidamente e olhar para fora, ao lhe dirigirmos a palavra, quando Olwen se tornou seu paladino.

Sem dúvida, jazendo ali como eu tinha jazido, podia ter dito a qualquer pessoa que Olwen estava enamorado dela, porque me recordava de como Ivor estivera com Bronwen. E os sinais são sempre os mesmos na mesma família.

Meu pai estava trinchando o frango e perguntou a Marged que parte preferia, coxa ou asa.

— Qualquer uma, Sr. Morgan, por obséquio — disse Marged, ainda tímida, com oito pares de olhos pregados nela e por isso ruborizada.

— Uma asa gostosa — disse Bronwen.

— Então, quem sabe se um pedaço do "nariz do vigário"? — perguntou Davy.

— Marged é nossa hóspede — disse Olwen, e seus olhos relampagueavam ao fitarem Davy. — Se quer fazer alguma brincadeira, faça comigo.

— Que terá agora John Willie? — perguntou Davy, embora bem o soubesse. — Que carranca, homem! Vamos, tire-a depressa, senão fará um buraco na toalha da mesa.

— A toalha da mesa não interessa — disse Olwen. — Deixe Marged em paz.

— Olwen — disse meu pai —, se alguém merece censura nesta família, sou eu o único que deve fazê-la. Davy pode ter ido além,

nas suas brincadeiras, pois sabe muito bem que a parte a que se referia nunca é deixada no frango aqui em casa. Mas não há mal nisso e Marged não se sentiu ofendida. Não é verdade, menina?

— É, Sr. Morgan — respondeu Marged.

Mas somente eu vi o olhar que ela lançou a Olwen, exceto Olwen, naturalmente.

Deviam ter visto aquele olhar. Não posso censurar Olwen por se ter apaixonado. Havia chamadas naquele olhar que faziam a gente sentir como se houvesse colocado os olhos bem perto do fogo.

Foi uns dois dias depois disto, à noite, que tive a prova de que não me enganara. Meu pai, os rapazes e Bronwen tinham ido ensaiar no coro, deixando Marged em casa, para o caso dum chamado de mamãe, e Olwen estava lá atrás, entregue às suas invenções.

Tinha a certeza de que fabricaria uma máquina para cortar carvão, de modo que os mineiros pudessem ter um tempo mais folgado, e trabalhassem menos horas, com maior pagamento, pois a máquina cortaria mais carvão para ser vendido. Todas as noites trabalhava penosamente, lá atrás, martelando e limando, correndo para a casa de Howell, o ferreiro, para fundir e moldar pedaços de ferro para ele, e chamando qualquer pessoa de casa para pegar alguma coisa, enquanto a acertava, fazendo, contudo, um barulhão.

Ora, naquela noite, estava fazendo Marged seu croché, junto do fogo, e eu, na cama, como de costume. Apesar das cortinas descidas, podia bem vê-la e divertia-me em contar quantos pontos dava ela com uma cor, e quantos com outra. Mas ela manejava tão depressa a agulha que meus olhos se cansaram e eu ia justamente pegando no sono, quando a porta se abriu devagar e Olwen entrou sujo e com um punhado de ferro.

— Oh! — disse ele, e parou.

Marged sorriu para seu trabalho e nada disse, mas conservou-se de costas para ele.

— Não tinha ideia de que estivesse aqui — disse Olwen. E que mentiroso era!

Nenhuma resposta de Marged, mas, na verdade, que quantidade enorme de pontos!

— Terá você água quente por aí? — perguntou Olwen, pregado no chão. Ninguém melhor do que ele sabia que a caixa d'água estava cheia até os bordos, de água fervente, como sempre se encontrava. Podia-se até ouvi-la.

Durante uns momentos Marged não disse nada, em seguida pôs de lado a agulha, numa parte que estava contando, e olhou para cima, embora não para Olwen.

— Que quantidade deseja? — perguntou-lhe ela.

— Oh! — disse Olwen, como se pensasse que era um milagre ter podido falar. — Desejaria um banho.

— Encherei uma tina — disse Marged, e levantou-se.

— Não, não — disse Olwen, como se fosse chocante imaginar que ela pudesse tocar numa tina.

— Como quer então o seu banho? — perguntou Marged ainda de costas para ele. — Numa xícara?

Tive de meter uma ponta do lençol na boca para conservar-me quieto.

— Não, não — disse Olwen, cheio de seriedade. — Eu mesmo irei buscar a tina. Você não precisa fazer coisas como essa, para mim.

— Onde está a tina? — perguntou Marged, ainda sem olhar.

— Lá no banheiro.

— Está bem — disse Marged, e tornou a sentar-se, para recomeçar o croché.

Mas Olwen não se moveu para ir ao banheiro. Ficava olhando para Marged.

Há um olhar nos olhos do homem apaixonado que achamos engraçado, a não ser que estejamos nós mesmos apaixonados. Se estivermos, sentiremos alguma coisa no nosso íntimo que leva a ajudá-lo a procurar fazê-lo feliz, mesmo que não haja oportunidade para nós.

Um olhar dessa espécie era o de Olwen para Marged. Parte dele poderá ser vista nos olhos dos carneiros amarrados na tábua à espera da faca. A outra parte só se verá nos olhos de um homem de bem, que depositou seu coração nas mãos de uma moça. É uma luz raramente encontrada na terra, uma irradiação sagrada, uma agonia

aquecedora e feliz que brilha de dentro e transforma o que toca em algo de paradisíaco.

Marged sentiu aquele olhar, porque encolheu os ombros, como se estremecesse.

— Vai buscar a tina? — perguntou-lhe ela, engolindo em seco, com força.

— Oh! — disse Olwen, como se houvesse quebrado uma janela.
— Sim, deveras. Agora mesmo.

Não sabia onde pusesse o ferro que tinha na mão, de modo que deixou-o do lado de fora da porta, enquanto ia em busca do balde. Naturalmente, se algum de nós houvesse apenas tocado naquele ferro, sem mesmo pensar em deixá-lo do lado de fora, o sangue teria corrido em regatos. Vejam o que faz o amor.

Voltou, em seguida, e adiantou-se, pé ante pé, até ficar perto dela, que continuava a fazer croché.

— Ermhh, mhh, mhh — disse Olwen, escarvando o chão, como uma galinha velha —, será que terei a água agora?

— Dê-me o balde — disse Marged, e largou o trabalho de novo.

Pôs-se de pé, tentando não olhar, mas as brasas não são tão quentes como os olhos de homens como Olwen, de modo que, querendo ou não, Marged viu-se obrigada a erguer a vista, rapidamente, do balde para o braço de Olwen, do braço para o ombro e mais depressa ainda, bem mais depressa, para o rosto.

Para os olhos.

A princípio não podia eu avistar Marged de frente, porque estava de costas para o fogo e a lâmpada se achava por trás dela. Mas não tinha necessidade de ver, porque podia sentir. E podia ver suas mãos bem agarradas ao avental.

— Marged — disse Olwen, pela primeira vez.

— Que é? — disse Marged. Quase que caí da cama, tão fria era sua voz.

— Eu trouxe o balde — disse Olwen, tão tolamente que tive pena dele.

— Aqui está a água — disse Marged, e acenava para trás.

— Sim — respondeu Olwen, sem mover-se.

— Eles estarão de volta do coro daqui a pouco — disse Marged, e pude ver sua garganta obstruir-se, quando ela de novo engoliu em seco.

— Gostaria que eles não voltassem nunca.

— Que mau você é! — disse Marged, nem um tantinho áspera.

— Estou falando a verdade, Marged. Como você é bonita!

— Não — disse Marged, entre um suspiro e um soluço.

— É, sim.

— Não — disse Marged, sem muita convicção.

— Escute! — disse Olwen, citando Salomão. — Você é bela. Seus olhos são como os olhos de uma pomba.

— Os olhos da pomba são pequenos.

— Os seus são tão grandes que se tornam o universo para mim.

— Não diga — falou Marged, em voz alta.

— Digo, sim — reafirmou Olwen, pondo o balde no chão. — Eu gosto de você, Marged Evans.

— Isso é tolice — disse Marged, tornando-se fria novamente. — Faz apenas cinco dias que me conhece.

— Soube desde o primeiro instante — disse Olwen, e acreditei no que ele dizia. — Conheço você há já cinco mil anos. Entre joias e ouro.

— Joias e ouro? Desde quando, então?

— Junto à ribeira do Hebron. Oh! Marged.

As mãos de Marged voaram-lhe para o pescoço, tão bela era a voz de Olwen ao pronunciar-lhe o nome.

— Não tenho joias nem ouro — disse ela, tentando mostrar-se fria novamente. Mas nem mesmo Olwen se enganava.

— Você terá tudo isso — disse ele com convicção! — Espere até que eu venda minhas invenções. Terá tudo quanto seu coração desejar. E não cuidará de casa.

— Não farei trabalhos caseiros?

— Não.

— Que farei então o dia inteiro?

— Ficará me esperando. Quando se casará comigo?

— Terei de perguntar a papai.

— Responda com seu próprio sentir. Quando?

— Você vai acordar Huw — disse Marged, estremeçando.

— Quando? — insistiu Olwen.

— Você me faz chorar — disse Marged. — Deixe disso agora.

Olwen olhou para ela e as mãos de Marged deixaram-se cair de novo. Durante minutos, parece-me, ficaram olhando um para o outro. Estavam calados, olhando-se, e mal respirando.

Quase antes que meus olhos pudessem ver, Olwen agarrou-a pelos ombros e beijou-a, num beijo tão demorado, que pensei que eles haviam virado estátua de sal.

— Marged — disse ele, em voz rouca e dolorida. — Oh! Marged.

— Olwen — sussurrou ela.

— Eu gosto de você, Marged.

— Eu também de você, Olwen.

— Não posso crer — disse ele, atônito, incrédulo.

— Sim, deveras — disse ela. — É a pura verdade. Desde que vi você, logo da primeira vez.

— Não é possível. Como aconteceu comigo?

— Sim, como aconteceu com você. E quando você se pôs a defender-me no caso do frango, tive vontade de dar-lhe um beijo.

— Marged — disse ele, enlaçando-a de novo —, como você é bonita!

— Bem que desejaria ser.

— Não há outra igual a você. Eu a adorarei a minha vida inteira. Você será feliz a todos os instantes de sua vida. Eu me apunhalarei por uma só de suas lágrimas.

— Olwen, que bonitas coisas você diz.

Mais teria ele dito, suponho. Minha mãe, porém, bateu com o sapato no soalho do quarto de dormir. Era esse o sinal com que indicava que queria falar-me. Naquele tempo, todas as noites, me falava, mas se eu estivesse dormindo, deixava para falar-me pela manhã, de modo que nada se perdia.

— Sim, tia Beth? — falou Marged, fazendo um sinal para Olwen.

— Huw está dormindo? — perguntou mamãe. Olwen virou-se para a cama embutida.

— Está dormindo, rapaz? — perguntou-me ele, mas tão baixo que jamais me teria acordado, se estivesse dormindo. Fiquei então

entre a cruz e a caldeirinha, sem saber se dizia sim ou não, pois não desejava receber olhares furiosos dos dois.

— Sim — respondi, mas num tom amolecido, como o de quem estivera adormecido. É assim que se mente.

— Mamãe deseja falar com você — disse Olwen.

— Que é, mamãe? — chamei eu e eles continuaram a contemplar-se, de mãos dadas.

— Como vai passando hoje, meu filhinho? — perguntou mamãe.

— Magnificamente, mamãe. E a senhora, como está?

— Admiravelmente, também. Sua perna está doendo agora?

— Não, mamãe, obrigado. O Dr. Richards vai deixar em breve que eu me levante.

— Eu me levantarei no próximo sábado, de modo que verei você. Tem comido bem com Bronwen?

— Tenho sim, mamãe.

— Mas Bronwen não é tão boa cozinheira como a mamãe, não é verdade? — perguntou minha mãe, e havia tanto amor na sua voz, que fiz força para tossir, a fim de ter tempo de desfazer o nó de minha garganta.

Rapidamente, vi os meses de repouso na cama e ela pensando na sua casa e nos seus filhos, sob os cuidados de outra mulher, tudo isso preocupando a mente de minha mãe. Bronwen era uma cozinheira acima de qualquer boa cozinheira, e parecia injusto dizer que minha mãe fosse melhor. Mas minha mãe era minha mãe e sua voz estava cheia do desejo de saber que sentíamos a sua falta, que não fora esquecida por nós, que era ainda mamãe, para ser desejada e bem recebida. Por isso mesmo uma mentira teria de ser dita.

— Decerto que não, mamãe. Penso muitas vezes em seus pudins de maçã, tortas de ameixa e biscoitos de gengibre.

— Você terá tudo isso — disse minha mãe, e a segurança que havia em sua voz era de fazer a gente sorrir para si mesmo. — Espere até eu sair desta velha cama e verá o que aquelas panelas cozinharão. Estou quase ficando doida aqui, pensando no que poderia estar fazendo, em vez de ficar de papo para o ar, dando de comer ao balãozinho de carne que tenho aqui ao lado.

Que adorável era minha irmãzinha. Olwen era seu nome. Traziam-na muitas vezes para brincar na minha cama, enquanto Bronwen e Angharad estavam arrumando a cama de mamãe, lá em cima, de modo que nos tornamos grandes amigos, desde quando ela nasceu.

— Ensine-a a fazer bolhas, mamãe — disse eu, porque ela era boa mesmo para fazer bolhas, e se a gente apertava suas bochechas, elas cresciam e tingiam-se de todas as cores.

— Ora, menino — disse minha mãe, rindo —, ela está dormindo a estas horas. Trate também você de dormir, ande.

— Sim, mamãe. Então, boa noite.

— Boa noite, meu filhinho. Diga a Marged para não aumentar mais o fogo.

Era assim, quase todas as noites. Lembro-me bem daquela noite, porque, enquanto estávamos falando, Olwen e Marged, de mãos dadas, caminhavam nas pontas dos pés para o quintal e lá estavam ainda, quando papai entrou com Ivor e Bronwen, de volta do ensaio de canto.

— Onde está Marged? — perguntou Bronwen.

— Lá atrás — respondi.

Marged entrou, enrubescida e procurando conter a respiração ofegante, como se tivesse percebido o regresso deles e corrido. Vi que Bronwen olhava para ela com aquele sorriso que não era um sorriso, e depois se dirigia para o guarda-louça, à busca dos pratos.

— Penso que Olwen gostaria de ter fogo para aquecer-se lá fora — disse Bronwen, batendo com os pratos.

— Sim, deveras — disse Marged. — Está mesmo muito frio lá.

— Oh! — exclamou Bronwen.

— Ele é que me disse — acudiu Marged, rapidamente.

— Não se importe, menina — disse Bronwen, delicadamente. — Não há mal nenhum em que você vá lá e verifique por si mesma. Esteve lá?

— Nunca estive — disse Marged, olhando para Bronwen, com os olhos bem abertos. — Nem uma vez.

— Se foi, não se preocupe — disse Bronwen, sorrindo propriamente dessa vez. — Não se incomode, menina. Quer fazer o

favor de pôr no lugar a chapa do fogão? Você irá fazer bolos de milho para a ceia.

Quando a ceia ficou pronta e Olwen foi chamado por Gwilym, nunca haveriam de imaginar que tivesse havido qualquer coisa entre ele e Marged. Parecia não reparar nela e ele para ela não existia.

Mas surpreendi os olhares que trocavam por cima da mesa, enquanto os demais estavam comendo. Curtos e rápidos olhares, repletos de tudo quanto os dois pensavam, bastante ardentes para provocar incêndios. Estavam sentados mais perto de mim do que os outros, e como pensavam que eu estava adormecido, não prestavam atenção ao buraco nas cortinas e aos olhos que olhavam lá do escuro.

Foi esse namoro que esteve a ponto de inutilizar os festejos com que acolhemos a chegada de minha mãe, no sábado.

Meu pai havia preparado toda espécie de surpresas para ela. Fizera o coro subir até a colina, para cantar do lado de fora da porta, convidara o novo pregador, o administrador da mina e o Dr. Richards para tomarem chá, todos os meus tios e tias, a família de Bronwen e não sei quantas pessoas mais, creio mesmo que a aldeia inteira.

Vieram de outros vales quatro harpistas, rabequistas, e um piano foi trazido da cidade, mas eu sabia que depois iria ele para a casa de Bronwen, como presente de papai e mamãe ao primeiro neto, Gareth.

Naquela ocasião, Idris John começou a pintar a casa, de ponta a ponta, por dentro e por fora, e os móveis, elegantes e novinhos em folha, chegaram da cidade junto com o piano.

Se pudessem ter visto o rosto de minha mãe quando entrou em casa, haveriam de rir a princípio, mas depois lhes teria vindo vontade de chorar. Uns dois dias antes, fora carregada num colchão para a casa de Bronwen, devendo lá ficar enquanto Idris pintava os quartos. Mas ela pensava que saíra de casa para que repregassem a armação de madeira da cama, pois era velha e estalava de fazer a gente ficar arrepiado. Ela mesma havia jurado que tinha vontade de pegar um machado e fazê-la em pedaços, lançando-a pela janela detrás no fogo, tão irritada estava contra a cama. Veja só que coisa louca pode ser uma cama velha.

Tudo eu vira lá de minha cama embutida, até chegar a vez de ser também removido, quando Ivor me carregou para a sala da frente. Ah! que bonita estava, com seu papel novo e sua pintura nova! Os móveis novos achavam-se nos aposentos próximos da porta, empilhados na frente dos quartos e corredores, esperando que Idris acabasse e as moças fizessem a limpeza.

Quando me fizeram voltar ao meu lugar, na manhã seguinte, só reconheci que a cozinha era a nossa por causa do formato. Idris, com seu pincel, a mudara tanto!

O forro e as vigas foram caiados. As paredes eram azuis e amarelas e todas as fendas e rachaduras foram tapadas.

Minha cama embutida estava tão bonita, pintada de amarelo, que foi com prazer que a ela voltei e olhava para o sol que sobre ela brilhava, como se estivesse alegre por encontrar algo de sua própria cor onde pousasse e com que podia viver.

Aquela manhã inteira, minhas irmãs, Bronwen e as mulheres da colina, e minhas tias, quando chegaram, todas lavavam, poliam e esfregavam, para ter a casa limpa quando mamãe voltasse.

Meu pai entrava na cozinha e dela saía a cada instante, dando uma ajuda a tudo, olhando para as cortinas, ou fitando, carrancudo, as pilhas de louça de barro em cima do soalho, sentindo comichão nos dedos, como se estivesse impaciente por fazer tudo ele mesmo, aqui e ali, sem ter que esperar.

E quando relanceava a vista em redor e dava comigo a observá-lo, puxava o bigode como se estivesse envergonhado do que sentia, baixando a vista para o soalho e erguendo-a depois para mim, a pestanejar.

— Está vendo, meu filho? Estou fiscalizando — disse ele, jogando o paletó às costas e andando de jeito tão engraçado, que me provocava riso.

Afinal, ficou pronto!

Centenas de pessoas já se encontravam do lado de fora. O coro subiu até nossa casa, em meio de uma multidão, e eu podia ouvir o pessoal cantar, enquanto galgava a colina. E era bonito deveras! Todos começaram a cantar ao mesmo tempo o hino, as moças que cozinhavam lá atrás, Bronwen e Angharad, e as que se achavam

comigo na cozinha, minhas tias e meus tios na sala da frente e as mulheres que lá em cima pregavam as derradeiras cortinas.

Todos estavam cantando, a casa inteira cantava e lá fora a casa era uma coisa viva que cantava e o ar inteiro era uma canção só.

Meu pai trouxe o novo pregador para ver-me, antes que mamãe voltasse da casa de Bronwen, bem como o Sr. Nicholas, administrador da mina, e o Dr. Richards, que ficaram na entrada da porta, porque a cozinha estava cheia, até mais não poder, de moças e mulheres, todas cozinhando ou cortando pão e manteiga.

— Este é Huw, Sr. Gruffydd — disse meu pai. — Huw, este é o Reverendo Sr. Meirddyn Gruffydd, o novo pregador. Incline a cabeça, meu filho.

— Deixe a cabeça no travesseiro — disse o Reverendo Gruffydd, olhando para mim, com ar sisudo. — Huw Morgan, nunca deixe que esse brilho, que há nos seus olhos, os abandone. Nunca pense no longo tempo que está preso aí. Deseja sair para ir ter com os outros meninos?

— Sim, deveras, Sr. Gruffydd — respondi.

— Tem certeza de que algum dia sairá daqui? — perguntou ele, agora sorridente.

— Sim, senhor. Tenho.

— Muito bem. E não tenha dúvida alguma a esse respeito, não se incomode nunca com o que os médicos tenham a dizer.

Isso era naturalmente uma indireta para o Dr. Richards — de caçoada, notem bem. Todos riram, exceto o doutor.

— O menino não ficará melhor por causa dessas ideias, Sr. Gruffydd — disse o Dr. Richards. — A natureza tem que seguir o seu curso.

— A natureza — disse o Reverendo Gruffydd — é a serva de Deus. Posso lembrar que ela recebeu ordens, em uma ou duas ocasiões, para apressar-se mais do que de costume. O que foi feito antes pode também ser feito de novo, embora talvez não tão depressa, na verdade. Você tem fé, meu caro Huw?

— Sim, senhor — disse eu, sobre brasas.

— Está bem. Você haverá de ver o primeiro narciso que florir, lá no alto da montanha. Verá ou não?

— Verei, sim, senhor — respondi, sentindo sua mão fria sobre minha testa.

— Deus o abençoe, pequeno Huw. Virei ver você todos os dias. Quer?

— Quero, sim.

— Obrigado, senhor — disse meu pai, com ar estranho, mas o Reverendo Gruffydd apenas meneou a cabeça e agitou a mão, sorrindo para mim, antes de voltar para a outra sala.

A cozinha permaneceu em silêncio, após sua saída. Bronwen acompanhara-o com a vista, as mãos brancas de farinha, e as outras moças acenavam com a cabeça umas para as outras, como se algo de sério houvesse ocorrido.

— Que novidade há, hem, Bron?

— Nada, rapaz — disse Bronwen, num tom que dava a perceber que havia alguma coisa. — É um belo homem. De agora em diante, a capela irá ficar apinhada de gente.

— Sem dúvida nenhuma — ajuntou a Sra. Idris, voltando a cuidar das batatas. — Ele fará renascer a fé em qualquer parte onde pregue.

— Então poderá bem fazer o mesmo conosco — disse Bronwen, correndo a cuidar de seus bolos.

Durante esse tempo a cantoria havia continuado lá fora, não de todos juntos, pois somente cantava a gente do coro. Mas agora, porque minha mãe estava chegando, explodiram gritos e aplausos, que fizeram as panelas estremecer em cima da mesa.

A toda a pressa, Bronwen e as outras remataram tudo quanto estavam fazendo e correram da cozinha, para não estarem lá quando mamãe entrasse.

Que barulheira medonha fizeram elas, com o matraquear das tigelas e o tinido dos talheres, todas tentando limpar a mesa duma vez, largando-a sempre para fazer outra coisa, e depois achando que cada qual fizera as coisas pela metade e todas voltando a correr para limpar a mesa convenientemente, apanhando pedaços de casca, raspando farinha dos ladrilhos, pondo mais carvão no fogo, dando encontrões umas nas outras e rindo, enquanto os vivos aumentavam cada vez mais lá fora, ficando sérias de novo, e

correndo mais uma vez para passarem a mão, arrumando minhas roupas de cama, sorrindo para mim, enquanto Bronwen e Angharad me beijavam. E afinal saíram, com uma batida rápida do trinco e um piparote nos pedaços de carvão.

Ficamos apenas os frangos no espeto, a mobília nova, os vivos e eu.

Nunca haverão de saber como é tolo a gente ouvir vivos, quando está deitado de costas e olha para um raio de sol que se acomoda numa cama pintada de amarelo, tentando, por sua vez, dar também os seus vivos.

A princípio, a gente emite um ruído, do mesmo tom, lá no fundo da garganta, mas soa como se estivéssemos engasgados com uma espinha de peixe, de modo que fazemos esforço para gritar mais alto.

Depois fica sem saber se foi "Fifa" que gritou, ou "Biba", ou "Fiva", ou "Vivvvaaa", e arrasta o "aaa" assim aos pedaços, até perder o fôlego. Se conseguiu gritar "Vivooo", experimentará gritar cada vez mais alto, esganiçando-se até mais não poder, e então, no meio disso, surdirá um pensamento.

Que ar de idiota a gente tem, com a boca escancarada, a garganta ardendo do esforço e a sua boa voz arrastando-se num "Vivooo" sem fim! Somente para fazer um pouco de barulho.

Por isso parei de gritar, ficando a escutar se alguém entrava. Nesse instante ouvi abrir-se a porta da frente. No mesmo momento, suponho eu, pois foram todos avisados para prestar atenção, o coro começou a cantar.

Que agradável era, depois daquela algazarra sem sentido! Cheias de dignidade, de harmonia, de pomposa beleza, suas vozes se erguiam, agora utilizadas num nobre objetivo. Quanto esplendor existe na voz do homem e como é suave a música da harpa!

Relanceei rapidamente a vista para a porta de entrada e descobri minha mãe, que olhava para mim, com olhos que cintilavam como diamantes e tendo a mão à boca. Não sei dizer se ria ou se chorava.

— Huw — exclamou ela —, Huw, meu filhinho!

Palavra alguma eu conseguia fazer sair da garganta. Voltei então a cabeça.

Minha mãe correu para mim e ouvi sua saia frufrulejando pelos tijolos, mas quando se curvou sobre mim e me viu fazendo caretas, também careteou um pouco e então olhamos um para o outro e disparamos a rir ao mesmo tempo. Motivo algum havia para choro, vejam bem, de modo que era tolice chorar.

— Espere um pouco — disse minha mãe, enxugando meu rosto —, estão chegando neste minutinho à colina umas tortas de amoras silvestres. Espere um pouco.

— Está melhor, mamãe?

— Melhor, rapaz? — perguntou mamãe, rindo agora, sozinha. — Naturalmente que estou melhor. Pareço melhor?

— Seu cabelo está branco.

— A neve entrou dentro dele — disse ela. — Você leva-- vá na cabeça seu velho boné.

Mas minha mãe estava naturalmente apenas brincando. As mulheres são tão corajosas!

— Está pronta para ver a casa, Beth? — perguntou meu pai. Estava de pé, à porta, observando-nos.

— Sim, decerto que estou — respondeu minha mãe, levantando-se. — Como está tudo bonito, Gwilym!

Passeava a vista por toda a cozinha, depois olhava rapidamente para mim, e corria, sim, corria de um lado para outro e escadas acima.

Meu pai e minha mãe ficaram lá em cima um tempo enorme, tempo bastante para que o coro cantasse quatro hinos e Camaradas de armas. Depois é que ouvi que desciam. Entraram de novo na cozinha, ficando ao lado da mesa.

— Muito bem, Gwilym — disse minha mãe, olhando para ele.

— Muito bem, Beth — respondeu meu pai, sorrindo.

— Está tudo muito bonito.

— Fico satisfeito por você ter gostado.

— Que é que resta agora no baú?

— Está cheio.

— Depois de pagar ao doutor e de pagar tudo isso?

— Está cheio, repleto, e ainda sobra — disse meu pai, ainda sorridente e dando uma piscadela para meu lado.

— Como é bom, Gwil — disse minha mãe, pondo-lhe a mão no braço. — Que boa mulher você tem, uma mulher que esteve de cama todo esse tempo, deixando sua família em mãos estranhas.

— Sim, deveras — disse papai, fingindo cólera —, e trazendo ainda por cima outra irmã para Huw. Boa mulher, na verdade, boa mulher!

— Meu desejo era levantar-me da cama, Gwil.

— Meu bem — disse meu pai. Até então nunca o ouvira chamar minha mãe assim. E como foi bonito! Ela pensou a mesma coisa também, pois ficou ruborizada, sob a neve dos cabelos brancos.

— Psiu — ciciou ela, olhando ligeira para meu lado, e, vendo-me sorrir, ficou mais corada ainda, de olhos baixos, enrolando os dedos no colar.

— Vamos ter agora com o Sr. Gruffydd, Beth? — perguntou-lhe meu pai, fechando a cara para mim, para que nada dissesse.

— Vamos — respondeu minha mãe —, mas não sei o que hei de dizer-lhes, veja só.

— Você dirá umas duas palavras a todos, menina — disse meu pai, rindo. — Eles começarão a gritar, se você tentar escapulir.

— Mas que direi eu?

— Você achou muito bem o que dizer, na última vez em que falou. Será mais fácil agora que se trata de amigos.

— Está certo — disse minha mãe, inclinando a cabeça, como fazia quando nada mais havia a fazer. — Mas se eu começar a rir às gargalhadas no meio do discurso, a vergonha será para você. Da outra vez tinha eu bons motivos para falar a um bocado de sujeitos estúpidos. Mas agora, nenhum proveito há em falar.

— Somente para agradecer, menina — disse meu pai, apressando-a.

— Agradecerei com uma boa xícara de chá. As meninas já estão todas prontas?

— Sim, mamãe — disse eu. — Estão todas lá atrás, esperando.

— Está bem — disse meu pai —, e o resto se acha lá na frente, esperando há meses e meses. Venha, Beth. Vamos, menina, um sorrisinho para mim.

Não adiantava querer ficar sério, quando meu pai olhava para a gente daquele seu jeito. De modo que mamãe tentou apertar a boca para conter-se, durante um instante, mas depois começou a rir.

— Vamos, mexa-se, menino — disse ela, tirando o braço dele de sua cintura e dando-lhe um pequeno empurrão para a porta. — Agora mesmo estarei de volta, meu filhinho — disse para mim —, agorinha mesmo estará você com sua torta de amoras.

— Obrigado, mamãe. Fale alto para que eu possa ouvi-la.

— Benza-o Deus — riu minha mãe —, você é tal e qual esse velho do seu pai.

Saíram os dois, então, e foi uma algazarra imensa que os acolheu, quando abriram a porta da frente. Uma voz forte pediu silêncio e percebi que o Reverendo Gruffydd não teria dificuldade em ser ouvido lá no próximo vale, se quisesse experimentá-lo.

— Querida irmã — disse ele, de pé sobre o peitoril da janela da sala da frente —, saúdo-a em nome do Crucificado.

— Amém — disseram todos e o profundo som resvalou pela colina.

— Grande é a minha alegria — continuou ele — em ser dessa forma honrado, logo no primeiro dia de meu ministério entre vós, com o convite a esta casa de sacrifício, para dar as felicitações de boas-vindas a uma esposa e mãe cujo nome será para todo o sempre levado sobre um escudo de ouro cintilante, através dos cinco vales e mais além.

Teve de parar, porque a multidão era enorme e o barulho que fazia, imenso.

— É evidente — disse ele, com risos na voz — que a vossa paciência não aguentará uma oração. Mas decerto irão todos à capela.

O povo todo deu uma grande gargalhada, pois sabia que teria de ficar em silêncio entre as quatro paredes da Sion.

— Beth Morgan — exclamou ele e sua voz repercutiu por todo o vale —, entre na sua casa. Ó mulher, ó nobre mãe, receba esta homenagem, enquanto nós damos graças ao Deus Todo-Poderoso pelas Suas muitas mercês, pelo dom de sua vida e por ter poupado o seu corajoso filho.

A multidão começou de novo a gritar, mas havia um tom diferente nos seus vivas.

A cozinha estava tão silenciosa que eu podia ouvir a gordura caindo dos frangos no espeto. Nenhum som mais se ouvia, exceto os pequenos rumores da pintura nova achando abrigo nas fendas, da mesa que se acomodava sobre os ladrilhos novos, da cadeira que repousava, e o meu respirar exalando-se lento e constante, fazendo silvar as roupas da cama.

— Meus amigos — era a voz de minha mãe —, nada tenho a dizer senão agradecer as palavras do Sr. Gruffydd. Por ter voltado à minha casa, hei de dar graças a Deus milhares e milhares de vezes, e também a alguém que está ali dentro. Nada mais tenho a dizer. Entrem agora e comam. Há comida para todos.

Vivas e mais vivas. Bocas e bocas, abrindo-se e fechando-se, a gritar, bocas que em breve estariam atufadas de comida. Como a boca é paciente!

Num instante encheu-se a cozinha. Todas as moças corriam pelo beco lá de trás, passando pela porta do terreiro, e filas de gente entravam e saíam, todos levando pratos de pão com manteiga, tortas, bolos, e baldes e bacias de água quente para os bules, encontrando-se no caminho uns dos outros, rindo, empurrando-se e fingindo estar pregados na porta de entrada.

Minha mãe veio rompendo a multidão, com uma grande fatia de torta de amoras numa mão e meu chá na outra, carregando-os bem alto e com cuidado, para não derramar, afastando o pessoal com os olhos e os cotovelos.

— Pronto — disse ela, pondo-os na minha mão —, espere até eu trazer um guardanapo.

— Não é preciso, mamãe. Já esperei muito tempo por isso. Não é preciso guardanapo.

— Se seu pai vir você comendo sem guardanapo, que dirá de mim? Que eu estou acostumando meu filho a viver em chiqueiro. Espere um pouco.

Mas antes que ela desse as costas, já eu mordida a torta.

Que torta de amoras! Com bagas tão grandes como o dedo polegar da gente, purpurinas, negras, gordas de sumo, com uma

crosta açucarada por cima, que se transforma em creme na boca e tudo descendo pela garganta com um sabor que faz a gente fechar os olhos e desejar poder viver para sempre na vastidão daquele rico instante.

Angharad veio com o guardanapo, enquanto minha mãe servia o chá em lugar dela, e Bronwen chegou para mexer a xícara para mim. Não se podia conversar agora que a casa estava entupida de gente que viera para ver a mobília nova e a pintura, fazendo um barulhão e alguns olhando para mim e sorrindo.

Agradecia a Bronwen por estar sentada junto ao meu travesseiro, pois me ocultava a vista da maior parte das pessoas. Mas todos quantos vieram com a intenção de ver-me enfiavam a cabeça e davam pancadinhas nos meus pés. Estranho era ver lágrimas em seus olhos e sentir-lhes a simpatia, sem poder dizer nada para agradecer-lhes.

Mas o barulho era, de fato, imenso.

Xícaras, pires, pratos, facas, colheres, garfos, botinas, sapatos barulhavam, raspavam, atritavam, e mulheres falavam e riam em voz de soprano e de contralto, e os homens berravam em voz de tenor e de baixo, tudo se agitando, como se alguém estivesse curvado a amassar um bolo de som, com uma boa mistura para começar.

Foi então que ouvi Olwen falando alto lá de trás. Quase ao mesmo tempo, todos o ouviram, pois se fez silêncio e os que se achavam perto da porta davam psius aos demais, que ainda estavam falando.

— Não recebo ordens do senhor — gritava ele, com raiva.

— Quero só é achar você de novo ao lado de minha filha — gritava, em resposta, o pai de Marged. — Hei de sová-lo até o fim de sua vida, seu porcaria!

— Larguem-me, deixem-me rebentar-lhe a cabeça — gritava Gwilym, como se houvesse mãos a agarrá-lo.

— Cale essa boca, Gwil — disse Davy. — Sr. Evans — continuou sua voz —, não está direito que o senhor fale desse modo.

— A mim é que compete julgar — disse o Sr. Evans —, e lhe agradeço não se meter neste assunto.

— Dê um bom pontapé nesse velho maluco — gritou Gwilym. — Abale os dentes desse diabo velho!

— Cale a boca, homem — disse Olwen.

— Feche essa boca, Gwilym — disse Davy. — Você está piorando as coisas. Sr. Evans, faça o favor de ver meu pai, antes de dizer mais qualquer coisa.

— Levarei minha filha daqui agora mesmo — disse o Sr. Evans, cheio de raiva.

— Fugirei de seu lado — disse Marged, com a voz repleta de lágrimas.

— E agora, hem, seu velho maluco? — chasqueou Gwilym.

— Psiu, psiu, Gwilym — disse minha mãe, arremetendo pelo meio do povo —, saia daqui agora mesmo, neste instante.

A multidão, que estava na cozinha, abriu caminho, para que meu pai e o Reverendo Gruffydd passassem, vindos da sala da frente em direção ao povo que estava lá fora, no terreiro de trás.

— Beth — perguntou meu pai —, que é isso?

— Venha cá, Gwilym — disse minha mãe, num tom de alívio —, aconteceu realmente uma coisa horrível. Você me faz vergonha, Olwen. Quanto a você, rapaz, nunca hei de saber por que tem o mesmo nome de seu pai. Peça desculpas ao Sr. Evans.

— Não, mamãe — disse Gwilym, teimoso como um lingote de ferro.

— Espere — disse meu pai. — Que trapalhada é essa, Sr. Evans?

— Seu filho estava no barracão com minha filha — respondeu o Sr. Evans.

— Oh! com efeito, com efeito! — diziam uns aos outros, na multidão.

— Que estavam eles fazendo? — perguntou meu pai.

— Oh! — respondeu o Sr. Evans, como se relutasse em tratar do caso. — Ele estava com o braço na cintura dela.

— Eu a estava beijando — disse Olwen.

— Oh! — disse meu pai, como se aquilo desse por finda a questão. E suponho que ele começou a sorrir e a multidão se pôs a rir.

No mesmo instante, a casa inteira estava às gargalhadas. Mas depois pararam as risadas e as pessoas que se achavam na frente começaram a lançar psius.

— Sinto-me alegre — dizia meu pai — que isso tenha acabado dessa forma. Serei muito feliz por ter Marged fazendo parte de minha família.

— Não há nada melhor — disse o pai dela. — Sinto muito, Gwilym, que haja acontecido essa trapalhada. Mas é que sou muito rigoroso com coisas como essa.

— Está tudo muito bem — disse meu pai. — Gwilym, peça desculpas.

— Não peço desculpas por ter dito o que disse, quando ele se achava naquele estado — disse Gwilym —, mas agora é outra coisa, e se o dissesse agora, sentiria muito, na verdade, Sr. Evans.

Reinou o silêncio, por instantes.

— É a melhor coisa que você poderia arrancar desse rapaz — disse meu pai e, de novo, todos começaram a rir.

— O chá está ficando frio — chamou Bronwen. — Venham, agora, depressa.

Bronwen tomou a minha xícara e apanhou as migalhas de torta, que se achavam debaixo de meu queixo.

— Que velho maluco é esse Evans — murmurou ela. — A mãe dela sabia disso há semanas. Ele que espere quando chegar em casa. Estava só fingindo.

Como se a Sra. Evans houvesse ouvido, ergueu-se sua voz lá atrás.

— Que vergonha, Sion Evan Evans — disse ela, bem alto para ser ouvida, e fazendo com que todos se calassem de novo. — Naturalmente ela se casará com Olwen Morgan e também me sinto grata. Sinto é vergonha, querida Sra. Morgan, por ter esse maluco desse velho provocado essa trapalhada, num dia como este.

— Vamos todos agora — disse meu pai — pegar o copo para um brinde. Vamos, todos.

A conversa recomeçou e alguém principiou a cantar.

— Olwen jamais se esquecerá disso enquanto vida tiver — disse Angharad, trazendo de volta minha xícara cheia. — Se você tivesse

visto a cara dele!...

— Vou ter uma conversa com ele — disse Bronwen —, se é que me escuta.

Mas agora todos estavam cantando. Escurecia e as lâmpadas se erguiam, como flores amarelas. As mulheres muita coisa tinham a fazer, enquanto os homens desciam a colina para brindar e cantar à sua vontade.

Olwen não foi encontrado naquela noite.

Capítulo VIII

Muitos dias se passaram antes que Bronwen tivesse oportunidade de falar com Olwen, porque agora ela não parava muito tempo em nossa casa. Minha mãe reassumira suas ocupações caseiras e cuidava, agora que estava cá por baixo, de ver que tudo fosse realizado.

Bronwen costumava aparecer à noite após a ceia de Ivor, e sentava-se a meu lado para ouvir minhas lições, já prontas para a Sra. Tom Jenkins, e depois ajudava Angharad a preparar as marmitas de comida para os homens, no dia seguinte.

Uma noite, minha mãe desceu para uma reunião religiosa com meu pai, a primeira a que comparecia desde sua doença, de modo que prepararam para ela uma reunião especial a que todos iam. Todos menos Olwen, que trabalhava afanosamente na sua invenção.

Ele vinha andando muito calado, ultimamente. Muitas vezes esquecera-se da comida, e embora meu pai tivesse dito que não nos devíamos afligir, eu sabia que grande era o desgosto de minha mãe. Mas, aflita, sempre andava ela por conta de qualquer de nós, quando deixávamos de comer, pois era sinal certo, dizia ela, de alguma doença.

Não só mamãe andava aflita, mas também Marged. Via-o eu claramente, embora ela tentasse não dar demonstração. Muitas vezes ficava parada, a olhar pela janela para o barracão onde Olwen estava trabalhando, e as lágrimas permaneciam tanto tempo nos seus olhos, que eu quase podia contar as bagas de pranto antes de caírem. Depois ela estremecia, da cabeça aos pés, como se um grande frio a enregelasse, e voltava-se, correndo para a lavanderia, com a mão na boca. E a porta se fechava lentamente atrás dela.

Quando minha mãe partiu com meu pai e a casa ficou silenciosa, Bronwen entrou pela porta de trás, tirando o capote, como se tivesse algum trabalho que fazer.

— Marged está aqui? — perguntou-me.

— Não, Bron — respondi. — Saiu com mamãe, papai e os outros.

— Está bem — disse ela, abrindo a porta. — Espere um pouco.

Vou conversar um instante com Olwen.

— Bom — disse eu, e voltei aos meus livros, logo que ela fechou a porta.

Estava aprendendo a geometria de Euclides naquela ocasião. Mesmo até hoje divertem-me seus teoremas. São tão simples e tão sábios, e bons para adestramento do raciocínio. Sempre me hei de lembrar do desenho que fiz de um triângulo isósceles dentro de um círculo, pois foi justamente quando eu procurava enfiar o lápis no compasso, que Marged escancarou a porta e ficou parada, com o vento a pregar-lhe a capa no corpo, olhando para mim com ar de quem quer matar.

— Quem está com Olwen? — ciciou ela, sem pestanejar.

— Bronwen — respondi.

— Vou dar-lhe uma facada — disse ela, dando puxões nos botões de sua capa, enquanto a tirava.

— Estão apenas conversando.

— Conversando? — disse Marged, em voz alta, como se estivesse rindo. — Durante semanas me vem ele tratando como a uma alma penada. Somente conversando? Agora sei de tudo.

— Que é que você sabe? — perguntei-lhe, pois estava bastante surpreso por vê-la agindo daquela maneira, com os cabelos desgrenhados pelo rosto, os olhos fixos e espuma nos lábios.

— Cale-se — disse ela. — Agora mesmo ficará sabendo. — Virou-se para ficar defronte do barracão, erguendo o busto, a aspirar profundamente.

— Olwen — gritou —, Bronwen Morgan. Saiam daí. Venham cá.

Não precisou gritar mais outra vez. A porta do barracão abriu-se antes que ela acabasse e Bronwen veio correndo para ela, agarrando-a pelos ombros e empurrando-a para a cozinha.

Olwen entrou atrás e fechou a porta, ficando de costas para ela, lançando olhares apunhalantes para Marged, que se achava na sombra da lâmpada, apertada de encontro à parede cara a cara com Bronwen.

— Que loucura a sua, menina — disse Bronwen, olhando de Marged para Olwen, e cruzando olhares comigo.

— Agora não estou louca, não — disse Marged, como se a vida houvesse fugido de seu corpo. — Eu observei você, nestas últimas semanas, olhando para ele.

— Psiu, menina — disse Bronwen. — Você bem sabe que havia melhor razão do que a que você imaginava.

— Diga-lhe — falou Olwen, como se estivesse jogando ossos a um cão.

— Agora espere, Olwen — disse Bronwen. — Lembre-se de que há um menino neste quarto.

— Pouca coisa lhe escapa — disse Olwen. — Diga-lhe por que você foi até lá.

— Fui perguntar a Olwen por que se mostra tão cruel para com você — disse Bronwen a Marged.

— Conte-lhe o que falei a você — disse Olwen, com a mesma voz, pior ainda porque mais profunda.

— Chame-a lá para fora e conte-lhe você mesmo — disse Bronwen.

— Terei de ser tratada como um trapo velho por vocês dois? — perguntou Marged. — Rasguem-me agora. Decidam.

— Conte-lhe, Bron — disse Olwen.

— Ele disse que deixou de lhe querer, depois que toda a gente se meteu no namoro — disse Bronwen.

— Depois que você acabou de conquistá-lo, é o que ele quer dizer — falou Marged.

— Cale-se e contenha-se — disse Olwen. — Você está falando como uma mulher perdida.

— Foi você que me perdeu — disse Marged. — Olwen, foi culpa minha que meu pai nos tivesse chamado na frente de todos? Foi você quem quis beijar-me. Eu tinha de encher os bules e disse a

ocê que parasse, mas você, em vez disso, cada vez me beijava mais.

— Leve-a para fora, Olwen — disse Bronwen, olhando para mim.

— Não é preciso — respondeu Olwen. — Minha resolução está tomada e é dura.

— Não endureçam os corações — disse eu, na intenção de voar para baixo dos lençóis, velozmente. Mas nenhum deles se moveu, de modo que fiquei como estava.

Os três olharam-se mutuamente, Bronwen e Olwen para Marged, e Marged para Olwen — Olwen — suplicou Bronwen. Mas Olwen mantinha-se calado.

O pêndulo do relógio continuava a oscilar, parecendo tornar-se mais alto a cada pancada, como se estivesse conduzindo o tempo até nós, a ponto de ficar eu imaginando por que nunca fora ouvido doutras vezes comuns. Suponho que é porque quando coisas como estas acontecem, o pensamento humano procura encontrar alguma coisa habitual em que pensar, para amortecer o choque da queda, utilizando os habituais pequenos sons, talvez o tique-taque do relógio, como uma almofada para seu mecanismo mental.

Marged curvou a cabeça e começou a chorar tão forte que, quando soluçava, sua cabeça saltava para cima e para trás, no seu peito. Seu pescoço atrás era de uma brancura tal, que causava agradável surpresa.

Bronwen olhou de novo para Olwen, mas Olwen olhava para os ladrilhos azuis que circulavam os pés da mesa.

— Está bem — disse ela, como se desse tudo por terminado naquela noite. — Venha, Marged, minha querida. Vamos tomar uma xícara de chá lá em casa.

Marged saiu sem dizer uma palavra e Olwen afastou-se da porta, quando elas saíram.

Ficou a contemplar por alguns minutos uma ferida que tinha na mão.

— Huw — disse ele, sem olhar para mim —, creio que não é preciso dizer-lhe que deve guardar consigo isso que ouviu.

— Pois sim, mas fazia dó vê-la chorar daquele jeito. E como é alvo o pescoço dela.

— Fique quieto agora — disse Olwen, aproximando-se do fogo. Podia ouvir ainda Bronwen falando com Marged lá fora.

— Como veio você do Hebron, Olwen? — perguntei-lhe.

— De onde, rapaz?

— Do Hebron — respondi, com os olhos metidos nos livros —, onde você se encontrou com Marged. Bem bonita deveria ela estar, cheia de joias e de ouro.

— Cale a boca, rapaz.

— Você teve de esperar também muito tempo. Cinco mil anos. Conte cinco mil tijolos aqui em meu redor. Era bastante demorado. O certo é que fiquei com a vista confusa de olhar para eles.

Olwen estava de vista erguida para o teto.

— Você pode gastar o seu tempo em coisa mais útil. Mais útil do que qualquer de nós, também. E agora, boa noite.

— Boa noite — disse eu, observando-o, ao encaminhar-se para a porta. — Diga a Bron que estou esperando por ela para dar minhas lições.

Ele saiu ligeiro e a porta foi fechada, abalando a casa inteira.

Bronwen, porém, não voltou mais.

Minha mãe mandou Angharad buscar Marged, ao voltar da reunião. Mas Marged havia fugido horas antes, quando Morris, o açougueiro, fora pedir a Bronwen que lhe ficasse com a mulher, que esperava então o terceiro filho.

Procuraram Marged a noite inteira, lá em cima na montanha, lá embaixo no rio, e afinal, de manhã cedo, quando os operários partiam para o trabalho, souberam por Ellis, o carteiro, que ela se havia encontrado com algumas pessoas que saíam da reunião, na noite anterior, e que se dirigiam para o próximo vale, indo em companhia delas.

Muito se zangaram papai e mamãe.

Mas não tanto quando viram aparecer o Sr. Evans à noite.

Nada ouvi do que ocorreu, pois eles se encontraram em casa de Bronwen. Mas ao voltarem para casa, meu pai estava tão zangado que não quis cear. De modo que ninguém quis nada e eu só pude cear depois que os outros foram deitar-se.

E o caso é que Gwilym casou-se com Marged. Eram da mesma idade e Gwilym sempre estivera apaixonado por ela, suponho que por tê-lo estado primeiro Olwen. Este achava-se fora de casa, quando ocorreu a boda, e somente minha mãe e Angharad a ela compareceram. Bronwen ficou retida em casa, naquela ocasião, por causa de Gareth, e meu pai recusou encontrar o Sr. Evans, com uma desculpa qualquer.

Gwilym levou Marged para morar numa das casas novas do outro vale, mobiliada com dinheiro tirado do baú. Do nosso baú.

O velho Evans não deu nada a eles, nem mesmo uma xícara e um pires, ou um pedaço de toucinho para a panela. Mas ao morrer, dois anos depois, deixou mais de trezentas libras para a capela. Nunca ouvi meu pai mencionar-lhe o nome, depois do casamento. Tinham sido amigos, mas alguma coisa deve ter modificado Evans ou então meu pai estava ficando mais sensato.

Olwen permaneceu fora muito tempo depois disso. Trabalhava nos modelos patenteados, nas fábricas de aço, onde lhe estavam fornecendo ferramentas para fabricar seu invento. Ele partiu uma noite, quando eu já estava adormecido. De modo que a casa estava quase vazia de rapazes, exceto Davy e eu. Mas Davy ficava fora tantas vezes que era quase um estranho, quando regressava a casa.

O sindicato estava progredindo. Eu sabia porque era eu quem escrevia as cartas dele, quando se encontrava em casa, e muitas vezes lia suas cartas a seus amigos que, por si mesmos, não podiam ler. Tentava naquele tempo juntar-se aos homens das estradas de ferro, mas tinha tantos inimigos entre eles, e tão fortes eram as companhias, que era incapaz de fazer mais progressos, por mais arduamente que tentasse.

Progressos estava eu fazendo, graças ao auxílio do Reverendo Gruffydd. Vinha visitar-me todos os dias, às vezes um minuto só, de manhã cedo, ou à noite, e às vezes, poucas e distanciadas, às tardes durante uma hora de cada vez. Era um grande trabalhador, com a consciência de que não lhe era permitido ficar ocioso. Dia sim, dia não, subia à montanha para visitar o povo e perguntar-lhe por que não frequentava a capela, ou sentava-se ao lado do doente, ou

conversava com os velhos que não podiam caminhar milhas através do tojal, para ir rezar aos domingos.

Aprendi com ele a nossa história. Caradog, Cadwaladr, Lud, Coei, Boadicea, todo o régio e cintilante exército passou para minha guarda e de mim para o pequeno Gareth, que já tinha agora idade bastante para entender tudo quanto lhe contavam. Via nos seus olhos a luz que o Sr. Gruffydd deve ter visto muitas vezes nos meus.

— Homens que nasceram para cavar carvão — dizia-me o Sr. Gruffydd — necessitam de energia e de coragem. Mas não têm necessidade de espírito um pouco mais do que a toupeira ou o minhocão. Conserve alto o seu espírito, Huw, porque essa é a herança de milhares de gerações dos grandes da terra. Do mesmo modo que seu pai limpa seu lampião para ter boa luz, deve você limpar seu espírito.

— E como poderá ele ser conservado limpo, Sr. Gruffydd?

— Pela oração, meu filho, não resmungando, nem gritando, nem se espojando como um porco nos sentimentos religiosos. Oração é apenas outro nome que se dá ao pensamento bom, limpo, direito. Quando rezar, pense bem no que está dizendo, e fixe seus pensamentos em coisas que sejam sólidas. Desta forma, sua oração terá energia, e essa energia tornar-se-á parte de você, de sua mente, de seu corpo, de seu espírito. Deseja ainda ver o primeiro narciso que florir lá em cima na montanha, meu filho?

— Decerto que desejo, Sr. Gruffydd.

— Então, reze, meu filho — disse ele e retirou-se.

O Natal passou-se tranquilo, aquele ano, em nossa casa, pois Davy e Olwen estavam fora e Gwilym fora com Marged visitar os pais desta. Angharad partira para a fazenda onde Ceridwen estava trabalhando, para ganhar nossos presentes de Natal, e Ivor levara Bronwen e Gareth lá para a montanha, em visita a seus pais.

De modo que a casa estava vazia, até que o Sr. Gruffydd trouxe algumas pessoas para uma noite de canto, no dia seguinte ao Natal. Tão grande era a harpa na cozinha, que a harpista teve de sentar-se à porta da rua, de modo que todos pudessem entrar para aquecer-se junto ao fogo. Ao lado de meu pai, de minha mãe e de mim, achavam-se o Sr. Gruffydd e a harpista, Srta. Jenkins, lá da

montanha, a Sra. Tom Jenkins e suas duas filhinhas, crescendo mais depressa agora, Morris, o açougueiro, e sua mulher, o Sr. Christmas Evans, o comerciante de carvão, o Dr. Richards e sua mulher e filha, o Sr. Bowen ap Rhys, o caixa, o Sr. Olwen Madog, das novas estradas de ferro, e um par de pessoas de quem não me posso lembrar, com seus filhos, que estavam chupando suas laranjas dum jeito que fazia minha mãe olhar para eles de través e morder os lábios.

O povo ouviu o canto, e, naturalmente, todos ficaram sabendo que o Sr. Gruffydd estava em nossa casa, de modo que dentro em breve a frente e os fundos da casa estavam apinhados de gente, que, de pé, escutava, e alguns que conheciam meu pai, mesmo de vista, punham em prática o velho artil de meter a cabeça na porta para dar-nos felicitações, na esperança de serem convidados a entrar. Mas não havia mais espaço na sala e o ar, na verdade, estava tão espesso que se poderia depositar coisas em cima dele sem que caíssem. Quanto a mim, na cama embutida, sentia tanto calor, como se estivesse no forno com os gansos.

Mas os dedos da Srta. Jenkins nas cordas da harpa conseguiam retirar de nós qualquer sensação, exceto a alegria do canto e o desejo de cantar. Cantos e melodias, cantatas, árias e danças, hinos e salmos, tudo se seguia tão depressa quando mal terminava o outro. Ora cantavam os homens, ora as mulheres. Minha mãe começou a cantar canções de berço, que nos ensinara anos antes, e ensinara aos estranhos, e os estranhos cantavam suas canções e nos ensinavam. Depois o Sr. Evans dançou um par de canções que aprendera dum cigano, acompanhando-as com sapateado. Tinha uma voz semelhante a um cacarejo, e tão divertidamente soava ela, em contraste com o baixo de meu pai, que me vi forçado a meter o punho na boca, para não ser grosseiro.

Entremeando as canções, grande quantidade de cerveja fermentada ou em garrafas, e vinho para as mulheres, ou chá, em abundância. E se as canções os tornavam famintos, a mesa estava pejada de tudo quanto é coisa vital que pode ser feita pelas mulheres, ansiosas de agradar ao estômago de seus visitantes e à sua própria vaidade. Nada agradava mais à minha mãe do que ouvir

elogios à boa qualidade dos pratos que preparava. Talvez vaidade não seja o termo próprio, pois agradava-lhe saber que era uma boa cozinheira e que todos gostavam do que ela fazia. Passava horas cozinhando e fazendo novos pratos, de modo que era merecedora de elogio.

Acabava eu precisamente uma canção quando Elias, o lojista, abriu caminho através do povo, pela porta de trás, e ficou, apertado, mostrando o rosto e um ombro, olhando para todos nós, como se todos estivéssemos maduros para ser lançados no inferno e ele pronto a dar-nos a vassourada de empurrão.

— Gwilym Morgan — gritou ele, por cima dos aplausos que me davam —, você deveria sentir vergonha de estar procedendo desta forma numa noite como esta. Quanto ao senhor, Reverendo Gruffydd, sua conduta está pedindo uma reunião dos diáconos. Estou surpreso e profundamente chocado, ao pensar que tal homem tenha estado a ensinar a meus filhos na escola dominical. Vergonha para o senhor. Vergonha para vocês todos.

— Dê ao Sr. Elias um gole de cerveja fermentada, Beth — disse meu pai, levando o cachimbo à boca.

— Se eu pudesse — disse minha mãe — lhe daria era uma boa pancada com a frigideira.

— Vergonha para a senhora — disse Elias à minha mãe, — tão cedo libertada das fauces da morte para dar o pago ao seu Criador, violando o seu santo dia.

— Mais força nessa música, minha cara Srta. Jenkins — disse meu pai, pois todos pareciam meio sem ânimo. — Cantemos Camaradas de armas novamente.

— Um momento, Sr. Morgan — disse o Sr. Gruffydd, olhando para Elias. — Com que objetivo o senhor faz isto?

— O senhor nada tem com isso — respondeu Elias —, enquanto não se juntar aos diáconos.

— Há oito diáconos aqui presentes — disse meu pai. — Realizaremos então uma sessão agora?

— Vergonha para você — gritou Elias, forcejando por aproximar-se mais da frente, mas a multidão se comprimia cada vez mais para

mantê-lo bem apertado. — Profanadores dos dias santos, que mais fareis no caminho de vossa iniquidade?

— Está bem — disse meu pai —, se é tudo a mesma coisa para você, vou provar a perna daquele ganso, caso Beth passe o prato para mim.

O Sr. Gruffydd levantou-se, enquanto todos nós desatávamos a rir, e aproximou-se o mais que a multidão lhe permitiu do Sr. Elias, olhando não para ele, mas para dentro dele. Belos olhos tinha o Sr. Gruffydd, com brilhantes e agudos pontos de luz, como as agulhas enfiadas na frente do avental de minha mãe.

— Sr. Elias — disse ele —, sinto muito que o senhor tenha ficado chocado na sua boa consciência, por qualquer ato de meu procedimento que o senhor possa ter julgado não estar conforme com a época. Mas o senhor não deve esquecer-se de que o próprio Filho do Homem compareceu às bodas de Cana e até entrou com o melhor vinho. Que é que o senhor acha de mau nesta reunião?

A tranquila voz do Sr. Gruffydd, tão plena naquele espaço restrito, tornara cada qual tão quieto e silencioso, que eu podia ouvir a água que vinha da correnteza, lá em cima no jardim.

— Se o senhor não sabe — respondeu Elias, num tom de voz que demonstrava claramente que ele não sabia —, não compete a mim dizer-lhe. Hoje é dia santo. É bastante.

— Está muito longe de ser bastante — replicou o Sr. Gruffydd. — O senhor intrometeu-se nesta casa e tem-se mostrado impertinente, dando-se como apoiado na autoridade da Bíblia. Há muita gente de sua igualha andando pela terra. Agora vá-se embora, antes que o agarre pelo pescoço e o jogue lá fora. Quero ter uma conversa com o senhor lá na capela.

Como poderíamos ter sabido, então, que o que aconteceu naquela noite, por pequeno e por tolo que fosse, iria ser a causa da miséria de todos nós? Elias jamais se olvidou daquela noite. Mas sua vingança era a mais doce, quando tinha oportunidade de exercê-la. Doce era, e ele a saboreou plenamente, pedaço por pedaço.

Mesmo a respeito dele posso pensar com tristeza, agora, neste instante.

Aqueles tempos, aquela gente, mesmo o Sr. e a Sra. Elias, seu filho e suas filhas e a loja deles, tudo se foi. Como pode a gente sentir zanga contra coisas que foram reduzidas a pó?

Capítulo IX

Aqui nesta casa silenciosa, estou sentado a pensar, retrospectivamente, na organização da minha vida, reconstruindo aquilo que se desmoronou. A mim me parece que a vida do homem é um simples modelo rabiscado sobre o tempo com pouco pensamento, pouco cuidado e nenhum senso de desenho. Por que é, pergunto a mim mesmo, que o povo sofre, quase sem necessidade, quando um esforço de vontade e algum trabalho árduo tirariam a todos da miséria, para enchê-los de paz e de contentamento?

O montão de escórias está-se movendo de novo.

Posso ouvi-lo, sussurrando para si mesmo, e enquanto ele sussurra, as paredes desta valente casinha estão se retesando para resistir ao assalto. Durante meses, mais do que imaginara que pudesse ela resistir, aquele grande montículo foi carregando sobre aquelas paredes, aquele teto. E durante meses, o grande tirano foi abatido, pois no tempo de meu pai os operários construía bem, porque eram artífices. Fortes vigas, autênticos blocos, bom trabalho e amor pela obra, tudo isto está nesta casa.

Mas o montão de escórias se move, faz pressão, cada vez maior e cada vez mais forte, por cima e pelos lados desta casa que era a casa de meu pai e de minha mãe e agora é minha. Em breve, talvez dentro duma hora, a casa será enterrada e o montão de escórias estender-se-á do alto da montanha até o rio, no vale. Pobre rio, tão belo que tu eras! Quão alegre era a tu# cantiga, quão límpidas eram as tuas verdes águas, como gostavas de brincar por entre os rochedos adormecidos!

Recordarei para todo o sempre o dia em que te vi, depois de minha longa estada de cama.

Naquela manhã o Sr. Gruffydd veio cedo à nossa casa e abriu a porta da cozinha, de modo que o sol cintilava em torno dele. Parecia grande e cheio duma intenção feliz.

— Bom dia, Sra. Morgan — disse ele.

— Bom dia, caro Sr. Gruffydd — disse minha mãe, surpresa. — Folgo muito em vê-lo.

— Vim por causa de Huw — disse ele, como se estivesse pedindo um pão para a velha Sra. Llywarch.

— Huw? — perguntou minha mãe, olhando por cima da mesa para mim, com as sobrancelhas quase tocando o paninho azul.

— Sim — respondeu o Sr. Gruffydd —, hoje é o dia que ele tanto esperava.

Olhei para o Sr. Gruffydd e fiquei sabendo. Mas minha mãe estava ainda perplexa.

— Os narcisos floriram, mamãe — disse eu.

— Oh! Huw — exclamou minha mãe, largando a faca de pão e desviando os olhos.

— Onde estão suas roupas, Huw? — perguntou-me o Sr. Gruffydd docemente, olhando para as costas de minha mãe.

— Debaixo de meu travesseiro.

— De seu travesseiro?

— Esses meses todos, prontas para hoje.

— Venha, então — disse ele, sorrindo. — Trará de volta um ramalhete digno duma rainha, de sua corajosa mãe, não é verdade?

— Decerto que trarei — respondi, e revirei o travesseiro, tirando de baixo dele minhas roupas, que eu conservara prontas, desde que começara a pensar no assunto.

Havia dor e uma sensação de desalento em todos os meus ossos, mas eu estava resolvido a vestir minha roupa. E a vesti, sem muita dificuldade, embora as meias fossem grandes e as calças xadrez demasiado curtas. Mas eu havia crescido e ficado magro, de modo que era inútil queixar-me.

Deve ter sido um espetáculo, quando estendi as pernas e fiquei de pé. Mas nem o Sr. Gruffydd nem minha mãe olharam para mim, de modo que não tive de corar e fiquei bastante grato.

— Treppe nas minhas costas, Huw — disse o Sr. Gruffydd e curvou os joelhos de modo que eu pudesse botar os braços em volta de seu pescoço. Jamais esquecerei como me chocou o ver-me às costas dum ministro. Tanta familiaridade não parecia estar direito. Mas ali estava eu, sendo carregado para a porta.

— Ele voltará dentro de duas horas, Sra. Morgan, o meu rapazola — disse o Sr. Gruffydd.

— Deus o abençoe — disse minha mãe, ainda sem olhar.

— Adeus, mãezinha — disse eu, com as pernas quase a dobrarem-se para trás. — Esteja com o jarrão pronto para os narcisos. Trarei uma braçada para a senhora, e alguns para Bron.

Lá fora, então, e através das tonificantes rajadas de ar, pusemo-nos a andar depressa com a neblina matutina e a luz do sol, soprada sobre nós pelo vento do sudeste e pelas correntes de ar que traquinam pelo vale.

— Você vai indo bem, Huw? — perguntou-me o Sr. Gruffydd. — Estou indo muito depressa?

— Não, senhor. Pode continuar.

— Está bem. Aqui está a estrada e lá em cima os narcisos. Agarre-se bem, agora.

Nos primeiros minutos vi-me obrigado a fechar os olhos para acostumá-los ao clarão do sol, de um branco tão novo, tão puro, tão brilhante. Depois que me acostumei e menos lágrimas me eram provocadas, senti-me capaz de ver sem apertar os olhos e sem ter de pestanejar.

A primeira coisa que vi foi o montão de escórias.

Havia-se tornado enorme, comprido e negro, sem vida ou sinal de vida, jacente ao longo da extremidade do vale, em ambas as margens do rio. A grama verde e os juncos e flores, tudo desaparecera, esmagado debaixo dele. E a cada minuto o montão crescia, à medida que caçamba e mais caçamba guinchavam ao longo dos cabos do poço da mina, batiam com força, parando, num pilar inclinado e esvaziavam pesadas e poeirentas cargas na parte traseira do terreno, sulcado, negro e sujo.

No nosso lado do vale, o montão atingia os muros do jardim da frente da extrema fila de casas, e crianças dali brincavam, subindo e

descendo as ladeiras negras, gritando, berrando, rindo, doidas de alegria. Do outro lado do rio os telhados das chaminés da primeira fila de casas mal podiam ser avistados acima da parte posterior, fortemente curva, do distante montão, e durante todo o tempo em que estive observando, o cabo guinchou e as caçambas se derramaram. Do poço Britânia ouvia-se um chamado, em meio do barulho das caçambas que subiam, como que a lembrar ao vale para estar pronto a receber mais imundícies, enquanto o trabalho prosseguisse, entrava ano, saía ano.

— Pode a mina fazer isso conosco, Sr. Gruffydd? — perguntei-lhe.

— Fazer o quê, meu filho?

— Jogar escória por aqui.

— Em nenhuma outra parte poderá ser jogada. Olhe lá para o alto da montanha, perto do Glas Fryn. Veja, lá estão os narcisos.

E efetivamente lá estavam, com suas verdes folhas em meio da hispidez mais escura da relva, e as flores amarelas badalando ao vento, lá em cima, perto do Glas Fryn e ao longo de todo o vale, tão longe quanto podia eu avistar, voltando a cabeça.

O ouro pode ser descoberto de novo, e os homens podem sofrer-lhe a loucura novamente, mas ninguém saberá o que senti ao ver a aurifulgência dos narcisos, ali florindo naquela manhã. O Glas Fryn era o lugar onde eles cresciam, mais próximo de nossa casa. Foi mais tarde que eu plantei batatas dele em nosso jardim, mas o jardim era tão pequeno e a terra tão dura de poeira das escórias, que eles brotaram, mas não vingaram.

Naquela manhã o Sr. Gruffydd colocou-me no meio deles todos, bem perto, onde eu pudesse colhê-los, para aspirar-lhes o fresco perfume e dar graças a Deus.

Abaixo de nós, corria o rio, manso como sempre, feliz ao sol, mas logo que encontrava a negrura entre os muros declivosos de escória, parecia tomar-se de medo e seguia abatido, uniforme, sombrio, sem agitar-se. E do outro lado aparecia cinzento, e começava a apressar-se de novo, como se ansioso por fugir. Mas suas margens estavam manchadas, e os juncos e capins que as ornavam pendiam, negros, lânguidos, envergonhados de sua sujeira,

prestes a morrer de vergonha, parecia, e de tristeza, por causa do seu querido amigo, o rio.

— Chegarão até cá os salmões, este ano, Sr. Gruffydd? Ficou silencioso um instante, procurando o cachimbo no bolso.

— Disseram-me que nenhum salmão será visto nestes dois anos.

— E nem trutas tampouco, então?

— Receio que não, Huw. Elas não têm coragem de enfrentar aquele trecho ali, tão negro.

— Bom. Ninguém me dirá de novo que os peixes não têm senso. É pena, penso eu, que a maior parte de nós não pense tão bem como os peixes.

— Colha suas flores, Huw. Eu disse à sua mãe que ficaria umas duas horas. Já deve estar à nossa espera.

Foi pena não termos podido arrancar todas as flores que brotavam e carregá-las, com terra e tudo, conosco. É lamentável ter de quebrar os talos das flores e ver que elas perdem seu rico sangue branco, somente porque queremos ter o prazer de colocá-las num jarro de água. Contudo, eu tinha prometido e cumpria a promessa. De modo que fui quebrando as hastes, uma braçada delas, e de novo trepei às costas do Sr. Gruffydd, descendo para casa montanha abaixo.

Era na verdade agradável ver como o povo me olhava. Todas as portas estavam abertas, e quando passávamos as mulheres corriam para fora a acenar para mim, desejando-me felicidades.

Minha mãe esperava por mim, na porta da frente, com Bronwen e Angharad.

— Muito bem — disse minha mãe.

— Deixe-me tirá-lo de suas costas, Sr. Gruffydd — disse Angharad, pondo as mãos em volta da minha cintura, mas eu empurrei-a.

— Dê o fora, menina — disse eu —, já posso andar agora. E assim fiz, embora um tanto à semelhança duma aranha velha, arrastando um barrigão. Meu amparo foi a parede, até que pude atingir a cadeira de meu pai, dentro da qual deixei-me cair.

— Muito bem — disse o Sr. Gruffydd, enquanto minha mãe resfolegava, ansiosa.

— Estou com uma fome! — disse eu.

— Espere — disse minha mãe. — Você terá um almoço igual ao de seu pai, agorinha mesmo. Uma xícara de chá para o Sr. Gruffydd, Angharad. Você está aí plantada no assoalho, menina!

Bronwen entrou, trazendo os narcisos no jarro, e como parecia bela com o ouro a brilhar no seu rosto!

— Dentro em pouco você terá um companheiro para seus passeios, Huw, o pequeno Gareth — disse ela, arrancando uma flor aqui, fazendo entrar outra ali.

— Não — respondi. — Em breve estarei indo para a escola, e acabada esta, para dentro da mina com papai.

— Por que dentro da mina, Huw? — perguntou-me o Sr. Gruffydd. — Por que não a escola, o colégio, depois a universidade e depois a medicina ou a advocacia?

— Sim — disse minha mãe. — De fato, isso é bonito. Dr. Huw Morgan, e sua casa própria e um belo cavalo e um cabriole. Com uma boa casaca preta e uma camisa de peito duro. Oh! que bela coisa, Huw, meu filhinho. Como ficarei orgulhosa de você!

— Não serei um doutor, mamãe. Ainda não faz seis meses, o Dr. Richards dizia que eu nunca mais haveria de pôr os pés no chão. Esta manhã subi à montanha. Amanhã tornarei a ir e na outra manhã e todas as manhãs por vir. Não hei de ser doutor.

Minha mãe deu ao Sr. Gruffydd sua xícara de chá e começou a atizar faíscas no fogo, de modo que percebi que ela tinha muita coisa a dizer, mas se continha por causa do Sr. Gruffydd.

— Diga o que está pensando, Sra. Morgan — falou o Sr. Gruffydd, sorrindo.

— Os filhos que Deus me deu são um bando de jumentos emperrados — disse minha mãe, com raiva, voltando-se para meu lado e jogando o atizador para qualquer parte. — Verdadeiras mulas velhas é o que todos são. Se a gente diz alguma coisa boa, não. Se a gente diz alguma coisa ruim, não. Para tudo quanto a gente diga, um "não". São eles os únicos que sabem de tudo. Pelo fato de ser o Dr. Richards um velho maluco, você deixará de ir para a escola e fazer coisa muito melhor? Tenha juízo, rapaz. Você ainda não tem idade para dizer as coisas.

— Sim, mamãe — respondi e o toucinho cheirava tão bem que minha boca estava cheia d'água.

— Veremos — disse o Sr. Gruffydd, levantando-se para sair. — No domingo, irá ele à capela e sentar-se-á no coro. E cantará um solo. Isso fará que seu espírito fique alerta até lá.

— Oh! Sr. Gruffydd — disse minha mãe —, como Gwilym ficará contente! Obrigada, muito obrigada.

— E nada de conversas de doutores e de advogados — disse o Sr. Gruffydd. — De conversas bastam já as que eles nos desfiam. Não gastemos nosso tempo com eles. Até amanhã de manhã, Huw.

— Sim, Sr. Gruffydd, e muito obrigado.

— Deus o abençoe, meu filho — disse, sorrindo para minha mãe. E saiu.

Capítulo X

Pois bem, desgracei-me para sempre naquele domingo em que cantei um solo e, no entanto, nunca fiquei triste por isso.

Todas as noites daquela semana, logo que meu pai voltava da mina, tomava banho e comia uma boa ceia, pegava do diapasão e me exercitava. "Agora agradeçamos todos ao nosso Deus", cantava eu, e antes que acabasse o primeiro verso, já a sua música arrancava lágrimas de meu pai. E na verdade eu o cantava porque o entendia, não porque fosse um hino que devia ser cantado. Estar sem as pernas durante mais de dois anos e depois erguer-se direito, para palmilhar de novo a terra, faz com que a gente sinta o coração sangrando de agradecimento, a cada passo que damos.

Domingo de manhã todos se levantaram cedo. Quando olhei para fora pela janela enquanto meu pai estava acendendo o fogo, vi todas as chaminés porem-se a fumegar quase ao mesmo tempo, como se todos houvessem despertado cedo para arranjar um bom lugar.

Tínhamos um desjejum frio, como de costume, mas minha mãe cozinhou um ovo para mim na água esquentada para o banho do pequeno Gareth, e deu desculpas à sua consciência, tomando um copo de água fria em vez de sua xícara de chá.

Para a capela, então.

Fui na frente com Angharad. Ceridwen, vinda da fazenda para passar o domingo, caminhava em companhia de Gwilym atrás de nós, depois vinham Bronwen e Ivor, e por fim meu pai e minha mãe.

Ao passarmos, portas abriam-se, os homens, com suas roupas domingueiras, saíam, sorrindo e desejando bom-dia, bem como as mulheres com seus melhores vestidos, algumas com os chapéus

altos como o de minha mãe, e outras com toucas, como as de Bronwen e Angharad.

Pelo caminho por onde descíamos, passavam outras famílias como a nossa, mas a nossa era uma das menores. Se todos os nossos rapazes estivessem, porém, em casa, outra era a história a contar.

O Sr. Gruffydd estava esperando do lado de fora da capela, apertando as mãos de todos quantos entravam. Levantou-me do chão e deu minhas bengalas a meu pai.

— Lá para cima no coro, sim? — disse-me ele. — Está com a voz boa, hem?

— Esplêndida — disse meu pai. — O diapasão tornou-se inútil a semana inteira.

— Está bem — disse o Sr. Gruffydd. — Alguma coisa boa para Deus esta manhã, não é?

A capela era maior do que eu tinha pensado, tão acostumado estava à nossa cozinha. Branca e solidamente construída, com uma galeria de madeira envernizada, em redor do teto, e um soalho tão polido que a gente podia comer em cima dele. Na extremidade oposta à porta, erguia-se o púlpito, sobre as cabeças dos fiéis, e embaixo dele havia uma plataforma para os chefes e diáconos. À direita e à esquerda, quatro fileiras de assentos, cada qual mais alto que o da frente, para o coro, as mulheres à esquerda e os homens à direita. E um cheiro de roupas domingueiras, de coisas polidas, e de livros de velhos hinos, por toda parte, duma ponta à outra.

Fui colocado na plataforma, junto do Dr. Richards, e tímido e estranho me senti, diante de toda aquela gente que olhava para mim, sorrindo e cochichando no ouvido um do outro. Pensava que era das minhas pernas finas que eles estavam rindo, e procurei pô-las em torno dos pés da cadeira, mas segurava-me com tão pouca força que quase caí de cabeça para baixo no soalho.

— Sente-se direito e apoie os pés no soalho — cochichou-me o Dr. Richards —, do contrário rachará a cabeça no chão. Outra coisa igual e eu o amarrarei com minhas braçadeiras.

Em seguida, o hino, e depois uma oração do Sr. Gruffydd. Mais hinos, e todos cantando com vigor, sentimento, e maravilhoso

compasso, com as duas últimas palavras de cada verso caindo sobre nós, lá de cima do teto, e as pausas respiratórias preenchidas pelo glorioso soar do tom bem lançado.

Depois o Sr. Gruffydd inclinou-se para olhar para mim, e fiquei de pé, enquanto a Sra. Tom Harries tocava a introdução.

É um pavor que a gente sente, ao ficar de pé diante de fileiras de rostos, que se tornaram úmidos e trêmulos, através da água que o nervosismo nos faz brotar aos olhos. A boca da gente fica seca, com areia na língua e na garganta, de modo que a nossa respiração se torna quente e dolorosa. Chega então a vez de cantar e a gente esqueceu as palavras. Cada uma delas virou uma roda que rola para longe de nós, indo mergulhar no poço do esquecimento. Estendemos os braços à grata sensação de palavras bem lembradas. Se pudermos pensar na primeira palavra, todas as outras correrão a enfileirar-se atrás dela e todas surgirão, passando pelo olho de agulha do nosso pensamento, e podemos então encaixá-las na melodia e cantá-las.

Mas a primeira palavra oculta-se por trás da touca da Sra. Phillips, e embora a gente esteja disposto a arrastar-se de joelhos para tê-la segura na boca, aquela pena grande oculta-a demasiado bem.

Três vezes a Sra. Tom Harries tocou as notas e então abri a boca para mostrar-lhes que estava pronto, e como se elas houvessem sentido piedade, voltaram as palavras e lancei minha voz para o alto, para a fila traseira da galeria, e mais alto ainda, no regaço dos apóstolos, curvados devido ao teto abobadado.

Depois o Sr. Gruffydd fez seu sermão, houve a coleta, depois outro hino e a bênção, e afinal chegou a hora de regressarmos a casa.

Mas após a bênção, quase ninguém se moveu, exceto as moças e algumas das solteironas mais velhas. Minhas irmãs e Bronwen saíram, e também minha mãe, mas em redor de mim, sobre a plataforma, os diáconos e todos os que se ocupavam com as coisas da capela ficaram arrumando cadeiras. O Dr. Richards ergueu-me, a fim de estar pronto quando papai chegasse, para auxiliar-me lá fora, mas antes que ele pudesse alcançar-me, o Sr. Parry, o carvoeiro,

havia-se levantado e dirigia-se ao povo, de modo que tive de sentar-me de novo e meu pai ficou onde estava.

Pensei que se tratasse das usuais notícias da capela, mas, desde que elas jamais me perturbavam, gastei uns minutos multiplicando o número do primeiro hino pelo segundo e dividindo pelo terceiro, velha brincadeira que meus irmãos costumavam fazer para receber seis tostões de meu pai, em prêmio pela mais rápida resposta certa, e multas pelos enganos e pela lentidão.

Mas depois o Sr. Parry revirou os olhos tão severamente e sua voz se tornou tão aguda, que os números voaram de minha cabeça e pensei que ele se dirigisse a mim, mas vi uma moça chorando passar ao meu lado, subindo os degraus da plataforma.

Era uma moça dos poços da mina.

Vestido elegante, não rico, mas muito elegante, um bom chapeuzinho na cabeça, e seu pobre rosto tão vermelho e regado de lágrimas, que me deu vontade de ir direto a seu encontro para consolá-la.

— Adúltera — gritou o Sr. Parry, e todos os homens, moços e velhos, concordaram, dizendo "ah!" ou "hum", e alguns deles meneavam a cabeça e franziam os olhos e frentes, como se tivessem recebido um grande abalo.

Os sacerdotes, os escribas e os fariseus estavam em sessão, regozijando-se agudamente.

— Os teus desmandos te denunciaram — gritava o Sr. Parry, esmurrando a balaustrada — e pagaste o preço das mulheres como tu. Teu corpo era a armadilha do Diabo e deixaste que a tentação te visitasse. Agora vais dar um filho ilegítimo ao mundo, contra o mandamento de Deus. Não cometerás adultério. É inútil orar por criaturas da tua espécie e não és digna de entrar na casa de Deus. Deverás ser lançada às trevas exteriores, até aprenderes o que deves aprender. £« sou teu Deus eterno, forte, ciumento, e os pecados dos pais cairão sobre os filhos até a terceira e quarta geração dos que me odeiam. Meillyn Lewis, reconheces haver pecado?

Meillyn Lewis ejaculou seu terror num trapo ensopado, engolando palavras que diziam "Sim", e "Reconheço".

— Desejas entrar em paz com o Pai Eterno? — perguntou-lhe o Sr. Parry.

Sim, Meilyn desejava entrar em paz de qualquer espécie e com quem quer que fosse, mesmo com o próprio Diabo, em meio dum fedor de enxofre, somente para poder sair daquela capela e correr lá para o alto da montanha, longe daquelas cabeças reprovadoras, daqueles “ahs” e daqueles “humms” e dos olhos e da voz do Sr. Parry.

— Mas antes de fazeres a paz, terás de sofrer uma punição — disse o Sr. Parry, mergulhando a voz nos jarros de flores, pois àquele nível soava como a trombeta final e o Sr. Parry sabia efetivamente disso.

— Oh! como me sinto triste! — Meilyn Lewis assoou-se no trapo. — Tenha piedade de mim. Nunca mais farei isso de novo, Deus bem sabe.

— Invocando o nome de Deus em vão — disse o Sr. Parry, dois tons acima, de tão surpreso. — Sossega, mulher, e escuta os teus superiores. Nada sofrerás do Pai e nós aqui estamos para cuidar disso.

Foi então que minha desgraça ocorreu.

Não posso lembrar-me de nada que me levou a pular e gritar para o Sr. Parry. Tudo quanto aprendera era contra tal coisa, especialmente na capela, e minha mãe teria morrido só de pensar nisso. Mas tal cólera se apoderou de minha garganta, que o próprio ar diante de mim se fez vermelho e eu podia ouvir meu coração trabalhar com força dupla dentro do peito, para impulsionar o sangue e dar-me energia.

— Hipócrita! — gritei para ele, realmente surpreso com a elevação de minha voz. — Primeiro arranca a trave de teu próprio olho para depois poderes ver claramente e arrancar o argueiro do olho do teu próximo. Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que fechais o reino dos céus diante dos homens, pois nem vós entraís, nem suportais que os outros nele entrem. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas que sois como sepulcros caiados de branco, que realmente aparecem belos por fora, mas dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a podridão. Assim também vós

apareceis exteriormente justos aos olhos dos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade. Vós sois serpentes, sois raças de víboras, e como escapareis à condenação do inferno? Vede que a vossa casa ficará deserta!

Se pudessem ver que cara fazia o Sr. Parry!...

Depois me arrependi.

Imediatamente, antes que o Sr. Parry pudesse fechar a boca ou cerrar os olhos pasmados, antes que o Sr. Gruffydd se movesse, antes que ouvisse meu pai aproximar-se, me arrependi do que fizera. Porque o Sr. Parry era um homem bom, ninguém melhor do que ele. Pagava a seus homens melhor que a maior parte, e dava em abundância aos que necessitavam, além de pagar a escola de metade das crianças do vale.

Assim sendo, arrependi-me, minha voz se partiu pelo meio, caiu em pedaços e seus restos misturaram-se à respiração.

Então o Sr. Parry fechou a boca, fazendo um barulho que todos ouviram, e o Sr. Gruffydd desceu do púlpito muito vagarosamente, enquanto os diáconos e chefes olhavam uns para os outros e para o Sr. Parry, e o Sr. Parry me fixava e meu pai corria para meu lado, agarrando-me pelo ombro.

— Seu maroto — disse ele —, seu maroto! Ainda tem coragem de fazer uma coisa dessas!

— Deixe-o, por ora, Sr. Morgan — disse o Sr. Gruffydd, com bastante brandura. — Leve o menino para casa e não deixe que se fale do caso. Não é preciso trazê-lo à capela hoje à noite, e esta tarde leve-o com o senhor até a montanha. Huw — disse para mim, sem emoção —, quero vê-lo amanhã de manhã.

— Sim, Sr. Gruffydd — disse eu.

— Vamos — disse meu pai e saímos para o silêncio pálido, frio, ensolarado, mas sentindo o calor dos pensamentos daqueles que estavam sentados, tão calados. Nenhuma cabeça se voltou à nossa passagem.

As pessoas, que haviam ouvido no vestíbulo, olhavam para mim e faziam cara séria para meu pai, movendo os lábios para cumprimentá-lo, mas sem dizerem uma palavra. Parecia que as próprias vozes se tinham esvaído, tão grande era a minha desgraça.

— Fiz mal, papai? — perguntei a meu pai, depois de termos andado um pedaço na rua.

— Se fez mal, meu filho? — disse ele, parando a olhar para mim cheio de surpresa. — Se fez mal? Um pedaço de gente como você dizer coisas daquelas ao Sr. Parry? Estou tão envergonhado que poderia cavar um poço para meter-me nele com você.

— Mas eles foram cruéis com Meilyn Lewis.

— Isso é uma coisa que diz respeito ao Sr. Parry e aos diáconos e não a você.

— Mas o senhor é diácono, tanto quanto o Sr. Parry. O senhor não se sentou na cadeira grande. Por que não?

— Cale-se e vamos para casa almoçar, meu filho — disse meu pai, com enfado. — Ah! meu querido, que ninho de escorpiões proveio daquele quarto lá de trás de casa. Nenhum de vocês a pensar nos outros. Sempre prontos a dar com a língua. Não posso mesmo imaginar o que será de vocês no futuro.

Subimos a colina em silêncio, e embora as cortinas se movessem nas janelas e eu percebesse rostos, que espreitavam das sombras nas portas abertas, ninguém saiu e ninguém se achava na rua. Os próprios pássaros conservavam-se afastados de mim, parecia, e o sol quente tornava mais pesado o silêncio.

E assim entramos em casa. Meu pai seguiu para a cozinha, a fim de falar com minha mãe, e fechou a porta.

Angharad olhou para mim, com os dentes cravados no lábio inferior e com terrível cintilar nos olhos, meneando bastante a cabeça.

— Vai ver o que lhe acontece quando mamãe souber — sussurrou ela.

— Quem contou a você?

— A Sra. Prosser contou a Bron e eu estava lá.

— Que disse Bron?

— Mandou-me sair de casa. Por que terá feito isso? De qualquer forma, o pior eu já tinha ouvido.

Sentei-me, sentindo um rio de terror rolando através de meu estômago. Imaginava o que haveria de suceder-me. Pensava no

policial descendo da montanha para levar-me para a cadeia. A voz de meu pai soava profunda lá na cozinha, depois silenciou.

Minha mãe entrou para buscar pratos no guarda-louças. Seu rosto estava mais vermelho que de costume, e pensei, por um instante, que estivesse zangada demais para poder falar. Mas enquanto pegava um prato, relanceou a vista para meu lado. Vi então um sorriso em seus lábios e lágrimas em seus olhos. Suas saias rodopiaram, pressurosas, quando correu para mim e se ajoelhou, abraçando-me, quase a erguer-me da cadeira.

— Está bem, está bem, meu filhinho. Sua mamãe está tão contente, que tem até vontade de gritar.

Meu pai entrou e ficou de pé, de mãos nos bolsos, completamente desarmado.

— Está bem, Beth — disse, como se o ar estivesse desaparecendo do mundo —, você é tão ruim quanto ele, menina.

— Sim, Gwilym Morgan — disse minha mãe, levantando-se e indo buscar os pratos —, e você é tão ruim como aquela matilha de cães.

— Bonita coisa para dizer! Não admira. Agora já sei.

— Que é que sabe agora? — perguntou minha mãe, parando junto dele, ambos se contemplando, mas sem nem um pouquinho de cólera, um contra o outro.

— Porque me saiu semelhante tributo de filhos. É você. A trapalhada é essa. A causa é Beth Morgan.

Minha mãe olhou para ele e ele retribuiu-lhe o olhar. Mamãe sorriu.

— Vá-se coçar — disse ela e saiu, rápida, para a cozinha. Meu pai estalou a língua e olhou para mim. A risada que havia em seus olhos desceu célere pelas rugas de seu rosto e explodiu-lhe na boca.

— Que família essa nossa! Venha lavar as mãos, meu filho, e vamos comer.

Capítulo XI

Quando, na tarde daquele domingo, nos achávamos quase no cimo da montanha, meu pai parou para encher o cachimbo, enquanto retomava fôlego e contemplava o vale lá embaixo.

— Está vendo, meu filho? Você não pode dizer o que entender. Há coisas que devem ser feitas e coisas que não devem ser feitas. Coisas boas e coisas más. E os melhores juízes são aqueles que têm vivido mais tempo e pensado mais.

— Sim, papai — respondi.

— Sim — disse ele. — De qualquer modo, não estou gostando do tom desse seu "sim". O que você quer dizer é "não, papai", é isso mesmo?

— Sim, papai.

— Diga o que pensa, rapaz — disse meu pai, com raiva. — Diga sempre o que pensa a mim. Como poderei ir em seu auxílio, se só diz mentiras?

— Mas, papai, o senhor me chamou de maroto, quando eu disse o que pensava, esta manhã.

— Sim, mas a história era outra. Naquela ocasião estava você falando de coisas que ainda não são para seu bico. Você não precisava falar esta manhã. Se suas pernas estivessem firmes, você teria voltado para casa com sua mãe e Angharad.

— Então a coitada da Meilyn Lewis teria sofrido tudo aquilo e pior ainda, sem que ninguém dissesse uma palavra em seu auxílio.

— Meilyn Lewis é uma moça de má conduta — disse meu pai, dando uma baforada.

— Porque teve um bebê?

— Cale-se, agora. Você está falando a respeito de coisas que ainda não conhece.

— Sim, sei. Meilyn Lewis foi lá para cima da montanha, em companhia do jovem Chris Phillips, e ele agora deixa que se dirijam a ela da maneira como fizeram na capela.

— Como sabe disso?

— Quantas e quantas vezes não passaram eles por nossa janela? E quantas e quantas vezes não ouvi as mulheres dizerem que não tardariam a surgir trapalhadas, se ele guardasse seu dinheiro, em vez de comprar um anel e a mobília.

— Está bem, deveras. Você sozinho é uma assembleia de velhas comadres: no futuro, conservarei você fora daquela cozinha. Você tem orelhas maiores que as de um jumento para ouvir mexericos.

— Foi esta manhã a primeira vez que abri minha boca.

— E espero que seja a última. Mais um bate-boca desses e seremos expulsos do vale.

— Por que, então?

— Porque, meu filho — respondeu ele, realmente grave —, não é próprio, nem direito, para um menino como você fazer observações. Nunca tivemos questões no vale, porque sempre nos temos mantido com correção. Os homens devem pensar duas vezes antes de fazer uma coisa errada. As mulheres também. Se todas as mulheres da igualha de Meilyn Lewis tivessem permissão de fazer o que bem entendessem, que nos aconteceria?

— O que, mesmo?

— Teríamos um posto policial no vale, para começar. Seria uma bela coisa para nós. Como se todos fôssemos um bando de criminosos, à espera de sermos levados. E que aconteceria aos nossos lares, à sua mãe e às suas irmãs? Gostaria você que Angharad fosse tratada da mesma maneira que Meilyn Lewis?

— Oh! papai. Angharad não. Ela nunca subiu lá para a montanha.

— Graças a Deus — disse meu pai, tirando o cachimbo. — Que rapaz é você, homem! Eu não queria referir-me a Angharad. Estava somente dizendo "se", ora essa. E se eu a encontrasse, nesse caso, a estrangularia.

— Estrangularia mesmo, papai?

— Sim, garanto que estrangularia — afirmou ele, com convicção.
— Façamos as coisas com ordem, com retidão e com decência.

Coisas assim valem uma ou duas vidas de um homem. A vida sem elas seria, na verdade, um inferno. Meilyn Lewis foi um exemplo. Posso jurar que o que aconteceu esta manhã fará com que uma moça pense duas vezes antes de tornar-se uma mulher ordinária.

— Ela é ordinária porque foi para a montanha com um homem, em vez de ir para sua cama com seu marido, não é, papai?

Meu pai guardou silêncio por um instante, de costas para mim, olhando para o vale lá embaixo.

O sol esplendia. Mais esplendente, porém, era a verdura do vale, pois cada folha de relva refletia a luz e enchia os prados de ouro e de verde, e amarelos, vermelhos e azuis apontavam dentre as sebes, onde as flores eram visitadas pelas reluzentes abelhas. Espinheiros brancos e amendoeiras estavam brotando, e mais abaixo, maçãs temporonas tornavam-se esplêndidas, em quatro airosas fileiras, por trás da chácara de Meirddyn Jones. Seu rebanho de vacas pretas estava todo metido no rio, mergulhando as barrigas na fresca água tranquila, lançando brancos salpicos com as caudas, ao caírem dentro d'água, depois de haverem abanado as moscas, e cá em cima, perto de nós, carneiros afundavam as ventas no verde tenro. Quando o vento parava um instante para tomar fôlego, a gente podia ouvi-los pastar.

Belo era o vale naquela tarde, enquanto a gente não voltava a cabeça para a direita. Aí então dava-se com a vista nos dois montões de escórias.

— Sim — respondeu meu pai —, é por isso que ela é ordinária.

— E Chris Phillips, que é então?

— Ele agiu muito mal — disse meu pai, mas não havia consistência em sua voz. — O Sr. Gruffydd vai ter uma conversa com ele.

— Mas não na frente de todo mundo. Se Meilyn Lewis é uma mulher ordinária, Chris Phillips é um covarde. E bem sei qual dos dois é o pior.

— Bico calado, de novo. Largue disso agora. E não diga mais uma palavra sobre o assunto. Você não tem ainda bastante idade e

muito já falou a respeito disso. Mais contas e mais livros e menos língua. Voltemos para casa e vamos tomar uma xícara de chá.

Metade das mulheres da colina fora ver minha mãe, enquanto estávamos fora, segundo nos contou ela quando voltamos. Todas foram dizer quanto lamentavam o ocorrido e todas voltaram com a mesma resposta.

— Não há motivo para lamentações, disse eu — contou minha mãe, enquanto cortava pão e manteiga, com a faca flamejando à luz do fogo e a chaleira assobiando em cima da chapa do fogão. — E nada há que fazer.

— Foi só isso que você disse? — perguntou meu pai, erguendo a vista para a lâmpada.

— Bem — respondeu minha mãe —, eu disse isso e outras coisas, naturalmente.

— Está bom — disse meu pai. — Quero que me conte isso mais tarde. Mas agora, o caso está liquidado. Ele poderá ir esta noite para a casa de Bron e preparar suas lições, enquanto estivermos na capela.

— Não irei à capela esta noite — disse minha mãe; e sentou o bule na mesa com tanta força que as xícaras saltaram.

— Começou você, agora? — perguntou meu pai, sem surpresa. — Capela para nós dois, esta noite, Beth. E nada de tolices. Não se importe com as falas do povo. Lá é a casa da palavra de Deus. Estaremos nós dois hoje na capela. — Sim, Gwilym — disse minha mãe.

No dia seguinte, esperei muito pela chegada do Sr. Gruffydd, pois estava ansioso por saber o que iria dizer-me. Não dormira a noite inteira, criando fantasmas, enchendo meu pensamento deles e provocando lívidos pavores em mim mesmo. Cada fantasma tinha um castigo diferente para mim, alguns deles na verdade chocantes.

Que louco é o pensamento do homem, para fabricar duendes para si mesmo e viver apavorado com coisas que carecem de realidade!

Mas o Sr. Gruffydd entrou, como se nada houvesse acontecido. Realmente, o único sinal de que alguma coisa não andava bem era

dado por minha mãe. Tremia tanto que teve de largar o bule, e foi Angharad quem serviu o chá ao Sr. Gruffydd.

Subimos mais alto na montanha do que habitualmente, pois eu estava mais forte e utilizava agora apenas uma bengala. De modo que seguíamos para o cimo, donde podíamos avistar os vales todos, cobertos de pálidas névoas azulinas e com esgarçadas formas acinzentadas e azuis, mais profundas onde as montanhas se erguiam para protegê-las.

Estava frio e maravilhosa se fazia ouvir a canção do vento do nordeste.

— Agora, Huw — disse o Sr. Gruffydd —, bons pulmões. Aspire profundamente e conte devagar até cinco, antes de encher os pulmões. Depois conte mais cinco. E depois, mais cinco para expirar. Vamos ver?

— Sim, Sr. Gruffydd.

— Está bem.

Assim respirávamos, os dois, lá no topo da montanha, enquanto as névoas se iam tornando purpurinas e róseas, e o sol se incendiava através delas, cobrindo-nos a ambos de calor, e irrompeu pelo vale com tamanha energia, que não podíamos encará-lo. Assim deve ser, penso eu, quando encontrarmos Deus. Talvez mais forte ainda.

O vento estava pintando o sete com os cabelos do Sr. Gruffydd e seu nariz virava uma joia, que irradiava de chamar a atenção, levando a gente a contar quanto tempo levaria aquilo a cair. Mas ele tirou fora o lenço para uma boa assoadela e então senti que ia começar a falar.

Grandes ombros tinha o Sr. Gruffydd, e com aqueles seus trajes negros, era uma figura de causar medo. Mas eu nunca tive medo dele, embora me assaltasse sempre o temor de perder a sua estima e de cair no seu conceito.

— Huw — disse ele —, sentemo-nos aqui, meu filho. Subimos para o rochedo, que marcava o topo da montanha, e onde todos que usavam aquela vereda paravam para tomar fôlego e agradecer às estrelas que a estrada fosse descendo dali por diante.

Sentamo-nos ao sol, sobre um relvado tão macio como a toalha de mesa de mamãe e mais verde que ela. A rocha o resguardava do vento, que se enraivecia com isso. Podia-se conhecer sua raiva pelo tom de sua voz.

— Huw — disse o Sr. Gruffydd —, desejo falar muito seriamente com você.

— Sim, Sr. Gruffydd.

— Aconteceu ontem uma coisa na casa de Deus que ainda me parece um sonho. Um menino falando de um assunto do qual era ignorante. Ele elevou sua voz. Falou sem permissão. Interrompeu. Mostrou-se ofensivo.

— Sim, Sr. Gruffydd.

— Por quê? — perguntou-me ele, olhando lá o vale, como se não desse atenção.

— Porque — respondi eu, tentando diminuir minha voz — tive pena de Meilyn Lewis. Aquilo brotou de mim. Depois me arrependi.

— Você fez mal, Huw — disse o Sr. Gruffydd, pegando-me pelo queixo e fitando-me. — É preciso que tome a resolução de não fazer de novo coisa semelhante. Uma vez é mais do que bastante.

— Sim, senhor — disse eu, mas no íntimo era um “não, senhor”.

— Fique sabendo bem que há em todas as coisas um caminho reto e um caminho torto. Seu pai afligiu-se muito por sua causa. Se você faz aquilo dentro duma capela, que não fará fora dela? Que será de você depois?

— Eles foram cruéis com ela — disse eu, e sentia de novo na garganta aquele mesmo ardor ao pensar nisso. — Todos aqueles homens murmuravam e gesticulavam para magoá-la cada vez mais. Aquilo não era palavra de Deus. “Vai e não peques mais”, disse Jesus.

— Você conhece a sua Bíblia demasiado bem e a vida pouco demais. “Que haja moderação em todas as coisas”, disse São Paulo, e homem mais sensato jamais pisou a face da terra.

— Mas por que o senhor permitiu aquilo, Sr. Gruffydd?

— perguntei-lhe, com o sentimento obstinado daquela injustiça.

— Porque sou um pastor — disse o Sr. Gruffydd, com tristeza na voz. — Mas eu mudarei a loucura deles a bom tempo e sem auxílio

de Huw Morgan.

Por algum tempo o vento rosnou e tentou estender para nós os seus frios dedos em torno da rocha, mas o sol sempre o empurrava para trás.

O Sr. Gruffydd contemplou o vale inteiro por cima das montanhas, mas seus olhos não enxergavam, cegos que estavam pelo que pensava.

— Deve convencer-se, Huw — disse ele, falando ainda naquela cegueira —, de que os homens dos vales construíram suas casas e criaram seus filhos sem auxílio alheio, sem uma palavra do governo. Suas vidas têm sido guiadas, desde o berço, pela Bíblia. Dela é que tiram diretrizes. Não têm outro guia e nenhuma outra lei. Se isso tem produzido hipócritas e fariseus, a culpa está na raça humana. Nem todos somos anjos. Nossos pais mantiveram boa conduta e sentimentos retos com severidade, mas o Homem Adão tem muito de escorregadio e muitos são tão viscosos como a cobra. O que me maravilha é que os homens do vale sejam o que são e não todos bárbaros. Tive pena também de Meilyn Lewis. Mas aquela sessão dos diáconos era útil como um preventivo. Era cruel, porém é mais cruel permitir que a má conduta viceje sem peias.

— Não está direito fazer aquilo na frente de todos aqueles homens.

— Não está, Huw, mas devemos agir de acordo com as ocasiões, e sou justamente tão servidor da capela como de Deus. E os diáconos são meus chefes. Tenho de fazer alterações de mansinho. Devo pensar, para depois falar. Devo considerar o que precisa ser feito e depois escolher a oportunidade de fazê-lo. Não como o menino Huw Morgan, ou me poriam na rua para pregar às urtigas. Perderia as oportunidades de efetuar modificações ou de fazer o bem. Está entendendo, agora?

— Sim, Sr. Gruffydd. E me sinto agora mais arrependido ainda.

— Está bem, Huw — disse o Sr. Gruffydd, num largo sorriso, pondo à mostra seus bons e longos dentes. — Por tão bela desculpa, vou revelar-lhe que o julgo um bom rapaz, mas mal guiado na sua bravura. Nunca se importe com o que sentir. Pense. Observe. Torne a pensar. E depois um passo de cada vez, para acertar as coisas.

Como um pedreiro, ponha um tijolo de cada vez. Para que a construção seja sólida e boa. Da mesma forma com o pensamento. Pense. Construa um pensamento por vez. Pense solidamente. Depois aja. Ouviu ?

— Sim, Sr. Gruffydd.

— Vamos — disse ele, pondo-se de pé. — Para casa. Posso sentir daqui, realmente, o cheiro do bom presunto que sua mãe está preparando.

Capítulo XII

Ianto regressou então a casa.

Se rebuliço houve com a chegada do filho pródigo, creio que não foi maior do que o da recepção de Ianto.

Ellis, o carteiro, fez parar a égua branca, justamente em frente da porta, no momento em que almoçávamos, e chamou por minha mãe.

Tendo todos os filhos fora, minha mãe olhava para Ellis como para um anjo, com alegria, mas também com temor, no caso de trazerem suas cartas más notícias.

— Uma bem gorda aqui, minha cara Sra. Morgan — disse Ellis, rindo alto. — E quatro pence de multa por estar sem selo, também.

— Entre, Sr. Ellis — disse minha mãe, correndo a buscar sua carteira. — Angharad, ponha a panela no fogo, com toucinho, depressa. Uma boa xícara de chá, Sr. Ellis, para esquentar.

— Muito bem, realmente, será o terceiro almoço que como esta manhã. Boa coisa é ter uma barriga para contê-los.

— Pziu — disse minha mãe, dando-lhe o dinheiro e abrindo a carta.

— De Ianto, realmente — disse ela, agarrando a carta e indo à janela. — Espere, agora. “Meus queridos pais, estou certo de que devem ter pensado que morri, mas tenho estado em Londres.”

Minha mãe pôs uma mão na cabeça e olhou para nós como em estado de choque.

— Em Londres — murmurou ela. — Toda essa distância e nem uma só palavra. Boa essa, com efeito! — Olhou de novo para a carta e, rapidamente, exclamou: — Está de volta a casa! Está de volta a casa! Ianto está de volta a casa! O meu Ianto está de volta a nossa casa! Oh! Ianto, meu filhinho!

Ellis começou a dar vivas, batendo na mesa com a faca e o garfo, e minha mãe dançou em redor da mesa, agarrando Angharad e movendo-se dum lado para outro, com os olhos cheios de lágrimas: — Esperem — disse minha mãe, a enxugar os olhos. — Angharad, desça à mina e conte a seu pai e vá dizer a Bron. Depois volte, direta, para arrumarmos a casa.

Se algo aconteceu à casa quando Angharad voltou, não se pode chamar àquilo de "arrumação". A casa passou o dia inteiro de pernas para o ar, às voltas com água e sabão, e no dia seguinte Angharad e eu caíamos as frentes e os fundos da casa.

Tanto chegou no outro dia, de modo que, na noite anterior, todos os que o conheciam se encontraram em nossa casa e desceram com meu pai até a capela, para resolver o que deveriam fazer para a recepção.

Ellis mandou telegramas a Davy e a Olwen, e com Gwilym falara pessoalmente, no caminho da montanha. Ceridwen viera passar um ou dois dias em casa, Ivor, Angharad e eu estávamos ali, de modo que toda a família se achava reunida de novo.

Como meu pai estava contente!

Logo que entrou, de volta da reunião, com o Sr. Gruffydd, ajoelhou-se a orar, para dar graças a Deus. A própria pele de seu rosto parecia brilhar e o seu bigode parecia de pura prata.

— Ó Pai do Céu — disse ele, com os nós dos dedos na beira da mesa —, o mesmo que sentis quando vossos filhos voltam para vós, sinto eu, agora, à minha pobre maneira. Dou graças por haver visto este dia. Dou-vos graças por ver que meus filhos e minhas filhas estão com saúde. E, ó Deus, agradeço nesta noite e para todo o sempre. Amém.

Em seguida, sentamo-nos todos para cear e depois o Sr. Gruffydd e meu pai conduziram o cortejo, que começava com a banda e terminava com a carroça de carvão de Twm Pugh, para carregar as garrafas e barris.

No dia seguinte todos se levantaram bem cedo. Meu pai veio para casa uma hora mais cedo para ir com Ivor na carroça de Thomas, o carroceiro, até à estação da estrada de ferro, a fim de encontrar Ianto e os rapazes.

Não houve passeio para mim na montanha, naquele dia. Fiquei a lavar xícaras e pires, pratos e talheres, lá fora, no terreiro de trás. Todas as mulheres da colina estavam trazendo suas louças, pois, por causa do pessoal que descia da montanha, nós sempre pedíamos emprestada mais louça para termos bastante, e minha mãe fazia questão de lavá-la sempre antes de usá-la. Essa era a minha tarefa, e, embora não gostasse muito dela, não me esquivava de executá-la, em atenção a Ianto e aos rapazes.

Acabava a sirene justamente de tocar a hora da tarde na mina, quando ouvimos o som da banda lá no vale, onde o cortejo se estava encontrando com meu pai, Ianto e os rapazes.

Bem vivo era o entusiasmo.

Minha mãe parou de botar manteiga no pão e largou a faca para levar a mão ao peito.

— Ei-los que chegam! Ceridwen, ajude aqui a me vestir. Angharad, acabe de botar essa manteiga no pão. Bronwen, preste atenção às panelas.

Então cada qual tratou de apressar-se em terminar o que estava fazendo, de modo que quando a banda foi subindo a colina, já se achavam todos de fora à espera.

Quando Ifan Olwen apontou lá na esquina, perto dos trilhos, com seu grande bastão de prata e o cordão enrolado, e os latões resplandeceram e os tambores rufaram e trovejaram, realmente meu coração quase parou de bater. A banda não era muito grande, somente uns dez músicos ao todo, mas todos tocavam ao mesmo tempo, e de ouvido, mas muito bem.

À medida que chegavam lá em cima, sopravam quase pondo a casa abaixo.

Após eles, uma procissão de amigos nossos de todos os vales em derredor, das granjas, sem faltar os da mina. Quatro coros reunidos, todos do outro lado da montanha, nosso coro, depois os clubes de futebol com suas camisas de meia, as mulheres com seus chapéus altos e saiotas vermelhos, em seguida, todos os da capela e das capelas vizinhas, com os pregadores marchando em conjunto, e finalmente o coro das crianças.

E atrás de tudo, na carroça de Thomas, o carroceiro, toda enfeitada de flores, relvas e pano colorido, via-se meu pai, cercado de seus cinco filhos.

Eu estava na nossa sala da frente, na janela aberta, mas tão grande era a multidão que, uma vez passada a banda, nada podia avistar, exceto as cabeças de meu pai e de meus irmãos, e quando eles desceram, nada mais senão chapéus.

Mas conhecendo, como conhecia, meus irmãos, atravessei a cozinha e saí para o terreiro de trás, onde os encontrei, pois já vinham vindo pelo beco dos fundos, esquivando-se da multidão.

Ianto era mesmo maior do que Ivor. E também usava boas roupas, de Londres. É estranho que se possa falar de Londres, a propósito dum terno de homem. Por que é Londres lugar tão maravilhoso, que se faz notar mesmo numa peça de roupa?

— Muito bem — disse ele —, que rapagão você se tornou, homem! Que idade tem agora?

— Doze, que vou completar na próxima semana.

— Oh — disse ele —, é assim? Aniversário na semana que vem? Já está cavando um presentinho, não?

— Não, não. Estou apenas lhe contando. Se você quer dar-me um presente, não é nada mau. Se não quiser, também é o mesmo.

— Trouxe para você um presente de Londres. Está no meu baú. De modo que, se você tiver uma oportunidade, pode espiar pela tampa.

— Há também um na minha mala para você, Huw — disse Davy.

— E na minha — disse Olwen.

— O meu, você vai recebê-lo no dia de seu aniversário — disse Ivor.

— E eu lhe darei agora seis pence — disse Gwilym — e não me esquecerei de seu aniversário, quando chegar o dia.

— Tem gostado da vida de casado, Gwil? — perguntou Ianto.

Os olhos de Gwilym dirigiram-se primeiramente para Olwen e depois baixaram-se sobre o capacho.

— Oh! vai tudo muito bem — disse ele. — E sua mulher, como vai?

— Morreu — respondeu Ianto.

— Morreu? — perguntou Ivor. — Não soubemos disso.

— Preferi não dizer nada — respondeu Ianto, pondo-me no chão com todo o cuidado.

— E já faz muito tempo? — perguntou Ivor.

— Seis meses — respondeu Ianto. — Ela e o bebê. Mas não diga nada a mamãe. Falarei com ela amanhã. E tratem de ficar bem perto de mim, para evitar que ela me faça perguntas. E agora, silêncio.

Os cantos e vivas lá de fora eram uma coisa de causar admiração. Agora uma turba enorme cercava toda a casa, gritando por Ianto, e todas as mulheres estavam entrando para procurar as comidas e fazer o chá.

Os rapazes foram arrastados por seus amigos e eu tive de ficar só, no canto, a observar. Mas a sala estava tão quente e tanta gente estava procurando entrar nela, onde já tantos havia, que trepei pela janela e passei para o barracão lá de trás, fora daquele tumulto. Havia um pequeno palheiro lá atrás, sossegado lugar invadido pelo cheiro de sabão, de azeite, de carvão, de madeira, de batatas, de maçãs e de cebolas, onde minha mãe guardava cobertores e panos de linho, de que não tinha necessidade. Uma janelinha permitia que a gente olhasse diretamente para o cimo da montanha, quando deitado de costas sobre os cobertores. Ali preparava eu minhas lições da escola e lia durante o dia, quando minha mãe estava com visitas, ou fechava a cozinha para que ela e as moças pudessem banhar-se.

De modo que eu estava ali em cima, quieto, descansando, ouvindo, distante, o barulho da multidão, quando Marged entrou silenciosamente e fechou a porta.

Não fiz ruído, mas voltei a cabeça e vi que ela se dirigia para o banco onde Olwen tinha trabalhado, ao tempo em que ela estivera em nossa casa. Algumas das ferramentas estavam ainda nas prateleiras; o arco e as puas e o torno brilhavam, como se Olwen tivesse acabado de estar ali. Todos os dias era eu encarregado de lixá-los.

Marged sentou-se no tamborete de Olwen, pôs a mão no torno e começou a mover a rosca, bem devagar, como se estivesse pensando.

E percebi que ela estava chorando.

Justamente quando eu pensava no que deveria fazer, abriu-se a porta de novo e Olwen apareceu à soleira, olhando para Marged. Durante um instante, permaneceu ele com a porta escancarada e depois, sabendo que havia gente para baixo e para cima, entrou e fechou-a, ficando de pé, de costas para a entrada, muito calado e, com aquela sua roupa preta, quase oculto na sombra.

— Marged — disse ele, num sussurro. — Eu vi você entrar. E não pude deixar de vir.

— Olwen — disse ela, e as palavras brotavam-lhe dentre as lágrimas —, estou morrendo por sua causa.

— Marged — disse Olwen de novo, desta vez mais perto. — Já há muito que eu deveria ter cortado a garganta, mas sou um covarde. Minha vida é uma maldição para mim. Eu a amei, Marged, meu bem, mas a amei com todo o meu coração, amei-a demais. E amo-a ainda.

— Nada há mais a fazer. Estou casada. É o fim de tudo. Olwen ajoelhava-se a seus pés. Ela se conservava ainda com a mão no torno.

— Lembra-se você de quando me beijou aqui a primeira vez? — perguntou ela, com sorrisos na voz. — Você me apertou de encontro a este traste e minhas costas quase se partiram.

— Gwil é bom para você? — perguntou Olwen, com ansiedade.

— Ninguém melhor, nem mesmo você. E ele é tão semelhante a você algumas vezes, que é como se eu me tivesse realmente casado com você.

— Por que estava chorando agora mesmo?

— Porque o velho sofrimento voltou. Tive-o comigo por demasiado tempo para esquecê-lo. Sofrer, sofrer, sofrer, durante dias, semanas e meses. E somente uma voz, somente um beijo, teria bastado para consumir esse sofrimento. Mas ele continuou a doer. Depois não doeu mais. Olwen levantou-se.

— Não doeu mais? — perguntou ele, e sua voz era mais elevada que a dela.

— Não doeu — disse Marged, firme como uma rocha. — Uma noite, estava eu a sofrer, sentindo-me enlouquecer, gritando, e o

pobre do Gwil também ficando louco, tentando acalmar-me. E pedi a Deus energia para esquecer você.

— E conseguiu? — perguntou Olwen, a plena voz.

— Jamais esquecerei Olwen Morgan — disse Marged, e levantou-se para tomar a capa. Vi-lhe então a cintura, que a mão dum homem poderia abarcar. — Olwen, que me beijou, e disse que eu era dele, desde antes do tempo das pirâmides. Nunca. Amá-lo-ei com toda a minha alma até o dia de minha morte.

— E agora?

— E agora eu sou a mulher de Gwilym Morgan, e Olwen Morgan partiu para nunca mais voltar.

— Mas Marged, eu estou aqui, veja, sou eu.

— Você? — disse Marged, erguendo a vista para Olwen, bem de frente, e meneando a cabeça. — Não, você não é Olwen Morgan. Não há homem nenhum igual a Olwen Morgan. Ele foi embora. Nunca mais voltará. E ele me deu ao seu irmão.

— Oh! Marged — exclamou Olwen, voltando-se.

— Sim, e estou vivendo naquela casinha com ele.

— Queria você acompanhar-me, se isso a tornasse mais feliz?

— Nada me fará feliz. Somente Olwen Morgan. E este nunca mais há de voltar.

— Recobre a razão, Marged — disse Olwen, virando-se rapidamente para agarrá-la pelos ombros e contemplá-la, como a rogar-lhe.

Mas falou para si mesmo, suas palavras pulverizaram-se, seus olhos se escancararam e depois se fecharam com força. Suas mãos a abandonaram, e rápido, a soluçar, caminhou para a porta, contra a qual se atirou.

— Marged — soluçava ele. — Oh! Marged, meu bem! Que fiz eu de você, que diabo do inferno sou eu? Que fiz eu de você?

Saiu e fechou a porta. Marged ficou. Ouvi então o rumor de botinas, que corriam por sobre as pedras redondas. Gwilym escancarou a porta, ficou no limiar, contendo a respiração. Dirigiu-se em silêncio para Marged, pondo-lhe o braço em torno dos ombros.

— Venha, minha querida — disse ele, e garanto que nunca lhe ouvira aquele tom de voz. — Vamos tomar o cabriole e voltar para

casa, sim? Banharei sua cabeça e ninarei você, até que durma. Venha, coração meu, fique tranquila.

E falando dessa forma, Gwilym levou Marged sossegadamente para fora e fechou a porta.

Sentia-me abrasar e estava seco por uma xícara de chá, de modo que pulei para baixo e segui para casa pelo meio do povo. Muitos haviam subido para a montanha, para comer ao ar livre. As mulheres ocultavam-se debaixo das sombrinhas, com receio do sol, e o ar estava cheio de conversas e risadas.

Na cozinha, encontrei mamãe muito pálida, e Angharad chorava a um canto, tendo a seu lado Bronwen, que lhe batia de leve nos ombros. Meu pai e os rapazes se achavam na sala da frente com o Sr. Gruffydd e os outros pregadores.

— Huw — disse minha mãe, pondo-se rapidamente de pé e estendendo as mãos para conservar-me afastado da sala da frente —, leve o que quiser e suba para a montanha, como um menino bonzinho.

— Sim, mamãe — disse eu e Bronwen se acercou, sorrindo, para ajudar-me a escolher e a embrulhar.

— É inútil — disse meu pai, num tom de voz acima de qualquer barulho, o que fez minha mãe voltar-se, levando a mão à boca para conter-se. — Doutor algum poderá curá-la, Sr. Gruffydd. Já muito gastamos com ela. A pobre moça está louca e isso me atormenta a vida, por causa de meu pobre filho.

— Vá embora agora — disse Bronwen, cochichando ao meu ouvido, precipitosamente — e fique direitinho por lá umas duas horas, está ouvindo?

Saí então, desci ao rio para brincar com um par de trutas, e comi e bebi, ao sol, em cima dum rochedo, todo cercado pelo rio.

Direitinho, deveras.

Naquela noite, tínhamos ceia, por toda a casa. As mesas não eram bastante grandes para que todos a elas se sentassem de uma vez. De modo que tivemos de arranjar-nos.

Eu estava na cozinha, com meu pai, minha mãe, meus irmãos, o Sr. Gruffydd e um par de outros pregadores, com o Sr. Evans, o

negociante de carvão, o Dr. Richards, o Sr. Parry, o Sr. Olwen Madog e numerosos diáconos e anciãos.

Estávamos todos com os cotovelos debaixo das costelas do vizinho, mas havia comida e bebida com fartura, de modo que ninguém se sentia incomodado. Ianto contava-nos coisas de Londres e o que ele tinha feito por lá. Estivera no escritório de Hopkin Jones, o negociante de fazendas, depois limpava máquinas nos depósitos da Great Western, e afinal fora fiscal de obras numa estrada em construção, e Deus sabe o que mais, dizia ele.

— O senhor é o homem dos cem ofícios — disse um dos pregadores. — Por que não se dedica a uma coisa só?

— Porque nunca me encontrava no serviço próprio — respondeu Ianto. — De modo que continuei a procurá-lo até que o encontrasse.

— E encontrou-o? — perguntou o pregador.

— Não — respondeu Ianto. — Nós éramos tratados como lodo. Nos serviços de escritório, tínhamos de trajar-nos como príncipes, com ordenados de larvas. E nos serviços pesados, embora ganhássemos melhores pagas, as condições de vida eram piores do que as dos animais aqui atrás. De modo que deixava um pelo outro e fiquei a procurar.

— E nunca o encontrou? — perguntou o mesmo pregador, que era um desses homens que gostam de fazer gracejos de mau gosto com tudo aquilo que não compreendem.

— Não — respondeu Ianto. — Nunca o encontrei. E provavelmente jamais o encontrarei.

— De modo que — disse o pregador — o senhor continuará sendo um seixo rolante toda a sua vida? De qualquer forma, isso não o abona muito.

— De qualquer forma — disse Ianto, com os grandes olhos cinzentos a chispar, impassível diante do perigo —, o que me abona é que não fico acorçado em cima do traseiro como o senhor, falando um ror de coisas inúteis três vezes por domingo, e bocados de outras no correr da semana. Graças a Deus, não sou um parasita da sociedade.

Todos depuseram garfos e facas, exceto eu, Davy, Olwen e Ianto. Sabia o que ia acontecer, por isso estava pronto.

— Não posso suportar ficar aqui sentado — disse o Sr. Gruffydd — enquanto meu colega é insultado. É certo, reconheço, que suas observações poderiam ter sido ditas de maneira mais própria.

— Suas observações — disse Ianto — jamais deveriam ter sido feitas. Ter-lhe-ia esmurrado o nariz, se ele fosse um homem.

— Ora, realmente — disse o pregador, bastante aflito —, lamento ter sido a causa desse distúrbio. Se disse alguma coisa que o ofendesse, lamento-o profundamente.

— Está bem — disse Ianto. — Agora quem se desculpa sou eu. Sirva-se de mais um pedaço desta torta de amoras feita por minha boa mãe.

Depois disso foi como se se tentasse conversar através duma rede. As palavras pareciam ficar fincadas no ar. Ninguém parecia ter vontade de olhar um para o outro. E quando alguém ria, podia verificar-se a dificuldade de todos em acompanhar a risada.

O Sr. Gruffydd estivera rolando bolinhas de pão durante minutos sem fim, com o olhar fixo na manteiga. Muitas vezes minha mãe tomava a manteigueira para servir ao pessoal, mas os olhos dele não se moviam. Meu pai não cessava de olhá-lo pelo canto do olho e procurava falar de negócios com o Sr. Parry.

De repente, o Sr. Gruffydd pestanejou, como se despertasse de um sono, e temperou a garganta, fazendo com que toda a sala ficasse em silêncio, imediatamente. Angharad, vindo da lavanderia com mais pratos, primeiro ficou silenciosa, depois, a um sinal de minha mãe por baixo da mesa, saiu ligeira lá para trás.

— Ianto — disse o Sr. Gruffydd —, em qualquer outra ocasião e em qualquer outra casa, eu não daria começo a esta discussão. Mas a questão de hoje merece ser ventilada. Por que sou um parasita da sociedade?

— Porque está fazendo um trabalho inútil — respondeu Ianto, com presteza.

— Ianto — disse meu pai, cheio de cólera e com a mão de minha mãe a conter-lhe o braço. — O Sr. Gruffydd curou Huw.

— Sr. Morgan — retrucou o Sr. Gruffydd —, Huw curou-se por si mesmo. Ianto, por que o meu trabalho é um trabalho inútil?

— Porque — respondeu Ianto, com o garfo e a faca inativos e os olhos fuzilantes — os senhores mesmos se fazem pastores do rebanho e, no entanto, permitem que suas ovelhas vivam na imundície e na pobreza, e se erguem a voz é somente para dizer que isso é a vontade de Deus. Ovelhas, realmente. O homem foi feito à imagem de Deus. Deus é uma ovelha? Porque se é, compreendo agora por que somos todos tão danadamente estúpidos.

— Não posso tolerar semelhante coisa — disse um pregador que ainda não havia falado, um homenzinho de óculos, que fungava ao falar e tinha uma tossezinha que ele utilizava todo o tempo.

— É verdade — disse o Sr. Gruffydd. — Talvez, Ianto, queira você vir visitar-me em minha casa amanhã, para conversarmos. Os seus pontos de vista me interessam.

— Mas, Sr. Gruffydd — disse o pregador que fungava —, sua dignidade não permitirá decerto que o senhor converse com ele.

— Saia daqui — gritou Ianto, com olhares apunhalantes, para o pregador —, antes que o iogue lá fora com a sua dignidade. Estarei em casa do senhor amanhã cedo, às oito horas, Sr. Gruffydd.

— Está bem — disse o Sr. Gruffydd. — Deus abençoe a todos quantos se acham nesta casa, esta noite.

— Amém — respondemos todos nós.

Capítulo XIII

Desci a colina, no dia seguinte de manhã, antes das oito, com Ianto, para recomeçar a estudar na escola da Sra. Tom Jenkins. Era um grande dia para mim. Alguns anos se haviam passado sem que eu voltasse para lá. Notei que nada mudara quando eu entrei na salinha da frente, nem mesmo as cortinas, embora houvessem sido naturalmente lavadas.

Eunice e Eiluned tinham crescido tanto a ponto de poderem já usar os vestidos de sua mãe, sem necessidade de cortá-los, mas ainda andavam descalças dentro de casa, a fim de poupar sapatos e meias para quando tivessem de sair. O quadro-negro estava ainda rachado no alto, com todas as lições escritas a giz e apagadas depois de penetrarem nos cérebros dos meninos e meninas, mais cinzento ainda do que jamais o vira, de modo que o alfabeto que a Sra. Tom sempre escrevia à noite para nós copiarmos em primeiro lugar, na manhã seguinte, mal podia ser visto.

Até o cheiro era o mesmo, de toucinho frito, de pão no forno, de molhos de salva, das ervas que ela queimava para aliviar Tom Jenkins, de giz, de livros velhos, de roupa lavada e de ratos. Não era o cheiro de nossa casa e sempre me sentia estranho ali, pois aquele cheiro me recordava a cabeça purpureada de Tom Jenkins e os ruídos que ele fazia.

Quando a Sra. Tom entrou, tivemos de rezar, especialmente, uma oração por ter eu voltado para a escola sem maior dano que umas pernas afinadas, e por último cantamos "Minha vida seja toda uma ação de graças".

Mas quando começamos as lições tive um choque, pois nada havia que a Sra. Tom pudesse ensinar-me. Durante todos os dias em que estivera de cama, ou lera livros, ou os ouvira ler por Bron, por

papai e por meus irmãos, e conversara horas e horas com o Sr. Gruffydd.

A Sra. Tom arguiu-me a respeito dos nomes dos reis, começando por Canuto, mas eu podia retroceder a centenas de anos e dizer-lhe os nomes dos reis bretões que reinaram antes que Roma começasse a hostilizar-nos. Oceanos, mares, continentes, ilhas, regiões, rios, cidades e indústrias, tudo quanto ela me perguntava eu sabia, e afinal ela largou o apontador.

— Acho melhor conversar com seu pai, Huw. Você está perdendo tempo comigo aqui. Somente suas contas é que precisam de um pouco de auxílio meu, e isso posso ensinar-lhe todas as noites, após o chá. Vá almoçar agora e fique em casa.

De modo que todos nós subimos a colina e os meninos e meninas olhavam para mim, como se eu soubesse tudo.

Ianto estava em casa quando lá cheguei, a olhar fixamente a parede. Olwen estava lá dentro, limando, e isso fazia mamãe ficar toda arrepiada, enquanto Angharad descascava maçãs na lavanderia. Quando entrei, piscou os olhos, dando-me a entender que iria acontecer alguma complicação. Fui então para onde estava Olwen.

— Oh! — disse ele. — É você?

— Sim. Quer que o ajude?

— Faça uma raspagem na cabeça desse parafuso. Pode?

— Dê-me a lima.

Enquanto eu limava, Olwen estava ajustando uma porção de peças, todas novas e brilhantes, parecendo realmente belas, quando ligadas num todo.

— Que é isso, Olwen?

— Uma máquina para transportar gente, em lugar de um cavalo e de um cabriole. Mas não conte a ninguém.

— Não, não. Por que Ianto está lá dentro, olhando para a parede?

— Para descansar a vista de tanto olhar caras de loucos. Por que voltou você tão cedo para casa?

Contei-lhe então o que me dissera a Sra. Tom Jenkins e ele riu.

— Muito bem! Você deverá ir para uma boa escola. Já é tempo, também. Homem algum aprende qualquer coisa com uma mulher.

— A mim a Sra. Tom ensinou muita coisa.

— Ela passou informações a você. Números, nomes e fatos. Nada você aprendeu bastante. Mas tem uma esplêndida memória. Hei de ajudá-lo quando você começar a estudar.

Quando mamãe nos chamou para almoçar, contei-lhe o que dissera a Sra. Tom. Ficou tão surpresa, que pousou a colher no prato e um pedacinho de legume ficou preso no polegar.

— Hem? — disse ela, de olhos arregalados. — Outra complicação agora, então. Escola para Huw. Onde?

— Escola profissional — disse Davy.

— Internato — disse Olwen.

— Tudo quanto irá aprender num lugar desses — disse Davy — é a menosprezar seu pai e sua mãe.

— O pai dele decidirá — disse minha mãe. — Talvez o Sr. Gruffydd possa também dizer uma palavra a esse respeito.

— Talvez — replicou Davy — esta família consiga fazer alguma coisa sem o auxílio do Sr. Gruffydd! Não agora, penso eu. Mas um dia, no futuro.

— Coma a sua comida — disse minha mãe, apontando o garfo para Davy. — Se temos um amigo, esse amigo se chama Gruffydd. Nem uma palavra nesta casa a seu respeito, seja de quem for.

— Ele é um bom homem — disse Ianto —, mas eu gostaria que estivesse fora da capela.

— Você hoje recebeu um sermão, não foi? — perguntou-lhe Davy.

— Não — respondeu Ianto —, mas descobri quanto tenho ainda que aprender.

— A respeito de quê? — perguntou Olwen.

— A respeito dos homens — respondeu Ianto —, do modo como vivemos e nos tratamos uns aos outros.

— Oh! — disse Davy —, devia ser interessante. Quais são as opiniões do Sr. Gruffydd?

— O Sermão da Montanha — disse Ianto. — Na última moda, pregado com os punhos no ar e com uma boa voz.

— Quando começou ele? — perguntou Davy. — Lá estarei para ouvi-lo.

— Começou comigo às oito horas da manhã de hoje — disse Ianto — e haverá outro encontro nosso, no sábado à tarde.

— E ele subjugou você? — perguntou Davy, rindo, sem maldade.

— Sim — respondeu Ianto. — Em nada discordamos, a não ser a respeito do método. Eu achava que devia começar agora. Ele achava que se devia esperar. O tempo ainda não chegou.

— Seja como for, já ouvi antes palavras como essas — disse Olwen. — Quando chegará o tempo? Será que saberemos? Haverá um sinal? Perguntou-lhe isso?

— Não — disse Ianto. — Eu prestei atenção. Tenho muita vontade de fazer parte da capela agora.

— Mas Ianto — disse minha mãe, enquanto todos olhávamos para ele —, você já faz parte da capela, rapaz. Desde que nasceu.

— Quero dizer, como ministro, mamãe — disse Ianto, que largou o talher, pediu desculpas e saiu de casa.

— Graças, meu Deus! — sussurrou minha mãe, enquanto se ouvia o rumor dos passos dele nos seixos da estrada. — Como é belo isso!

— Seria mais belo se houvesse senso e propósito no que ele tenciona fazer — disse Davy, juntando a faca e o garfo, embora seu jantar ainda estivesse fumegando.

— Há coisas a fazer fora do púlpito — disse Olwen, parando também de comer.

— Se Ianto pensa que pode fazer mais no púlpito — disse minha mãe —, ele o tentará e eu o ajudarei. Precisamos de mais alguns homens como o Sr. Gruffydd.

— Sr. Gruffydd, Sr. Gruffydd, Sr. Gruffydd — disse Davy, empurrando a cadeira para levantar-se. — Estou farto desse nome. Há no vale homens sem comida na barriga e sem calçados nos pés. Há crianças sem casa e mães sem esperanças. Que tem o Sr. Gruffydd para dar-lhes? O Sermão da Montanha? A santa vontade de Deus?

— Tenha vergonha, Davy Morgan — disse minha mãe. — O Sr. Gruffydd recolheu mais para eles do que uma dúzia de vocês. Nem

mais uma palavra, agora. Se já se levantou da mesa, saia daqui.

— Sinto muito ter de deixar seu pudim, mamãe — disse Olwen, acompanhando Davy.

— Creio que terei de ouvir também umas poucas palavras suas, agora — disse-me mamãe.

— Eu as direi depois do jantar, mamãe — disse eu.

— O quê? Vou logo avisando. Uma palavra sua e receberá dois tabefes nas orelhas. Vamos ver agora.

— Mamãe — disse Angharad —, a Sra. Beynon vai ter criança no barracão velho, perto das fundições.

— Que criança? — perguntou minha mãe.

— Aquela que esperava quando a expulsaram de casa — disse Angharad, pondo molho nas batatas.

— Hem? — perguntou minha mãe. — Como sabe disso?

— Tegwen acaba de contar-me — disse Angharad, comendo depressa. — Dei-lhe um lençol para rasgar e os dois velhos cobertores vermelhos.

Minha mãe largou o talher e olhou para Angharad, com os olhos semicerrados e os lábios juntos e inflados.

— Com que ordem — disse ela, muito devagar — foi a senhora dar esse lençol para rasgar e dois bons cobertores, sem consultar-me?

— Elas não tinham nada, mamãe — disse Angharad, sem nenhum sinal de medo. — Os patrões puseram-na para fora da casa sem nada. Nem um graveto, nem um farrapo. E o novo bebê deve vir hoje. Só tem palha para deitar-se em cima. E as sete outras crianças.

— Psiu, agora — disse minha mãe. — Já sei bastante. Vou ver isso. Mas não me faça mais dessas pelas minhas costas, de dar lençóis e cobertores. A dona da casa sou eu.

— Sim, mamãe — disse Angharad, piscando os olhos para mim, e eu para ela.

— Suponho — disse minha mãe, como se seu pensamento estivesse para lá da montanha — que nada mais saiu em companhia dos lençóis e cobertores, não é? Seria realmente exigir muito da Sr tá. Angharad Morgan?

— Pois bem, mamãe — disse Angharad, tão bonita, de se ficar de boca aberta —, havia também algumas marmitas e panelas velhas, lá fora.

— Adiante — disse mamãe. — Marmitas e panelas.

— E algumas das roupas velhas dos rapazes — contou Angharad nos dedos — e umas do papai.

— E algumas das minhas — disse mamãe, num tom de voz quase impossível de ouvir-se.

— Sim, mamãe — disse Angharad —, e também das minhas. E minha capa.

— Sua melhor capa, sem dúvida — disse mamãe, no mesmo tom de voz e de fisionomia severa.

— Sim, mamãe — continuou Angharad. — Eu só a usava nos domingos e o inverno já se foi. Onde eles estão faz muito frio e só têm palha forrando o chão e buracos no telhado.

— Passe bem a vista por toda a casa — disse mamãe, com sua voz habitual —, porque acho que ainda encontraria muitas coisas que a Sra. Beynon precisaria. Mas talvez, se mandarmos vir uma carroça, poderíamos arranjar tudo, não?

— Oh! mamãe — disse Angharad, e seus olhos, já tão grandes, estavam agora maiores, cheios de lágrimas —, a pobre da Tegwen Beynon só tinha um vestido. Nada mais. E nem almoço para esta manhã. Estava tão branca, a coitada!

— Angharad, minha filhinha — disse minha mãe, indo cercá-la com os braços, pois ela havia empurrado seu jantar e baixara o rosto sobre a mesa. — Ouça, agora. Eu estava zangada porque não fui consultada. De outra vez, pergunte antes. Ouvia?

— Sim, mamãe — disse Angharad, pedindo o meu lenço. — Que poderemos fazer pelo novo bebê?

— Vá em casa de Bron e peca-lhe algumas das roupinhas velhas de Gareth. Prepararei um cestinho de comida, agorinha mesmo. Huw, vá aí pela colina com um cesto e peça alguma sobra de comida que houver.

— Sim, mamãe.

Pois haviam de ver o que se conseguiu reunir!

As roupas teriam coberto uma turma inteira da mina. A comida, bastante para a vila toda. E já então estava reunido todo o mobiliário, que duas casas não conteriam.

Pois bem, tudo ali estava e não faltavam mãos para levar aquilo ao velho barracão, junto das fundições.

Desci lá primeiro, com o cesto de comida, e, realmente, era um lugar miserável.

A Sra. Beynon jazia sobre um de nossos velhos cobertores vermelhos e o outro estava armado por cima dela, para preservá-la da água que escorresse do telhado. Evan Beynon partira uma tábua para fazer fogo e, num velho balde, fervia a água. Rodas enferrujadas e tirantes de ferro quebrados vermelhejavam entre os capins altos e os dentes de leão. Os charcos estavam cheios de água e um ribeiro corria diretamente para o rio. Frio e umidade também.

As três crianças mais moças estavam dormindo aos pés da Sra. Beynon, e duas mais, ainda pequenas, brincavam de armazém, com pedras, na janela. Tegwen e seu irmão menor punham palha em sacos, preparando camas para a noite.

— Olá, Teg — disse eu, parando à porta, embora porta não houvesse.

— Olá, Huw — disse ela, parecendo envergonhada. — Estamos metendo palha nos sacos. A palha vai fugindo debaixo da gente, quando nos viramos, dormindo — disse ela, tentando fazer graça.

— Sim, sim — disse eu, como se dormisse em cima de palha todas as noites desde que nasci. — Trouxe aqui uma torta.

— Muito bem — disse ela. — Mamãe vai ficar muito contente quando a provar.

— E chá.

— Chá? Ó, meu Deus. Vou botá-lo na chaleira. Depressa.

— Como está a Sra. Beynon? — perguntei-lhe, pois, pelo que pude perceber, ela estava sentindo dores, gemendo, com espuma na boca, o rosto avermelhado, e o suor empastando-lhe o cabelo.

— A Sra. Price não tardará a chegar aqui agora — disse Tegwen, soprando o fogo. — Então ela melhorará.

— Que tem que ver a Sra. Price com isso?

— É que então o novo bebê chegará, rapaz — disse Tegwen, rindo. — Foi para isso que Angharad me deu o lençol.

— É a Sra. Price então quem traz o bebê? — perguntei-lhe, muito surpreso.

Tegwen sentou-se, rindo bem alto, depois pôs uma mão na boca e olhou para sua mãe.

— Como você é tolo, rapaz — cochichou ela, com os olhos brilhantes. — Fique sabendo que o novo bebê está com a mamãe. Mas a Sra. Price é quem sabe como tirá-lo dela. Dê-me as xícaras, depressa. Eu não teria coragem de beber nas únicas xícaras que consegui encontrar, mas a Sra. Beynon bebeu à vontade, embora sem dar sinal de que soubesse onde se achava, ou o que estava bebendo.

— Onde está o novo bebê, então? — perguntei a Tegwen, pois não via sinais disso.

— Morda aqui — disse Tegwen, mostrando o dedo. — Então você nada sabe a respeito de bebês? — E olhou-me como se pensasse que eu era um idiota.

— Não sei, não. Tivemos novos bebês lá em casa e na de Bron, mas eu pensava que era o Dr. Richards quem os trazia dentro da mala.

— Quem lhe contou isso?

— Minha mãe e Bron.

— Tudo é mentira.

— Como sabe? Você só tem doze anos e precisa ainda de um ou dois anos de escola.

— Mentiras. Espere e verá.

— Como, então?

— Quando a Sra. Price chegar, nos mandará para fora daqui, de modo que daremos a volta por detrás e olharemos por aquele buraco lá em cima.

Ergui a vista para onde ela apontava e vi uma tábua podre, meio dependurada do forro, que descobria um buraco escuro.

— Está bem — disse eu.

Depois começou a chegar gente com as coletas e todas as mulheres diziam "Oh!" "Ah!" estalando as línguas, tirando as capas

para limpar o lugar, cortar o capim e afastar o ferro velho. Depois começaram a chegar os homens, amarrando cordas para armar lonas por cima dos lugares piores, e pondo tábuas nas janelas e portas abertas. O certo é que, num par de minutos, ficou tudo tão bem-arrumado que eu mesmo poderia ali viver.

O Sr. Beynon entrou e olhou por um instante, saindo a chorar. Em seguida, veio a Sra. Price com uma trouxa e uma elegante maleta, cheia de desenhos, feita de lona.

— Agora — disse ela, mal pondo os pés dentro da porta — vocês dois me façam o favor de dar o fora. Todos os meninos, agora mesmo. Vamos logo.

— Venha — cochichou-me Tegwen, e saímos, lá para o terreiro, subimos os degraus das oficinas e entramos onde os morcegos se apinhavam no telhado e voavam com cílios enraivecidos.

Aproximamo-nos do buraco e espiamos.

A Sra. Price havia colocado as crianças menores na armação de cama, ao lado, e a outra mulher, que estava com ela, tirava-lhes as roupas. A Sra. Beynon chorava, não baixinho, mas alto, como um menino que caiu e ralou um joelho. Dava pontapés nas roupas e seu rosto estava inchado, cheio de veias.

— Coitada da mamãe — disse Tegwen, bem baixinho —, ela sempre sofre assim com cada bebê.

Tive vontade de perguntar por quê, mas não tinha nada com isso. Havia algo de feio e de cruel naquilo, que eu podia sentir mas não descrever. A Sra. Beynon era uma mulher grande e gorda, sempre muito alegre, mas vê-la naquele estado era o mesmo que estar em sonho. Comecei a sentir calor e dificuldade em respirar.

Subia até nós também um cheiro estranho. Muitas vezes o senti perto de casas onde um bebê acabava de chegar. É um cheiro intenso, primitivo, contendo os segredos do sangue e do leite, com ternura e terror.

A Sra. Price dirigiu-se ao fogo e trouxe de lá o balde para o lado da cama. A Sra. Penry acabara de arrumar as crianças e viera colocar-se à cabeceira da Sra. Beynon. A Sra. Price puxou os cobertores logo que a Sra. Beynon começou a dar gritos, e a Sra. Penry guiou-lhe as mãos para a barra de madeira, que havia à

cabeceira da cama. As crianças acordaram e começaram a chorar, mas ninguém se incomodou com elas. As pernas da Sra. Beynon pareciam hastes brancas e davam pequenos pontapés, seus dedos se encurvavam e seus calcanhares escarvavam a cama. A boca escancarada a gritar e os olhos arregalados, selvagens, horrível de ver-se, voltada para cima como estava para mim. A Sra. Price e a Sra. Penry estavam fazendo alguma coisa com ela, mas o que fosse não tenho certeza, pois apenas podia ver-lhes as costas lá embaixo e os morcegos voejavam em torno de nós, despertados do sono pelo choro, pelo lamento, pelo soluço e pelos gritos, arremetendo para nosso lado, como se nós tivéssemos alguma coisa com aquilo.

— Lá está — disse Tegwen, no meu ouvido, puxando meu braço para eu ficar mais perto do buraco. — Veja. Lá está o novo bebê.

Mas só consegui avistar alguma coisa avermelhada, naquela luz sombria, roupas manchadas nas mãos torcidas da Sra. Price, por cima do balde, e os dedos dos pés da Sra. Beynon, agora sossegados. Voltei-me envergonhado e enjoado, pois sentia que estivera num lugar onde somente os loucos deveriam pôr o pé.

— Deixe-me ir embora daqui — disse eu.

— Espere — disse Tegwen. — Ainda há muito mais coisa para ver.

— Vou-me embora daqui agorinha mesmo — repliquei e arrastei-me sobre mãos e joelhos para a entrada.

— Acredita agora? — perguntou Tegwen, com risos na voz.

— Sim — respondi, enjoado, baixando a vista para os negros degraus.

— Veja lá, não vá contar a ninguém. Senão haverá encrenca, na certa.

— Está bem. Agora, adeus — disse eu e atravessei o terreiro, o mais depressa que pude. Selvagem alegria me invadiu ao achar-me ao ar livre e senti-lo arrepiar-me. Achei que merecia mais do que um arrepio de frio. Achei que deveria lançar-me na boca dum poço de mina, ou sob as rodas dum carro de feno, ou emaranhar-me na engrenagem do elevador da mina, tão rebaixado me sentia.

Mas, em vez disso, corri para a casa de Bron e sentei-me na cadeira habitual. Bron estava passando roupa, borrifando água nas

roupas brancas engomadas, cuspiendo no ferro para sentir-lhe o calor, apoiando-o com força nas peças lisas, para dar-lhes polimento, e docemente sobre os babados e bordados.

— Então — disse ela —, como vai o grande homem, esta noite?

— Acabo de ver a chegada de um novo bebê para a Sra. Beynon.

Bronwen continuou a passar, como se nada houvesse ouvido, mas seu rosto se avermelhara e seus olhos piscavam, como se o calor do ferro fosse demasiado.

— Como aconteceu isso? — perguntou-me ela, mas serenamente e olhando ainda para a roupa lavada.

— Estive olhando pelo buraco duma tábua.

— E agora está satisfeito? — perguntou Bronwen, erguendo a vista para mim.

— É verdade, Bron? — perguntei-lhe, esperando que ela dissesse que não.

— Se você viu, então deve ser verdade.

— Haverá alguma complicação comigo por saber disso?

— A única complicação que você terá é a de ficar pensando nisso e ficar com isso na consciência. Quem vai aonde não é desejado sempre arranja complicações. O mesmo acontece aos que metem o nariz onde não são chamados.

— Ficou zangada comigo, Bron?

— Zangada, não. Apenas surpresa. Pensava que você ia sair um homem de bem. Mas os homens de bem nunca se intrometem onde não devem. E, se acaso o fazem, guardam o segredo para si mesmos.

— Estou arrependido de ter falado. Mas precisava falar alguma coisa com alguém. Que coisa terrível foi aquilo, Bron.

— Bico calado, agora. Vá comer. Está com fome?

— Estou, sim.

— Está bem. Ponha a mesa. Estava justamente saindo para ir à casa de mamãe, buscar meu prato de comida.

Mas fiquei sabendo que ela fora a nossa casa, a fim de contar a mamãe.

É uma sensação esquisita a que a gente tem, quando sabe que uma complicação se está formando e esperando por nós, dentro de

curto prazo. É como se a gente tivesse uma janela aberta na barriga e todos os temores metendo as mãos por ela, negligentemente, não para bater, mas para causar desconforto.

— Mamãe quer ver você — disse Bronwen, quando voltou, sem o prato de comida.

— Você fez queixa de mim.

— Fiz, sim. Sua mãe ficou sabendo. Você veio ter comigo, mas deveria ter ido primeiro falar com ela.

— Nunca pensei que você fosse fazer queixa de mim, Bron. Eu nunca faria uma coisa dessa com você.

— Vá saindo, rapaz — disse Bronwen, meio sorridente e meio carrancuda. — Ninguém fez queixa de você. Há muita coisa de importância nessa sua cabeça e eu nada posso fazer para esclarecê-lo. Sua mãe é quem deve fazer isso. Coma alguma coisa e vá para casa, sim?

— Não. Se vai haver complicação, prefiro ir agora mesmo.

Dessa forma saí, sem dar boa-noite, e caminhei diretamente para nossa casa, onde encontrei minha mãe sozinha, na cozinha, cerzindo meias.

— Muito bem — disse ela, ocupada, cuidadosamente, em puxar um fio.

— Pronto, mamãe.

Brilhavam os seus olhos cinzentos, quando ergueu a vista para mim, por cima da agulha cintilante. Nada havia neles que me amedrontasse, mas eu tremia. Nada se escutava no silêncio da casa a não ser o relógio e, às vezes, o fogo tranquilo.

— Soube que você tinha estado em alguma parte — disse minha mãe.

— Estive, sim, mamãe.

— E que viu alguma coisa.

— Vi, sim, mamãe.

— Por quê? — e a voz dela era de gelo.

Há perguntas que não podem ser absolutamente respondidas, de modo que olhei para suas chinelas e pareceu-me que as horas corriam.

— Sente-se bem? — perguntou minha mãe, com ligeiro tremor na voz, que me fez sentir-me ainda pior.

— Sim, mamãe.

— O papai terá uma conversa com você. Agora vá para a cama.

— Sim, mamãe — disse eu, e ela aproximou o rosto para que a beijasse. Segui para minha cama, no quarto de trás, grato por encontrar-me na fria escuridão. Não posso dizer quanto tempo estive adormecido, quando despertei e vi meu pai, que olhava para mim, com o candeeiro na mão.

— Sinto ter que acordá-lo, meu filho — disse ele. — Soube que você arranhou uma complicação esta noite.

— Sim, papai. Tenho que tirar minha camisa?

— Fique onde está, rapaz — disse meu pai, esboçando um sorriso. — Não vou dar-lhe uma surra. Quero só conversar. Está bem acordado e atento?

— Estou, sim, papai.

— Então, muito bem. Preste-me atenção. Esqueça tudo quanto viu. Não se preocupe. Afaste seu pensamento disso. Você nada tem que ver com isso. Mas sirva-lhe de experiência. Agora você já sabe quanto sofrimento causa às mulheres a vinda dos homens ao mundo. Lembre-se disso e pense a esse respeito em sua mãe e em todas as mulheres.

— Sim, papai.

— E outra coisa sirva de lição. Não há lugar para orgulho em homem algum. Não há lugar para falta de bondade. Não há lugar para esperteza à custa dos outros. Todos os homens nasceram da mesma maneira e iguais. Como você viu hoje, da mesma maneira nasceram os capitães e os reis, os latoeiros e os alfaiates. Que a lembrança disso dirija suas relações com homens e mulheres. E não se esqueça de ter muito cuidado com a mamãe. Está ouvindo?

— Sim, papai.

— Deus o abençoe, meu filho. Durma em paz. E foi isso que fiz, realmente.

Capítulo XIV

Estará sempre nítido em meu espírito o caso dos perus brancos, porque foi o começo da malevolência do velho Elias, o lojista, contra a nossa família, e aconteceu quando o Sr. Gruffydd iniciou as reuniões evangélicas.

Criávamos boas galinhas atrás de nossa casa. Castanhas, brancas e algumas pretas, boas poedeiras, que foram duma irmã de meu pai. Como são felizes as galinhas! O dia inteiro bicam o chão, à busca de bons bocados, duas vezes por dia têm sua ração de milho e de manhã danam-se a gritar, chamando a gente para ver-lhes os ovos. E nada de trapalhadas. Gosto mesmo de uma galinhazinha. Só cuidam do que lhes diz respeito e são muito elegantes nos seus ares e passeios.

Todos os anos, lá por junho, recebíamos do irmão de minha mãe filhotes de perus, que engordávamos para o Natal. Mas naquele ano, em vez dos usuais perus, o tio Maldwyn enviou nova espécie, brancos, com admiráveis caudas em leque, pernas amarelo-claras e brilhantes cristas vermelhas. Nunca havíamos visto perus brancos.

A aldeia inteira veio até nossa casa para vê-los e, durante umas poucas horas, o terreiro de trás pareceu uma feira. No correr de vários dias, granjeiros costumavam subir para ver as Damas Brancas, como eles os chamavam. Dentro em pouco, naturalmente, não vimos mais ninguém no terreiro e quem quer que fosse poderia vir, ficar olhando à vontade e voltar depois, pelo caminho por onde viera.

Foi assim que os perus desapareceram certa noite, sem sinal ou rumor.

Em outra ocasião as galinhas teriam gritado de fazer a gente ficar doido, mas tantas pessoas tinham lá estado para ver os perus,

que julgo que elas pensaram ser aquilo coisa habitual e não ligaram mais importância ao caso.

Foi Angharad quem descobriu, pois sempre saía de manhã, a buscar ovos para o almoço.

Entrou correndo, com o rosto afogueado e os olhos arregalados, ficando parada, agarrada à porta, enquanto meu pai levantava os olhos do cinturão com que apertava suas calças xadrez.

— Papai — disse ela —, os perus desapareceram.

— Desapareceram, menina? — perguntou meu pai. — Mas como?

— A porta está arrombada e há penas espalhadas pelo chão.

— Oh! — exclamou papai. — Está bem, vamos almoçar primeiro. Depois veremos isso.

— Devo dar parte à polícia? — perguntou Davy.

— Polícia? — disse meu pai. — Por que haveríamos de dar parte à polícia? Serei a minha própria polícia, enquanto tiver força e saúde.

Durante o almoço conservamo-nos todos silenciosos, pois meu pai estava com uma cara que bem conhecíamos. Na verdade, preferiria ter visto cem policiais a ver aquele seu ar.

De modo que todos respiramos quando Ivor o chamou para o turno da manhã. O dia vinha clareando lá fora. Saí com meus irmãos, a fim de ver o que podia ser visto.

Nada havia, apenas a porta quebrada do galinheiro e um par de penas dos perus brancos. Ficamos perto do galinheiro, de mãos nos bolsos, olhando para a montanha e observando os faisões.

— Quem poderia tê-los tirado? — perguntou Davy. — Ninguém da colina, decerto. O melhor para nós é irmos, de granja em granja, no vale.

Enquanto os rapazes saíam para - sua longa caminhada, desci a colina, sentindo o mesmo que um sujeito que vendeu seu negócio, pois tudo quanto eu tinha a fazer era cumprimentar os meninos e meninas, que caminhavam para a escola, e procurar coisas que me tomassem o tempo até a hora do jantar.

Entrei na loja de Tossall, para comprar uns caramelos, e sentei-me depois na ponte, para vigiar a passagem de Ellis, o carteiro, com

a correspondência. O rio corria muito devagar e eu podia ver pequenas trutas no fundo, perto dos rochedos.

Por isso desci ao baixio, para ver se conseguia pegar algumas. O jardim traseiro de Tossall estava dum lado, junto ao do Dr. Richards, e do outro lado do rio avistava-se a taberna Três Sinos, contígua à loja de Elias.

Vi os varredores carregando lixo do Três Sinos, mas o velho Elias, carregando seus próprios baldes, saiu pela porta de trás de sua casa e os depositou na esquina do beco que ia dar ao rio. Depois, tornando a voltar, fechou a porta com bastante barulho, pois esta era velha e a beirada emperrava no chão.

Aquilo, pensei eu, era estranho, porque os operários estavam sempre a dizer que o velho Elias jamais tocava nos baldes e sempre tinham complicações quando os iam buscar. Estava a imaginar por qual razão os trazia ele para fora, naquela manhã, e também ouvi que os homens faziam troça daquilo.

Os peixes estavam quase mortos, quando me aproximei, e deixei-os morrer em paz, se paz poderia haver naquela água suja, entre aquelas rochas manchadas. Subi então a ponte de novo e desci para a outra margem, do lado do Três Sinos, caminhando até alcançar o bequinho que levava à porta traseira da casa de Elias.

No chão, em meio do bequinho, encontrei uma peninha branca, que poderia ser duma galinha. Mas as penas de galinhas e perus não são iguais, para quem conhece galinhas e perus.

Aquela peninha branca pertencia a um peru branco e provinha da parte inferior do leque da cauda.

O muro do terreiro era demasiado alto para eu pular e minhas pernas por demais fracas para fazê-lo, mesmo se fosse mais baixo; de modo que voltei para a estrada e desci à loja do velho Elias. Tinha um penny no bolso.

A loja era grande, com uma vitrina quadrada de cada lado, e uma porta dupla, entre as duas, que se abria com um tinir de campainhas. As vitrinas estavam amontoadas de roupas de homens e crianças, de botinas, de roupas de baixo, de sabão, de chá, de bifes, de vestidos de mulher, de chapéus, couve vermelha, presunto, picaretas, pás, grãos e alimentos para pinto, mostruário de pentes,

atacadores de sapatos, com papel encrespado dentro das molduras, desbotado e rasgado agora, há anos pendentes dali.

Entrei fazendo soar as campainhas acima de minha cabeça e provocando o aparecimento do velho Elias de trás do balcão. Era alto, magro e curvado para a frente, com uma barba em redor da cara inteira, mas sem bigodes, e o cabelo bem besuntado, de modo que era mais negro do que a barba. Seus olhos não eram azuis ou cinzentos, mas pálidos, e olhavam de revés para a gente, quando seu dono falava.

Usava um paletó, mais polido pelo gasto do que uma grelha, e estreitas calças, presas por cima das botinas. Uma destas tinha um pequeno remendo redondo, muito bem costurado, no lugar em que a unha do dedo grande do pé abrira um buraco na biqueira. Suas mãos eram vermelhas e azuladas e as unhas longas e bem aparadas a canivete, assemelhando-se a garras espessas e quadradas, com uma orla de sujeira.

— Às ordens — disse ele, com o olhar fito além de mim.

— Um penny de alcaçuz, Seu Elias, por obséquio.

— Vi você mastigando, agora mesmo, lá perto da ponte.

Comprou caramelo em casa de Tossall?

— Comprei, sim.

— E agora vai meter os dentes em alcaçuz? — perguntou ele, ainda com o olhar para além de mim.

— Vou sim.

— Preciso primeiro conversar com seu pai. Todo esse rebuliço em torno de você subiu-lhe à cabeça. Dois pence por dia, gastos em doces, é uma iniquidade. Saia da loja agora mesmo.

— Mas antes o senhor vai me vender um penny de alcaçuz, não é?

— Não — disse ele, carrancudo, com uma voz profunda e um punho sobre o balcão. — Vá embora daqui, seu maroto!

— Obrigado, Seu Elias — disse eu, e saí.

Lá em cima, na colina, corri ligeiro a ter com minha mãe. Era agradável o cheiro de tomilho que recendia em casa, pois ela estava recheando um pedaço de carneiro.

— Mamãe — disse eu —, já sei onde estão seus perus.

— Oh! — disse ela. — Onde, então?

— No quintal da loja do velho Elias.

— Ora essa! — disse ela. — Que bobo é você, menino! Tirei então as penas do bolso.

— Achei isto no beco, atrás da casa dele, e são penas do rabo de um dos perus, mamãe.

— Foi o vento que arrancou — disse ela, olhando para a pena.

— Havia uma titica de peru na bota dele.

— Como sabe disso?

— Eu entrei na loja.

— Para quê?

— Comprar alcaçuz.

— Onde arranjou dinheiro? — perguntou mamãe, voltando a cuidar da carne de carneiro.

— Ianto me deu.

salva.

Recebeu o alcaçuz? — perguntou minha mãe, picando — Não. O velho Elias disse que era uma iniquidade.

— Disse muito bem. Ponha o dinheiro no baú.

Subi na cadeira e pus a moeda no baú, meio sem graça.

— Colocaremos a pena no jarrão, para que seu pai a veja. Agora vá para o barracão e limpe bem toda aquela sujeira que Olwen deixou lá, com suas ferramentas e rodas. Vou dizer também a Ianto o uso que deve fazer de seu dinheiro. Vá embora, ande. Só queria era saber desde quando começou o velho Elias a poupar dinheiro dos outros.

Meus irmãos regressaram um a um, nada tendo conseguido da viagem que fizeram por todo o vale. Não disse nada. Eu estava lá no barracão com Olwen, quando meu pai entrou para tomar banho, e depois mamãe chamou-nos para cear.

— Depois vamos dar um passeio, Huw — disse-me meu pai, com certa expressão no rosto e na voz.

— Sim, papai.

— Devemos ir também, papai? — perguntou-lhe Davy.

— Sim, meu filho, tantos quantos quiserem.

— Aonde iremos? — perguntou Ianto.

— À loja do Elias — disse meu pai, dum jeito que nos fez parar de conversar. Ninguém falou de novo, até chegarmos ao sopé da colina.

— A que respeito vai o senhor falar com o velho... — Davy parou em tempo e fez uma careta para Ianto — com o velho Elias?

— A respeito de meus perus — disse meu pai.

— Perus? — disse Ianto. — Que tem que ver com eles?

— Veremos — disse meu pai. — Ianto e Davy deverão rodear a casa por trás, pelo lado do rio, no caso de haver um buraco na porta dos fundos. Olwen, vá ficar na porta do lado. Você, Huw, comigo, pela frente.

Duas lamparinas de azeite e um par de velas iluminavam a loja e davam nova cor à cara do velho Elias. Não pareceu surpreso, mas, ao contrário, pareceu estremecer de alegria ao ver meu pai, embora, naturalmente, nunca olhasse para ele de frente, uma só vez.

— Oh! Sr. Morgan — disse ele, olhando radiante para mim e meu pai —, o pequeno caso do penny desta manhã, não é exato? Espero que o menino Huw tenha contado a verdade. Ele esteve aí na ponte, tão feliz como um esquilo, balançando suas pobres perninhas, e confesso-lhe que meu coração se encheu de piedade. Estava chupando caramelo, e eu pensei: está bem, está ele provando algumas das doçuras da vida. Um instante depois, meteu a cabecinha pela porta e pediu-me um penny de alcaçuz. Bem, bem, bem, disse eu, Huw, meu bichinho, você acabou agora mesmo de chupar caramelo. Alcaçuz ainda por cima? Você ficará doente, meu filho. E sua mamãe ficará zangada por ter você gasto dois pence, num dia, com gulodices. Vá embora, agora.

Tudo isso jorrava como leite azedo numa bilha emborcada, ligeiro e esparrinhando. Seus olhos brilhavam, num sorriso que não era sorriso, e sua boca se abria para mostrar pequenos dentes escuros, espacejados, pontudos e com os interstícios cheios de saliva. Olhava ainda entre nós dois, mas apontando na minha direção.

— Vim cá por causa de meus perus — disse meu pai. O velho Elias deu um passo para trás e o sorriso que não era um sorriso fugiu-lhe do rosto, como a água que penetra na terra, suavemente.

— Seus perus, Sr. Morgan? — disse ele, com a voz se elevando e estrondando.

— Meus perus — disse meu pai. — Esta pena foi encontrada no beco, atrás de sua casa. Há ainda titica seca de peru aí na sua botina.

Posso afirmar, com toda a certeza, ter visto o velho Elias olhar diretamente para alguma coisa, e essa coisa era o salto de sua botina. Em seguida, pôs o pé fora de vista, embaixo do balcão.

— É de galinha — disse ele, olhando agora por cima de nós.

— Então o senhor vai permitir que eu veja o seu quintal — disse meu pai.

O velho Elias deslizou para dentro da abertura do balcão, ainda olhando para cima, apontando para o alto.

— Ninguém passará por aqui — disse ele, como um homem que reza suas orações na capela — a não ser eu.

— Abra caminho — disse meu pai. — Huw, fique aqui.

— Sim, papai.

— Hei de dar-lhe com a lei inglesa em cima — gritou o velho Elias, esganiçado como uma mulher e com os olhos cheios de lágrimas.

— Para o inferno com a lei inglesa — disse meu pai e, agarrando o velho Elias pelos botões do paletó, jogou-o dentro da barrica de maçãs e enveredou para o quintal.

O velho Elias esperneava e forcejava por safar-se, mas estava bem seguro. Não podia falar, sua cólera era tão grande e o esforço que fazia para recuperar a voz, tamanho, que lhe enfraqueciam os movimentos. A barrica estava a um canto, descansando em cima de blocos de madeira, mas à custa de ser escoiceada e de balançar dum lado para outro, foi lentamente deslizando, depois mais depressa, e o velho Elias, com o traseiro ainda preso fortemente na boca da barrica, girou e tornou a girar, até que caiu a barrica de seus suportes e rolou pela loja, com as maçãs retumbando lá dentro e algumas escapando por cima de seus ombros e entre suas pernas, enquanto ele guinchava como uma lebre ferida e ia tombar junto da barrica de biscoitos, sentando-se sujo, de punhos cerrados e peito palpitante.

Estranho é que a gente deteste uma pessoa um instante, e no momento seguinte se sinta tão triste, que irá em seu auxílio, pronto a apaziguá-la com um beijo.

Foi o que senti naquela ocasião pelo velho Elias.

Mas não tive oportunidade de pôr meus sentimentos em prática, porque, num relâmpago, ele se pôs de pé, dirigindo-se para o quintal e levando, de passagem, um cabo de machado. Escondi-me atrás de alguns fardos de pano, até ele sair, e depois corri à porta para gritar por Davy e Ianto. Ouvi que eles gritavam em resposta e depois corri para ver onde estava meu pai.

Através do corredor de trás, cheio de caixas e sacos, passei para a sala posterior, cheia de caixas e sacos, papéis e pedaços de mobília velha, entrei pela pequena estufa cheia de caixas, de sacos e de jarros de flores quebrados, saí para o terreiro e lá encontrei o velho Elias, de mão no nariz, com o sangue a correr-lhe dedos abaixo, o cabo de machado em dois pedaços no chão, e meu pai com um peru de traseiro para a frente, debaixo de cada braço, e as mãos pegando-lhes as pernas.

Naquele lusco-fusco, com um belo céu azul e a luz de velas jorrando através da janelinha lateral sobre eles, os perus pareciam muito brancos, em contraste com a roupa preta de meu pai. Mas se sombrio estava seu rosto, podia eu distinguir chamadas nos seus olhos. Olhou para Elias por alguns instantes sem dizer-lhe uma palavra.

E o velho Elias estava por demais repleto para falar. Ser descoberto como ladrão, ele, um diácono bem respeitado, ser rolado com o traseiro preso num barril de maçãs, e depois receber um bom murro no nariz, era bastante para estancar as palavras de qualquer homem. Um agradável cheiro de cascas de frutas cristalizadas, de groselha, de passas, de especiarias, de hortelã e de terra, se desprendia também ali da estufa.

Meus irmãos vieram correndo por dentro da loja, fazendo bastante barulho para ser ouvido no planeta vizinho, e se colocaram ao meu lado.

— Está bem, Sr. Elias — disse meu pai —, é esta a última noite que o senhor passa aqui no vale.

O velho Elias retirou as mãos do nariz, bateu-as uma na outra, fazendo salpicar gotas de sangue em torno de si.

— Ajustaremos nossas contas — gritou ele, com voz espessa. — Ajustaremos nossas contas. Tomei os perus de você como punição. Seu coração estava inflado de orgulho por ser dono deles. Você acabaria por tornar-se um filho de Satanás. Haveria de recebê-los de volta em tempo oportuno. Agora, porém, haverá um ajuste de contas.

— No que me toca, as contas já foram pagas — disse meu pai —, mas esta noite será a última em que sua loja ficará aberta. Porque se você abrir suas portas amanhã, eu incendiarei sua loja, com você dentro.

— Oh! — exclamou Elias, passando dum pé para outro, de olhos fechados e os punhos fazendo pequenas circunferências acima de seus ombros. — Oh! Oh! Oh!

— Vamos, meus filhos — disse meu pai —, outra olhadela dele para mim e perderei o apetite pelas semanas que hão de vir.

— Vou para minha loja do outro lado da montanha — vociferou o velho Elias, num grito de rebentar a garganta, voltando-se ligeiro a um movimento de meu pai. Seu rosto entrou no foco da luz. Seus olhos, arregalados e úmidos de cólera rubra, olhavam ainda para nós todos, o nariz brilhava, com o novo tamanho que o murro provocara, e sua boca expelia cuspe e bolhas sangrentas. — Vou lá para cima, ou para minha loja no vale vizinho, ou para outra no vale além deste ou mesmo para outra da cidade. Adquiri lojas! Sou dono de lojas! Lojas! Vou para o vale vizinho. Vou deixar este antro de ladrões, de salteadores e de assassinos. Vou lá para a montanha.

— Pois vá — disse meu pai, um tanto surpreso, ao velho Elias, diante daquela raiva e tão calmo como eu nunca vira homem algum. Parecia loucura e contrariava ver aquilo. A raiva pode ser um purgante, mas essa fazia o mais direito sentir-se sem razão por ser-lhe a causa, tão desumana e tão imunda era ela.

— E farei como prometo — silabou o velho Elias, em voz esganiçada, quando se dirigiu para dentro. — Vou dar-lhe com a lei inglesa em cima.

— Está direito — disse meu pai —, mas em troca terá esta noite um pedacinho de lei galesa. Gostarei de ver o que a lei inglesa fará em retribuição. E não se esqueça. Portas fechadas amanhã.

Ouvimo-lo batendo com os punhos contra a espessa porta de trás, ao nos retirarmos pela loja, e dando gritos lá no fundo da garganta.

— Ah, meu Deus! — suspirou meu pai, ao chegarmos lá fora, subindo a colina —, é terrível, na verdade. Ele poderia ter recebido os tais perus, se tivesse pedido.

— Deixe-me levar um — disse Ianto.

— Não — respondeu meu pai. — Toda a gente da colina deverá ver-me com eles. Depois, se houver complicações, serão comigo e não com vocês. Ele e sua lei inglesa!

Durante todo o caminho, de regresso à colina, o povo olhava e dava boa-noite a meu pai, sem fazer perguntas. Bastava-lhe saber que os perus estavam voltando para casa de novo. Mais tarde haveriam de saber onde foram eles encontrados.

O Sr. Gruffydd achava-se em nossa casa, quando entramos; por isso, foi mais chocante para nós. Meu pai dirigiu-se ao quintal, para pôr os perus no galinheiro, e voltou de lá, silencioso.

— Boa noite, Sr. Gruffydd — disse ele, encaminhando-se para a prateleira da chaminé, à procura do cachimbo.

— Boa noite, Sr. Morgan — respondeu o Sr. Gruffydd.

— Soube que o senhor teve uma questão com o velho Elias.

— As más notícias têm boas pernas.

— A história anda por todo o vale.

— A questão está terminada.

— Ele roubou seus perus? — perguntou o Sr. Gruffydd, observando a fumaça que se desprendia do cachimbo de meu pai.

— Os perus estão lá fora no galinheiro — disse meu pai.

— O senhor deseja alguma coisa, Sr. Gruffydd?

O Sr. Gruffydd conservou-se um instante em silêncio e depois começou a rir. Começou no âmago do peito e, lentamente, se foi elevando o tom, até rebentar em franca risada. Ora, naturalmente, logo que nos passou a surpresa, começamos a sorrir a princípio, depois nossas bochechas se foram inchando com as risadas que

desejavam explodir e, por fim, todos nós rimos também. Tínhamos já a barriga a doer. E sem saber por que ríamos. O Sr. Gruffydd fazia esforços para falar, mas as risadas o retomavam e ele recomeçava a rir.

Depois Ianto, com os olhos cheios de água, apontou para o nariz, para papai e esboçou o gesto de dar um soco, e isto provocou novas gargalhadas. Risada é uma coisa louca, mas é boa.

— Sr. Gruffydd, aceita alguma coisa? — perguntou minha mãe.

— Obrigado — disse o Sr. Gruffydd. — Aceitarei, com prazer. Amanhã de noite, deverei falar no terreno da capela, perto do rio, Sr. Morgan. Espero que o senhor lá esteja ao meu lado.

— Está bem — disse meu pai, muito satisfeito e surpreso —, muito obrigado, Sr. Gruffydd. Muito me agradecerá isso. Qual o assunto?

— A aproximação dos homens ao espírito de Deus — disse o Sr. Gruffydd.

— Esmurrei o nariz de um homem esta noite — disse meu pai.

— Sei de outros narizes que precisam da mesma coisa — disse o Sr. Gruffydd. — E se, dentro em breve, as coisas não melhorarem, desviar-me-ei um pouco do meu modo de ser, para lutar um bocado pessoalmente também.

— Muito bem — disse meu pai. — Estarei a seu lado amanhã de noite. Agora coma. Coma à vontade.

O terreno da capela era aquele em que o Sr. Gruffydd batizava os que estavam preparados. Estendia-se ao longo do rio, fora da aldeia, e naquele dia parecia um pequeno paraíso, com o rio bem claro e intensamente verde, prateado em torno das rochas, os salgueiros curvados sobre a água, caniços em quantidade para as rãs, peixes para as garças, e sossego para os patos e galinhas-d'água.

No sábado, toda a gente tomou aquela direção, para ouvir o discurso do Sr. Gruffydd. Havia uma multidão à nossa frente e uma multidão atrás. Subimos a ladeira da montanha e tornamos a descer, na direção da cancela que abria para o campo. Havia enorme multidão do lado de fora e o seu vozerio chegava até nós, como os sons graves do vento norte. Quando nos aproximamos vimos por quê. Havia um cartaz pregado numa tábuia, dizendo que o

proprietário havia deixado o distrito e negado permissão, até então concedida, para reuniões de qualquer espécie.

O proprietário assinara seu nome: Abishai Elias.

A multidão desejava entrar, sem ligar importância ao aviso, mas o Sr. Gruffydd recusou pôr pé além da cancela. De modo que todos caminhamos um pouco mais acima da montanha e lá o Sr. Gruffydd encontrou um lugar onde podia ficar de pé e ser visto por todos. Falou até o sol desaparecer e a noite começar a esfriar. Mas se estávamos arrepiados de frio por fora, por dentro sentíamos o calor do fogo do seu discurso e tratamos de voltar para casa o mais depressa possível, para ter o sangue bem quente dentro de nós.

Desejava começar sua luta naquela mesma noite, no lugar do batismo, disse ele, porque lhe parecia o lugar mais adequado para cruzadas. A maldade florescia no vale, sem parada ou empecilho. Havia ladrões, vagabundos e bebedores além da conta e até mesmo mulheres de má vida.

— Antes de vos tornardes mais velhos — gritou ele, e sua voz corria como um anel que cercasse todo o vale —, tereis policiais por aqui permanentemente. Um juiz em seguida. Depois, talvez mesmo uma cadeia. E com isso tudo virão a fome e a necessidade, a miséria e a ociosidade. A noite está caindo. Vigiai e orai.

— Amém — disse a multidão, suave e intensamente.

— Como lutaremos? — perguntou-nos o Sr. Gruffydd.

— Como? É simples. Os homens só perdem seus direitos de nascimento em troca de um prato de lentilhas, quando cessam de utilizar os dons que Deus lhes concedeu para sua melhoria. Isto se faz pela oração. Esse é o primeiro e o maior de todos os dons. Utilizai o dom da prece. Pedi a Deus força de espírito e visão clara. Depois, senso. Utilizai vosso bom senso. Nem todos de nós fomos criados para a grandeza, mas todos nós temos nossa razão. Utilizai-a. Pensai. Pensai muito e pensai bem. Pela oração e pelo bom pensamento vencereis todos os inimigos. E vosso maior inimigo agora é o carvão. Deveis tornar-vos mais fortes do que o carvão. O carvão não tem vida, mas para os homens astutos, vive ele na forma de ouro. Para vós são tantos vagonetes, a tanto por tonelada. Para outros são tantas cargas de navio, tantas notas de crédito, tantos

empréstimos, juros e empregos de capital. Vosso inimigo é a usura. E o usurário não se importa com os homens, com suas vidas ou com as vidas dos que deles dependem. Tomai cuidado. A noite está chegando. Preparai-vos, porque o tempo é chegado.

Prosseguiu falando da história do vale e referiu-se às constantes quedas de salários e à boa vontade deles em trabalhar, ganhando cada vez menos, enquanto outros, que nada tinham que ver com carvão, mas apenas possuíam papel ou eram senhores da terra que ficava em cima das minas exploradas, ganhavam mais e sempre mais.

— Deveis lutar. Lutar. Lutar agora.

— Diga-nos o que devemos fazer — gritaram os homens.

— Mostre-nos um caminho.

— Elegei homens para o Parlamento — disse o Sr. Gruffydd. — Obtende representação própria. Depois formai uma sociedade entre vós. Elegei um corpo de delegados vossos para redigir vossas reclamações e dai-lhes autoridade para se aproximarem dos chefes do negócio de carvão e do governo. Fazei todas as coisas dentro da ordem.

— Sr. Gruffydd — gritou o Sr. Rhys, apontador como meu pai —, o senhor está falando de coisas que não lhe dizem respeito. Seus assuntos são espirituais.

— Meus assuntos — gritou o Sr. Gruffydd, numa voz que nos fez pular — são qualquer coisa que se interponha entre os homens e o espírito de Deus.

— Amém — disse a multidão.

— Não nos esqueçamos — disse o Sr. Gruffydd, no mesmo tom de voz e acenando ao povo para que se mantivesse em silêncio — de que o Senhor Jesus expulsou os banqueiros do Templo, não somente porque eles profanavam aquele lugar sagrado, mas também porque estavam corrompendo o povo, demasiado simples para ver como estava sendo enganado, e gradativamente envenenado, até ficar, por sua parte, tão corrupto como seus senhores.

— Agora vejam vocês — disse Ianto a Davy, e Bronwen deu um aperto em minha mão. — É assim que se deve falar a eles. Com

bom senso.

Houve mais vozerio então e gritos, mas o Sr. Gruffydd disse que as mulheres se resfriariam, se o comício durasse mais tempo, e assim, depois de uma oração e de um bom hino, voltamos para casa, cantando.

Até mesmo Ivor e meu pai estavam prontos a trabalhar com os rapazes, coisa que nunca acontecera antes. Realmente, quando Gwilym chegou, depois do chá, ficou tão surpreso, que parou na porta, a olhar.

— Entre, meu filho — disse meu pai. — Sente-se aqui, agora. Você poderá levar a mensagem aos homens do outro lado.

— Que é isso, então? — perguntou Gwilym, olhando em redor, para Ianto, Davy e Olwen, com pena e tinta, meu pai com uma lousa e giz e Ivor com uma régua. Angharad e minha mãe achavam-se em casa de Bron, experimentando um vestido em Ceridwen.

Olwen contou-lhe o que havia, enquanto meu pai escrevia um aviso a respeito dum comício a realizar-se no Três Sinos, dali a duas noites. Ianto, Davy e Olwen escreviam avisos, a serem enviados a todas as minas de carvão do distrito para que os trabalhadores se mobilizassem. Depois todos tiramos cópias do aviso para levá-las aos poços que havíamos escolhido, e meu pai pegou da estante o livro A vida do Dr. Johnson, de Boswell, e leu uns dois capítulos, em voz alta, passando-o em seguida a todos nós para que lêssemos por nossa vez.

Aquelas noites eram boas, deveras.

Capítulo XV

Felizes éramos então, pois tínhamos uma boa casa, boa comida e bom trabalho. Nada havia para fazer fora, de noite, exceto ir à capela, ao coro ou, às vezes, a conferências. Mas mesmo assim, sempre tínhamos muita coisa a fazer até a hora de irmos para a cama, pois quando não estávamos estudando ou lendo, estávamos fazendo alguma coisa no barracão, ou lá pela montanha, cantando em alguma parte. Não posso me lembrar de tempo algum em que não estivéssemos cheios de ocupações.

Fico a imaginar o que tem acontecido nestes cinquenta anos, para mudar tudo isso. Não posso lembrar-me de nada, exceto da morte, para explicar a razão disso. Quando surgiu a iluminação a gás, isso fez que o povo tivesse menos vontade de ler, por conforto talvez, e a luz elétrica mandou a todos mais cedo para a cama, porque era mais cara. Mas em que ocasião as pessoas deixaram de ser amigas de seus pais e de suas mães e sentiram pruridos de sair de casa, ficando doidas por fazer outras coisas, é o que não consigo imaginar. É como uma asma que penetra na gente sorrrateiramente. A gente não tem noção de como aconteceu isso, mas o certo é que lá está e não há remédio que dê jeito.

Querida casinha onde vivi, quanta felicidade viste, antes mesmo de eu haver nascido. Em ti está minha vida, e todos aqueles a quem amei são uma parte de ti, de modo que sair de dentro de ti, abandonar-te, é abandonar a mim mesmo.

Esse grande e negro tirano que te aperta com tamanho arrocho, dentro em breve te cobrirá. Tuas janelas e tuas portas serão quebradas e a escória encherá os teus quartos. Teu telhado talvez venha a cair e este quarto e os outros talvez venham a ficar entulhados de escória. Mas ficarás de pé por dentro, com a escória

por trás, por cima e além de ti, mas nunca haverás de tombar. Serás enterrada, mas nunca haverás de tombar.

Ceridwen estava naquela porta ali perto, com seu vestido novo apertado nos ombros, e de rosto sorridente, entre os longos cabelos soltos, curvando-se para diante a fim de atacar os colchetes nas costas, com grande dificuldade.

— Venha cá, Huw — disse ela, fingindo estar quase a chorar —, venha ajudar-me a atacar essas coisas. Eu não consigo. Veja como está apertado.

Quão macia, quente e branca a sua pele, tocada pela luz, não ardente, nem mesmo brilhante, mas como que levemente polida! Depois respirou, metade da metade de um alento.

— Ceridwen — gritou minha mãe, para baixo —, você chegará atrasada, menina!

— Danado! — disse Ceridwen, forcejando ainda. — Depressa, menino. Deixe de ser mole.

— Fique quieta, então — disse-lhe eu, pois quando ela se movia, tudo quanto eu havia feito desandava. — Você parece uma velha enguia dentro dum bolso.

— Sim, senhor! — disse ela. — Então eu sou uma enguia, não é? Pois fique sabendo que não trarei um presente da cidade para você, pronto.

— Está bem — disse eu, e parei de abotoar. — Se não houver presente, não haverá vestido abotoado. Pronto, está aí.

— Ó Huw, meu bichinho — disse ela, toda olhos e boca doces e lágrimas sorridentes —, como você é mau para sua irmãzinha. Você me fará chegar atrasada, e então nem cidade, nem baú de enxoval, papai ficará zangado e Blethyn casar-se-á com alguma outra pessoa. Venha cá, sim, meu bem?

— Terei então um presente da cidade?

— Meu Deus! Que menino! — disse Ceridwen, mostrando as mãos em forma de garras para mim. — Você terá nove presentes, mas abotoe-me esse vestido antes que eu salte por aquela janela.

E o vestido foi abotoado. Descemos a escada para vê-la sair com minha mãe e meu pai, em companhia de Thomas, o cocheiro, a fim de pegarem o trem para a cidade.

— Mais uma que se vai — disse Davy, quando estávamos a acenar adeus para eles, de cima da colina.

— Quando será a sua vez? — perguntou-lhe Olwen.

— Sim — disse Ianto. — Aproveite enquanto ainda restar alguma coisa no bauzinho.

— Oh! — disse Davy —, não há de faltar tempo.

— Traga-a para casa, homem — disse Ianto. — Tem medo de que algum de nós a tome?

— Algum de vocês? — disse Davy, e empurrou o chapéu para trás, rindo. — Só por isto vou trazê-la aqui em casa, no próximo sábado.

— Com a breca! — exclamou Ianto — bem que adivinhei que ele tinha uma pequena, está vendo? É um diabo velho, fingindo-se de sonso. Joguem-no para baixo do banco, rapazes!

Mas Davy teve bastante tempo de fugir e eles não conseguiram pegá-lo.

Foi essa a primeira vez que soube que Davy tinha uma namorada.

Mas não houve admiração, quando a vimos.

Ceridwen voltou para casa com papai e mamãe, na tarde do sábado, cheia de embrulhos, e falou da cidade, da estrada de ferro, do mar, mas todos estavam falando demais, todos ao mesmo tempo, ninguém prestava atenção a nada, exceto eu, a toda aquela barulheira e palavras empilhadas umas sobre as outras.

Blethyn Llywarch tinha boa altura e boa aparência, com um nariz achatado numa luta e uma rodilha de cabelo preto, que caía em cima de seus olhos, quando ele estava excitado. Mostrou-se tímido, a princípio, e corava ao se encontrar junto de Ceridwen, mas ela estava tão serena como uma torrente do alto da montanha, ajeitando-lhe a gravata, dando pancadinhas no seu lenço e endireitando-lhe as pontas deste no bolso. Muito baixa, no entanto, ela não podia arrumar-lhe o cabelo.

Meu pai estava tentando fazê-lo sentar de cheio em sua cadeira, em vez de ficar numa beiradinha, e minha mãe ofereceu-lhe uma xícara de chá, tomando-lhe a colher depois que ele a deixou cair duas vezes, salpicando de chá suas belas calças. Cada qual

procurava pensar em alguma coisa para dizer, a fim de não passar por grosseiro, e nossos rostos forçavam sorrisos, que mais pareciam caretas.

Felizmente, entraram nessa hora Davy e Ethelwyn.

Ora, muito bem!

Imagine que, desde o começo, passamos logo a chamá-la Wyn. Não podia ser de outro modo, com uma jovem como aquela. Tinha olhos castanhos, grandes, com pestanas que lhe tocavam as sobrancelhas e uma espécie de sorriso na voz. Olhava para Davy como quem olha para um irmão de Deus.

Formávamos uma família verdadeiramente grande naquela noite. Meu pai e minha mãe, Ivor e Bronwen, Ianto, Davy e Wyn, Olwen, Gwilym, Ceridwen e Blethyn, Angharad e eu, a pequena Olwen, dormindo lá em cima àquela hora, o Sr. Gruffydd, a velha Sra. Rowlands, dona da casa de campo, onde era ele pensionista, o Sr. Evans, da mina, e outros mais, que entravam e saíam. Lavei tanta louça naquela noite, pois Ceridwen estava lá para o quintal com Blethyn, que nunca mais desejei ver uma panela, enquanto vida tivesse.

— Meu Deus! — exclamou Angharad, impaciente e batendo com o pé na pedra molhada —, estarão eles usando seis pratos para o diabo de cada comida com que estão empanturrando aquelas barrigas?

— Vou colocar essa louça no chão — disse Gwilym, pois a pia já estava repleta — Eles já estão quase acabando agora. Não desanime, menina.

— Não desanimar? — disse Angharad, quase chorando de cólera. — Cinquenta pares de mãos, uma nova pia e pés secos é o que desejo agora e não me animar. O melhor é ir já dizer a essa gente que tire o focinho da gamela, antes que eu vá lá e meta os restos pelas goelas deles abaixo com o atizador.

E lava e enxuga, e lava e enxuga, pratos, travessas, facas, colheres, garfos, tigelas e xícaras. Mais chaleiras para ferver, mais água quente. Mais fumaça, mais soda, mais lavagem, mais enxugação e mais chão molhado. Lavar e enxugar. Ah! meu Deus! meu Deus! como me sentia satisfeito, naquela noite, por haver

nascido menino. Um homem só ficará conhecendo uma mulher, quando conhecer o trabalho dela. Lavar e enxugar, água quente e soda, chaleiras e caçarolas, calor e fumaça, e sempre a água.

Por fim acabamos e Angharad lançou o derradeiro pano de prato molhado para cima da corda.

— Vamos dar um passeio lá na montanha, Huw — disse ela, causando-me surpresa.

— Para quê? — perguntei-lhe. — Vamos lá para dentro agora, escutar a conversa.

— Conversa? — disse ela, com os olhos cheios de desprezo. — Para um dia, basta a que já tive. Vamos para a montanha, onde ficaremos tranquilos. Conversa? Eu ficaria a olhar para suas bocas, pensando quantas pratadas cada uma delas engoliu. Venha comigo.

E subimos à montanha. Sentamo-nos no galho dum grande carvalho, que a tempestade havia arrancado. É belo contemplar uma montanha adormecida e outras montanhas, nos outros vales, erguendo-se como pedaços de veludo azul, dando a impressão de que podemos cortar um pedaço e utilizá-lo num capote, para dançar por cima das nuvens gordanchudas.

Estávamos ali havia apenas um minuto ou dois, quando alguém subiu na nossa direção, um homem, assobiando, como se esperasse encontrar alguém. E era isso mesmo, pois Angharad levantou-se depressa e correu precipitadamente ao seu encontro.

Era o jovem Iestyn Evans, filho de Christmas Evans, o negociante de carvão. Acabava de deixar a Universidade de Oxford. Era um completo janota e principiara a trabalhar com o pai. Fiquei muito surpreso.

— Iestyn — disse Angharad —, este é Huw.

— Alô, Huw — disse Iestyn, num sotaque inglês. — É muita bondade de sua parte trazer sua irmã para me encontrar.

— Se eu soubesse que era para isso, teria ficado em casa — respondi. — E se meu pai souber que Angharad veio se encontrar com você, é capaz de estrangulá-la.

— Que modos são esses, Huw Morgan? — disse Angharad, mas ainda apoiada no braço de Iestyn. — Vou ficar um minutinho só.

— O minutinho já virou minutos — disse eu. — Vamos, venha para casa.

— Espere — disse Iestyn. — Eu irei com vocês.

— Se você for — disse eu —, papai ficará sabendo desse encontro. É melhor você aparecer amanhã, depois que voltarmos da capela.

— Que idade tem esse Daniel? — perguntou Iestyn a Angharad.

— Creio que uns catorze anos — respondeu Angharad. — Não tem ainda bastante idade para dar ordens. Venha. Vamos para o alto da montanha.

— Vou para casa agora mesmo — disse eu.

— Espere — disse Iestyn.

— Sou talvez muito moço para dar ordens — disse eu —, mas tenho bastante idade para não receber ordens de você.

— Que coisinha ruim é você — disse Angharad, quase chorando realmente desta vez. — Um minutinho só.

— Vou para casa — disse eu e comecei a descer a montanha.

— Huw — gritou ela. — Espere. Vou com você. Esperei e ouvi que se beijavam. Depois Angharad alcançou-me e descemos juntos para casa.

— Que é que você tem? — perguntou-me, e que raiva havia na sua voz contra mim! — Tenho, vontade de matá-lo. Cinco minutos não fariam mal a ninguém.

— O mesmo diria Meilyn Lewis — respondi-lhe.

— Huw — disse ela, de rosto pálido, olhos negros, cabelo esvoaçante e a capa igual à de uma bruxa, às voltas com o vento —, você tem coragem de dizer isso a mim?

— Prefiro dizer agora, a dizer depois. Por que deseja ele avistar-se com você lá no alto da montanha? Por que não vai à nossa casa?

— Odeio você — disse ela, e enrolou-se mais em sua capa, ficando parecida com um pilar negro, o rosto pálido e os olhos brilhantes e chispantes de causar medo.

— Veja se ele pede licença a papai, amanhã, depois da reza. Então você poderá começar.

Ela, porém, corria já ladeira abaixo e eu me achava demasiado irresoluto para alcançá-la, de modo que, quando cheguei a casa,

encontrei-a fazendo chá para os outros, como se nada houvesse acontecido.

Conversavam todos a respeito dos sindicatos, quando eu entrei, e o Sr. Evans parecia realmente zangado.

— Pago bem a meus operários — dizia ele. — Os melhores ordenados de todos os vales são os que pago, e sempre assim o fiz.

— Mas a sua mina é uma das pequenas — disse o Sr. Gruffydd —, e os outros patrões pensam diferentemente do senhor. E pagam também diferentemente. O mal está nisso. O senhor dirige sua própria mina. Mas as outras são dirigidas por empregados pagos, com proprietários interessados somente nos lucros. Nossos inimigos são os fidalgotes ricos e ociosos e os acionistas, vorazes.

— E os intermediários — acrescentou Davy.

— Keir Hardie diz que as minas deveriam pertencer ao povo — disse Ianto. — Como os correios.

— Hyndman diz que a terra deveria pertencer ao povo — disse Davy —, e estou de acordo com ele.

— Marx sempre disse isso — ajuntou Olwen.

— Não sou a favor de qualquer coisa que um grupo de sujeitos estrangeiros proponha — disse meu pai. — Owain Glydwnr já disse tudo quanto deveria ser dito, em favor desta região, há centenas de anos passados. O País de Gales para os galeses. Por favor, mais coisas dele do que do Sr. Marx.

— Os povos de todos os países deveriam ser senhores de suas terras — disse o Sr. Gruffydd. — Este mundo foi criado para a humanidade e não para uma parte da humanidade.

— Já é muito que alguns de nós tenhamos feito alguma coisa com a terra que nos coube — disse o Sr. Evans, ainda avinagrado. — O empreendimento está no indivíduo e não na população.

— Então que os indivíduos empreendedores paguem renda à população — disse o Sr. Gruffydd —, e ela ficará assim muito melhor de meios. É o dinheiro que capacita os homens a sair da população pela educação e a comprar livros e pagar escolas. Quando ela estiver devidamente escolarizada, será menos população e mais um grupo de cidadãos respeitáveis, autodisciplinados e autocriadores.

— Acabamos de sair justamente agora dos sindicatos — disse o Sr. Evans.

— Os sindicatos são apenas parte de um todo — disse o Sr. Gruffydd. — Fazemos dos sindicatos mecanismos, para que o povo operário conserte seus agravos. Não sociedades beneficentes, ou clubes funerários. Fazemos dos sindicatos regimentos civis, para lutar pela causa do povo.

— Estamos procurando juntar-nos agora à Federação Social Democrática — disse Davy.

— Já conseguiu sócios para o sindicato neste vale? — perguntou o Sr. Gruffydd, olhando para seu cachimbo.

— Uns poucos somente — disse Davy, corando um pouco, à luz do candeeiro.

— Forme primeiro um sindicato forte, seu próprio — disse o Sr. Gruffydd —, depois então cuide de juntar-se a belos títulos e nomes.

— Os salários proporcionais estão nos detendo — disse Olwen. — Eles nem mesmo estão desejando ligar-se à Federação dos Mineiros por causa disso.

— São uns loucos — disse o Sr. Gruffydd. — Fale-lhes assim e diga-lhes por quê.

— Faça-o o senhor — disse Ianto. — Já tentei isso a semana passada.

— Tenho outro trabalho a fazer — disse o Sr. Gruffydd, levantando-se. — Faça-o você, e quando o tiver feito, descobrirá que o meu trabalho se encontrou com o de vocês, como duas estradas numa bifurcação. Então prestaremos auxílio uns aos outros.

— Aquela reunião da semana passada mostrou isso — disse meu pai, ajudando o Sr. Gruffydd a vestir o capote. — Com os salários proporcionais, os trabalhadores sabem que têm alguma coisa a ganhar com seu trabalho. As mulheres os apoiam, e isso é que constitui a sua força.

— Se o carvão for vendido a preço mais barato — disse o Sr. Gruffydd —, os salários baixarão. Quanto mais baixo o preço de venda, mais baixos os salários, quanto mais elevado, maiores ordenados. É isso o salário proporcional, e ele dá bons resultados, hem? Conhecendo os inimigos, pensem agora no que poderia ser

feito, utilizando-se um pequeno estratagema. O carvão subiu? Não. E não subirá provavelmente até que o salário proporcional seja posto de parte e um justo padrão de vida adotado como base para um salário de trabalho. Não somente para o mineiro, mas para qualquer outro trabalhador do país. Boa noite, Sr. Morgan, e boa noite a vocês, rapazes.

Depois que todos se despediram, os rapazes voltaram muito calmos e ficaram de pé, junto do fogo.

— Está bem, papai — disse Ivor —, que deveremos fazer? Conservei minha boca fechada até agora, mas estava com vontade de dizer umas coisas ao velho Evans, aquele hipócrita.

— É esse o nosso Ivor? — disse Olwen, olhando para ele e fingindo desmaiar. — Não é possível!

— Quem pôs pimenta em você? — perguntou Davy.

— Ninguém, homem — respondeu Ivor. — Pensam vocês que vivi e trabalhei aqui de olhos completamente fechados? O velho Evans só paga uns tostões a mais porque sabe que os operários trabalhariam numa mina mais fácil, se ele assim não fizesse. É um bicho pra falar, ele!

— Que tal organizarmos nós mesmos uma cruzada? — perguntou Davy. — Cada um de nós tomará a seu cargo um vale. Depois do serviço.

— Depois de qual serviço? — perguntou-lhe Ivor. — Você, Ianto e Olwen são cavalheiros de vida ociosa.

— Vamos começar a trabalhar na mina, segunda-feira — disse Davy. — Fomos lá esta tarde. Nós pagaremos nossa pensão, papai.

— Não há necessidade disso, rapazes — respondeu meu pai. — Esta é a casa de vocês e não se trata de pagamento.

— E viveremos à custa do bauzinho? — perguntou Olwen. — Não, isso é que não. Eu posso fazer o trabalho que me cabe, depois que voltar da mina.

— E a respeito da cruzada? — perguntou Davy.

— Amanhã é domingo — disse meu pai. — Falaremos mais do caso na segunda-feira. Agora tratem de ir para a cama em silêncio, para não acordarem a mamãe. Senão, terão de estar às voltas com outra cruzada.

Que bom que era seguir para a capela, num domingo de manhã, quando o sol brilhava! Todos seguiam com suas roupas domingueiras e suas botinas engraxadas.

Toda a gente da colina partia quase que contemporaneamente, e durante muito tempo só se ouviam bons-dias e "Como passou de ontem para hoje?", em todo o caminho da estrada até o fim, os homens tirando os chapéus, as mulheres agitando as toucas, os meninos tocando nos bonés e as meninas dobrando um joelho.

Nossa família partiu comigo e a pequena Olwen, agora já andando, com sua mãozinha na minha, dando-se importância, atrás Olwen e Angharad, depois Davy e Ceridwen, em seguida Ianto com o pequeno Gareth, acompanhados de Ivor e Bron e por fim meu pai e minha mãe. Papai nos chamava a Tribo dos Morgan, mas havia grupos de outras famílias tão grandes como a nossa e mesmo maiores, que íamos encontrando pelo caminho e que eram bem nossas conhecidas.

Costumávamos caminhar em silêncio, durante algum tempo, até nos acharmos distanciados das casas da vila. Depois meu

pai e minha mãe principiavam a cantar baixinho um hino, que as moças acompanhavam com suas vozes, Angharad e Bron de contralto, Ceridwen, de soprano, e afinal todos os rapazes pegavam o tom e o eco soava aos nossos ouvidos, como se corresse para alcançar-nos por todo o vale.

Belos eram os dias que se foram, e oh! quem dera que eles voltassem! A montanha era verde e orgulhava-se de seu magnífico manto de carvalhos e freixos, lavando seus pés num rio de águas fluentes e tão claras como os olhos de Deus. Os ventos baixavam com o cheiro da grama e das flores silvestres, enchendo de doçura o nosso olfato, para retirá-la depois, de modo que ninguém podia dizer qual a beleza que havia sido roubada e apenas que os ventos eram velhos ladrões, que roubavam alguma coisa de cada folha de relva e de cada flor, para restituí-la depois, dando um pouco também a cada um de nós, para em seguida nos tomar.

Quando todos galgávamos a ladeira em direção à capela, lá avistamos o Sr. Gruffydd, grande e forte, com a negrura de sua barba transformada em ouro à luz do sol, esperando por nós, e

todos principiavam a cantar o mesmo hino, desde os mais próximos à capela até os que se achavam lá embaixo no sopé da montanha, e, ao ouvi-los, era caso de pensar-se que a própria montanha cantava com eles.

A capela tinha sempre o mesmo cheiro de cera, do madeiramento da galeria, do enorme banco, dos assentos reservados e do púlpito, de sabão e de água para lavar as pedras, de um pouco de tinta, de livros de nino, de cânfora dos vestidos e roupas domingueiras, de gente e de fumaça da lenha que queimava na estufa.

Mas se a gente se encontrava junto de Bron, só sentia era cheiro de alfazema. Minha mãe sempre fabricava água de rosas com as rosas silvestres da montanha, e o agradável perfume impregnava-se nela. As meninas também o usavam e a pequena Olwen vivia inundada dele. Mas Bron era alfazema, e, mesmo havendo três pessoas além dela, podia-se reconhecê-la pelo cheiro. Era suave, tão suave como o hálito duma criancinha, mas inconfundível.

Nós tínhamos dois bancos reservados, um atrás do outro, e meu lugar ficava logo em frente ao de Bron, no fundo da capela, de modo que sentia sempre o cheiro de alfazema e gostava disso. Nunca pude suportar o cheiro de cânfora, e precisamente na minha frente se sentava a velha Sra. John, que deveria banhar-se e cozinhar com ela, tão impregnada vivia do tal cheiro.

Meu pai subia a sentar-se na bancada com os outros diáconos, e depois um deles escolhia um hino, enquanto o Sr. Gruffydd vinha entrando com o resto do povo.

Cantava-se então. Cantava-se deveras, de ombros para trás e cabeça para cima, de modo que o canto pudesse subir ao teto e, para além, até o céu. Massas e massas de som, de elevado registro e rico de qualidade, cada nota isolada um tapete de cor, tecido de baixo profundo, baixo, barítono, tenor, soprano, meio-soprano e contralto, cantando a mais cantar, até que a vida e todas as coisas vivas se tornassem uma canção.

Oh! voz humana, órgão do mais adorável poder!

Quando o Sr. Gruffydd começava seu sermão, punha sempre algumas folhas de papel à borda do púlpito, junto da Bíblia, mas

nem uma vez foi visto utilizando-se delas. Começava a falar, como se se estivesse dirigindo a uma família, sossegadamente, numa voz nem alta, nem baixa. Mas de repente se ouvia uma nota que se insinuava nessa voz, uma nota de fazer a gente sentir frio nas costas. Iria depois morrendo até que só se podia entender o que ele dizia pela forma da boca, mas então lançava um rochedo de som dentro do silêncio e fazia o sangue da gente esparramar-se cá por dentro, mantendo-se fervente durante algum tempo, enquanto o trovão majestoso de sua voz proclamava de novo o reino de Deus e o principado do Cristo — Homem Salvador.

Era por isso que voltávamos da capela todos os domingos rearmados e escudados contra o mundo, revigorados e cheios de ânimo combativo. Tal como viéramos, assim voltávamos para casa, mas agora alguns dos mais velhos paravam para conversar do lado de fora da capela, especialmente os que viviam muito distante, com a montanha a separar-lhes as casas. Os meninos também aproveitavam para conversar. De modo que se via uma multidão do lado de fora da capela, todos conversando, com acompanhamento de risadas, de chapéus pretos de feltro, cartolas agitando-se e chapéus de mulher com penas balanceando, aglomeradas roupas pretas e brancos linhos, muito alvos, de encontro ao verde da montanha e ao cinzento da capela.

De volta, tínhamos tempo de almoçar em nossa casa, ou na de Bron, e, em seguida, regressávamos de novo à capela para a escola dominical, Angharad, Ceridwen, Olwen, Davy, Ianto e eu. Ir à escola dominical não era tão sério como ir à capela, por isso podíamos juntar-nos aos outros meninos e meninas pelo caminho, apanhar flores, nozes e bagas para nossas namoradas comerem, às escondidas, na escola. Eu não tinha namorada, então, nem era favorito de ninguém. Isso veio mais tarde. Mas sempre tínhamos uns doces nos bolsos. A escola dominical seria realmente muito chata, sem um docinho ou dois, enquanto o professor baixava a cabeça sobre o livro.

Quem estava do lado de fora da capela quando lá entramos, senão Iestyn Evans, muito elegante, de flor na lapela? Antes de tudo, aquilo não estava direito, num domingo, mas pensei que

parecia realmente bem, e depois cheguei a usar muitas centenas delas. É agradável ter uma florzinha tão perto da gente, com boa cor e bom cheiro além disso.

— Alô, Angharad — disse o maluco, com Olwen, Davy e Ianto bem por trás dela.

— Com quem está você falando? — perguntou Ianto, que parou, com uma palidez no rosto e nos olhos, calmo mas com um leve tremor na voz, o que significava morte para qualquer pessoa de bom senso.

— A Angharad — respondeu Iestyn. — É sua irmã, talvez?

Eu olhava para o rosto de Angharad, mas com o rabo do olho vi o punho de Ianto brilhar ao sol e ouvi o estalo surdo quando ele golpeou o queixo de Iestyn. Quando olhei, vi-o caindo de costas, redondamente.

— Seu diabo — gritou Angharad, disposta a unhar, mas Olwen e Davy agarraram-na pelos braços, arrastaram-na para dentro da sala de espera e trancaram-na lá dentro.

— Que cachorro! — disse Ianto.

— Que faremos com ele? — disse Davy. — Lançá-lo no rio?

— Maus costumes de Londres — disse Ianto, olhando para os nós de seus dedos. — É preciso ensiná-lo. Deixe-o aí para que todos o vejam.

— Se papai ficar sabendo disso... — ajuntou Olwen. — Angharad há de contar-lhe.

— Contará nada — disse Ianto. — Ela sabe o que acontecerá se mexer com isso.

Atravessamos a multidão silenciosa e de olhos arregalados e Olwen abriu a porta. Angharad estava chorando, sob o quadro de avisos, e Ceridwen procurava acalmá-la.

— Não permitirei que minha irmã seja tratada como uma mulher à-toa — disse Ianto a Angharad, mas tão baixo que somente poucas pessoas podiam ouvi-lo. — Da próxima vez, se é que haverá outra vez, eu o matarei. Se ele desejar falar com você, que peça permissão. Temos uma casa e ele sabe bem onde ela é. Agora entremos na escola dominical.

O texto da lição daquela tarde foi "Amai-vos uns aos outros", e após sua leitura todos olhavam para Ianto por cima de seus livros, mas só quando ele não levantava a vista. A Sra.

Talfan deve tê-lo escolhido de propósito, porque quando leu, parou e olhou diretamente para Ianto e depois para cada um de nós, que nos achávamos em redor dele. Mas todos erguemos a vista para ela como se nada houvesse, de modo que a intenção ficou perdida.

Depois da escola dominical brincávamos sempre na montanha, os meninos perseguindo as meninas ou vice-versa ou então brincando aqueles entre si de peles-vermelhas, se não havia adultos ali por perto. Mas naquela tarde, seguimos diretamente para casa.

E lá encontramos o Sr. Evans e Iestyn em companhia de meu pai e de minha mãe. Iestyn estava pálido, com uma inchação no queixo.

— Você bateu em Iestyn Evans? — perguntou meu pai a Ianto.

— Bati, sim, papai — respondeu Ianto, pondo as mãos nas costas.

— Diante da capela e num dia como este? — tornou a perguntar meu pai.

— Era onde ele se encontrava — respondeu Ianto —, com flor na lapela e tudo.

— Vou processá-lo, rapaz — disse o Sr. Evans, e ia levantar-se, mas Iestyn o deteve.

— Sem dúvida você tinha alguma razão para isso — disse ele a Ianto, mas falando como se Ianto fosse quatro pés mais baixo do que ele.

— Sem dúvida — disse Ianto. — E sem dúvida lhe quebrarei a espinha também, se outro motivo houver para isso.

— Ianto — perguntou meu pai —, por que bateu nele?

— Pergunte a ele, papai — disse Ianto.

— Foi porque me dirigi à sua filha Angharad — disse Iestyn.

— O quê? — disse meu pai. — Como veio o senhor a falar com minha filha?

— Pois — respondeu Iestyn, diante da imensa surpresa de papai —, eu já a havia visto muitas vezes.

— E o fato de tê-la visto lhe dava o direito de falar com ela? — perguntou-lhe meu pai.

— Isto aqui é uma sociedade civilizada — disse Iestyn. — Não somos animais selvagens.

— É por causa disso que há homens aqui que se utilizam de seus punhos — disse meu pai. — Se o senhor tivesse falado com ela na minha presença, pior lhe teria acontecido.

— Gwilym — disse minha mãe, olhando para o rosto do Sr. Evans e mordendo os lábios.

— Quieta, menina — disse meu pai. — Basta de conversa mole.

— Eu ia trazer Angharad para casa depois da escola dominical — disse Iestyn.

— Quanta gentileza — disse meu pai. — Ficaríamos realmente honrados.

— Agora veja, Gwilym — disse o velho Evans. — Eu nada sabia da história da menina. Apenas fiquei sabendo que houvera uma luta. Retiro o que disse de seu filho, pois se um homem falasse com a irmã de Iestyn, a coisa estaria preta, haveria morte na certa. Ianto, meu filho, dê cá um aperto de mão.

— Obrigado, Sr. Evans — disse Ianto.

— Agora, onde está a moça? — perguntou o velho Evans.

— Vejamos o osso pelo qual esses dois cachorros se arrancaram o pelo.

— Ela está lá em cima — disse minha mãe —, e de lá só descerá amanhã de manhã, antes não.

— Está bem — disse o velho Evans, levantando-se para sair. — Então, sem rancores, não é?

— Nenhum — disse meu pai.

— Virei cá amanhã de tarde pedir permissão, Sr. Morgan — disse Iestyn.

— Muito bem — disse meu pai. — Esperarei por você. O Sr. Evans piscou o olho para papai e deu-lhe uma palmadinha ao sair. Iestyn apertou a mão de Ianto, um desajeitado apertinho, como o tocar das mãos dos boxeadores.

— Iestyn Evans e Angharad — disse minha mãe, olhando para o fogo, como a sonhar — são jovens demais.

— Que idade tinha você quando nos casamos? — perguntou meu pai, com a mão na boca, a impedir uma risada.

— Era muito mais velha, rapaz — respondeu minha mãe.

— Ora, vá passear, menina — disse meu pai. — Você era ainda mais moça do que Angharad. Uma boa xícara de chá, agora, e ligeiro: ninguém é moço demais para casar. A lei é essa. Vamos, menina, cadê o chá?

Depois disso, não havia parte alguma da casa aonde ir sem dar de cara com olhares hostis de Angharad e Iestyn, de Ceridwen e Blethyn, e, às vezes, de Davy e Wyn, quando ele a trazia à nossa casa, em vez de ficar com ela em sua casa do outro lado da montanha.

De modo que passava eu muito tempo com Olwen, no quintal, tentando fazer sua máquina funcionar. Que barulheira que aquela coisa fazia! Afinal, ela funcionou, e aquela foi realmente a noite das noites!

A distância era bem grande de nossa casa à de Gwilym, e com a pequena Olwen e as comidas para meu pai e os rapazes, em diferentes turmas, minha mãe tinha um ror de coisas a fazer o dia inteiro, com pouca força para passear. Entretanto, ela lá ia seguidamente, até duas vezes por semana.

Extremamente fatigada, certa tarde, pediu-me que levasse o cesto para eles. Saí. Desci a colina e dei a volta pela parte baixa do vale, ao longo da vereda à beira-rio.

Dali por diante, nunca mais gostei de passar naquela estrada.

Por aquele caminho tinha eu de passar pelos dois montes de escória, que haviam crescido e crescido até parecerem tão grandes como a metade da montanha. Mesmo assim crescia relva em alguns lugares, como se tivesse piedade de nós e quisesse ocultar a fealdade deles. O rio que corria entre eles estava secando, tão fatigado se mostrava da luta por conservar-se limpo, e não havia por que censurá-lo.

Mais adiante, passada a derradeira casa, os capins verdes cresciam de novo e eu me sentia feliz por ver uma flor brotando, em seguida a toda aquela tristeza brutal, embora o rio ainda corresse negro e as plantas e caniços morressem e secassem em ambas as margens.

Lá em cima da montanha era melhor, e do cume era bom olhar para trás e ver toda a sujeira oculta por trás das árvores e das moitas de amoras silvestres, muito embora soubesse que ela ainda estava ali.

A casa de Gwilym era a última duma fileira, do outro lado da nossa montanha, uma casinha limpa, mas aberta ao tempo, e os ventos ensaiavam o coro de suas vozes quando o podiam, de cada lado dela. Havia roupa lavada pendurada, quando entrei lá. Peguei nela e vi que estava seca. Apanhei-a e levei-a comigo para dentro.

A casa estava em confusão. A água do banho de Gwilym achava-se ainda diante do fogo, suja da outra noite. Viam-se marmitas em cima da mesa para, pelo menos, três refeições. O chão estralejava com poeira de carvão das botinas e roupas de Gwilym e a mobília se achava em toda parte, menos nos devidos lugares.

De modo que me pus a trabalhar, esvaziando a bacia, pondo água para o novo banho de Gwilym, lavando o soalho, lavando as marmitas, acendendo o fogo, descascando batatas, indo buscar couve na horta e batendo na porta vizinha para arranjar um pedaço de carne para a ceia de Gwil.

A mulher da casa vizinha era muito delicada e deu-me uma pá de carneiro, com uma lição de cozinha, como se de nada me houvesse valido haver observado minha mãe e Bron na cozinha, durante mais de dois anos. Não me fez perguntas e eu nada lhe disse, embora soubesse que ela continha a muito custo a curiosidade.

Depois que botei o carneiro no forno, subi as escadas para ver se era preciso arranjar as camas. Lá em cima estava tudo como embaixo, de modo que tive de arranjar a cama dê casal, e estava justamente levantando as janelas quando ouvi um barulho no segundo quarto. A tarde já se ia transformando em noite e nem uma lâmpada se acendia na casa. Nunca fui grande coisa, ouvindo barulhos no escuro.

Esperei um pouco e ouvi-o de novo. Foi uma pequena risada, não muito alta, mas clara.

Lá embaixo no vale, amarelavam-se agora as luzes dos candeeiros, o céu mostrava uma névoa azulada, com o negro das

árvores estampado, e o vento cantava baixo, elevava a voz, para depois amortecê-la.

É interessante ter-se os pés pregados ao chão de medo. A gente pode ver, pode ouvir e pensar tão bem que dói. Mas não pode mover-se. Há uma força exterior que faz a gente ficar parado, mas de dentes a ranger e de lágrimas nos olhos, revoltado contra ela.

Passo a passo, dirigi-me à porta do segundo quarto, no pequeno patamar, embora jamais ficasse sabendo como consegui chegar até lá. Há um espírito maior do que a gente, sempre ao nosso alcance, mas que somente se instala em nós quando nosso próprio espírito está perdido e chama na sua própria língua, que não se pode entender mas apenas sentir, e é pelo sentir que a gente lhe obedece. Mas nem mesmo isso acontecia, pois eu nada sentia, a não ser surpresa por estar caminhando para a frente. Não ouvia voz, não sentia mão, e contudo achei-me na porta, batendo e imaginando como conseguira chegar até ali. Depois abri-a e olhei para dentro.

Marged estava sentada, no canto, perto da janela, olhando para mim, com a luz de fora ferindo a umidade de seus olhos e de sua boca.

O quarto era igualzinho ao nosso barracão, com a mesma espécie de banco e de torno; todas as ferramentas nas prateleiras, com uma segadeira de feno a um lado, e sacos de batatas e sementes, empilhados ao longo da parede, e pendentés dela cebolas, presuntos e alhos. Até mesmo fusos de tear estavam pregados à parede, em número igual e em cores iguais aos nossos, embora não houvesse necessidade deles, e ali estivessem apenas para tornar o quarto o mais exatamente possível igual ao nosso barracão.

Marged permanecia calada, olhando, com as mãos no colo e os pés pousados no soalho, mergulhando mais na escuridão a cada momento, enquanto o vento soprava nas suas trombetas de lata em redor da casa.

— Olwen — disse ela, lá do canto escuro, e riu de novo. — Você veio, então?

— Não, Marged — disse eu, e realmente pareceu-me, mesmo a mim, que minha voz soara bem alto. — Sou eu, Huw, veja. Preparei

o banho de Gwil e pus um pedaço de carne de carneiro para assar. Agora vou voltar para casa.

— Não — disse ela, movendo-se. — Você nunca mais se separará de mim. Esperei tanto tempo.

— Mas, Marged, está escuro e o caminho pela montanha é muito comprido.

— Você terá de ficar — disse ela, levantando-se. Vi seu vulto negro estampar-se contra a janela, procurando alguma coisa na prateleira das ferramentas. — Você há de ficar comigo. Farei você em pedaços e irei pendurá-lo em ganchos, ouviu?

A luz brilhou numa ferramenta, branquejante na sua mão.

— Venha cá — sussurrou ela. — Muito tempo esperei neste velho canto frio e agora irei aquecer-me. Venha beijar-me, Olwen, venha beijar-me. Beije a sua Marged. Nunca mais me abandone, ouviu?

E suas palavras ora eram sussurros, ora gritos Esperei até que ela estivesse tão perto, que senti o calor de seus dedos no meu rosto, e então, rapidamente, fechei a porta com um empurrão. Gritos e pontapés dela se seguiram, ao mesmo tempo que golpeava a porta com a ferramenta. Desci a escada e corri a buscar meu boné na cozinha, saindo pela porta de trás e tomando o caminho da montanha.

Mas quando olhei para trás, na escuridão, pude avistar a mancha pálida de seu avental, correndo pela estrada no meu encalço, tão silenciosamente que o farfalhar das árvores se tornava mais alto. Parei como morto, as pernas eram barras fincadas no chão. Ela então gritou e isso pareceu libertar-me. Voltei-me então e continuei a correr.

Corri através de moitas e em torno de rochedos, novas moitas vareei e novos rochedos torneei, atravessei gramados e terras lavradas, furei sarças e pulei sebes, corri, corri a mais correr, sem quase poder respirar, até que minhas pernas se arrastaram pelo chão e minha boca se escancarou para o céu, vendo o ar avermelhar-se em torno de mim e sentindo-me desfalecer. No alto da montanha, caí redondamente, o rosto de encontro ao frio capim rasteiro, com carneiros em repouso perto de mim, que ergueram a vista enquanto eu corria, mas voltaram a pastar logo que eu caí.

Mas logo depois os carneiros ergueram a vista de novo, e desta vez dispararam a correr, ladeira abaixo. Marged surgiu por cima da sebe, devagarinho, comprimindo o peito com ambas as mãos, e eu podia ouvir a sua respiração, como um rasgar de sacos. Caminhava como se estivesse bastante embriagada. Dirigiu-se ao rochedo e encostou-se nele, batendo com a cabeça na pedra. O vento me trazia o rumor das pancadas e o seu choro, e eu ouvia pancadas e mais pancadas da sua cabeça contra a rocha.

Tremia, mas de cansaço, quando me dirigi para ela e procurei afastá-la do rochedo. Estava curvada até a cintura e marrava de encontro à rocha, mas quando a puxei, caiu ao meu lado, e eu também.

— Olwen — dizia ela —, Olwen.

— Cale a boca. Durma, ouviu? Durma agora. Olwen virá agora mesmo, ouviu?

— Se ele vier, sim — disse ela, e realmente adormeceu, não num sono sossegado, mas como o de um morto.

No vale estava escuro como breu, vendo-se apenas uma luz lá na granja. A lua estava sobre nós, não ainda bastante alta, porém, para lançar seu clarão por cima da montanha. Sabia bem que morreríamos de frio, se ficássemos ali por mais tempo, de modo que cobri Marged, o melhor que pude, e depois procurei acender um fogo com gravetos. Em poucos minutos tinha uma fogueira esturgindo junto da rocha e dando bom calor. Puxei Marged para um lugar onde poderia ficar aquecida e parti, de volta à casa de Gwil, em busca de auxílio.

A meio caminho, na descida, na escuridão das árvores, ouvi-a gritando de novo, mas isso me fez apenas caminhar mais ligeiro. Logo adiante, perto do primeiro grupo de rochas, vi Gwilym, com alguns homens que carregavam lanternas, todos batendo as moitas e alguns metendo as lâmpadas por baixo das sebes. Gritei até me encontrar quase no meio deles, mas o vento estava contra mim, e Gwilym deixou cair sua lanterna, para correr ao meu encontro, quando os outros homens gritaram.

Ele e a maior parte dos outros começaram a subir a montanha, levando-me nos ombros de um grande mineiro, que vinha

diretamente da mina, sem tomar banho, negro e tresandando a carvão e a fumo forte. Chegamos lá em cima quase ao mesmo tempo que os outros, porque eu conhecia o caminho e Gwil e seus companheiros subiram pelo pior lado do rochedo e tiveram de correr todo o caminho, rodeando o lugar em que o fogo ardia.

Para lá da sebe e no plano, pusemo-nos a correr em direção ao fogo. Os dois homens que lá primeiro chegaram começaram a gritar e meteram-se num chuva de faíscas, batendo com seus bonés e pulando para trás, e Gwil chegou e parou, olhando, depois começou a gritar e correu a precipitar-se nas chamas, mas os outros homens afastaram-no e lutaram com ele para mantê-lo subjogado no chão.

Mais homens rodeavam a fogueira, procurando apagá-la e embargando-me a passagem. Procuravam livrar-se do calor quando nos aproximamos e então pude ver.

Marged jazia em cima da fogueira e queimava, desprendendo fumaça.

Escorreguei dos ombros do mineiro e olhei para os lados, olhei para o céu, olhei para a escuridão do vale. Por trás de mim os gritos, e o choro de Gwil, e um borbulhar dentre o estalido da madeira que ardia, e botas que percutiam o chão e o vento zunindo em torno da fogueira.

Afastei-me, não correndo, mas andando mesmo, ladeira abaixo, para casa, nada pensando e vendo muito pouco. Rodeei por trás de casa, no silêncio, e vi luz no lugar onde Olwen trabalhava. Fui ter com ele. Seu rosto estava molhado de suor, mas seus olhos brilhavam sorridentes, quando ergueu a vista para mim e voltou-a depois para a máquina.

— Venha cá, rapaz — disse ele —, você está perdendo o melhor da coisa, homem. Dê-me o número 3 agora, imediatamente.

Retirei a ferramenta da prateleira e entreguei-a. Pensando, porém, na pobre Marged, comecei a chorar, mas Olwen estava por demais ocupado com sua máquina para percebê-lo.

— Agora, então — disse ele —, excite o motor, que eu começarei a pô-lo em movimento. Huw, meu nego, você está tomando parte num acontecimento histórico. Segure, agora.

Introduziu o cabo da manivela e eu fiquei por cima do funil, com a lata de álcool pronta para derramar.

— Atenção, agora — disse ele.

Derramei o álcool, às voltas com as lágrimas que vertia, mas Olwen estava movendo a manivela, fazendo a máquina agitar-se, a cada volta. E ela agora disparava cada vez mais, embora tivesse ele cessado de dar volta à manivela, puxando-a com desembaraço e olhando como se quisesse fazer a máquina mover-se pela força de vontade. Rapidamente o fogo foi aumentando, até se transformar em tempestade acesa, estremecendo o barracão sob meus pés, e fazendo meus queixos matraquearem.

A máquina trabalhava. Depois de anos, trabalhava.

Olwen não cessava de olhar. Depois jogou a manivela para o teto e começou a dançar com os joelhos bem altos, gritando, embora mal fosse ouvido.

Escancarou-se a porta e meu pai entrou, de olhos arregalados, indo de Olwen para a máquina. Minha mãe e Bron entraram atrás dele, com alguns dos vizinhos, todos surpresos e muitos receosos, mudos, em meio do barulho. Meu pai olhou para mim, sorrindo, mas eu estava chorando e nada me faria parar.

Eu via ainda Marged, perfeitamente, em cima da fogueira.

Minha mãe correu para meu lado, empurrando Olwen e dizendo-lhe que fizesse parar a máquina. Meu pai arrancou-me daquele calor e levou-me para a cozinha. Mas minha mãe tomou-me de suas mãos e pôs-me no seu colo, junto ao fogo. Senti então seu abraço cercar-me e seu beijo na minha frente, enquanto sua voz soava amorosamente.

— É isso, meu filhinho — dizia ela —, foi longe demais para você levar aquele cesto grande. Seu papai ia saindo agora mesmo à sua procura. E você estava era ali naquele barracão, fazendo toda aquela barulheira, enquanto sua mãezinha se afligia, pensando que você estava perdido na montanha.

— Mamãe — disse eu, com lágrimas que nada podia fazer parar —, Marged está queimando.

Minha mãe ergueu a vista para meu pai e os olhos dele mudaram.

— Que é que você está dizendo, meu filho? — perguntou ele, vindo ajoelhar-se a meu lado.

— Marged está queimando — respondi — e os outros seguram Gwil no chão, chorando.

— Oh! Deus meu! — exclamou minha mãe. — Vá você, Gwil, corra depressa. Olwen, vá dizer aos meninos para seguirem seu pai. Angharad, vá chamar o doutor.

Deram-me depois caldo e fui dormir.

Nossa casa esteve silenciosa, durante semanas. Olwen e Gwil estavam fora, não se sabia onde, e minha mãe vivia pálida de aflição por causa deles. O doutor veio e escreveu o que lhe contei do que se passara naquela noite e foi isso a última coisa que ouvi do caso. Nunca mais se falou no nome de Marged lá em casa depois disto, mas eu muitas vezes pensava nela.

A decisão de minha ida para a escola surgiu uma noite, depois que meu pai voltou do barracão, onde estivera vendo a máquina de Olwen, ainda lá, mas conservada limpa e brilhante, graças a mim.

— Se você fosse capaz de ir à cidade todos os dias — disse-me ele —, começaria a frequentar a escola, amanhã de manhã. Gastando o seu tempo assim, com uma máquina!

— Para onde irá o menino? — perguntou minha mãe. — Há semanas que vivo perguntando, sem ter resposta.

— Irá frequentar a Escola Nacional, no outro lado da montanha — disse meu pai —, até que seja construída uma aqui. Não é muito longe para ele e será melhor do que andar rondando pela casa.

— Escola Nacional? — perguntou minha mãe. — Nenhum filho meu há de frequentar uma Escola Nacional. Tenho alguma coisa a dizer a esse respeito.

— Então para onde irá o rapaz? — perguntou-lhe meu pai. — Os outros podiam andar e cuidar de si mesmos, sem haver trapalhadas.

— Será que você quer censurá-lo por causa de sua fraqueza? — disse minha mãe. — Se é isso, melhor seria que você dissesse isso a mim, em primeiro lugar.

— Que é isso, menina? — disse meu pai. — Que está você pensando? Não é isso que quero dizer. Se ele não for para lá da montanha, aonde irá?

— Ele terá então de ir para a escola? — perguntou minha mãe.

— Isso mesmo, Beth — respondeu meu pai, levantando-se, como se estivessem estranhos na casa. — Como conseguirá ele abrir caminho na vida por si mesmo, sem ter frequentado uma boa escola?

— A Escola Nacional tem qualquer coisa de que jamais poderei gostar — disse minha mãe —, mas se é só isso, está muito bem. Seja a Escola Nacional.

E assim, na manhã seguinte, Bron transpôs a montanha comigo, levando-me à Escola Nacional. O caminho que seguimos não era o que comumente tomávamos, e, durante toda a minha vida antes, somente duas vezes estivera naquele vale, pois lá estavam situadas as forjas, com muito mais sujeira do que dos nossos lados.

A cidade naquela parte tornava-se cada dia maior e fileiras e mais fileiras de casas iam sendo construídas, e logo se enchiam de gente, sem uma estrada, ou mesmo um bom caminho até elas. Tabernas erguiam-se em cada esquina quase, e a maior parte delas, já cheias mesmo àquela hora matinal, mas havia algumas brancas capelinhas construídas e em construção, de modo que já se via alguém ali dentro tão cedo. Bron gostava do aspecto das lojas e eu também, pois eram maiores e nelas havia mais coisas do que nas duas pequenas que tínhamos em nossa vila, de modo que demos primeiro uma volta defronte delas, antes de seguirmos para a escola.

Capítulo XVI

Entrar numa escola como novato é pior do que arrancar dentes, não tenho dúvida nenhuma. Naquela manhã teria dado tudo para possuir asas e ser um inseto, ou outra coisa qualquer sem língua e sem mãos. Mas Bron estava comigo e eu não tinha outro jeito senão segui-la, passando por diante do bloco amarelo, comprido, baixo, de grandes janelas estreitas, que era o edifício da escola, até às portas, em cuja escuridão entrei com ela. Dentro tresandava a giz.

O Sr. Motshill era inglês, um homem de grande estatura, pernas finas, colarinho alto e longas suíças louras em ambas as faces, cabeça calva e sem bigodes.

Saiu do seu gabinete, quando entramos.

— Está procurando alguém? — perguntou ele em inglês, como se tivesse um cordão apertado em volta da garganta.

— Sim — respondeu Bron. — Este é meu cunhado. Seus pais desejam que ele frequente esta escola.

O Sr. Motshill fez então perguntas. Quem era meu pai e o que fazia, quanto podia pagar e coisas como essas. Bron respondia delicadamente, com um rosto branco como alva nuvem, mas eu sabia que, se ela desse com a vista em mim, nós dois começaríamos a rir como loucos, e isso liquidaria o caso da escola.

— Muito bem, jovem Morgan — disse-me o Sr. Motshill, com um bom pedaço de minha bochecha entre seus dedos e o polegar, e curvando-se sobre mim, de modo que eu sentia o seu cheiro de rapé — , ficaremos então com você, não é?

— É, sim senhor — respondi.

— Muito bem — disse ele. — Amanhã de manhã, com certificados, mensalidade, dinheiro para comprar livros, traga lápis e

penas. Será examinado para sabermos o estado atual de sua educação e mandado para uma classe. Catorze vezes dezoito?

Seu rosto desceu para o meu e sua voz encafou-se pelos meus ouvidos. Seus olhos eram maiores perto dos meus e seus óculos tornavam-nos ainda maiores. Por sinal que havia neles uma porção de risquinhos vermelhos.

Não havia sentido numa pergunta como aquela, pois sempre me havia exercitado com números e sabia as tabuadas desde o tempo em que comecei a andar.

De modo que respondi certo e ele levantou-se, mas devagar.

— Sim — disse ele, como se houvesse feito uma descoberta. — Sim, mas diga-o em inglês, compreende? A senhora deve fazer saber aos pais dele — disse ele a Bron — que ele não deve de forma alguma ter permissão de falar esse vasconço dentro ou fora da escola. Inglês, por obséquio, todas as vezes. Até amanhã.

E retirou-se, deixando-me a mim e a Bron no vestíbulo. Desde baixo até a sala mais afastada, crianças cantavam tabuada numa cadência uniforme. Podia dizer onde elas se encontravam, pelo som e pela sua altura. Bron olhou para o vestíbulo, por onde o Sr. Motshill desaparecia na esquina, e virou-se bruscamente, pondo-se a caminho, batendo as portas com força, numa visível demonstração de raiva.

— Que há, Bron? — perguntei-lhe.

— Ouviu o que ele disse, rapaz? Para falar inglês. Que dirá seu pai? Que você nunca deverá vir para esta escola. Você vai ver.

— Então, haverá mais complicações lá em casa.

— Que complicações, menino? — perguntou-me Bron, no meio da rua, enquanto o povo a olhava, porque era bonita.

— Entre papai e mamãe. Papai dirá "nada de escola" e mamãe, "você e sua tal de Escola Nacional", e eu continuarei a andar à toa por dentro de casa o dia inteiro. Mas se você nada contar a respeito disso de falar inglês, eu poderei frequentar a escola e ninguém ficará sabendo de nada. Quanto a papai e mamãe, ficarão em paz, vê você?

Bron olhou para mim, com as suas mãos nas cadeiras, depois baixou a vista para o sapato e tornou a olhar para mim.

— Você tem razão, grande homem — disse ela, dando-me um beijo. — Para a escola então. Mas se esse velho cascudo obrigar você a falar inglês, quando desejar falar galês, me diga. Eis tudo. Não deixe de me contar.

— Que fará você? — perguntei, olhando para seu rosto.

— Que farei? — perguntou Bron, cerrando os lábios e apertando os olhos. — Eu o jogarei de sua mesa abaixo e darei uma palmada naquela careca.

— Ótimo — disse eu, e desatamos a rir, ao pensar nas perninhas finas dele, esperneando. — Vamos comprar caramelo, sim?

Galgamos a montanha de volta para casa, com as caras lambuzadas do caramelo que costumávamos comprar, chamado puxa-puxa, e rindo alto de nada, somente porque o sol brilhava e nos sentíamos felizes.

O resto do dia passeio para lá e para cá, à procura de certificados e certidões, do Sr. Evans, da mina, do Dr. Richards, do solicitador Silas Olwen e do Sr. Gruffydd.

— Muito bem, Huw — disse o Sr. Gruffydd —, vai afinal para a escola, não é?

— Vou, sim, Sr. Gruffydd.

— Muito bem — disse ele. — E aprenda. Aprenda tudo. Aqui tem uma caixa de lápis para você. Foi minha, do meu pai e do pai do meu pai. Agora pode ir, porque estou ocupado. Mas venha amanhã de noite, para me contar o que acontecer no seu primeiro dia de aula, ouviu?

— Sim, Sr. Gruffydd — disse eu. Levei a carta para casa e a caixa de lápis apertada contra meu peito. Que bonita era aquela caixa!

Tinha cerca de dezoito polegadas de comprimento e três de largura, com uma tampa que deslizava e um pequeno corte onde a gente metia o polegar para fazer pressão e movê-la no encaixe. No tabuleiro de cima, três lindos lápis vermelhos, novos, e sem marcas de dentes, com agudas pontas, e duas canetas verdes, com cabos de latão para as penas e um buraco, na extremidade, para um pedaço de borracha. O tabuleiro de cima girava sobre um eixo e movia-se, dando uma volta, para deixar à mostra o segundo tabuleiro, com cinco lápis mais bonitos, três amarelos, um vermelho

e um azul. Debaixo dele, outro, com transferidor, um compasso, uma régua, uma caixa para penas e percevejos, um par de esquadros de marfim, uma pena de desenho e creiom. E tudo tão bom que a gente gostaria de que houvesse mais tabuleiros, uns por baixo dos outros. Nada tão belo como bons lápis, e penso que a sensação de um lápis comprido nos dedos da gente é tão agradável ao gosto como uma coisa de comer.

Naquela noite, a Sra. Tom Jenkins foi até lá em casa, para dar um polimento nas minhas contas, na escrita e no cálculo mental. Meu pai e minha mãe, Ivor e Bron, e Davy ficaram em redor da mesa, escutando, e todos silenciosos, fingindo não dar atenção.

Fomos muito bem, até chegar àquele problema da banheira que se vai enchendo, na proporção de uns tantos litros, e dos dois buracos que vão deixando a água escorrer, para dizer quanto tempo levaria a encher-se a banheira — quando minha mãe largou as meias que estava cerzindo e estalou a língua, com impaciência.

— Que é que você tem? — perguntou-lhe meu pai.

— Essa tal de Escola Nacional — disse ela. — Que tolos que são esses problemas! Encher uma banheira velha que está esburacada, com efeito! Quem seria o maluco que faria isso?

— É um problema, filha — disse meu pai. — Um problema. Um exercício para a inteligência. Nada tem que ver com a Escola Nacional.

— Enchendo a cabeça do menino de bobagens — disse minha mãe.

— Não é bobagem, Beth — disse meu pai, suavemente, para acalmá-la —, é uma aritmética. A água entra na banheira e leva certo tempo. A água vaza e leva outro tanto tempo. Quanto tempo levará a banheira para encher-se? Pronto, é só isso.

— Mas quem é que vai deitar água dentro de uma banheira esburacada? — perguntou minha mãe. — Só mesmo um maluco pensaria numa tolice dessas.

— Ora, diabos a levem! — disse meu pai, depondo o livro para olhar para o teto. — É para ver se o rapaz sabe calcular, filha. Números, nada mais do que isso. Quantos litros e em quanto tempo.

— Numa banheira cheia de buracos — disse mamãe, fazendo das meias uma bola e lançando-a na cestinha. Mas caiu fora e ela jogou-a ainda lá dentro umas duas vezes com força. — Se ele for para a escola com calças cheias de buracos, boas haveríamos de ouvir. Mas uma banheira velha pode estar tão cheia de buracos como uma peneira e ninguém repara nisso.

— Quer saber duma coisa? — disse meu pai à Sra. Jenkins. — Vamos parar com as banheiras. Tem mais outra coisa?

— Decimais, Sr. Morgan, mas ele é forte nisso.

— Decimais — disse meu pai — e paz na minha casa, pelo amor de Deus!

— Psiu! — exclamou mamãe.

Vieram os decimais. Era interessante ver o olhar de minha mãe, quando a vírgula decimal começou suas viagens, abaixo e acima da linha.

Na cama, naquela noite, ouvi minha mãe subir e falar a Angharad, depois meu pai subiu com o candeeiro e deixou sua porta entreaberta, para ouvir o relógio.

— Gwil — disse minha mãe —, quem é que manda nessa vírgula decimal?

— Quem? — perguntou meu pai, batendo com os suspensórios na porta do guarda-roupa.

— Vírgula decimal — disse minha mãe —, essa coisa que Huw arranhou lá embaixo.

— Ainda mais isso agora — disse meu pai, rindo em voz alta, — Olhe, Beth, minha nega, deixe isso agora. Ou daqui a pouco será de madrugada e nós estaremos bons para ir dar com os costados num manicômio.

— Mas que é isso? — perguntou minha mãe. — Por que é que um menino pode saber isso e eu tenho de ser tida por maluca?

— Beth, Beth, Beth — disse meu pai —, dê graças a Deus. Há coisas para moças e coisas para rapazes. A vírgula decimal torna fracionário um todo. Em vez de dizer um e meio, você diz um vírgula cinco. Porque 5 é a metade de 10, um 1 e um 0. Zero um é uma unidade inteira e zero é nada. Agora sim, você ficou mais sábia.

Passaram-se minutos e somente se ouvia o rumor de panos que caíam e os passos de algum retardatário, caminhando pela ladeira da colina.

— Mas de quem é? — perguntou minha mãe, como se uma porteira houvesse sido aberta. — Pertence a alguém?

— Ora, Beth — disse meu pai —, que bobagem! Por que haveria ela de pertencer a alguém? É uma vírgula decimal, um risco no papel. Como pode um risco de tinta pertencer a alguém?

— Então quem é que sabe o que fazer com ela? — perguntou minha mãe. — Multiplique por dez, mude a vírgula, acrescente um zero.

— Não, filha — disse papai. — Nada de acrescentar zero. Isto é divisão. Para multiplicar, move-se a vírgula para a direita. Para dividir, move-se a vírgula para a esquerda.

— Continue — disse minha mãe —, ela pode parar onde está. Seja como for, desejaria saber quem a descobriu.

— Os franceses, penso eu — respondeu papai. — Mas deixe isso agora, por favor.

— Ora, não é de admirar — disse minha mãe, satisfeita por ter a quem censurar —, veja só. Foram os tais dos franceses, não é? Se eu tivesse sabido disso antes, o livro jamais teria entrado aqui dentro de casa.

— Oh! Beth — disse papai —, que beleza você é! Vá agora, sim? antes que eu jogue você no chão.

— Francesinhos, realmente — disse minha mãe —, e vírgulas decimais correndo para um lado e para outro. Como macacos. Que vai ser do menino, com francesinhos e banheiras velhas, cheias de buracos?

— Ganhará uma bolsa de estudos — disse meu pai —, isso é o que eu gostaria.

— Bolsa de estudos? Ora, por essa esperava eu, de fato — disse minha mãe, e as palavras soavam de um modo impressionante. — O que está para ser do mundo, não sei dizer.

— Vá dormir, então, agora, mas sem ficar matutando a respeito da sorte do mundo, ouviu? Pense na velha rainha com um jubileu de complicações em que pensar, e dê graças a Deus.

— Será que ela está a par dessa tal vírgula decimal? — disse minha mãe.

— Oh! que o inferno se abra e rebente — disse meu pai, apagando a luz. — A pobre mulher está dormindo a estas horas. Sigamos o seu exemplo. Boa noite.

— Vá-se coçar — disse minha mãe.

Parti para a escola na manhã seguinte, faltando um quarto para as sete, com minha caixa de lápis, livros numa maleta, nas costas, e uma lata cheia de comida, balançando na mão. No alto da montanha, uma chuvinha para molhar-me o rosto, mas a maior parte do vento era detida pelas árvores, até que atingi o alto e depois pôde ele golpear-me, durante todo o caminho de descida.

A cidade pareceu-me mesmo pior do que era, com grandes nuvens cinzentas penduradas entre os cumes das montanhas, e um nevoeiro arrastando-se por sobre as cumeeiras dos telhados, e a espessa fumaça amarela das chaminés. Podia avistar facilmente a escola, com três longos telhados de ardósia, entre as demais casas e sem muitas árvores em redor. E o rio correndo, cinzento de sujeira, com rochas negras emergindo.

As ruas estavam sossegadas. Somente uns poucos cabrioles e carroças andavam, e um carroção de leite seguia para a estação, com todos os vasilhames entrechocando-se, à medida que batia com força sobre os seixos.

Depois a escola.

Poucos meninos brincavam no pátio quando entrei, mas esperei até que tivessem corrido para a outra extremidade, antes que eu penetrasse porta adentro. O mesmo cheiro de giz, que eu odiei naquele dia, e silêncio. Corri todo o vestibulo, mirando os quadros, alguns pintados, mas a maior parte desenhados e pintados por alunos, e muito bons por sinal. Via-se o quadro de honra com nomes em letras douradas.

A porta abriu-se, e então aprendi como o Sr. Motshill abria portas, batendo nela primeiro com o dedo do pé e depois empurrando-a com o ombro, uma dupla batida, uma alta, outra mais suave, porque ele enxergava pouco.

— Muito bem — disse, quando me viu —, que é?

- Vim para a escola.
- Fale inglês. Que deseja você?
- Entrar para a escola — disse eu, em inglês.
- Muito melhor — disse o Sr. Motshill. — Esteve aqui ontem, não esteve?
- Estive, sim, senhor, e aqui lhe trago minhas certidões.
- Sente-se ali, até que eu mande chamá-lo — disse ele. Sentei-me.

A campainha tocou lá fora por alguns instantes e os professores começaram a entrar, sacudindo a chuva de suas capas e chapéus, cumprimentando-se uns aos outros, não falando por causa da campainha, cinco homens e duas mulheres, e estas, ambas velhas e magras, vestidas de preto. Os meninos e meninas entraram dois a dois e se enfileiraram, de costas para mim, mas quase todos se voltaram para lançar-me uma olhadela, alguns dos rapazes fazendo caretas, uns dois a rir e empurrando o vizinho para que se voltasse para mim e risse também.

O Sr. Motshill saiu de seu gabinete para ficar em cima do estrado, onde uma das mulheres estava sentada ao piano. Ficou a olhar os alunos por algum tempo, muito solene, depois levou a mão ao rosto, com alguns dos dedos em torno do queixo e o indicador levantado entre as sobrancelhas.

— Rezemos — disse ele naquela sua voz, mas em tom mais elevado, como o de uma poesia trágica. — Pai-nosso — começou, e todas as crianças rezaram a oração com ele, muitos marcando as suas próprias pausas, obrigando o Sr. Motshill a erguer a voz no começo de cada linha, para dominá-los e obrigá-los a entrar no ritmo. Mas era inútil. Todos chegaram ao fim muito antes dele e alguns já haviam aberto os olhos, quando ele chegou ao "amém".

Ele abriu os olhos e ergueu a vista, piedoso e cheio de emoção.

— Ergamos nossas vozes num hino — disse ele, e virou-se, movendo a cabeça para a Srta. Cash, fechando os olhos ao baixar a cabeça e abrindo-os ao levantá-la, tudo muito de mansinho, como se estivesse se concentrando. A Srta. Cash meneou também a cabeça, no piano, levantou as mãos para tocar, com os dedos estendidos e

os mínimos um tanto curvados, e tocou um par de acordes graves, com duas notas desafinadas e uma falha.

— Ó — cantou o Sr. Motshill, em duas claves diferentes, percorrendo depois a escala para encontrar a nota. — Ah. Peguem o tom, ah.

— Ah — cantaram meninos e meninas, com bocas parecidas com casas de botão, sem tom, sem profundezas, sem coração.

— “O rochedo das idades abriu-se para mim” — cantava o Sr. Motshill e a Srta. Cash tocava qualquer tecla que se /achasse perto de seus dedos e fazia uma careta a cada nota errada, enquanto meninos e meninas desentoavam à vontade.

— Para suas classes — disse o Sr. Motshill. — Debandar.

Algumas filas tomaram uma direção, outras caminho diferente, todas batendo fortemente no soalho, alegres por estarem fazendo barulho, e os alunos foram saindo. O Sr. Motshill ficou até quase o desaparecimento do último, e depois desceu para dirigir-se a seu gabinete. Mas a meio caminho pareceu lembrar-se de mim e voltou.

— Venha cá, venha cá — disse ele. — Você receberá uma guia do Sr. Tyser e depois saberemos exatamente o que fazer com você.

Grande pancada, pequena pancada, através de outra porta e dentro de uma sala de aula. O Sr. Tyser parecia estar sempre cansado. Um homenzinho sem maldade, mas fora de si, à custa de lutar com aquela rapaziada louca e barulhenta.

— Sr. Tyser — disse o Sr. Motshill —, este é Morgan. Já tive ocasião de censurá-lo por falar galês. Dê-lhe o caderno de caligrafia mais adiantado e veja o que ele pode fazer.

— Sim, senhor — disse o Sr. Tyser. — Venha cá, Morgan. Sente-se aqui.

Sentei e me levantei, rapidamente, para arrancar de minha pele uma ponta de pena recurvada. Os meninos por trás olhavam com ar inocente para o quadro-negro, com os braços cruzados, como se fossem realmente uns bonecos.

— Foi você que pôs isto aqui? — perguntei a um deles. Vermelho como uma rosa de verão, Mervyn Phillips olhou para mim. O mesmo fez James Herriot.

— Você falou, Morgan? — perguntou o Sr. Tyser, surpreso.

— Falei, sim.

— Tenha a bondade de falar inglês futuramente — disse o Sr. Tyser —, para que não haja complicações.

— Quero encontrar você no pátio de recreio — cochichou Mervyn Phillips. — Quero tirar sua cabeça do pescoço.

— Pois vamos ver — disse eu.

O Sr. Tyser me entregou os cadernos, um de aritmética, um de gramática e composição, um livro de religião, um caderno de história e um de geografia. Tirei meus lápis e meus livros, fazendo deles bonita exposição em cima da carteira.

Se eles tivessem colocado fitas de seda em torno daqueles cadernos não me teriam feito maior favor, pois minha mão vultou em cima deles e era realmente agradável ver o prazer estampado no rosto do Sr. Tyser, ao lançar-lhes a vista.

— Você tem uma bela caligrafia, Morgan — disse ele. — Quem lhe esteve ensinando antes?

— A Sra. Tom Jenkins — respondi, e todos os meninos reprimiram dentro das mãos uma risadinha, aquela espécie de risada que dá à gente vontade de pegar um ferro em brasa e metê-lo pelos olhos dos sujeitos que riem. — E meus irmãos e minha cunhada.

— É pena — disse o Sr. Tyser — que a Sra. Tom Jenkins não tenha sido convidada para dirigir a educação de algumas dessas jovens senhoritas e desses cavalheiros. Que faria a Sra. Jenkins se você se mostrasse preguiçoso e grosseiro, Morgan?

— Correia no lombo, privação de jantar e um bilhete para casa — respondi.

— Venha comigo — disse ele. Acompanhei-o.

Lá fora, pôs a mão no meu ombro e olhou para mim.

— Você não é coxo, não é, Morgan? — perguntou ele, muito bondosamente.

— Não, senhor — respondi. — Tenho as pernas finas, mas não sou coxo.

— Tenho muito prazer com isso. Ande depressa. Descemos ao gabinete do Sr. Motshill. Batida na porta.

O Sr. Motshill mandou que entrássemos. Entramos numa sala quase sem mobília, com uma luz cinzenta iluminando uma mesa, empilhada de papéis e livros, livros em estantes e no soalho, um par de cadeiras de couro esfoladas, com pernas arqueadas e um retrato da rainha ainda moça, muito bonita, com uma pequena coroa e muitas fitas. O Sr. Motshill, que acabava de despertar duma soneca, sobressaltado, tomava o sabor da boca, achando-o muito pouco a seu gosto.

— Sr. Motshill — disse o Sr. Tyser, dum modo tão diferente, como se receasse pela sua vida, num fiozinho de voz e sem erguer um tantinho a vista —, receio que Morgan esteja adiantado demais para a quarta elementar. A sexta elementar é a classe mais baixa possível para ele, tomo a liberdade de sugerir.

— Mostre-me os cadernos — disse-me o Sr. Motshill e curvou-se sobre a mesa para apanhá-los, olhando para eles com um piscar de olhos de um lado a outro, passando as páginas às pressas, a ponto de rasgá-las nas pontas.

— Vassouras novas varrem bem — disse-me ele. — Sexta elementar, então. Leve-o ao Sr. Jonas.

— Obrigado, senhor — disse o Sr. Tyser, e saímos.

— Posso ir buscar minha caixa de lápis e meus livros? — perguntei.

— Sem dúvida, vá buscá-los — disse o Sr. Tyser, em tom novamente diverso —, e quando voltar bata duas portas adiante, naquela.

Entrei na quarta elementar e dirigi-me à minha carteira, sem olhar para ninguém, mas todos estavam olhando para mim, com aquele silêncio que parece alargar-se, quando se sabe que aconteceu alguma coisa referente à gente.

Ali estava minha carteira, um pouco deslocada do lugar, e dois rapazes, que tinham estado sentados nas pontas, tinham ido agora sentar-se na carteira fronteira. O sol lançava sua luz mais brilhante através da janela e bem viva sobre a carteira para mostrar-me por que todos me olhavam.

Minha caixa de lápis estava em três pedaços. Os lápis todos cortados e sujos de terra, por terem sido rolados no chão. Via-se

tinta nos meus livros e água nos encaixes da caixa. Pena de desenho, régua, pontas, penas, tudo quebrado ou lascado e sujo.

Conheci então o ímpeto de matar.

É ardente, ardente demais, insuportável mesmo, sobe para a cabeça, queimando tudo ao subir, secando a garganta, de modo que a respiração vem aos arrancos e produz um som grave. Um tremor se apodera da gente, os olhos enchem-se, não de lágrimas, e uma nuvem se estende diante de nossa vista. E naquela escuridão, tem-se a tentação torturante de agarrar carne entre dedos e rasgá-la até que o sangue espirre, ou pegar duma faca e enfiá-la até que a ponta se embote, ou pegar uma arma e bater com ela até mais não poder, golpear, apunhalar, estrangular, moer, matar, matar, matar. Ah! eu bem conheço essa sensação!

Mas logo sobrevêm uma calma, e embora se esteja ainda trêmulo, não há mais lugar dentro da gente para outra sensação. A gente fica como um morto e por nenhuma boa razão deseja chorar.

E enquanto olhava para minha caixinha, tentava dificilmente reter as lágrimas, rezava para reprimir o choro, mas a querida caixinha, com arranhaduras na tampa desenhada, toda suja de tinta e de areia, com todas as suas riquezas arruinadas, vertendo cada uma o seu sangue, por injustos ferimentos, fez-me chorar por todas elas.

Que horrível sensação a de termos a cabeça entre os braços e os joelhos machucando-se no soalho, a soluçar, a soluçar, a soluçar, enquanto em torno de nós ressoa uma infundável gargalhada. Chamamos nomes a nós mesmos, ficamos tão envergonhados que preferiríamos perder a vista, e, contudo, estamos ali ajoelhados e quanto mais nomes nos chamamos, quanto mais vergonha sentimos, tanto maior se torna o soluçar, até que não mais podemos saber se nossas lágrimas são de tristeza pelo que nos aconteceu, ou de raiva contra nós mesmos por sermos tão tolos.

Mas em seguida as lágrimas se estancam. Nem mais uma gota de lágrima brotará, ainda mesmo que a gente sinta facadas no peito.

E assim peguei os tabuleiros partidos, tentando uni-los de novo. A caixinha não fora danificada. Cem anos antes, um artífice em madeira pusera todo o amor no seu trabalho, para que todos os homens vissem aquele lindo desenho de madeiras veidas sobre a

tampa e em torno das extremidades. Ele não tinha necessidade de gastar tantas bolas pois a caixa estava pronta, mas aquele desenho era seu beijo de amor e eu podia ver suas mãos passando sobre sua maciez, tomando seu peso, sentindo alegria por vê-la e por pegá-la, e só a custo deixando que ela passasse às mãos dum comprador. Podia ver o avô do Sr. Gruffydd possuindo-a, passando-a a seu filho e depois este ao próprio Sr. Gruffydd. E eu sabia o que tinham eles sentido ao possuí-la, porque eu também sentia o mesmo.

Salomão jamais sentiu pelos seus tesouros o que eu e três homens antes de mim sentimos por aquela caixinha. Ter penas, lápis e instrumentos para escrever, seus mesmos, vê-los e senti-los nos dedos, prontos a fazer qualquer coisa que lhes ordenava, tê-los numa casinha para eles preparada, como bons amigos nossos, é esse na verdade um doce prazer e prazer que nunca finda. Pois a gente a abre com cuidado e tira o que deseja, e com o mesmo cuidado torna a fechá-la, olha para ela antes de começar seu trabalho, e durante todo o tempo sente dentro de si uma feliz plenitude, que faz muitas vezes que se estenda a mão para tocá-la, como se a abençoasse, tão bem se sente por possuí-la. Deus abençoe os operários que proporcionam a seu próximo tais sentimentos, embora com simples pedaços de madeira.

Enxuguei a tinta dos livros e dentro da caixa, sabendo bem o que diria minha mãe ao ver o meu lenço, mas sem me importar, meti-os na maleta e caminhei para a porta. Eles estavam ainda rindo, mas não à vontade, pois receavam que eu fosse dar queixa. É duro suportar gente estúpida. Sente-se até pena de indivíduos assim, e se o nosso pesar é tão grande quanto o nosso sofrimento, deixamo-los ir livres de castigo, porque seus olhos são como os olhos de cachorros, que andaram mal e, sabendo disto, ficam atemorizados.

— Lutarei com vocês todos um por um — disse eu —, mas não irei dar queixa de ninguém.

— Dê o fora — disse Mervyn Phillips —, antes que eu lhe derrame tinta vermelha em cima.

— Não importa — disse eu —, lutarei contra todos e com você em primeiro lugar.

Saí. O Sr. Tyser estava esperando na porta da sexta elementar, conversando com o Sr. Elijah Jonas-Sessions, Sr. Jonas apenas, como era conhecido na escola, e ao vê-lo senti um baque no coração.

De um ruivo puxando a gengibre, era o Sr. Jonas pequeno e de olhos brancos, com um daqueles olhares que advertiam de que ele tinha a língua de uma víbora de montanha e que tivéssemos cuidado com o que disséssemos, do contrário torceria ele cada uma das nossas palavras.

— Você demorou muito, Morgan — disse o Sr. Tyser.

— Talvez esteja ele habituado a não se apressar — disse o Sr. Jonas, arreganhando a boca num sorriso que lhe encobria os dentes, como se quisesse mostrar que havia ali dentro apenas uma língua. Falava inglês com dificuldade, fazendo suas palavras soarem mais inglesmente que o inglês. Pena que tão bela língua esteja à mercê de tal indivíduo. O Dr. Samuel Johnson teria alguma coisa para dizer-lhe e assim lhe falei eu, mas isto só foi mais tarde.

— Esteve chorando, Morgan? — perguntou o Sr. Tyser.

— Estive, sim, senhor, mas não tem importância.

— Mas que sujinho ele está! — disse o Sr. Jonas, sorrindo ainda, retirando meu lenço do bolso, todo sujo de tinta e de poeira.

— Ele estava limpo quando vim de casa esta manhã — disse eu, tomando-lhe o lenço. — O sujo é daquela sala ali.

— Quando falar comigo, diga: o senhor — atalhou o Sr. Jonas, sem sorrir —, ou então a vara roncará nas suas costas. Entre e sente-se imediatamente, neste mesmo instante.

Ao passar diante dele, fez menção de dar-me um sopapo na cabeça, mas abaixei-me e fui para meu lugar na quarta fila, onde um rapaz se havia movido para dar-me lugar.

O Sr. Jonas fechou a porta e veio ficar diante da classe, olhando em volta para todos os meninos e meninas e depois para mim.

— Temos agora entre nós um gigante intelectual — disse ele, olhando ainda para mim e sorrindo, enquanto os meninos e meninas sorriam também, imitando-o —, de modo que devemos curvar nossos joelhos. Vamos ter agora a presunção de experimentar sua sapiência em álgebra e, pelo resultado, saberemos se poderemos

viver na mesma sala com ele ou teremos de pedir à Câmara dos Comuns um edifício especial.

Muitos dos meninos e algumas das meninas não deram sinal de haverem ouvido, mas a maior parte tentou rir mais do que merecia a troça, para se conservar a salvo daquela língua.

Deu-me ele quatro equações do segundo grau, mas o Sr.

Gruffydd e Davy já me haviam exercitado bastante nisso. Para mim eram coisas simples. Mas o Sr. Jonas não desfez seu sorriso.

— Um aluno modelo — disse ele, olhando atentamente para o livro. — Mas os seus livros estão em estado lastimável e suas mãos estão imundas. Se pensa tornar-se aluno desta escola, terá de adotar um modo de vida mais civilizado. Diga a sua mãe que, se você aparecer aqui amanhã em tal estado, será recambiado para casa. Aqui não se admitem suas sujas maneiras de minas de carvão.

Daquele momento em diante tornei-me inimigo do Sr. Elijah Jonas-Sessions. Ele nada me poderia ensinar, porque meu pensamento era contra ele e contra tudo quanto ensinasse. Nada respondi, mas encarei-o.

— Não ganhará nada com insolências — disse ele, jogando o livro a ponto de dobrar-lhe os cantos. — Preste atenção ao que estou dizendo e escreva cem vezes, antes de ir embora para casa, hoje: "A civilização é a mais alta aspiração da espécie humana".

Sentei-me enquanto ele ensinava álgebra aos outros.

Estive sentado quase um ano.

Sua voz passava sobre mim como a voz do vento num piquenique escolar, mas sem que eu jamais lhe prestasse atenção.

Eu continuava sentado.

Houve uma interrupção às onze horas e todos saímos para o pátio a fim de comer a merenda trazida. Logo que passei da porta, Mervyn Phillips puxou-me pelo braço.

— Quer brigar comigo? — disse ele, cercado pelos outros todos. — Então venha.

Era uma cabeça mais alto do que eu. Era filho dum negociante de carvão da cidade, acostumado a carregar sacos, e por isso mesmo parecia muito forte.

Mas não foi uma luta que tivemos, pois havia muitos meninos em redor de nós, sem deixar espaço. Dei-lhe dois bons socos e recebi outro no lado da cabeça, mas então o peso deles jogou-me no chão e eu nada mais podia fazer debaixo daquela pressão, senão resguardar minha cabeça dos golpes de suas botinas. Não posso dizer o que teria acontecido, mas percebi que tudo parava e que os meninos me largavam e iam saindo. Quando me levantei, arrimado à parede, o Sr. Motshill estava olhando para mim, já duma janela lateral.

— Quem foi que começou a bater-lhe, Morgan? — perguntou ele.
— Quero dar-lhe um castigo. Não pode haver brutamontes nesta escola.

— Eu disse que haveria de lutar contra eles — respondi.

— Oh! — disse ele — o Sr. Jonas contou-me que você tinha inclinação pelo mais grosseiro sistema de vida. Fique então sabendo bem. Se eu o apanhar lutando, em qualquer parte, perto dos limites desta escola, dar-lhe-ei uma sova e o expulsarei. Quanto a vocês — disse ele aos meninos —, tenham a bondade de lembrar-se de que guardam aqui o preparo para posições de responsabilidade na vida. Serão os cidadãos respeitáveis do futuro. Não se esqueçam e tratem de proceder de acordo com isso.

Foi grande sorte para mim que Ellis, o carteiro, estivesse na praça quando saí da escola, na frente do hotel, onde minha mãe me dissera que o esperasse, do contrário teria sido rolado na lama. Estalou seu chicote por cima deles, enquanto eu pulava para a boleia, já sem fôlego.

— Esses meninos da cidade são como ratinhos — disse Ellis, subindo e tomando das rédeas —, nunca fazem as coisas um por um, mas sempre aos centos e contra um só. Por que perseguiram você?

— Novato — respondi.

— Veremos isso. Eles o teriam matado, homem.

— Não diga nada, senão minha mãe ficará aflita e haverá maiores complicações.

— Está bem, mas ficarei todas as noites à sua espera ali perto, ouviu?

De modo que, todas as noites, exceto umas poucas vezes, voltava para casa em companhia de Ellis, o carteiro, pela estrada que contornava a montanha e seguia o rio. Era agradável estar sentado atrás da égua Mari e aspirar os perfumes da montanha, cumprimentando gente pelo caminho e abanando para o pessoal nas portas, às vezes parando para entregar uma carta ou embrulho, ou dar umas tantas notícias, pois Ellis conhecia sem dúvida tudo quanto acontecia dentro e fora do vale.

Quando cheguei a casa naquela noite fui ter primeiro com Bron, para lavar meu rosto e minhas mãos, mas nada poderia fazer desaparecerem as marcas das bochechas e dos olhos, e um beijo cortado é um beijo cortado. Bron não estava, de modo que foi Ivor que encontrei, sendo poupado de contar segunda história.

Quando entrei em casa, minha mãe pôs as mãos no rosto e olhou para mim, com um grito no olhar, mas sem um som que lhe brotasse dos lábios.

— Que fez você, rapaz? — perguntou Angharad, olhando-me de perto, para examinar-me. — Está machucado.

— Caí no caminho da montanha. Não estou machucado. Estou somente entorpecido.

— Leve-o à casa do médico — disse minha mãe. — Qual montanha, qual nada. Ele esteve foi brigando. Espere até que seu pai o veja.

— Posso beber meu chá antes? — perguntei-lhe. — Não estou ferido, mas apenas machucado.

— Escola Nacional — disse minha mãe. — Espere que eu veja seu pai, espere só isso.

— Queria uma cataplasma, mamãe — disse eu —, mas gostaria de beber primeiro uma xícara de chá.

— Você terá sua xícara de chá, meu filhinho — disse minha mãe, tomando entre suas mãos meu rosto ardente, com seus polegares frios sobre meus olhos, fazendo-me sentir mais forte o calor do sangue sob a pele. — Quantas mãos produziram estas marcas? Seus irmãos estavam sempre em briga, mas nenhum deles apresentava um rosto como este. Desça à casa de Bron e peca-lhe um bife cru, com sangue, Angharad.

Chegou então Bron e começou a dar gritos, correndo a abraçar-me.

— Huw, meu neguinho — disse ela, a chorar —, quem foi que fez isto? Diga-me, que quero estrangulá-lo. Vou agora mesmo esganá-lo.

— Espere que o pai dele chegue — disse minha mãe, quase a chorar, também. — Quero dizer-lhe umas boas. Escolas Nacionais!

E jogou lá o atizador, fazendo um barulho que afugentou o gato para fora, de barriga pelo chão e a ponta branca da cauda como uma estrela cadente.

Que coisa boa é uma xícara de chá, quando a gente se sente sem forças! Fino, cheio de leite e de açúcar cristal, numa grande xícara, de modo que quando a boca se habitua ao calor, a gente pode beber em vez de chupar. Cada parte interior do nosso corpo, que parecia adormecida, desperta novamente. Uma xícara de chá é realmente um bom amigo para mim.

Quando Angharad voltou com a fatia de carne, Bron colocou-a e atou-a no lugar com um pano e eu fui para o barracão, dar uma limpadela na máquina de Olwen. Dessa forma estava fora de casa, quando papai chegou, mas não tão afastado que não ouvisse a voz de minha mãe. Depois abriu-se a porta dos fundos.

— Huw — disse meu pai —, venha cá, meu filho.

Estava ainda sujo de carvão da mina, de modo que Angharad retirou o pano e ele pegou a lâmpada para ver meu rosto.

— Um olho completamente azulado e o outro pela metade — disse ele, mostrando desejo de tocar, mas conservando as mãos afastadas. — Um par de marcas bem regulares nas bochechas, mas nenhum talho a não ser no beijo. Está bem. Depois do banho quero examinar seu nariz. Agora vá acabar o que estava fazendo.

Depois Davy e Ivor vieram ver, em seguida Ianto, mas nenhum deles disse nada, apenas perguntaram se eu estava machucado. Mas todos eles me deram seis pence, Angharad dois doces, e assim saí satisfeito.

Depois que papai acabou de cear, entrei. Ele olhou para meu nariz e procurou ver se estava quebrado, mas nada havia fora do comum, exceto a inchação.

— Água quente de meia em meia hora — disse meu pai — e água fria e quente, uma depois da outra. Depois de dois dias nada mais haverá.

— Aquela Escola Nacional estaria longe daqui, se eu pudesse arranjar um bocado de pólvora — disse minha mãe.

— Cale a boca, menina — disse meu pai —, o menino passará por coisas piores do que isto, antes de repousar na cidade dos pés juntos. Quer voltar para lá amanhã, meu filho?

— Quero, sim, papai.

— Muito bem — disse ele. — Agora, escute aqui, Huw. Você vai tornar-se um homem. É próprio do homem receber castigo e retribuir mais do que recebe, se tem uma cabeça nos ombros. Mas às vezes terá ele de levar uma sova, nas dez primeiras vezes, antes de dar uma sova maior na décima primeira. Mas se você tem de levar uma sova, decida-se a levar uma sova. Leve sua sova e aprenda com ela. Uma coisa é apanhar uma sova e outra, completamente diversa, deixar-se bater. Nunca se deixe bater, meu filho. Uma sova sim, mas nunca se deixe bater. Leve mais outra. Apanhe sempre mais. E apanhe mais, até que possa dar por sua vez. Está entendendo?

— Sim, papai.

— Venha cá, então — disse meu pai, levantando-se e dirigindo-se para o bauzinho, que trouxe para a mesa. — Desta noite em diante, receberá você um penny por cada marca que tiver no rosto, um xelim por um olho machucado, seis pence por um nariz sangrando, dois xelins por um nariz quebrado, e um penny por cada marca nos nós dos dedos, nos braços e no corpo. Seu mealheiro aumentará esta noite em três xelins e seis pence. Agora venha comigo ao quintal.

— Gwilym — disse minha mãe, com lágrimas a cair —, deixe-o agora. Basta o que lhe aconteceu hoje. Outra luta será capaz de matá-lo.

— Terei orgulho se o vir morto, com sangue na testa — disse meu pai. — Um rapaz deve aprender a lutar, ou então terá que vestir saia. Este menino nunca aprendeu a lutar, mas esta noite receberá

sua primeira lição. Veremos se as Escolas Nacionais podem bater num Morgan.

Lá no barracão, meu pai tirou seu paletó, enrolou as mangas da camisa, enquanto Ianto e Davy afastavam a máquina e Ivor limpava o chão.

— Agora — disse meu pai —, um bom esquerdo é a ruína dum fanfarrão. Essa é a primeira lição do livro. Desse jeito.

Meu pai permaneceu ereto, cabeça e olhos voltados para a esquerda, com o pé esquerdo apontando na direção de seu olhar, em linha com seu braço esquerdo, meio curvado, o polegar fechado sobre os dedos do punho, as costas da mão para baixo e mantida quase sempre ao nível do queixo, mas sempre logo abaixo dos olhos e entre estes, com o pé direito apontando para a direita e o braço direito curvado diante do peito e o punho sem tocar, mas quase sobre o coração.

— Agora — disse ele, para cá e para lá, nas pontas dos pés e movendo os braços a jogar socos. — Fique assim, ágil, alerta e completamente desembaraçado. Vamos, faça como disse.

E assim aprendi a lutar.

Naquela noite aprendi a aguentar-me de pé, a dar e a evitar um golpe.

— O melhor lutador é aquele que sabe evitar um golpe e dar dois em troca — disse meu pai. — Quando você puder fazer isso, poderá dizer que começou a boxear. Muitos se chamam de boxeadores, mas, na realidade, nem mesmo o título de lutadores mereceriam. Agora, repare bem.

Mostrou-me como se fazia, atacando Ivor e recebendo um golpe no queixo e outro no peito, tão rápidos ambos, que nem a vista podia segui-los. Depois Ivor e Davy mostraram o que era um esquerdo, a defesa de um esquerdo, e um direito cruzado.

— Isso é que é dar uma lição — disse meu pai. — Quando um homem obrigar você a tirar seu paletó, decida-se desde logo a dar-lhe uma lição. Um direito cruzado, perfeitamente dado, é uma boa lição e muitas vezes dá por finda uma luta. Cada vez que o adversário atacar, use o esquerdo para ensinar-lhe. Quando ele recuar, graças ao esquerdo, asseste-lhe mais um par, para que não

haja interrupção. Depois leve o direito ao espaço entre os ossos do peito, para obrigá-lo a baixar a cabeça, e quando isso acontecer, o esquerdo já pronto para apoiá-lo e um bom direto nos queixos. Depois é só tornar a vestir o paletó e voltar para casa.

Angharad enfiou a cabeça na janela e Davy fingiu esmurrá-la, mas ela se pôs a gritar, pois sua cabeça ficara presa no pequeno espaço e o cabelo, caído em torno dela, mais enredada a tornava.

— O Sr. Gmffydd está lá em casa — gritou ela, enquanto os rapazes tentavam libertar-lhe a cabeça. — Quer rebentar-me a cabeça, Davy Morgan?

— É dura demais — disse Davy. — Só mesmo uma moça meteria a cabeça num lugar tão estreito. Isso é porta ou você estava cega?

— Eu estava era olhando pela janela, seu maluco — respondeu Angharad. — Eu poderia ver alguma coisa através da porta?

— Seu nariz é que a meteu na armadilha, menina — disse meu pai. — Quebre a janela e desconte o prejuízo de seu dinheiro para alfinetes.

— Oh, papai — disse Angharad, tentando olhar por entre os cabelos e se esforçando por chorar, mas rindo em vez disso. — Que mau o senhor é para mim! Esses rapazes podem fazer o que bem entendem, mas nós nada temos senão palavras ásperas e desconto no nosso dinheirinho. Huw ganhou mais com os murros que levou do que eu durante seis semanas. Antes eu tivesse nascido menino. Receberia murros todos os dias.

— Deixe-a presa aí — disse meu pai — pensando no que acaba de dizer.

E assim ficou a pobre Angharad com a cabeça presa na janela, tentando chorar, mas rindo em vez disso. Davy deu-lhe um beliscão na bunda ao passar, mas recebeu tamanho pontapé, que ficou a noite toda coxeando.

— Então, Huw — perguntou o Sr. Gruffydd —, umas complicaçõezinhas com os filisteus, não foi?

— Foi, sim, senhor.

— Como é que essa caixa de lápis voltou neste estado para casa? — perguntou-me o Sr. Gruffydd. — Pedi a você que tivesse cuidado com ela.

— No estado em que ele voltou para casa — disse meu pai —, o que me admira é que tivesse tido ainda cabeça de trazê-la para casa.

— Deixe que Huw responda, Sr. Morgan — disse o Sr. Gruffydd. — Uma propriedade não pode ter sido assim danificada sem que se tomem medidas para que não aconteça o mesmo outra vez. Huw deveria zelar por ela. Não foi sua a culpa. De quem foi então?

— Dos que deixaram as marcas de seus punhos no rosto dele — disse meu pai.

— Eu me achava fora da sala, quando estragaram minha caixa de lápis, Sr. Gruffydd — disse eu —, mas eu disse que brigaria com todos eles e assim farei. De modo que eles terão a paga pelo que fizeram, estejam onde estiverem.

— Cachorrada! — exclamou o Sr. Gruffydd. — Só mesmo uma cambada de cachorros poderia estragar uma caixinha como esta. Tenho vontade é de cortar eu mesmo um punhado de varas e ir até lá amanhã, para arrancar-lhes o couro das costas.

— Muito bem — disse minha mãe —, e queimar a tal da escola, ainda por cima.

— Cale a boca, menina — disse meu pai. — É melhor deixar Huw arranjar as coisas por si mesmo, Sr. Gruffydd. A mim é que competiria ir lá, e Deus os guarde, se eu resolver fazer isso. Mas a Huw é que compete lutar. Não a nós.

— A luta é nossa também, Sr. Morgan — disse o Sr. Gruffydd, pondo a caixa em cima da mesa. — Huw pode mostrar a eles que é o mais forte com seus punhos, mas nunca ensinará a eles o caráter sagrado da propriedade. O vândalo recebe a lição do terror físico, dada pela violência maior, mas nunca aprenderá a pensar.

— As varas farão melhor? — perguntou meu pai, tirando o cachimbo da boca, mas sem sorrir.

— Muito melhor do que os punhos — disse o Sr. Gruffydd desatando a rir —, pois os punhos estão entre homens e homem. Mas as varas e a razão são a lei universal, boa para todos os homens. Os punhos ensinarão a lutar melhor se tivermos cabeça e coração, e nossos punhos ensinarão outros homens a deixar que partilhemos em paz do nosso pedaço de caminho. Mas as varas e

uma conversa ensinam a pensar e a viver melhor. E é por isso que não me sai da cabeça a ideia de ir lá amanhã.

— Vou consertar a caixa, Sr. Gruffydd — disse eu. — Não ficará nenhum sinal, depois do conserto. Vai ver, vai ficar como nova.

— Então vamos. Dá-me uma dor no coração vê-la nesse estado. Seguimos para o barracão, levando candeeiros. A pobre Angharad lá estava ainda, com a cabeça presa na janela.

— Que é isso? — perguntou o Sr. Gruffydd, com o candeeiro levantado para ver.

— É Angharad — respondi.

O Sr. Gruffydd afastou os cabelos dos olhos dela, e ela olhou para ele. A luz do candeeiro dourava-lhe o rosto.

Percebi que ela estava rindo, mas seu aspecto era de quem chorava, com lágrimas douradas pendentes dos olhos adoravelmente azuis a implorar piedade, grandes e redondos, como os de uma criancinha que desejasse ser carregada, torcendo os lábios um pouquinho para não ficar feia e tremendo o queixo, o cabelo quase da cor do cobre novo, envolvendo-lhe o rosto e pendendo-lhe até à cintura, com fios soltos a brilhar, como as cordas de uma harpa, cruzando-lhe os olhos e descendo-lhe pelas faces.

O Sr. Gruffydd contemplou-a e vi seu rosto enternecer-se, mas não posso dizer de que espécie era esse enternecimento. Depôs o candeeiro e pegou a barra que estava acima do pescoço de Angharad.

— Se eu estiver machucando, diga. Angharad meneou a cabeça negativamente.

Firmou ele os pés, depois de haver feito pequenos movimentos para segurar bem, e em seguida, com um puxão, arrancou a barra e a extremidade da moldura da janela, com pregos, parafusos e tudo.

— Agora nós — disse para mim, sem olhar para Angharad. — Você conserte a caixa, que eu consertarei a janela.

— Sim, senhor.

— Obrigada, Sr. Gruffydd — disse Angharad, olhando para o lugar onde estivera a janela e passando a mão no pescoço. — Como o senhor é forte!

— Está bem — disse o Sr. Gruffydd. — Segurarei as torqueses para você, Huw.

Com lixa, tirei as manchas de tinta da madeira branca e lisa do interior da caixa, tornando-a branca de novo como uma folha de papel, mas nos cantos só raspando bem e com muita paciência. Novo parafuso para o eixo e um encaixe para o segundo tabuleiro terminaram o conserto de minha caixa, mas ficara ainda lascada por fora e arranhada na tampa. Isso era outro trabalho, inteiramente novo. Coloquei pequeninos pedaços de madeira, tão minúsculos que quase não se viam, em todas as fendas e enchi as arranhaduras com lasca da mesma cor dos desenhos da madeira. Realmente, quando acabei, nada demonstrava que a caixa fora danificada. Mas eu sabia, o Sr. Gruffydd sabia e também sabiam seu pai e seu avô, que pequeninas marcas ali se viam, que nunca lá tinham estado e que nunca deveriam estar, marcas de pequenos golpes que jamais cicatrizariam, pois a madeira é ciosa de sua idade e se apressa em mostrar a um recém-chegado o seu lugar.

O Sr. Gruffydd me estivera observando, durante muito tempo, mas só o percebi quando acabei e botei a caixa num lugar limpo, para olhá-la. Foi então que olhei para ele e achei-o sentado no banco, a sorrir.

— Você é um carpinteiro, Huw.

— Obrigado. Já acabou o conserto da janela?

— Já, sim. Pensa que eu deixaria um rapazola me passar a perna? Olhe lá.

Belo trabalho havia feito o Sr. Gruffydd na janela, cada pedaço tão bem colocado como o teria feito Clydach Howell, o construtor de moinhos, com juntas que só se percebiam de bem perto, e os pregos e parafusos não eram vistos em parte alguma, embora ali estivessem.

— O senhor também é carpinteiro, Sr. Gruffydd — disse eu, significativamente.

— Você irá dizer isto quando eu tiver feito a mobília para minha casa nova.

— Poderei ajudá-lo? — perguntei-lhe, pois sempre desejei fazer boa mobília para nossa casa.

— Nenhum outro senão você, meu filho. Seu rosto está doendo agora?

— Já me tinha esquecido — respondi, e era mesmo verdade.

Então Angharad me pediu que abrisse a porta e entrou com o chá, pão de forma, manteiga e queijo, alface e agrião.

— Mamãe disse que comessem enquanto trabalham — disse ela —, mas se já acabaram, façam o obséquio de ir para casa. E se o senhor quiser cerveja em vez de chá, há muita lá. Papai disse que está fria, na botija, e bem boa de beber em honra da rainha.

— Beberei em honra da rainha — disse o Sr. Gruffydd — e lá na casa. Dê-me a bandeja.

O Sr. Gruffydd tomou a carga da mão de Angharad, que ficou a arrumar alguns pratos que haviam escorregado, pegou uma xícara para colocá-la com a asa no lugar devido, botou uma colher aqui, um garfo ali, e o saleiro entre a leiteira e o bule de chá. Durante todo esse tempo o Sr. Gruffydd baixara a vista sobre a cabeça dela, porque sabia, e eu também, que não havia necessidade de nada daquilo.

— Pronto — disse ela, levantando a vista para ele e sorrindo.

Ia dizer mais alguma coisa, porém parou e seu sorriso desapareceu. Ficou a olhar e uma sombra de tristeza cruzou-lhe os olhos, não uma tristeza de trevas, mas uma tristeza de luz. Enquanto isso, o Sr. Gruffydd a fixava. Ela depois pestanejou e fingiu que era a luz da lâmpada a causa, abrigando os olhos com a mão e voltando-se.

r— Que luz forte a dessa lâmpada — disse ela. — Vá embora, Huw. Já é tarde, menino.

Fui para casa, acompanhado do Sr. Gruffydd. Meu pai adiantou-se para tomar-lhe a bandeja da mão.

— Ora essa! — exclamou ele, com surpresa. — Daí a pouco eles o farão esfregar o soalho, o senhor verá.

— Muito soalho já esfreguei, também — disse o Sr. Gruffydd. — Disseram-me que íamos beber à saúde da rainha.

— A cerveja está servida e à espera — disse meu pai. — O chá é bom a seu tempo, mas um bom trago de cerveja é também bastante bom. Está vendo esta? Foi feita por minha mulher e posso garantir

que melhor jamais o senhor bebeu na sua vida. Huw, uma xícara cheia.

— À saúde, então — disse o Sr. Gruffydd. — Brindo Sua Majestade Britânica, nossa Real Mãe! Que a coroa lhe seja leve na cabeça. Meus senhores, Vitória!

— Vitória! — dissemos todos nós e a cerveja foi belamente emborcada goelas abaixo.

— Agora, a ceia — disse minha mãe, vindo do fogão com a caçarola —, e comam à vontade. Huw, para a cama.

— Sim, mamãe — disse eu, e dei boa-noite a todos. Angharad subiu comigo para pôr no meu rosto a cataplasma de água quente e fria, e ao terminar derramou uma mãozinha cheia de doces na cadeira ao lado da cama.

— Para a escola — disse ela.

— Obrigado.

— O Sr. Gruffydd já falou com você alguma coisa a meu respeito? — perguntou-me, mas rapidamente, como se houvesse pensado muito antes de dizê-lo e ansiosa de não pensar que o tinha dito, ou mesmo o havia pensado.

— Não — respondi. — Nada. Mas a respeito de quê?

— Não tem importância — disse ela, novamente depressa, olhando para mim mas sem ver-me, pois havia um sorriso nos seus olhos e rubor nas suas faces e sua respiração era ligeira mas silenciosa. — Se ele falar alguma coisa, me conte, ouviu, menino?

— Conto, sim.

— Está bem. Agora, boa noite.

Vi-lhe o rosto, quando se inclinou para apagar a vela, com a boca em forma de beijo, o mesmo sorriso nos olhos, mas agora como uma mãe que olharia para seu filho que chora nos braços de outra mulher, mais suave e com mais querença.

Nenhum dos rapazes teve uma palavra a dizer-me, no segundo dia de escola, embora olhassem para mim tapando as bocas com as mãos para não rir. Eu era um verdadeiro quadro, realmente, com manchas amarelas e azuis e inchaços em torno dos olhos e do nariz. Mas não liguei. Tomei nota dos rapazes que riam e ajuntei-os à lista daqueles que estava certo de ter ao alcance de meus punhos.

O Sr. Motshill me deteve depois das orações e do hino e perguntou-me onde fora assim machucado.

— Brigando.

— Veja bem o que faz uma briga — disse ele. — Muito melhor é que cuide de si. Terei de esperar uma visita de seus pais?

— Não, senhor. Meu pai disse que a briga era minha e que me arranjasse.

— Oh! — exclamou ele, tirando os óculos para limpá-los e piscando os olhos para meu lado. — Se se sentir mal durante o dia, vá procurar a Sra. Motshill, na residência, e deite-se lá.

— Obrigado, senhor.

— Não se esqueça disso, Morgan — disse ele, pondo a mão no meu ombro —, estou aqui para ajudá-lo. Desejo que você possa vir a ganhar um lugar de estudante gratuito na Universidade de Oxford. Está em seu poder alcançá-lo. Mas seus punhos só poderão estorvá-lo. Fique prevenido e trabalhe com afinco.

Não sei por que a bondade, mesmo provinda dum homem severo, traz lágrimas aos olhos. Mas o certo é que traz. Quando entrei na sexta elementar, o Sr. Jonas viu-me tentando enxugar os olhos e logo surgiu o seu sorriso, e no mesmo instante senti de novo um baque no coração.

— Ora, por minha alma — disse ele no seu inglês que era inglês demais —, então está chorando!

Aproximou-se de mim e se pôs a mirar-me de alto a baixo.

— Evidentemente sua mãe tomou meu recado a sério — disse ele. — Deixe-me ver o farrapo de seu nariz.

Retirei meu lenço.

— Surpresa sobre surpresa — exclamou ele, enquanto eu o olhava. — Talvez esse espancamento lhe ensine que suas maneiras não são as nossas. Não é de estranhar que os homens civilizados considerem os galeses como selvagens. Estremeço ao pensar que gente de sua espécie venha a crescer. Seja como for, procurarei fazer o que estiver nas minhas forças por você, ajudado por uma vara. Lembre-se disso. E não me fite, seu garoto insolente!

Depois começou a ensinar história e eu me sentei.

Creio que ele tomou raiva de mim, porque percebera que eu não confiava nele, e magoava-o pensar que um menino não o tivesse na conta em que se presumia, pois gostava de pensar que era muito maior do que na realidade, de modo que seu orgulho o perturbava e o tornava malévolos.

Mas o que mais o perturbava era o seu sangue galês; tão envergonhado se sentia com isso que com grande trabalho procurava ocultá-lo.

A seus olhos nada do que fosse do País de Gales, ou que fosse galês, era bom ou tinha alguma bondade. Para ele, mesmo quando ensinava, a ciência da história tinha uma lacuna entre os Atos dos Apóstolos e o Domesday Book'. Aquele bastardo normando que esfolou o focinho nas boas areias do sul, que procriou uma aristocracia inglesa, era padrinho do Sr. Elijah Jonas-Sessions.

Se mencionava Roma, era apenas como um lugar onde Nero queimou cristãos. Procurava esquecer que seus pais labutaram com a espada, durante séculos, para conservar os pés romanos afastados de suas estradas; esforçava-se por esquecer que Roma ficou com a espinha quebrada, e vikings, dinamarqueses e godos com os corações despedaçados quando quiseram impedir que os pais dele lutassem pelo que lhes pertencia, e se seus pais foram mal sucedidos, não foi porque o espírito de luta deles se afastou, mas porque o escol daqueles homens tinha sucumbido na batalha e suas mulheres não podiam produzir varões bastantes para preencher as fileiras.

Era disso que o Sr. Elijah Jonas-Sessions se envergonhava.

E recordo-me bem do dia em que descobrimos isso, pois foi o dia de minha primeira luta, logo após a morte de Dilys Pritchard.

Capítulo XVII

— “Eu sou a ressurreição e a vida” — disse o Sr. Gruffydd com aquela sua voz máscula. Tão nobre na sua profundidade e na sua beleza.

— Amém — dissemos todos.

; Limo que registra o mapeamento das terras da Inglaterra ordenado por Guilherme, o Conquistador, em 6, dando a posse, extensão, valor, etc., às propriedades. (N. do E.)

Achávamo-nos lá, no topo da montanha, com os frios ventos da noite a envolver-nos e as chamas das tochas iluminando-nos, ouvindo o Sr. Gruffydd, antes de sairmos pela aldeia, para limpar o vale do vício e da vadiação.

Naquele dia, uma menina fora violentada na montanha e, quando voltei da escola, o povo se achava na rua, na colina, e lá embaixo, na aldeia, as lojas estavam fechadas, enquanto o sino da capela badalava. Tomava eu o meu chá, quando meu pai chegou, pois a mina se fechara cedo, para que os operários viessem para casa e começassem a procurar o porco em forma humana.

— Ela morreu — disse meu pai, com voz sossegada. — Mas nós haveremos de apanhá-lo, ainda que seja preciso remover a montanha.

— Pois vá — disse minha mãe, chorando. — Coitadinha, que bonitinha ela era!

Acompanhei os homens para arranjar as tochas e levar o petróleo com outros meninos. Meu pai e meus irmãos se achavam ali, em meio da multidão de duzentos ou trezentos, e todos silenciosos e quietos. O Sr. Gruffydd reunira-os na encosta da montanha, prontos a descer para a aldeia, logo que escurecesse e logo que os operários acabassem de tomar banho e de comer. Disse-

lhes que o tempo havia chegado em que suas mulheres não estavam mais a salvo de andar em paz pelos caminhos.

— As bestas-feras vivem entre vós — gritou ele —, trabalhando convosco, ombro a ombro, prontas a matar vossos filhos e seguir seu caminho sem punição. Farão de vossa comunidade um lodaçal de corrupção. Haveríeis de rir, se vos falasse do Demônio? Haveríeis de sorrir, se vos mencionasse o nome de Satanás? Então deixai que vos mostre o corpo de uma criança, dilacerado por garras assassinas. Talvez veja vossas cabeças oscilando para trás, às gargalhadas. Esta criaturinha achou a morte, não às mãos de um homem, mas sob os calcanhares duma besta. Uma besta. E bestas dessa espécie são filhos de Satanás. Bestas como essa deveis esconjurar, como Ele o fez com os porcos de Gadara. Estamos decididos? Estamos todos de acordo?

— Sim — respondeu a multidão.

— Então, vamos — disse o Sr. Gruffydd —, purifiquemo-nos!

Tendo descido do rochedo e tomado a frente da multidão, entoando alto um hino, o Sr. Gruffydd nos conduziu em direção à aldeia. As botas dos homens marcavam compasso no chão e suas vozes arrojavam a antífona diante deles. E o clarão das tochas iluminava seus rostos barbados, arrancando chispas de seus olhos.

Seguimos para a aldeia, onde tudo estava quieto, portas fechadas, sem luz, sem gente, e, sem rumor, a não ser o da marcha dos homens e a voz da justiça.

Em torno de cada taberna e em torno das três fileiras de casas, onde viviam os mestiços de galês, irlandês e inglês, os homens faziam uma parada, quase ombro a ombro, de modo que ninguém podia entrar ou sair. Em seguida, o Sr. Gruffydd e vinte homens entraram na primeira venda e avisaram o proprietário de que não deveria vender bebidas alcoólicas durante uma semana, servir cerveja somente a capatazes comandando cinco ou mais homens, e bebida alguma a mulheres. Assim fizeram na segunda e na terceira. Foi uma má noite para os botequins, pois ninguém entrou neles e realmente os proprietários não mereceram censura. Eram por si mesmos bons homens, mas também precisavam viver.

Tiveram, porém, que sofrer, e sofreram em silêncio. Sabiam que bastaria um fósforo para jogá-los na rua sem nada, tendo apenas as labaredas de suas vendas para aquecê-los.

Lá nas fileiras de casas, vivia a escória das minas. Aquela gente executava tarefas que os mineiros jamais fariam, e tinha permissão de morar e procriar, porque os proprietários não gastariam dinheiro em instalações, quando seus serviços tinham de ser muito mais baratos. Em troca duma ração, carregavam escórias e estrume, como varredores de ruas, e como trabalhavam, assim viviam. Até mesmo seus filhos eram obrigados a trabalhar, aos oito e aos nove anos de idade, a fim de que mais dinheiro pudesse entrar em casa. A maior parte deles vivia somente a beber. Suas casas eram chiqueiros onde até mesmo os animais se recusariam a viver, pois os animais têm também seus modos asseados e demonstrariam seu nojo bastante vivamente. Mas aquela gente há muito que ultrapassara tais bons sentimentos. Eram uma repugnância viva.

Àquelas filas de choças se dirigiu o Sr. Gruffydd. Bateu à primeira porta, mas não obteve resposta.

A montanha se tornava cada vez mais negra, dentro da noite, por todos os lados em nosso redor, e as batidas do Sr. Gruffydd foram ecoando por ali além, como se procurassem um lugar para repousar. As tochas formavam um anel irregular em redor das casas, e debaixo de cada tocha, de onde jorravam labaredas como cabeleiras esvoaçantes de fúrias a correr, os rostos dos homens se destacavam pálidos e dum vermelho sombreado e seus olhos pareciam buracos profundos, enquanto não se moviam para mostrar o brilho das escleróticas. Sombras de homens pulavam pelas encostas da montanha ou se arrojavam de encontro às paredes das casas, ao sabor das labaredas das tochas. A respiração acinzentava-se em torno deles, pois a noite iria ser de geada e as ardósias dos telhados já apresentavam um tom esbranquiçado. As pontas dos dedos só se sentiam bem no fundo dos bolsos.

O Sr. Gruffydd continuava a bater e finalmente uma janela, de tamanho suficiente para deixar passar apenas uma cabeça, a única janela que havia em toda a casa, abriu-se e uma cabeça apareceu.

— Quem é? — perguntou uma voz de mulher, quase inaudível de terror.

— Os vigilantes — respondeu o Sr. Gruffydd, e sua voz rolou dentro da noite e pelas quebradas da montanha. As tochas moveram-se, como se os homens as estivessem estimulando, e suas vozes soavam em tom profundo.

— Não fomos nós, não fomos nós — gritou a mulher —, nada tem que ver conosco.

— Abra sua porta — disse o Sr. Gruffydd. — Nenhum dano acontecerá ao inocente. Abra e sem demora.

A cabeça desapareceu e no mesmo instante foi aberta a porta. O Sr. Gruffydd entrou com meu pai e Rhys Howells. Uns minutos depois saíram, impelindo na sua frente três homens.

— Fiquem ali — disse Rhys Howells, apontando para o lugar onde fora cavado um poço de mina, agora entulhado. Eles desceram para dentro do buraco e alguns homens se colocaram em guarda.

O Sr. Gruffydd ia entrando em todas as casas, agora sem mais complicações, pois as portas se abriam antes que ele nelas batesse. Todos os homens eram trazidos para fora e as mulheres tinham ordem de ficar lá dentro com as crianças.

Quando o último homem ficou sob vigilância, o Sr. Gruffydd voltou a tomar seu lugar sobre o rochedo, com todos nós em torno, formando um anel.

— Agora — disse ele — tragam os homens, um por um, para serem interrogados.

As perguntas foram as mesmas para todos. Primeiramente, seus nomes, ocupações, salários e em qual turma se achavam naquele dia. Porque se se achassem na turma diurna, não poderiam ter estado na montanha, para encontrar a menina. Passou-se então a interrogar os das turmas noturnas e os mandriões. Um a um, passaram eles e foram mandados embora, todos calados e atemorizados, irlandeses, escoceses, ingleses e alguns mestiços galeses.

Afinal chegamos a Adris Atkinson.

Alto e magro além da conta, de cara pálida e com manchas doentias, cabelos compridos e mãos inquietas, com unhas roídas até

o sabugo, fazia a gente desviar a vista de sua figura.

— Da turma diurna ou noturna? — perguntou-lhe o Sr. Gruffydd.

— Diurna — respondeu ele, olhando para um e outro lado, mas sem mover a cabeça.

— Em que galeria? — perguntou o Sr. Gruffydd.

— Não é de sua conta — disse ele, olhando para o chão.

— Em que galeria? — perguntou o Sr. Gruffydd, no mesmo tom de voz, tranquilo e sem acrimônia.

— Na terceira — gritou ele, depois de um instante.

— A terceira não funcionou hoje — disse Rhys Howells, cruzando os braços, balançando-se nos calcanhares e olhando para a montanha. Depois parou e seus olhos fixaram-se no Sr. Gruffydd.

Silêncio absoluto, quebrado apenas pelo sussurro das tochas e pelos fracos sons que emanavam de muitos homens, ansiosos, com a respiração contida.

O porco olhava em torno de si, de boca aberta e narinas dilatadas, os olhos avermelhados de terror, sem voz, as mãos curtas e retorcidas passando sem parar pelas roupas, que estavam duras e luzentes de graxa e poeira de carvão, caindo-lhe em torno do corpo e mostrando-lhe a magreza através de buracos nos cotovelos e nos joelhos.

— Desçam à casa dele e tragam cá as mulheres. Procurem bem suas roupas e seu boné — disse o Sr. Gruffydd.

— Não há nada lá — murmurou o porco. — Não há ninguém em casa. Não fui eu. Eu nunca fiz isso.

Mas os homens já se tinham posto a caminho, correndo.

Silêncio de novo. Ninguém olhava para o porco, que chorava, ajoelhado, e lançava a vista na direção da casa. Depois partiu um grito lá de baixo e os homens correram, de volta para nós, todos falando e tomando largos haustos de ar.

Evan Thomas e Sion Prosser carregavam uma braçada de roupas cada um.

Evan mostrou uma camisa de flanela, preta de suja e endurecida de sangue seco, e botou-a no rochedo, diante do Sr. Gruffydd. Todas as outras roupas, um paletó e um colete, um par de calças, estavam manchadas de sangue, e no boné o sangue estava ainda úmido.

— Você sofreu algum ferimento hoje? — perguntou-lhe o Sr. Gruffydd.

— Não — disse o porco, levantando-se a tremer. — É de um pônei.

— Nenhum pônei foi sangrado ontem ou anteontem — informou Llewellyn John, o moço de estrebaria, lá de trás da multidão.

— Já faz muitos dias — disse o porco, com voz de mulher.

— Mas o sangue está fresco — disse o Sr. Gruffydd — e ainda recende. E você estava com estas roupas hoje. Abra a camisa para mostrar seu peito.

— Não — disse o porco, cruzando as mãos sobre o corpo e caindo de joelhos.

— Nas unhas dos dedos dela viam-se pedaços de carne — disse o Sr. Gruffydd, com tranquilidade. — Dessa forma, o espírito dela deixou a sua marca. Abram-lhe as roupas.

— Não — berrou o porco.

Rhys Howells e Tom Davis aproximaram-se dele e cada qual pegou numa ponta do paletó, rasgando-o de meio a meio. E como ele berrasse, rasgaram também os trapos que o cobriam, por baixo do paletó.

Fundas arranhaduras cobriam-lhe o peito, como grossos riscos de lápis e, quando lhe tiraram as calças, havia sangue no corpo dele. Durante todo esse tempo, não cessava de gritar. Nu, fincou as garras no chão. Os gritos enrouqueceram-lhe a garganta. Soluçava e o cuspe lhe escorria boca abaixo.

— Onde está o pai? — perguntou o Sr. Gruffydd, baixando a vista para o porco.

— Estou aqui — disse Cynlais Pritchard, adiantando-se com seus três filhos e olhando para o Sr. Gruffydd.

— Sua filha se foi — disse o Sr. Gruffydd. — Em vez de vê-la crescer, até tornar-se mulher e sentir a alegria de ter netos, você caminhará atrás de seus despojos amanhã, porque uma besta deitou-lhe as garras, quando ela andava pela montanha. Sua filha não estava em idade de andar sozinha e pouco podemos censurá-la por isso, pois ela deixou uma mensagem para você no corpo da própria besta.

Ninguém falava. Cynlais Pritchard tentava conter as lágrimas, com os olhos fechados e os punhos esfregando-se nas coxas.

— Entregar o assassino à polícia será conceder-lhe um dia mais de vida, que foi negado à sua filha — disse o Sr. Gruffydd. — Ele será alimentado e terá casa, até o dia em que for enforcado, mas sua filha jazerá sob as coroas fúnebres muito antes disso, e a corda proporciona uma boa morte, rápida e limpa, sem sangue, sem dor, sem tortura da alma e do corpo.

A justiça estará satisfeita, então, com uma corda em torno do pescoço de um homem, e sua vítima, uma criança de sete anos, dilacerada e contorcida, deitada na sua cova?

— Não — gritou a multidão.

— Deveremos queimá-lo? — perguntou o Sr. Gruffydd. — Mas se o fizermos, terá uma morte honrosa, pois são os mártires que morrem entre as chamas. Que faremos dele, então?

— Entreguem-me — disse Cynlais Pritchard.

— É essa a vossa decisão unânime? — perguntou o Sr. Gruffydd à multidão.

— É, sim — responderam todos.

— Tome-o — disse o Sr. Gruffydd —, e assim como fizemos com ele, faremos com outro qualquer, se outro aparecer. E não se esqueçam, se o enterrarem, por mais fundo que seja, mancharão a terra inocente. Não desonrem a terra com semelhante carcaça.

Um dos filhos pegou uma tocha e os outros ajudaram seu pai a tirar o porco dali. Todos sabíamos, sem que o disséssemos, que eles queriam levá-lo para o lugar onde haviam encontrado a menina ensanguentada e, lá, o torturariam.

Ficamos onde estávamos. À proporção que eles subiam, a luz se tornava menor e os gritos diminuía. Achavam-se agora sobre uma encosta da colina e fora de vista.

— Rezemos — disse o Sr. Gruffydd. — “Senhor Deus, somos homens fracos. Se erramos esta noite, assim seja. Eu arrostarei a Tua cólera no Tribunal e responderei que agimos direito. Para cada um sua justa recompensa. Pelo sagrado nome de Cristo, amém.”

— Amém — disse a multidão e quando o Sr. Gruffydd desceu, partiram para suas casas em silêncio, olhando para ver se a luz da

tocha apareceria acima deles, lá na montanha.

O clarão surgiu e com ele partiu da multidão um intenso burburinho, mas ninguém se deteve. Seguiu depressa pela direita até chegar às sarças, que bordavam o caminho de subida para a granja. Fora ali que haviam encontrado o corpo da menina.

Parou e apagou-se. A montanha ficou às escuras.

As casas da colina ocultavam-no às nossas vistas, à medida que subíamos, mas quando chegamos, dando a volta pelo quintal para entrar, ardia forte clarão, como se eles houvessem incendiado a grama lá em cima, e na suavidade da labareda julguei ver os movimentos dos homens. Mas pensei também em Marged e fui deitar-me, apavorado.

Um policial, com uma ponta de prata no capacete e uma cadeia de prata dele pendente, chegou ao vale no dia seguinte, mas ninguém sabia o que ele queria, e ninguém conseguiu achar respostas às suas perguntas, de modo que acabou indo embora.

A manhã inteira estive observando Clydach Howell, na sua tenda de carpinteiro, fabricando o pequeno caixão do cerne branco dum velho carvalho, e aprendi com ele uma porção de coisas, na questão de colocar encaixes em vez de pregos e parafusos, e estes nos lugares onde não têm de ser vistos. Ajudei a estofar de seda o interior e a bater tachas em forma de flores, em redor de toda a extremidade, para conservá-la no lugar. Tão bom ficou o serviço depois de executado, que achei que era uma pena enterrar uma coisa daquelas.

Mas deixei que Clydach o levasse a casa.

Nunca fui amigo de enterros.

Cynlais, sua mulher e filhos, suas filhas casadas e os maridos destas, com as respectivas famílias, estavam todos reunidos na casa quando levei os livros do Sr. Gruffydd. Todo o pessoal, que se achava em frente da casa, trajava sua roupa domingueira, pronto a tomar parte no cortejo fúnebre, até o cemitério do outro lado da montanha. Enquanto esperavam, falavam a respeito da noite anterior e muitos olhavam para a negra mancha, que se destacava entre o castanho e o verde da encosta da montanha.

Dentro da casa, outro som não se ouvia a não ser a longa respiração sorvida e a dor engasgada de mulheres chorando incessantemente, enxugando os olhos, inchados e avermelhados de dor, e gargantas enrouquecidas por horas de choro. As crianças estavam na cozinha, sentadas tesas, com suas melhores roupas, os homens na frente e as mulheres todas lá em cima, em redor do corpo já dentro do caixão.

O Sr. Gruffydd se encontrava na entrada com os homens.

— Obrigado, meu filho — disse ele, quando lhe entreguei os livros, e falando como se tivesse estado em silêncio durante muito tempo. — Vá à cozinha e traga as crianças para cá, ouviu?

Entrei na cozinha e tentei fazer com que os pequeninos cessassem de chorar, mas ouvindo o choro de suas mães, eles as acompanhavam. Depois as mulheres desceram e o caixão foi transportado para baixo. O Sr. Pritchard entrou e se dirigiu a mim, fazendo um sinal com o polegar, para que eu levasse as crianças para fora da casa.

Quando chegamos lá fora, o pessoal estava formado dois a dois, tomando toda a rua. Algumas pessoas, amigas da família, caminhavam atrás do caixão, mas a maior parte ia à frente. O hino alçou-se, majestoso, e lenços brancos agitavam-se naquelas longas linhas negras, à proporção que o acompanhar i

mento caminhava, lentamente, através da aldeia e subia o longo caminho que galgava a montanha. Poucos eram os que nos miravam, pois todos os do vale tomavam parte do cortejo, exceto somente aqueles que estavam de cama e os que destes cuidavam, e os homens que cuidavam dos fogos lá embaixo da mina.

Subíamos mais e mais, lentamente, um hino se seguindo ao outro, todos cantando, e o eco diminuindo sempre mais, à medida que nos aproximávamos do cume e nos libertávamos das árvores. Paramos então para permitir que os carregadores do caixão descansassem um pouco. Os lenços dirigiram-se não aos olhos, mas às frentes e nuças, paletós foram tirados e capas dobradas, e as botinas, que apertavam, foram desapertadas. As coisas cotidianas, aquelas pequeninas joias que entremeiam a ação de viver, estavam-se tornando conhecidas. Uma bolha de água no calcanhar, suor

encharcando o colarinho, uma ruga na meia, chegavam a significar mais do que as sensações produzidas por aquela que agora enchia o caixãozinho branco. Depois continuou-se a subida com o ataúde e mais outro hino para aligeirar o caminho, cada vez mais para cima, caminhando-se subidas e descidas, subidas e descidas, atrás do caixãozinho branco e dos chapéus de feltro que o cercavam, e linhas negras que agora se quebravam em três e em quatro, com espaços cada vez maiores, à proporção que os homens iam ajudar as mulheres e a ladeira se tornava mais íngreme. Agora, os que iam na frente aproximavam-se da extremidade, lá em cima, e perdiam-se de vista. Depois, por sua vez, os carregadores também lá chegaram, escuros contra o azul profundo do céu, com o sol a dançar nos ornatos de bronze e fazendo cantar a brancura.

Em seguida, do outro lado e agora mais depressa, porque estávamos descendo, embora não muito, mas mais fácil e com mais alívio, seguimos para o campo, que fora transformado em cemitério. Todos formaram um grande círculo em torno da cova, onde iam enterrar o caixão, mas o Sr. Pritchard e sua família adiantaram-se, para ficar junto do lugar onde os carregadores o haviam deposto para descansar, no monte de cascalho.

Lenços puseram-se de novo em ação, em meio das filas negras, enquanto o Sr. Gruffydd começava a ler. Em torno de sua voz erguiam-se os rumores do choro e as vozes de muitos homens, gritando para confirmar a verdade das palavras dele.

A Sra. Pritchard teve de ser amparada pelo marido e pelos filhos, quando o Sr. Gruffydd fez sinal aos homens para botarem o caixão na cova. Lamentava-se, vermelha, e aos gritos, à medida que todos se aproximavam e passavam olhando para o caixão, lá no fundo da cova. Mulheres desmaiavam e os homens as carregavam para os lados, dando-lhes palmadas nas costas das mãos e abanando-as. As crianças, comigo, choravam a mais não poder, sem ninguém, a não ser eu, que lhes desse atenção, sem nada poder fazer ou dizer, pois nunca tive muito jeito para lidar com crianças pequenas.

Por fim o pessoal parou e o Sr. Gruffydd espalhou um punhado de terra dentro da cova. Depois o Sr. Pritchard deixou que sua mulher fosse até à beira da cova e dentro dela atirasse algumas

flores e terra e a si própria se teria lançado, se não a tivessem agarrado e arrastado para trás. Todas as mulheres da família Pritchard lançavam gritos, com seus maridos a agarrá-las e seus filhos aferrados às suas saias, a gritar também selvagememente, exceto um gurizinho a meu lado, que se cansara de gritar e permanecia de mãos nos bolsos, com a boca descaída, mostrando apenas estar fatigado daquilo tudo.

Atrás de mim surgiram homens com pás, para encher a cova com a terra dura, que batia com força na madeira e ressoava. Ao ouvir aquele ruído, a Sra. Pritchard correu para a frente, muito pálida, mas seu marido levantou-a do chão, como a uma criança, e levou-a dali.

Nada podia ouvir da oração do Sr. Gruffydd, pois sua voz era baixa e os sons do choro a cobriam. Depois um hino, desentoadado e fora do compasso, e estava terminado o funeral.

Voltamos para casa mais depressa do que havíamos vindo e não mais comportadamente, o pessoal tomando o caminho mais curto, sem cuidar de estar em fila, mas formando grupos de famílias e de amigos. Fui mais devagar porque as crianças queriam brincar, logo que ficamos livres, mas quando começaram a gritar, foram repreendidas pelos homens, que se voltavam para trás de mãos fechadas e carrancudos. E por isso seguimos o nosso próprio caminho, para cima e para baixo e estávamos bem distanciados dos primeiros quando chegamos de volta à casa dos Pritchard.

Logo que lá chegaram, as primeiras mulheres tiraram seus paletós e capas, enrolaram as mangas dos vestidos e trataram de buscar pratos e ferver água para o chá. Cada vez chegava mais gente e por fim a Sra. Pritchard, que parecia melhor, mas ainda prestes a chorar se uma palavra inoportuna fosse dita ou lançado um olhar sugestivo. Logo que ela chegou, foi posta a comida nas mesas, e o arrumar e servir pareciam tê-la conservado fora de si mesma, pois trabalhou o mais que pôde, sendo a primeira a perceber o que era preciso fazer ou não tinha sido feito devidamente, sem dar nenhum sinal de choro.

Os homens estavam todos fumando do lado de fora, mas quando foram chamados a entrar, bateram os cachimbos de encontro às paredes e sentaram-se nos lugares que lhes foram designados pela

Sra. Pritchard. Quatro casas haviam aberto suas portas para o chá dos funerais e, em cada casa, as salas estavam cheias de gente que comia e bebia, mas em silêncio, não como num dia de aniversário, com a comida toda vinda da casa da Sra. Pritchard e transportada pelas moças e por alguns rapazes para nós e para aqueles que haviam ficado do lado de fora, por não haver mais lugar lá dentro.

Arranjei um, no canto da sala da frente, com dois dos pequenos Pritchard, junto da mesa onde se sentavam o Sr. Gruffydd, o Sr. Pritchard e as principais pessoas. Ninguém falou durante muito tempo, mas todos estavam ocupados com suas facas e garfos, e as mulheres entravam e saíam, com o chá, sem parar.

— Que tristeza — disse o Sr. Evans, da mina —, que tristeza!

Estava inclinado para trás, sucumbido, com um palito nos dentes, olhando pela janela.

— Sim, realmente — disse Rhys Howells. — Mas foi um belo enterro, na verdade. Clydach Howell fez um belíssimo caixão. Jamais vi coisa tão bonita em toda a minha vida.

— Obrigado a você, Rhys — disse Clydach, ficando um bocado vermelho, tão contente estava —, terei o maior prazer em fazer um para você, algum dia, homem.

— Eu é que verei você certamente dentro de um — disse Rhys. — E não tenha medo. Será daqui a muitos anos, eu espero.

— Se eu tiver de ir, como foi hoje aquela meninazinha — disse Clydach —, irei amanhã. Foi bonito de verdade.

E todos assentiam. O Sr. Pritchard sorriu um pouco, como se se sentisse mais feliz por pensar assim.

— Desejaria que ela pudesse ter visto o enterro — disse ele. — Pensa que ela o viu, Sr. Gruffydd? Já estará ela no céu, ou espera ainda a sua vez?

— Está no céu — disse o Sr. Gruffydd, olhando para seu prato. — As crianças lá não têm que esperar. “Vinde a mim”, disse o Senhor, “deixai que as criancinhas venham a mim.” Não se referiu a espera alguma.

— Sinto-me contente — disse o Sr. Pritchard, enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto. — Mas não está dito por que tem ela de ir para lá. Era bastante feliz aqui conosco. Costumava levar

minha maleta até a mina, nas horas de jantar, tão feliz como um pássaro no céu, e sempre me encontrava ali no alto, na turma da manhã. Por que então?, pergunto eu.

— Quem pode ler o pensamento do Senhor? — disse o Sr. Olwen, o moleiro.

— Por que é assim, Sr. Gruffydd? — perguntou o Sr. Pritchard, com voz trêmula, enquanto os outros pigarreavam e levavam à boca suas xícaras de chá, sem olhar para ele.

— Não sei dizer, meu caro Sr. Pritchard — disse o Sr. Gruffydd, com sua voz profunda e cheia de tristeza, fazendo que a sala se tornasse silenciosa. — Nenhum homem pode dizê-lo. Eu poderia dizer que ela lhes foi arrebatada como punição ou como provação. Mas que fez o senhor? Ou sua boa mulher? E se vocês devessem ser punidos, por que a filhinha de vocês e não vocês? Não, Sr. Pritchard. Não posso dar-lhe uma resposta, pois nada do que pudesse dizer seria verdade. A verdade está acima de nós e não em nós. Nós marchamos para diante na fé. E é tudo.

— Sim — disse o Sr. Pritchard —, suponho que é assim, realmente. Mas é duro.

— Ninguém pode dizer por que o Filho do Homem tinha de morrer — disse o Sr. Gruffydd. — Ele era o Príncipe da Luz. Podia ter governado o mundo. Mas Ele foi crucificado e quando homens se dispuseram a lutar por Ele, disse-lhes que embainhassem suas espadas. Permitiu que a canalha O crucificasse. Por que morreu Ele dessa forma, quando poderia ter escolhido outra? Para nos salvar, sabemos nós. Mas por que morreu Ele justamente daquele modo? Fora-lhe ordenado? Então ousaremos dizer que foi determinado que Dilys morresse do jeito que morreu?

— Mas por que não eu? — disse o Sr. Pritchard. — Já vivi minha vida. Não foi uma boa vida, mas fiz o melhor que pude... Estava pronto a ir em lugar dela.

— Não tenho resposta para dar-lhe, meu caro Sr. Pritchard — disse o Sr. Gruffydd, estendendo a mão para tocar no braço do Sr. Pritchard. — Deus a levou. Qualquer discussão é inútil. Podemos somente ter fé em Deus e resolver que as causas que tornaram sua morte possível sejam eliminadas e sem demora.

— Ouçam todos — disse o Sr. Evans. — Que poderá ser feito para alcançar esse objetivo, Sr. Gruffydd? Diga e eu farei tudo quanto puder.

— Primeiramente — disse o Sr. Gruffydd — marcarei uma reunião para amanhã à noite. Agora, aqui nesta casa, não é o lugar próprio, nem é oportuno. Mas isto tem de ficar bem claro no espírito de vocês. Aquela almazinha não nos foi arrebatada em vão. Dela ouviremos falar ainda por muito tempo.

— Amém — disseram todos os homens.

— Obrigado, Sr. Gruffydd — disse o Sr. Pritchard —, isso é realmente um conforto para mim. Mas não basta.

Voltou o silêncio, então, e meu pai piscou-me os olhos para retirar-me. Fui para casa, cuidar de minhas lições.

Embora na escola eu não fizesse nada, em compensação muita coisa fazia à noite, com a Sra. Tom Jenkins, ou Davy e Ianto, prontos a me auxiliarem. Davy e Ianto tinham muito trabalho seu agora, pois o sindicato crescia dia a dia e Ellis, o carteiro, estava sempre à nossa porta, dia e noite, com grandes maços de correspondência para eles, mas sempre paravam para ajudar-me e, em troca, eu escrevia cartas em nome deles.

Quando entrei, encontrei Davy trabalhando, com Wyn a meter as cartas nos envelopes, à proporção que ficavam prontas, Angharad a lacrá-las e Ianto pintando um grande aviso para uma reunião.

— Como foi o enterro? — perguntou-me Davy.

— Muito bom — respondi.

— Jones Pentre Bach estava lá? — perguntou ele.

— Estava, sim.

— Foi mesmo o que pensei — disse Davy. — Ninguém poderia ser enterrado sem que ele estivesse presente ao funeral. Nunca perdeu um enterro sequer, aquele homem, durante vinte anos. Um frequentador do campo-santo. Gente dessa espécie me faz ficar doente.

— Ora, Davy — disse Wyn, com surpresa —, o velho está apenas mostrando seu respeito pelos mortos, rapaz.

— Respeito? — disse Davy, com ardor e desprezo. — Não é respeito arrastar-se atrás de tudo quanto é caixão de defunto que se

encontre pelo caminho. Adoradores da morte e dos ritos fúnebres. Urubus humanos. Sentem o fedor da carniça no nariz.

— A única parte do enterro pela qual eles se interessam é o chá — disse Ianto. — Lágrimas para fora e chá para dentro, e é assim que o equilíbrio é mantido.

— O que vocês têm é preguiça de subir à montanha — disse Wyn, com raiva. — Tudo mais é desculpa. Preguiça, preguiça só.

— Prefiro ir à cidade e voltar, a ter de entrar em qualquer cemitério — disse Ianto. — Não é preguiça, é bom senso. Ora, cemitérios! Se algum lugar houver mais feio e mais desagradável que um cemitério, espero que nunca meus olhos venham a ter o desprazer de contemplá-lo.

— Que queria você, então? — perguntou Angharad. — Que a pobrezinha fosse metida numa turfeira?

— Que fosse queimada — disse Davy. — Em pó te hás de tornar. E quanto mais depressa e mais limpamente, melhor. Agora, silêncio, e vamos trabalhar.

— Huw — disse Ianto —, vá buscar um martelo e pregos lá no barracão. Temos que pregar isto antes que escureça.

Ianto carregou o aviso e a caixa de ferramentas para a aldeia e, à frente do Três Sinos, onde havia um velho tronco de árvore, pregamos a notícia da reunião. Pedia a todos os interessados nas suas questões pessoais e no bem-estar dos seus para se encontrarem no campo de Jones, o zelador da capela, às seis horas da tarde seguinte e chegar, resolutamente, a uma decisão contra a adoção do salário proporcional e convocar uma comissão para apresentar aos proprietários o que for decidido.

Uma multidão se juntou em torno de nós, logo que acabamos de pregar o aviso, e os que sabiam ler leram em voz alta para os que não sabiam. Muitos que regressavam do enterro também pararam, e Isaac Wynn, um diácono, olhou para o aviso e estalou a língua.

— Quando é que vocês, os Morgan, irão cuidar de seus próprios negócios? — perguntou ele, de má cara, a Ianto. — Vocês estão sempre a puxar os operários para um lado e outro. Que direito têm de se dirigir a nós? Era melhor vê-los mais vezes na capela e menos

no campo de Jones; vocês seriam muito mais respeitados, por muita gente.

— Se eu puder obter salários maiores serei menos respeitado e com prazer — disse Ianto. — São os salários que dão de comer às crianças. Não costumam fornecer-lhes respeito. Quanto a nossos narizes, eles se meterão onde bem entendermos. Enquanto o senhor estiver a escutar-me, eu lhe falarei a respeito do que está errado. É esse um direito meu. E se o senhor achar que eu é que estou errado, pode ficar a falar contra mim. É o seu direito e eu nunca deixarei de reconhecê-lo. Quanto à capela, é um bom lugar, mas não aquele que eu goste de frequentar, pois lá encontro muita gente de sua laia. É por isso que acho melhor frequentar o campo de Jones. Boa noite ao senhor.

— Você ainda receberá a paga pelo que está dizendo — gritou, atrás de nós, Isaac Wynn.

— Tanto melhor — disse Ianto —, contanto que seja com um aumento de salário.

— Volte para Londres — gritou Isaac Wynn. — Leve para lá suas estúpidas ideias.

— Hei de contar isso aos proprietários — gritou Ianto, em resposta —, porque lá é que seus verdadeiros salários são gastos. Se vocês estão contentes em ver o que está saindo de seu bolso para cair nos bolsos dos patrões, dos banqueiros, dos judeus e nos traseiros das raparigas, eu não. Por isso é que aqui estou para falar como falo.

— Como é que as raparigas ganham nosso dinheiro? — perguntei a Ianto, enquanto regressávamos.

— Sinto muito ter falado nisso na sua frente — disse Ianto —, mas aquele idiota me fez ficar fora de mim. Você é muito menino ainda para saber dessas coisas. Ficaré sabendo quando chegar o tempo.

Voltamos assim para casa, eu com aquela sensação de vazio, aquela sensação de vazio e de calor que provoca a raiva dentro da gente, quando desejamos saber alguma coisa de que apenas umas poucas palavras nos fariam conhecedores, e essas mesmas palavras nos são negadas.

Lá em casa, Davy estava conversando com dois homens, no barracão, dois homens geralmente tidos em pouca conta. Era uma surpresa encontrá-los perto de nossa casa, pois Dai Bando e Cyfartha Lewis eram incultos e lutadores, embora homens direitos.

— Venha cá, Huw — disse Davy, pondo seu braço em torno de meus ombros. — Você conhece Huw, Dai?

— Conheço, sim — disse Dai, sorrindo e mostrando um dente único do lado da boca. Não era muito mais alto do que eu, mas largo como seis, e de braços compridos. Seu rosto estava coberto de pequenas marcas de golpes, todo azulado de pó de carvão. Os olhos quase escondidos pela pele que fora cortada e cicatrizada vezes e vezes seguidas. Mas seus olhos cintilavam como os de um melro. Dizia-se que já lutara mais de mil vezes e um marquês o convidara a ir a Oxford, para ensinar os estudantes a lutar, com os nós dos dedos, naturalmente, mas se embriagara em Londres e mandara um par de policiais para o hospital, acabando por ser metido no xadrez. Por isso poucos eram os que se referiam a ele em bons termos.

Cyfartha Lewis era mais moço, mais alto, de porte airoso e de largos ombros, bem conhecido por ser o campeão de seu peso, na principal mina. Em vez de irem à capela, ele e Dai seguiam para a cidade aos sábados, para lutar à noite, e costumavam regressar a casa a tempo de entrar para a turma da manhã, na segunda-feira. Mas o certo é que, fizessem o que fizessem no domingo, ir à capela é que não iam.

— Dai vai dar-lhe lições da arte de boxear, Huw — disse Davy. — Pedi-lhe para vir aqui e ver se podia fazer alguma coisa de você.

— Dispa-se, rapaz — disse Dai, com sua vozinha esganiçada e fazendo movimentos com as mãos, que eram grandes e de formato engraçado, sempre meio fechadas para mostrar as juntas dos grandes polegares.

Tirei então a camisa, ficando nu da cintura para cima. Dai olhou e começou a me beliscar, como minha mãe fazia com os frangos, antes de metê-los na panela.

— Mais nos ombros, mais nas costas, mais nos antebraços — disse Dai, com um olhar que me pareceu aborrecido. — E suas

pernas precisam de mais duas iguais, para se tornarem bastantes, não é, Cyfartha? Dê um soco aqui, rapaz.

Espichou o queixo e bateu nele com seu dedo mindinho,, mas tive medo de pespegar-lhe um bom murro.

— Vamos, rapaz — disse ele —, um soco pra matar.

— Adiante — disse Cyfartha, sorrindo. — Ganhará um soberano, se jogá-lo ao chão.

Então dei o soco, mas não lhe encontrei a cabeça, embora Dai nem se movesse.

— Não chega nem pró café — disse Dai —, mas ele sabe usar seus ombros e sabe ficar firme, não é, Cyfartha?

— Tenho visto sujeitos muito piores — disse Cyfartha.

— O que o atrapalha são as pernas. Nunca poderá dar um pulo com elas. Um bom sopapo bastará para que eles o mandem para a cama.

— Preste agora atenção, Dai — disse Davy. — As pernas do rapaz o impossibilitaram de frequentar uma boa escola. Mas você deverá ensinar-lhe o bastante para abrir seu caminho na escola em que se encontra agora, quer tenha pernas quer não. Sim ou não?

— Sim — disse Dai. — Eu estava lá em cima na noite em que sua mãe ali esteve. Meu Deus, que noite espantosa aquela, hem, Cyfartha?

— Sim, deveras — respondeu Cyfartha. — Fizemos uma fogueira no rochedo, a noite inteira, e descemos para a mina na manhã seguinte. Nem me fale naquela noite, deveras. Vinte boas libras paguei para salvar as mãos dos efeitos daquela geada.

— A que horas da manhã? — perguntou Davy, já impaciente.

— Às quatro e meia, aqui no alto, e às cinco horas, lá em cima, na montanha. Uma hora lá, até às seis, meia hora para descer, e o desjejum então, às sete. Hem, Cyfartha?

— Está bem — disse Cyfartha. — E nada na barriga a não ser água antes de sair.

— Está bom — disse Davy, bem satisfeito. — Você vai receber lições de campeões, Huw. Agora pode ir tratar das lições de seus livros.

E dessa forma, passei de Dai Bando e Cyfartha Lewis a Péricles e John Stuart Mill.

Naquela primeira manhã, Davy entrou para dar-me um puxão e reter a tábua solta, enquanto eu cruzava o patamar, em silêncio, às quatro e um quarto, escuro como breu, e frio de fazer a gente bater os queixos, sem me ter lavado, porque o balde teria ressoado na cisterna com um barulho capaz de despertar a colina, e na casa havia somente o bastante para o desjejum. Em seguida saí de casa para um vento gelado, que provocava lágrimas e uma dor como a de um gancho que nos enfiassem no nariz. Dai e Cyfartha desceram, do lado de sotavento, da última casa, ambos formando apenas negros e rotundos vultos, e somente a cadência dos passos denunciava se eram eles ou não.

— É você, Huw Morgan? — perguntou Dai, gritando no vento, mas apenas um sussurro se ouvia.

— Sou eu, sim — gritei, em resposta. — Bom dia.

— Pró inferno — disse Dai, cuspiendo. — Venha cá.

Subimos juntos a montanha, mas vi com surpresa que Cyfartha nos seguia, acompanhado de muitos, pelo que se percebia do tropel de passos, mas Dai agarrou-me pelo pescoço e praguejou, quando parei para ver, forçando-me a caminhar. Fomos lá para cima, mais depressa do que eu jamais andara até ali, mas, estando atrasado para a escola umas duas vezes, conseguira certa prática em subir correndo, de modo que não me distanciei de Dai, até o topo, e mal dei sinal de cansaço.

— Tire a camisa — disse Dai, tirando a sua, enquanto todos os outros se despojavam de suas roupas. Tirei também a minha e garanto-lhe que pensei ficar enregelado, pois o vento era vivo e vozeava baixinho, mas forte bastante para derrubar a gente. Ainda estava escuro, mas acima do outro vale o céu começava justamente a mostrar-se cinzento, embora preto por toda parte. Somente escuridão havia nos vales, exceto onde Meirddyn Jones estava levantando da cama, com uma luzinha amarela, e a luz na casa do guindaste, lá embaixo na mina.

À aproximação da manhã, Dai Bando era homem para temer-se.

Sua pele estava rosada pelo frio e mostrava músculos que faziam a gente até duvidar. Os músculos de seus braços eram mais grossos que minhas coxas, e acima dos coses de suas calças, seis quadrados, cada qual mais grosso que meus dois punhos juntos, sobressaíam de modo a poder você partir uma bengala em cima deles. Seus ombros tinham gordas dedadas de músculos, que se dirigiam para as extremidades de seus braços, como um leque aberto, e atrás dos ombros, feixes de músculos

juntavam-se em torno das omoplatas, como duas grandes cordas, descendo de cada lado de sua espinha dorsal.

Nunca me esquecerei de Dai Bando, naquela luz cinzenta, todo cercado de trevas e com o frio a picar-lhe a pele, em pequenas borbulhas, quando ele tirou a camisa e deu um puxão nas calças.

Cyfartha não era muito menos musculoso que Dai, e rapazes e homens, que com eles estavam, eram mais ou menos a mesma coisa. Somente eu era pele e ossos.

— Adiantem-se, rapazes — disse Dai, batendo em si mesmo com força —, é preciso espertar o sangue.

Durante minutos todos nós dançamos ali em redor, para afugentar o frio, pulando e saltando em volta, como moscas doidas, até que a luz se foi tornando dum verde e alaranjado de maçã, com linhas douradas, e pudemos ver-nos uns aos outros. As árvores tomavam forma e cores de um verde escuro.

— Deitem-se de costas — ordenou Dai, e todos nós caímos de costas, em cima da curta grama, que era macia como musgo, coberta dos cristais do orvalho gelado a cintilar lindamente, mas tão fria que era como um ferro quente no nosso dorso.

— Agitem as pernas acima das cabeças e movam os braços para a frente e para trás — disse Dai, e assim fizemos.

— Levantem-se e deitem-se sem o auxílio das mãos — gritava Dai, e nós para cima e para baixo, até que não pensamos mais no frio e ficamos a suar.

— Agora, preparem-se, um esquerdo direito e o outro em guarda — disse Dai. — Huw Morgan, aqui pra cima.

Fui para cima e, enquanto Cyfartha e os outros rapazes se preparavam, Dai levantou os punhos e eu os meus, trocando ambos

esquerdos diretos, evitando-os e assestando-os, abaixando a cabeça, com golpes de parada e outros para marcar pontos. Depois Dai me fez aproximar e golpeei-o de perto naqueles músculos da barriga, para reforçar meus músculos dorsais, até que me senti prestes a cair.

— Muito bem — disse ele, a sorrir —, você promete muito, realmente. Corra para a escola e arranje gordura e músculos para as pernas. Mas corra, não ande. Você só precisa de pernas fortes, nada mais. O resto eu lhe darei.

— Obrigado, Dai — disse eu, tão satisfeito que poderia ter transposto o vale com um salto. — Quando poderei lutar, então?

— Hoje — disse Dai. — Lute o tempo todo. Só numa luta aprenderá você quanto deve aprender. Quando souber isso, pode vir perguntar-me que lhe mostrarei. Mas lute.

— Está bem — disse eu —, hoje mesmo hei de lutar.

— À mesma hora, amanhã — disse Dai. — Vista a camisa e desça correndo a montanha, para casa. E lute, ouviu?

— Sim — respondi. — Hoje mesmo, deveras. Quando entrei, minha mãe já estava com meu desjejum pronto. Depois que me lavei, sentei-me para comer; ela, porém, sentou-se a meu lado e se pôs a alisar-me os cabelos.

— Esteve lá na montanha, hoje de manhã, não foi, Huw, meu filhinho? — perguntou-me.

— Estive, sim, mamãe.

— Para aprender a lutar, não foi? — perguntou-me, como se esperasse que eu dissesse não.

— Foi, sim, mamãe.

— Com efeito — exclamou ela, desesperançada. — Sabia disso, quando ouvi você sair de casa. Está certo. Mas se voltar para casa cheio de manchas roxas de novo, nem uma palavra lhe direi. Nada. Quebre o nariz e veja o que farei. Nada. Nem uma palavra, nem um olhar.

— Mas eu tenho que aprender, mamãe — disse eu —, do contrário eles me atacam, sem que eu possa detê-los ou pagar-lhes na mesma moeda.

— Não o estou ouvindo — disse ela, curvando-se agora sobre o fogo, com as mãos nos olhos. — O que você faz é despedaçar o coração de sua mãe, cada vez que sai de casa. Lembre-se do que lhe disse. Nem uma palavra, nem um olhar.

— Pois sim, mamãe — disse eu. Acabei de beber meu chá, peguei minha maleta e saí.

Capítulo XVIII

Já então me aclimatara na escola, de modo que não tinha mais aquele receio de lá entrar. Terrível sensação é a de olhar para uma porta e descobrir que todos os sentimentos íntimos nos dizem que devemos fugir dela. Mas a corrida pela montanha curou-me mais que qualquer outra coisa, pois dei entrada no outro vale com uma fonte de energia que me levaria solidamente através de paredes de tijolos.

Estava travando conhecimento com outros meninos, também, o bastante para dar uns pontapés e correr com uma bola em meio deles, mas esses eram rapazes que não constavam de minha lista. Dos anotados, conservava-me eu arredio, e mesmo quando eles me dirigiam a palavra, não lhes prestava atenção. E mais, essas falas iriam aumentar o que havia contra eles na minha lista. Recordei-me da advertência de Motshill a respeito de brigas, por isso andava à cata de um terreno distante da escola que nos conservasse a salvo do policial e dos professores, e nos desse campo para uma luta, se bem que muitos estivessem ali para ver-nos. Agradável lugarzinho descobri perto do hotel e vizinho da loja de fazendas, onde as construções formavam três lados dum largo, e apenas uma janelinha se abria no alto. Conservei aquele lugar na memória.

As lições seguiam o curso habitual, naquela manhã; o Sr. Jonas não me deu atenção e, mal me sentei, veio em seguida a hora de recreio.

Saímos para o pátio e me dirigi diretamente a Mervyn Phillips.

— Quero lutar com você depois das aulas — disse eu —, lá atrás da loja de Spackman, ouviu?

— Está combinado — disse ele, com seu pão com manteiga a meio caminho da boca e os olhos cheios de surpresa. — Darei cabo

de você.

— Está bem. Lá atrás da loja de Spackman.

— Não quero saber de ir para trás da loja de Spackman — disse Mervyn Phillips, largando o que comia no fundo de sua maleta —, venha agora mesmo.

— Lembre-se do que disse o Sr. Motshill.

— Covarde! Está com desculpas, não é?

Todos os meninos se aglomeravam em torno de nós e Mervyn Phillips foi tirando o paletó. De modo que tirei também o meu, e um dos rapazes da lista tentou arrebatá-lo, mas dei-lhe um pequeno tabefe com a parte mais grossa da minha mão, fazendo-o ficar apatetado por alguns instantes. É estranho como um pequeno gesto como esse, de resolução firme, consegue manter uma multidão quieta. Os meninos pararam, apertando-se em volta de mim, formando um círculo. Dois dos rapazes, que não constavam da minha lista, se aproximaram de mim e tomaram meu paletó e minha marmita, enquanto um outro formou com o joelho um comer do meu lado. Tiramos as camisas e os rapazes riram ao ver a diferença que havia entre nós, mas aquelas risadas tiveram como efeito apenas revigorar minha decisão de derrubar Mervyn Phillips.

— Pronto — disse Mervyn Phillips, e pôs-se em guarda, punhos erguidos e bem plantado. Era uma cabeça e um pedaço mais alto do que eu e prenunciava o homem bem forte que iria ser. Seu rosto e seu pescoço eram duma forte cor vermelha e continuava muito branco no pescoço e abaixo. Seus punhos mostravam-se escuros, na extremidade de antebraços cabeludos e louros, não por falta de sabão e de água, mas da poeira de carvão entranhada na pele.

Rodeei-o um pouco para ver onde seus punhos trabalhavam e ele tentou um esquerdo, mas esquivei-me e dei-lhe um murro no peito que o fez perder o fôlego. Seus olhos mostravam-se agora arregalados e de um azul escuro e nítido, observando-me. Vi que mudava de cor quando partiu a atacar-me, e eu ondulei da esquerda para a direita, vigiando os escuros punhos com o rabo dos olhos, os quais passaram em torno de meus ouvidos com sussurros de vento, e assestei-lhe meu esquerdo para atingi-lo em pleno nariz, com meu ombro atrás dele e meu direito aprestando-se para o revide. Mas ele

percebeu o perigo e, rapidamente, ergueu seu direito para apanhar-me. Veio então seu esquerdo e apanhou-me num lado da cabeça. Esborrachei-me no chão, com os pés da multidão em cima de mim e seus rostos rodando, rodando.

— Comer! — gritaram os segundos, e o meu veio a meu encontro, para me dar a mão até o joelho de Mat Powell. Levantei depressa, mas dentro de minha cabeça era o mesmo que o guindaste, quando a roda está se movendo para trazer as gaiolas e há um tremor e um surdo gemido da máquina sob pressão.

— Está em forma, Morgan? — perguntou-me Mat Powell, com o cabelo caindo-lhe no rosto, apesar de seus esforços para afastá-lo. — Desvie-se dele, homem. Mais um par de esquerdos como este e você ficará bom para o lixo.

Novo tempo, e recomeçamos, empurrados pelos segundos, que nos levantaram antes que estivéssemos em guarda um contra o outro. Novamente com cuidado, rondei-o, descobrindo as lacunas de sua guarda e seu hábito de levantar as calças com os cotovelos. Mas enquanto um homem puxa as calças, seus punhos estão inativos. De modo que o forcei a mover-se mais depressa, para que elas fossem escorregando mais rapidamente, na certeza de que iriam deslizando e que os cotovelos dele as seguiriam para levantá-las de novo.

Arremeti, com o rosto de meu pai perto de mim e suas palavras sopradas bem alto nos meus ouvidos, e Dai Bando atrás de mim, com suas mãos manobrando meus braços, como haviam feito naquela manhã. Um bom e longo esquerdo na base do nariz, partindo do ombro, com pés plantados firmes, um passo à frente na direção da cabeça dele, quando ela recuou e gotas de sangue borrifaram meu punho, um, dois, três golpes mais curtos, mais *jabs* do que *punches*, para tirar-lhe o equilíbrio, depois um passo à frente para me aproximar dele, e um direto, meio-braço, com todo o peso de meu corpo em seu seguimento, até o lugar entre os ossos de seu peito, meu punho encontrando carne, num som duro e claro, e continuando a entrar como num buraco, um imenso grunhido quando ele se dobrou para a frente, e agora eu, balançando-me nos calcanhares, para atingir-lhe o queixo com um esquerdo, quando sua cabeça veio para a frente, levando minha direita ao lado de seu

maxilar com toda a força de meus músculos. Ele caiu de comprido, enquanto eu também caía para trás, com a força que fiz para golpeá-lo.

E ali estava ele, procurando ajoelhar-se, com a mão agarrando a queixada e o sangue rútilo manando da cara, e ali estava eu, novamente de pé e esperando, quando o Sr. Jonas dobrou a esquina.

— A sineta já bateu — disse ele à multidão. — Estão surdos?

Então ele me viu, por cima das cabeças dos rapazes. E sorriu.

— Deveras! — disse ele, chegando mais perto, muito depressa, com as mãos nas costas, e marchando a passos marcados. — Temos então o nosso carvoeiro satisfazendo de novo sua paixão favorita?

Veio colocar-se perto de mim, mas não lhe dei atenção, vesti minha camisa, enquanto uns dois rapazes ajudavam Mervyn Phillips a vestir a sua. Todos os outros meninos tinham ido embora calados, mas eu podia ouvi-los, correndo às cegas, logo que se viram fora da vista do Sr. Jonas. Desejei ser um deles.

— Não deixarei de comunicar o fato ao Sr. Motshill — disse ele. — Mas eu mesmo vou castigá-lo. Você está na sexta elementar e sou responsável pelo seu procedimento. Você foi avisado, portanto não tem de que se queixar. Vá à minha mesa, retire de lá a vara e espere que eu chegue.

Afastei-me dele e segui para a escola, com Mat Powell a meu lado. O dia estava bastante cinzento, mas não muito frio, com uns borrifos de chuva no vento leste, nada animadores. Nunca odiei tanto alguma coisa inanimada quanto aqueles tijolos amarelos daquele baixo prédio escolar.

— Meta meu paletó nos fundos de suas calças — disse Mat —, senão ficará com o traseiro em sangue.

— Não me importo — disse eu. — Isso não adiantará nada.

Entramos no salão de aula. Mat foi sentar-se na comprida carteira e eu fui buscar a vara no gancho, ficando junto do armário dos livros. A classe tinha mais de quarenta alunos, sendo mais da metade meninos e o resto meninas. Nunca sentira muito interesse em olhar para as meninas, pois estavam sempre quietas, e nunca me preocupei em diferenciar umas das outras, pois não passavam de

meninas. Mas de frente para elas, tinha mais possibilidade de vê-las. Um grupo de criaturas sem graça eram elas, exceto duas.

Ceinwen Phillips sentava-se perto do irmão. Ambos eram da mesma altura e tinham o mesmo formato de rosto, mas Ceinwen tinha o nariz mais curto e mais bonito, com a boca sempre entreaberta, mostrando bons dentes, e o lábio inferior largo e carnudo. Lindos e grandes olhos os dela, azuis como os de seu irmão, mas com muito de feminino neles, e cabelos compridos e ondulados, que lhe iam até a cintura, da mesma cor de feno novo.

Olhou-me, com ódio mortal, quando seu irmão entrou, e continuou de olhos fixos, sem pestanejar, enquanto procurava seu lenço no cinto, para que Mervyn enxugasse o sangue do rosto. Fui olhando cara por cara, ao longo das compridas carteiras, depois olhei meu lugar vazio, e mais caras, algumas daquelas que constavam de minha lista, outras não, olhei para Mat Powell, que me fitava vivamente, como a animar-me, em seguida mais caras, até Shani Hughes, que se sentava na extremidade da fileira mais perto de mim. Shani era feita de algo azulado, um azul que a gente encontra às vezes entre as chamas, um azul pálido porém não aquoso, com profundidade e muito de firmamento.

Shani tinha nos cabelos a cor das folhas de setembro que brilham, e uma fita vermelha subindo-lhe por trás das orelhas, com um laço no alto. Era pequena e delicada de voz e de movimentos, tinha olhos escuros e uma boquinha estreita e posta de lado, parecendo aquelas rainhas das moedas gregas. Descobri piedade nos seus olhos, e sombria tristeza.

Mudei a vista de Shani para Ceinwen, e nesta ainda vi ódio mortal. Voltei a olhar para Shani. E tomei a resolução firme de não abrir a boca, fosse o que fosse que o Sr. Jonas pudesse fazer-me.

Ele entrou por trás de mim, silenciosamente, sem me olhar. Sabia que estava rindo e o silêncio se tornou queimante, quando ele veio colocar-se atrás de mim. Tomou a vara de minha mão, mas eu continuava a olhar para o retrato do Duque de Wellington, na parede de trás.

— Mervyn Phillips — disse o Sr. Jonas, batendo com a vara de encontro à perna —, tenha a bondade de vir para a frente e ficar de

costas curvadas.

Mervyn Phillips adiantou-se, sem olhar para mim, corando, com as manchas ainda na cara, e ficou de lado, curvando-se para o chão. Ceinwen sorria agora e tocou com o cotovelo a menina a seu lado. Abriam-se sorrisos em todos os rostos na sala, mas não sorrisos de simpatia, apenas movimentos da boca, como se dessem graças por não estarem no meu lugar. Senti algo que se arrastava dentro de mim, cada vez mais profundamente. Não era medo, porém, mas expectativa, espera do que estava para acontecer e que não sabia quando, mas crente de que seria em breve, acompanhada de umidade nas mãos e dum prurido ardente na pele do rosto.

— Queira curvar-se sobre as costas dele — disse o Sr. Jonas, ainda por trás de mim, ainda manso, mas repentino, para me fazer assustar.

Galguei as costas dele e preendi minhas mãos em torno de seu pescoço. A vara assobiou duas vezes, como se o Sr. Jonas estivesse verificando seu comprimento. O som parou pelo meu cérebro adentro e minha força de vontade afluiu para as minhas costas, expectantes, tendidas, com os nervos alerta para um golpe.

A vara sibilou de novo. Vi-lhe a sombra veloz no soalho e, cheio de dor, senti-lhe a pancada em cheio nas minhas costas, com seu efeito agudo e tremendamente queimante. Novo sibilo e nova sombra, o grunhido do Sr. Jonas, o movimento da garganta de Mervyn Phillips entre meus dedos, um cambaleio dele para a frente, os seus pés abrindo-se para se firmar melhor e, novamente, a aguda dor queimante. E mais, e mais, e mais, sem nenhuma pausa, como um mecanismo de relógio e o som mudando, à proporção que os golpes caíam sobre mim e voltavam para cima e tornavam a cair, até que minhas costas eram uma dor somente, abrasada, em chamas. Os olhos se velaram, uma trovoadas me enchia a cabeça e os golpes se foram mudando em apenas uma dura e estúpida repetição, não importando mais nada e não machucando mais do que flocos de neve.

A vara partiu-se. A ponta voou por cima de mim e saltou para um ponto onde eu podia vê-la.

— Pois agora — disse o Sr. Jonas, em voz de falsete e resfolegante —, vá lutar de novo. Isto foi apenas uma pequena amostra. Vá para seu lugar. E nada de tolices mais. Aprenda a comportar-se.

Olhei para ele, ao descer das costas de Mervyn Phillips, e achei-o pálido, com a fronte suada, um tom azulado em torno da boca, um arreganho de músculos repuxando um lado de seu rosto, uma vermelhidão nos olhos e um tremor nas mãos, que ele se esforçava por conservar quietas, entrelaçando os dedos. Seus olhos se fixaram duros em mim, movendo-se sobre meu rosto, mas continuei a encará-lo. Umedeceu os lábios com a língua, sua respiração se tornou curta, como se rédeas houvessem sido retesadas. Depois dei-lhe as costas e fiz força nas pernas para que me levassem até meu banco. No caminho vi o lenço de Ceinwen Phillips, manchado do sangue de seu irmão, todo estraçalhado em cima de sua carteira e seu rosto oculto e os ombros a tremerem.

— Agora — disse o Sr. Jonas, ainda em falsete, mas se aproximando mais de seu tom próprio de voz e esquecendo seu laborioso inglês —, vamos ter geografia. Peguem seus atlas e procurem a Índia, por favor.

E enquanto ele ensinava geografia, eu permanecia sentado.

Muitas vezes naquele dia desejei estar deitado de costas no gelo, sobre a grama fria. Sentia-me em brasas, sem vontade de mover nem mesmo um braço. Chegou a hora de almoçar, mas continuei sentado, outra coisa não desejando senão beber, mas sem querer mover-me, nem mesmo para isso. Fui poupado de fazê-lo, pois Shani entrou poucos minutos antes do toque da campainha, para arrumar seus livros, e me encontrou.

— Oh! — exclamou ela, levando as costas da mão rapidamente à boca e arredondando os olhos — você ainda está aqui?

— Estou, sim.

— E não almoçou?

— Não.

— Quer que lhe traga o almoço? — perguntou ela, aproximando-se mais e relanceando a vista para a porta. — Você poderá comer depressa, não é?

— Quero somente um pouco de água.

— Água, não é? Espere um pouco.

Saiu da sala correndo, depressa mas silenciosamente, nas pontas dos pés, com um frufu de saias azuis com um galão amarelo, em três linhas, em torno de toda a fímbria, e alguns laçarotes na frente, com o cabelo movendo-se como uma pena soprada da cama, quando se agita um cobertor, devagar e ondulante, para cima e para baixo. Voltou de novo, com mais precaução, trazendo um jarro, com água a correr-lhe pelas mãos e fazendo brilhar manchas escuras no seu vestido.

— Agora beba — disse ela, com um olhar cheio de calor — e bote o jarro debaixo da carteira, para beber de novo. Está sentindo muita dor?

— Estou, sim. Dói muito.

— Eles disseram que você tinha pedaços de tapete por baixo das calças, por isso é que aguentou firme.

— Veja se tenho algum pedaço de tapete.

Ela aproximou-se e senti um perfume de canela e cravo-da-índia, que ela emanava, quando colocou a mão para tomar minhas costas. Foi apenas um toque, mas tão pesado e tão agudo me pareceu ele, como se ela tivesse um ferro em brasa nas mãos.

— Sinto muito — disse ela, com a boca a trejeitar e os olhos se enchendo de lágrimas, uns olhos castanhos, profundos e grandes. — Não há tapete.

— Não é nada. Não tem importância.

— Vai contar à sua mãe?

— Não, não.

— Você gosta de ovos de passarinho? — perguntou ela, esboçando um sorriso.

— Sim, tenho tido muitos.

— Tem, nada — retrucou ela, já agora com um sorriso.

— Tenho, sim. Já teve um rouxinol?

— Não — respondeu ela, sentando-se, com as sobrancelhas erguidas e ainda a sorrir. — E você, já? Eu ia dar-lhe um ovo de pintarroxo.

— Por quê?

— Porque você está sentindo dores — disse ela, e seu sorriso desapareceu.

— Aceitarei o de pintarroxo, se você aceitar o de rouxinol.

— Eu gostaria mesmo — disse ela, de novo a sorrir, mais largamente do que antes. — Gosto de rouxinóis. Como cantam bem! Você já possuiu algum rouxinol?

— Milhões. E faisões, perdizes, gaviões, francelhos e tentilhões.

— Nós ganhamos milhares deles, mas eu gostaria de ver um gavião no ninho e gostaria de ouvir um rouxinol cantar. Eles costumavam cantar para nós, mas deixaram de o fazer desde que se abriram as novas forjas. Queimam todas as árvores.

A campainha parou de tocar e também desapareceu o sorriso de Shani, que se levantou e saiu.

— Depois da aula — disse ela, e sua mão era como uma onda branca a acenar da porta.

Infundável foi aquela tarde e infinitas minhas graças quando chegou a termo e pude voltar para casa, afinal. Lá fora, no pátio de recreio, o ar como que me deu uma pancada e tive de apoiar-me a uma parede para recobrar energia. Depois continuei, rua abaixo, cansado das dores e pronto a deitar-me em qualquer parte.

Mervyn Phillips correu a meu lado, com Ceinwen do outro.

— Sinto muito que todas as pancadas de vara tenham sido para você, Huw Morgan — disse ele —, mas o homem está com raiva de você e pronto. Quer que eu leve seus livros?

— Obrigado, não é preciso.

— Podemos apertar-nos as mãos, então? — perguntou-me ele, um tanto tímido e um tanto enrubescido, empurrado por Ceinwen.

— Está bem — disse eu, e apertamos as mãos, encabulados.

— Huw Morgan — disse Ceinwen, ela sim, bem corada e sem pressa, com os olhos azuizinhos, azuizinhos, enormes e brilhantes —, vou dar-lhe um beijo.

E beijou-me. Senti sua boca na minha face, mais quente do que meu rosto, seu hálito mais ardente e cheio de vida e suas mãos, que me feriam, quando se aproximou de mim. Depois saiu correndo, com os cabelos a esvoaçar, e atravessou a estrada diante dum cabriole. O condutor virou-se para praguejar contra ela, que lhe estirou a língua.

— Verei você amanhã, Huw — disse Mervyn, e correu a jogar uma pedra no condutor do cabriole.

Desci até o largo e caminhava devagar, quando Shani me alcançou. Percebi que era ela pelo seu passo, embora tivesse de passar-me à frente para falar-me, pois eu estava incapacitado de me voltar.

— Como irá você para casa? — perguntou-me. — Quer que peça a papai para eu levá-lo de carro?

— Não. Vou com Ellis, o carteiro, agora mesmo.

— Como me sinto alegre — disse ela e uma sombra passou-lhe no olhar, ao mesmo tempo que juntava as mãos, com alívio. — Estava com medo, a cada momento, que você caísse.

— Caísse? — disse eu, com a raiva brotando-me no íntimo. — Só hei de cair quando morrer. Estou apenas um pouco doído. Amanhã lhe trarei o ovo de rouxinol.

— E você terá também o ovo de pintarroxo — disse ela, num cicio. — Agora, adeus.

— Adeus — disse eu, e subi para o lado de Ellis, e oh! que doce alívio para mim! A almofada era macia e a coberta, por trás de mim, não me machucava as costas.

Achei a casa quieta e mudei minha roupa. Não havia ninguém, de modo que pude ver minhas costas no espelho, riscadas de largos e profundos vergões que formavam sombras de tão grossos que eram. Ouvi então Ianto assobiando, de volta da mina, e apressei-me em vestir-me, mas ele entrou antes que eu pudesse envergar a camisa.

— Alô — disse ele, jogando para mim sua marmita, que deixei cair. — Você teria um ponto contra, rapaz. A bola cairia do outro lado, antes de você haver aberto os olhos.

Parou calado, com os olhos avermelhados no rosto preto de pó, e tratou de levantar-me a camisa.

— Que é isso, rapaz? — perguntou ele, assobiando.

— Foi na escola.

— Foi na escola que lhe fizeram isso? — perguntou ele, olhando de novo. — Ele cortou-o até o osso, homem.

— Não diga nada — pedi eu, vestindo de novo a camisa.

— Você já sabe o que mamãe dirá.

— Eu é que bem sei o que direi a quem fez isso em você — disse Ianto. — Espere que eu acabe de tomar banho.

Tirei meu chá da estufa. Nesse instante Bron chegou, para tirar roupa da corda para Ianto e alguma para Ivor.

— Como está o grande homem? — disse ela, beliscando-me as bochechas.

— Vou bem.

— Ótimo! — disse ela, pegando minha marmita. — Gostou da torta de maçã que fiz para você?

Sentiu então o peso e olhou para mim, meio sorridente e meio carrancuda.

— Anda carregando pedras aqui dentro, não? — perguntou-me, e puxou a chapa do ferrolho para abri-lo.

— Deus meu, que foi isso, rapaz? — exclamou ela, surpresa. — Não comeu nem um tico. De que serve cozinhar especialmente para você e ver que a comida volta de novo para casa?

— Deixe-o em paz, Bron — gritou Ianto lá de fora, com o balde a arrastar-se duramente nas pedras. — Olhe para as costas dele.

— Não — disse eu e corri de casa para a montanha, com Bron a gritar por mim.

Subi para o topo, contente por sentar-me ao vento frio.

A dor é um excelente purificador do espírito e conseqüentemente da vista. Coisas que pareciam significar um mundo, quando estávamos com saúde, passam a não ter importância alguma, quando a dor nos maltrata duramente.

Naquela tarde, enquanto o frio enregelava a dor, enquanto eu via de novo a cara do Sr. Jonas, de novo lutava com Mervyn Phillips, via o rosto de Ianto e tentava procurar sossego para meu espírito efervescente, mergulhei em pesado sonho, que não tinha começo nem fim, e vi o vale, despido de sua pele e de seus ossos de relva e árvores, com clareza e imortal verdade. Como formigas a fazer buraco, vi homens a trabalhar, bem lá embaixo, para levar dinheiro para suas casas. Vi alguns homens pagando com aquele dinheiro e ficando com a maior parte para si mesmo. Vi as riquezas da terra esfareladas pelas picaretas e levadas pelas pás. Vim a perceber

naquele instante que, como todas as outras coisas, aquelas riquezas teriam um fim. O dinheiro não seria pago, pois não haveria ninguém que fosse patrão ou operário. A picareta e a pá se enferrujariam. As minas de carvão seriam deixadas às inundações e aos ratos. Os operários ir-se-iam embora. As casas ficariam vazias. A capela ficaria às escuras. A relva compassiva tentaria cobrir tudo.

E tive medo.

Olhei para cima, para o céu que escurecia, e vi a grande roda do guindaste cortando a luz com suas hastes, à medida que diminuía a velocidade e ia parando. Ouvi o barulho das derradeiras lâmpadas e o tinido das derradeiras fichas de latão, que os homens entregavam na arrecadação. Depois suas botas, caminhando pesadamente na areia, se afastavam cada vez mais dos meus ouvidos, e a algazarra de miríades de ratos, felizes nas águas negras da mina abandonada, erguia-se sufocando todos os outros sons. E o terror se apoderou de mim.

Despertei, na escuridão, demasiado entorpecido para mover-me e ainda garroteado pelo medo, tão fortemente que não ousava abrir os olhos. Pouco a pouco fui movendo as pernas, e como os ruídos da noite chegassem a mim, para confortar-me cada vez mais, me sentei.

O vento mostrava-se acerado na sua faina, assobiando uma pequena toada para dar a saber a seus amigos da montanha que estava aqui e ali, para arejar casas e não para brincadeiras com folhas caídas e galhos secos, pois os teria e sem demora. Quanto mais ele assobiava, tanto mais as árvores procuravam fazer psius de silêncio, e quanto maior a árvore, maior o psiu. Batiam nele com seus braços para fazê-lo parar com suas cócegas, mas tudo inutilmente, porque o vento passava dum lado para outro e elas nada podiam fazer, senão gesticular para ele, ou sibilar cada vez mais psius.

O céu estava repleto da tênue luz das estrelas e, lá embaixo, a aldeia mostrava compridas linhas cruzadas de pequenas luzes amarelas, uma brilhante, a sair da capela, duas do Três Sinos, e um par de pequeninas, lá do outro lado da montanha, na granja, e tudo mais escuro, com aquela escura e plena suavidade que prenuncia

uma chuva a cair. A montanha, do outro lado, se havia voltado para dormir e o negro osso do seu quadril curvou-se e espichou a coxa na escuridão, e, mais além, as outras montanhas dormiam também, com sombras na cor de alfazema, que se ia tornando dum azul mais profundo.

O vento mantinha sobre a cabeça dela o vozerio do coro, vindo da capela para que eu ouvisse, e ecoava-o, mas naquelas poucas notas eu ouvia as ricas e másculas vozes dos homens do vale, áureas, bravas e límpidas, cheias de bondade e de altivez de espírito, e sabia que suas vozes eram minhas, pois eu fazia parte deles como eles de mim, e o vale era parte de nós, e nós éramos parte do vale, nenhum mais do que outro, nenhum sem o outro. Meu era o vale e do vale era eu, e cada folha de erva, e cada pedra, e cada folha de cada árvore, e cada montículo de carvão ou gota de água, ou vara, ou ramo, ou flor, ou grão de pólen, ou criatura viva, ou poeira do chão, todos faziam parte de mim como meu sangue, meus ossos ou meu pensamento.

Meu vale, ó meu vale, dentro de mim, viverei dentro de ti eternamente. Que a morte, ou coisa pior, fulmine este cérebro e a cegueira coma estes olhos, se o pensamento ou a vista te esquecerem. Vale da Sombra da Morte, agora, para alguns, mas não para mim, porque parte de mim é a memória de ti, com teus verdes e tuas manchas pardacentas com tudo quanto é vivo, feliz nas tuas profundezas e nos teus recantos, quando nos exalavas os teus doces perfumes e enviavas temperos para as panelas, flores, e pássaros cantavam cheios de prazer de estar contigo!

Foi o meu sonho e aquela visão que me levaram à casa do Sr. Gruffydd naquela noite, pois eu desejava saber se tinham ou não razão. Sentia que estavam certos, mas desejava que estivessem errados. Enquanto descia, os rouxinóis cantavam perto das moitas de amoras silvestres, junto do campo do Glas Fryn. Pensei então em Shani Hughes.

Quando cheguei à aldeia, não encontrei ninguém pelas ruas, nem mesmo um gato, mas vinha da capela um rumor de vozes, cessando, de vez em quando, para que o povo aclamasse. Lembrei-me da grande reunião marcada para aquela noite pelo Sr. Gruffydd.

Aproximei-me e tentei entrar pela porta de trás, mas estava aferrolhada. Segui então para a da frente e deparei com o pórtico apinhado de gente, que escutava, com os rostos pálidos à luz das lamparinas de azeite, mas cheios de doçura, de paz, de um sorriso de esperança, como se grandes notícias tivessem chegado para cada um, causando-lhes alegria.

Através das portas abertas vi as compactas fileiras de pessoas e nas naves laterais todos estavam ajoelhados, e até mesmo o grande estrado se via repleto de gente de joelhos. Os olhos do Sr. Gruffydd estavam fechados e seus punhos cerrados em cima do livro.

— Deus amado — rezava ele —, esclarecei-nos. A treva obscurece o pensamento dos homens e nessa treva se acoita Satã, sempre pronto, sempre vigilante, ligeiro no encontrar um meio de fazer o mal, uma ação danificadora, um pensamento prejudicial. Dai-nos a luz, ó Deus!

— Amém — disse a multidão.

— O mal que está no homem nasce das mentes ociosas — rezava o Sr. Gruffydd —, pois os vadios não podem pensar e não pensarão. Estimulai-os com o fogo, ó Deus! Enviai sobre nós as vossas chamas para que nossos pensamentos mortos sejam consumidos, assim como queimamos a erva seca. Enviai chamas, Senhor Deus, para que possamos ver.

— Aleluia! — exclamou a multidão, em uníssono.

— Todas as coisas são meios, mas nem todas as coisas edificam. Há coisas, porém, necessárias que nos faltam e que edificarão. Sabemos quais são elas e Vo-las pedimos, Senhor Deus, aquelas mesmas coisas que o Vosso Filho Bem Amado pediu e pelas quais morreu. E delas, o nosso pão cotidiano, que outros, cegos de vista e de alma, querem tirar de nós. Fazei que eles sejam arrancados de sua cegueira, Senhor Deus. Deixai que eles vejam.

— Aleluia! — gritou o povo.

— Assim como a Voz cantou na Treva quando a Terra nasceu, deixai que de novo outra voz cante através das trevas que povoam as mentes humanas e diga "Que a luz se faça" e, Senhor, a luz será feita. Porque a mente esclarecida do homem pode levar ao gozo de todas as coisas boas para si mesmo e para os da sua espécie, à sua

escolha. Mas numerosos são os crânios por trás das grades douradas da mansão de Mammon, cheios, plenos, e por isso esquecem seus irmãos e os renegam, e permitem que andem na ociosidade faminta, que suas mulheres morram de penúria e seus filhos pereçam, mesmo antes de haverem nascido. Iluminai a nossa treva, Senhor Deus. Que a luz se faça!

— Aleluia! — exclamou o povo.

— Vinde a mim, vós todos que estais cansados e sobrecarregados — cantou o Sr. Gruffydd.

— Hosana, hosana — cantava o povo.

— Vinde, cantemos ao Senhor! — cantava o Sr. Gruffydd. O povo que se achava no pórtico ajoelhou-se, chorando, e quando a congregação começou a cantar, ergueram todos suas vozes, acompanhando-a.

— Huw — disse a voz de Bronwen. Voltei-me e vi que me olhava, com o capuz de sua capa sobre a cabeça e a capa bem apertada de encontro ao corpo, e me estendia as mãos. Sorria o seu sorriso de sempre, com os olhos cerrados, mostrando apenas diamantes luminosos, e a boca larga, mas macia, mostrando as extremidades dos dentes.

— Venha cá — disse ela. — Procuramos você a noite inteira.

— Fui dormir lá no topo da montanha — disse eu.

Ela envolveu-me em seus braços e senti logo o quente cheiro de alfazema e a suave maciez de seus firmes seios apertados contra mim, bem como o contato de sua boca em minha frente.

— Você é capaz de morrer com este frio — disse ela, com um tremor na voz. — Sua mãe está na capela, mas quase veio arrastada e somente quando eu disse que haveria de ir procurá-lo.

— Que é que está acontecendo aqui, Bron? — perguntei-lhe, quando subíamos a colina, debaixo de sua capa. Seu braço em torno de mim machucava minhas costas, mas era uma dor boa e que a gente perdoa.

— É a reunião evangélica, rapaz — disse Bron, com lágrimas nos olhos, longas lágrimas brilhantes, brilhando à luz das estrelas, nos seus olhos tristonhos. E sua voz mal se fazia ouvir.

— Por quê, Bron? — perguntei-lhe, um tanto atemorizado pela diferença que notava nela.

— Os operários dos três vales se declararão em greve esta noite e nossa mina se declarará amanhã, creio eu. Mas venha. Tenho uma sopa de brandy para você.

Entramos em casa, eu esquecido de mim mesmo, por causa das notícias, e ainda um tanto atemorizado com a reunião evangélica, mas contente por ir aquecer-me com uma tigela de sopa de brandy.

Oh! a sopa de brandy é a rainha das sopas, magnífica nos salões de nossa boca. Um bom frango e um generoso pedaço de presunto, com uma paletinha de cordeiro, suficientemente tenra para ter o mínimo de gordura, e depois uma massa de ovas de truta com creme, um pouco de manteiga, uma gema de ovo, bem batida e espalhada quando o frango, orgulhoso no seu enchimento de salsa e tomilho, está acotovelando o cordeiro e o presunto na panela de barro, até ficarem os três tão tenros como um coração de mãe. Aí misture cenouras e nabos e a gostosura de tutanos, envoltos em leite e batatas. Agora preste atenção ao relógio e, a cada quinze minutos, derrame dentro da panela uma xícara de brandy e, com a primeira, um quartilho de cerveja fermentada em casa. Mais duas xícaras com a terceira, acrescente uns dentes amassados de alho, mas poupe as folhas verdes até dez minutos antes de sentar-se para comer, pois assim as encontrará ainda agradavelmente verdes.

Engula o licor e erga os olhos para louvar em nome da boca e da barriga, e depois comece pelo frango.

Bron deixou-me sozinho e foi encontrar Ivor, de modo que segui para a cama, satisfeito, contente e sem me importar com todos os golpes de todos os galeses anglicizados, que sempre empestaram uma terra altiva.

Capítulo XIX

Lá na montanha, na manhã seguinte, Dai Bando viu minhas costas e deixou cair as mãos. Fechou a cara, numa carranca tal que seus olhos, quase sempre semicerrados, ficaram reduzidos a nada.

— Que foi isso, rapaz? — perguntou ele, na sua vozinha esganiçada.

— Foi na escola — respondi.

— Seus irmãos viram isso? — perguntou ele, pondo os dedos na boca para assobiar chamando Cyfartha.

— Ianto viu, mas nada se fará por causa de minha mãe.

— Estou aniquilado! — disse Cyfartha.

— Quem foi? — perguntou Dai, olhando de soslaio, com a cabeça pendida para um lado.

— O Sr. Jonas — respondi. — Sr. Jonas, na escola, mas aqui fora, Sr. Jonas-Sessions.

— Sr. Jonas-Sessions — repetiu Dai, esfregando os nós dos dedos uns nos outros. — Teremos algum servicinho a fazer na cidade, Cyfartha?

— Há uma luta marcada para quinta-feira — respondeu Cyfartha.

— De modo que se fôssemos lá — disse Dai, fixando-o —, somente ali estaríamos para assentar a luta de quinta-feira, não é, Cyfartha?

— Nenhuma outra razão me ocorre, meu caro Dai — disse Cyfartha, muito sério. — A não ser que você pretenda fazer alguma visita social.

— Há maneiras piores de se gastar cinco minutos — disse Dai. — Não tenha dúvida, realmente. Sr. Jonas-Sessions, não é? Hem, Cyfartha?

— O homem é bom na vara, Dai — disse Cyfartha. — Imagino o que não faria ele com uma caixa de ovos.

— Hoje serei um homem de sociedade — disse Dai —, com meus melhores calções e o flamante chapéu-coco. Hem, Cyfartha?

— Eu também — disse Cyfartha.

— Vá para sua casa, rapaz — disse Dai, mui bondosamente —, e volte de hoje a três dias. Ouviu?

— Obrigado, Dai — disse eu.

— E se vir um par endomingado, “fechando o tempo”, hoje — disse Dai —, nada terá com isso. Hem, Cyfartha?

— Olhos abertos e boca fechada — disse Cyfartha. E assim, voltei para casa e as coisas se complicaram.

— Huw — disse meu pai —, tire a camisa.

— Não é nada, papai — disse eu, pois minha mãe nos olhava, friamente.

— Você se atreve a me replicar? — gritou meu pai, rubro de raiva. — Tire a camisa.

Não houve jeito. Tive de tirar a camisa e o mais depressa possível.

Minha mãe veio colocar-se junto de meu pai, pondo as mãos em torno dos ombros dele. Torso nu, fiquei um instante com o calor do fogo a acariciar-me. Havia silêncio, mas eu podia sentir os olhares de minha mãe.

— Por que lhe fizeram isso, meu filho? — perguntou-me papai.

— Eu estava lutando, papai — disse eu, tornando a vestir-me.

— Você ganhou? — perguntou meu pai, batendo nas mãos de mamãe, para fazê-las parar de tremer.

— Ganhei, sim, papai.

— De modo que, desta vez, você recebeu as marcas nas costas, não é, meu filho? — disse papai.

— Sim, papai.

— Está bem — disse meu pai. — Cinco xelins no baú para você.

— Mas, Gwilym — disse minha mãe, prestes a explodir de raiva e de surpresa —, você vai deixar que ele seja esbordado dessa maneira? Deixará que um bruto trate seu filho dessa forma, sem que nada lhe aconteça?

— Se eu for lá tomar satisfações, Beth — disse meu pai —, arrancarei os ossos dele ainda quentes.

— Deixe que eu vá, papai — disse Ivor. — Bron chorou a noite inteira.

— Ninguém lá irá, a não ser eu — disse meu pai. — O menino foi espancado porque lutou. Dei-lhe consentimento para lutar e repito essa ordem, mesmo que seja castigado por causa disso. Se é contra o regulamento da escola, então mereceu ser castigado. Mas continue a lutar, meu filho. Está sofrendo alguma dor?

— Agora, não muito, papai — disse eu.

— Está bem — disse ele. — Cinco xelins no baú, mamãe, e ele irá com os rapazes e comigo para ver o jogo dos irlandeses com os nossos, não é?

Segui para a escola naquela manhã a meio metro do chão, tamanha era a alegria que sentia. O ovo do rouxinol formava um tumor num canto de meu boné.

Notei uma disposição diferente entre os rapazes, tão diferente que senti vontade de rir na cara deles. Em vez das cochichadas piadas de que era vítima, desde a primeira vez que ali fui, olhavam eles agora para mim com um olhar de quase imploração, como se estivessem ansiosos por mostrar camaradagem. Uns dois mesmo, que constavam da lista, sorriram para mim e deram-me bom-dia.

Como as pessoas são estúpidas! A gente deve sofrer, ou causar sofrimentos aos outros, antes de merecer deles respeito de uma espécie ou outra. Naquela manhã dispensaram-me ambas as espécies, e de nenhuma gostei.

Não suporto que me mireem, especialmente quando essa contemplação não tem motivo justo.

E um homem é um homem, sofrendo ou não, e merecedor de tanto respeito quanto mereça, depois de haver sofrido, ou com os sofrimentos dos outros em sua consciência. De modo que passei por todos eles e procurei com o olhar a Shani Hughes.

Nem uma palavra do Sr. Jonas, apesar de haver ele olhado para mim, por um instante, quando começamos as operações. Fiquei sentado todo o dia. Às vezes Shani voltava-se para sorrir para mim e outras era Ceinwen quem olhava em redor.

Mas havia nos seus olhos uma impressão que me fez deixar de enviar-lhe um bom sorriso. Os olhos dela eram dum azul brilhante, com as escleróticas muito redondas e muito alvas, e contudo, apesar de todo o seu brilho e alvura, nelas aparecia não uma escuridão, mas uma secreta nebulosidade, como se ela me visse, não como eu, mas como parte dos seus pensamentos.

Eu estava realmente prestes a fugir daquele olhar.

Tínhamos voltado do almoço havia cerca de meia hora, quando bateram à porta, em meio da aula de religião, e o Sr. Jonas foi gentilmente convidado a dar um pulo até o gabinete do Sr. Motshill, por uma menina da terceira elementar, que mostrou apenas a extremidade da cabeça na porta, como uma ratinha, e correu. O Sr. Jonas deu seu catecismo ao nosso decurião e saiu.

Logo que ele saiu, Ceinwen veio sentar-se a meu lado. Não lhe dei atenção por um instante, mas depois ela empurrou para meu lado uma régua de marfim, com marcações, admirável obra de arte, agradável ao tato, dourada pela idade.

— Isto é para pagar a que eu quebrei — disse ela. — Não deixei de sentir pesar por causa de sua caixa.

— Onde a arranjou? — perguntei-lhe.

— Com papai. Eu lhe havia pedido antes. Fique com ela. Pus meu nome nas costas dela com um alfinete.

— Obrigado. Mas talvez seu pai ainda a deseje.

— Não, não. Disse-lhe que queria dá-la a você. Agora uma coisa: você me dará um ovo de rouxinol?

— Quem lhe falou nisso? — perguntei-lhe.

— Shani Hughes. Ela ganhou um, numa caixinha com um pedaço de vidro, e eu quero um também. Oh, Huw, me dê um ovo de rouxinol, ouviu? Em troca, farei alguma coisa por você. Escute: eu lhe darei um beijo.

— Você ganhará um ovo e farei também uma caixinha. Mas não porque me beijou. Absolutamente, não. Somente porque se dei a uma, devo também dar à outra.

Olhei para Shani e descobri que ela me olhava fixamente, mas de modo sombrio. Por qualquer razão senti-me triste por causa dela e

desejei ir para seu lado, cingi-la com meus braços e ampará-la — contra o quê? Seria difícil dizê-lo.

Partiram, então, gritos do vestíbulo, tornaram-se mais altas a voz do Sr. Motshill e a do Sr. Jonas, móveis se quebravam, alguém gritava, pesados passos corriam pelo vestíbulo e mais gritos e berros se fizeram ouvir. Todas as meninas da classe puseram-se a gritar, mas ninguém sabia por quê. Todos da classe largaram as carteiras e correram para a porta, mas esta se escancarou subitamente, para deixar passar o Sr. Jonas, com Dai Bando e o Sr. Motshill, três dos professores atrás, e Cyfartha Lewis logo adiante do Sr. Tyser, que permanecia na porta de entrada, batendo as mãos, com um lado do colarinho arrancado.

O Sr. Jonas estava todo rasgado, sem colarinho, um pedaço da gravata pendente como um trapo, o paletó roto, as calças rasgadas de alto a baixo, e o rosto pálido, os olhos cheios d'água, as bochechas roxeadas das bofetadas que Dai lhe dava, quando sua cabeça se erguia, sopapo atrás de sopapo, um, dois, quase tão depressa quanto se podia contar, não com os nós aos dedos, mas com a palma das mãos.

O Sr. Motshill procurava deter os golpes de Dai, que não lhe dava atenção, nem um tico, e o Sr. Motshill dançava de raiva e gritava, batendo nas largas costas de Dai com os punhos, mas nada se podia ouvir, em meio do berreiro das meninas. Cyfartha jogou no chão um dos professores, passando-lhe uma rasteira, e os outros dois deixaram cair suas mãos e ficaram a vigiar Dai. Logo que este se assegurou de que não havia perigo de os outros professores se juntarem, tirou seu cinturão e agarrou o Sr. Jonas pelo pescoço, e fê-lo curvar-se, com o pé no degrau do estrado da carteira. O modo como o cinturão batia e estalava e o modo como o Sr. Jonas gritava eram uma maravilha, embora mal se pudesse ouvi-lo, pois o berreiro das meninas, quando Dai o agarrou pelo pescoço, não poderia ser excedido no próprio purgatório.

Acabada a surra e enquanto o Sr. Jonas chorava e coxeava, Dai piscou o olho para Cyfartha e ambos o agarraram pelos ombros e pelos pés, jogando-o justamente pela porta aberta do caixão de carvão, cuja tampa fecharam.

Dai tirou papel e fumo de dentro de seu chapéu-coco, enrolou um cigarro, enquanto o Sr. Motshill e os outros o olhavam, inermes. Cyfartha acendeu um isqueiro para ele. Lançou baforadas azuis, enquanto ia decrescendo o berreiro, como as notas finais de uma sirena. Enxugou a testa com a manga do paletó, ajeitou seu chapéu de feltro e virou-se para relancear a vista pela classe. Embora me houvesse visto, não o deixou perceber, e posso jurar que nada deixei também suspeitar da minha parte.

— Seu insolente — gritava agora o Sr. Motshill. — Você é um bruto e um covarde. Você tem a ousadia de entrar aqui nesta escola e agredir um professor. Terá de avir-se com a lei. Fosse eu mais moço e você não sairia daqui sem levar minha marca.

— Estou pagando uma visita — disse Dai, macio, e quase como a pedir desculpas. — Tinha pensado encontrá-lo lá em cima da montanha e não aqui. Pedi a ele para vir, sabe? Hem, Cyfartha?

— Ele foi convidado — disse Cyfartha —, e não era delicado dizer que não, fosse como fosse.

— Ele correu de mim — disse Dai —, de modo que me vi forçado a correr atrás dele. Andei muito à sua procura, mas estava disposto a atravessar o inferno até a China, para encontrá-lo. E foi aqui que pude deitar-lhe a mão. Que há de estranho nisso? Hem, Cyfartha?

— Nada, nada — disse Cyfartha. — Ele agora se acha bem limpo e confortavelmente instalado, não acham? Nada mais podia desejar no mundo. Agora, para casa a tomar um trago, não é, meu querido Dai?

— Um bom trago — disse Dai — seria para mim realmente uma bênção de Deus. Que lugar poeirento este aqui, senhores! Puxa, que poeirada! Com a goela seca e impossibilitada de cantar, hem, Cyfartha?

— Até uma rã teria dificuldade em lançar uma nota — disse Cyfartha.

— Boa tarde, cavalheiro — disse Dai, tocando no chapéu muito polidamente para o Sr. Motshill. — E boa tarde também para todos e para aquele que ali está, o diabo que o carregue!

Saíram os dois, a passos pesados nas tábuas do soalho, e a porta lá fora bateu com força atrás deles. Só depois da última vibração é

que o Sr. Motshill se moveu para se sentar, exausto, na ponta da carteira.

— Tenham a bondade de trazer o Sr. Jonas para a luz — disse ele, quase num suspiro.

Dois professores levantaram a tampa e o Sr. Jonas surgiu com o cabelo emaranhado, o rosto listrado de carvão, as inchações provocadas pelos dedos de Dai marcadas em roxo nas bochechas, os olhos frios de raiva, todo a tremer quando o levaram da sala, mudo porém emitindo pequenos sons que poderiam causar riso, mas inspiravam, em vez disso, sentimentos de piedade. É estranho como pode a gente odiar um homem, e contudo sentir, lá no íntimo, piedade dele.

Capítulo XX

Voltando para casa naquela noite, em companhia de Shani, achamos as ruas e a praça cheias de gente, homens e mulheres, os homens sujos do serviço, as mulheres com trajes caseiros e de cabeça descoberta, todos falando em grupos e parecendo sérios.

— Que houve por aqui, Ellis? — perguntei-lhe, enquanto ele colocava Mari nos varais do carro.

— Trata-se de greve — disse ele, com tristeza e ansiedade.

— Espero que os nossos já estejam fora ao chegarmos em casa. Seu pai, Ianto, Davy e mais uns dois seguiram para encontrar-se com os proprietários. Só Deus mesmo sabe o que irá acontecer.

Durante todo o percurso em torno da montanha, beirando o rio, operários saíam correndo de suas casas, para saber notícias de Ellis, que nunca se detinha, mas gritava, enquanto batia com as rédeas nas costas de Mari, e ao ouvir o que ele dizia, os homens pareciam que iam morrer, as mulheres ficavam silenciosas ou torciam as mãos, ou apertavam seus filhos bem de encontro ao peito.

Em toda a nossa aldeia o povo se achava nas ruas, dirigindo-se para a colina, sem falar muito, pois nada havia que desse motivo a conversas, mas esperando a volta dos operários. Pulei para fora, enquanto a multidão cercava Ellis, e ouvi leve murmúrio, à medida que suas palavras iam sendo transmitidas.

Em casa, mamãe estava descascando maçãs e Angharad cortava a casca em pedacinhos, para compota. Bron passava roupa a ferro e Olwen brincava com Gareth diante do fogo.

— Então? — perguntou minha mãe.

— Os operários estão em greve nos três vales, mamãe — respondi.

Ninguém parou o que estava fazendo, mas Bron chorava quando passei a seu lado, tão baixinho, porém, que ninguém perceberia. Passei aquela noite limpando a máquina de Olwen, pois aprendera a desmontá-la, peça por peça, e montá-la de novo. Limpava minhas mãos, retirando o óleo, quando ouvi os passos de meu pai no quintal e ele entrou devagar, de paletó e chapéu, sentou-se, olhando para as velas, sem dizer palavra e cheio de tristeza, com os bigodes brancos como prata.

Pigarreou, como se o pesar houvesse sido seu único alimento durante horas.

— Huw — disse ele, olhando ainda para as velas.

— Senhor, papai? — disse eu, aproximando-me dele, com as mãos pingando óleo.

— Tenho vergonha de entrar e encarar sua mãe — disse ele, ainda sem olhar para mim.

— Por quê?

— Oh! rapaz, rapaz — disse ele, e se lágrimas tivesse, sem dúvida brotariam naquele instante. — Não sei dizer como você e seus irmãos hão de viver. Venha cá, meu filho.

Cheguei mais para perto dele, que me cingiu nos braços e apoiou o rosto barbado de encontro ao meu.

— Durante todo o dia de hoje, vocês não me saíam da mente, enquanto eles falavam e discutiam. Você e seus irmãos.

O que está para acontecer a vocês não posso dizer. O chão está cavado debaixo de nossos pés. Nada se pode fazer. Nada.

Sua voz fazia-se ouvir bem juntinho de minha orelha, pesada de tristeza.

— Será sua mãe e serão as outras mulheres que irão sofrer. Elas é que terão de suportar a carga. Tenho vergonha de entrar e contar-lhe.

— Ela está esperando pelo senhor, papai.

Ele ficou silencioso por um instante, depois afastou-me e levantou-se.

— Deus a abençoe. Ela sempre compreende. Fique aqui ainda um bocado, Huw, meu filho.

— Sim, papai. Seu paletó está sujo de óleo.

— Não tem importância — disse ele, e seguiu para dentro de casa.

Ianto entrou logo depois que ele saiu, pálido e com um brilho nos olhos, parecendo um homem após uma luta que não chegou a terminar.

— Papai foi para dentro? — perguntou-me.

— Foi, sim.

— Bem. Pensei que não conseguiríamos que ele voltasse jamais para casa.

— Por quê, então?

— Por nada, menino — disse ele, impaciente. — Como estava ele?

— Muito pesaroso.

Ianto bateu com os punhos, levemente, no banco.

— Sim — disse ele —, todos nós estamos pesarosos. Vamos parar o serviço lá.

— Vamo-nos declarar em greve?

— Já nos declaramos. Desde as três e meia que estamos em greve.

— Venceremos, Ianto?

— Com tanta probabilidade quanto a de moscas no visgo.

Nenhuma probabilidade. Nenhuma esperança. E agora, boa noite.

Saiu. Ficou um instante a escutar à janela da cozinha, depois desceu para a casa de Bron. Como me parecesse nada poder fazer, galguei o alpendre e entrei pela janela, indo deitar-me.

Na manhã seguinte, só me deram duas fatias de pão, com manteiga só numa e sem geleia. Para a escola levei um pastel, pão e queijo com alface, mas sem chá.

— Você pode tomar água, Huw, meu filhinho — disse minha mãe. — Seu pai não pode dizer quando a greve acabará, de modo que devemos começar a gastar o menos possível.

Era estranho sair para a rua e encontrar os homens ali fora, sentados em cadeiras, nos peitoris das janelas, ou de pé nas sarjetas. Havia naquilo também uma sensação de terror, pois as ruas estavam sempre vazias noutras ocasiões. O vento se enchia de suas

vozes, que ora se erguiam, ora baixavam, mas ninguém falava em voz alta ou ria.

Olhei para trás, para o topo da montanha, e vi a colina, e lá embaixo a rua da aldeia, cheia de pequenos grupos, e até mesmo nas granjas homens e mulheres estavam do lado de fora, nos jardins, encostados às paredes, olhando para o vale, como se esperassem avistar línguas de fogo.

Estávamos em julho, mês de calor, quando a grama se torna castanha e o rio seca, e os rochedos ficam tão quentes que quase podem queimar-nos os pés, ao passarmos sobre eles. Os operários mantinham reuniões e mais reuniões na encosta da montanha e era estranho vê-los, todos os dias, tornarem-se mais morenos do sol que apanhavam. Só então é que vi como eram pálidos, mesmo meu pai e meus irmãos, por falta de sol.

Nada se falava em casa, nem uma palavra sequer a respeito da greve. Nunca era permitido que tais conversas cruzassem a porta. A comida diminuía. Tínhamos chá, mas sem açúcar e sem leite. E depois, nem chá. As rações de comida foram-se tornando cada vez mais escassas. O pão era poupado, em fatias finas, e depois só havia manteiga aos domingos.

Agosto, setembro.

Os operários continuavam com suas reuniões, não somente no nosso vale, mas nos outros. Meus irmãos e meu pai estavam sempre cruzando a montanha, para assistir aos comícios. Os operários desejavam maiores salários. Os proprietários diziam que estavam ganhando menos pelo carvão, de modo que os salários tinham de forçosamente cair. Ninguém queria ceder uma polegada sequer.

As mulheres iam emagrecendo e as crianças já não se mostravam tão dispostas para os brinquedos. Os homens brigavam uns com os outros por coisas à-toa, pois se achavam ociosos, sem dinheiro, comendo pouco e com os nervos à flor da pele.

Na escola, não acontecia nada. O Sr. Jonas ensinava e eu ficava sentado. Nada tínhamos que ver um com o outro. Nem uma palavra me disse ele, a respeito de seu encontro com Dai Bando, nem Dai ouviu mais nada. Alguns dos meninos e meninas deixaram de frequentar a escola por não terem sapatos e seus pais receavam

comprar outros, pois o dinheiro era necessário para comprar alimentos. Muitos deixaram de comparecer, porque comiam apenas uma vez por dia.

Só percebi isso em Shani, quando ficou junto de Edith Moss, filha de Moss, o açougueiro, que morava ao lado da escola. Edith era gordíssima, com grandes bochechas vermelhas e cabelo preto, corrido. Dizia-se que bebia sangue quente das reses abatidas por seu pai. Perto dela, Shani era uma pomba junto dum corvo, tão pequena, tão delgada e de rosto tão pálido.

Seu pai trabalhava também nas minas, no escritório do gerente, mas sem dúvida estava igualmente em greve. Num intervalo de almoço, ela ficou na classe para costurar. Saí com minha marmita para o pátio de recreio, mas estava chovendo. Voltei então para sentar-me no vestiário e vi Shani olhando pela janela da sala de aula. Bati no vidro e sorri para ela, mas em vez de retribuir meu sorriso, olhou-me como se quisesse chorar e saltou para baixo, desaparecendo.

Depois veio para fora e fingiu que ia beber água, mas quando me viu a observá-la, chegou-se para meu lado.

— Ia agora mesmo beber água — disse ela.

— Está bem — disse eu, pronto a comer meu pão e meu queijo.

— Quer que vá buscar a água para você?

— Não, não — disse ela, mas sem fazer um movimento. É fato que, quando a gente tem fome e vê alguém comendo alguma coisa, que gostaria também de ter sob os dentes, a boca se enche d'água e a gente engole, de fazer barulho. Esse barulho foi feito por Shani, quando eu olhava para ela. Vi então seus olhos, pregados na minha comida.

— Por que não foi almoçar em casa, hoje? — perguntei-lhe.

— Oh! — respondeu ela, tratando de arranjar sem necessidade o cabelo — é cacete demais fazer essa caminhada por um simples almoço.

— Aceita um pedaço deste?

— Comer uma parte do seu? Não, realmente. Você tem que andar muito para vir até cá.

— Não tem importância. Veja, há até comida demais. Coma, menina.

Ofereci-lhe pão, queijo amarelo de granja, com agrião e alface do jardim.

Ela olhou para aquilo, engoliu de novo, com as mãos atrás das costas.

— Vamos, menina. Deixe de ser moleirona.

Ela pegou a comida, mordeu-a, e foi mordendo, mordendo, até que sua boquinha estava a ponto de estourar, os olhos cheios de lágrimas. E soluçava, enquanto ia mastigando. A garganta da gente se seca e a gente não pode comer em sossego, quando alguém está com fome e dá demonstração disso. De modo que Shani teve almoço por dois, naquele dia, e à tarde desmaiou, durante a lição de história. O Sr. Jonas carregou-a para fora e ela seguiu para casa com outra menina.

Contei a minha mãe quando voltei para casa, mas ela nada disse, apenas deu um muxoxo e mostrou 'de cansaço. Muitos eram os casos iguais àquele na aldeia. No dia seguinte fui para a escola com minha marmita bem recheada, e mais alguma comida enrolada em papel pardo, pendurado no botão de meu paletó. Nem uma palavra de minha mãe. Um pequeno sorriso apenas.

Assim Shani e eu almoçávamos juntos, todos os dias, sob o sorriso de minha mãe. Nunca vira a mãe ou o pai dela e nunca fora à sua casa, e embora a houvesse convidado, nunca veio ao nosso vale porque haviam vendido seu carro e a casa dela ficava demasiado distante. Depois que almoçamos juntos durante umas duas semanas, ela deixou de vir. Disseram que seu pai fora para o norte, em Middlesbrough, à procura de trabalho.

Sempre me lembrarei dela, com um vestido azul e três filas de galão amarelo, um lacinho no alto do cabelo e seu rosto tão pálido, olhando de lado, como o das rainhas nas moedas da antiga Grécia.

Julho, agosto, setembro.

Outubro.

Por toda a colina, ao longo das paredes na rua da aldeia, uma comprida lista preta poderia ser vista, onde os ombros dos homens se haviam encostado, deixando a marca do óleo. Para cima e para

baixo, numa linha opaca e ondulante, mas sempre à altura dos ombros. Algumas mulheres a limpavam com água quente, mas em breve voltava a enegrecer, e a linha se mostrava de novo contínua.

As casas de negócios se fechavam, exceto durante dois dias por semana, quando os granjeiros apareciam para vender no mercado. As três vendas venderam a crédito por algum tempo, mas depois fecharam. As sociedades beneficentes despenderam tudo quanto tinham, mas depois aqueles poucos xelins se esgotaram. Os homens do sindicato, com Ianto e Davy, haviam prestado benefícios, durante semanas e semanas, mas depois também isso cessou.

Mulheres, como minha mãe, que tinham filhos ganhando dinheiro, e tinham economizado e conservado uma boa casa, estavam juntando dinheiro e comida todas as semanas, para as criancinhas das mulheres que haviam se casado recentemente, ou para as mulheres que tinham apenas o marido a trabalhar e muitos filhos para criar. Mas, à medida que as semanas e os meses passavam, cada vez maior número de mulheres tinha de cessar sua contribuição, passando elas próprias a necessitar de auxílio.

O Sr. Gruffydd ia frequentemente à cidade e voltava com comida, dinheiro e roupas para o pessoal das cafuas. Mas o povo da colina nunca recebeu uma parte daquilo. Ele estava mais magro, as roupas pendiam-lhe do corpo e minha mãe dizia que ele teria morrido de fome, se não o tivesse convidado para partilhar de refeições, pois era pago pela capela e o dinheiro se fora em comida para os famintos.

De todos os homens sem trabalho, formou ele um coro, fazendo de Ivor seu segundo dirigente. Andavam eles por todos os vales, cantando em troca de dinheiro, e os homens dos outros vales começaram a aparecer às dúzias e aos punhados na montanha, para se juntar a eles.

Certa noite ouvi um coro de milhares de vozes cantando no escuro. Pensei que estava ouvindo a voz de Deus.

Depois as crianças começaram a morrer.

As procissões ao alto da montanha eram longas a princípio, e algumas vezes, duas ou três por dia. Depois se tornaram mais

curtas, os hinos menos numerosos, pois o povo já não tinha mais forças.

Julho, agosto, setembro, outubro.

Novembro.

O frio chegou e na primeira semana a neve foi espessa. O pessoal queimava madeira e alguns homens foram às minas para arranjar carvão, mas os vigias os detiveram. Não lhes deram atenção e carregaram o carvão que queriam. No dia seguinte, a polícia veio de carro, para acabar com aquilo, e se instalou por ali. Dois homens que foram presos seguiram para a cidade e passaram seis meses no xadrez. De modo que os que não tinham dinheiro para comprar carvão saíram para a montanha à busca de madeira, e, uma vez que todo o pessoal dos outros vales também procurava lenha, em breve esta desapareceu, exceto a das árvores ainda de pé. Mas estas estavam verdes e prestavam para tudo, menos para o fogo.

Cada vez morriam mais crianças, e agora já eram as mulheres e os homens que morriam. Não havia mais caixões fabricados por Clydach. Um lençol era o bastante e servia bem.

Duas, três e quatro famílias reuniam-se numa casa para comer e aquecer-se juntas. As janelas foram tapadas para conservar o calor no interior das casas. Até mesmo o Sr. Gruffydd tinha dificuldade em evitar que os homens se revoltassem, seguindo para as minas e matando policiais.

Uma manhã, na terceira semana, Ellis, o carteiro, deteve Mari do lado de fora de nossa casa e entregou uma carta a meu pai.

— Entre, Ellis — disse minha mãe. — O almoço está pronto.

— Não, minha cara Sra. Morgan — disse Ellis, com o nariz esbranquiçado de frio. — Vou almoçar quando chegar em casa, obrigado.

— Ou você almoça aqui agora — disse minha mãe — ou nunca mais entrará nesta casa.

— Está bem, Sra. Morgan — disse Ellis, tirando o chapéu e sentando-se perto de mim. — Desculpe-me, mas não quero chá, nem toucinho.

— Você tomará chá e comerá toucinho e batatas — disse minha mãe, pronta a lançar-se sobre ele. — Faça o favor de comer aquilo’

que se está oferecendo a você.

— Sim, Sra. Morgan — disse Ellis, intimidado, a olhar para ela e para um e outro lado.

— Se chegar a vez de você deixar esta casa sem algo de bom para comer — disse minha mãe — , pode procurar-me que estou caída no chão.

— Beth — disse meu pai, passando a carta para Ianto — , eu e os rapazes iremos à cidade hoje.

Minha mãe fixou-o, com o garfo nas batatas e um pé no guarda-fogo.

— Para quê? — perguntou ela.

— Os proprietários — disse meu pai com mais cor no rosto do que lhe havia eu visto durante semanas.

— Teremos de ceder — disse Davy, bebericando água quente.

— Eles prometeram um salário mínimo — disse meu pai. — Em todo caso, isso é uma palha.

— E nós somos os afogados — disse Ianto, olhando, silencioso, para a carta.

Meu pai ergueu os punhos e bateu com eles na mesa com tal força que fez saltar a louça de barro.

— Basta, nem mais uma palavra — gritou ele, de olhos chamejantes. — Pois então nos afoguem. Mas por Deus Todo-Poderoso, hei de ter comida para as barriguinhas dessas crianças, antes que a noite se finde.

— Está bem, Gwilym — disse minha mãe. — Angharad, vá à casa do Sr. Gruffydd e convide-o para almoço.

— Sim, mamãe — disse Angharad, que pulou do tamborete e saiu correndo.

Tivemos realmente um agradável almoço naquela manhã. Finas fatias de toucinho e batatas, torradas com manteiga, geleia de morangos e ainda chá com açúcar e leite. Que bom era ter tão boa e gostosa comida depois de tantos dias de jejum!

— Onde andou você escondendo tudo isso, minha querida Beth? — perguntou meu pai, comendo por dois, que era um gosto vê-lo.

— Cuide de seus negócios — disse minha mãe, realmente bela, pelo rubor que a invadiu — , que eu cuidarei à vontade dos meus.

Por que estive vivendo todo esse tempo, senão para poder mostrar alguma coisa?

— Beth, meu doce amor — disse meu pai —, depois que você foi feita, quebraram o molde a marteladas.

— Dê o fora daqui — disse mamãe, rindo e chorando ao mesmo tempo — antes que eu lhe dê uma boa martelada.

O povo estava se ajuntando em redor de nossa casa, pois já se sabia que Ellis devia ter trazido uma carta. E agora todos começavam a gritar, despertando os outros com seus gritos. Do interior das casas corria gente a encher a rua.

— Teremos uma corridinha até a estação, Ellis? — perguntou meu pai.

— Como não! mesmo que eu tenha de cavalgar nas costas da velha Mari, teremos, Sr. Morgan — disse Ellis, significativamente.

Minha mãe dirigiu-se ao bauzinho e contou dinheiro para cada um. Beijou-os e eles partiram. Logo que o povo os viu com seus trajes domingueiros, percebeu que eles partiam a negócio, e pelo rosto de meu pai descobriu que algo de bom resultaria daquela viagem.

De modo que, chorando, começaram a dar vivas. Meu pai também chorava, quando Ellis chicoteou Mari e seguiu, colina abaixo, com o pessoal correndo atrás, por todo o caminho dentro e fora da aldeia.

Não fui à escola naquele dia, mas tive muito que fazer, pois tirei cópias da carta com Ivor e levamo-las para distribuir pela montanha aos apontadores das outras minas para que lessem aos operários e lhes pedissem para se reunirem, por ocasião da volta de meu pai na próxima noite.

A notícia de que a greve terminara veio pelo telégrafo, cerca das cinco horas daquela tarde. Poucas palavras escritas a lápis, mas realmente o pessoal não teria ficado mais doido se as palavras tivessem, como outrora, aparecido na parede.

Corriam os homens pela rua, para baixo e para cima, gritando e dançando com quem quer que fosse. As mulheres olhavam pelas janelas e acenavam, as crianças teciam coroas de rosas.

Ao escurecer, cerca das sete horas, um enorme carro de bagagem percorreu a estrada da montanha e parou no meio da rua. O pessoal tinha-se recolhido, porque estava fazendo frio e começava a nevar.

Quando o condutor começou a gritar, todos, um a um, foram saindo de casa, mas quando ele principiou a retirar canastras cheias de mantimentos, puseram-se a correr até perder o fôlego, e foi preciso que o condutor pedisse ajuda a dois homens, para obrigar cada qual a esperar sua vez, do contrário correria risco de ser esmagado.

Alguém disse que fora um jornal de Londres que solicitara donativos de seus leitores, outros diziam que fora o velho Evans, no intuito de fazer as pazes com os operários, e outros ainda diziam que fora, mais uma vez, o Sr. Gruffydd. Mas o Sr. Gruffydd nada sabia a respeito, e só viemos a saber quem fora quando meu pai e os rapazes regressaram na noite seguinte. Nem podem imaginar que procissão foi aquela!

Voltaram de trem até o fim da linha e de lá vieram com Thomas, o carroceiro. De noite, os homens arranjaram tochas e dirigiram-se, em meio da neve, para a montanha, onde fazia tanto frio que os metais dos instrumentos estavam gelados e a banda tinha de cantar em vez de tocar. Encontraram-se com Thomas, quando os cavalos já vinham pelo cume. Então desatrelaram os cavalos e atrelaram em seu lugar pequenos pôneis da mina onde meu pai trabalhava, estando todos os que puxavam de roupas coloridas. Acenderam as tochas, formaram fileiras na frente e atrás e puseram-se em marcha para nossa casa.

Era bonito ver todas aquelas luzinhas ondulando pela montanha abaixo e ouvir as vozes que se avizinhavam cada vez mais. Centenas e centenas tomavam parte no cortejo, outras centenas mais corriam ao encontro dos outros, e mais centenas ainda, com todas as mulheres, aguardavam na aldeia. Tão densa era a multidão e tamanho era o barulho, que meu pobre pai só podia falar consigo mesmo, pois estava cansado. Mas nunca esteve tão feliz na sua vida.

— Vamos voltar ao trabalho, rapazes — gritava ele, e o povo dava vivas até rebentar em pranto. — Teremos salário menor, mas

fixamos um limite mínimo. Foi assinado e se transformará em lei. Voltem ao trabalho.

— Quando? — gritavam os homens. — Quando? Quando?

— Amanhã — gritou meu pai, em resposta.

— Amanhã — gritou a multidão, e a banda rompeu a tocar, enquanto todos davam-se os braços para descer a rua. O Três Sinos abriu suas portas para entregar o restante de sua cerveja e depois a dança aumentou. Davy Pryse, que tocava bombardão, tinha um círculo vermelho, do tamanho duma meia coroa, em redor da boca e parecia que aquilo lhe causava dor. O gelo de sua respiração rodeava a aba de seu chapéu, as suas luvas e a manta do pescoço.

Somente o frio, as tochas que se apagavam sem outras que as substituíssem e a falta de mais comida e bebida obrigaram o povo a retirar-se para suas casas.

— Por tudo isso que aconteceu, ó Pai Celestial — disse meu pai ao entrar e ajoelhando-se, com minha mãe ao lado —, por todas as mercês e por nos terdes guiado hoje, eu Vos dou graças de todo o meu coração. Ontem, eu Vos dei graças, e hoje, novas graças Vos dou, e amanhã outras graças Vos darei de todo o meu coração. Em nome de Jesus, Vosso Filho.

— Amém — dissemos todos nós.

— Gwilym — disse minha mãe —, já para a cama.

— Mas antes mereço um pouquinho de comida, não? — perguntou meu pai. — Estamos famintos.

— Lavem-se e deitem-se — disse minha mãe, como se falasse de muito distante. — Vocês sempre passaram fome nesta casa. Sei que a viagem foi longa, mas naturalmente nada há em casa para vocês.

— Está bem, Beth — disse meu pai, tentando arranjar as —, eu não estou reclamando, estava apenas falando, 7

Perdeu o nariz? — perguntou mamãe, ainda muito coisas menina.

fria.

— Talvez tenha ele se desparafusado com esse danado desse frio lá da montanha — disse meu pai, agarrando a ponta do nariz com o indicador e o polegar.

Minha mãe olhou para ele, enquanto nós ríamos. Seu rosto estava sério e seus olhos frios, para mostrar-lhe quão insultada se sentia por ter ele pensado que voltaria para casa sem nada encontrar para confortá-lo. Mas mamãe nunca podia ficar séria, quando papai estava brincando, e já podíamos ver o sorriso que se ia rasgando nos seus olhos. Ela levou então a mão ao rosto dele.

— Oh! meu querido Gwilym — disse ela —, como você parece mesmo fatigado! Lave-se e vá para a cama, e quando estiver aquecido, lhe levarei o que houver.

— Que há, então? — perguntou meu pai, tentando abraçá-la. Ela, porém, fingiu-se ainda zangada e afastou-o de si, mas sem rudeza.

— Água quente, rapaz — disse ela, impaciente.

— Lavar-me-ei nela — disse meu pai. — E com sabão. Só posso contar com isso: uma simples água quente?

T— Cheire, cheire, rapaz — disse minha mãe, já com a paciência esgotada.

Meu pai fez que farejava, mas estava por demais resfriado.

— Se eu fosse comer o que posso cheirar — disse ele —, nem uma panela teria de ser lavada nesta casa.

— Vá pentear macacos, seu bobo! — disse minha mãe, agarrando-o pelos ombros, para fazê-lo sentar na cadeira e tirar-lhe as botas. — Água quente você terá, mas com um franguinho da granja, um bom pedaço de bife e de carneiro e mais umas ninharias por cima. E agora?

— Beth — disse meu pai —, até a hora de minha morte, darei graças a Deus por me ter casado com você. Aposto que é sopa de brandy. Deixe-me ir para a cama.

— Já tive até vontade de derramá-la na pia — disse minha mãe.

— Se você tem vontade de derramá-la em algum lugar — respondeu meu pai —, leve-me um pouco dela em uma tigela com uma colher e a derramará à sua vontade na minha garganta. A cama está quente?

Minha mãe deu-lhe uma palmada no pé para demonstrar que estava muito zangada.

— Não, rapaz — gritou ela. — Por acaso tenho eu cabeça para aquecer sua cama? Angharad, Bronwen e eu estivemos a correr escadas acima e abaixo, a noite inteira, com blocos de gelo, tira um, bota outro. Agora está tudo pronto para você.

— Está bem — disse meu pai, piscando os olhos para nós.

— Eu gosto mesmo muito de um bom pedaço de gelo na cama.

— Psiu! — disse minha mãe, voltando-se para nós. — Vocês estão aí parados e fazendo caretas, como uma turma de macacos no circo. Já se lavaram?

— Já, mamãe — dissemos nós.

— Venham para a mesa. E basta de tolices, vocês e seu pai.

Gwilym?

— Que é, meu doce amor? — disse meu pai, com seriedade e olhos cintilantes.

— Para a cama! — disse minha mãe.

— Sim, Beth — disse meu pai, encaminhando-se para a porta, onde se voltou. — Não ganharei um bloco de gelo, Sra. Morgan? — disse ele, com uma vozinha de menino.

E correu escadas acima, com minha mãe no seu encaço, armada com a pá do fogão, enquanto nós ríamos a bandeiras despregadas.

Capítulo XXI

Saí de casa no dia seguinte antes que os homens fossem para o trabalho, pois, com a neve, gastava mais tempo a chegar à escola e já havia falhado dois dias, de modo que precisava sair mais cedo.

Amplamente, alvamente e belo estava o vale, visto do alto da montanha, tão limpo, tão tranquilo, tão ondeado, e minhas botinas iam deixando marcas pelo caminho, parecidas com pequeninas sombras. Até mesmo o monte de escórias estava coberto de neve e somente a engrenagem do poço da mina e a roda de vento se destacavam em negro, lá embaixo. A aldeia inteira, exceto dois lugares onde a neve tinha caído dos telhados, estava soterrada sob polegadas de neve e eu podia ver todas as marcas que Ellis e Mari foram deixando, ao atravessarem a rua. O rio estava gelado, cinzento em alguns lugares onde o gelo se entremostrava através da neve, mas os pássaros ainda vojavam em torno dele, para quê, não sei dizer.

Fazia tanto frio na escola que conservávamos os nossos agasalhos na aula, mas mesmo assim sentíamos frio, e tínhamos de bater as mãos minutos a fio, durante o dia, para tê-las bastante quentes, a fim de podermos pegar as canetas.

À tarde, o Sr. Motshill mandou chamar-me. Fui ao seu gabinete e encontrei-o metido em seu capotão, diante do fogo.

— Morgan — disse ele, bastante resfriado —, estive reparando no seu dever de casa e comparando-o com seus trabalhos escolares. Há uma diferença de que darei apenas uma vaga ideia, qualificando-a de assustadora. Por que é isso?

Seus olhos mostravam-se bondosos. Seu nariz estava vermelho e até mesmo suas suíças pareciam frias e achatadas no rosto.

— Responda-me, Morgan — disse ele, ainda com bondade. — Vendo o que está nos seus cadernos escolares, pensa-se que você é

um pateta, e, pior ainda, um pateta preguiçoso. Soube que três de seus irmãos obtiveram brilhantes lugares nas escolas locais. Que é que acontece com você? Ou melhor, com a metade de você? Porque seu trabalho de casa é o trabalho de outro rapaz, completamente diverso. Por quê?

Várias vezes na vida da gente, quando nos fazem uma pergunta, sabemos bem qual a resposta, mas não podemos encontrar as palavras adequadas para exprimi-la. Parecem tão estúpidas e tão obscuras, que sentimos até vergonha.

— Tinha grande esperança de poder recomendá-lo para uma bolsa de estudos na universidade — disse o Sr. Motshill, ainda com olhos e voz cheios de bondade, apesar da prova a que era submetida sua paciência. — Nada haveria de que eu mais gostasse do que ver seu nome em letras douradas, num quadro de honra, à entrada. Pense em quanto orgulho teriam seus companheiros de escola e que exemplo seria para os futuros alunos daqui.—Pense, também, em seu pai e em sua mãe. Tenho certeza de que eles ficariam contentíssimos.

— Ficariam, sim, senhor — disse eu, satisfeito por achar palavras para concordar.

— Então partamos deste ponto — disse o Sr. Motshill, pondo uma mão no meu ombro. — Por que seu trabalho escolar é tão desmedidamente inferior ao trabalho que faz em casa? Não se sente feliz aqui?

— Gostaria de estudar com o Sr. Tyser — respondi.

— Oh! — disse o Sr. Motshill, e sorriu. Talvez não fosse bem um sorriso, por trás dos óculos, que tornavam seus olhos pequenos. — Pensei isso mesmo. Sim, receava isso. Obrigado, Morgan. Vocês, galeses, são uma gente engraçada. Queira voltar para sua classe.

— Sim, senhor.

— Lembre-se disto, Morgan — disse o Sr. Motshill, quando cheguei à porta: — o homem que chega até o alto é aquele que tem alguma coisa a dizer e a diz, quando as circunstâncias o ordenam. Os homens que se conservam calados, sob a opressão, são moralmente covardes. Compreendeu?

— Compreendi, sim, senhor.

— Guarde isso no coração.

Voltei para a classe, na certeza de que estudaria agora o mais que pudesse, por causa do Sr. Motshill, e sem ligar ao Sr. Jonas, ou a quem quer que fosse. Fui para a minha carteira, com os dentes trincados de energia. Folheei meus cadernos escolares e enchi-me de amargura ao ver as porcarias que havia feito, a falta de asseio, os borrões, as raspadelas, e o desenho que era um desacato ao homem e ao animal, tudo, tudo inútil.

Tinha a sensação de que havia alguma coisa errada no ar, em torno de mim, e embora me mantivesse atento ao caderno, meu pensamento ali não estava, mas andava por fora. O Sr. Jonas parará de falar. Não estava na frente da classe. Senti depois seu sorriso bem por trás de mim. Sua mão desceu sobre meu ombro para tomar o caderno e, enquanto virava as páginas, ouvi-o rir para si mesmo.

— Saia daí, Sr. Morgan — disse ele. — Terei o prazer de lhe apresentar um professor emérito.

— Ficarei sentado aqui — respondi.

Agarrou-me pela orelha, fazendo-me levantar.

Ceinwen virou-se e vi feras saltando nos seus olhos. Sua boca torceu-se e suas mãos se agarraram à frente do vestido, e com um gesto de cabeça incitou-me a lutar.

Mas isto era já intenção minha muito antes, pois estava frio de raiva por ver que ele ousava pôr as mãos em mim. Esperei que chegássemos até a frente da classe, onde havia espaço. Logo que chegamos, empurrei-o e, já tendo lugar, golpeei por baixo, atingindo-o na boca do estômago e ferindo meus dedos na corrente de seu relógio.

Ele caiu, fazendo estremecer a sala. O quadro-negro tombou e o pó de giz voou. As meninas começaram então a gritar de novo.

— Corra, Huw — gritava Ceinwen —, corra, rapaz! Mas o Sr. Jonas já estava de pé e, ao aproximar-se, seus dedos voaram sobre mim. Esperei que ele se firmasse nos pés. Há uma sensação que nos empolga, quando desejamos ver sangue, e era ela que eu sentia bem forte dentro de mim, naquele momento. Não fora em vão que estivera lá na montanha com Dai e Cyfartha.

Um esquerdo no queixo, e oh! a alegria de sentir o punho estalar solidamente na carne que odiamos, de ver o olhar de espanto e de dor nos olhos odiados! Um direito no ar e um esquerdo e um direito na cabeça puseram-no de novo em terra, justamente no momento em que o Sr. Motshill entrava. É estranho como, num minuto, a gente se sente aquecido para a luta e ao mesmo tempo certo da justeza de nossa falta, para logo depois sentir-se mal e pronto a humilhar-se, de vergonha Foi o que senti, quando o Sr. Motshill entrou e ficou olhando.

— Morgan — disse ele, com uma voz dura como um açoite —, pegue seu chapéu e seus livros e já para sua casa. Não precisa vir aqui durante esta semana. Quero vê-lo na próxima segunda-feira. Sr. Jonas, tenha a bondade, venha ao meu gabinete.

Saí, enquanto Ceinwen ria a mais não poder, de mãos juntas.

Era para mim um problema ter de voltar para casa e dizer a minha mãe que fora expulso da escola, por ter batido num professor. Quanto mais pensava nisso, pior se apresentava meu papel no caso. Corri por entre montões de neve, desci a montanha pelo caminho mais fácil, para demorar mais e achar mais obstáculos, como se isso pudesse, um tico que fosse, aliviar uma consciência culpada, mas em vez de sentir-me melhor, pior me parecia tudo ao aproximar-me de casa.

Fui para a casa de Bron, mas ela estava ocupada lá em cima, e embora gritasse para baixo, saí sem responder. Fiquei então com medo de que minha mãe pudesse sair e encontrar-me. Joguei os livros pela janela do quintal e desci, correndo, para a casa do Sr. Gruffydd. Ele estava se mudando da casa da Sra. Rowlands, que ia passar a morar com sua filha, para a casinha ao lado da capela, uma linda casinha, com grandes janelas, e uma porta com pequenos pilares e um pórtico em concha à entrada.

Entrei pela porta da rua para a escuridão do corredor, procurando caminho por entre caixas, pranchas de madeira, latas de tinta, até a porta de seu gabinete, diante do qual me detive. O Sr. Gruffydd estava em mangas de camisa e muito afogueado, apesar do frio que fazia lá fora e do gelo que se agarrava às janelas. Um bule de chá de nossa casa estava em cima da mesa, tendo ao lado um prato nosso

com pão, comida e verduras. E também ao lado de tudo aquilo, novamente Angharad, encostada a um toucador antigo, com os braços na prateleira de cima, a cabeça apoiada nos braços, olhando de soslaio para o Sr. Gruffydd, o cabelo a descer-lhe pelas costas, por cima da capa. O Sr. Gruffydd estivera fazendo muito barulho ao arrastar um caixote, por isso não me ouvira entrar, e antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, olhou para Angharad e tirou um lenço do bolso para enxugar a cabeça.

— Tenho pensado e pensado muito — disse ele —, mas ainda acho que isso não está direito.

— Não tem razão — disse Angharad, mas sem cólera, apenas um pouco impaciente. — Não estou ligada a Iestyn. É apenas um amigo.

— Mas que a vem cortejando há meses — disse o Sr. Gruffydd. — Sua mãe está sempre dizendo como se sente feliz, por saber que você não conhecerá necessidade durante sua vida, casando com ele.

— Não é de riqueza que preciso — disse Angharad, e havia tanto de minha mãe no seu jeito de falar, que me deu vontade de rir. — Há coisas muito mais valiosas que a riqueza.

— Contudo não me parece direito por sua causa — retrucou o Sr. Gruffydd, com enfado.

— Cuide um pouco mais de seus próprios interesses e menos dos meus. Se eu quisesse casar com ele, casaria. Mas prefiro o senhor.

— Angharad — disse o Sr. Gruffydd —, você não tem vergonha?

— Está bem — respondeu Angharad —, mas só o Diabo é que se envergonha da verdade.

— Não — replicou o Sr. Gruffydd —, tenho certeza de que isso não está direito.

— O senhor tem medo da língua do povo — disse Angharad, pondo-se a ajuntar as panelas. — Só isso: medo da língua do povo.

— Não é nada disso. Tenho medo é de vê-la passando necessidade a vida inteira. De que você e eu tenhamos de depender da caridade alheia, para a maior parte de nossa subsistência, e de que meu benefício eclesiástico não dê para viver. Pensa que desejo ver seus cabelos embranquecer vinte anos antes do tempo? Veremos nossos filhos crescer com roupas rejeitadas pelos outros? Deveremos dar graças por uma filharada, numa casa cheia de

refugos e de presentes de coisas já fora de uso para os doadores? Não, Angharad. Sou um homem. Posso suportar uma vida semelhante, por causa de minha missão. Mas penso que poderia chegar até o crime, se visse que essa minha vida assim teria algum efeito sobre você.

— Por quê? — perguntou Angharad, aproximando-se dele com uns olhos deslumbrantes e os dedos abertos num gesto de desamparo.

— Porque não há necessidade disso — disse o Sr. Gruffydd, muito triste. — A pobreza não é uma virtude, como também não é a pobreza do espírito. A vida é boa e cheia de bondade. Deixemos que todos os homens possam gozá-la.

— Mas por que iria o senhor até o crime, se sua vida, tal como é, viesse a afetar a minha?

— Porque — disse o Sr. Gruffydd, procurando palavras para exprimir-se e olhando para tudo, menos para o rosto de Angharad —, pois bem... porque sim. E agora deixe-me voltar ao meu trabalho.

Deu-lhe as costas para ir puxar as cordas de um caixote e afastá-lo de junto dela. Angharad mirou suas mãos um instante e vi seu ar sério e o gesto desesperançado de sua cabeça. Enquanto ela ficava, de costas voltadas, colocando as panelas no cesto, saí pelo corredor, nas pontas dos pés, e subi até a casa de Bron.

— Bron — disse eu —, fui expulso da escola porque bati no tal Jonas.

— Bateu muito, rapaz? — perguntou Bron, tirando a farinha de trigo das mãos.

— Sim, nele e no quadro-negro.

— Somente uma vez? — perguntou Bron, aproximando-se.

— Umás cinco vezes ao todo. E duas vezes ele foi ao chão.

— Você vai ganhar cinco beijos — disse Bron, agarrando-me e estalando cinco beijos na minha cara. — Agora vá para casa e conte a sua mãe.

— Estou com medo.

— Medo, rapaz? Sua mamãe já preparou tudo para você, exceto misturar cebola com carne de grelha e queijo. Vá embora e volte

depois para comer uma torta de amoras fresquinhas.

— Está bem. Mas ainda estou com medo.

E assim entrei pelo quintal, andando devagar, dando pontapés no gelo dos seixos e demorando o mais que podia. Quando estamos com receio, parece haver no nosso cérebro um centro que requer tempo, antes de dar as ordens para que caminhemos, e obriga a gente a fazer coisas na maioria das vezes sem sentido, minutos a fio, antes que a coragem chegue e nos leve a fazer a coisa que temíamos. Levei minutos para alcançar a porta de trás de casa, e mais minutos em escovar minhas botinas com excessivo esmero. Quando levantei a vista, minha mãe estava olhando para mim e sorrindo, enquadrada na janela de trás.

— Venha cá — disse ela, com uma voz abafada pela janela e pela cortina.

Segui para lá e parei. É outra coisa estranha: se a gente tem alguma coisa na consciência e espera algum castigo, fica parado, todo sem jeito, como se isso também nos conseguisse tirar do embaraço.

— Então? — perguntou minha mãe.

— Fui expulso da escola, mamãe — respondi eu, quase sem voz.

— Bron me contou. Há semanas que estou precisando de alguém que leve essas estantes para a casa do Sr. Gruffydd. Vá você.

— Mas joguei o Sr. Jonas no chão, mamãe — disse eu, para saber se estava livre ou não.

— Pespegou-lhe um bom pontapé? — perguntou-me mamãe, batendo com o dedal na bola de cerzir por dentro da meia.

— Não, mamãe.

— Eu devia estar lá. Bem, leve as estantes. Sentia-me capaz de carregar cinquenta estantes nos dedos, tão alegre estava.

Outro, porém, era o modo de pensar do Sr. Gruffydd a respeito do caso.

— Você bateu no seu professor? — disse ele, quando lhe contei, e parecia que cada fio de sua barba se eriçava. — Que vergonha para você, Huw Morgan! Coisa tão vergonhosa nunca ouvi. Bateu no seu professor? Um fedelho levantando a mão contra um homem investido de autoridade?

— Perdi a cabeça.

— Perdeu a cabeça — disse o Sr. Gruffydd, com desprezo bastante para cobrir um monte de escórias. — Perdeu então a cabeça, não foi? A cabeça, com efeito! Bem, bem. De modo que, quando formos incitados, ou nos puserem nos nossos devidos lugares, devemos perder a cabeça e bater, não é? Já ouviu dizer que Jesus fizesse isso? Perdeu Ele alguma vez a cabeça?

— Com os vendilhões do templo.

— Porque eles profanavam um lugar sagrado, mas nunca contra a lei e contra a autoridade constituída. Nem mesmo quando iam matá-lo. Mas o patrãozinho Morgan tem de perder a cabeça e bater no seu professor, jogando-o no chão. Sim, senhor! Já ouviu o Sr. Morgan falar a respeito de Sócrates?

— Já, sim, senhor.

— Então tenha a bondade de ler o diálogo referente às leis da terra entre essa grande e brilhante figura e Criton — disse o Sr. Gruffydd, apontando para o livro. — O Professor Platão dar-lhe-á uma lição.

Peguei o Platão e encontrei o trecho.

— Isso foi escrito há mais de dois mil anos e é vergonhoso para nós que, com todos os nossos belos programas educacionais, ainda encontremos um rapaz insolente, pondo as mãos atrevidas na cara de quem exerce autoridade sobre ele. Continue desse jeito que ainda havemos de vê-lo pendurado numa forca.

— Sinto muito, senhor — disse eu, sentindo no peito um pesadume doloroso, como uma ferida.

— Está arrependido, não é? Sim, senhor, sim, senhor! Tem a amabilidade de estar arrependido. Mas primeiro tem de derramar sangue, para satisfazer o seu rico mau gênio, e depois passa a sentir-se arrependido. Por que não pensou primeiro? Hem? Mas Sócrates era um homem feito à imagem de Deus e por isso mesmo nobre. Preferiu perder a vida a ofender as leis do Estado, ou contradizer a palavra daqueles que exerciam autoridade sobre ele. Foi isso que fez o Sr. Morgan? Vá embora, rapaz. Estou que não posso de vergonha.

Escapuli da casinha e subi a colina, entrando pelo quintal de casa. Lá dentro do barracão sentei-me no escuro, em cima da máquina coberta, e de novo vi o Sr. Gruffydd, ouvi sua voz, estorcendo-me a cada uma de suas palavras.

Depois de ficar muito tempo nisso, galguei o alpendre, entrei pela janela e deitei-me, pois ocasiões há em que a cama é o único lugar na terra onde se pode ter sossego.

— A culpa está de ambos os lados — disse meu pai, na manhã seguinte. — Mas eu poderia ter feito a mesma coisa, I por isso não digo nada. Veremos o que se vai dizer, quando você voltar para lá na segunda-feira.

— O Sr. Motshill disse que desejava submeter-me a exame para a universidade.

— Seus irmãos poderiam ter também ido — disse meu pai — , mas essas mulas teimosas preferiram começar a trabalhar. Se passar no primeiro exame, meu filho, ganhará dez soberanos. Veremos o que faremos depois disso. Não é?

— Sim, papai.

— Coma — disse minha mãe — , coma bem para ter miolos.

Aquela semana para mim passou como se estivesse sendo carregada nas costas de lesmas. Limpei os galinheiros e remendei-os com pedaços de madeira, nos lugares esburacados pelas raposas. Fiz o que pude no jardim, caiei a frente de nossa casa e a de Bron, lustrei a velha máquina até deixá-la brilhando como ouro e prata, pois o seu aspecto me dava enjoo. Somente para a segunda-feira vir e tudo começar de novo.

Angharad procurou-me pelo fim da semana, para dizer-me que o Sr. Gruffydd precisava de algum auxílio na casinha. Fui correndo para lá. Quando entrei, ele sorriu para mim, como de costume, e estendeu a mão.

— Entre, Huw.

— Obrigado, senhor — disse eu e nada mais.

— Vou começar a fazer minha mobília, Huw. Aqui estão os desenhos.

Na verdade, os desenhos faziam quase a gente dar gritos de prazer. Linhas que partiam do alto e acabavam no soalho, numa

curva longa e elegante. Nada de bossas, corcovas ou pedaços disparatados, mas redondezas e largas, simples, mas artísticas, pois era evidente que um olho experimentado tinha observado essa justa proporção que não apenas equilibra o desenho, mas dá-lhe aquela dignidade que anuncia, como um som de trombetas, que o artista pôs ali sua mão e ergueu seu monumento.

— Que bonito! — disse eu.

— Bom. Traga a madeira para tirarmos as medidas. Ainda não havia sido serrada uma polegada, quando Isaac Wynn veio bater à porta, correndo diretamente da mina para lá.

— O Sr. Evans escorregou para baixo dum carro de carvão, na galeria inferior — disse ele, resfolegando. — O Sr. poderá vir, Sr. Gruffydd?

O Sr. Gruffydd saiu de casa a correr, antes mesmo que Isaac Wynn o acompanhasse, deixando o chapéu e o sobretudo.

Peguei-os, bem como uma manta de pescoço, e corri atrás dele. Eu poderia ter-me poupado a corrida, pois quando cheguei à mina, já vinha trazendo o Sr. Evans para cima, para colocá-lo na casa de guindagem. Entreguei as coisas ao lampionista e voltei, mas enquanto caminhava ouvi o hino fúnebre.

Por todo o percurso da rua, até onde o som era ouvido, os homens tiravam os bonés e permaneciam em silêncio. As mulheres chegavam às portas, chamavam baixinho os filhos para dentro e ficavam olhando. A aldeia estava cheia de gente, que permanecia silenciosa, enquanto o hino se erguia agudamente do poço da mina e o vento gemia lastimosamente.

O velho Evans morrera entre seus próprios operários, na casa de guindagem que ele mesmo ajudara a construir, cuja roda girara noite e dia, durante anos, para enriquecê-lo, e agora, afinal, girara mais uma vez para carregá-lo, morto, para cima.

Voltei para cortar a madeira, aguardando o regresso do Sr. Gruffydd. Quando este entrou, causou-me pesar o aspecto de seu rosto. Parecia doente e tinha o olhar de um moribundo.

— Vá para casa, Huw — disse ele, sentando-se na prancha. — Peça desculpa à sua mãe em meu nome. Não irei jantar hoje.

— Sim, senhor. Devo voltar depois do jantar para acabar o serviço?

— Não. Desejo ficar sozinho. Direi a você quando deve vir. Voltei então novamente para casa.

Minha mãe nada disse quando lhe dei o recado, mas lançou um olhar para Angharad, que estava chorando, sentada no tamborete, perto do fogo, deu um muxoxo e foi cortar o pão com uma gana, como se o odiasse.

O velho Evans teve um enterro que parecia não ter mais fim. Não somente havia gente acompanhando-o montanha acima, na frente e atrás, mas quase a cada passo do caminho havia gente enfileirada, vinda dos outros vales. Cada mina, cada oficina de estrada de ferro, cada forja, cada freguês e cada capela, cada sociedade e coro e time de futebol compareceu em peso.

Nunca vira tanta gente, aquelas fileiras tristonhas e infindáveis e de rostos vermelhos, brilhantes de sabão e mais vermelhos e mais brilhantes por causa da neve. E todos de preto, de luto fechado, da cabeça aos pés. Exceto o colarinho dos homens e o nariz das mulheres, nenhuma mancha branca se via. Hinos e mais hinos durante milhas, com todas as pernas em movimento, às vezes por igual, às vezes descompassadamente. E quando o hino cessava por um instante, ouvia-se o tropel dos passos e o ringido das botas novas, o murmúrio das saias das , mulheres aumentando cada vez mais, sem parar, e a neve dando um maravilhoso polimento às centenas de chapéus altos.

Angharad estava com meu pai e minha mãe, bem por trás de Iestyn e seus dois tios de Londres, que vendiam a produção, e do Sr. Gruffydd, com mais quatro outros pregadores.

Eu estava em companhia de Bron, vendo o enterro passar, a meio caminho da colina, contente por não me achar nas fileiras.

— Vamos — disse Bron, quando ainda nem metade do povo havia passado —, voltemos para casa. Vamos tomar uma boa xícara de chá.

Subimos o caminho a correr, mas eu já havia posto a chaleira no fogo, antes de Bron chegar perto da casa.

— Pobre Angharad — disse Bron. — Por que pobre, não posso dizer. Ter que escolher entre dois homens de bem. Nem tão pobre assim, afinal.

— Pensa que ela escolherá o Sr. Gruffydd? — perguntei-lhe.

— Se o Sr. Gruffydd a quiser — respondeu Bron. — A consciência é que o perturba. Ela vai fazer dezoito anos. Ele está perto dos quarenta. E será um homem pobre, até o fim dos seus dias.

— Ele é pobre? — perguntei-lhe, bem surpreso.

— Vinte e cinco libras por ano. Sua mãe recebeu isso muitas vezes de seu pai, em dez dias, não faz muito tempo.

— Dez xelins por semana? — perguntei-lhe, mais que surpreso.

— Para o Sr. Gruffydd? Somente dez minguados xelins por semana?

— Quando se lembram de pagar-lhe — acrescentou Bron. — Seu pai tem dado em cima deles há várias semanas, mas só dizem que a greve engoliu tudo e deixam o Sr. Gruffydd esperando. Ele esperará até que os sapatos lhe apodreçam nos pés, sem dizer uma palavra sequer.

— Como poderemos ajudá-lo, Bron?

— Conservando nossas bocas caladas, rapaz. O Sr. Gruffydd pedirá para si mesmo, quando desejar. Nós por ele é que não.

— Então Iestyn casará com Angharad?

— Espero que sim. Casar com um pregador é casar com a capela. Eu, nem que me pagassem cem soberanos de ouro por semana. Iestyn é agora um homem rico, de modo que o pobre Sr. Gruffydd levará a pior. E isso me causa dó.

Quando Angharad voltou do enterro, foi direto para a cama. No dia seguinte, minha mãe enviou-a com Ceridwen para a granja, a fim de que ficasse afastada por algum tempo. O Sr.

Gruffydd deixava agora de vir à nossa casa durante dias, e quando eu subia à sua residência para ajudá-lo a fazer a mobília, a pequena casa estava sempre fechada. Mas sabíamos que estava entregue à sua tarefa, pois Ellis o via seguindo para as granjas da montanha, e presidia enormes reuniões, todas as noites da semana, na capela.

Iestyn fora para Londres com seus tios. Todos os dias Ellis trazia uma gorda carta para Angharad, que Bron lhe levava, e nem um dia,

exceto o domingo, deixou de chegar carta, enquanto ele estava ausente. Acho que passava os dias em frente do papel tarjado de preto.

Voltei à escola na segunda-feira, bastante ansioso a cada passo do caminho. Ceinwen encontrou-se comigo lá junto das forjas e fingiu que andava por aquele caminho à procura de linha para sua mãe, mas embora passássemos em frente da casa de Meredith, dono do armarinho, não fez menção de entrar, se bem que eu lhe houvesse chamado a atenção. Durante muito tempo não nos dissemos nada, até chegarmos ao portão, diante do qual parou indecisa, porque meninos e meninas estavam aglomerados ali.

— Huw — disse ela —, você me levará para ouvir os rouxinóis uma noite dessas?

— Rouxinóis? Mas estamos no inverno, menina.

— Bem, quando os rouxinóis estiverem expostos, então.

— Está bem. Dentro de uns três meses, ou talvez mais, você poderá vir.

— Muito bem. Não se esqueça. Está combinado.

— Está combinado.

Atravessei os grupos. Os meninos abriram alas muito delicadamente, sorrindo e desejando-me bom-dia. Eu mesmo fiquei surpreso por me achar envaidecido, como se me houvesse tornado alguém de importância. Mas afastei de mim essa vaidade, com um olhar à porta do gabinete. Lancei outro olhar para os quadros no vestíbulo, enquanto esperava o Sr. Motshill, e tentei imaginar um quadro ostentando apenas o meu nome, em letras douradas, ali entre o retrato do último diretor e o quadro com os rapazes que obtiveram prêmios. Decidi-me a obter um prêmio e ter o nome ali, ainda que tivesse de tirar sangue dos miolos.

— Muito bem, Morgan — disse o Sr. Motshill, por trás de mim.

— Bom dia, senhor — disse eu, sentindo-me quente.

— Espero que seja um bom dia, Morgan — disse ele, mas frio, limpando os óculos, sem olhar para mim. — Está arrependido do que fez?

— Estou, sim, senhor.

— Está disposto a trabalhar muito mais do que tem feito até agora? — perguntou-me, pondo os óculos, olhando para a janela para ver se eles estavam limpos.

— Sim, senhor.

— Vá então para sua classe. Espero ter uma grata surpresa quando abrir seus cadernos na próxima sexta-feira. Nada menos que uma surpresa, compreendeu?

— Sim, senhor — disse eu, entrando na classe, satisfeito por estar só e poder enxugar as lágrimas que me estavam vindo aos olhos. É estranho como a bondade leva a gente a chorar. E é tolo.

Pois bem, surpresa tive eu, quando entrei na aula.

Em vez do Sr. Jonas, lá estava o Sr. Tyser.

Fiquei tão contente por vê-lo que parei a olhá-lo, sentindo a surpresa petrificar-me o rosto. Ele sorriu ao ver-me, mas fingiu depois não me dar atenção, voltando-se para seus livros.

Oh! e então me sobreveio uma horrível sensação, quando o meu sangue gelou e ferveu dentro de mim, e estremeci, a respiração suspensa, ao resolver retribuir mil vezes a bondade do Sr. Motshill. Nada seria demais. Tudo seria demasiado pouco.

Trabalhar.

Lá fora, no recreio, à hora do almoço, tive outra surpresa, que me encheu de mal-estar e de raiva, e depois me divertiu, sem que me causasse satisfação.

O Sr. Jonas estava encarregado da classe das crianças, a classe logo abaixo da primeira elementar, com meninos e meninas de sete e oito anos. Vi-o sair da porta da classe infantil e caminhar de mãos nos bolsos. A aparência de suas costas causou-me pena, pois um ombro pendia mais baixo do que outro, de modo que seu paletó formava uma grande prega no dorso. Seus calcanhares arrastavam-se, as mãos não estavam bem dentro dos bolsos, mas apenas na extremidade, com os punhos da camisa arremangados e as munhecas vermelhas, como se não lhe importasse que estivessem dentro ou fora, frias ou quentes.

Pensei no seu sorriso e nas criancinhas. Tive pena delas e estremeci, cheio de gratidão por me sentir eu mesmo liberto daquele sorriso.

Capítulo XXII

Os vidros das janelas da cozinha caíram afinal. Sinto-me agora satisfeito por ter retirado tantos deles para dá-los de presente, bons vidros que eram, feitos num tempo em que os operários os torneavam a mão. Agradável rotundidade apresentavam, olhando-se de lado, como se estivessem saindo da vidraça, à maneira duma crosta de pastel das bordas de um prato, e dava prazer limpá-los, tão clara e brilhantemente resplandiam. Muitas e muitas vezes vi minha mãe limpá-los do lado de dentro. Nas pontas dos pés, podia ela atingir a terceira fila. Para a quarta e a quinta, utilizava-se do tamborete e, para a sexta, punha papel no peitoril e do tamborete subia nele. Depois descia e olhava para os vidros de lado, para ver se havia deixado alguma mancha. Senão, dobrava o papel e metia-o no guarda-louça, repolia o tamborete, colocava-o junto da lareira, e depois passava ao vidro do guarda-louça, pois o dia das janelas era também o dia das porcelanas, e cada panela, pedaço de vidro e vidro de janela ficavam reluzentes ao final de tudo.

Depois irão as portas lá de baixo e os vidros cá de cima. O próximo deslocamento, a próxima queda daquele montão lá de fora, está destinado a cobrir a casa. Poderá arrastar o telhado. Pobre casinha, ouço o teu lamento, sinto a tua dor com todas aquelas centenas de toneladas pesando sobre ti. Posso quase ver tua pequena face crispada de angústia, olhando para mim a pedir socorro. Mas eu nada posso fazer. Seriam necessárias dez gerações para remover do teu lado o montão com uma pá, e nem mesmo uma pá tenho eu agora, que me pertença. Tudo quanto possuo são as roupas do corpo, e este par de camisas e meias, que levarei comigo, embrulhados no paninho azul. Também vivia na fartura. Bom pano de lã vindo da fábrica, que o velho Hwfa Williams cortava

e costurava, de pernas cruzadas sobre o soalho, na sua pequena loja.

A primeira vez que entrei ali foi com meu pai, para tirar minhas medidas, a fim de saber que quantidade de pano teria de comprar na fábrica. Duas jardas e meia.

Seguimos para a fábrica. Entramos no pátio e, pela baixa porta de entrada, penetramos no salão de tecelagem. Havia no ar um cheiro de tecido de lã. Cheiro agradável e sadio, da terra e da humanidade. Que prazer sentimos em usar um pano assim, que sempre é amigo da gente!

Eu tinha uma casimira castanha, cor de um campo arado em solo pedregoso, depois que a folhas caíram, uns meses antes, e a grama está apenas repontando, ainda rala, mas já emergindo. Esta, e uma cinzenta, cor da chuva da primavera, e quase tão macia quanto a outra. Meu pai comprou um rolo dela para minha mãe e minhas irmãs, uma preta para si mesmo e para meus irmãos. Examinamos uma peça de pano verde, saído do tear, que meu pai comprou para fazer capotinhos para Olwen e Gareth.

Saímos dali como mecânicos abastecidos para uma viagem às Índias, e ao chegarmos à loja de Hwfa Williams, já estávamos prestes a cair, ao peso do love que levávamos.

— Calças compridas ou curtas, Sr. Morgan? — perguntou Hwfa a meu pai, com os olhos sorridentes e brilhantes para meu lado, como azuis botõezinhos de sapatos. — Será para fazer dele um homem ou deixá-lo como menino?

— Oh! papai — disse eu —, compridas, não é?

Meu pai olhou para mim e virou-se para olhar pela janela, coberta de gravuras de elegantes cavalheiros de cintura estreita e calças apertadas nos tornozelos, com capas e bengalas com borlas. Sentia-me todo dolorido no íntimo de mim mesmo, desejando que ele dissesse sim.

E Hwfa roçava seu dedal na ponta dos lábios e seus olhos azuis redondos como botõezinhos de sapatos olhavam, ora para mim, ora para meu pai.

— Está bem, Huw, meu filho — disse meu pai, e eu estava quase voando, de contente —, calças compridas. Você está

indubitavelmente crescido.

— Quatro botões na frente, até em cima — disse Hwfa, tornando-se muito ativo. — Calças com bolsos na frente, gola no colete. Pestanas nos bolsos do colete?

Os botões de sapato voltaram-se para meu pai e este me olhou.

— Sim, papai, por favor.

— Sim — disse meu pai, olhando novamente pela janela.

— Prova para o Sr. Huw Morgan, na próxima quinta-feira, às cinco da tarde — disse Hwfa, agora todo atarefado, falando para o velho Twm, que guardava as notas e modelos, punha fitas de seda nos paletós e fazia casas de botões.

— Veja bem — disse o velho Twm, com agulhas apontando no canto da boca e por todo o colete. — E Nan Mardy, que tem de vir meia hora depois, para provar um casaco três quartos e uma capa para chuva, com fitas de seda preta e bolsos de ambos os lados?

— Não se incomode com Nan Mardy, homem — disse Hwfa. — Eu já disse: o Sr. Huw Morgan.

— Bem, eu estava apenas avisando — respondeu o velho Twm, impaciente —, no caso de...

— No caso de, no caso de... — disse Hwfa, cujos botões de sapatos voavam de um para outro, sem parar. — Que história é essa de "no caso de..." pelo amor de Deus, seu velho maluco?

— No caso de ela o encontrar com as calças nas pontas das botinas e a fralda da camisa por cima do queixo, homem — gritou o velho Twm, fora de si.

— Ora, vá para o inferno — retrucou-lhe Hwfa. — Cuide das fraldas de sua própria camisa e deixe que os outros cuidem das suas e que o diabo leve a tal de Nan. Uma boa olhadela para uma fralda de camisa seria o bastante para dar-lhe vida.

— Vamos — disse meu pai. — Sr. Williams, faça o favor de conter sua língua, enquanto o menino estiver perto do senhor.

— O menino não tardará a aprender tudo isso e mais alguma coisa — disse Hwfa. — Às cinco da tarde de quinta-feira e esse maluco desse velho que vá pró inferno com essa tal de Nan Mardy!

— Então, boa tarde — disse meu pai. Empurrei a porta o mais fortemente que pude, para fazer a campainha tocar mais. Hwfa

continuava a gritar e o velho Twm rogava-lhe pragas em retribuição, quando já nos encontrávamos duas casas adiante. Meu pai olhou para mim e sorriu.

— Por que uma boa olhadela para uma fralda de camisa seria o bastante para dar vida a Nan Mardy, papai?

— Cuide de sua vida, que Nan cuidará da vida dela, e todos nós seremos muito felizes.

De novo experimentava no meu íntimo aquela sensação de um calor desesperado ao ver que me negavam o conhecimento de alguma coisa a que poucas palavras dariam plena explicação. Decidi-me a ficar sabendo do que se tratava, e pus-me a pensar em quem me poderia dar a explicação, sem zombar de mim. Pensei em Tegwen Beynon e em Ceinwen Phillips, pois achava que elas sabiam, muito mais do que eu, de coisas que os adultos procuravam ocultar delas. Mas lembrei-me de certo olhar das duas, de que Tegwen e Ceinwen tinham o mesmo olhar, com algo de uma ardente nebulosidade, que lhes enevoava os olhos, embora os deixasse brilhantes. Pensei depois em Bron e senti, com ardor, que teria a resposta certa.

Ceridwen e Blethyn iriam casar-se, logo que estivesse pronta sua casa, no vale vizinho, dentro de duas semanas. Por causa disso e do casamento de Angharad com Iestyn é que eu estava tendo roupa nova.

Ceridwen e Blethyn não faziam alarde em torno de seu casamento, pois eram felizes, sabiam que dentro em breve estariam casados, sua casa ia-se erguendo tijolo a tijolo, diante de seus olhos, sua mobília estava comprada, a cômoda de Ceridwen estava cheia, de modo que não havia necessidade de barulho.

Criatura mais sossegada do que aquela, garanto que nunca vi. Quanto a Blethyn, perto dela não enxergava ninguém mais. Ceridwen era seus olhos, seu coração, sua alma, e era engraçado ver os olhos dele pousados sobre ela, acompanhando-a para onde quer que ela fosse. Quando passava ao lado dele, fazia-lhe cócegas na nuca com os dedos, às vezes puxava-lhe a ponta da orelha, mas delicadamente, sem magoá-lo, e ele olhava para ela então com um sorriso, que ia coração adentro como uma lança.

Mas Angharad e Iestyn...

— O Sr. Beijo e a Sra. Unhada — dizia deles minha mãe. — Beijo numa hora, unhada na outra. Braços enlaçados agora, punhos erguidos daí a pouco. Eu os tocarei de casa com um pano de prato, se as coisas continuarem desse jeito.

Realmente, minha mãe tinha mesmo razão de queixa.

Logo que Iestyn regressou de Londres veio à nossa casa, num cabriole novo, azul-escuro, com uma faixa vermelha em torno das rodas, um corrimão de cobre com um longo cabo, também de cobre, para um chicote de nogueira e marfim, lindo, de verdade, com uma branca correia, formando linda curva na ponta e depois enrolando-se em torno do cabo, uma pequena égua baia, polida como uma peça de mobília, de tronco curto e com um pescoço que se arredondava, como a extremidade de um S, com a crina trançada e quatro manchas brancas nos porretes. Seus cascos brilhavam como prata.

Tive vontade de chorar só de vê-la, tão bonita era ela e tão orgulhosa de suas bridas de couro vermelho, com o sol a bater-lhe em cima.

Iestyn, com um chapéu de feltro cinzento e uma roupa xadrez preta e branca, de gravata branca e alfinete de pérola, botinas marrons. Um janota. Uma luz fulgurou nos olhos de minha mãe e logo desapareceu, fazendo a gente desconfiar de tê-la visto. Ele tirou o chapéu de feltro, curvou-se diante dela, dando-lhe bom-dia, ao que ela respondeu, inclinando a cabeça e olhando depois fixamente para ele, antes de retirar-se para a cozinha. Iestyn ficou parado, rodando o chapéu nas mãos, sem saber se deveria entrar ou ficar do lado de fora. Depois Ianto piscou-lhe os olhos e fez um aceno, e ele sorriu como se tivesse apertado um dedo na porta, entrando para a sala como quem penetra na caverna de um leão.

Voltou para fora um minuto depois, lançou para nós uma piscadela constrangida, pulou para a boleia, pôs a coberta de lã em cima dos joelhos e dirigiu o carro colina acima, na direção da granja.

Quando entramos, minha mãe ainda dava largas ao seu mau humor nas roupas que estavam na tina. Caiu fora uma camisa de meu pai, cheia de sabão, e logo ela torceu-a e retorceu-a, bateu-a de encontro à tábua depois, e esfrega que esfrega, esfrega que

esfrega, que já causava admiração ainda haver camisa ou tábua de bater. Um pouco de seu cabelo saía-lhe de sob o paninho azul e pendia sobre seu rosto, cheio de sabão da sua mão impaciente, quando tentava afastá-lo.

— Vocês o viram? — perguntou-nos mamãe, com as mãos na espuma, olhando para nós e soprando para afastar o cabelo, que acompanhava com a vista.

— Sim — disse Ianto. — Que linda eguazinha!

— Égua? — exclamou minha mãe, e lept, lept, lept, com a camisa na tábua, enquanto a espuma voava para todos os lados. — Estou falando dele.

— Ora, se ele pode trajar-se daquela maneira — disse Ianto —, é que já entrou nos cobres. Deixe o rapaz.

— Dinheiro ou não — disse minha mãe —, que ele se vista de cetim e diamantes. Não tenho que ver com isso nem um tico. Mas que ele espere para vestir-se desse jeito até que possa usar tais roupas sem constrangimento. Estava bem acanhado por causa das roupas. Que espere até a Srta. Angharad lhe pôr os olhos em cima. Não lhe deixará um cabelo na cabeça.

No dia seguinte, Angharad veio para casa, logo depois que eu cheguei da escola. Não aparentava nada de insólito, pois seu aspecto era o mesmo, rindo como quando se aprontava para enxugar os pratos depois da ceia. Mas eu sentia que nela havia algo de irregular. Era como se uma luz suplementar se houvesse apagado dentro dela. Iestyn ali estava para cear e depois levou-me a um passeio, mas embora sorrissem um para o outro, nem um tanto assim eram iguais a Ceridwen e Blethyn. Nunca senti por Iestyn a ternura que sentia por Blethyn. Nem uma vez sequer me fez ele ficar triste ou rir, como fazia Blethyn. Iestyn não perdia oportunidade de beijá-la, quando pensava que não eram vistos, e Angharad mostrava-se bastante pronta a ser beijada. Mas seu ar jamais era igual ao de Ceridwen, com aquela felicidade que não é da terra, quando o mundo poderia rolar em triste ruína, sem que ela desse por isso.

De uma feita, Ianto chegou a casa com o Times, certa noite, e mostrou a papai e a mamãe um trecho, à esquerda da página da

frente, marcado com riscos de tinta.

— De quem vem isto? — perguntou-lhe minha mãe.

— Ora, foi Ellis quem acabou de dar-me — respondeu Ianto.

— Veio pelo correio? — perguntou meu pai, pondo os óculos para ler.

Veio — disse Ianto, sorrindo, muito intencionalmente.

— De quem, mamãe? Adivinhe, então.

— Ora, quem será? — perguntou ela, franzindo o cenho.

— De Olwen — disse meu pai.

As mãos de minha mãe caíram-lhe no colo e ela relanceou a vista pela cozinha, como se a casa lhe estivesse fugindo. Ianto pôs-lhe o braço em redor da cintura e ela se agarrou a ele.

— Meu Deus! — disse meu pai, ao ler o jornal. — “Evans-Morgan. Foi contratado casamento entre Iestyn Dylan Evans, filho dos falecidos Sr. e Sra. Christmas Dylan Evans, de Tyn-y-Coed...”

Parou e olhou para minha mãe, sem que seus lábios se abrissem um pouco sequer.

— Leia, homem, leia — insistiu minha mãe, com surpresa.

— Nem mais outra palavra — disse meu pai, com raiva. — Eu lerei alguma coisa para o Sr. Iestyn Evans, quando o encontrar. O pai dele ainda não esfriou na cova e ele já publicando bobagens no jornal. Se um casamento foi contratado, nada sei disso. Hei de ser consultado, se algum arranjo houver de ser feito. O Sr. Iestyn adquiriu hábitos demasiado ingleses. Hei de rebentar-lhe os queixos antes que ele fique uma hora mais velho.

— Diga-me por favor quem foi que enviou o jornal — disse minha mãe, batendo nos joelhos a cada palavra — e de onde é que veio.

— Foi Olwen — respondeu meu pai, curvando-se para ela.

Olwen mandou o jornal de Londres. E diz que deixemos Angharad casar-se com esse maluco, que gosta de ambos e que em breve estará aqui.

— Graças a Deus, meus filhos estão bem! — disse minha mãe — e graças a Deus por tê-los em casa. Quando?

— Nem uma palavra a esse respeito, corja de velhacos!

disse meu pai, olhando de novo para o escrito. — Esperem o regresso do Sr. Iestyn.

— Deixe-o agora, Gwil — disse minha mãe. — Se ele tinha lá suas razões, que fique com elas.

— Sou ou não sou o pai de Angharad Morgan? — perguntou meu pai, de punhos cerrados. — Ou serei eu um corretor de casamentos?

— Ele foi presumido, isso foi, papai — disse Ianto —, mas não há mal nisso.

— Para mim há mal, sim — disse meu pai. — Se Angharad tem que casar-se, serão lidos os proclamas devidamente na capela. Depois é que irão para os jornais. Depois, estão ouvindo? e não antes! Somos então um grupo de pagãos, por causa dum frangote que não tem mais pai para dizer-lhe sim ou não?

Eu estava lá atrás quando ouvi que Angharad voltava com Iestyn. Pus a cabeça para fora da porta e dei um assobio.

— Seu Iestyn, tome cuidado — cochichei eu. — Chegou de Londres o Times e meu pai já preparou bacias para aparar o sangue.

— Que é isso, hein? — perguntou Angharad a Iestyn.

— Nosso noivado — respondeu Iestyn. — Quem foi que se intrometeu?

— Noivado? — perguntou Angharad, de cara franzida. — Que é que você foi arranjar de novo, me diga!

— Oh! meu Deus! — exclamou Iestyn — vocês me põem doido. Anunciei nosso noivado pela imprensa, de um modo decente e adequado. Tem alguma objeção a fazer?

— Tenho, sim — disse Angharad, rápida e secamente. — Quem é você para me dar como sua noiva, sem mais aquela?

— Que é que você está dizendo?! — disse Iestyn, tão surpreso que mal podia falar. — Por que diabo tenho vindo eu aqui todo esse tempo? Por que tenho insistido para casar-me com você, durante todas essas semanas?

— Mas eu disse sim? — perguntou-lhe Angharad, mais fria do que gelo.

Penso que foi a única vez na vida dele, ou na minha, que senti pena de Iestyn Evans.

Ele olhou para ela e, embora não se pudessem ver os olhos, adivinhei esse olhar, tão profundo, tão suplicante, tão lastimoso, tão chocante, voando atropeladamente na escuridão, ao encontro dela.

— Angharad — disse ele —, como se um estrangulador lhe estivesse apertando o pescoço —, Angharad. Por que é você tão cruel para comigo?

E caiu de joelhos, com os braços em torno da cintura dela.

— Você deve se casar comigo. Você deve. Você deve. Eu a amo, minha querida. Eu a amo.

— Levante-se, rapaz — disse Angharad, ofegante, como se tivesse facas na voz. — Será que você virou capacho para que os outros malucos o vejam? Vá para casa, agora. Volte dentro de dois dias e terá um sim, ou um não.

Ele levantou-se e fitou-a de novo. Os sons noturnos não eram bastante altos para abafar o silêncio de sua fúria.

— Se pensa que me pode tratar como está fazendo — disse ele —, está enganada. Há muitas outras mulheres no mundo, e eu posso fazer a escolha que me convier, em qualquer tempo que queira. Por que me tem beijado, se nem pensava em casamento?

— Eu sou Angharad Morgan — disse ela, e o rio jamais correu tão frio como sua voz. — Vá para o inferno!

E foi saindo, antes que ele fizesse qualquer movimento, batendo com a porta, a ponto de abalar a casa.

— Que todas as mulheres se danem nas profundezas do inferno! — disse Iestyn, olhando em redor, enquanto eu apagava a lâmpada. — Perdeu a língua, Huw?

— Não — disse eu. — Se você deseja Angharad, não fale em outras mulheres e não se exhiba.

— É tudo uma mesma raça — disse Iestyn, de olhos ainda úmidos. — Nunca vi gente como esta, da mais moça à mais velha. Ela tem-se encontrado com esse tal Gruffydd?

— Quem sou eu para dizer-lhe isso? Agora, me deixe. Vou deitar-me.

— Aqui está meia coroa para você, Huw — disse ele, metendo a mão no bolso.

— Compre açúcar de cevada para sua eguazinha baia — disse eu — e diga quem mandou. Agora, boa noite.

— Raios os partam! — exclamou, e saiu quintal afora, como se tivesse no encalço bruxas a tangê-lo com vassouras.

No dia seguinte, lá no chalezinho, estava eu ocupado em aplainar uma tábua de nogueira para o tampo de uma escrivaninha e o Sr. Gruffydd fazia girar uma roda para tornear pernas de cadeiras, quando Angharad entrou, trazendo chá e bolinhos. Não disse uma palavra. Encheu uma xícara de chá para cada um de nós e trouxe-nos os pratos.

— Muito bem, Angharad — disse o Sr. Gruffydd —, como está você hoje?

— Bem, obrigada.

— Ótimo — disse o Sr. Gruffydd, pondo um bolinho na boca e voltando a girar a roda.

— Posso conversar com o senhor na outra sala, depois que tomar seu chá? — perguntou-lhe Angharad, como costumava falar a meu pai, quando lhe pedia níqueis para comprar doces, linda, com grandes olhos e um leve sorriso.

— Agora mesmo — disse o Sr. Gruffydd, levantando-se, e tirando cavacos de suas calças.

— Acabe primeiro de tomar seu chá, por favor — disse Angharad, com um tremor na voz.

— Venha — disse o Sr. Gruffydd. — Huw, deixe uma xícara para seu companheiro, sim?

— Sim, senhor.

O Sr. Gruffydd fez um gesto de quem ia pôr o braço em torno dos ombros dela, mas, em vez disso, abriu a porta e fechou-a atrás de si.

Que bom é aplainar um bom pedaço de madeira com uma ferramenta amolada, ver o veio da madeira tornar-se melhor e tomar mais forma, a cada cavaco que se enrosca na lâmina. O Sr. Gruffydd recebia sua madeira de graça, de Daniel Thomas, o lenheiro, porque nem um dia sequer deixara de visitar a Sra. Thomas, de cama havia anos, desde que um cavalo disparara com ela e a lançara nos seixos de uma granja. Era na verdade uma boa madeira, e melhor não poderia ser, escura, com um veio avermelhado do melhor padrão que já vi, seca e dura pela idade. Até mesmo a plaina lhe estava dando lustro, de modo que eu me afadigava para acabar e ir dar o polimento devido, pois nada há que mais satisfaça a gente do que

ver uma maciez perfeita e reluzente ir tomando vida sob nossas mãos, curvando-nos para observar o sol que sobre ela se deita e alegrando-nos com isso.

Ouvi Angharad sair correndo da casa e pouco depois o Sr. Gruffydd entrou, mas eu conservei meus olhos baixos sobre a plaina. A roda começou a girar e parou. Depois começou de novo, andou um pouquinho, e parou por mais tempo. Depois recomeçou, duas vezes mais forte, e continuou rodando, até que ficou escuro e eu meti minhas ferramentas na arca.

— Está bem — disse eu —, vou tratar de cear, agora. Boa noite, Sr. Gruffydd, e obrigado.

— Obrigado a você, meu filho — disse o Sr. Gruffydd. — Amanhã de novo, ouviu?

— Logo que voltar da escola. Então, boa noite.

— Deus o abençoe, meu filho — disse o Sr. Gruffydd, a quem deixei quieto, defronte da roda, em meio das trevas.

Capítulo XXIII

Mas muito tempo se passou antes que eles regressassem a casa, muito depois dos casamentos de Ceridwen e Blethyn, de Davy e Wyn.

Casaram-se juntos, na nossa capela, num sábado, primeiro dia em que a neve desapareceu dos campos, após meses. Lembro-me, porque se houvesse neve ou lama sob os pés, eu teria de usar minhas botinas da escola, em vez das botinas novas, e aquelas eram demasiado grossas e estragadas, para estar de acordo com a minha roupa nova de casimira cinzenta. Seria mesmo tolice usar botinas grossas e velhas com roupa boa.

Como me sentia orgulhoso, por ter de ir com minha primeira roupa feita sob medida! Antes, naturalmente, fora minha mãe quem costurara minhas roupas, ou as comprara prontas na loja, mas não há sensação agradável em vestir uma roupa feita, porque já está feita e pronta para ensacar a gente. E ensacar mesmo, com enchimentos nos fundilhos das calças, enchimentos debaixo dos braços, bastante fazenda na frente para dar duas voltas em redor do corpo, as mangas descendo até às pontas dos dedos, as calças demasiado curtas para merecerem o nome de calças compridas e passando demasiado dos joelhos para serem chamadas de calças curtas. Mas a gente usa o que nos foi dado, e ficaremos satisfeitos em andar com ela uns dois ou três domingos, porque é nova, mas depois as pregas que atestavam a sua novidade desaparecem, e não é senão uma roupa de domingo a mais, comprada grande porque a gente ainda vai crescer.

Mas ter uma roupa feita sob medida, com fita métrica e giz, ah! meu Deus, que sensação agradável, realmente!

Durante muito tempo, estive à espera de que meu pai desse ordem para eu ir buscar meu terno, mas porque Angharad e Iestyn seguiram para Londres, a fim de casar-se, nada se fizera. Depois é que recebi a ordem esperada, justamente antes que meu irmão dissesse que casaria com Wyn no dia do casamento de Ceridwen e Blethyn, por isso naquele dia corri da escola para casa com um objetivo e desci diretamente à casa de Hwfa e do velho Twm.

— Uma prova do Sr. Morgan — disse Hwfa para Twm, logo que transpus a porta.

— Sim, sim — disse o velho Twm, dando pontos mais ligeiro, para acabar uma pequena peça. Depois cortou a linha com os dentes e enfiou a agulha no seu colete.

— Bem — disse Hwfa, com suavidade, e os botõezinhos de sapatos fixos no grande ferro de cobre. — Teremos o prazer de ver o seu fundo desprender-se da tábua e o senhor pegar um pedaço de giz?

— Por Deus! — exclamou o velho Twm, com a raiva a explodir, retorcendo-se para levantar-se, apoiando-se nas mãos e nos joelhos, com grunhidos e gestos inteiriçados — estarei preso à roda dum guindaste para levantar-me com estardalhaço todas as vezes que algum maluco se põe a gritar, hem?

— Muito grato lhe ficarei se contiver sua língua — disse Hwfa, ficando vermelho —, e faça-me o favor de receber minhas ordens sem o prazer de fazer ouvir sua voz. O silêncio é de ouro.

— Por uma vez na vida, tem você razão — disse o velho Twm, já de pé, as mãos nas cadeiras, para olhar para Hwfa e adocicando a voz. — O dinheiro que você perdeu todo esse tempo daria para abarrotar os bancos, realmente.

Os botões de sapato voltaram sua vista para mim, como a pedir compaixão.

— Tudo o que estou pedindo é um pedaço de giz — disse Hwfa, com uma voz de cortar o coração. — O que estou sofrendo desse homem dava para fazer meia dúzia de santos.

— Giz — disse o velho Twm, em voz muito delicada, com um fino pedacinho de giz na palma da mão. — Vê-lo-emos agora utilizado por um mestre alfaiate, numa boa peça de pano?

Hwfa pegou o pedaço de giz devagar, com os olhos cravados no rosto de Twm todo o tempo.

— Você há de ver um mestre na sua própria loja — disse ele, e cada palavra tinha o mesmo peso —, cuidando de sua tarefa de uma maneira que lhe deu nome, em qualquer parte onde se fale de roupas para homem, costumes para mulheres, equipamentos para caçadas, sobretudos e capotes, agasalhos e capas para chuva, e todos os artigos de adorno feitos de pano para todos, velhos e moços.

— Começaremos agora? — perguntou o velho Twm, muito sério, as mãos levantadas com os dedos abertos e pendentes, prontos a começar qualquer coisa. — Porque se isso demora ainda muito, estarei fedendo na cova e o rapaz criará suíças até os joelhos.

— Paz, pelo amor de Deus — disse Hwfa, enraivecendo-se, com seus botões de sapatos relanceando por toda a loja, detendo-se em mim, no velho Twm, no forro e no soalho. — Se pudéssemos chamar o velho faraó do outro mundo, ele teria visto em você, sem dúvida, a sétima praga.

— Bem — disse o velho Twm, vindo ajustar a manga do paletó. — De modo que o seu êxodo é apenas uma questão de espera; e você há de estar em casa, livre, para tomar seu chá na hora da ceia, meu caro Huw.

— Tesouras — disse Hwfa, e o velho Twm mostrou-as na mão, como num passe de mágica.

Cada homem no seu ofício, mas realmente a arte de um alfaiate é, fora de dúvida, tão nobre e tão misteriosa como qualquer outra no mundo. Pegar uma peça de pano, trabalhar com instrumentos tão simples como giz, agulha e linha, tesoura e ferro quente, e com eles formar uma roupa ajustada a cada saliência e cada reentrância do corpo, sem feiura, é, na verdade, um autêntico mistério, e, pela sua antiguidade, muito além do conhecimento humano, pois a humanidade inteira tem tido a alegria de ataviar-se, desde o começo, e ninguém poderia dizer quando começou.

— Mais no ombro — disse Hwfa, fazendo pequenas marcas com o giz. — Levante as costas.

O velho Twm levantou o pano nas costas, somente um pouquinho.

— Espere, espere — gritou Hwfa. — Vai ele ter a gola por cima das orelhas, seu velho maluco? Baixe um pouco. Baixe mais. Espere, espere.

— Que há agora, em nome de Deus? — perguntou o velho Twm, com impaciência e logo perdendo sua doçura.

— Estou fazendo um paletó — disse Hwfa, espumando, por cima do meu ombro. — Quando forem as calças, lhe avisarei. Fará você a gola em redor da cintura dele?

— Nada me causará mais surpresa aqui dentro — disse o velho Twm. — Não tardará muito e ele terá casas de botões nos fundilhos das calças. A gola está um pouco alta atrás.

— Já sei, já sei — disse Hwfa. — É favor fechar a boca.

— Boca fechada é sinal de pouca inteligência — disse o velho Twm. — Talvez seja por causa disso.

Hwfa olhou longamente para mim, como se fosse chorar, depois mordeu os lábios e, ainda parecendo que ia chorar, foi marcando os lugares dos botões na frente, mas carrancudo, e com rápidos olhares de soslaio para as grandes tesouras em cima da mesa, como se estivesse pronto a usá-las, para matar, num abrir e fechar de olhos. f — Manga direita curta — disse o velho Twm, como se ninguém tivesse nada com isso.

Hwfa deu um longo suspiro e passou a trabalhar no punho esquerdo.

— Manga direita — disse o velho Twm, chupando um dente.

Hwfa deixou cair os braços e fechou os olhos. Depois abriu-os, olhando como se todas as aflições do mundo estivessem por sua conta, e foi trabalhar nas minhas calças.

— Mais apertada a cintura — disse Hwfa — e mais alta, se não é incômodo para alguém da loja.

— A manga direita está curta — disse o velho Twm. Hwfa começou a cantarolar alguma toada de sua autoria, fazendo pequenas marcas de giz em toda a minha calça.

— Que lindo! — disse o velho Twm, muito sério.

— Uma jornada de seis meses de domingos e um bom par de pés — disse Hwfa, quase cochichando — seriam precisos, para descobrir uma criatura tão bonita como você.

— O mesmo dizia minha mãe — respondeu Twm —, e essa manga do rapaz está justamente abaixo do osso de seu cotovelo.

— Tire o paletó, Huw, meu filho — disse Hwfa, com certa majestade. — Um mestre alfaiate não tem necessidade de dar um segundo olhar para coisa alguma. Venha sexta-feira, à noite, e tê-la-á passada a ferro.

— Oh! ele mesmo lha entregará — disse o velho Twm, indo sentar-se. — E se você achar uma perna de suas calças pendendo de seu pescoço, e punhos em vez de pestanas, nos seus bolsos, faça-me o favor de não pousar os olhos no meu rosto, sim?

— Sim — disse Hwfa, francamente —, tenho de suportá-lo e compadecer-me dele, porque é o último dos porcos gadarenos, e nenhum mais pode vir, graças a Deus. Boa noite.

— Boa noite, Hwfa e Twm — disse eu, e saí, enquanto Hwfa batia com o ferro de engomar no seu suporte, para não ouvir o que o velho Twm lhe estava dizendo.

Que dia e que noite tivemos quando Davy e Wyn, Ceridwen e Blethyn se casaram! Nem tampouco dormimos na noite anterior.

Estivemos na capela, dando ao pórtico da entrada uma boa mão de tinta e uma boa esfregação, armando mesas para o chá e os bolos, envernizando cadeiras, prontas para o povo, no sábado. Meu pai, Ianto, Davy, Ceridwen, Bron e eu, a Sra. Lewis e a Sra. Jones, nossas vizinhas mais próximas, seus filhos e filhas, lá estiveram durante horas, preparando o lugar para que estivesse em forma. Ivor andava pela montanha, dirigindo o grande coro, e o Sr. Gruffydd se encontrava também lá, numa choupana onde havia gente doente, pois eu tinha apanhado um frango do nosso quintal para que ele o levasse. Nada odiava mais do que matar um de nossos frangos, pois os conhecia e eles me conheciam, amigos que éramos.

James Rowlands, um dos diáconos, chegou ao vestíbulo, vindo da capela onde estivera envernizando o púlpito, e apontou um dedo para meu pai.

— Há visitas para você, na capela.

— Obrigado, Jim — disse meu pai. — Alguém para tratar alguma coisa a respeito dos casamentos, suponho eu.

— Sim, penso que é — disse James Rowlands. — Mas é uma visita especial. Venha depressa.

— Traga-os para cá — disse meu pai, de uma escada, com martelo e tachas para pregar castiçais de vela.

— Você não pode ir à capela? — disse James.

— Não — disse meu pai. — Diga-lhes que tenham a bondade de vir ter comigo. Estou ocupado.

— Está bem — disse James, retirando-se, deixando atrás de si o cheiro forte de cera de abelha e de terebintina.

Eu estava alcançando as velas para meu pai colocá-las nos castiçais, enquanto ia martelando. Acabou de pregar o último, tomou as velas de minhas mãos, mas continuou no degrau de cima, olhando para a porta, e quase caiu da escada. Seu rosto mostrou um ar de quem via bruxas dançando diante de si. As velas caíram-lhe das mãos, deixando de bater em Bron por um triz, e mergulharam no balde, esparramando água e molhando o soalho. Olwen e Gwil corriam para nós, rindo, de braços abertos.

— Olwen — gritou meu pai. — Gwilym, meu filho. Oh! meus filhos!

Desceu da escada com tal pressa, que esta caiu por baixo dele, mas ele se pôs de pé e correu ao encontro dos rapazes.

— Papai! — gritou Olwen. — Que bom!

— Como está a mamãe? — perguntou Gwilym. — Bron, que belo aspecto o seu, menina!

— Huw — disse Olwen, sorrindo —, você cresceu bem umas quatro polegadas.

— Vou usar calças compridas. Amanhã.

— Acabamos aqui — disse meu pai. — Venham, meus filhos. Vamos para casa ver sua mãe. Há muito que ela espera por este instante. Huw, veja se tudo está direito, antes de irmos embora.

— Sim, papai — respondi.

De modo que ajudei Bron a fazer tudo quanto era preciso. Fechei a porta e segui para a colina, a fim de tomar uma xícara de chá em companhia de Bron, porque no trabalho havíamos esquecido o chá.

A meio da subida, encontramos o Sr. Gruffydd, que descia, andando devagar, com o chapéu puxado para os olhos e as mãos afundadas nos bolsos de seu paletó curto.

— Olwen e Gwil estão de volta, o senhor sabe? — disse eu, quando nos aproximamos.

— Voltaram? Quem? — perguntou o Sr. Gruffydd.

— Olwen e Gwil — disse eu. — Agora mesmo.

— Bem — disse ele. — Uma noite feliz para sua mãe. Terei prazer em encontrá-los amanhã. Boa noite, Sra. Morgan. Boa noite, meu filho.

— Venha à nossa casa, Sr. Gruffydd — disse Bron, erguendo a vista para ele —, ganhei uma pá de carneiro.

— E eu ganhei trabalho — disse o Sr. Gruffydd, sorrindo. — Tenho de acabar a mobília, não é, Huw? Queira, pois, desculpar-me. Então, boa noite.

— Ah! meu Deus, meu Deus! — disse Bronwen, depois que subimos mais um pouco. — Pobre Sr. Gruffydd, na verdade.

— Mas por quê?

— Oh! — disse Bronwen, afastando a pedra da porta e fechando-a, porque a noite estava fria. A esse tempo, já eu havia acendido as lâmpadas, a chaleira pulava, mas Bron ainda estava calada.

— Mas por quê, Bron? Há alguma coisa com o Sr. Gruffydd?

— Se eu ficasse solteira de novo, penso que tentaria casar-me com ele, fosse ou não uma vergonha para mim.

— Por quê?

— Por quê? por quê? por quê? — disse Bron, rindo. — Sempre cheio de porquês, esse camarada. Por causa do aspecto dele, rapaz.

— Bem — disse eu, estúpido como uma vassoura —, nada vi de diferente nele, Bron. É o mesmo hoje, como ontem.

— Ele está como que vazio. Vazio como uma casca de ervilha debulhada. E isso vai recair sobre nós, você há de ver.

Lembrei-me das tardes, da madeira, das ferramentas, do côvado, dos chás e do cheiro da cola quente.

— Angharad, não é?

— Tome o chá, e não me manche a toalha, por favor. Oh! Huw, imagine. Amanhã vou vestir meu costume novo. Que bom! Vou

dormir agora e acordar a tempo de vesti-lo.

— E eu também vou vestir minhas calças compridas.

— Sim. Você agora está um homem.

Olhava para mim, com aquele seu sorriso habitual. E contudo, enquanto ela sorria e eu lhe retribuía o sorriso, sua boca tremeu, o sorriso começou a esvanecer-se e, à medida que se ia desfazendo, ela corava, seus olhos mudaram e suas pestanas palpitarão ao fechar-se. Ia ficando cada vez mais vermelha.

Comecei a enrubescer, embora não soubesse dizer por quê. A xícara e o pires tremiam na minha mão. A xícara escorregou. Tentei de botá-la em cima da mesa, mas Bron estava ainda corada e se conservava sentada, sem mover-se, de vista baixa sobre o açucareiro. O silêncio se tornou tão espesso que talvez um homem pudesse descansar seu peso contra ele, sem quebrá-lo.

— Agora pode ir, Huw — disse ela, numa vozinha que morreu em cochicho na garganta.

E saí, fechando a porta devagar. Fiquei a olhar para a montanha, que estava mais negra do que a escuridão, porém não mais do que as dolorosas perguntas que se agitavam no meu pensamento. Nada fora dito, nada fora feito, para dar causa a tal acontecimento. Contudo, ali estava eu, olhando para a montanha, a suplicar-lhe um pouco de sua paz, com o vento a afagar-me e o frio atravessando-me o corpo para tomar o lugar do calor, que eu acabava de deixar.

Mas outro calor havia em mim, e atentando nessa nova opressão, descobri que algo de desconhecido e vivo se erguia no meu corpo, e senti que apesar, porém, de toda a sua novidade, formava uma parte tão grande de mim mesmo que não me surpreendia. O que senti foi uma rápida, aguda e clara exaltação, que explodia num grito poderoso e cantante em todas as partes de meu ser. Ergui os braços e entesei os músculos de meu corpo, e enquanto o sangue dentro de mim cachoeirava nas veias cantantes, um esplendor dourado se escancarou diante de mim, e reconheci que me tornara um homem entre os homens.

Depois a aurifulgência passou, o frio cortou-me, e a dúvida sobreveio, mais negra do que antes, e com ela o sofrimento, pois rápida como viera, a visão se fora. Sentia frio, vergonha e medo,

observando a escuridão rumorejante e imaginando quantos homens podiam empreender seus trabalhos diários, felizes, sem preocupações, nada pensando dessa força interna, cuidadosos somente de suas barrigas, de seu conforto e de seus bolsos.

Desejei ser como tinha sido ontem, de novo um menino, sem o peso da dúvida, aquele terror opressivo, aquela nova perfídia que se erguia a reinos de ouro cantante, e em pouco tempo mergulhava em poços de treva.

A coragem me veio da altura da montanha, e com ela a dignidade varonil e a ciência da Árvore da Vida, de que eu era agora um ramo, sentindo correr-me o sangue vital, esperando na escuridão do Jardim alguma Eva desconhecida, para me tentar com a maçã de sua beleza, fazendo-nos conhecer nossa nudez, gerar filhos e filhas para magnificar a Deus Nosso Senhor.

Vi por trás de mim aqueles que se foram, e à minha frente, aqueles que hão de vir. Olhei para trás e vi meu pai, e o pai dele, e todos os nossos pais, e na frente, meu filho, e o filho dele, e os filhos indefinidamente.

E os olhos deles eram os meus olhos.

Como eu senti, assim sentiram eles, e teriam de sentir, como outrora, como agora, como amanhã e como sempre. Então eu não tinha medo, porque fazia parte de uma longa cadeia que não tinha começo e não tinha fim, e a mão do pai dele agarrava a mão de meu pai, e a mão deste se achava na minha, e meu filho, ainda não nascido, pegava na minha mão direita, e todos, abaixo e acima da cadeia que se desdobrava desde p Tempo Que Fora, ao Tempo Que É e Ao Que Ainda Não É, erguiam as mãos para mostrar o elo, e descobríamos que eram um, nascido da Mulher, Filho do Homem, feito à Imagem, formado no Ventre pela vontade de Deus, o Pai Eterno.

Eu era deles, eles eram meus, estavam em mim e eu neles todos.

— Huw — disse Ianto —, que faz você aí parado, rapaz?
Enlouqueceu?

— Não. Estava olhando a montanha.

— Bem, entre e vigie umas duas panelas, sim? As moças foram embora de casa, de modo que teremos de cozinhar ou morrer de fome.

— Onde está Ceridwen, então?

— Vai-se casar amanhã e está bancando a rainha lá na sala da frente. Mamãe também está lá com os rapazes. E Bron foi encontrar Ivor.

— Estava em casa agora mesmo.

— Não. Vi quando ela saiu. Estava de capa e saltos, como se Ivor fosse o rei da Babilônia. De modo que teremos um bom trabalho a fazer na cozinha, como uma bênção extraordinária, rapaz. Para o inferno as mulheres! Nunca estão onde as desejamos, ou quando deviam estar.

Entramos para a cozinha para lavar umas louças, botar grandes batatas nas brasas, com queijo e manteiga, para assar, aquecer umas duas frigideiras para a fritada e as caçarolas para o cozido. Depois pôr as mesas, trabalho que nunca me agradou. Gostava de sentar-me a uma mesa bem posta. Penso que a visão de facas e garfos em seus lugares, com copos e os bons serviços de mesa, acrescenta alguma coisa mais ao apetite, pois os dedos até coçam de vontade de utilizá-los. E nada mais odeio do que uma mesa mal posta. Manchas numa toalha ou rugas, uma faca fora de lugar, um garfo virado para um lado, um colher voltada para baixo, mexem-me com os nervos, enquanto não os vejo devidamente arrumados. Mas preferiria esfregar um soalho a pôr uma mesa, com os vaivéns de mãos cheias de talheres, pilhas de pratos, copos, galhetas, e estender uma toalha de modo que não fique mais para um lado do que para outro, puxa daqui, puxa dali, até que dá vontade de enrolá-la numa bola e jogá-la no fogo, pois minha mãe engomava suas toalhas e envernizava suas mesas, e pôr uma mesa tornava-se um exercício de paciência com desperdício de tempo, embora depois de tudo pronto se desse o serviço por bem pago.

Lá para dentro, pois, a mexer o cozido. Todas as verduras eram fervidas devagar com suas cascas, sem se deixar que a água borbulhasse, do contrário perdida ficaria sua substância e se encheriam de água, uma coisa mole, sem gosto na boca, sem

cheiro, ofensa para a vista e insulto para a barriga. Com mão firme, são limpas, descascadas, e postas numa travessa, piladas com um garfo pesado e misturadas em manteiga e sumo de hortelã, batatas, nabos suecos, cenouras vermelhas e cenouras brancas e outros nabos e suas cabeças. Depois cortam-se, bem miúdas, cebolas roxas com uma cabecinha de salsa, e picam-se as folhas de agrião tenro, sem os talos, misturando-se tudo. O cozido deverá ter uma cor creme com algo de rosado, um cheiro capaz de tentar a gente a comê-lo na mesma hora, mas tem-se que esperar que fique tapado no forno quente, durante cinco minutos, de modo que as verduras e legumes se misturem ao calor, formando um todo muito unido, a hortelã executando a sua missão e o agrião mostrando suas manhas, e em volta disso tudo, o caldo que abrandava a verde e agreste natureza da cebola.

A esse tempo os peixinhos fritos estão saltando, juntos, nas gotas de manteiga quente, tornando-se cada vez mais morenos, como criancinhas ao sol, e cintilantes da alegria de cheirar tão bem. Logo que estão prontos, com uma cor morena carregada e, contudo, sem rachas de calor quando as pequenas salsichas tomam em redor deles a mesma cor, a gente os rodeia de folhas de tomilho e salsa, uma volta apenas, mexe bem a caçarola cheia e põe tudo em uma grande travessa azul com o desenho de um salgueiro.

Traga as batatas assadas nas brasas, e verá que a manteiga e o queijo penetraram nela com tanto prazer como dentro em breve farão em você. Coloque-as depois entre folhas verdes de alface e rabanetes novos.

Agora chame todos depressa para a mesa e comam à vontade.

Conforta ver rostos felizes em torno de uma mesa, cheia de boa comida. Na verdade, eu incluo entre os sons agradáveis a canção das facas e garfos, logo abaixo do cantar do homem.

Minha mãe, como de costume, foi a última a sentar-se, e a primeira a notar um prato vazio e uma faca e um garfo ociosos. Seus "olhos tudo miravam, tudo viam, nada esqueciam, e no seu prato havia menos comida que em qualquer outro, embora pronta a ralhar se se deixava um bocado, ou se qualquer de nós recusava uma terceira porção.

— Vocês têm tido bons jantares em Londres? — perguntou minha mãe a Olwen.

— Não, mamãe — respondeu Olwen. — Comemos quase sempre nos restaurantes.

— Rosbife com purê — disse Gwilym —, couve e pastelão, pudim de frutas, uma xícara de chá, tudo por sete pence.

— Sete pence? — suspirou minha mãe. — Deus meu, será que vocês estão nadando em ouro, rapazes?

— Não — disse Olwen —, mas é que a vida é cara em Londres.

— Você vai voltar, Olwen? — perguntou-lhe Ianto.

— Creio que não — respondeu Olwen —, se papai e mamãe me quiserem aqui de novo.

— Esta é a sua casa — disse meu pai.

— Contento ficarei com um bom sono — disse Gwilym. — Passei um mês inteiro trabalhando à noite, não dormi na última noite, nem na anterior.

— Mas que irão vocês fazer, meus filhos? — perguntou meu pai.

— Trabalhar na mina — disse Olwen.

— Sim, sim — acrescentou Gwilym. — E estamos contentes por não termos de voltar àquele túnel.

— Estava trabalhando num túnel, Olwen? — perguntou Ianto. — Que túnel?

— Estão fazendo uma estrada de ferro subterrânea para Londres — disse Olwen. — Mas sem plano. Eles vão fazer papel de idiotas no futuro.

— Suponho que você disse isso mesmo a um capataz — disse meu pai, enchendo o cachimbo e sorrindo.

— Olwen é que era capataz — disse Gwilym. — Ele disse aquilo ao superintendente.

— Ah! deveras! — exclamou meu pai. — De modo que você foi despedido?

— Não por causa disso — disse Olwen. — Ele era grosseiro comigo. Tive então de ensinar-lhe a ser mais delicado.

— Ah! — disse meu pai — então foi por isso que você foi despedido, não é?

— Não — disse Gwilym. — O superintendente é que foi despedido. Olwen teve um aumento de salário e uma turma maior. Eu é que fui despedido.

— Oh! — disse meu pai. — Você é que foi despedido? Por quê?

— Por causa de salários e condições de trabalho para os operários — disse Gwilym, muito enalistrado e falando para o prato. — Fundei um sindicato. Eles descobriram isso quando aderimos à parada dos carregadores das docas, mas mandei-os para o inferno. Certa noite, porém, convoquei um comício para depois do serviço. O chefe chegou e me despediu na mesma hora. E Olwen me acompanhou. Sem necessidade. Depois lemos a notícia do casamento de Iestyn e a referente ao de Davy e Wyn. Dissemos então: vamos para casa.

— John Burns e Cunningham e Graham têm arranjado alguma coisa então? — perguntou Davy.

— O melhor de todos os sindicatos — disse Olwen. — E que homem, esse John Burns! E as coisas por aqui como vão?

— Nada de novo, a não ser as coisas do cotidiano — disse Ianto. — Salário proporcional é só o que se ouve. Os malucos dizem que os salários da escala de proporção lhes facultam trabalho constante. Não querem saber de cálculos. Ninguém quer prestar atenção às regalias, que se canalizam para os barrigas de manteiga e os fidalgotes.

— Por que não? — perguntou Olwen. Estava mais encorpado, com a barba mais negra, cabelos mais curtos e mais crespos, mas os mesmos olhos, cinzentos e enérgicos. — Os homens dos vales não são tolos.

— Não — disse Davy. — Tolos não, mas demasiadamente bem comportados.

— Agradeceria a vocês, se não usassem semelhante linguagem dentro de casa — disse meu pai. — Tenham a bondade de lembrar-se de que entramos num acordo com os proprietários, a respeito do salário proporcional. Cabe a nós honrar o compromisso. De modo que façam silêncio acerca do sindicato de vocês. Haverá muito tempo para isso, quando vocês mesmos forem logrados.

— Basta, basta — disse minha mãe —, basta de conversas. Você ia à igreja, em Londres, Olwen?

— Íamos, sim, mamãe — respondeu Olwen. — Todos os domingos.

— Na Castle Street — disse Gwilym. — É boa igreja. — Breve o coro irá cantar diante da rainha.

— Que belo! — exclamou minha mãe, sorrindo para nós, mas sem nos ver. — Cantando diante da boa rainhazinha. Gostaria que suas vozes fossem como as de anjos, para cantar para ela. Pedirei a Deus, dia e noite, que lhes dê uma boa voz, para cantarem em honra à rainha.

— Quando se realizará o Eisteddfod? — perguntou Olwen.

— Daqui a seis semanas — respondeu meu pai. — Ivor vai entrar com o seu corpo coral.

— Corpo coral? — perguntou Gwilym, arregalando os olhos. — Ivor? Desde quando, papai?

— Há semanas — disse meu pai. — E espero ver todos nós fazendo parte dele também. Davy é solista.

— Muita gente faz parte do coro? — perguntou Gwilym, rindo. — Morrerei de rir, se vir Ivor com uma batuta na mão. Vinte e cinco pessoas ao todo?

— Mil trezentas e cinquenta vozes masculinas — disse meu pai, e o silêncio reinou repentinamente dentro da sala. — Jamais se ouviu falar de tal magnificência, desde a vinda do Espírito Santo.

— Maior do que Caradog? — disse Olwen, num zumbido de surpresa. — Ouvimos também bons coros no Crystal Palace. Mas os tenores não prestavam.

— Trompas de estanho — disse Gwilym. — Ratos gritariam mais alto.

— Espere até ouvir os nossos tenores — disse meu pai.

— O próprio anjo Gabriel soltaria a sua trombeta, envergonhado.

— Muito me agrada abrir meus pulmões de novo — disse Olwen. — Mas onde está o Sr. Gruffydd?

— Trabalhando — disse eu. — Ficará satisfeito vendo vocês amanhã, foi o recado que lhes mandou.

1 Congresso anual de bardos, músicos e literatos, compreendendo concursos de canto, poesia, *etc.*

— Oh! — exclamou Olwen, olhando para minha mãe, e o silêncio se fez novamente na sala.

— Papai — disse Gwilym — , como foi que Angharad veio a decidir-se a casar com o jovem Evans? Estava sem juízo?

— Por que sem juízo? — perguntou meu pai, com calma, olhando para seu cachimbo. Minha mãe fez uma careta para Gwilym, quando meu pai ergueu a vista para ela.

— Ora — disse Olwen — , ele foi sempre um bobo.

— Um bobo cheio de orgulho — disse Gwilym. — E nem por ter estado em Oxford melhorou.

— Ele é seu cunhado, agora, de qualquer forma — disse meu pai — , e Angharad fez um bom casamento. Nem ela, nem seus filhos jamais passarão necessidades.

— Espero que ele faça alguma coisa pela sua propriedade, quando voltar — disse Ianto. — O velho Evans pôde fazer o que fez, porque falava a mesma linguagem dos seus operários. Estes não aguentarão tolices do seu novo patrão, penso eu.

— Vai ser apresentada uma petição esta semana — disse .

— Para que serve uma petição? — perguntou Olwen, com novo tom de voz. — John Burns já mostrou a vocês o que se deve fazer. Importunar o governo. Tornarmo-nos incômodos.

— E ter seis meses de fome sem nada a ganhar, a não ser a morte para as crianças — disse meu pai. — Deixem de tolices, rapazes. Tudo isso parece muito bonito nos livros, mas é duro no pensamento e na barriga. Deixemos disso agora.

— Então o senhor passará fome para sempre, papai? — disse Olwen, com um olhar duro. — Os mercados estão fechando diariamente. Os preços estão subindo. Que fará o senhor quando eles fecharem as minas?

— Direi a vocês quando houver perigo de que tal aconteça — respondeu meu pai. — Pela segunda vez, vamos parar com isso. Cantemos. Desejo saber se Londres roubou as campainhas das vozes de vocês.

Então Wyn dirigiu-se para a harpa, Ceridwen para o piano, meu pai e minha mãe sentaram-se ao lado do fogo e nós tomamos lugar em volta deles.

E cantamos.

Depois os vizinhos começaram a chegar, pela frente e pelo quintal, depois vieram Ivor e Bron, recebidos com vivas de todos. Olwen abraçou-a, tirando-lhe quase o fôlego, Gwilym olhava para os bolsos de Ivor, vendo se descobria a batuta, e todos pedindo-lhe aos gritos que nos dirigisse.

A esse tempo, fazia tanto calor e estávamos tão apertados, que não havia espaço para Wyn tocar, de modo que saímos todos para a rua, com cadeiras e tamboretas.

Era uma bela noite. A lua espalhava véus de prata para limpar os topos das montanhas, e o vento, humilde, a ouvir nossas vozes, murmurava apenas, para mostrar que ainda tinha voz, enquanto o vale esperava, sossegado, que o enchêssemos de canções.

Capítulo XXIV

E cheio ele ficou, durante horas, enquanto cantávamos na rua, com todas as janelas abertas, o povo debruçado a cantar, e Ivor dirigindo, trepado numa cadeira, no meio da colina. Às vezes algumas mulheres eram vistas dirigindo-se para casa, e um par de minutos mais tarde saíam com grandes bules e cerveja em jarros; outras traziam pão, queijo e bolos. Mas a cantoria não acabava mais. Finda uma, começava a outra, até que Wyn chegou a ficar com calos nos dedos de tanto puxar as cordas, e Davy afastou-a do instrumento, sentando-se a seu lado e pondo-lhe o braço em redor do corpo, no peitoril de nossa janela. Wyn apoiou a cabeça no ombro dele, tendo-lhe o paletó nos joelhos.

Que beleza uma voz se erguendo na quietude da noite! Ninguém para tossir, ou estalar papel, ou chegar atrasado e fazer um barulho dos diabos com uma cadeira, deixando cair um guarda-chuva e assentando pesados pés em tábuas soltas. Quietude, luar azulado, rostos iluminados por uma luz branca quando a lua sorri sobre eles, e sombras que se movem onde ela não está. E na quietude, oh! ouve a voz doce e suave, aquelas lindas notas de vários tons, que vivem nas trêmulas cordas de uma harpa. Espera agora a lenta ascensão dos acordes profundos e sente-os enchendo teu coração, e prepara-te para a vinda da cantante melodia, ligeira e fortemente ascendente, que aquece o sangue, espera uma ordem para erguer a voz, que não deixará de ser cumprida, e canta ouvindo em torno de ti a agudeza das notas claras feridas naquele instante em que os dedos tocam a corda única e a batuta desce veloz.

Ouve então a voz de teus irmãos, profunda como os mares, e como eles eternas, indefesas e altivas. Tenores alanceiam as nuvens com lâminas cujo gume lhes vem dos ourives do céu. Barítonos

derramam ouro, e o majestoso contralto sobe para alcançar a mais baixa nota dos sopranos festivos. E abaixo de todos, o baixo profundo curva seu potente dorso para carregar a todos seja aonde for que a melodia os leve. Canta, então, filho do homem, e conhece que em tua voz o Todo-Poderoso pode encontrar seu mais grato prazer.

Senti que Bronwen olhava para mim, lá de fora, umas duas vezes, porém quando eu olhava para ela, mesmo depressa, sempre mudava a vista para outra parte e nem uma vez sequer sorriu. Mas quando entrei em casa, para ajudar minha mãe com os bules, fui ao guarda-louça e de lá tirei a xícara de Bron e o pires, enchendo-a para levar para ela, antes de todos.

— Chá, Bron — disse eu.

— Oh! Huw — disse ela, porém com a voz de uma pessoa estranha —, que bom menino é você! Estava morrendo de vontade.

— Que há, Bron? — perguntei-lhe murmurando e dando graças pelo barulho da cantoria. — Disse ou fiz alguma coisa errada esta noite?

Ela estava no escuro e a xícara, que era grande, encobria-lhe a face, mas à luz da lua, vi uma lágrima em seus olhos e então ela desviou o rosto.

-|— Amanhã, Huw — disse ela, no seu tom natural. — Não foi nada.

Mas de novo senti a louca novidade agitar-se dentro em mim e saí dali, fiz o trabalho de dois entre os bules e ajudei minha mãe na tarefa de cortar pão e manteiga, estendendo sobre eles uma fatia de queijo, para as velhas de poucos dentes, e pondo um atijador quente, com mel, na cerveja fermentada em casa, para o velho Sr. Jones, que desejava cantar mas se ressentia do frio, embora se recusasse a ir para a cama.

A maior parte dos homens que se achavam na colina dormiu um pouquinho em cadeiras, até de madrugada, mas eu segui para a montanha com Ianto, à procura de cogumelos, de lá trazendo um balaio cheio, e flores para Ceridwen e Wyn e algumas para minha mãe e Bron.

Meu pai e Ivor, com Ianto e Davy, desceram à mina, para trabalhar na turma da manhã. Logo que eles saíram, começou a verdadeira tarefa do dia. A casa foi limpa de alto a baixo, a mobília inteira posta do lado de fora, para ser envernizada, cortinas limpas eram penduradas e garfos, facas e colheres areados. Depois começou a cozinhação, com as vizinhas ajudando. Armei fogueiras em tinas, ao ar livre, para receber as panelas e latas excedentes dos fornos e grelhas.

Depois descascamos batatas e picamos legumes, depenamos frangos e patos, cortamos bifés e costeletas, tiramos fatias de toucinho, partimos salsichas, até que fiquei nauseado de tanta comida. Depois pusemos todas as mesas e alguns de nós foram à entrada da capela para preparar ali a reunião de bardos e cantores daquela noite, arrumar cadeiras e pendurar cortinas.

Quando, à tarde, a sirena apitou, voltamos correndo à colina, preparei o banho para meu pai e meus irmãos, no quintal, e pus os baldes de água quente perto, depois dei um mergulho e subi as escadas para ir vestir minhas calças compridas. Muito bem.

Creio que nada há melhor do que vestir o primeiro par de calças compridas.

Aqui, neste mesmo quarto onde me encontro, desembrulhei o terno, catei nele alguns pedacinhos de algodão e ergui-o para rejubilar-me com ele. Tirei a roupa e meti-me numa camisa limpa, de colarinho engomado. Com todo o cuidado dei o nó na gravata branca, nova, que Bron me dera, enfeitando-a com o alfinete de meu pai. Calcei as meias, também novas, que Ceridwen fizera para mim, e depois trabalhei com água e pente para ter o cabelo liso e bem repartido.

Agora o terno. Pena que o paletó e o colete não possam ser vestidos primeiro, de modo a poupar as calças até o fim, como se comem primeiro batatas e carne e se deixam as ervilhas novas para o fim. Mas é assim mesmo. Primeiro as calças.

E assim, com todo o cuidado para não desmanchar o vinco e não deixar as barras das calças roçar no chão, a gente se equilibra, para meter uma perna e suspendê-la, depois a outra, ficando de pé para abotoá-las nos suspensórios, sentimos o pano cobrir-nos e envolver-

nos as pernas, miramos e vemos os vincos caindo firmes até as pontas dos pés. Calcei as botinas novas, lustrosas como um espelho, com todo o cuidado no curvar-me de novo, para atar os cordões. Depois, de pé, sentindo as calças pesando nos suspensórios, vestir o colete e senti-lo bem justo no corpo, depois o paletó sem dobras, sem mangas muito compridas ou demasiado apertadas debaixo dos braços, as abas bem batidas e a gola dando a volta, para fechar-se na extremidade. Esplêndida é a sensação de estar metido em boas calças compridas, e bem compreendi o que sentiam aqueles cavalheiros com cinturões e penas nos chapéus. A glória encoraja e não tememos nada.

Subi então na cama, para ver minhas calças no pequeno pedaço de espelho. Mas era pequeno demais e o quartinho demasiado escuro, de modo que podia apenas avistar uma botina brilhante e um pouco da dobra das calças. Mas sentia-me elegante e era o bastante para mim. Nem mesmo o tal de Napoleão jamais se sentiu tão bem, e quando desci as escadas, ainda com muito cuidado, nem o embaixador da rainha na corte do czar se mostrava mais espigado, levantava o nariz ou tinha o passo mais firme do que eu.

Sentia-me bem por dentro e por fora, uma sensação que, na verdade, não se tem muitas vezes na vida. Depois minha mãe me viu.

Estava justamente pondo seu chapéu, com os grampos prontos a ser pregados.

Seus olhos se arregalaram, abriu a boca para falar, mas as palavras não vieram, os grampos caíram de suas mãos e o chapéu pendeu-lhe na cabeça com o véu preso atrás por uma travessa.

— Muito bem! — exclamou, juntando as mãos e com um sorriso que era quase choro. — Meu filhinho! Está parecendo um lorde!

— Está de acordo a roupa, mamãe? — perguntei-lhe, corando.

— De acordo? — disse mamãe. — Como o verde nas árvores. Só faltava isso, que ela não lhe assentasse. Um soberano e um pouco mais nos custa isso no Hwfa. Está gostando do meu vestido, Huw?

Assim fiquei sabendo que minha mãe sentia pelo seu vestido o mesmo que eu sentia pelo meu terno, e olhei para ela, pela frente e por trás, para dar-lhe a devida importância, embora meu

pensamento estivesse no que os meninos e as meninas diriam lá fora a meu respeito.

— Lindo, mamãe! — exclamei. Ela sorriu de novo, dum jeito muito bonito.

Wyn e Ceridwen entraram nessa ocasião, mas não com seus trajes de noivas, e nova volta em redor e novas olhadelas, palmadas e beijos. Tentaram fazer cócegas nas batatas de minhas pernas, mas fugi delas e fui para o quintal, encontrar-me com meu pai.

— Muito bem, muito bem, Huw — disse ele, mirando-me de alto a baixo, fazendo-me dar voltas e olhando para as costuras do paletó, as casas dos botões e o modo como foram estes pregados. — Hwfa fez um trabalho realmente notável. Nem a um porco a pele senta melhor.

— Que tal o meu aspecto, papai? — perguntei, um tanto desapontado por ter ele prestado mais atenção à costura que a mim.

— O mesmo de ontem, apenas com calças compridas — disse meu pai, tão-somente. — Leve os paletós de seus irmãos para o campo, depois do jantar, e não se esqueça das velas a mais, para a entrada.

— Sim, papai — disse eu, muito sem graça.

De modo que voltei para casa de novo, sentindo o rico cheiro de novos bolos assados e de pão torrado no forno. Mas tinha medo de comer demais e ter indigestão. Por isso saí logo para o campo com os paletós, bem antes de começar o jogo. Todos pilheriaram comigo, dizendo que eu estava cheio demais de mim mesmo para poder comer. E de fato, descendo a colina, com os meninos todos me olhando e eu tirando o chapéu para as mulheres, era assim que estava, cheio de mim mesmo e contente por ter algo a fazer com as mãos. Mas com a boca e o nariz nada podia fazer, pois tomavam todos os feitios e se torciam como o rabo duma vaca, até que, bem antes de chegar ao campo, já desejava voltar a meter-me nas minhas velhas roupas, sem sentir outra coisa a não ser frio ou calor.

Sentia-me satisfeito por me encontrar sozinho no campo, por um instante, e fui procurar um bom lugar para assistir ao jogo, no alto de um montículo, entre as traves do gol. Pus ali os paletós, e sentei-me, ainda com cuidado. É bom a gente sentar-se de calças

compridas e dar um puxãozinho na frente, de modo que não apareçam joelheiras. E isso quase um sinal de que a gente já não é menino. Depois passa-se a pensar num cachimbo e em fumo para completar a coisa.

O time adversário veio num carro puxado por quatro cavalos e mudou de roupa por trás da sebe, com dois rapazes de vigia para dizer às moças que não se aproximassem. A esse tempo, nosso time estava saindo de casa, e era bonito vê-lo com suas camisas de meia, descendo a rua. Mais bonito foi quando o outro time correu a exercitar-se, um pouco antes do jogo. O campo agora estava cheio, com multidões vindas da colina, carros de duas rodas, cabrioles e carriolas, chegando pela estrada da montanha a cada momento, até que o largo ficou cheio de rodas e os campos das encostas da montanha, cheios de cavalos a pastar, vigiados por homens que a isso se prestavam, para ganhar um mata-bicho a mais.

Ivor era o juiz da peleja. Jogou a moeda no ar e, quando saiu para nós o lado do vento, muitos vivas se ergueram, porque o vento sempre soprava baixo para o lado do poente, de modo que o tínhamos a favor no primeiro tempo.

Som saudável é a pancada da bola de couro no gramado curto, e agradável, de fato, é vê-la erguer-se, girar ociosamente, como se estivesse gozando cada momento da viagem para cima, contra o céu azul, e cair de novo no verde, em baixa curva direto às mãos prontas de um zagueiro.

Um apito de Ivor e o capitão do outro lado começa a correr e dá o pontapé, enquanto a gente observa a bola subir, vê os times correndo a tomar posição, para se encontrarem por baixo dela.

Um da linha de ataque pega a bola, mas antes que possa ajeitá-la para chutar, cai de cheio no chão, com dois dos laterais por cima. Um apito de Ivor, a primeira disputa pela bola, e gritos para Davy, quando ele levanta os braços para reunir os

companheiros da frente. Segue a bola, os músculos tesos, esticados, trabalham, oito contra oito, para agarrarem-se uns aos outros e depois arrastarem-se por toda a extensão do campo. Mas a bola chega livre por trás do grupo e o fly-half adversário a pega, tão depressa que ninguém percebe, senão quando ele já está a caminho

de nossa linha de toque com seus *three quarters* estendendo-se em linha, por trás dele, tendo apenas nosso zagueiro à sua frente. A multidão grita, berra, com uma voz arrastada e profunda, cheia de colorido, e se levanta agora quando o fly corre confusamente e Cyfartha Lewis dança para encontrá-lo. Cada vez mais o vozerio aumenta, pois apenas algumas polegadas as separam, mais altas as vozes num hino improvisado para dar energia, bravura e poder aos homens.

Mas Cyfartha é como a rede de um pescador. O fly foi demasiado ágil. Teria passado há muito para seu lateral mas está ansioso e deseja tentar ele mesmo. Prossegue, procura dar um drible, e como a multidão está rindo agora! pois dar uma finta em Cyfartha é o mesmo que dar veneno a um Bórgia. O fly vai ao chão, Cyfartha chuta a bola até a metade do campo para os nossos atacantes e tem tempo de oferecer sua mão ao pobre Sr. Fly, que está sendo levado a pensar no que aconteceu depois que a montanha lhe caiu em cima.

Meu pai está rindo tanto que seus óculos mal conseguem manter-se em seu nariz. Olwen e Gwilym estão gritando a mais não poder, pois Davy tem a bola e seus atacantes estão todos em redor dele, para investir contra o inimigo. Ombros e joelhos trabalham duramente, homens estão indo ao chão, homens tropeçam neles, estendem-se ao comprido e são espezinhados por botas que calcam e pulam. Camisas vermelhas e verdes misturam-se com brancas e amarelas, e todas estão cheias de lama. Adiante, adiante, uma polegada, duas polegadas, corpos embatem contra corpos, mãos agarram, pernas se enroscam, queda e andar de rastro, empurrão e tranco, adiante, adiante há os postes brancos em torno de nós, mas camisas vermelhas e verdes ocultam a linha e formam uma parede que nunca mostra uma brecha. Adiante, amarelos e brancos aglomeram-se por trás e conservam-se juntos, chutam a bola para a barriga e defendem-na com os braços, cabeça para baixo, mas ombro para a frente. "Conservem-se mais próximos dos lados, chutem agora, chutem, chutem!" Um vermelho e verde caído na frente, outro que arrasta um terceiro. Outro chute agora e a bola está se afastando dele. Uma mão sai de sob o bolo e agarra a bola

com a energia de um afogado, mas um drible para o lado e um golpe com o quadril a desprendem e adiante, adiante, meia polegada mais, com um tornozelo preso na mão de um vermelho e verde, que jaz debaixo de dois amarelos e brancos e com bom senso e fôlego suficientes apenas para continuar deitado.

Bola no chão agora de novo, bem rasa, com oito ou nove por cima da gente, e ouve-se o apito. A bola para apenas a uma polegada acima da linha.

Veja depois chapéus e bonés subindo no ar e ouça uma gritaria, que traz todas as mulheres às portas, por toda a colina, e algumas se debruçam nas janelas traseiras.

De novo o apito, e Maldwyn Pugh olha para os postes, faz seu gesto para dar sorte e começa a correr para a bola, que permanece na sua marca, mantida pela mão de Willie Rees, que jaz estendido ao comprido, na lama, com o rosto voltado para o lado, a fim de não ser cegado pela água esparramada, quando as botas passarem, deixando-lhe a mão vazia.

Está vazia, e a bola segue o seu caminho. A multidão mantém-se quieta, com essa quietude que é mais barulhenta que o barulho, quando todos os olhos estão fixos no mesmo ponto e todas as vozes afinadas para o mesmo grito.

A bola voa alto, mergulha numa curva, gira duas vezes. A multidão está a ponto de lançar um gemido, mas agora o vento a toma nos seus braços e dá-lhe um leve impulso por cima da barra, sem necessidade, mas, às vezes, o vento é camarada, e lá se foi.

Nós temos um *try* e um gol, cinco pontos, no mínimo.

Vermelhos e verdes chutam a bola baixo para a linha e, enquanto a acompanhava com a vista, notei lá embaixo, bem perto, um lenço a acenar-me. Reparei e vi que era Ceinwen Phillips que estava olhando para mim, com os olhos quase fechados e os dentes grandes e brancos luzindo numa risada vermelha, um grande laçarote vermelho e verde na capa, uma fita vermelha e verde no cabelo, que lhe descia, longo e cor de feno novo, pelas costas abaixo.

Veio correndo para meu lado e pensei em fugir dela, pois não me agradava ser visto em companhia de uma moça. Meus irmãos iriam

fazer uma brincadeira danada comigo, se nos vissem juntos. Mas Ceinwen já se achava muito perto de mim agora, e não tive outro jeito senão sorrir e fazer um ar de quem estava contente por vê-la, em vez de, na realidade, desejá-la nos desertos do Egito.

— Huw — disse ela, procurando conter a agitação que lhe fazia ondular o colo —, como estou satisfeita por ter vindo. Meu pai e Mervyn me trouxeram. Vocês têm um time excelente. Estão dizendo que seu irmão irá tomar parte no encontro internacional deste ano.

— É muito cedo ainda — disse eu, sabendo que ela estava dizendo aquilo apenas para me agradar —, mas ele está jogando bem, de fato, hoje.

— Como você está bonito com essas calças compridas! Desde cedo que estou olhando para você. Um tempão. Não, disse comigo mesma, é certo que é igualzinho a Huw Morgan, mas está crescido demais para ser ele mesmo. É um homem. É sem dúvida o irmão mais velho de Huw, disse a mim mesma. Depois olhei de novo, agorinha mesmo, quando você estava gritando, e acenei com o lenço para ter certeza. Que engraçado, hem?!

— Sim — disse eu, corando e sem saber de novo onde pôr as mãos, esperando que houvesse muito interesse no jogo, para desviar a atenção de meus irmãos do meu lado.

— Estou sentindo um calorão — disse Ceinwen, abanando-se. — Haverá meios por aqui de se tomar um pouco de água?.

— É o que não falta nas casas, lá em cima. Bata numa porta e peça.

— Sou estranha — disse ela, e a ternura apareceu, enlanguescendo-lhe os olhos. — E tenho receio de encontrar algum homem por aí.

— Mervyn levará você — disse eu, fingindo estar prestando atenção ao jogo, mas na realidade vigiando meus irmãos, pelo canto dos olhos, para ver se estavam voltados para meu lado.

— Ele quer assistir ao jogo. Pedi a ele, mas se mostrou aborrecido comigo. Estou quase desmaiando de tão seca que estou.

— Faz mal beber água quando a gente está com o corpo muito quente. Mastigue uma folha de capim, menina.

— Serei algum carneiro para mastigar capim? Quero é beber água, para aliviar as rachaduras de minha língua. Levei três horas para chegar até aqui e, além do mais, sem jantar. Oh! Huw, arranje-me um pouco de água, sim?

Um homem feito de ferro maciço ter-se-ia derretido como uma vela, ouvindo uma mulher com aquela voz, tão fraca, tão perdida na garganta, com algo de criancinha e, contudo, plenamente de mulher. Mas eu receava ser visto com ela, pois não queria sofrer as zombarias do pessoal de casa, e meus irmãos me encabulariam tanto que os suplícios do inferno seriam talvez mais suportáveis.

— Olhe — disse eu —, estou tomando conta dos paletós de meus irmãos. Vou pedir a um deles que fique em meu lugar e, enquanto isso, você vai andando pela ponte, que passa atrás do Três Sinos. Eu alcançarei você lá, ouviu?

— Onde fica o Três Sinos? — perguntou-me, de novo desconsolada.

— Ora, vá para o diabo, menina. Atravesse a sebe e siga pela rua à direita. Vá, depressa.

— Eu já sei — disse ela, bastante amuada —, o que você tem é vergonha de ser visto comigo. Pois então vou chorar.

Tirou o lenço e, de fato, começou a chorar no meio de toda aquela gente que me conhecia, e isso bem alto, com grandes borrifos nos soluços.

— Cale essa boca, menina, cale essa boca — disse eu, com vontade de matá-la, contanto que pudesse impedi-la de /fazer barulho. — Quer que todo mundo veja você chorando agora?

— Quero um pouco de água — dizia ela, entre haustos, fungadas e engolidas. — Como4você é cruel!

Oh! meu pai então se virou, dando grandes vivas, pois Davy conseguira varar novamente, e, enquanto estava de boca aberta, me viu e olhou para Ceinwen, no instante mesmo em que ela recomeçava o choro, de boca franzida, olhos fechados e rosto voltado para o céu. E eu pulando de um pé ao outro, as mãos se agitando numa vontade louca de estrangulá-la.

— Somente um golinho de água — dizia ela, mas só nós dois ouvíamos o que estava dizendo, tantas eram as tosses e sufocações.

— Cale essa boca, que lhe darei um gole de água. Poderá engolir o rio inteiro. Mas cale essa boca, ouviu? Agora mesmo. Aí vem meu pai.

E vinha mesmo, muito carrancudo, olhando para Ceinwen e depois para mim, ao se aproximar. Meus irmãos se voltavam para ver aonde ele ia, e mais gente se virava para ver por que estavam eles olhando. Depois toda uma multidão ficou olhando, enquanto alguns se acercavam, e Ceinwen regalava-se, aumentando ao extremo o seu choro com mais fungadelas de quebra.

— Bom Deus — disse meu pai —, que fez você, hem?

— Nada, papai — disse eu. — Ela está apenas pedindo um pouco de água.

— Um pouco de água? — disse meu pai. — Está me pregando mentira?

Olhou para Ceinwen e enlaçou-a com o braço.

— Ora, ora — disse ele. — Vamos. Diga-me o que ele lhe fez.

— Eu quero beber água — disse ela, com a cabeça no ombro dele e a mão agarrada no seu colarinho. — Ainda não jantei, levei três horas para chegar até aqui e estou com muita sede. Pedi a ele, mas me disse que fosse mastigar capim.

— Ora, com efeito, rapaz! — disse meu pai. — Está ficando maluco? Recusar a uma mocinha o que você faria, às carreiras, para um cachorro?

— Eu tinha de tomar conta dos paletós, papai — disse eu, com uma vozinha de mosca.

— Paletós, paletós, paletós — disse ele, num tom que era como uma brasa na pele. — Não tem você uma língua para falar a qualquer de nós? Vá depressa, leve esta pequena lá em casa e peça à sua boa mãe que lhe dê tudo quanto ela desejar. E não demore. A moça sairá daqui pensando que somos todos uns selvagens. Vá, rapaz.

— Sim, papai. Vamos, Ceinwen.

— Ceinwen? — perguntou meu pai. — Você então sabe o nome dela?

— Sei, papai. É minha colega de escola.

— E você deixa a mocinha morrer de sede? — exclamou meu pai, com tal raiva e surpresa, que quase não podia falar. — Diabos me levem, se não tenho vontade de arrancar-lhe essa roupa das costas, seu sem-vergonha! Você está procedendo como um bruto. Espere só até sua mãe ficar, sabendo disso. Suma da minha vista!

Saí dali como um vira-lata, de olhos baixos para o capim, passando diante de toda a gente que me olhava, como se não tivesse noção de que ali se encontrava, andando um pouco mais depressa do que Ceinwen, que se viu forçada a correr para alcançá-me. Fora do campo, parei para enxugar a testa e tamanha sensação me enchia o peito, que nem pensei no que poderia acontecer, mesmo se o sol caísse aos pedaços em meio da rua.

— Você é uma verdadeira cachorra — disse eu.

Ela olhou para mim um tantinho carrancuda, os olhos refletindo o sol, com pintas de luz pálida indo e vindo, e as pestanas ainda úmidas de pranto. Começou a rir. A princípio, apenas nos olhos, fazendo pensar que ia chorar mais.

Depois abertamente, bem alto, com quase tantas lágrimas como quando estivera a chorar, atufando o lenço na boca, puxando a capa para o rosto e procurando apoio na parede.

— A cara dele! — dizia ela. — Se você pudesse ver sua cara, agora mesmo! Oh! Huw, sinto ter sido a causa do carão que levou.

— Cale-se — gritei eu. — Mais carão vou ainda levar, quando meu pai me encontrar de novo. Nem me importo mais com meus irmãos. Por que chorou? Não precisava daquilo para arranjar essa danada dessa água.

— Eu estava apenas representando. Não estava chorando, não. Representando. Estava bem?

Olhei para ela, tentando perscrutar-lhe o íntimo, mas era o mesmo que tentar olhar através de uma carroça cheia de milho, com pedaços de palha ferindo o rosto e o cabelo fazendo cócegas nas orelhas, um peso por cima e resfolegando. Seus olhos estavam plenos de luzes, cinzentas, negras e talvez azuis, mas tão depressa surgiam como desapareciam, de modo que a gente nunca podia estar certo do que via, ou se na realidade via tudo isso. E enquanto olhava, uma sensação mortal de peso e abafamento, esmagando-

me. Meus olhos deslizaram para sua boca e, ao fitá-la, vi-a mover-se, crespa, vermelha, as pontas dos dentes mal se mostrando e a ponta da língua, livre, entre eles. Depois as macias covas dos lados da boca moveram-se para cima, fazendo as rugas desaparecerem, os dentes surgiram, a língua saltou para fora, desbotada, brilhante, estreito e gorducho pedaço de carne, exibindo um brilho úmido, para recuar depois a descansar confortavelmente no alto dos dentes. De novo os olhos erguidos passam a fitar as narinas estreitas, que se dilatam quando as miro, e sobem do afilado do nariz novamente para seus olhos, cheios agora de novas luzes, com algo daquela trêmula neblina que se vê subir do calor do fogo quando todas as coisas são vistas, como se se estivessem movendo debaixo da água. Tudo isso, com o vento metendo-lhe os dedos pelo cabelo, puxando, levantando, agarrando, para deixar cair de novo.

— Então, Huw? — perguntava-me, sussurrando.

— Vamos para casa beber água — disse eu, dando-lhe as costas, subindo depressa a colina, contente por sentir o vento frio no meu rosto e ter coisas comuns para olhar.

Minha mãe nada disse, quando lhe contei o que meu pai dissera, mas olhou para Ceinwen, com aquele olharzinho que parecia durar horas, e não obstante, era apenas uma olhadela, cumprimentando-a com a cabeça, quando Ceinwen dobrou o joelho diante dela. Mas não lhe sorriu. Dizem que as moças comem pouco. Talvez a Srta. Ceinwen Phillips não tivesse sido levada em consideração. Sou a última pessoa a exigir de alguém que tenha pouco apetite, pois a boa alimentação merece cuidadoso trato, e nada é melhor do que ver pratos se esvaziarem e o relógio marcando os minutos, sem que de coisa alguma nos apercebamos.

Mas Ceinwen...

Bem.

— Quem é essa mocinha que você trouxe para casa, Huw? — perguntou minha mãe, cortando grossa fatia de torta de geleia de presunto. — Está ela enchendo a barriga já para o próximo inverno?

— Ora, mamãe — disse eu, sem graça —, talvez porque seja uma moça grande.

— Moça grande — disse minha mãe. — Ouçam só isso.

— Voraz é que ela é — disse Bron. — Viu o jeito como agarrou a torta de maçã?

— Ela disse que estava gostosa demais para que a deixasse — disse eu.

— Comia demasiado depressa para poder apreciar — disse Bron. — Leve-a, depois disso, para onde você a encontrou e largue-a.

Horas se passarão antes que tenha pernas para andar, de modo que não haverá perigo para você. E volte para casa, diretamente. Ouviu?

— Sim, Bron — disse eu, e saí para ficar junto de Ceinwen.

— Oh! Huw — disse ela, abraçando-se a si mesma. — Que bom! Comerá até rebentar.

— Mas era água que você estava querendo.

Ceinwen nadava em conforto, tirando migalhas de redor da boca com a língua lambedeira.

— Estou satisfeitíssima. Vou agradecer à sua mãe e convidá-la a nos visitar, quando quiser, ouviu? Então vamos voltar.

Foi lá dentro à procura de minha mãe. Reuni os pratos vazios, pus na mesa outros limpos e juntei as migalhas do lugar onde ela comera.

— Bem — disse ela, quando voltou —, com que então, vai haver dois casamentos aqui hoje?

— Vai, sim, mas você estará longe de ambos.

— Acabo justamente de ser convidada — disse ela, arranjando os cabelos nas costas. — Vou lavar alguns pratos. Depois irei com você e verei meu pai, para, em seguida tornar a vir para cá, não é?

Voltamos para o campo, mas não a suportava mais, nem pensava tampouco em assistir ao jogo por causa disso, de modo que muito me alegrou ouvir o apito final. O Sr. Phillips subiu para nossa casa com ela e Mervyn foi à procura do cavalo e do carro, a fim de trazê-los para mais perto de nosso quintal. Eu segui para o pórtico da capela, aprontei tudo, feliz por me achar sozinho, andando, com minhas calças compridas, para cá e para lá, no soalho de madeira.

Ouvi o cortejo nupcial descer em direção à capela, o burburinho da multidão lá fora, depois os cânticos, as risadas, as orações e mais cânticos, a multidão tornando-se cada vez mais barulhenta, os

diáconos indo até lá fora para pedir ao povo que se aquietasse e dizer-lhe que tomasse vergonha.

— Fico satisfeito por saber que todos os que estão lá fora são estranhos — disse-me James Rowlands, quando entrou e aferrolhou a porta. — Se pertencessem ao nosso vale, estaria pronto a ir para a cova, de tanta vergonha. Tal procedimento, realmente, na hora mesma em que duas criaturas estão sendo unidas perante Deus!

— Ainda demora muito, Sr. Rowlands?

— Não muito, rapaz. O pastor já tinha pronunciado a fórmula, quando vim de lá. Jamais vi dois casais como esses. Eu e o coitado de seu pai não paramos de chorar. Belo, realmente.

Continuei a andar para lá e para cá. Bem bom é estar sozinho numa sala vazia, andando à vontade e dizendo o que bem se quer, sem pensar no que os outros possam dizer ou pensar.

O canto do derradeiro hino chegou até mim, através do barulho que havia lá fora. A multidão ouviu-o e fez coro. Abriram-se as portas da capela e o povo começou a sair, apertando-se no pórtico, para dar passagem a Davy e Wyn, Blethyn e Ceridwen. Eu estava trepado numa cadeira, olhando pela janela para vê-los, e juraria, deveras, que havia diferenças em nosso Davy e em Ceridwen, mesmo em tão curto prazo. A diferença estava no sorriso que tinham, no jeito como acenavam, no modo de estar de pé e mesmo no andar. Era como se houvessem perdido alguma coisa, mas encontrado outra melhor, e contudo ainda prontos a inquietar-se por aquilo que haviam perdido, se ao menos pudessem descobrir o que era.

Thomas, o carroceiro, levou-os para a colina, em carros cheios de flores e fitas, e todo o pessoal na frente puxando-os com cordas, ou formando multidão em redor e atrás deles, lançando flores, cantando diferentes canções em qualquer tom, e pulando na tentativa de atrair um olhar de Davy. Gente se debruçava das janelas dos dormitórios, para dar vivas, acenar e lançar mais flores com caramelos sobre o povo que passava embaixo. O sol começava a pensar em deitar-se, deixando sua luz morrer, e uma fina poeira se levantava da estrada, empoando tudo.

— Então — perguntou Bron —, onde estava metido na capela?

— Estava preparando as velas e acendendo-as. Papai estava zangado comigo, de modo que preferi ficar quieto num canto.

— Onde anda aquela comilona que estava com você? — perguntou-me, tirando a capa. — Você não tem nada que andar com ela, Huw. Um olhar mais e não me aguentaria.

— Está lavando pratos lá em casa. Foi convidada, porque disse que gostava das comidas de mamãe.

— Então deixe-a ficar por lá, até chegar a hora de ir-se. E você fique aqui, ouviu?

— Sim, se ficar com você.

— Ponha pratos em quantidade lá junto dos bolos. E colherinhas na caixa, perto das xícaras e pires, do contrário deixarão a gente doida por causa de uma colher.

— Por que veio você lá de casa, Bron? Pensei que iria tomar o chá do casamento com eles.

— O Sr. Gruffydd apareceu. E eu o vi olhando. Parecia que a casa toda gritava o nome de Angharad. Pus minha capa e disse que estava com dor de cabeça.

Passamos a preparar as comidas e bebidas para o Eisteddfod. Quando os outros auxiliares começaram a chegar, acharam que pouca coisa havia a fazer, a não ser sentar-se e comer de novo. Passados, porém, apenas cinco minutos, os coros principiaram a entrar, reservando filas inteiras para si; e o povo a botar chapéus, paletós e pedaços de papel sobre as cadeiras, outros tentando lançar ao chão essas marcas e substituindo-as, à sorrelfa, pelas suas próprias, com palavras se azedando e rostos ficando avermelhados, enquanto os diáconos varavam a multidão, carrancudos, para descobrir a causa do barulho e restabelecer a paz em toda parte.

Eu havia reservado bons lugares para minha mãe e os rapazes, no meio da fila da frente, de modo que, quando chegaram, senti-me orgulhoso ao mostrar-lhes onde deviam ficar. Mas esquecera-me de Ceinwen, Mervyn e do Sr. Phillips, e minha mãe disse que preferia voltar para casa a ter de sentar-se, enquanto seus hóspedes ficavam de pé. Por isso Gwilym cedeu seu lugar ao Sr. Phillips, Mervyn sentou-se no chão, em cima de um par de paletós, entre seu pai e

Olwen, e minha mãe me disse que levasse Ceinwen, por trás das mesas, até onde estava Bron, para prestar-lhe um pouco de auxílio.

E assim me vi de novo em companhia de Ceinwen. Logo que nos vimos fora da multidão e das vistas alheias, dando volta pelo quintal, onde fervíamos água, ela pôs sua mão na minha e seu braço em torno de meu pescoço.

— Me largue, menina — disse eu, empurrando-a.

— Vamos ser namorados, Huw — disse ela com ternura e maciez.

— Seu irmão e sua irmã se casaram e todos são felizes, exceto nós dois. Nada ganhamos, a não ser pai e mãe, e irmãos. Sejamos namorados, Huw. Então teremos alguma coisa. Como isso é agradável!

— Não. Isso é tolice.

— Huw — disse ela, enlaçando de novo meu pescoço, e beijou-me.

Minha mãe beijava com segura, um toque sobre a face ou na testa, uma certeza de que éramos propriedade sua. Bron beijava com mais ternura, com mais crispação e com um leve estalo no beijo, mas sempre na face. Minhas tias beijavam como galinhas que pinicam o chão.

Mas Ceinwen beijava, a maciez de sua boca era uma esplêndida surpresa, mais fresca do que quente, com uma leve umidade. A ponta de sua língua brincava, em ocioso passeio, indolentemente, e, contudo, cheia de vida Abandonava-se com todo o peso sobre mim, o cabelo envolvendo nossos rostos, tapando a luz e fazendo desaparecer todos os outros cheiros, exceto o dela, que era o perfume das amplas e macias terras da carne viva, perfume que se evolava dela e a envolvia toda e a acompanhava ao andar.

Depois minha boca sentiu-se fria, vazia, e ela ficou a olhar para mim.

— Quantas moças já beijou você antes de mim? — perguntou-me, do mesmo modo como me pediria que lhe passasse a alface.

— Nenhuma — respondi, afastando-me dela cada vez mais frio.

— Não diga! Que mentiroso você está me saindo! — disse ela, dando-me um empurrão.

— A água está fervendo — disse eu, retirando as panelas de cima das grelhas e satisfeito por ter muita coisa a fazer. — Vá dizer a Bron que apronte o chá.

— Somos namorados, Huw? — perguntou-me, numa vozinha aguda e com as mãos ocupadas nas fitas da frente de seu vestido.

— Não. Dê o fora daqui.

— Voltarei a encontrá-lo — disse ela, despedindo-se e saindo.

Durante toda a tarde e já tarde da noite, prosseguiu a cantoria, primeiro os meninos, depois rapazes e moças, depois os homens e as mulheres e, por fim, os coros. E durante todo esse tempo estávamos ocupados em preparar chá e servir comida, até que pareceu que todo mundo já tinha comido, bebido e cantado.

Somente quando as velas começaram a morrer, e as lâmpadas precisaram ser espevitadas, é que o povo principiou a vestir as capas, cumprimentando-se uns aos outros, procurando as crianças, mandando alguém arrear o cavalo e entrando a dar apertos de mão a toda a gente.

Não é preciso dizer que meu pai e minha mãe se achavam no meio da multidão, e que uma hora se passou enquanto recebiam os adeuses, muito embora todos soubessem que os encontrariam na capela, na manhã seguinte. Mas os agradecimentos tinham de ser expressos, embora pudessem esperar até o outro dia, com ainda vinte milhas a seguir, atrás do cavalo.

Fui ao pasto, à procura da égua para o Sr. Phillips, aspirando fundamentalmente a fresca escuridão, alegre por estar livre do barulho, do aperto do calor do povo. Mas quando desatei o nó e comecei a puxar o animal, ouvi que Ceinwen me chamava, lá da extremidade do pasto. Parei, na esperança de que ela me perderia de vista na escuridão e iria embora. Mas se aproximou devagar, não mais chamando, e sim cantando, suavemente, o *David of the white rock*, num contralto, grave, claro, que o vento me trazia, como se gostasse da música e desejasse que eu a ouvisse.

— Huw — disse ela, a pouca distância, e parando, sem cantar mais.

— Seu pai está esperando — disse eu, e continuei a descer. Ela aproximou-se de mim, pelo outro lado, enlaçou-me o pescoço com o

braço, pesando sobre mim e obrigando-me a andar mais devagar.

— Ponha seu braço em minha cintura, Huw — disse ela ao meu ouvido.

— Vá embora, menina. Que tola você é! Pôr meu braço, com efeito! Como um par de malucos.

Desejaria saber o que é que nos faz falar tão tolamente e com tanta rudeza àqueles que nos concedem uma honra, ou nos causam um prazer, quando, talvez, pensamos que tal honra ou prazer será motivo de censura da parte dos outros, ou perturbará essa inconstante criatura, chamada Consciência.

Contudo a consciência é uma nobre criatura, a melhor que existe dentro em nós, e amiga nossa.

Eu sabia que minha vontade era pôr um braço em redor de Ceinwen, e sabia que ardia no desejo de beijá-la de novo, mas o estúpido espírito estava em mim, para negar a ambos, e, na negativa, magoá-la, como se essa mágoa causasse algum bem a mim e à preciosa consciência.

Alguma coisa me impediu de dizer a verdade, de pôr o meu braço em torno dela, com prazer e um sorriso, de beijá-la na sofreguidão do prazer, muito embora estivéssemos numa encosta da montanha, no escuro, e tão distantes da lua como de todas as línguas e olhos existentes, da acidez daquelas e das alfinetadas destes, e da malícia e ignorância de ambos.

Mas o saber que existiam e que podiam ferir causava medo, tornando-me um mentiroso, em verdade, em espírito e em sentimento. Por isso fiquei mudo como um pateta.

— Oh! Huw — disse Ceinwen, fazendo-me parar e batendo com os pés —, eu gosto de beijar. Eu quero beijar.

— Cale essa boca, menina — disse eu, contrafeito, sabendo bem quanto estava sentindo, e invejoso de sua franqueza, ao mesmo tempo que envergonhado, ainda não querendo salientar-me, no receio de que escarnecesse de mim, ou de que meu pai fizesse perguntas, vendo-nos chegar tarde, mas principalmente porque desejava sentir-me melhor, com menos peso na consciência do que ela.

Olhamos um para o outro, durante um minuto, ambos mergulhados na escuridão, podendo distinguir apenas os nossos negros vultos. Ela então cercou-me com um abraço, agarrando-me com força, puxou-me contra seu corpo e beijou-me, mas desta vez seus dentes morderam-me os lábios. A dor fez com que eu me debatesse tentando gritar, mas apenas um som rouco vibrou-me na garganta e senti correr na boca o sangue quente e salgado.

— Agora — disse ela, sem fôlego e empurrando-me para um lado —, da próxima vez, beije. E nada de tolices. Boa noite.

Fiquei vendo-a correr, suguei meus lábios, pulei para o lombo da égua e cavalguei-a, rindo o caminho inteiro, de quê, não posso dizer.

Engraçado era ver a sua calma quando nos deu boa-noite, no largo, os seus olhos distantes e vazios, o sorriso, as mãos fechadas e a inclinação de cabeça, quando seu pai estalou o chicote e partiram para casa. Ela fechou até um tanto a cara para Mervyn, quando este gritou para mim. ^

As mulheres, valha-me Deus!

Mas nós contribuímos para isso. Sim, realmente, contribuímos. Só dizemos que não podemos compreendê-las, quando não conseguimos compreender nossos eus covardes, não podemos libertar-nos do medo de que seja, para nós, a primeira censura, não podemos assumir e manter nossa posição de homens, e temos de, para vergonha nossa, onerá-las com o peso do primeiro movimento, a fim de que possamos partilhar o pecado (para o inferno, também, essa palavra!) e acalmar nosso delicado senso moral, com despropósitos a respeito da tentação, de Eva e da fragilidade do homem mortal. A verdade não está em nós, nem nós a procuramos, e somos covardes e não homens. No tempo do Rei Artur, um homem lutaria até a morte, em honra de uma mulher, mas nestes tempos, aqueles mesmos que se denominam homens agachar-se-ão, mesmo em pensamento, diante da perspectiva de ter de ajustar contas com os olhos e línguas daquelas alcoviteiras verrugosas e daquelas futriqueiras bichanantes, que vivem refociladas na porcaria dos mexericos.

Mexericos.

Ouça-se isso.

Futricas. Ouçamos o rumor que fazem.

Sons mais nobres têm saído do nosso traseiro.

Quem dera que criaturas tais acabassem seus dias o mais breve possível, com cancrios nas línguas mal utilizadas e em todas as partes vitais, perecessem entre os tormentos reservados aos malditos, passassem a toda pressa para o inferno, e jazessem em cima da mais quente grelha, durante toda a eternidade, com água bem perto delas e contudo inacessível, e os verdes campos do paraíso sempre bem visíveis, diante de seus olhos.

Não tolero mexericos.

Foram os mexericos que levaram de nós o Sr. Gruffydd, que me deu seu relógio de ouro. Jamais pude olhar para ele sem pensar no mal, na malícia incansável que empilha mentiras sobre mentiras, a cada segundo que ele marca.

Davy já carregava no braço seu filho e Ceridwen já ensinara seus gêmeos a andar, antes de Angharad voltar para casa.

Houve complicações na mina Evans meses a fio, mas sempre resolvidas pelo gerente e por um homem da cidade. Depois reapareciam, até que toda a gente na aldeia cansou-se daquilo e nem ouvir falar mais queria.

A princípio, o Sr. Gruffydd encarregou-se da maior parte das conversações, em nome dos operários, pois estes confiavam nele. Mas, muitas vezes, chegaram mesmo a duvidar dele, dúvidas essas que foram piorando, e passaram a valer-se de um advogado para apresentar as suas reclamações. Depois foi chamado outro advogado. Os operários se cotizavam para pagar as despesas, e finalmente tiveram mais advogados. Mas todos eles juntos nunca fizeram tanto como o Sr. Gruffydd, e de graça. Só as mulheres dos operários tinham o senso de reconhecer isso, e uma noite dirigiram-se ao Sr. Gruffydd, após as cerimônias na capela, pedindo-lhe para ver se poderia dar um jeito.

— Que fazer, então? — perguntou o Sr. Gruffydd a meu pai. — Eles querem tanto pela pedra que estão cortando para chegar até o carvão, tanto pela água nas galerias, tanto pela colocação de escoras, e votação para os melhores lugares. Que hei de dizer?

— Estamos tendo a mesma luta — disse meu pai. — É por isso que o sindicato vai crescendo e o salário proporcional caindo em desagrado.

— Que está o senhor fazendo? — perguntou o Sr. Gruffydd. — Ficarei assim sabendo o que tenho de falar ao gerente.

— Sou favorável a um encontro de um homem de cada mina, em todos os vales, com os gerentes de todas as minas e seus proprietários — disse meu pai. — Organizar uma lista das reclamações, ouvir as dificuldades da outra parte, e, cedendo um pouco, exigir outro tanto, com boa fé e jogo franco de todos.

— Muito bem — disse o Sr. Gruffydd. — Experimentarei isso.

Mas não deu resultado. O encontro foi recusado, os termos foram recusados e os operários largaram o serviço. Depois voltaram a trabalhar. E veio nova greve. Ninguém mais se importava se estavam ou não a trabalhar, e a maior parte dos melhores operários aceitou serviço nas outras minas, estranhos vieram para o vale, trabalhar pelo mesmo salário que nossos operários haviam recusado.

E Iestyn teve sua vida ameaçada; minha mãe escreveu a Angharad, em Londres, para impedir que ele regressasse. Até mesmo nós fomos um pouco censurados por alguns operários, pelo fato de se ter Iestyn casado na nossa família.

Depois Iestyn vendeu a mina aos proprietários daquela onde meu pai trabalhava, os quais declararam que só a explorariam quando suas galerias encontrassem as galerias da outra. Por isso a fecharam, dispensando do serviço quatrocentos operários.

Tínhamos tido greves e funerais, que afastavam os operários dos serviços, mas esta era a primeira vez em que víamos homens parados ria rua, sem trabalho que os esperasse.

— Isto é o começo, papai — disse Olwen. — O senhor vai ver agora. Excesso de trabalho, queda de salários. Escassez de trabalho, aumento de salários. Preste atenção, agora.

— Há um acordo — disse meu pai. — Há um salário mínimo.

— O mínimo — disse Olwen — será o mínimo, quando esses homens estiverem trabalhando. Quatrocentos operários extras neste vale, e outros para se somar a estes, nos outros vales. Quando todos esses homens voltarem, haverá novo mínimo.

— Veremos — disse meu pai.

E um novo mínimo veio, também, pois quando um operário se queixava, ou falava demasiado alto perto do gerente, era dispensado e colocado outro em seu lugar, tirado da multidão ociosa, que ficava na boca da mina.

Sempre em troca de menores salários.

Alguns dos operários foram trabalhar em outros vales, alguns seguiram para Sheffield, para Birmingham, ou Middlesbrough, outros partiram mesmo para os Estados Unidos da América. E alguns ficaram na aldeia.

E assim vimos, pela primeira vez, operários sem trabalho, que só não iam para o asilo porque era demasiado distante, ou porque seus filhos estavam ganhando, seus parentes eram bondosos ou seus amigos caridosos.

Mas mesmo assim, outros operários e suas famílias estavam chegando ao vale e engajando-se nas minas por menos dinheiro, ou ajudando construtores, ou abrindo pequenos negócios de mercearia, de tabacaria, de jornais, de comidas prontas, até que a aldeia ficou cheia de casas de ambos os lados da estrada, que contornava a montanha de uma banda e a galgava da outra. Duas novas ruas de casas pequenas foram construídas por trás do largo e mais duas capelas, uma para os metodistas e uma para os calvinistas, e os católicos romanos ergueram uma igreja para os irlandeses, do outro lado do rio.

Mesmo com tanta complicação se desencadeando velozmente sobre nós, progredíamos e éramos felizes.

Ivor chegou, correndo, certa noite, com o rosto luminoso como uma madrugada de verão e tão contente que era um prazer vê-lo.

— Que há? — perguntou minha mãe, largando a agulha e estirando-se.

— Leia, papai — disse Ivor, entregando-lhe uma carta.

— Santo Deus, rapaz! — disse meu pai, e olhava para a carta e para minha mãe, de olhos arregalados, boca aberta, depois voltava a olhar para a carta, muitas e muitas vezes, até que minha mãe começou a remexer-se, como se estivesse sentada na cama com migalhas por baixo.

— Quer me fazer ficar doida, não é? — disse ela, com frieza. Até a chaleira olhava, como se estivesse escutando.

— É uma ordem — disse meu pai, como se estivesse lendo o Evangelho. — Uma ordem real. Deus meu!

— Uma ordem real?! — exclamou minha mãe, cujos olhos se foram arregalando e os ombros tombando. — Mas que diz ela, então?

— “Ordena-se ao Sr. Ivor Morgan” — leu meu pai, aprumando-se na cadeira e limpando a garganta — “que compareça perante Sua Majestade, no Castelo de Windsor, com membros escolhidos de seu grupo coral.”

— Oh! — exclamou minha mãe em voz alta e arrastada, quase desmaiando.

— Sua Majestade Britânica — disse meu pai, quase com lágrimas nos olhos, pondo-se de pé. — Cantar diante da rainha! Meu filho! Nunca pensei ver tão belo dia. Rendamos ações de graças.

— Sim, realmente — disse minha mãe, e todos nós caímos de joelhos.

— Ó Pai do Céu — disse meu pai, de mãos entrelaçadas com as de mamãe, e olhando para cima —, dou graças de todo o coração por viver um dia como este.

— Sim — disse minha mãe.

— Dou graças em nome do meu bom filho — disse meu pai.

— Sim — disse minha mãe, cuja face se apoiava no ombro de meu pai.

— E em nome de sua boa mãe — disse meu pai —, minha abençoada esposa, durante trinta anos. Dou-Vos graças por tudo quanto tenho e por essa Vossa nova dádiva. Porque sois Nosso Pai, mas consideramos nossa rainha como nossa mãe. Confortai-a nas suas tribulações, ó Deus, e não consintais que pesadas dificuldades a sobrecarreguem mais do que ela poderia suportar na sua idade. E concedei, eu vos rogo, força para apaziguar, doçura para acalantar e vigor para infundir coragem às vozes que cantarão por sua ordem naquela noite. E possa Ivor ter forças para desempenhar com honra o seu encargo. Amém.

— Amém — respondemos todos nós.

— Beth — disse meu pai, de olhos cintilantes e rosto avermelhado —, traga a cerveja. Huw, vá buscar o Sr. Gruffydd e não aceite nenhum “não” como resposta. Abram-se as portas desta casa esta noite!

Saí à busca do Sr. Gruffydd e encontrei-o cozinhando, com um garfo numa mão e um livro na outra.

— O coro vai cantar diante da rainha, Sr. Gruffydd. E papai manda pedir que o senhor dê um pulo até lá. A casa está aberta.

— Afinal, então, não é, Huw? — disse ele, sorrindo e afastando o prato. — Eu perguntava a mim mesmo quando seria.

Subimos à colina. O povo estava saindo de casa, homens correndo montanha acima, com papel e madeira acendendo fachos, convocando o pessoal do coro. Mulheres reuniram-se em grupos, para decidir quem distribuiria a comida e quem prepararia a bebida, janelas se abriam e o povo gritava a notícia nas ruas, crianças em trajés de dormir corriam sem que ninguém as mandasse voltar para a cama. Davam vivas ao Sr. Gruffydd, a Ivor, e até eu ganhei uns poucos.

Nada de ordens para ninguém, nada de notícias impressas, nada de trombetas, nem de canhão para vomitar fogo e dar dor de cabeça às velhas, contudo todos se reuniam com um serviço a fazer, e com boa vontade para executá-lo bem, e se alguém perguntasse a qualquer deles por quê, olhariam para o sujeito de repente, com as sobancelhas erguidas, estalando a língua, e seguiriam seu caminho sem responder.

As turmas da noite já se achavam com suas roupas de serviço, prontas a descer, e as turmas da tarde já galgavam a colina, quando os homens do coro começaram a chegar dos outros vales, do lado de lá da montanha e dos arredores do rio. Estavam chegando em carros, em breques, em carroças, em cabrioles, em carriolas de cachorro e até mesmo em carrinhos de cabra, em qualquer coisa que corresse mais depressa do que eles poderiam fazer para chegar. Grupos deles andavam pelas montanhas dos arredores, com lanternas e tochas para iluminar os caminhos, pequenas flores de luz formando uma sarabanda em todas as veredas, e todos cantavam

canções, enlouquecendo o vento, que não sabia mais qual delas carregar, qual delas deixar morrer.

Agora a colina estava apinhada de gente, sem intervalos entre chapéus e rostos, por todo o caminho, duma ponta à outra, e aqui e ali, uma tocha, uma lâmpada, velas ao longo dos peitoris das janelas. Viam-se mesmo alguns homens de pernas dependuradas sentados nos telhados. Bem alto, e satisfeitos, erguiam suas vozes e davam gargalhadas quando os que estavam em cima caíam sobre os que se achavam embaixo. Mulheres davam gritinhos, pensando que iam ser esmagadas, e homens se acotovelavam, para se aliviar do arroxio que os cercava, com pilhérias e mais risadas. Aqui, um quarteto cantando, mulheres acompanhando a melodia, ali um homem cantando uns versos, e em torno dele rostos de gente atenta a apanhar a primeira nota do coro para romper então como leões.

Viram, nesse momento, o Sr. Gruffydd, na janela do nosso dormitório da frente, e no mesmo instante estrugiu uma algazarra enorme, que só faltava arrebentar os ouvidos, e foi aumentando, muito embora ele acenasse para que fizessem silêncio. Depois, pouco a pouco, o vozerio foi-se acalmando, para logo em seguida irromper novamente mais forte, gritos, berros, zoadas, bocas escancaradas e uma selvagem alegria nos olhos. Mas depois um grande psiu, partido de centenas de lábios, como se o vento houvesse encontrado seu senhor, e o silêncio se fez.

Silêncio.

O Sr. Gruffydd virou-se para meu pai e este feriu a nota na gaita de bambu.

Ivor ergueu o dedo e, do alto da colina até embaixo, homens e mulheres cantarolaram baixinho para achar o tom certo, com sopranos elevando a voz para apanhar a oitava, e altos subindo, tenores em sons argentinos, contraltos e barítonos, ficando à vontade, o baixo numa oitava abaixo, e os sons que todos eles produziam eram um mundo de beleza, tão firmes, tão profundos e, não obstante, tão delicados. Não seria surpresa para mim se as flores dos jardins do céu fossem feitas de tais sons. E oh! aspirar um

perfume tão agradável ao olfato, como soavam aqueles sons ao ouvido!

Mas mesmo o céu não poderia ser tão belo, do contrário todos nós ficaríamos embriagados de beleza, dia e noite, e trabalho algum poderia ser feito em parte alguma, sem ninguém para censurar.

Embriagado de beleza! Seria delicioso.

— “Deus salve a rainha!” — exclamou o Sr. Gruffydd, e fez um gesto da janela para Ivor.

Ivor abriu os braços para nós, com seu primeiro dedo para cima e a boca fazendo um O, de olhos quase fechados, para dizer-nos que cantássemos devagar, e a multidão fez pequenos movimentos por todo o caminho, duma ponta a outra, não de agitação, mas para achar espaço onde os braços se movessem à vontade, os pés se firmassem, os peitos pudessem respirar livremente, os queixos repontar, espaço para cantar.

O braço direito de Ivor baixou-se uma, duas vezes, e até seu mais baixo ponto, “Deus salve nossa nobre rainha”, cantou o tenor, com austera calma, “Vida longa à nossa nobre rainha”, cantaram o tenor e o soprano, “Deus salve nossa rainha”, cantaram o tenor, o soprano e o contralto.

Depois o próprio Ivor se juntou, e tomou todas as nossas vozes em seus dedos, conservando-as bem unidas, e a nota do clarim ressoou num compasso de marcha, vagaroso e forte; a grandiosidade chegava a fazer tremer, quando as vozes subiram na sua poderosa majestade.

— “Fazei-a vitoriosa” — cantávamos todos nós —, “feliz e gloriosa.”

Agora uni-vos todos, homens dos vales, abri vossas gargantas, erguei mais vossos queixos, alto, mais alto como as trombetas do Exército, cantai bem alto para que até mesmo em Windsor possais ser ouvidos, com força de abalar as próprias pedras.

— “Para reinar longo tempo sobre nós” — cantávamos, apoiando a última nota, enquanto o tenor e o soprano deixavam suas asas voar para além da oitava e ali se mantinham.

Agora.

Para cima se ergue o braço direito de Ivor, punho fechado, e sua mão esquerda se estende para nós a implorar. Mais força, maior volume, mais potência, enfunai o peito, lançai no ar um impulso selvagem e mandai a vossa voz bater de encontro ao céu, com uma força de esmigalhar as nuvens.

— “Deus salve nossa rainha” — cantamos nós e terminamos com um viva, que se poderia ouvir nos outros vales, e os que estavam lá embaixo na aldeia, fora da vista de Ivor, continuaram cantando, como um eco que adormeceu no trabalho e de repente corre, com sono nos olhos, para alcançar o som que lhe tomou a dianteira.

Entrei em nossa casa a fim de pegar alguns pratos e encontrei meu pai dando a carta a Clydach Howell, mas estendida dentro das páginas de uma coleção encadernada do *Christian Herald* — Uma moldura da melhor madeira que você encontrar, meu velho Clydach — disse meu pai. — E quero uma coroa posta ali em cima, veja, e terei esse quadro pendurado nesta parede, durante toda a minha vida.

— Dê-me a carta, Gwilym — disse Clydach, com seriedade, e carregando o livro, como se fosse ele seu salvo-conduto para as portas do céu. — Farei um trabalho desses de trazer lágrimas aos olhos, até do próprio Deus. E não cobrarei nada, sabe?

— Ou pago, ou não mando pôr a moldura — disse meu pai.

— Veremos — disse Clydach. — Sei onde há um pedaço de mogno que o próprio Diabo agarraria com prazer, se soubesse onde encontrá-lo. Durante anos desejei vê-lo utilizado em alguma coisa boa, mas não era bastante para uma cadeira, e demais para ser gasto num tamborete. Mas agora, uma moldura. Você há de ver que pedaço de madeira, agora, Gwilym, sim, por Deus, você há de ver!

— Bebamos — disse meu pai, e os canecões começaram a circular.

Que noite aquela, com todos regressando a casa, aos grupos, ao longo das estradas, e galgando a montanha, uns ali em cima, cantando um verso de coral e esperando com atenção que outro grupo cantasse o verso seguinte e assim alternativamente, até que o som caiu nas profundezas das milhas percorridas, pois o vento, esgotado de fadiga, não podia mais transportá-lo.

A montanha jazia desperta sobre seu flanco, sorrindo na tranquila escuridão, feliz por nos sentir em torno de si.

— Huw — disse Ceinwen, no recreio —, onde está aquele rouxinol de que você falava?

— Nas próximas semanas a montanha ficará repleta — disse eu.

— Quando é que vou escutá-los? — perguntou-me, olhando pelos cantos dos olhos, como se qualquer coisa que eu dissesse fosse mentira, de modo que era melhor ficar calado.

— Quando você aparecer pelo nosso vale — respondi.

— Muito bem — disse ela. — Os homens irão a Londres no sábado, de modo que no sábado à tarde eu irei, ouviu? Podemos ficar então lá na encosta da montanha, pois me é fácil voltar à hora que quiser, no meu carro.

Não adiantava dar uma desculpa, e eu havia mesmo prometido, de modo que ficou combinado.

— Você vai arranjar encrenca com seu pai — disse eu.

— Ele de nada ficará sabendo — disse ela, piscando o olho, e eu fiquei vermelho como um idiota.

Hávamos conversado pouco, desde a noite dos casamentos. Um pequeno gesto de cabeça apenas, diante da escola, pois ela chegava muitas vezes tarde e nunca com muito boa disposição pela manhã. Além disso, Mervyn estava quase sempre a seu lado, de modo que um bilhete, por baixo da carteira, ou um toque de dedos quando ela passava, fora tudo quanto pudéramos fazer.

O que quer que se diga em contrário, estou pronto a jurar que luzes verdes e vermelhas estão localizadas no cérebro e a gente vê um clarão vermelho, quando vai caminhando para um perigo. O vermelho, dentro de mim, assinalava perigo, quando eu pensava em Ceinwen. Por quê, não sei dizer, mas era assim. Estava certo de que alguma coisa iria acontecer.

E nunca pensei tão acertadamente.

Somente uns poucos de nós, de nossa idade, estavam preparados para prestar exames. O Sr. Motshill nos dissera que estava decidido a levar-nos à universidade. Éramos nove, contando-se também Ceinwen, pois era bem-dotada, não havia dúvida alguma. Anos na loja de seu pai, preparando faturas,- fazendo

contas, tornaram-na a primeira da classe em aritmética, e podia citar Shakespeare até rachar, de modo que sabia o seu inglês na ponta da língua.

Atravessávamos um período mais folgado do que o dos outros meninos e meninas, que iam deixar a escola com catorze anos e alguns com menos. Não tão folgado no trabalho, veja bem, pois o Sr. Motshill era rigoroso, mas quanto a entrarmos e sairmos. Éramos decuriões, mas somente para ver se os meninos e meninas se portavam bem. Deixávamos, porém, que fizessem o que quisessem, e nem uma vez sequer exigimos deles que não falassem galés na escola.

Na sexta-feira, quando a aldeia se deslocou para ver Ivor e os homens de nosso vale transporem a montanha para cantar para a rainha, a noite se mostrava amolecida pela chuva, fazia um friozinho e o céu era de um amável azul.

O breque, onde eles seguiam, estava coberto de alhos-porros!, e os cavalos ostentavam três penas brancas de avestruz, nas correias da cabeça, e mais alhos-porros nas suas viseiras e mantas vermelhas. Mais árdega parelha de cavalos nunca se viu, e não se diga que os cavalos não sabem quando estão trajados para exhibir-se, pois se os tivessem visto, com seus saltinhos de dança, seu relinchar a meia voz, uns dois acessos de tosse, os cascos impacientes, a cauda agitada, convencer-se-iam de que eles desejavam atrair-lhes a atenção, para receber palmadinhas, e ouvir aqueles sons entre dentes, que os cavalos gostam de escutar, partidos de homens amigos.

Para cima as caixas com as roupas domingueiras, primeiro, depois dois barris de cerveja e engradados de garrafas do Três Sinos, para irem só até a Estação de Paddington, e embrulhos de comidas, depois os homens trepados lá em cima, e entre os últimos se encontravam meu pai e Ivor.

O Sr. Gruffydd apertara as mãos de todos e cada qual convidou-o de novo, umas centenas de vezes, a acompanhá-los. Mas o Sr. Gruffydd sorria e meneava a cabeça. Não podia, porque tinha serviço na capela, no domingo, e doentes a visitar antes disso. De modo que o coro, que ele havia iniciado, seguiu para Emblema

nacional do País de Gales. (N. do T.) Windsor sem ele, com bastante algazarra de todos, parecendo a partida das hordas persas.

Acompanhamo-los com a vista, durante todo o percurso pela montanha. Depois o Sr. Gruffydd virou-se e dirigiu-se para a casinha de pórtico em concha, com um aceno e um sorriso para nós e uma palmadinha na cabeça para mim.

— Coitado — disse Bron. — Se tivesse dinheiro, teria seguido com os outros.

— Eles poderiam ter-se cotizado — disse eu. Bron olhou para mim com uma ternura de abrasar.

— Para ele? — perguntou ela, e nada mais disse.

Capítulo XXV

O Sr. Gruffydd leu o proclama de casamento de Angharad e Iestyn, na capela, no domingo seguinte, e horas se passaram, quando nossa família saiu da igreja, antes que pudéssemos voltar para casa, pois o povo se amontoava para dar apertos de mão e beijos e desejar felicidade a minha mãe, a meu pai, a Angharad e Iestyn, a Bronwen e Ceridwen, a todos os meus irmãos e até mesmo a mim.

— Muito bem, Huw — disse Isaac Wynn, dando-me uma pancada na cabeça, que, se fosse com mais força, se transformaria num verdadeiro sopapo —, você é mesmo um rapaz de sorte. Um cunhado rico e um emprego para o resto da vida, hem?

— Irei trabalhar na mina com meu pai — disse eu, pronto a dar-lhe um bom murro nas ventas. — E não há de demorar muito, sabe?

— Conversa fiada de um nanico, não é? — disse Isaac Wynn e me olhou, sem mais sorriso no rosto.

— Haveremos de ver se é verdade ou não — disse eu.

— Você está querendo ser da igualha de seus irmãos, não é? — disse ele, meneando a cabeça.

— É tudo quanto desejo. Portanto, até logo.

O barulho veio depois, quando Angharad e Iestyn começaram a escolher onde deveriam morar, o que botariam dentro de casa, quantos vestidos para o casamento e onde se realizaria a cerimônia.

— Deixemo-los — disse meu pai, quando minha mãe já estava encolerizada contra os dois, por discutirem a respeito do que um desejava e o outro achava horrível. — Não temos nada com isso. O que tínhamos de fazer já fizemos. Eles terão de viver na casa que bem quiserem. Fiquemos fora disso. Se você der a sua opinião e se as coisas não derem certo dentro de umas duas semanas, irá

receber olhares azedos e pouco respeito, até o fim de seus dias. É melhor deixá-los — Essa Angharad — disse minha mãe, retorcendo as mãos —, hei de esquentar-lhe as orelhas. Quero isso, não quero aquilo. Isso não está bem, aquilo está melhor.

— Já observei essa jovem senhorita — disse meu pai, com um leve sorriso. — Faz-me recordar sua mãe, com os seus “quero isso, não quero aquilo”.

— Não, assim também eu nunca fui — disse minha mãe.

— Eu poderia contar boas histórias a respeito — disse meu pai, falando para o teto. — Mas não importa. Uma semana de vida de casada há de curá-la.

— Cale a boca, Gwil — disse minha mãe.

— Está bem — assentiu meu pai. — Houve também radical mudança em alguém que conheço. E isso antes mesmo que findasse a semana.

— Vou para a casa de Bron — disse minha mãe, e saiu, de nariz levantado. Papai piscou os olhos para mim.

Mas, de fato, já estava amolando a gente vê-los e ouvi-los quando se achavam em casa. Quando a tia de Iestyn, que cuidava dele, veio visitar minha mãe, contou que o mesmo acontecia em casa dela. Contou que, certas noites, mostrava-se ele tão encolerizado, que seria capaz de quebrar três ou quatro jarros para aliviar os nervos, de modo que tinha ela de ocultar as peças melhores no celeiro, até que ele recobrasse a calma.

Minha mãe desejava que eles se casassem no mesmo dia que Ceridwen e Blethyn, para ficar livre das duas bodas na mesma ocasião. Mas Iestyn mostrou-se firme contra isso e Angharad não deu opinião. O que foi uma surpresa. Iestyn desejava casar-se na capela, em Londres, e seguir depois para Paris e Berlim, em lua de mel. Angharad desejava casar-se em Londres e regressar diretamente. Iestyn venceu. Angharad queria ficar em Tyn-y-Coed, onde os pais dele tinham vivido durante seis gerações, uma excelente casa grande, cheia de esplêndida mobília de residência de fazenda, mas Iestyn desejava vendê-la e construir uma casa fora da cidade Beijo e Unhada, minha mãe os chamava, e eram mesmo.

Certa noite, entraram para cear, depois de um passeio. Angharad estava lívida como uma nuvem de tormenta e Iestyn, amuado.

— Sr. Morgan — disse ele, logo que entrou —, quero uma palavra com o senhor em particular, por obséquio.

— Que novidade haverá agora? — disse meu pai, levantando-se da cadeira, estalando a língua, meneando a cabeça, enquanto levava Iestyn lá para os fundos.

Minha mãe continuou a cozinhar, e eu, a fazer meus exercícios escolares. Angharad sentou-se no tamborete, mirando o fogo, enrolada na sua capa, os cabelos caindo-lhe até quase o chão.

— Que nova trapalhada apareceu agora, Angharad? — perguntou minha mãe, fingindo pouco interesse.

— Iestyn quer levar-me amanhã para casarmos em Londres — disse Angharad, em voz baixa e tão triste, que obrigava a gente a parar e pensar no que estava fazendo.

Minha mãe continuou a cozinhar, como se não houvesse escutado nada. Depois botou o forno de pedra para aquecer, limpou as mãos, voltou-se para Angharad, ajoelhou-se a seu lado e enlaçou-a com os braços. E Angharad começou a chorar. Oh! ela chorava de cortar o coração!

— Não chore, minha filhinha, não chore — dizia minha mãe, embalando-a, como fazia com Olwen. — Vamos, minha florzinha de pêssego, enxugue esses belos olhos, sim?

— Mãe — soluçava Angharad —, eu o amo. Só a ele é que amo. Mas ele não me quer.

— Não fale assim — disse minha mãe, olhando carrancuda para o fogo, enquanto com uma mão apertava a cabeça de Angharad de encontro a seu ombro. Eu então me movi e ela virou-se para mim, zangada.

— Huw — disse ela, ríspida —, saia daqui, menino.

— Sim, mamãe.

Mas meu pai estava no barracão com Iestyn; Ianto e Davy, na sala da frente com alguns homens do sindicato, e não havia outro lugar na casa onde eu pudesse estar a não ser na cama, lá em cima. Mas eu queria cear. Desci então para a casa de Bron e encontrei-a costurando roupas de trabalho para Ivor.

— Então — disse ela, com aquele seu sorriso —, que cara de groselha verde é essa?

— Iestyn está no barracão com papai e Angharad na cozinha, com mamãe. Não há sossego lá em casa.

— Ela fará tudo o que for possível para que ele desfaça o noivado. Coitada de Angharad! Mas deixemos isso. Já ceou?

— Ainda não. E estou com fome.

— Coitadinho dele! — disse Bron, em tom de troça. — Venha cá. Vou arranjar-lhe uma tigela de sopa, ouviu?

Ceamos juntos, porque Ivor estava na turma da noite, e foi mesmo uma ceia excelente, só que os alhos estavam um pouco velhos, o toucinho um tanto salgado e as batatas encharcadas, mas com Bron sorrindo do outro lado da mesa, era tudo agradável.

— Bron — disse eu, às pressas, para não ter tempo de mudar de ideia —, por que seria bom para Nan Mardy ver uma fralda de camisa?

Bron ficou olhando, com a sopa a pingar da colher, depois levantou a cabeça e disparou na gargalhada. Era bela a sua gargalhada, cheia e profunda, dum tom franco, mas eu já ia ficando inquieto, antes que ela enxugasse os olhos.

— Quem lhe disse isso? — perguntou ela, e recomeçou a rir, de olhos fechados, boca aberta, dentes luzindo, num tom elevado, como se agora é que tivesse achado o ponto mais engraçado da coisa. Eu fiquei olhando, pronto a atirar alguma coisa, mas desejando rir com ela.

— Onde foi, menino, onde foi? — perguntava de novo, enxugando os olhos, engolindo saliva e acabando de rir com grandes resfôlegos.

— Foi Hwfa Williams — disse eu, não desejando acrescentar mais nada, agora. — Ele disse que isso faria bem a ela. Eu queria saber por quê.

— Algum dia você compreenderá, meu filho. Quer mais comida?

— Quero é uma resposta à minha pergunta.

Ela encarou-me bem dentro dos olhos, mas nada pude descobrir no seu rosto.

— Já perguntou isso a seu pai, Huw? — perguntou muito calma.

— Sim, e ele me disse que cuidasse de minha vida.

— Falarei com ele — disse Bron e levantou-se, como se desse a coisa por finda.

— Por que é que todos me tratam como se eu fosse o pequeno Gareth? — disse eu, levantando-me também. — Por que faria bem a Nan Mardy olhar para uma fralda de camisa? Como é que as moças ganham o dinheiro que é nosso?

— Cale a boca, Huw — disse Bron, aterrorizada. — Onde foi que você ouviu isso?

— Foi Ianto que disse, mas acrescentou que sentia muito ter dito isso na minha frente.

— Huw — disse Bron, cheia de bondade —, vá para casa dormir, e não se preocupe com essas coisas. Quando você crescer, as coisas se tornarão mais evidentes e sua cabeça mais forte para conhecê-las.

— Pois então vou saber de Tegwen Beynon. Ela sabe. Bron deu volta à mesa e agarrou-me rapidamente pelo pescoço.

— Huw — disse ela, seca e ríspida —, se você for falar com aquela porca daquela moça, trate de não me aparecer mais nesta casa. E não se esqueça, ouviu?

— Eu hei de saber ou não de me dizer. Hei de descobrir isso.

Bron enlaçou-me e beijou-me na testa.

— Se eu contar isso a seu pai, ele lhe dará uma surra e você continuará na mesma, só Deus sabe o mal que isso fará. Perguntou ao Sr. Gruffydd?

— Podia perguntar, mas já sei qual será a resposta.

— Se eu soubesse que faria bem, contaria a você agora mesmo, mas você é um menino e pode ser que faça mal, falando. Vou pensar nisso um dia todo, quer?

— Está bem. Obrigado, Bron.

— Então, boa noite — disse ela, sorrindo daquele jeito que não era bem um sorriso.

— Boa noite, Bron — disse eu, beijando-a tranquilamente na boca. Depois corri para fora.

O beijo é e não é uma coisa esquisita. É esquisito, porque mistura tolice com tragédia, e não é esquisito, porque tem uma boa

razão de ser. Há o aperto de mãos. Seria bastante. Contudo, um aperto de mãos não é bastante para dar expressão a todas as espécies de sentimento. A mão é demasiado dura e por demais utilizada em fazer todas as coisas, com muito pouca sensibilidade e bem distante dos órgãos do paladar e do olfato, bem como do cérebro, sem falar na distância que vai do braço ao coração. Esfregar o nariz, como os negros, coisa que pensamos ser tão tola, é melhor, mas no nariz nada há que agrade ao paladar, apenas um pedacinho de osso a salientar-se no rosto, incômodo no inverno, mas amigo quando estamos diante da comida ou num jardim. Com os olhos nada podemos fazer, porque se nos aproximamos demais eles envesgam e as coisas aparecem dobradas à nossa vista, sem que se possa ver nada direito.

Nada a fazer-se com o ouvido, de modo que voltemos à boca. Beijamos com a boca porque é parte da cabeça e dos órgãos do paladar e do olfato. É o templo da voz, a guardiã do fôlego e sua razão, tesoureira dos gostos e das suculências, a casa da nobre língua. Seus portais são firmes, embora macios, com algo de quente e de maduro, diferente do resto da face, rosados, e, nas mulheres, com uma crespia e vermelha maciez, de gosto não comparável ao das amoras silvestres, mas se desaparecesse o gosto dos beijos e as amoras dessem o ano todo, metade da alegria do mundo se esvaneceria. Não me admira que beijemos, pois quando a boca se cola à boca, em toda a sua simplicidade, o hálito se mistura ao hálito, o gosto se junta ao gosto, o calor é reaquecido, e as línguas conversam numa linguagem sem som, e coisas são ditas que não encontram expressão, não têm nome ou não conseguem viver na lastimável deficiência da linguagem.

De modo que beijei Bronwen pela primeira vez, e senti-me triste e alegre ao mesmo tempo, amedrontado e, no entanto, cheio duma ousada alegria.

— Huw — disse o Sr. Gruffydd, na tarde seguinte —, você andou ontem indagando de um assunto à sua cunhada. Ofende-me que você não me tenha procurado primeiro, para saber o que desejava. E uma coisa dessas, Huw, não é de uma mulher que se deve indagar.

— Pensei que o senhor se zangaria comigo — disse eu, corando como um idiota e furioso, só de saber que Bron revelara de novo uma coisa que eu lhe contara.

— Estou zangado com você, agora — disse ele, mas sem raiva na voz. — Se sou eu quem o deve instruir na Palavra de Deus, por que não deverei instruí-lo nas coisas de Sua natural bondade?

— Sim, senhor — disse eu, assim falando porque nada tinha mesmo a dizer, pedindo a Deus que abrisse um buraco debaixo de meus pés, onde me pudesse esconder.

— Muito bem — disse ele, ainda às voltas com a roda. — Há algumas coisas que você já conhece, e outras que você tem de esperar para conhecer. Já sabe cálculo?

— Não, senhor. Mas já estou aprendendo.

— Bem, cada coisa a seu tempo. Você não pode saber, enquanto não chega o tempo de aprender, e a impaciência nada ganha senão fazer confusão, não é?

— Sim, senhor — disse eu, começando a fazer um bom trabalho com a plaina.

— Então, em primeiro lugar, as primeiras coisas. Há homens e mulheres. Mas, antes disso, haverá meninos e meninas, e antes ainda, bebês, não é?

— É, sim, senhor.

— E antes disso? Que haverá?

Que haverá, realmente? Que haverá antes dos bebês? Nada, que eu soubesse.

— Nada, senhor. Parece que no começo era o Verbo.

— Muito bem, meu filho. Você está no bom caminho. O Verbo estava com Deus. Da mesma forma, os bebês. Huw, há uma máquina lá no barracão de sua casa, que Olwen fabricou. Como foi que ele a fez? Com as mãos, sabemos nós. Mas antes disso, com o pensamento, não foi?

— Foi, sim, senhor.

— E os bebês nascem do pensamento também, Huw. Do pensamento de Deus. Pois eles são pequenas máquinas, mas cheias de maravilhas e de esplêndido mistério, movidas não a petróleo, mas pela própria vida. Em vez, porém, de ficarem do mesmo tamanho de

que foram feitos, crescem e crescem, dia a dia, passam a ser meninos e meninas, e depois homens e mulheres Que coisa maravilhosa, meu filho!

— Mas como é que os bebês aparecem? Que há antes dos bebês?

— Que impaciência! Pena é que não estejamos na escola de Pitágoras, porque então você seria obrigado a um voto de silêncio, durante cinco anos, enquanto seu professor lhe fosse transmitindo o ensino.

— Desculpe, senhor — disse eu, procurando de novo um buraco onde esconder-me.

— Está bem. Agora, vamos tratar do caso dos bebês. O homem nasceu à imagem de Deus e Deus tirou a mulher da costela de Adão, não é?

— É, sim, senhor.

— De modo que havia Adão e Eva no Éden. Que aconteceu?

— Ela pecou, comendo do fruto da árvore da ciência do bem e do mal e deu a maçã para que ele a comesse. Conheceram, então, que estavam nus e cobriram-se com folhas de figueira.

— Muito bem — disse o Sr. Gruffydd, movimentando a roda com mais força. — E depois?

— Depois veio um anjo com uma espada de fogo e expulsou-os do Paraíso.

— Para que comessem o pão com o suor de seus rostos. E depois, ainda?

— Depois temos Caim e Abel. Abel era um homem bom, mas Caim o matou.

— Espere. Antes de matá-los, vamos primeiro saber como apareceram. Já sabemos como nasceram Adão e Eva. De onde provinham Caim e Abel?

— Da Bíblia.

— Mas de onde, nasceram da Bíblia, rapaz? Adão foi criado, já sabemos, e Eva proveio de Adão. Mas de onde provieram Caim e Abel?

— Eram filhos de Adão e Eva.

— Muito bem — disse o Sr. Gruffydd e começou a trabalhar em outra perna de cadeira. — Eram os filhos de Adão e Eva e foram gerados, como os filhos dos homens e das mulheres têm sido gerados desde então. Por um pai e por uma mãe. Agora, Huw, por que um homem é um pai, e uma mulher uma mãe?

— Porque Adão era uma coisa, e Eva a outra.

— Mas por quê? perguntei eu — disse o Sr. Gruffydd, erguendo a vista para mim. — Que é que torna um homem um pai? Onde existe a diferença? Como distingue você um homem de uma mulher, um pai de uma mãe?

— Ora, um tem bigode e calças e a outra é lisa e usa saias.

— Huw, você por fora é diferente de uma menina, não é? Do contrário estaria tricotando em vez de lutar.

— É isso mesmo.

— Qual é a diferença? — perguntou o Sr. Gruffydd, empurrando o eixo com força.

— Uma moça tem o peito bojudo e nós não.

— E que mais?

— Da cintura para baixo somos também diferentes. As meninas são chatas.

— Bem. Agora, que sabe você a respeito do ventre? Que é um ventre, Huw?

— Está na Bíblia, senhor.

— “Assim disse o Senhor que te fez e te formou no ventre” — disse o Sr. Gruffydd, citando o Evangelho, com sua voz profunda. — Máquinas brotam do pensamento do homem, as crianças, do pensamento de Deus. Mas como as máquinas se formam da união de cérebros e de mãos, e depois tomam forma no ventre das caldeiras de fundição, da mesma maneira uma união deve haver entre um homem e uma mulher, e a criança toma forma no ventre. Ora, o ferreiro faz o ventre da forja para dar forma às partes da máquina, e Olwen juntou-as. Da mesma maneira Deus fez o ventre de carne quente, para formar as partes da criança. E quem as juntou? O pai e a mãe, não é?

— É, sim, senhor.

— E dos dois, qual o que possui o ventre?

Tive uma visão da Sra. Beynon, abaixo de mim, com as veias do rosto congestionadas e as mãos ferindo-se na parede.

— A mãe.

— Muito bem, de modo que agora sabemos que um homem é pai e uma mulher é mãe. Ele é pai porque é diferente dela. Ela tem dentro de si um ventre, e se esta é a vontade de Deus, uma criança terá forma e vida. Como?

— Com uma união.

— Passemos agora a essa união — disse o Sr. Gruffydd em outro tom de voz, como se apontasse a diferença entre os veios de duas peças de madeira. — Já ouviu falar da semente do homem, Huw?

— Já, sim, senhor.

— Bem. Há trigo, cevada e milho. Tudo é semente. E você deve semear para colher, não é?

— É, sim, senhor.

— De modo que para se formar uma criança deve haver, primeiramente, semeadura da semente do homem. E esta é semeada no ventre. É para isso que os homens e as mulheres se casam. O casamento é a união. Semeia você trigo fora do tempo devido? Botaria semente na terra, no tempo da neve?

— Não, senhor.

— Não, do contrário o mandariam imediatamente para a casa dos doidos. Há um tempo e uma estação para todas as coisas. E o tempo de semear do homem é o do casamento, e não antes. Por mais impaciente que se mostre o lavrador, para ter um campo de cereais a crescer, deve esperar pela estação para semear, não é assim?

— É, sim, senhor.

— É, porque senão seria ele tido como estúpido. A mesma coisa com o homem, Huw. O tempo do casamento é o tempo da semeadura.

O sol já descia pelo outro lado da montanha, e de encontro à extremidade alaranjada e vermelha do céu, os carneiros mostravam-se negros, com raios de luz branca, espalhando-se por baixo deles e riscando-lhes a lã de ouro vivo.

— Muito bem. Que quer saber mais?

— Como é semeada a semente?

— Há quanto tempo tem estado você com essas coisas na cabeça, Huw?

— Faz muito tempo, senhor.

— Oh! supondo que seu pensamento estivesse, durante muito tempo, preso à ideia de comer, não teria eu o direito de chamar você de glutão? Da mesma forma, a respeito deste assunto. Não se descuide de como gasta seu tempo, do contrário, tempo virá em que poderá ser chamado de vadio e de preguiçoso. Agora quer saber como é semeada a semente, não é?

— É, sim, senhor. Por obséquio.

— Muito bem. Você mesmo disse que por fora é diferente de uma moça. Isso é porque você deve tornar-se um homem, e então, será possuidor da semente do homem.

— Onde terei essa semente?

— Novamente, a impaciência. Tê-la-á dentro de você, feita do seu próprio sangue e pronta, ao tempo da semente, naquelas partes de seu corpo que são diferentes das de uma moça. No tempo do casamento e não antes, unir-se-á com a mulher que será sua esposa. E todas as coisas se realizarão.

— Mas como se faz a união, senhor? — perguntei, com uma voz do fundo dos pulmões, trêmula, pois me sentia acabrunhado ao peso do conhecimento, mas ansioso de saber mais, e essa ânsia me enchia de um calor interno.

— Que significa a palavra “união”, Huw? — perguntou ele, parando a roda, porque já estava quase escuro na sala e até mesmo o brilho fugira da superfície da mesa.

— Juntar.

— É justamente isso. Essa parte externa sua é um elo para o ventre da mulher, que é sua esposa, e, através desse elo, passa a sua semente, que é dada por Deus e determinada a carregar um fruto que é a criança, pelo pensamento de Deus. Chega?

— E é tudo, senhor? — perguntei-lhe, aflito, sem nenhuma satisfação.

— Se é tudo? — perguntou ele, erguendo as mãos. — Que mais então?

— Bem, senhor. Pensei que era alguma coisa mais. Alguma coisa terrível.

— É terrível, sim, Huw — disse o Sr. Gruffydd, num tom tranquilo, pondo a mão na minha cabeça. — É realmente terrível. Imagine: ter a responsabilidade de uma vida dentro de si. De muitas vidas. Pense nas misérias e aflições que podem sobrevir a essas vidas, além do alcance de sua própria vida. Pense em ter criancinhas à própria imagem, colocá-las nos joelhos, e saber que são carne de sua carne, sangue de seu sangue, esperando ser guiadas por você, como você espera ser guiado por Deus nosso pai. Pode isso não ser senão uma coisa terrível, de majestade e de beleza além de qualquer expressão?

— É, sim, senhor. Mas por que as pessoas grandes dizem que não posso saber, se tudo é apenas isso?

— Bem, Huw — disse o Sr. Gruffydd, rindo, agora. — Será preciso gritar isso do alto dos telhados, então? Não deve haver decência? Tira você sua roupa na frente de todo mundo?

— Não, senhor.

— Então, se você zela pelo próprio decoro, pense quanto mais decorosos devemos ser a respeito desses assuntos de nascimento. É uma responsabilidade que chega com a idade. Iria você conversar com o pequeno Gareth a respeito do funcionamento da máquina?

— Não, senhor.

— Sem dúvida que não. Ele gostaria de saber, decerto, mas seu pequenino cérebro não entenderia o que você lhe dissesse. Mas de futuro ficará sabendo tão bem quanto você. Não é?

— É, sim, senhor.

— Porque então será simples para ele, pois já terá atingido a idade da compreensão. E dirá então a você: "é só isso?" E você dirá que é só isso, meu filho, justamente como digo agora a você. Está bem?

— Mas por que faria bem a Nan Mardy ver a fralda numa camisa? — perguntei, antes mesmo que pudesse conter-me.

— Isso é uma brincadeira grosseira, Huw. É porque ela é uma mulher velha, que não teve marido, e, portanto, não teve filhos. Hwfa queria dizer que teria sido melhor para ela ter um marido.

r— Como soube que foi Hwfa? — perguntei-lhe, frio de surpresa.

— Poucas coisas se passam com você que eu não saiba, meu filho. Você ainda está indo ter com Dai Bando todas as manhãs?

— Sim, senhor.

— Bem. Lucrará com isso Mas só vá de manhã. Não permita que lhe tomem o tempo à noite. Nada de botequins e nada de apostar em lutas, ouviu?

— Sim, senhor — disse eu, surpreso. — Nunca ouvi falar disso.

— Está bem. Agora vá para casa cear.

— O senhor irá lá em casa hoje à noite? O lugar está sempre posto para o senhor.

O Sr. Gruffydd ficou silencioso um instante, pondo as ferramentas dentro da caixa e empurrando a roda para a outra parede.

— Dê um beijo na face de sua boa mãe e peca-lhe mais uma vez desculpas por mim. Boa noite.

— Boa noite, senhor — disse eu e saí para a escuridão que vinha vindo, com a sensação de que o mundo estava às avessas e a gente que o povoava era tão estúpida como cucos. Mas agora compreendia por que Bron tinha evitado contar-me, e fui-lhe grato, livrando-me da raiva.

Foi apenas pouco tempo depois disso que Iestyn resolveu seu caso com Angharad e levou-a para casar em Londres. Ianto e Davy foram com eles, mas meu pai e minha mãe ficaram em casa, porque tinham desejado que o casamento se realizasse na nossa capela, e viravam a cara a um casamento fora Ianto e Davy regressaram, muito calados, sem notícias de Londres, e sem falar a respeito da viagem. E pelo ar de seus rostos, fiquei sabendo mais do que se perguntasse Angharad enviou-nos cartões de Calais e de Paris, com uma ou duas palavras, e uma carta de Berlim, que meu pai e minha mãe leram juntos, perto da janela, minha mãe olhando por cima do ombro de meu pai, certa manhã. Seus rostos estavam duros e sérios ao começar, ao reflexo branco do papel, mas quando meu pai acabou de ler uma página e voltou os olhos para ver se minha mãe tinha acabado também, a dureza desapareceu e a seriedade se foi, até que, ao terminarem e tirarem os óculos, minha mãe passou a mão pelo avental, pensativa, e encarou meu pai.

— Bem — disse ela.

— Tudo vai correndo bem com ela, menina — disse meu pai, pegando-lhe a mão. — Não lhe disse? Ela agora se aquietou.

— Espero que sim — disse minha mãe, olhando pela janela.

— Pode ficar certa. Não se preocupe. Espere até ela voltar para casa e verá.

Capítulo XXVI

O Sr. Gruffydd mudara um pouco, mas penso que era eu a única pessoa na aldeia a conhecer quanto. Parecia fatigado, não obstante sua atividade, e um tanto mais velho, não com rugas no rosto, ou fios brancos na barba, mas era algo de sombrio no olhar, que lhe dava a aparência de velhice. O trabalho com a mobília tomava muito tempo, pois era eu o único a auxiliá-lo e, assim mesmo, com falhas de dias. Grande era a quantidade de trabalho que o solicitava, causado pela chegada de mais operários ao vale, complicado encargo de presidir a tudo, além das reuniões na capela. Lia menos, agora. Podia afirmá-lo pela menor pilha de livros e pelo tamanho das velas. Quanto à mobília, começava ele a trabalhar, depois se sentava, ficava olhando, meneava a cabeça, lançava-me um leve sorriso, levantava-se e saía para fazer chá. Em compensação, aparecia mais vezes lá em casa, sentava-se junto ao fogo, durante muito tempo, noite após noite, fumando seu cachimbo. Minha mãe sentia-se muito satisfeita por tê-lo ali e sempre se mostrava triste, quando ele se despedia.

Sentia-me constrangido ao dizer-lhe que não poderia trabalhar com ele no sábado à tarde, mas não me fez perguntas, apenas olhou para mim, alisou o cabelo e acenou com a cabeça. E isso foi pior, pois eu me sentia obrigado a dizer-lhe o que iria fazer, pelo menos para ser-lhe sincero, mas faltou-me a coragem, pois me parecia coisa tão tola... Desculpe, Sr. Gruffydd, não posso fazer o envernizamento no sábado, porque vou passear com Ceinwen, lá na montanha, para ouvir os rouxinóis.

De modo que me despedi e me parecia haver um buraco no ar, que coisa alguma encheria.

Em redor da montanha, junto às faias, encontrei Ceinwen. Já passava das três horas, com a tarde se adiantando, o sol quente, e o vento correndo a se ocultar, lá no topo da montanha, entre as árvores.

Ela estacou a égua junto à pedra onde eu estava sentado e retirou do carro um par de mantas e um cesto de palha vermelha, que me estendeu.

— Para que é isso? — perguntei-lhe, tão confuso me encontrava.

— Para comer, rapaz — disse ela e pulou para baixo, a fim de ir tirar os arreios da égua. — Haveremos de ficar lá em cima, toda a noite, sem nada na barriga, a não ser roncos e guinchos?

— Toda a noite? — disse eu, queimando-me de medo. — Tenho ensaio do coro, às sete horas.

— Deixe chegarem as sete horas — disse Ceinwen, dando uma palmada na égua, para mandá-la pastar. — Agora me ajude a puxar o cabriolé para cá.

Pusemos o cabriole em boa ordem e eu saí na frente, pesado como um jumento, montanha acima até as árvores, perto do lugar onde os rouxinóis cantavam. Ceinwen usava um vestido de listras cinzentas e brancas, um chapéu branco com flores e cerejas na fita, em redor das abas, e fitas de veludo vermelho fechavam-lhe o vestido no pescoço. Tinha um busto cheio e amplas cadeiras, corpo longo a partir do quadril, e era algumas polegadas mais alta do que eu, sem dúvida, e por trás, mais mulher do que menina.

Podia ver uma luz que me dava sinal de perigo, sinal e mais sinal durante todo o caminho, prendendo-me a língua como num torno.

E subimos, à luz do sol, ou livres dela, sob a sombra das árvores, mergulhando na sua frescura, onde os montículos de folhas eram ricamente macios e continham um bafejo dos perfumes de séculos de verdura, que crescera e morrera, através das veredas de roseiras silvestres, vermelhas com flores desfolhadas, para além das moitas floridas de frutinhas do campo, através do pasto de capim que dava pelos joelhos, que se agarrava à gente e assobiava a cada passo que dávamos, para lá das rochas musgosas onde os pequenos abetos fazem reverências, e, mais acima ainda, chegando às roseiras bravas, aos carvalhos e aos olmeiros, onde havia paz, onde se ouvia

o ruído dos gafanhotos atritando os élitros com impaciência, onde pássaros brincavam de esconder, o sol despejava sobre nós o seu calor e o céu escampo cintilava todo azul.

— Bem — disse Ceinwen, quando eu parei.

— Não se aproxime muito — disse eu —, do contrário nada ouvirá.

— Arranjemos então uma sombra — disse* ela. — Estou cozinhando de calor.

Colocamos as mantas entre as raízes cruzadas de um carvalho e Ceinwen espichou-se, de costas, resfolegando, com o lenço cobrindo-lhe o rosto.

— Temos que esperar muito tempo? — perguntou ela.

— Horas.

— Muito bem. Dormirei.

Observei uma formiga que corria por cima da raiz do carvalho. De costas, com as mãos ficando dormentes sob a cabeça, eu a mirava, tão perto de meus olhos que parecia tão grande como um cavalo. Era vigorosa, luzidia e flexível, com o dorso reluzente e pernas dobradas como arame. Imaginei se ela me veria como eu a via, se tinha os mesmos sentimentos para com sua casa e sua gente que eu tinha, e se me desdenhava da mesma forma que eu a ela. Sempre me pus a imaginar o que existe dentro do cérebro de uma formiga, qual a sensação que se tem de ser formiga, se a mesma de ser homem, se ela vê, pensa e conhece seus amigos, se os chama pelo nome e pode ser feliz.

Aquela parecia estar atrapalhada com alguma coisa e depois se esquecia do que era, parava a cada dois passos, tentando lembrar-se, metia as patas nos bolsos para ver se não lhe faltava nada, andava um pedaço para a frente e depois voltava. Era estúpida, mas não mais que alguns de nós. O velho Olwen, o moleiro, muitas vezes parava na rua, procurando alguma coisa nos bolsos, e mandava um menino à sua casa para perguntar à Sra. Olwen o que foi que ele esquecera, e ali ficava, com uma cara inexpressiva, coçando-se, até que o menino voltava, para, muitas vezes, dizer que não havia nada a lembrar.

De modo que não se podia censurar a formiga, e fiquei a observá-la durante muito tempo, vendo os sapatos de Ceinwen, meio limpos da poeira pela relva, ultrapassando justamente a raiz do carvalho, que parecia fazer propositadamente quieta para não a despertar.

Então adormeci e acordei com Ceinwen me sacudindo. Estava tremendo de frio, entorpecido e úmido, surpreendido pela escuridão.

— Oh! Huw — disse ela num fio de voz, com os dentes batendo —, acenda uma fogueira, senão eu morro de frio ou de medo. Não sei bem de qual dos dois morrerei primeiro.

— Espere — disse eu, metendo a mão numa toca de esquilo e retirando pedaços de cortiça e folhas secas. Fiz então uma fogueira com gravetos das roseiras bravas, que ardeu com belas chamas amarelas, irradiando agradável calor.

Retiramos a comida do cesto, enchi a caçarolinha com água do córrego e fiz chá para tomar com o empadão.

— Foi você que cozinhou isso? — perguntei, só para ter alguma coisa que dizer.

— Ora — disse ela, com olhos arregalados e amarelados pelo fogo —, quem então? Está tão ruim assim?

— Não, não. Você sabe cozinhar.

— Ora, graças a Deus, agora — disse ela, rindo. — Imaginei, quando o fiz, o que você iria dizer. Não está muito bom, eu sei. A massa está um pouco pesada e a carne não tem bastante tomilho. Não está bom, não.

— Muito boa. Estou gostando e quero mais.

— Deixe de lisonja — disse ela, abrindo e fechando os olhos devagar, e cada vez que os abria, parecia conseguir fazê-los maiores.

— Se estivesse ruim, eu não continuaria a comer.

— Amalhado em casa. Que trabalho sua mulher vai passar com você.

— Basta que seja tão boa como agora, nem mais nem menos.

— Você fará a moça ficar doida. Ela lhe jogará um par de pratos em cima e você, de raiva, espatifará os jarros do aparador. Se você

fizesse uma coisa dessas comigo, esperaria que você estivesse dormindo e o mataria de um golpe.

— Ah! nem espere isso! — disse eu, indo cortar mais um pedaço do empadão.

Ela ficou calada durante uns minutos. O fogo estalava seu chicote, jogando fagulhas para cima. Olhei para ela umas duas vezes, mas mirava o fogo, e não reparou nisso. Tinha os braços tesos, nas costas, a cabeça mergulhada entre os ombros curvados, os pés bem para a frente, um cruzado sobre o outro.

— É bom casar — disse ela, com serenidade — e ter a casinha da gente.

Fiquei calado.

— Uma casinha da gente, como seu irmão e sua irmã. Uma casinha nova, de pintura ainda fresca, com sua mobília própria para se colocar onde bem se quiser e nada de disparates de quem quer que seja.

Calado estava, calado continuei.

— Com um pedacinho de jardim e um casal de galinhas ciscando. E crianças.

— Muito tempo passará antes que eu queira ver crianças perto de mim. De crianças vivia cheia nossa casa.

— Muito diferente é quando as crianças são da gente — disse ela, rindo francamente.

— Seja como for, haverá muito tempo para pensar nisso.

— Você gostaria de casar comigo, Huw? — perguntou-me, muito envergonhada, com um olhar de lado e uma vozinha fraca.

— Não. Como você é tola, menina! Ainda não saiu da escola e já está pensando em casar? »

— Minha mãe saiu da escola para casar. Eu sou a mais moça das quatro que ainda estão em casa, e ela mais parece minha irmã do que minha mãe. Casemo-nos, Huw, para ter nossa casinha, sim?

— Vá para o inferno, menina. Tenho ainda que estudar antes de pensar em casamento.

— Venha trabalhar com meu pai — disse Ceinwen, aproximando-se mais. — Aprenda o negócio enquanto estiver trabalhando e ganhe

bom ordenado, depois poderemos casar-nos e ter nossa própria casa, não é?

— Quer saber duma coisa? Vamos parar com essas tolices por hoje. Viemos aqui em cima para ouvir os rouxinóis. Então, escute.

— Bem, então me dê um beijo.

— Saia de junto de mim — disse eu, pondo mais empadão na boca. — Rouxinóis, e nada de casamentos, nem de beijos.

— Falando com a boca cheia! Isto são modos, Huw?

— Deixe-me comer sossegado.

— Se eu soubesse, nada teria cozinhado — disse ela, com raiva. — Você agora estaria rebentando de fome.

— Então teríamos ido embora mais cedo — disse eu, satisfeito por haver mudado de assunto.

— Oh! Huw — disse ela, retirando o lenço do cinto —, com que brutalidade você me trata!

E começou a chorar.

Com as pernas dobradas sob o corpo e ocultas na alvura do vestido, o cabelo como feno novo caindo-lhe em torno e espalhando-se na relva, o lenço branco, em ambas as mãos, apertado contra os olhos quase ocultos pelos cabelos, a voz brotando-lhe como pequenas espadas de som ao fim de cada alento, oh! que tristeza sinto dentro de mim agora, ao lembrar-me de Ceinwen, quando ela chorava lá em cima na montanha, enquanto os rouxinóis cantavam em torno de nós, e a luz da fogueira brilhava sobre ela, agora que a fogueira já se apagou, os rouxinóis estão calados e ela se foi.

De pedra seria o homem que visse uma mulher chorando e se calasse e não movesse as mãos. De modo que fui ter com ela, enlacei-a com o braço, tirei-lhe as mãos do rosto e beijei o sal de suas faces. Ela abandonou-se pesadamente sobre mim, estremecendo, mas cessando de chorar.

— Escute. Os rouxinóis estão cantando para você.

Cheio e suave é o canto do rouxinol. Que completo e perfeito cantor! Nada de beliscaduras de garganta, ou despropósitos de boca meio aberta, ou vacilos por falta de fôlego.

Um bom peito cheio de ar, o dele, e um bom peito também para contê-lo, uma cabeça erguida, uma boca bem aberta, pensando que

não é vergonha cantar com a voz que Deus lhe deu, e cantar sem medo de coisa alguma, fiel às notas, agudas ao extremo, elevadas, de tom cheio, com um trinado e um trêmulo de fazer a gente gelar de maravilha ao ouvi-los. Um passarinho apenas, sem plumagem colorida e sem ares de importância, mas com uma voz que um rei poderia invejar, e, no entanto, nada pede, a não ser espaço para cantar. Nada de mesuras, de cortesias, de curvaturas de joelhos, de pingues salários para o Sr. Rouxinol. Um pequeno galho, um par de folhas, um cair de noite, e a gente terá sua canção, sem outro pagamento que não sejam os momentos de nossa vida, enquanto o escutamos. Vozes como essas são as do Querubim.

Naquela noite, muitos eram os que cantavam para nós, e muito tempo ficamos a escutá-los, até que as cinzas branquejaram sobre o fogo e o vento se pôs a caminho de executar sua tarefa para o dia que iria vir. Ceinwen dormia com a cabeça pesando em meus joelhos e a respiração leve, vagarosa, silente.

O sono é uma coisa bela, principalmente quando se vê alguém dormindo em calma. Assim calada, as mãos tão lindamente quietas, às vezes um leve silvo na respiração, ou um rápido tremor, e no rosto uma tranquilidade rósea, a boca na plena inocência do repouso e a doçura dum perfume no ar em torno dela.

Assim dormia Ceinwen, enquanto eu a contemplava. Mas despertou, olhos abertos, vagos por instantes e depois cheios de lembrança, mostrando os dentes num bocejo sorridente e o olhar ainda cheio de um sorriso sonolento.

— Já é tarde — disse eu. — Vai haver encrenca.

— Oh! Huw — disse ela, numa voz capaz de derreter pedras. Espichou os braços bem acima da cabeça e baixou-os depois devagarinho para prender-me num abraço. Senti que seu corpo suave se mudava em aço flexível sob o meu, e nos beijamos. Ela riu em meio aos beijos e seus dentes tiniram contra os meus.

Vem uma branda loucura do beijar, mas, apesar de tão suave, há em nós o ardente desejo de magoar, embora só por prazer. Morder, apertar com força, esmagar a boca com fúria, mostrar vigor, que é másculo, à maciez, que é feminina. Todavia, enquanto eu jazia a seu lado e ela sorria quieta, deixando que minha mão se arqueasse em

volta do mistério de calor e rijeza que enfunava as listras de seu vestido em gémeas colinas, e meus dedos conhecessem a lubricidade cetinosa de sua carne, sob a áspera superfície do pano, produzindo-lhe vincos na testa e deliciosos trejeitos de boca quando apertei as tenras vergôntes, vi a luz amarela de uma lâmpada brilhar lá embaixo, no verde da moita. Sentei-me, todo frio, o coração crescendo dentro do peito e batendo a ponto de tirar-me o fôlego.

— Huw — disse Ceinwen, procurando minhas mãos.

— Andam atrás de nós — disse eu, enrolando as mantas e começando a meter os pratos no cesto. O fogo estava quase extinto, apenas avermelhado, e os restos de chá que lhe joguei em cima provocaram um esparrame de cinza. Eu levava o cesto e Ceinwen as mantas. Empurrei-a, diante de mim, para o topo da montanha, fora do alcance das numerosas luzes que agora podíamos plenamente avistar, e que estavam à nossa procura.

Subíamos descrevendo um arco de círculo através de moitas e de urzes, de capim e de roseiras bravas, por cima de tapumes, pelo meio de manadas de vacas. Ceinwen aterrorizou-se, ocultou o rosto e agarrou-se a meus braços para empurrar-me na sua frente. Descemos o alcantil pelo meio das árvores e nos achamos na estrada. Que bom sentir os pés de novo firmes em cima de duas pedras!

— Fique aqui — disse eu. — Vou pegar a égua e trazer o carro para aqui.

Ela assentiu e achei que mais querida se tornava, no seu desamparo e no seu terror. Beijei-lhe a face, mas ela olhava para a frente, com os dedos no rosto e uma palidez de terror luzindo-lhe nos olhos.

— Oh! Huw — cochichou ela —, se me encontrarem aqui, me meterão na cadeia.

— Na cadeia, menina? — disse eu, tão surpreso como se me achasse num outro mundo. — Mas por quê, afinal?

— Ou então me obrigarão a comparecer à capela — disse, com a voz afogada em lágrimas.

— Vou pegar a égua. Inútil antecipar. Espere, então. Rodeei a estrada, corri pelo capim, com o rumor da torrente mais alto do que o tropel de meus passos, para o lugar onde havíamos deixado o cabriole, mas o terror caiu pesado sobre mim, antes que pudesse alcançá-lo, pois luzes brilhavam lá, recortando negras sombras de homens, e a fumaça dos cachimbos subia no ar como fantasmas de crianças.

O cabriole fora trazido para a estrada, com os varais na poeira, e outro cabriole, igualzinho, se achava a seu lado. A égua e outro animal estavam amarrados a um galho de árvore perto deles.

Percebi o que acontecera, enquanto tomava a resolução de evitar que Ceinwen sofresse alguma coisa.

A égua voltara para casa e dera o alarma.

De onde virão os pensamentos que nos ajudam a fazer o que fazemos, quando, momentos antes, nossa mente era um vazio doloroso? Vemo-la trabalhando, como alguém dentro de nós, arqueando os dedos na desalentada busca de uma sugestão.

Tirei os fósforos do bolso e aproximei-me do cavalo. Desamarrei-o e volvei-o de cara para o fogo, lá na estrada. Depois acendi um fósforo e mantive-o um instante de encontro ao jarrete do cavalo, dizendo-lhe, em espírito, que sentia muito causar-lhe aquela dor, mas Ceinwen estava olhando na escuridão, lá embaixo na estrada, pensando em rostos e em vozes na capela. Saiu correndo aos relinchos, numa tempestade de cascos e poeira. Caí para trás, mas levantei-me, com cheiro de poeira e de cabelo queimado no nariz, e pulei para a frente da égua, a fim de desamarrá-la e levá-la para o cabriole.

Os homens gritavam uns para os outros e a garupa do cavalo, alaranjada à luz da fogueira, sumiu-se na escuridão do outro lado. Os homens correram lá para o alto da montanha, a fim de tomar-lhe a frente, quando ele dobrasse a curva no outro lado.

Meti a égua nos varais, amaldiçoando o excesso de atenção que requeriam os seus cascos traseiros. Ergui os varais para introduzi-los nos arreios. Um estirão nas correias por um lado e uma volta pelo outro, um puxão violento no nó das rédeas amarradas, através dos anéis de latão sobre a sela traseira, um salto no estribo de ferro

sentindo a elasticidade do cabriole sob meu peso, e a égua partiu com a sacudidela das rédeas a impeli-la.

Tão contente estava, por ver a brancura do vestido listrado no escuro, que tinha vontade de gritar até enxotar as moitas da montanha. Puxei as rédeas com tanta força que fiz a égua sentar e pulei para baixo, dando as rédeas a Ceinwen e jogando atrás dela as mantas e o cesto.

— Gatará uns cinco minutos, não mais — disse eu. — Agora, adeus.

— Amarei você a vida inteira — disse ela, toda trémula. — Hei de vê-lo na segunda-feira. Adeus.

A rainha dos bretões jamais guiou seu carro de guerra com mais perícia. O chicote assobiou e estalou, a égua amunhecou na frente, entesou-se para libertar os flancos, e ficou parada, colhida num momento de surpresa por descobrir que quatro cabeludas raízes a prendiam ao solo, e, quase com pena, levantou a cabeça para olhar os espaços que poderia ter saltado, contraiu seus poderosos músculos e pulou de ancas' elásticas, num galope de pescoço estirado, com Ceinwen, de pé, em negro contra o céu, segurando as rédeas.

Esperei até que o farfalhar das árvores fosse o som mais alto a ouvir-se e desci para o rio, atravessando os campos, até a ponte, perto do Três Sinos e dali para casa. Não havia ninguém nas ruas, nem luzes em parte alguma, mas ainda podia ver um clarão amarelo lá em cima na montanha.

Dei a volta pelo quintal e galguei o alpendre, para entrar pela janela. Logo que entrei acendi a vela e fechei a janela.

Ianto, Olwen e Gwilym estavam sentados nas camas que costumavam ter ali, vestidos, com os chapéus e paletós espalhados pelas cadeiras.

— Sim, senhor — disse Ianto, com uma cara impassível.

— Alô — disse eu.

— Onde esteve você? — perguntou-me Olwen, sério.

— Lá em cima, na montanha — disse eu, com um pouquinho de orgulho.

— Com quem? — perguntou-me Ianto, olhando para mim com a cabeça meio baixa e os olhos semicerrados.

— Não é de sua conta — disse eu, mas sentindo um vazio dentro de mim.

— Com Ceinwen Phillips, não? — perguntou Olwen.

— Não é de sua conta.

— Escute aqui, seu maluco — disse Ianto, com um sibilo que podia ser um grito, tão agudo que me fez dar um salto —, você quer que os homens do outro vale venham cá queimar a aldeia? Quer causar uma luta?

— Não, não — disse, sentindo um frio de surpresa. — Quem quer queimar a aldeia?

— Todos aqui estão esperando que isso aconteça — disse Olwen. — Ninguém se deitou. Aquelas luzes estão brilhando na montanha há horas. Se eles o tivessem apanhado, teriam lhe arrancado a pele.

— E vocês ficariam aqui sentados, deixando que eles fizessem isso? — perguntei a Ianto.

— Só descobrimos que era você quando subimos para cá, neste instante — disse ele. — Receávamos que mamãe caísse doente, quando o descobrisse. A sua felicidade é que ela foi dormir em casa de Bron esta noite.

— Sua ceia está na mesa — disse Gwil. — Coma e vá dormir, pelo amor de Deus.

— Vou lá em cima dizer aos homens que parem de procurar — disse eu.

— Trate de comer sua ceia — disse Ianto —, senão eu mesmo é que lhe arrancarei a pele. Se você for ter com eles agora, haverá morte na certa. Queremos poupar desgosto a mamãe. Vá cear e depressa.

Desci, como um cachorro corrido, para misturar algumas lágrimas com o molho de hortelã. Mas quando tornei a subir para o quarto, meus irmãos haviam saído para avisar os homens que poderiam recolher-se, e as luzes desapareceram da montanha.

Mas antes de adormecer, senti-me de novo deitado ao lado de Ceinwen e amaldiçoei com calor os homens cuja lâmpada a havia arrebatado de meu lado, a égua que correrá até a casa dela, dando

alarma, e a falta de inteligência em deixá-la pastar sem maneias. Acabei assim amaldiçoando a mim mesmo, em santa condição, na verdade.

— Quinze pés de corda — me dizia Ianto no dia seguinte — e uma estaca pontiaguda, é isso que você está querendo. Meu Deus, estou só pensando o que vai ser depois! Um menino e uma menina sozinhos lá na montanha, fora de horas. Não faça mais outra, entendeu?

— Por que não? — perguntei-lhe, ouvindo dentro em mim um grito de rebeldia.

— Porque, se acontecer isso de novo, teremos quatrocentos homens por aqui. Dê-se por feliz que ninguém tenha sabido quem se achava com ela. Bom seria que você fosse exercitar-se no soco, em vez de ir para a capela esta manhã.

— Nós estávamos escutando os rouxinóis.

— Conheço isso, rapaz. Também tive minhas rouxinoladas.

Capítulo XXVII

A conversa no adro da capela naquele dia dividia-se entre a próxima chegada do coro e a busca na montanha. Alguns homens desejavam que se enviasse uma comissão ao outro vale, a fim de descobrir que trapalhada fora aquela, mas Ianto e Olwen se opuseram, dizendo que seria melhor deixar que a coisa fosse esquecida. Eu estava decidido a ir, por mim mesmo, saber o que acontecera a Ceinwen, mas minha mãe manteve-me ocupado o dia inteiro, preparando comidas e bebidas para o coro, e a minha angústia se diluiu no barulho das panelas.

Muito depois da meia-noite, ouvimos as bandas de música, que vinham chegando pela montanha. Como era agradável ouvi-las na quieta escuridão! Nada mais afaga o ouvido e nada mais eleva o espírito do que o estrondo do bombo e a raspante voz dos sons de latão e de prata, avolumando-se ou morrendo, à proporção que o vento retém seu fôlego.

Os faróis já haviam sido acesos há muito tempo, para avisar-nos de que os homens estavam chegando, de modo que estávamos todos prontos para recebê-los. Minha mãe fora apanhar sua capa, como se a trombeta houvesse soado e o último bote estivesse desatracando para o paraíso. Havia horas que Bron usara a sua, com chapéu e tudo. Sabiam que os homens levariam ainda uma boa hora antes de chegar ao largo, descendo lá do alto, e que nos bastaria apenas um minuto para estar ali. Mas não importa: capa, chapéu, luvas, garrafa de alguma coisa para esquentar, depressa, sem parar, às carreiras, velozmente, como se a esperança de vida futura dependesse da chegada delas ao largo, sem um momento perdido.

Lá fora, na rua, juntamo-nos às demais pessoas da colina, todos caminhando juntos, e ao passarmos diante da casinha de pórtico em concha, o Sr. Gruffydd saiu e se pôs ao meio da rua para dirigir-nos. Estávamos cantando, quando o cortejo deu entrada na aldeia, e a cantar continuamos, quando o carroção parou ao lado do Sr. Gruffydd. Banda e coro, todos cantavam conosco.

Depois a algazarra dos vivas, meu pai circunvagando os olhos para descobrir onde estava minha mãe e esta chorando tanto que nem podia vê-lo, ao mesmo tempo que ele também chorava tanto, que nem vê-la podia.

— Levem-me para onde ele está, meus filhos — disse minha mãe. Olwen e eu abrimos caminho pelo meio da multidão.

Meu pai estava encostado a um bojudo engradado, de uns quatro pés de largura e um de altura, com o ar de quem havia descoberto todos os tesouros de Ofir.

Olwen e Ianto levantaram-no e eu os ajudei a carregá-lo para casa. Meu pai gritava-nos que o colocássemos na frente de nossa casa, até que voltasse para tomar conta dele, e se nós o deixássemos cair, ele nos mataria duas vezes. Gastamos bom tempo para transportar aquele engradado até a colina, pois havia muita gente subindo e descendo, parando para conversar, perguntando ao coro como era Windsor, se a rainha estava vestida de ouro, se eles tinham comido em pratos de diamantes, e os que haviam ficado em casa tentavam mostrar que não teriam dado uma figa para ir a Windsor ver a rainha. O velho Silas Tegid, o preparador de malte, dizia que jamais gozara um domingo como aquele, tão sossegado fora, tanto fervor houvera na capela, tão belo se mostrava o tempo. Tola era essa gente, pois a mentira se mostrava nos seus rostos, nas suas vozes, nos seus sorrisos.

Corri para o barracão, em busca da caixa de ferramentas, pronto a desmanchar o engradado. Bron entrou também, com lágrimas a correr. Abraçou-me para chorar um bocado e seu corpo era quente e macio.

— Que tola sou — disse ela, com o rosto lavado de lágrimas —, mas ninguém sabe por quê, nem mesmo eu. A rainha deu a Ivor

uma batuta e um retrato dela. Com assinatura de seu próprio punho, Huw! Com a sua própria letra!

Gritos pediam lá fora a caixa de ferramentas. Saí com ela, e marteladas, e alavancas, e lascas de madeira saltando, para retirarmos a tampa, era o que eu e meus irmãos fazíamos, pois quem pregara o engradado não se poupava, para mostrar que tinha pregos em quantidade.

Meu pai estava sobre brasas todo o tempo, enquanto minha mãe se esforçava por fazê-lo beber um gole de caldo quente, e o Sr. Gruffydd lhe punha um braço no ombro. A multidão toda em redor, na porta de entrada ou olhando pela janela aberta, contava os pregos à medida que os arrancávamos. Depois retiramos a tampa e nem mesmo baionetas teriam podido impedir meu pai de desembulhar o pacote, envolto em algodão.

— Vamos ver, minha gente — disse ele —, já tem cada um o seu bom copo de cerveja na mão?

— Sim — gritamos todos, erguendo os copos.

— Muito bem — disse meu pai, arrancando duas cavilhas de dentro do engradado e abrindo largamente os braços para levantar o quadro, forrado nas costas de brocado vermelho e com uma larga moldura dourada, da qual cada polegada fora feita, entre cantos, por um artista que amava a sua obra.

Meu pai virou-o e colocou-o de pé, no aparador, sem que minha mãe nem um pio desse por causa de arranhaduras.

— Agora, então — disse ele, quase sem voz, tão pesada de orgulho estava ela, tomando seu copo de cerveja das mãos de minha mãe —, Beth, da rainha da Inglaterra para seu filho.

Cabeça e ombros em branco e negro, em um fundo de névoa, quase como aparecia nas moedas de um penny, a nobre rainha lançava o olhar pelo seu império, tão sossegada como minha mãe. Aquela ponta de nariz poderia cortar as ondas de qualquer mar, aquele queixo poderia afastar o tremor de uma boca quase tão firme como ele, e jamais se conheceria a desgraça que seria capaz de fazer vacilar aqueles austeros mas tranquilos olhos. As severas disciplinas de mil gerações de grandeza pousavam levemente sobre

ela, e todavia deixavam suas marcas sutis na largura de seus ombros e no porte de sua cabeça.

E por cima da cabeça, a coroa, e por baixo desta, para enfeitar a sua masculinidade, um sinal feminino, um véu.

— “Victoria, R. I.I” — disse minha mãe, lendo o que o dedo de meu pai apontava. — Oh! como me sinto orgulhosa!

Ergueu-se na ponta dos pés, para beijar o rosto de Ivor. Este tentou sorrir, mas os soluços tomaram conta dele.

— Para o alto — disse meu pai —, bebamos, sem deixar uma gota sequer. À rainha.

— À rainha — dissemos todos e as gargantas grugulejavam alegres, naquela linguagem sua, ao sentir a cerveja descer.

— Ela é mesmo menor do que você — disse meu pai a minha mãe, beijando-lhe as faces.

— Ora, rapaz — disse minha mãe, fugindo ao beijo e meio duvidosa.

— É, sim, mamãe — disse Ivor. — Ela bate por aqui em mim.

— Você então viu-a de perto? — perguntou-lhe minha mãe, maravilhada.

— Ela apertou minha mão — disse Ivor, estendendo a mão, como se estivesse ainda em um sonho.

— Deus meu, rapaz! — exclamou minha mãe, baixinho. — Você apertou a mão da rainha?

— Sim, mamãe — disse Ivor. — Pode perguntar.

— A rainha apertou-lhe a mão — disse meu pai —, perguntou quem havia ensaiado os cantores, se eram todos operários das minas de carvão e se estavam bem instalados no castelo.

— E depois me deu uma batuta — disse Ivor —, não ela 1 “Regina Imperatrix.” (N. do T.)

mesma, mas me disse que me seria entregue e um dos soldados a trouxe para mim.

— Com o nome dele — disse meu pai —, a data e o lugar e para quê. Ela irá ficar numa caixa especial, debaixo do retrato, naquela parede. É uma beleza!

E era bonita mesmo. De marfim, com embutidos de prata e de ouro e uma placa de ouro com a inscrição, bem acondicionada em

pelúcia vermelha, numa caixa comprida de pele de crocodilo preto, com dois ganchinhos de prata para fechar.

Muito tempo se passou antes que a casa sossegasse naquela noite. Centenas de pessoas entravam para ver o quadro, andando nas pontas dos pés ao entrar, para não sujar a casa, e ficando a olhar de olhos arregalados, com "ehs!" e "ohs!" de exclamação. Minha mãe sentada, como uma verdadeira rainha, e todas as mulheres a dizer-lhe a honra que Ivor acarretara para a família, e como ela se aborreceria na manhã seguinte, quando fosse lavar o soalho. Mas minha mãe teria lavado o vale e caiado o céu também, pela felicidade daquelas poucas horas.

Aquela foi uma das poucas noites em que vi meu pai bêbado, e somente por causa dos numerosos copos de cerveja que os outros o obrigavam a tomar. Nenhum homem poderia recusar um bom gole de cerveja, oferecido de bom coração. De modo que quando os rapazes procuraram retirá-lo da sala, minha mãe apenas olhou para ele e sorriu, estalou a língua e mandou que fossem com ele para cima. Se um homem não pode embriagar-se na noite em que seu filho mais velho volta para casa, com a mão quente do toque de uma rainha, e o retrato desta torna sua casa um santuário para peregrinos, então, Deus meu, metamo-nos todos dentro da terra e sem demora.

Embriagou-se de novo na noite em que nosso Davy marcou uma penalidade contra a Escócia, no Parque de Armas de Cardiff, mas isso aconteceu com o vale inteiro. Foi outra noite, aquela, digna de memória, com meu pai dançando no meio da rua, com a camisa de meia vermelha de Davy, vestida por cima de seu paletó, e tanta lama secou em cima dela que dificilmente se podia ver o distintivo. Davy foi carregado nos ombros, para cima e para baixo da rua, continuamente. Toda a gente do vale embriagou-se naquela noite, e se chá tivesse sido cerveja, as mulheres também estariam caídas, pois foi uma recepção para toda a vila, e Davy era o rei do universo.

Fiz uma caixa de vidro para aquela camisa de meia e outra para o boné. A camisa foi pendurada em frente do retrato da rainha, na nossa sala da frente, e Davy levou o boné. Era sempre um prazer ver meu pai fumar seu cachimbo na sala da frente, quando alguém

nos visitava, porque ali estava como um rei, rodeado de raros tesouros, consciente e orgulhoso disso. Mas houve uma noite em que se embriagou por minha causa.

Somente quatro de nós foram deixados na classe especial da escola, ao tempo em que deveriam começar os exames. Todo o resto tinha tido permissão de ir para o trabalho. Havia John Dafydd, Llewellyn Rhys, Emrys Tudor e eu, na saleta, perto do gabinete do Sr. Motshill. Fora uma despensa, mas mandaram-na limpar para nós, e ali estudávamos, sob a vigilância dele, ou por nós mesmos.

Ceinwen havia deixado de comparecer depois daquele domingo, sem uma palavra ou um som. Vira-a umas duas vezes com seu pai, na carvoaria, mas não nos falamos, por falta de oportunidade, e seus olhos, embora me dessem boas-vindas e tristonho adeus, advertiam-me de que não desse sinal de conhecê-la. De modo que descobri que houvera grave complicação daquele lado e senti-me triste pela parte que me cabia no caso. Ao mesmo tempo, porém, não me sentia contrariado. Porque muitas vezes pensava nela, e penso agora no calor de seu corpo, na sua maciez, no carinho que as mulheres possuem e que é tão agradável ao homem. Mervyn nem imaginava que fora eu quem estivera com Ceinwen, mesmo porque nunca lhe disse nada. De modo que eu devia usar de mil estratégias para interrogá-lo sobre ela, e as respostas assim obtidas não me satisfaziam. Finalmente, deixei de fazê-lo.

Quatro de nós, portanto, estudavam naquela saleta e depois iam para casa, para estudar mais, até mesmo durante o domingo, exceto quando íamos à capela.

Mas os outros rapazes tinham mais trabalho que eu, pois era forte em inglês e grato por isso. Conhecia o grande Dr. Johnson por intermédio do seu amigo Sr. Boswell. Que amigo aquele! Sentar-se e torturar o cérebro para recordar cada palavra, e depois o alegre trabalho de escrevê-la. Sou grato ao Sr. Boswell por muita hora de paz, realmente. É uma maravilha que, centenas de anos depois que o espírito partiu para uma nova vida, os homens abençoem um nome que outrora foi carne, e ria, e comia bem e gostava de ouvir boas conversas.

Mas o grande Dr. Johnson foi um em um século, e me conto entre os honrados por ter saboreado o vinho de seu discurso, mesmo vertido em minha boca através da bondade de seu amigo. Porque aquele inglês não deve ser lido com os olhos apenas, mas lido em voz alta, como se faz com o Evangelho, com boa voz e trêmulos na língua, de modo que o rico sabor do inglês magnificente possa chegar aos ouvidos e subir ao cérebro, como os perfumes dos magos, ou como a melhor das cervejas, fermentada em casa e envelhecida no barril.

Nunca me esquecerei daquela noite em que meu pai leu alto a carta do grande homem ao Conde de Chesterfield.

Conservamo-nos calados, quando ele largou o livro, e silenciosa estava a sala, como se amedrontada, e o próprio ar parecia novamente cheio de pungente silêncio, que deveria ter reinado naquela casa da Fleet Street, naquela noite em que uma pena de pato arranhava o papel e olhos se baixavam sobre a escrita, com aquela calma e frieza distantes que se originavam de prodigiosa fúria longamente enjaulada e congelada num escuro recanto da mente, conservada, no entanto, sempre viva por aguilhoante memória nos voláteis espíritos da dignidade, e agora desencadeada como se descesse dos mais altos picos do Olimpo, cada palavra como um navio carregado de foguetes, cada sentença um prazer de habilidade, o todo, um esplendor de arte, essa simples censura a um fidalgo, escrita pela mão que através de longos anos famintos tinha brandido sua segadeira de ouro na selva bravia das palavras.

— Se Ellis, o carteiro, me trouxesse uma carta como esta, com meu nome no endereço — disse meu pai, com os olhos semicerrados —, eu sairia de casa e só voltaria de pés para a frente e azulados, como os dos afogados.

— Imagino a raiva com que ficou o tal conde — disse Gwilym, com cara de quem estava muito longe de entender. — Aposto que ele quebrou tudo quanto era jarro e bengala que havia em casa. E isso é o que eu faria.

Assim, com o Dr. Johnson, John Stuart Mill, Spenser, Shakespeare, Chaucer, Milton, John Bunyan e outros daquela real companhia de bardos, graças a meu pai e ao Sr. Gruffydd, me

achava familiarizado, muito mais do que os outros rapazes, e por isso tinha permanente vantagem na escola.

A gramática e a composição inglesas são difíceis até para o inglês, porém pior, muito pior, para um rapaz do País de Gales. Fala, lê, escreve e pensa em galês, em casa, na rua e na capela, e quando lê inglês compreendê-lo-á em galês, e quando fala inglês, pronunciará as palavras com dificuldade e dando silabadas. Tão estúpidos são os ingleses, que constroem escolas para os galeses e insistem, sob pena de castigo, que o inglês seja falado, e apesar de toda essa insistência, nunca dão uma lição de pronúncia e de enunciação da palavra falada.

E, bom Deus do céu, se não se pode ler inglês em voz alta e no inglês do rei, metade da beleza desaparece. Oh! que dó ouvir uma nobre língua mastigada, manchada, depreciada por tais macacos de forma humana, como o nosso Sr. Jonas-Sessions. Pobre Elijah! Mesmo em você posso pensar agora com piedade, porque há anos você é pó, graças a Deus.

Recordar-me-ei daquela manhã, mesmo nas vinhas do paraíso, em que o Sr. Motshill me despediu da escola pela última vez e assim deixou um vazio na parede, onde o quadro teria sido dependurado com meu nome, em letras douradas.

Passeava eu no pátio de recreio com James Dafydd, e estávamos recitando o Rei Lear, para tê-lo mais seguro na memória, durante o exame.

O pé de lilás do jardim, junto à porta, acendia suas lâmpadas dum azul que se ia tornando roxo, e primaveras com rostos de inocência estavam ainda frescas no musgo do alto da parede. Ouvira choro na classe infantil, como se uma criança houvesse caído. A voz soou mais perto e espalhou-se no ar, quando uma menina saiu pela porta e caminhou alguns passos para nosso lado, parou, com as mãos que tinham covinhas nos nós dos dedos e braceletes de gordura em torno dos punhos espalmadas no rosto para ocultar sua vergonha.

Com um bibe duro de goma e reluzente, graças ao peso do ferro de engomar de sua mãe, com meias vermelhas caindo à toa sobre os tamanquinhos menores que já vi, bem engraxados, e alegres

como a poesia, com pequenas tachas de latão em redor do solado, um pedacinho de fita no cabelo, soluçava de fender os céus e fazia tremelicar o lacinho de fita do cabelo. Em redor de seu pescoço, uma peça de corda nova, da qual pendia uma tábua até suas canelinhas, ferindo-as quando ela andava. Escrito a giz, pelo próprio punho do Sr. Elijah Jonas-Sessions: "Não devo falar galês na escola".

E o Sr. Jonas apareceu no pórtico, com a Srta. Cash, sorrindo, de mãos nos bolsos.

A tábua fez que a menina caísse ao chão, pois era pequena, uma criança, e a corda feriu-lhe a pele do pescoço. Suas canelinhas estavam marcadas, onde a borda do quadro havia cortado. Chorava alto, ora erguendo, ora baixando o tom, tomando fôlego, a ponto de dar vontade à gente de respirar por ela, com a língua entre os dentes e o cuspe escorrendo à vontade, nos olhos as grandes lágrimas de uma criança que sofre, que tem vergonha e está apavorada.

Mas ao aproximar-me dela, ergueu a vista para mim, como se receosa de mais alguma coisa que a magoasse. Vi então seus olhos, que eram os de alguém que não havia muito ainda dormia no berço. As lágrimas que corriam e brilhavam à luz do sol cresceram como cristais em mim e, na minha cegueira, vi, como que através de uma cerração matutina, a relva sobre um campo dilacerado que vomitara pedras e areia, e homens que se aproximavam para se postar diante de mim, que usavam aço como eu uso casimira à vontade e com conforto, exibindo espadas

brilhantes. Ouvei na voz da criança um som como o de trombetas tocando o sinal de ataque, tambores ribombando, homens gritando, carretas correndo e bandeiras com dragões flamejando, enquanto arqueiros retesavam cordas, espadas tilintavam nas fileiras e pontas de lanças relampagueavam ao sol.

E no meu peito acendeu-se a fúria do combate, o sangue corria vermelho em torno de meus pés e tintas de sangue estavam em minhas mãos, escorregadias, e o cheiro quente do sangue me envolvia.

Depois a cerração foi se adelgaçando e vi o Sr. Motshill olhando para mim, pálido, com a gravata arrancada e puxando as suíças. A

Sra. Motshill, por trás dele, segurava um jarro. Sentia-me gotejante e com a garganta ferida de gritar. Um policial olhava para mim, sentado a meu lado, com seu capacete no chão, um lado do bigode caído para baixo e o cabelo desgrenhado. Havia sangue nos meus punhos, não muito, já secando.

— Ele está recobrando os sentidos agora — disse o policial. Vira-o muitas vezes na cidade.

— Morgan — disse o Sr. Motshill, com bondade, mas indeciso. — Está me ouvindo?

— Sim, senhor — disse eu, sentando-me.

— Suponho que sabe o que fez, não?

— Não, senhor — disse eu, e o medo tomou conta de mim. — Que foi que eu fiz?

— Desgraçado, você quase mata o Sr. Jonas-Sessions — disse o Sr. Motshill.

— Não chegou a tanto — disse o policial —, mas devemos admitir que trabalhou bem.

— Vou para a cadeia, senhor? — perguntei ao Sr. Motshill.

— Isso dependerá do Sr. Jonas — disse o Sr. Motshill. — Está se sentindo bastante bem, para ir para casa?

— Estou, sim.

— Então, vá — disse o Sr. Motshill, fatigado e fazendo um gesto com a mão para a Sra. Motshill. — Escreverei a seu pai, depois que tiver visto o Sr. Jonas.

— Obrigado, senhor.

— Venha, meu filho — disse o policial, pondo o capacete, mas, vendo seu bigode no vidro do quadro, fez uma cara sobressaltada e deu à ponta caída um puxão rápido para consertá-la.

Desci a rua com ele, atravessando grupos que se apinhavam no portão para mirar-me, mas só lhes via as pontas dos pés.

— Que foi que fiz com ele? — perguntei, quando nos achávamos quase na ponte.

— Um trabalho limpo. Que eu não arrede os pés daqui, se não for verdade. Olhos amassados, posso afirmar, e ainda recolhendo seus dentes. Quando o puxei, você estava por cima dele no chão.

— Que pensa o senhor que vai acontecer-me por causa disso? — perguntei-lhe, com um medo enorme da resposta.

— Nada — disse ele, sorrindo. — E quando a Sra. Stephens contar a seu velho o que a filhinha tinha pendurado no pescoço, haverão de chamar-me de novo.

— Ele morrerá?

— Morrer? — disse ele, dando uma gostosa risada. — Bom Deus, só se podem matar ratos com veneno, rapaz. Não, não. Um carão, e é só. Mas pensei que eles tinham deixado de usar os castigos que usam. Eu ficava com as mãos rachadas de bolos, porque falava galés na escola, mas não me importava.

— Assim fazia meu pai. Foi aquela tábua pendurada no pescocinho dela. Acho que perdi a cabeça, fiquei doido.

— Não se preocupe, não ligue — disse o policial. — Vá para casa, contenha sua raiva e esses punhos. Já estão maduros para arranjar encrencas para você. Agora, adeus.

— Adeus.

Naquela noite, a família inteira estava reunida em torno da mesa, a carta do Sr. Motshill diante de meu pai, trazida por Ellis, o carteiro, depois do chá.

— A culpa foi minha, em primeiro lugar — disse meu pai, muito triste. — Aconselhei-o a lutar e aí está. Mas não deixa de ser uma desgraça.

— Não é desgraça nenhuma deixar aquela escola — disse minha mãe. — Fui contra isso, desde o começo.

— Ser expulso da escola é uma desgraça — disse meu pai.

— Certo ou errado, é uma desgraça. E eu que esperava vê-lo pelo menos advogado!

— Ele poderá ainda prestar os exames — disse Ivor. — Fala-se que nada há que o impeça.

— Mande-o para uma escola na cidade — disse Davy. — Ele pode arranjar-se numa boa pensão.

— Não há neste mundo boas pensões — disse minha mãe.

— A melhor pensão é a casa da gente. E é mesmo.

— Deixe-o prestar os exames — disse Olwen — e ver como ele se sai. Depois decidiremos.

— A decisão deverá ser tomada esta noite — disse meu pai — e depois mantida. É inútil passar de mês a mês. Desejo que ele vá estudar direito ou medicina, ou qualquer outra coisa boa. Ele tem cabeça, de modo que nada deve estorvá-lo.

— Pergunte-lhe o que ele gostaria de ser — disse Bron, olhando para mim.

— Bem — disse meu pai.

— Irei trabalhar na mina com o senhor — disse eu. — Nada de exames, de direito, de medicina.

— Não quer ser nada, então — disse minha mãe.

— É melhor você calar a boca — disse meu pai. — Pense bem, Huw.

— Para a mina — disse eu, sentindo o peso e a fixidez de todos aqueles olhos, e uma janela que se abria dentro de mim. — Serei cortador de carvão.

— Justamente como os outros — disse meu pai —, obstinado e estúpido. Você prestará exames, rapaz, e passará. Universidade, depois, e bons esforços para alcançar um cargo respeitável. Nada de cortar carvão.

— O que não é respeitável no trabalho de cortar carvão? — disse minha mãe, cujos óculos saltaram, num sinal de contrariedade. — Então você e os irmãos dele são um grupo de desordeiros?

— Oh! Beth — disse meu pai, com enfado, fechando os olhos —, deixe isso, agora. Desejo que o rapaz obtenha o melhor. Desejo que ele tenha uma vida livre dessa parvoíce que estamos tendo. Onde ele possa ser seu próprio senhor, com decência e sossego, e não puxa daqui puxa dali, patrão e operários, toda a vida.

— Se ele se tornar um homem tão bom como você e como os bons irmãos dele — disse minha mãe —, descansarei feliz na minha sepultura. Desde quando perderam vocês o amor à mina?

— Beth, Beth — disse meu pai, enraivecendo-se. — Estou pensando no menino. Era diferente no nosso tempo. Havia bom dinheiro, boa fé e honestidade para todos. Não era como agora. E eu nunca fui estudante. Ele é. E poderá fazer bom uso dos dotes que possui. Que trabalho dará ele ao cérebro, no fundo de uma mina de carvão?

— Oh! — disse minha mãe, suave mas fria — de modo que vocês todos vivem loucos por sair de casa, não é? Nada de miolos. Bem, bem. E eu aqui mantenho uma casa de loucos. E eu também sou uma louca, suponho. Só um tem juízo nesta família, e assim mesmo foi expulso de uma escola onde para guardar meus porcos pensaria duas vezes, antes de resolver.

— Beth — disse meu pai —, é com o futuro dele que me preocupo. Por que haveria de ser um mineiro, se tem possibilidade de ser outra coisa?

— Por que não? — perguntou minha mãe. — Há homens de bem tanto abaixo do solo, como no alto, e talvez até um bocado melhores. Se ele deseja ser um doutor, está bem. Se deseja ser um advogado, está bem. Se deseja ser alguma outra coisa, está bem. E se deseja ir trabalhar nas minas com seu pai, eu lhe darei um beijo e lhe direi que está muito bem.

— Ele então que se queixe depois de si mesmo — disse meu pai, olhando para mim. — E se ouvir de sua boca uma palavra sequer de queixa, hei de derrubá-lo com um soco.

— Quero ir para a mina, papai — disse eu. — Trabalharei.

— Muito bem, meu filho — disse minha mãe.

— Isso é então o que fica assentado — disse meu pai, abrindo amplamente as mãos. — Esperará até que haja uma vaga. Depois, trabalho.

— Muito bem — disse minha mãe.

— Muito bem — disse meu pai. — Agora vou tomar um porre.

E enquanto minha mãe ficava chorando, saiu.

O Sr. Gruffydd, para grande surpresa minha, nada me disse a respeito de minha expulsão. Nem uma palavra sequer. Apenas meneou a cabeça e levantou a vista para a montanha.

— Foi pedir desculpas ao Sr. Jonas? — perguntou-me.

— Não, senhor — disse eu, surpreso, porque seria isso a última coisa no mundo em que pensaria.

— Então vá e peça — disse o Sr. Gruffydd —, e depois volte para cá, sim?

— Sim, senhor.

— Muito bem.

De modo que voltei à montanha e segui para o outro vale, indagando do policial qual o endereço do Sr. Jonas.

— Você vai lá para acabar seu trabalhinho? — perguntou ele.

— Não, vou apenas pedir desculpas.

— Inútil — disse ele, meneando a cabeça e coçando a perna. — Você nunca mais voltará às boas com ele, mesmo que peça desculpas.

— Não é para voltar às boas que lhe pedirei desculpas — disse eu, pronto a seguir diretamente para casa e nada dizer.

— Então que utilidade há em ir pedir desculpas? — perguntou ele, sorrindo. — Perda de tempo, da boa sola de sapato e sem propósito. Para ele, e com um homem desses, além do mais.

— Pedirei desculpas, sem esperar conselhos.

— Você acabará na ponta de uma corda — gritou ele, nas minhas costas, enquanto eu descia a rua e podia ouvi-lo dizer ao povo quem eu era.

Sentia um peso sobre mim, quando pensava no Tempo por Vir, e ficava a imaginar se o Sr. Gruffydd teria sido profeta, quando disse que eu acabaria na forca, pois ali estava outra pessoa da mesma opinião. Que estranho é pensar no Tempo por Vir! Pensava naquela ocasião, no Tempo por Vir, enquanto atravessava as ruas de casas de tijolos vermelhos, para visitar o Sr. Jonas. Tentava imaginar o que seria eu e que estaria fazendo dali a dez anos, vinte, trinta, quarenta. Mas aqui estou, sentado numa cama, e ainda pensando no Tempo por Vir, e tão ignorante como antes.

Nunca vi uma casa tão adequada a uma pessoa como a do Sr. Jonas a ele. De tijolo vermelho-claro era ela, sólida e nova, da cor de um bife em sangue, sem uma mancha. Uma porta de entrada, de esplêndida madeira, pintada de amarelo e castanho, seis janelinhas de vidros despolidos até a metade, uma caixa para cartas com uma abertura de latão e na bandeira da porta, em caracteres góticos, com as letras um pouco erguidas para haver lugar, escrito "Briercliffe". Uma janela que se projetava por cima do andar térreo, com cortinas de rendas, e outra janela chata depois sobre a porta.

Pela primeira vez reparei que as portas de entrada estavam todas fechadas, naquela rua, muito embora fosse um dia quente.

Bati e a porta abriu-se com um barulho de fazer a gente trincar os dentes, deixando ver a Sra. Jonas, que olhava para mim, de sobranceiras erguidas.

— Boa tarde — disse eu. — Sou Huw Morgan, da escola.

— Vem pedir notícias do Sr. Jonas, não é? — disse ela, com muita bondade, porém séria. — Diga-lhes que ele ainda está passando mal e sente muitas dores, mas espera dentro em breve estar bom.

— Vim pedir desculpas — disse eu, ao mesmo tempo em que observava um ror de sentimentos desencontrados estampados em seu rosto e desaparecendo. Seu cabelo formava um pequeno coque, no alto da cabeça, e curvava-se por sobre o rosto. Uma blusa branca de gola alta, um broche e uma saia preta, que arrastava para fora de lugar as esteiras do vestíbulo, quando ela andava.

Ficou olhando, e eu também.

Depois deu um suspiro e disse, abrindo um pouco mais a porta: — Entre.

Entrei. De novo ouvi o barulho da porta, um empurrão e outro empurrão mais forte, até que se fechou.

Ali dentro o cheiro, com cortinas descidas e portas fechadas, era um pouco semelhante ao de uma capela, composto de couve, cozido irlandês, sabão amarelo e as exalações de muitas roupas penduradas e jarros de folhas crescidas, bem regadas.

— Espere aqui — disse ela, e subiu a escada, como o vento entre a relva, abrindo uma porta no patamar. Ouvi a voz aguda do Sr. Jonas, que se tornou depois mais branda. Ela falou uns minutos, e esperou, eu esperei, a casa esperou e a porta ressonava no seu sono.

Depois ela saiu e curvou-se sobre os degraus.

— Venha — disse —, mas um instante só, e por muito favor, não se esqueça.

E subi, com mares rolando selvagememente na minha barriga e tirando-me o fôlego. Dentro do pequeno quarto, escuro, de cortinas corridas, e aquecido pela frente, via-se um leque de papel pregado sobre a chaminé, a janela fechada, odores de ácido fênico, de roupas usadas, de respiração resfriada e vinagre.

O Sr. Jonas estava recostado, com uma atadura em torno dos olhos, uma manta em torno da boca, um gorro de dormir na cabeça e um esparadrapo nos nós dos dedos da mão direita, que ele ergueu, acenando à Sra. Jonas para que fechasse a porta.

— Bem — disse ele —, suponho que você deseja um perdão, não é?

— Sim — respondi. — Peço-lhe desculpas pelo que fiz, Sr. Jonas.

— Não me serve de nada. Você mereceu ser expulso, e insisti nisso ou então processaria você. Lamba as minhas botas, do contrário não terá meu perdão, ou uma palavra ao Sr. Motshill em seu favor.

— Não é perdão que desejo. Vim apenas dizer que sinto muito o que fiz.

— Olhe lá! Conheço muito bem que espécie de gente são vocês. Embusteiros. É o defeito de vocês todos. Vocês enganam a si mesmos e enganam aos outros. Mas eu os conheço. E vocês me causam nojo. Maldita cambada de hipócritas!

— Sinto muito — disse eu. Havia na sua voz, não tão forte como usualmente, um tremor, desagradável de ouvir-se.

— Sente muito, meu Deus! A uma centena de jardas da casa, todos da cidade ouvirão você rinchando. Deixei que subisse até aqui, seu rato de goteira, para dizer-lhe o que penso de você. Agora saia daqui.

Ele podia dizer-me o que quisesse, que não lhe responderia; Estava tão repleto de surpresa por ser chamado de embusteiro...

— Por que sou um embusteiro, Sr. Jonas?

Ele olhava para mim, por baixo da atadura, com a cabeça levantada. Podia ver a borda das equimoses na sua carne, e isso me penalizava ainda mais.

— Por quê? — perguntou ele, fungando com impaciência. — Quer um exemplo? Sua conduta na escola. Você tentou deliberadamente arruinar meu nome junto ao Sr. Motshill, e como o Diabo é bom para quem é coisa sua você obteve êxito por algum tempo. Por algum tempo. Talvez lhe sirva de consolo saber que continuarei a lecionar na sexta elementar, quando voltar.

— Mas por que sou um embusteiro?

— Porque pretende ser o que não é — disse ele com tal raiva que a voz se lhe sumia. — Mas que outra coisa poderia eu esperar? Afinal, basta olhar para o ambiente que o cerca. Como disse eu ao Sr. Motshill, por que mostrar-se surpreso? Mineiros de carvão. Vivendo como porcos, sem nada na vida, a não ser cervejas e pugilistas, e fazendo da capela um anteparo. Galeses. Bom Deus, que tribo essa!

— Mas por que sou um embusteiro, Sr. Jonas? — perguntei de novo.

— Saia — gritou ele. — Você tentou assassinar-me, provavelmente, porque proibi o uso do dialeto na escola, e, todavia, tem a audácia de fazer-me perguntas em inglês. Um autêntico embusteiro.

— O senhor é que começou em inglês — disse eu. — Pensei que o senhor nunca falasse galês, do contrário tê-lo-ia falado com o senhor.

— Olhe aqui, Morgan — disse ele, apoiando-se no cotovelo, como se pretendesse lançar-me para fora, logo que acabasse —, não há razão para que eu esteja a falar a você desse modo, e Deus sabe por que o faço. Mas desejo dizer-lhe isso, antes de você ir-se embora. O galês nunca foi uma língua, mas apenas um tosco meio de comunicação, entre tribos de bárbaros, fedendo a índigo. Se deseja fazer bem a si mesmo, largue de atrapalhar sua língua com ele.

— Oh! — disse eu, e em mais nada podia pensar senão em minha mãe, meu pai e Bron.

— Sim — continuou ele. — Oh! o inglês! A língua da rainha e de toda a nobreza. Galês. Bom Deus onipotente! Essa palavra serve para designar ladrões nos hipódromos.

— Mas o senhor é galês, Sr. Jonas.

— Tive a desgraça de nascer neste país.

— Não se engane a esse respeito — disse eu, de pé. — O galês está na sua voz e na sua fala e o ódio não os fará mudar no senhor.

— Saia — gritou ele —, saia imediatamente!

— Gostaria de ter a língua do Dr. Johnson, somente por um minuto. Ia golpeá-lo com mais força do que fiz com meus punhos. O

senhor não se levantaria mais da cama. Eu lhe bateria até deixá-lo mudo, até deixá-lo paralítico. Não sinto o que fiz. Sinto não ter feito mais. Só vim aqui porque o Sr. Gruffydd me pediu.

— Ruth! — gritava ele. — Ruth!

— Viva aqui no inferno — disse eu —, e quando morrer vá direto para lá.

Desci rapidamente as escadas, enquanto a Sra. Jonas soerguia as saias para subi-las.

— Que lhe fez você? — perguntou-me, agarrando meu braço.

— Nada. Apenas lhe disse que vivesse no inferno.

— Que direito tem você de dizer a um homem que viva no inferno? — perguntou-me, pronta a esbofetear-me, com os dedos trémulos. — Seu diabo danado, causando-lhe dores e depois dizendo-lhe que viva no inferno. Vá você viver lá no inferno, antes que eu o mate.

— Ruth de quê era a senhora, antes de casar-se? — perguntei-lhe, e sua boca, que estava aberta para dizer mais coisas, fechou-se de novo, seus olhos murcharam, olhando de um lado para outro, espantados, levou uma mão à face e percebi que o calor da raiva a abandonava.

— Morgan — disse ela, em fraca voz de surpresa. — Ruth Morgan era meu nome. Mas por quê?

— Muito bem — disse eu e saí, ouvindo de novo o barulhão da porta, e ri durante todo o caminho. Daquela vez Elijah teve razão, pois lá no alto da montanha ainda eu estava rinchando.

— Ele estava enganado — disse o Sr. Gruffydd, quando lhe contei o sucedido. — "Galês", ou "welsh", vem da palavra saxã "waelisc", que significa "estrangeiro". A respeito de hipódromos, nada posso dizer. Mas se alguns de nossos pais tinham as mãos muito prontas e as pernas muito ligeiras, os ingleses devem censurar a si mesmos. Talvez a maior parte deles jamais tenha ouvido falar nas leis que fizeram contra nós. A gente não pode censurar os ignorantes. É o mesmo que você dar um pontapé num cachorro somente porque não lhe deu bom-dia.

— Mas então por que o Sr. Jonas me chamou de embusteiro?

— Que me rebentem a paulada — disse o Sr. Gruffydd. — O Sr. Jonas deveria olhar para si mesmo. Nunca se incomode com gente que xinga, Huw. São os crianças, os semiadultos. E um homem que honra a outro com o nome de embusteiro deve ter tido antes um profundo conhecimento e experiência da ciência do embuste. Não se esqueça, Huw. Calai-vos e sabeí que eu sou o Senhor. Não se incomode com coisa alguma, especialmente com a língua dos outros.

— E o senhor, por que se incomoda? — perguntei-lhe, rubro de pesar, tão logo me fugiu a pergunta. Seus olhos carregaram cargas de escuridão e ele olhava com enfado e com paciência, que era voluntária, mas não sentida.

Olhou para mim com algo de um sorriso, algo de carranca, algo de dor, e também de surpresa, como se eu houvesse estendido um pé para fazê-lo cair.

— Incomodo-me eu, meu filho? — disse ele, com calma. — Não me sinto incomodado agora e jamais me sentirei, ou quererei sentir-me. Você deve aprender a distinguir incômodo de pensamento, e pensamento de oração. Muitas vezes uma luz apartar-se-á de sua vida, Huw, e sua vida se tornará uma oração, até que você seja bastante forte para ficar de pé, sob o peso de seus próprios pensamentos, de novo.

— Sim, senhor — disse eu, desejando correr para longe dali. — Sinto muito ter-lhe dito isso.

— Encontra você alguma diferença em mim, Huw? — perguntou-me ele e seus olhos vigiavam os meus, um pouco de soslaio, como se estivesse certo de que eu iria dizer a verdade.

— Sim, senhor.

— Qual, então? — perguntou-me, com os olhos do mesmo jeito.

— Sua fala é mais pesada, não sorri mais como antes, não tem mais tanto interesse pelas coisas, nem tampouco a mesma alegria. E nem pensa mais na mobília.

Desviou a vista de mim para olhar para a montanha e senti-me tomado de terror, na quieta ruazinha, nós dois sozinhos em meio dela, do lado de baixo da porta lateral da capela, onde uma pequena vereda descia poeirenta até o rio, a flor d'água cheia de janelinhas

irregulares que davam luz, e eu no meio de um combate que nem podia ver nem ouvir, e, contudo, agitado pelo seu tumulto e por seus golpes.

— Eu então falhei no cumprimento do meu dever, não foi, meu filho? — perguntou-me o Sr. Gruffydd, depois de muitos momentos.

— Não, senhor — disse eu, pronto a derramar meu sangue por ele. — Não, senhor, na verdade. Apenas queria dizer que o senhor está um pouco diferente do que era noutros tempos.

— Ah! meu caro Huw — disse ele, pondo sua mão para trás e tocando-me o ombro —, afaste-se de mim agora, e volte amanhã para recomeçar com a mobília, ouviu? Poderemos acabá-la, com um bom par de dias de trabalho.

— Sim, senhor — disse eu e afastei-me dele, aflito.

Capítulo XXVIII

A irmã de Iestyn estava em nossa casa quando eu entrei, e vi pelo rosto de minha mãe que havia complicação, coisa que um estranho jamais conseguiria notar. Blodwen tinha a pele morena, cabelos pretos e olhos castanhos redondos, que olhavam para a gente sempre como se estivéssemos a distância. Mostrava-se calma, sentada quieta, bem espigada, as mãos cruzadas e os pés quase por baixo da cadeira. Falava inglês quase sempre, mas claramente, pois frequentara uma escola em Londres e depois em Paris e suponho que os professores desses lugares não vivem a exigir tolices de quem quer que seja.

— Olá, Huw — disse ela, sorrindo de um jeito muito bonito. — Como vai você?

— Bem, obrigado. E a senhora, como vai?

— Cada vez melhor. Gostaria imensamente que você levasse a harpa, hoje à noite, a Tyn-y-Coed, para mim.

— Pois não.

— Muito bem — disse ela, sorrindo de novo, mas percebi, pelo jeito de minha mãe, que eu era demais na sala. Tratei de sair e descii à casa de Bron, para embrulhar a harpa.

Contei a Bron o que se dera com a Sra. Jonas e ela estalou a língua.

— Foi minha colega de escola — disse Bron. — Blodwen está ainda com sua mãe?

— Está, sim.

— Mais complicação, então. Angharad voltará aqui para casa dentro em pouco, você há de ver. Ele é um porco beberrão.

— Quem, Bron?

— Não se importe.

Foi então que compreendi os olhares, meneios e palavras aqui e ali, quando se falava já em casa de Angharad e Iestyn. Senti como que um vazio dentro em mim, ao pensar que poderia haver uma complicação com Angharad, mas nada havia que pudesse fazer e conheci pelo olhar de Bron que nenhuma outra palavra arrancaria de seus lábios, mesmo com pinças em brasa.

Subi novamente com a harpa para lá da montanha, até Tyn-y-Coed. Um agradável passeio, com frequentes paradas e um zumbido da harpa, de vez em quando, ao descansá-la no chão.

Tyn-y-Coed era uma boa casa, grande, construída no tempo de Jorge II, sobre uma casa que viera de tempo anterior a Elizabeth. A parte velha ainda estava ali, de lado, com chaminés de tijolo, belamente arranjada. Grandes janelas nos dois andares, no resto da casa, e um grande pórtico com pilares que se iam estreitando para cima. Tudo nela era branco, com postigos verdes, e todas as construções da granja caiadas de branco e conservadas sem mancha. Era uma linda propriedade, com árvores para sombreá-la e jardins na frente e atrás, vacas castanhas no pasto, galinhas pretas, brancas e castanhas no terreiro, gansos e patos brancos perto do tanque, e perus pousados no portão, perto das estrebarias.

Blodwen estava lá, na minha frente, em pé na porta, com o caseiro para pegar a harpa que eu levava.

— Entre para tomar chá, Huw — disse ela, com o rosto à sombra verde das árvores. — Lave as mãos na saleta.

Entrei, pois, para tomar chá, que estava realmente muito bom. Gostei daquele salão de Tyn-y-Coed. Era alto, as janelas grandes e numerosas, construídas em um tempo em que os homens pensavam largamente e viviam cortesmente, amando a perfeição no trabalho. Para convencer-nos disso bastava um olhar ao teto, sem falar na mobília. Quanto à lareira, achariam uma vergonha queimar carvão ali dentro, tão bonita era, de mármore branco, simples, e tão graciosa nas suas curvas, nas suas retas, suas estrias, que era um prazer requintado passear as mãos por cima dela e pensar na sólida inteligência que a havia esculpido.

Blodwen tinha sempre uma risadinha para mim, quando eu ia a Tyn-y-Coed, mas era uma risada delicada, cheia de simpatia, porque

Ihe havia dito a razão de gostar de pôr as mãos num trabalho humano, que fora abençoado pelos bons pensamentos e pela passagem do tempo.

— Você gostaria de vir morar aqui, Huw? — perguntou-me, depois que comemos bolos de trigo.

— Não. Mas se fosse minha casa, sim.

— Suponhamos que eu o convidasse?

— Não. Dentro em breve vou começar a trabalhar.

— Dentro em breve? — perguntou ela, encarando-me com seus olhos bastante castanhos. — As numerosas peças de mobília que você fez para o Sr. Gruffydd são simplesmente adoráveis... Venha trabalhar aqui, Huw.

— Já disse que irei trabalhar com meu pai — disse eu, e o rosto de Isaac Wynn veio robustecer-me a decisão.

— Oh! meu Deus — disse ela, de respiração agitada —, tenho raiva ao pensar que você vai trabalhar lá embaixo, na mina. Raiva tive quando meu pai fez o mesmo e sempre me darei por satisfeita de haver Iestyn vendido seus interesses na mina.

— Ele despediu também quatrocentos homens do serviço. Ela olhou para mim e bateu, suavemente, com a colher de chá no pires, como se fosse dizer alguma coisa ferina. Depois largou a colher e esfregou o nariz com uma fita, que jamais foi lenço nesta vida.

— Você fala igualzinho a seu irmão Olwen — disse ela.

— Bem.

— Teve ele alguma nova notícia a respeito de suas patentes? — perguntou-me, como se fosse uma coisa sem interesse.

— Não, mas um cavalheiro da América virá vê-lo na próxima semana. Vem comprar-lhe a máquina.

— Oh! — exclamou ela, lançando um olhar para o bule. — Sabe se ele irá para lá?

— Talvez, se encontrasse alguém que fizesse seu trabalho no sindicato.

— Não chego a compreender como pode ele perder seu tempo com essa tolice — disse ela, com impaciência. — Jamais haverá um sindicato, no verdadeiro sentido da palavra.

— Tem mais de cinquenta mil sócios e vai crescendo mais a cada semana.

— Como sabe disso?

— Sou eu quem escreve as cartas para Londres, desde que ele se fundou. E se Olwen for embora, Janto ou Davy lá estarão para dirigi-lo. Em breve nos uniremos com o de Monmouth, depois com o dos estivadores das docas e o dos bombeiros.

Ela conservou-se quieta por alguns minutos, de mãos cruzadas, os pés quase por baixo da cadeira, sombra malva na escuridão que sobrevinha, com o lume a dar-lhe um reflexo avermelhado às faces e a acender olhos de fogo na baixela de prata.

— Ontem à noite, ouvi-o falar — disse ela.

— Lá na montanha? — perguntei-lhe, um tanto surpreso.

— Sim — disse ela e poderia jurar que corara, porque sua voz baixara, sublinhada por um suspiro. — Fomos para lá, juntos.

De modo que foi por isso que Olwen preparou três reuniões para uma noite, com Ianto, Davy e ele presidindo cada um uma.

— Creio que ele tem muitos amigos, não? — disse ela, e de repente percebi que se mostrava mais cordial para comigo, embora não lhe notasse mudança, a não ser na voz. Como se houvesse caído uma parede, em alguma parte, sem barulho.

— Sim — disse eu, mas cauteloso. — Muitos, na verdade. Em todos os vales. Ele poderia ficar bêbado todas as noites.

— E ele bebe? — perguntou-me, rapidamente, com terror. — Não. Nem uma gota. Olwen só toma chá e água. Às vezes, um gole de cerveja feita por mamãe.

Ela pareceu-me ir diminuindo mais na cadeira.

— Suponho que, com tantos irmãos, moças não falem. Tome mais chá, Huw, por favor. Experimente este bolo.

— Chá, aceito, obrigado — disse eu, estendendo a xícara. — Bolo, não, obrigado. Estava muito bom, mas já comi bastante. Não, nada de moças.

— Oh! — exclamou ela — sem dúvida que sim, vocês homens dizem sempre não, quando deviam dizer sim.

— Não, nada de moças — insisti, com firmeza. — São uns trambolhos. Algumas, em todo caso.

— Eu sou um trambolho, Huw? — perguntou ela, rindo.

— Não. Eu gosto da senhora. Olwen também gosta.

— Como sabe? — perguntou-me, encolhendo-se.

— Do contrário não iria com a senhora lá para a montanha, ou dar um passeio em qualquer parte, não é mesmo?

Uma cor alaranjada luziu na parede do corredor e a Sra. Nicholas entrou, com um par de velas, larga e redonda em seu vestido preto, com uma corrente de prata e muitas chaves tilintando. As velas obrigavam-na a manter a cabeça levantada, e seu rosto parecia um sol de ouro, com centelhas nos olhos.

— Aqui no escuro? — disse ela, numa voz grossa e repreensiva.

— Que desajuizada é, Srta. Blodwen. No escuro, com um rapaz. Credo! Todas as línguas do vale vão ter o que falar.

— Deixe-as falar — disse Blodwen. — Você se importa, Huw?

— Não, deveras. Mas gostaria de surpreendê-las — Surpreendê-las? — disse a Sra. Nicholas, acendendo outras velas. — Basta ir a qualquer loja ou escutar no mercado. Como pulgas em cama de albergue de pobres.

— Nicky — disse Blodwen —, creio que você é tão ruim como o resto.

— Com efeito, Srta. Blodwen — disse a Sra. Nicholas, com a voz surda de vergonha —, isso é coisa que a senhora diga à sua Nicky? Foi para isso que carreguei a menina ao colo, há vinte anos passados? E Nicky pra lá, e Nicky pra cá.

— Ainda acredito que você possa mexerica muito bem — disse Blodwen. — A ceia hoje, Nicky, é para oito pessoas.

— Oh! — exclamou a Sra. Nicholas, um pouco rabugenta.

— Oito, não é, Srta. Blodwen? O Sr. Huw vai ficar para cear, não vai?

— Não — disse Blodwen. — Será outra pessoa.

— O Sr. Olwen Morgan — disse a Sra. Nicholas, com um gesto de cabeça que não admitia réplica. Pegou os castiçais e dirigiu-se à porta com passos ligeiros.

— Nicky — disse Blodwen, começando a enraivecê-se. — Você vai logo tirando conclusões. Ceia para oito. E é só.

— Sim, Srta. Blodwen — disse a Sra. Nicholas, voltando-se, à porta de entrada. — O Sr. Parry, o Sr. Olwen Jones, a Sra. Olwen Jones, a Sra. Da viés, a Sra. Griffiths e Srta. Griffiths e a senhorita. Deu uma volta e saiu.

— E o Sr. Olwen Morgan — acrescentou ela, por cima do ombro, desaparecendo.

— Essa mulher se torna cada vez mais insuportável — disse Blodwen. — Toma liberdade. Sem dúvida, Olwen estará a léguas daqui.

— Estava passando hoje sua roupa nova, e especialmente uma camisa, esta manhã, antes que a turma descesse.

— Huw — disse ela, com calma, mas de rosto abrasado, embora aparentando fria seriedade —, não diga nada a ninguém, sim?

— Olhos abertos — disse eu, lembrando-me de Cyfartha —, boca calada.

E foi assim que comecei a frequentar Tyn-y-Coed. Nas minhas horas de lazer, consertava todas as peças da mobília que precisavam de reparos. E fiz eu próprio um jogo de peças, mas isso foi depois.

Descobri o Sr. Gruffydd olhando muitas vezes para mim, naqueles poucos dias em que trabalhava com ele, antes de começar a trabalhar na mina. Via seu rosto, reluzente e rosado, no polimento das almofadas do aparador, quando olhava para mim pelas minhas costas. Quando me voltava, ele sempre mudava a vista. A princípio fiquei intrigado. Depois com medo. Mas como com o passar dos dias as olhadelas diminuíram, a conversa caindo para uma ou duas frases, a respeito da espessura do verniz, do tempo, e de como estavam quentes os pratos para o jantar, comecei a sentir-me de novo intrigado, até que fiquei sobre brasas para indagar dele o motivo daquilo. Porque é a própria essência do incômodo, estar junto de um homem, senti-lo torturado pela aflição, compartilhar com ele dessa mesma aflição e, no entanto, nada poder fazer para ajudá-lo.

Era a pequena Olwen quem trazia nosso chá. Eu costumava sair e ficar no pórtico, para vigiá-la enquanto subia a colina de volta, fazendo-lhe um gesto de adeus, quando dobrava além. Ela, porém, se voltava a cada passo e eu tinha de acenar, enquanto ela ali

estivesse. Levava muito tempo nesses adeuses e, ao voltar para dentro, encontrava o chá quase frio.

— Ela se parece muito com Angharad — disse uma vez o Sr. Gruffydd.

— Parece, sim. Quando ela crescer, ninguém poderá notar diferença.

— Vinte anos ainda — disse ele.

Que haverá, quando mencionamos o Tempo por Vir, que tão depressa nos abala o coração, e inflige dores aos sentidos, semelhantes às produzidas pelo fio duma espada? Talvez sintamos nossa mocidade arrancada de nós, sem a mitigação dos anos que deslizam, e as dores da velhice, que chegou para ficar invisível dentro de nós e crescer, mais sólida, à medida que os minutos passam, solidificam-se em nós no mesmo instante, e as sentimos, mas quando tentamos avaliar-lhes os prejuízos, voltam de novo para seus lugares no Tempo por Vir, prontas a aguardar nossa chegada.

Suponho que a menção dele mete uma cunha por baixo daquela porta completamente fechada, justamente o bastante para deixar entrar um leve perfume dos vapores entre os quais viveremos, antes que aqueles que nos conhecem possam rodear-nos, de rostos tristes, para dizer que estamos mortos. Triste, bem triste é o pensamento de que seremos batidos em todos os turnos e sem oportunidade de retribuir os golpes, sem esperança de vitória, lutando cegamente contra um campeão dos campeões, que brinca com a gente na ponta dum esquerdo contundente e, último turno, nos joga no chão, com um direito cruzado para matar.

Há algo de nauseante no pensamento de que a gente se decidirá a achar gosto na sova e que a consolação única é a de jamais conhecermos o sabor da derrota. Porque enquanto estão tirando os nossos restos mortais da arena, nós nos achamos de pé, a começar nossa luta, em outra parte qualquer.

Senti sangue na voz do Sr. Gruffydd e procurei bibliotecas inteiras de palavras, em ardentes minutos de vacuidade, somente para confortá-lo.

— Muito tempo, senhor — disse eu.

— Serei em breve um velho.

— Sim, senhor.

— Velho, e nada fiz.

— O senhor já fez muito — disse eu, em voz alta, tentando reparar o meu mutismo anterior. — A capela, os doentes e tudo mais, senhor.

— E tudo mais — disse ele, rindo. — Obrigado, Huw. Ah! meu Deus! Pensei, quando era jovem, que conquistaria o mundo com a verdade. Pensei que conduziria um exército maior do que o que jamais sonhou Alexandre, não para conquistar nações, mas para libertar a humanidade. Com a verdade. Com o som áureo do Verbo. Mas somente poucos ouviram a trombeta. Somente alguns compreenderam. O resto vestiu-se de preto e sentou-se na capela.

— É então errado fazer isso, Sr. Gruffydd? — perguntei-lhe, perdendo a voz, de tão surpreso.

— Por que vai você à capela, Huw? — perguntou-me, prossequindo ainda no trabalho.

— Porque — respondi e depois parei. — Por quê, realmente?

— Sim — disse ele, sorrindo. — Porque você deseja ir? Porque gosta de ir? Porque seu pai e sua mãe vão? Porque seus amigos lá se encontram? Porque é decente fazer isso num dia de domingo? Porque não há outra coisa a fazer? Porque gosta do canto? Para ouvir-me pregar? Ou porque teme que sua casa se incendeie por castigo se você não aparecer lá? É atraído pelo temor ou pelo amor?

— Estou um pouco surpreso, senhor — disse eu, e realmente estava intrigado com aquilo.

— A análise dos nossos hábitos acarreta muitas surpresas. Recearia você um dardo de fogo na cabeça, ou algum outro horrendo castigo, se ficasse fora da capela sem licença?

— Penso que recearia um pouco, sim, senhor.

— O mesmo acontece à maioria. De modo que são levados a vestir-se de preto e de lã, para ir à capela, por medo. Horrível temor supersticioso. A vingança do Senhor. A justiça de Deus. Esquecem-se do amor de Jesus Cristo. Menosprezam o Seu sacrifício. Morte, temor, chamam, horror e roupas pretas.

— Nunca ouvi o senhor pregar contra qualquer deles, senhor.

— Não, Huw. “Essa gente aproxima-se de mim com sua boca, e me honra com seus lábios, mas seu coração está longe de mim.”

— Que deveremos fazer, senhor?

— Oh! Huw, meu filho! — disse ele, de pé, afastando de si a toalha. — Quem sou eu para dizê-lo? Quem sou eu para pregar aos outros homens? Meus pecados são tão grandes quanto os deles. Maiores.

Saiu de casa e eu o vi palmilhar o caminho da montanha, a passos lests, mas fatigados, e meus sentimentos lá estavam, sob seus pés.

Capítulo XXIX

Ivor voltou da turma diurna e me disse que estivesse pronto para ir trabalhar no dia seguinte com ele. Eu suava de excitação, ao preparar minhas roupas, mas ninguém disse uma palavra aqui em casa. Nem uma palavra. Mas o jeito como todos conservavam o silêncio dizia mais do que se houvessem subido ao telhado para gritar por todo o vale.

No dia seguinte, faltando um quarto para as sete, fui chamá-lo, e minha mãe veio comigo até a porta, sem mais barulho do que se eu estivesse saindo para a escola. Levava minha marmita e o bolso do lado pesava, pois tinha posto cinco velas nele.

— Pronto? — perguntou-me Ivor, enquanto Bron lhe entregava a marmita.

— Sim — respondi.

— Bem — disse minha mãe. — Mais outro, então.

— Sim, mamãe.

— Adeus — disse ela, beijando-me.

— Adeus, mamãe.

— Ivor f— disse minha mãe —, tome cuidado com ele, agora.

— Sim, mamãe — disse ele. — Adeus. Adeus, Bron.

— Adeus — disse Bron, e atirou-me um beijo com os dedos.

Seguimos. Minha mãe foi correndo para dentro.

Por todo o caminho de descida da colina, fui recebendo bom-dia dos rapazes e moças, todos a olhar para mim com sorrisos, como se dissessem: você espere e ficará sabendo se está vivo, dentro de poucos minutos. Para os homens, sem dúvida, era eu apenas outro rapaz que começava a trabalhar, de modo que somente uns poucos deles me cumprimentavam, ou me davam uma pancadinha nas costas.

Mas ao chegar à boca da mina, sentia as mesmas emoções de quando na arena de luta, logo antes que esta começasse. Alguma coisa se movendo na barriga, calor na cabeça e sensação de leveza.

Dai Bando e Cyfartha chegaram correndo para alcançar a gaiola, quando Ivor se virou para nela entrar, comigo atrás. Virei-me, na esperança de que eles nos alcançariam a tempo. A gaiola era uma caixa feita de pranchas pesadas, encavilhadas numa moldura de aço, e pretas pelos anos de uso. Havia no soalho polegadas de poeira e ecoava como um grande tambor.

Dai e Cyfartha entraram antes que o porteiro aferrolhasse a entrada. Dai viu que eu olhava para ele por trás dos cotovelos do homem que estava na minha frente.

— Oh! — exclamou ele, resfolegando. — É você, hem? Há um bocado de trabalho agora, não?

— É, sim — respondi.

E o chão fugiu-nos debaixo dos pés. Mergulhamos, com uma rajada assobiante de vento, dentro da escuridão, tão cerrada que abatei tinha a impressão de ver luzes, sentindo os joelhos dobrando, bambos.

Centenas de vezes' desci ali, mas nunca me habituei ao mergulho da gaiola.

Por momentos, a gente juraria estar cego. Depois o terror nos trincava em seus agudos dentes.

Parecia que por horas e horas estava eu ali, esperando, e o ar se tornava mais frio, mas ainda escuro, negro, pior que a noite, nossos pés mal tocando o soalho descendente, até que sentíamos a sensação de estar parados no meio da meia-noite, com os joelhos curvados prontos a pular dentro da claridade do dia.

Depois, o assobio do vento foi parando, e o soalho tornou-se mais firme aos pés, o ar mais quente, trazendo o cheiro salino do carvão novo, e a luz surgiu, com o hálito e o sabor da vida para mim, e gratidão, mais ardente do que o fogo dentro em mim, pelo dom da vista.

— Venha — disse Ivor, quando o guarda abriu o portão. Acompanhei-o por sob a abóbada de tijolo da encruzilhada das galerias e desci à galeria principal, cheia do barulho dos comboios e

das cantigas dos operários que com eles trabalhavam. A galeria principal era mais larga, apenas o bastante para dar passagem aos vagonetes, com espaço para se andar em ambos os lados, e, a cerca de nove pés de altura, lâmpadas pendiam separadas por poucos pés de distância, lançando uma luz amarelada e poeirenta.

Caminhamos um bom pedaço por entre grupos de outros homens, até que Ivor se voltou para um pequeno buraco na parede, curvado em dois.

— Venha — disse ele, sorrindo —, tome cuidado com a cabeça.

Rastejamos para dentro daquele tunelzinho escuro como breu, a cabeça quase nos joelhos. Depois Ivor parou e jogou sua picareta no chão.

— Muito bem — disse ele, com uma voz que mais parecia um rugido no escuro. — Acenda suas velas e lhe mostrarei o que fazer depois.

Tiramos fora nossos paletós, coletes e camisas. Acendi um par de velas, enfiei-as nos castiçais de bronze, fincando-as na escora. O ar era tão rarefeito que as chamas subiam a seis polegadas e eram lindas, realmente.

— Agora — disse Ivor —, eu cortarei o carvão e você carregará os bocados até o plano inclinado. Depois desça e encha o meu vagonete com tudo quanto encontrar lá embaixo, ouviu?

— Sim, Ivor — respondi.

— Muito bem — disse ele, e sua picareta furou profundamente o filão.

E dessa forma comecei eu a trabalhar.

Ivor era um bom trabalhador, ligeiro com a picareta, infatigável, parando apenas para remover escórias que caíam, quando o carvão se desprendia. Quando ele parava, eu parava, mas não totalmente, pois amontoávamos a escória nos lados e a apertávamos bem fortemente, para servir de escora ao telhado.

Horas após horas de fatigante labor, curvados para a frente, ficando em linha reta apenas quando nos estendíamos de costas, trabalhávamos ali embaixo, com a poeira do carvão assentando em cima de nós, num leve toque que a gente sentia, como se o carvão nos estivesse tocando com os dedos, para advertir-nos de que

estava apenas a experimentar-nos, agora, mas que nos teria ali embaixo, por baixo dele, um dia qualquer, em breve, quando a gente estivesse olhando para outro lado. Eu costumava olhar para a brilhante faixa preta, à luz alaranjada de nossas duas velas, e pensava comigo mesmo que aquilo poderia ser a faixa de luto da terra, que tiramos para queimar, e que olhava para nós, com os olhos semicerrados, esperando ter um ajuste de contas. Mas eu me sentia sempre cheio de temor, ali embaixo, temor que nunca perdi.

Parecia-me sempre ouvir uma voz no silêncio pesado acima das pancadas da picareta de Ivor, e dos ecos rolantes do carvão, escorregando pelo plano inclinado. E sempre pensei ver um rosto na lustrosa face do carvão, que, por mais que Ivor o cortasse, de nada se importava, parecendo estar sempre ali.

Os músculos da barriga pareciam dilacerar-se, muito antes do fim do dia, tão curvados ficávamos. Ivor se ajoelhava, jazia de lado, ficava de banda e curvado, ou de costas, com o suor tornando-lhe a pele uma seda negra, mas sem uma pausa, sem nunca parar, até a hora de comer, ou para um gole de chá que tirasse a poeira da garganta.

Fiquei sabendo, desde o primeiro dia, onde tinha Dai Bando arranjado aqueles seus músculos da barriga.

E, oh! que alegria subir para o ar fresco da noite, depois de abrasadas horas à luz de velas, luz impregnada de poeira às vezes reluzente. Depois é que descobri, e descobri cheio de gratidão, por que nos sentávamos nos degraus das portas, quando o sol surgia. Apenas para estar quietos e aliviar as dores, olhando para uma luz clara, sentindo a bênção do sol, livres, durante algumas horas, do toque arrepiante dos dedos do carvão.

Lá na colina, entre as multidões se revezando em turmas, e passando diante de rapazes que eu conhecia, sem um cumprimento deles, fiquei surpreso, até que me lembrei de que a pele superficial de poeira de carvão, que me cobria da cabeça aos pés, me tornava irreconhecível.

Mas me sentia realmente um homem, por subir entre aquela multidão de operários, partilhando de suas fadigas, enegrecido pela

mesma poeira, conhecendo os sons e os aspectos da mina como eles, pensando o mesmo que eles, com eles, uma parte deles.

Tomei banho, com Ivor, no quintal de Bron, pois já havia gente demais em nossa casa.

É bom ver as tinas prontas e os baldes todos alinhados, desprendendo fumaça. As roupas são tiradas e deixadas onde caem. Um balde de água para tirar o grosso da poeira, depois uma esfregadela de sabão, outro balde, mais sabão. Agora a gente já vê um pouco de si mesmo, mas as mãos, e especialmente aquelas pequenas linhas nas cabeças dos dedos, não têm jeito. A gente esfrega e torna a esfregar, mas o Sr. Carvão ali ficará e rirá da gente. Grande amiga do homem é a água, realmente, mas nunca mais amiga do que quando está correndo pelas nossas costas ensaboadas, levando a poeira de carvão.

Dentro da tina, depois, para esfregar a espuma branca por todo o corpo, um mergulho dentro d'água, sustendo o fôlego para sentir a envolvente brandura, tão ligada à gente como a própria pele.

— Bem — disse Bron, quando eu subi —, como vai o grande homem?

— Muito bem — disse eu, conservando o mais que podia de mim mesmo no fundo da tina.

— Venha cá — disse ela, enrolando as mangas. — Você está com as costas negras.

E agarrou a escova e esfregou meus ombros, depois fez espuma com as mãos e derramou água em cima de mim, até que me senti alegre por ser eu mesmo e não os ladrilhos de sua cozinha. Que mulher trabalhadora era Bron!

— Ainda me ficou algum pedaço de pele? — perguntei-lhe. — Porque se ficou, foi só por milagre.

— Ficou com a pele — disse ela —, mas sem tatuagem, graças a mim.

Depois Ivor entrou e banhou-se, enquanto eu me secava. Quando me vesti, Bron entrou para esfregá-lo e eu entrei em casa.

— Muito bem — disse minha mãe, com uma carranca e um sorriso —, já está pronto para o jantar?

— Sim, mamãe.

— O serviço foi pesado, meu filho?

— Não, mamãe.

— Bem. Agora sente-se e coma à vontade.

Quando papai entrou, puxou-me pela orelha e sorriu para mim.

— Escritório de advogado, amanhã, hem? — disse ele. — Não quer mais saber de mina, não é?

— Continuarei trabalhando na mina, papai.

— Seu dia chegará. Haverá muito tempo e muito carvão também.

E com o passar dos anos, esse dia de abandonar a mina chegou realmente.

Suponho que já estava a trabalhar um bom par de meses, quando recebi uma carta de Ceinwen, não trazida por Ellis, mas por um condutor de uma das carroças de carvão de seu pai. Pedia-me para encontrá-la no próximo sábado, à tarde, no mesmo lugar da última vez, junto ao marco miliário. Deve ter ficado sabendo como trabalhavam nossas turmas e descobri que tratara mesmo de indagar isso.

Eu já a havia quase esquecido. Mas então voltou-me cinquenta vezes mais forte, e jamais ia deitar-me sem pensar nela, doido para que chegasse o sábado.

Mas antes daquele sábado, Olwen recebeu um telegrama de Londres e tive de ajudá-lo a encaixotar sua máquina, enquanto Gwilym enrolava as ferramentas. Depois fui à estação com eles para vê-los seguir no trem.

— Duas passagens para a estação de Paddington, por favor — disse Olwen, sem pestanejar.

— Paddington? — perguntou o bilheteiro, arregalando os olhos. — Londres, não é?

— Sim — disse Olwen, uma sobrancelha para cima e a outra para baixo, olhando como se charutos do tamanho de um pé fossem cair de seus bolsos a qualquer instante.

— Bom Deus! — exclamou o bilheteiro. — Vai viajar de novo, agora?

— Sim — respondeu Olwen, dando um piparote no punho.

— Vai seguir com os voluntários?

— Que voluntários? — perguntou Olwen.

— Para a África do Sul. Aqueles tais dos bôers estão arrancando os olhos deles por lá.

— Não temos nada com isso — disse Gwilym. — O velho Roberts que se arranje com eles e depressa. Nós vamos a negócios.

— Oh! — exclamou o bilheteiro. — Um pouco de negócios, não é? Mas que negócios?

— Particulares — disse Olwen. — Duas passagens para Paddington, por obséquio.

— Não se zangue — disse o bilheteiro —, estava apenas fazendo uma pergunta delicada.

— E recebendo uma resposta delicada — disse Gwilym. — Duas passagens para o raio de Paddington, e sem demora.

Estivemos a andar para baixo e para cima na plataforma da estação, horas a fio, como três lordes, antes que o trem chegasse, deixando que todos vissem os letreiros com o nome de Paddington na mala, e olhando para todos com superioridade, porque iam apenas andar pequeno trecho da linha, ao passo que nós íamos para Londres. Desejei ir também, mas tinha ainda um papel a desempenhar no brinquedo de meus irmãos, ou talvez maior, porque, quando o trem partiu, pude acenar para eles até dobrarem a curva, e todos ficaram a olhar para mim quando me retirei, dizendo uns aos outros que eu era um dos Morgan e dois de meus irmãos haviam partido para Londres, naquele instante. Havia uma música bem agradável na enunciação da palavra.

Levara no bolso uma carta de Olwen para Blodwen, para ser-lhe entregue em segredo. Somente mensageiros de príncipes poderiam sentir-se tão importantes, como eu me sentia naquele dia.

Segui para Tyn-y-Coed e, ao entrar, encontrei a Sra. Nicholas pondo ásteres no jarro de cobre da mesa do vestíbulo.

— Bem — disse ela, com algum azedume.

— Chame a Srta. Evans, por favor.

— Ela saiu — respondeu, começando a resmungar.

— Esperarei.

— Não com essas botas em cima do soalho. Foi encerado para pés de cavalheiros. A cozinha é lá atrás.

— Ficarei na frente da casa — disse eu, e saí.

Vi Blodwen, que se aproximava da casa, com flores nos braços, luvas e tesourão, vinda diretamente do jardim. Que bela parecia com seu chapéu florido e rosas, vermelhas e amarelas, num ramalhete, nos braços.

— Huw — disse ela, parando, curvando-se um pouco, com um grande sorriso. — Que agradável surpresa!

— Olwen seguiu para Londres — disse eu, baixinho, de modo que qualquer orelha, lá na casa, poderia rebentar mas não ouvir. — Não diga nada. Deu-me esta carta e pediu para você não dizer nada nada a ninguém.

Ela me deu as flores para segurar e abriu a carta, como se fosse uma coisa que não lhe interessasse. Mas depois leu, e o sorriso voltou-lhe duas vezes mais forte, enrubescendo mesmo já para o fim.

— Oh! Huw — disse ela, rindo —, como estou contente! — Quer avisar sua mãe, por favor, que estarei em Londres na segunda-feira? Um chamado repentino.

— Pois não — disse eu.

— E diga-lhe — continuou ela, desaparecido o sorriso —, se ninguém já o disse, que Iestyn vai viajar para a África do Sul dentro de três semanas.

— É soldado, então? — perguntei-lhe, quase morto de surpresa.

— Graças a Deus, não. É um negócio de carvão para a Armada. Agora, chá para Huw.

— Aceito. E depois, voltarei ligeiro. Sou da turma da noite.

— Jurei que hei de tirar você daquela mina, Huw. E antes que você fique muito mais velho. Haveremos de ver.

E vimos, realmente.

Mas não como aquele abençoado coração de Blodwen pensava.

— Sim — disse minha mãe, quando lhe contei o que Blodwen dissera —, Angharad vai voltar para casa, enquanto ele estiver ausente. Não diga nada aí por fora.

Capítulo XXX

No sábado, à tarde, Ceinwen e eu, com minha roupa nova de casimira marrom, uma rosa vermelha na botoeira, a cheirar como os odores do paraíso.

Lá vinha aquele mesmo cabriole, com a pintura desbotada, acinzentado pelo tempo e a velha égua sorrindo e levantando os grossos joelhos tão desajeitadamente, como sempre fizera.

E Ceinwen.

De pé, agitando o chicote, com um vestido e uma longa capa azuis, um grande chapéu descansando no alto de uma meda de feno novo. Nada de tranças. Nada de cabelos pendendo soltos. Tudo para cima.

Uma mulher.

Mas o mesmo sorriso, os mesmos olhos, e, oh! o mesmo beijo também.

— Huw — disse ela, com o rosto como se estivesse iluminado por uma luz interior e a voz brotando fresca, como se vinda de milhares de milhas —, como você cresceu, rapaz!

— Seu cabelo está arrepiado.

— Há quanto tempo! Vamos esconder o cabriole, depressa.

— E amarrar a égua. Para não ir mais para casa contar histórias.

— Quase que morri por causa dela.

— Houve alguma encrenca com você naquela noite?

— Encrenca? Ora, por Deus, rapaz! Levei uma surra tal, que fiquei de cama durante dias. Mas eles nada souberam a seu respeito.

— Eu ia ter com seu pai — disse eu, com tanta vergonha que só faltava me enterrar chão adentro.

— Boa recepção estava preparada para você, lá em casa. Papai estava com uma espingarda, à sua espera. Sabe por que lhe pedi para vir encontrar-se comigo, hoje?

— Não. Por quê?

— Desejo que você me leve à Câmara Municipal para assistir à representação — disse ela, olhando para mim, de cabeça baixa, os olhos mal aparecendo por baixo da aba do chapéu, com alguma coisa dentro deles que me tirava o fôlego e me fazia voltar a vista ligeiro.

— Que representação? — perguntei-lhe, erguendo-me diante dela, para que não pudesse ver meu rosto.

— A representação, rapaz. Os atores vão dar espetáculo duas noites, na Câmara Municipal. Nunca me será permitido nem ao menos mencionar a palavra em casa, nem posso pensar em ir sozinha. Mervyn desmaiaria, se eu lhe pedisse, e talvez contasse a meu pai, que me aferrolharia dentro de casa. Se eu for sozinha, talvez me apedrejem na rua.

— Por que deseja ir?

— Oh! Huw! — disse ela, aproximando-se de mim, como uma menininha amuada, piscando os olhos, mas devagar e arregalando-os bastante, para mostrá-los bem grandes e bem claros, de um cinzento escuro, com uma abençoada ternura e algo de lágrimas e de sorriso bem no fundo.

Voltei a vista. Os martelos batiam o aço incandescente dentro do meu peito, um fogo queimava-me a espinha e mandava-me lágrimas aos olhos. Sentia a razão perdida e o juízo extinto, tendo apenas a vista, mas confusa, de modo que os verdes das árvores e da relva eram uma mistura de verde sem forma, e nos ouvidos apenas o estrondo de meu sangue, e, lá de muito longe, o som da voz dela. A gente vive dentro de si mesmo como um rei, quando se torna homem.

— Desejo ser atriz.

— Por quê? — perguntei-lhe, pondo rédeas a refrear minha voz.

— Porque desejo. Não há porquê, só o meu desejo. Estou farta, até o fundo do coração, daquele terreiro de carvão e de mãos negras de carvão. Quero ser uma atriz.

— Não haverá mais lugar para você em sua casa, se seguir essa carreira.

— Que importa? Nem uma lágrima derramaria, se não mais os visse.

— Levará uma vida difícil. E entre gente ruim, também.

— Se o Sr. Irving é ruim, quero ser ruim como ele, também.

— Quem é esse?

— Meu Deus, rapaz! — disse ela, como se a montanha fosse desaparecer de sob nós —, quem é esse? Estão ficando todos loucos só de vê-lo lá.

— Onde?

— Em Londres.

— Você vai para Londres? — perguntei-lhe, esperando, com fria esperança, que ela dissesse que não.

— Vou, sim. Futuramente. Eles também irão me procurar no palco. Com flores.

— Quando é a representação? — perguntei-lhe, novamente, na esperança de estar preso no serviço, na ocasião.

— Na quarta e na quinta-feira, às sete da noite, quatro pence, seis pence, e um xelim. E você estará livre. É inútil dizer que estará trabalhando. Arranjei uma lista de suas horas de serviço.

— Oh! para certificar-se, não é?

— Certifiquei-me muito bem — disse ela, rindo. — Você virá? Diga sim, Huw.

Como dizer não, quando ela estava dizendo sim naquela voz, que poria a prêmio a vontade de um grupo de profetas? Inútil lutar, pois uma fraqueza se apoderava de mim, pesadamente, e tudo quanto desejava fazer era estirar meus músculos e deitar-me a seu lado, para aspirar-lhe o perfume, estar perto de sua boca, em busca da maciez de seu corpo.

— Sim — disse eu.

— Oh! Huw! — exclamou ela, enlaçando-me lentamente o pescoço com o braço e curvando-me para beijar-me, com um vigor selvagem. Respiração rumorosa enchia-lhe o peito, rápidos movimentos atormentavam-lhe o corpo e a pressão de seus dedos deixava marcas, que durariam dias. Uma loucura ardia dentro em

mim, que me vinha da boca, dos dedos, do corpo. Nenhum homem saberá o que os deuses nesta hora estão forjando dentro dele.

A boca fez esforços para colher novos frutos que parecem estar perto, mas jamais serão saboreados. Os dedos estão ocupados na busca de lugares macios, mas os sentidos se acham por demais distantes de suas pontas e impacientes com tantas hesitações. E no corpo onde se forja a seta de aço há uma perdição de calor que intimamente conhece que só encontrará refrigério no sangue mais quente da mulher. Há o desejo veemente de encontrar essa fonte de água fresca, torções para ver-se livre a fim de procurá-la, milagres momentâneos de ricas unções, suaves esplendores de imersão e uma sofreguidão de arrancos para estar mais perto, mais profundo e mais ligado. Naquele beijo dos sangues há um amontoado de sentido, quando a respiração é esquecida, os músculos se petrificam e o arco espinhal curva-se na mão do arqueiro, ao tempo em que a corda sibilante é levada a despedir a seta.

E no seu voo atinge uma altura mais rara do que qualquer outra sobre a terra. Um cântico de alegria estruge como uma tempestade, com uma cadência poética que jamais conheceu linguagem, e uma música elevada e estranha. Fogos crepitantes de cores essenciais queimam por trás dos olhos enceguecidos e miríades de luas chamejantes levantam-se para girar durante séculos, num recém-nascido universo de ouro, incenso e mirra.

Depois, o arco tendido se distende, pois a corda já cantou sua canção, a respiração volta a encher os pulmões e os membros tremem. Os olhos voltam a ver claro. As árvores são verdes, como eram antes. Nenhuma mudança houve. Nem raios de fogo. Nem anjos com uma espada flamejante. Contudo fora isso que deixara o paraíso às ervas más. Eu havia comido da Árvore. Eu ainda estava quente sob mim.

Todavia, nem raio, nem fogo, nem espadas.

Somente o canto de um tordo, o perfume da verdura e a paz da encosta da montanha.

E Ceinwen, jazendo quieta, com um tremor quando procurava respirar, e emitindo sons, depois, como os dedos do vento através das altas notas da harpa, com lágrimas deslizando suavemente dos

cantos dos olhos, e o cabelo caindo entre a relva em brilhantes rolos cacheados que luziam.

Abriu os olhos e olhou para mim. Suspirou um pouco e prendeu a respiração no despenhadeiro de um soluço. Aspirou profundamente para ficar livre dele.

— Oh! Huw — disse ela, pondo em torno de mim os macios braços. — Meu querido, que fez você?

— Eu queria você.

— Estou contente porque não sabia. Oh! contente porque você é o primeiro, e nenhum outro jamais haverá. Meu querido bem, só você.

— Flor de pêssego — disse eu, beijando-a. Depois sentei-me para olhar o vale lá embaixo.

Como era verde o meu vale naquele dia, verde e brilhante ao sol!

— Quarta-feira, às seis e meia — disse ela, quando a égua fora atrelada e batia os pés no chão.

— Está bem. Ao lado da Câmara Municipal.

Pegou o chicote na mão esquerda e olhou para mim, e oh! nela percebi uma timidez que jamais vira antes. Inocente você era, minha Ceinwen, e inocente sempre foi. Apenas era uma mulher.

— Então? — perguntei. Olhou estrada afora.

— Perdeu o respeito? — perguntou-me, num fio de voz. Olhei para sua nuca. Vi as pálidas e desatadas tranças do cabelo dobradas sob o chapéu, com pontas perdidas caindo-lhe sobre a gola, e o sol fazendo a rede brilhar e prateando-lhe o véu, vi o lóbulo da orelha vermelho e cheio e poeira nos seus ombros. Um calor desprendia-se dela e, no seu desalinho, no seu empoeiramento, na curva da cabeça e no pequenino punho sobre o chicote, eu descobria quanto me era cara, quanto eu a amava.

— Respeito por quê?

— Por mim.

— Porquê?

— Ora, porque me amou.

Que diria um homem para tranquilizar um pensamento de mulher em tão triste lugar é algo difícil de pensar.

— Olhe, se eu pudesse arrancar a alma de meu corpo, para que você a ferisse com as unhas, eu nada diria. Que é respeito? Deverei tirar meu chapéu para você?

— Eu sou má? — perguntou-me, com lágrimas prestes a cair.

— Só Deus sabe. E ele não falou nada.

— Mas, Huw, você pensa de mim o mesmo que pensava antes?

— Oh! Ceinwen — disse eu, dando-lhe pequenos beijos, —, serei por acaso um rato de dentes verdes? Os minutos passarão devagar até que cheguem as seis e meia de quarta-feira. Com você, tenho visto e ouvido além desta vida. Deverei pensar melhor, ou pior, a seu respeito, por causa disso?

— Melhor — disse ela, dum jeito bonito. — Por favor, por favor, por favor.

— Melhor — disse eu.

— Adeus, então — disse ela subindo no cabriole.

— Adeus.

— Oh! Huw! — disse ela, sentando-se, desanimada.

— Que há mais?

— O pátio de carvão. Venha cá, venha dar-me outro bom e grande beijo, sim?

Subi ao elástico cabriole e, se não me houvesse movido dali, tê-la-ia beijado até deixá-la marcada.

— Ahm! — suspirou ela. — Agora, adeus.

— Adeus.

Um sorriso encantador, uma chicotada e um turbilhão azul numa rajada de poeira.

Para casa, a sonhar as coisas passadas.

Capítulo XXXI

O tempo avançava na ponta da picareta de Ivor, o dia inteiro da quarta-feira. Toe, toe, toe, dizia a picareta, e sentia uma alegria selvagem ao atirar os torrões tonitruantes pelo plano inclinado abaixo, pressuroso em resvalar na escuridão cheia de odores e içar o carvão com o vigor de gigantes para os vagonetes, e empurrá-los, carregados ao longo dos trilhos para fora. Cada torrão eram poucos momentos para estar mais perto dela, cada vagão um minuto a menos, cada golpe de picareta como o tique-taque de um relógio, cada torrão fora do veio um passo mais perto dela, num túnel do tempo. Mas que dia comprido aquele, na verdade!

Lá no alto da montanha, na minha roupa nova cinzenta, apanhando algumas florinhas para ela, não me lembrava de nada daquilo, mas cantava para obrigar os pássaros a ficar quietos, inclinar a cabeça e abrir um olho. Os pássaros têm bons modos. Se a gente se sente feliz e a voz se eleva numa canção, tratam de pousar mais perto, e não fazem barulho, ficando quietinhos até que acabemos.

A Câmara Municipal tinha esse nome somente porque era a única sala de reuniões públicas que havia na cidade. De tijolos, mas sem caráter. Muito granjeiro acharia vergonhoso tê-la como celeiro. Boa para a criação de ratos, para a afixação de notícias e para as audiências de justiça.

Ceinwen agarrou fortemente minha mão, quando nela entramos, e tive o cuidado de comprar entradas de dois xelins, ficando perto da porta, por via das dúvidas. Esperamos até que o salão se enchesse, mas mesmo então, só seguimos para nossas cadeiras quando o guarda apagou as lâmpadas, justamente antes que se abrisse a cortina, que parou, foi de novo puxada, parou de novo,

houve uma espera, fez-se silêncio, e alguém por trás do palco cochichou que sempre havia aquela maldita trapalhada com a cortina; outro violento puxão, e depois fomos arrebatados. Ceinwen apertava os próprios braços de tanta felicidade.

Tínhamos Shakespeare, pelos membros da companhia, todos desempenhando trechos das peças. Hamlet estava resfriado e o mesmo acontecia a Richard, a Macbeth, a Shylock. Sou capaz de jurar que o mesmo homem desempenhou todos os papéis. Mas muito bem. Ofélia era gorda, como também o eram Cordélia, Lady Macbeth e Pórcia. Mas muito bem, também. É bonita, mas um tanto gorda. Se trabalhasse numa mina de carvão, sabe Deus como se banharia. Creio que só com um bom mergulho no rio.

Muitas palmas lá na frente para uma mocinha, que fez o papel de Julieta, e depois se cobriu com uma cabeleira grisalha e declamou os versos da velha ama. Gargalhadas homéricas mesmo quando ele nada dizia, por causa de Falstaff, que estava atrapalhado com um travesseiro estofado por baixo de sua túnica. Pude ver as tiras que o amarravam.

Depois um drama, por toda a companhia, nos dizia Falstaff, de atores vindos direto do Drury Lane e do Grande Teatro de Milão, e, se tivéssemos quaisquer dúvidas de sua veracidade, fizéssemos o favor de procurar a gerência, e nos agradecia a bondosa atenção, afirmando ficar-nos muitíssimo obrigado e respeitoso. Seu nome era Raymond Foulkes.

— Que coisa elegante — dizia Ceinwen, aos cochichos, e quase desmaiando de alegria por estar ali, mas tão séria se mostrava diante do espetáculo, como se estivesse na capela.

Passamos depois a alguma coisa relativa a um farol, todos ficando loucos porque não havia luz nele, um grande navio que regressava da Cidade do Cabo, cheio de soldados feridos e de belas enfermeiras. Falstaff era o faroleiro e Ofélia sua filha, com grandes tranças, que arrastava com pesar, ou o que quer que fosse, e ele com a mão na testa, caminhando de lá para cá com fortes passadas a ponto de fazer as velas pularem da ribalta, aparecendo então dos lados um apagador comprido, todas as vezes, para acendê-las de novo. Nosso interesse poderia ser maior se pudéssemos avistar o

farol ou o navio, mas estavam nos bastidores e tínhamos que imaginar ver o vilão remando na embarcação. Ele havia apagado a luz, dizia Falstaff, porque seu meio irmão, que fora ferido na guerra, regressava para casa para reclamar sua herança, mas se ele se afogasse, haveria apenas um herdeiro do título e das propriedades. De modo que a luz sumiu, e bem depressa, sem se importar com os soldados feridos nem tampouco com as belas enfermeiras.

Depois Falstaff seguia para a Armada Real.

Nadando.

Em seguida, o vilão avançou, cuspiendo nas mãos por ter estado remando, e enxugando o suor do trabalho que tivera, tremendo em meio da tempestade, muito embora eu tivesse de largar as mãos de Ceinwen, que estavam úmidas de calor. Assobiávamos, gritávamos para que ele fosse de novo jogado na água, mas foi tudo inútil. O que ele fez foi investir contra Ofélia e dar-lhe um bom par de bofetadas, fazendo-a desmaiar. Todos os homens do salão puseram-se de pé, com o paletó semivestido, prontos para pular lá em cima e tirar o tutano quente dos ossos do vilão. E Ofélia jazia estendida no meio do palco como uma trouxa de roupa lavada.

— Gostaria que ele fizesse isso comigo, apenas uma vez — disse Ceinwen, com ternura e bem junto ao meu ouvido. — Rebentar-lhe-ia a pontapés os tímpanos dos ouvidos, a esse danado filho do Diabo.

Mas depois, antes mesmo que a Armada Real tivesse ensejo de se mostrar, ouviu-se lá fora o som de um hino, batidas nas portas, gritos misturados com aleluias e pragas, um chirriado de psius dos que se achavam no salão, arrastados de pés e barulhos de cadeiras, mas o hino fazia-se ouvir mais alto, de centenas de bocas, e os gritos não podiam ser dominados.

— Vamos — disse eu, empurrando Ceinwen para o corredor.

— Oh! Huw — exclamou ela —, haverá mais trapalhadas para mim?

— Para mim também. Espere.

No pequeno vestíbulo, Falstaff estava metendo rapidamente cobres e pratas dentro de uma mala de couro. As duplas portas de entrada oscilavam, sob os pontapés e a pressão dos ombros. Os

postigos das duas janelas estavam sofrendo a ação dos pés-de-cabra e um deles escancarou-se, ao tempo em que Falstaff voava pela passagem que ia dar atrás do palco, com um buraco em ambas as meias e uma chinela que tatalava.

— Vamos atrás dele pelo corredor. Eu ficarei para ver se vem alguém atrás de você.

Ela me beijou, um instante de nada, o toque de uma pena, nem mesmo o desabrochar de um botão de flor na vida do homem. Contudo, naquele instante, revivi as horas em que estivemos juntos, mas embora visse e sentisse as coisas da terra tão claramente, aquele outro mundo que havia vislumbrado, aquela outra música que ouvira, aquele universo que havia criado de mim mesmo, aquele que era meu mesmo, estava distante, muito além de mim, e ansiava por conhecê-lo, e tê-lo de novo, largo, estranho e belo, em torno de mim.

Ela saiu e eu voltei para vigiar a porta.

Então vi Dai Bando e Cyfartha Lewis surgindo no vestíbulo de encontro à porta, que estava agora desaprurada e estalando nas almofadas. Com eles se achavam outros homens, todos agrupados para ver que barulho era aquele.

— Dai — perguntei, tocando-lhe no braço. — Que negócio é esse lá fora?

— Muito bem, por Deus — disse ele, sorrindo para mostrar os dentes —, tenho muito prazer em vê-lo, rapaz. Esteve você aqui se divertindo com essas chanchadas?

— Estive, sim. Mas para que essa multidão lá fora?

— É o pessoal da capela. Houve um frege de todos os diabos, porque deixaram os atores representar neste lugar. As capelas estiveram realizando sessões especiais de orações contra o teatro, hoje à noite. Veja que inferneira danada lá fora. Hem, Cyfartha?

— E aqui vai haver um pouco mais, meu querido Dai — disse Cyfartha, desabotoando os punhos. — Vou tratando de limpar meus tombadilhos, como aquele sujeito da peça.

— Vamos sair lá por trás — disse eu.

— Vou sair pela frente — disse Dai, enterrando o chapéu de feltro na cabeça. — Paguei meu dinheiro, como um cristão. Entrei e

sentei-me como dois cristãos e vou sair, como entrei, pela porta da frente, como um cristão. Hem, Cyfartha?

— Ambos os dois, cristãos, Dai — disse Cyfartha. — Vamos pela frente.

— Devo acompanhá-los? — perguntei a Dai, enquanto as tábuas caíam das portas e rostos se mostravam lá fora.

— Venha, rapaz — disse Dai. — Venha no meio de nós. Quando a minha direita estiver ocupada com o queixo de alguém, faça o favor de meter-lhe a ponta da botina nas canelas, hem, Cyfartha?

— Mas com delicadeza, Huw — disse Cyfartha, muito solene. — Com delicadeza, nada de ferir. Se quebrar um osso, veja, será um peso na consciência. Uma pena, na verdade!

— Agora, pronto — disse Dai, abotoando o paletó. Certa frieza de raiva fez-lhe empalidecer os olhos. Fazia medo vê-lo, pois me lembrava dos músculos, que as roupas não deixavam perceber.

Então eles saíram, apertados precipitadamente pela multidão de fora. Um grito se elevou, de dentro e de fora, rostos se viam por cima de nós, vermelhos e ardentes, com olhos parados e bocas abertas, gritando coisas do inferno, de pecadores e do Diabo.

Os punhos de Dai voaram uma e duas vezes e dois homens caíram para os lados, sem sentidos, debaixo dos pés da multidão. Cyfartha sentou sua magnífica esquerda em cheio no nariz de um rapaz alto, com um largo chapéu de feltro. O chapéu voou para o teto. Nunca vi para onde foi o rapaz alto. Um gordo, de paletó preto, com suíças de gengibre, agarrou a gola do paletó de Dai. A cabeça de Dai veio certa por baixo da queixada do paletó preto e eu o vi sumir. Um boné castanho conseguiu assestar um bom murro no pé do ouvido de Dai. Sentei-lhe um pontapé na canela e, como seus dentes se chocassem de dor, o cotovelo de Dai bateu neles para arrancar uns dois.

Depois a lâmpada caiu, quando uma acha de lenha a atingiu, e ficamos na furiosa escuridão.

Uma mão me agarrou, como se fossem as pinças do Diabo, e puxou-me, numa carreira, para a porta, onde o céu se mostrava mais iluminado que a escuridão do corredor. Negras cabeças se moviam ali e viam-se mais grupos lá fora nos degraus, mas com Dai

de um lado e Cyfartha do outro, utilizando cabeças, cotovelos, punhos, joelhos e botinas, entre os gritos de dor e contundentes murros na carne e fortes pontapés de botas nas canelas, conseguimos chegar a um ar mais fresco, mas ainda muito apertados em meio da multidão ululante, sentindo-lhe o hálito na cara, e sua mistura de fumo e de suor.

— Cabeças baixas, Dai — gritou Cyfartha. Entrançaram seus braços e me infiltrei entre seus ombros, e, de cabeça baixa, irromperam por entre aquela multidão, como uma chama através do papel, enquanto eu acalcanhava corpos e até mesmo caras, daqueles que ficavam parados para bloquear a passagem.

Prosseguimos enristados na direção de um tablado de barricas, que haviam sido postas ali para a realização de comícios. A mesa e a cadeira voaram e as barricas começaram a rolar, pois a multidão era densa e ia recuando, recuando, diante da pressão dos homens, que abriam caminho para fora do salão.

Fomos comprimidos de encontro às barricas rolantes, mas Cyfartha pulou para cima de uma delas e manteve-a, firme, estendendo uma mão para ajudar-me. Alguém, porém, se aproximou dele, com um tamborete levantado, para descarregá-lo em cima de sua cabeça. Então gritei. Vi Cyfartha voltar-se e mergulhar, enquanto eu caía de costas em meio da multidão. Quando me levantei de novo, estava ajudando Dai a se pôr de pé, e ele depois se dirigiu para o meu lado.

Foi então que os policiais chegaram. Achava-me ao lado de Cyfartha, quando vi os espigões de prata, brilhando em seus capacetes. Dai também os viu, e assestou no sargento um semiesquerdo que o estendeu no chão, com os pés pulando de todo jeito, e quando o segundo chegou para meter-lhe o cassetete, um arpéu apanhou-o em plena curva macia da barriga, sua boca virou para um lado, e ele caiu em meio da multidão vociferante. Cyfartha havia feito alguma coisa ao terceiro, e o quarto tratou de pôr-se a salvo.

Mas agora os policiais estavam dispersando a multidão e Dai viu o perigo de mais cadeia. Curvou o polegar para Cyfartha e me agarrou.

— Vamos — gritou ele. — Metamo-nos por uma loja e saiamos por trás. Depressa.

Mas eu pensei em Ceinwen e escapuli-me de Dai, para a clareira que havia entre mim e o salão.

— Encontrar-me-ei com você amanhã, Dai — gritei, pulando para baixo e correndo depressa para a porta do lado, evitando, por um triz, uma investida dos homens. Estava escuro naquele lado, sem nenhuma luz, mas a porta estava aberta e eu entrei.

Havia ali duas salinhas, mas ambas vazias, ambas quentes dos corpos daqueles que haviam vivido um pouco de suas vidas ali, e das velas que tinham marcado o tempo com sebo derretido.

Então, foi aceso um fósforo e vi o porteiro, com a baeta verde de seu avental rasgada no peito, olhando para mim como se fosse eu, no mínimo, um mágico, com um crânio e serpentes saindo dos olhos.

— Que é isto? — perguntou ele, tremendo que dava para desnatar manteiga.. — Diabos, homem, você está aí de pé, teso como um defunto. Fale, homem.

— Viu você alguém aqui hoje à noite? — perguntei-lhe. Como são estúpidas as coisas que dizemos em ocasiões como essas.

— Se vi alguém? — perguntou-me ele. — Ora, diabos me levem! Se vi alguém? Os cinco vales passaram por aqui, mandando uns aos outros para o inferno, a noite inteira. Se vi alguém? Terá havido alguma criatura que ficasse em casa?

— Desculpe, eu estava à procura de uma moça.

— Mais vergonhoso ainda — disse ele, acendendo um pedaço de vela, num buraco da parede. — Moças a estas horas da noite?

— Ela descia por este caminho, quando a luta começou.

— Oh! — disse ele, impaciente de raiva — não tenho tempo para conversas a respeito de moças. Viu o meu salão? Uma verdadeira manjedoura. Vou levar uma semana para limpá-lo. Gostaria de poder assentar minhas botas nas queixadas de alguns deles.

— Viu uma moça de cabelo louro? -É jovem e sorridente.

— Oh! — disse ele, apertando os olhos, com acrimônia — uma namorada, não é?

Acenei que sim.

— Sim — disse ele, meneando a cabeça, mas de lábios cerrados —, me lembro. A Sra. Prettyjohn levou-a consigo. Seguiram de carro.

— Para onde foram? — perguntei-lhe, sentindo um frio invadir-me.

— Para qualquer parte, e graças a Deus! Estúpido que fui. Não haverá mais atores aqui. Ninguém de hoje em diante. Fiquei até o gargalo. Boa noite.

— Boa noite — disse eu, e saí.

Ah! meu Deus! Como fazia frio lá no alto da montanha naquela noite, frio dentro e frio fora.

E uma luz na cozinha e a porta do fundo aberta, quando eu entrei em casa.

— É você, Huw? — chamou meu pai, lá da cozinha, e eu estaquei.

— Sim, papai.

— Venha cá — disse ele, e eu entrei, fechando a porta com o ferrolho e levando nisso "muito tempo, imaginando o que tinha acontecido para que sua voz tivesse aquele tom.

— Você foi assistir ao espetáculo desta noite? — perguntou-me, quando entrei e fiquei de pé diante dele.

— Fui, sim, papai.

— Quer você envergonhar sua mãe e a mim, dessa maneira? — disse meu pai, cheio de cólera.

— Não há vergonha nenhuma, papai.

— Vergonha, sim. Você tem a coragem de voltar aqui para casa fedendo ainda a catinga e ao contato deles, com o cérebro manchado de suas porcarias? Pense na vergonha que isso é.

— Mas, papai, foi só Shakespeare que eles representaram. Não houve porcarias.

— Porcarias de Satanás. Que outra coisa poderia você retirar dessa sentina de corrupção? Meretrizes, marimachos e peralvilhos, exibindo suas quinquilharias na sua frente, não é? Tenha vergonha disso, Huw Morgan.

— O que me faz vergonha é que o senhor pense assim a meu respeito, papai.

— Fico satisfeito por ver uma amostra de decência em você. Que esplêndida coisa, ser detido na rua por um sujeito, como esse filho de Abishai Elias, que me conta que meu filho está metido com alcoviteiros e maltrapilhos.

— Quero ter uma conversa com ele mais tarde.

— Faça-me o favor de sair e tomar um banho da cabeça aos pés, primeiro, e depois voltará para dentro e rezará pela salvação de sua alma. E se voltar de novo àquele antro e eu souber, ponho-o para fora a bofetões. Não se esqueça.

— Sim, papai.

— Vá se lavar.

E eu fui me lavar.

Estava enregelado, doía-me o corpo nos lugares em que o vento punha seus velhos dedos agudos, através das aberturas, furando-me até os ossos, e nem mesmo senti calor, depois que me enxuguei, de modo que a oração me saía aos pedaços, entre os dentes matraqueantes, e todos os meus sentidos se achavam nos meus dois pés doloridos.

Belo fim para um dia pelo qual ansiara com tanta avidez.

Desejos veementes, realmente.

Quando Olwen enviou um telegrama, para dizer que partia para a América com Gwilym, tive desejo de ir com eles. Mas quando escreveu dizendo que se tinha casado com Blodwen Evans, desejei Ceinwen para me casar com ela.

Que dia aquele, com minha mãe chorando e meu pai tentando dizer-lhe que não havia nada de mal em casar-se em um cartório.

— É tão legítimo como o casamento na capela, e une da mesma forma — dizia meu pai.

— Eles podiam ter vindo para aqui — dizia minha mãe. — É, nós não prestamos para nada.

— Não diga tolices, menina. São negócios, e a viagem para a América toma tempo. Ele agora é um homem de negócios, tendo de construir sua própria vida. E nenhum homem é feliz, se não tem consigo uma boa mulher.

— Não há boas mulheres em cartórios — dizia minha mãe, chorando de encher potes.

— Pare com isso, menina. Londres é grande, e os dias são curtos. Ele podia ter feito muito pior do que casar-se em um cartório.

— Cale essa boca, Gwilym — dizia minha mãe. — O que ele fez não podia ser pior.

Ela porém se conservou muda nos dias que se seguiram, e mesmo os lírios-do-vale do ramallete de Blodwen, que esta enviara num pacote, em nada a modificaram. Estava encolerizada e sofria, por terem seus dois filhos encetado uma viagem tão longa, como aquela de Londres para a América, sem mesmo lhe darem um adeus. E, ainda por cima, um casamento.

— Dei-lhe adeus somente até Londres — dizia ela —, e não até a América.

— Adeus é adeus — replicava meu pai.

— Há adeuses e adeuses — retorquia minha mãe. — Haveria eu de enviar meus dois bons rapazes para essa longa América, com apenas um beijinho e um par de sanduíches de carne e um pedaço de bolo velho? Há adeuses e adeuses. E não me deixaram dar o meu adeus. E eu sou mãe deles.

— Boa carta dos dois — dizia meu pai. — E Blodwen mostrou-se amável. É uma alegria lê-la.

— Fique você com a sua alegria e que lhe faça bom proveito. Você se satisfaz com pouco. Um pedaço de papel qualquer, uma pena e tinta, e não mais lhe importa que seus filhos desçam a colina e se vão pelo mundo afora. Por acaso eu fui para a cama e pus no mundo papel e tinta?

— Cale essa boca, menina — disse meu pai, começando a ficar vermelho. — Trate de fechar essa boca, ouviu?

— Dia virá em que você me terá de boca fechada. Espero que então receberá o devido adeus.

— Oh! Beth — disse meu pai, aproximando-se dela. —

Isso "é coisa que você me diga? Você sentirá menos, quando Angharad voltar para cá. E que não demore.

Sim, e que não demore. Então, que a recordação também não demore.

Capítulo XXXII

Ela mudara muito, além do que se esperava, a nossa Angharad. Mas só vim a conhecer quanto, quando a vi como estava.

Morava em Tyn-y-Coed, onde era a dona da casa, mas nunca subiu a visitar-nos. Nunca.

O cabriole veio buscar minha mãe, numa segunda-feira de manhã, e o criado entregou-lhe uma carta. Leu-a e passou-a a meu pai para que a lesse, enquanto subia a mudar de roupas, de olhos secos, mas de gestos bruscos, como se viver fosse, de alguma forma, uma prova de paciência.

Bron veio para arrumar a casa e cozinhar para nós, e quando minha mãe partiu papai pegou seu balde e subiu a montanha. Bron estalou a língua.

— Trapalhadas, trapalhadas — disse ela. — Pobre Angharad.

— Por que mamãe foi para lá dessa forma? — perguntei.

— Angharad está de pernas cansadas?

— Nem uma palavra contra Angharad eu consinto que se diga — disse Bron, largando a chaleira, que esguichou vapor em cima do forno. — Uma criatura tão boa e tão delicada, sem um prazer na vida.

— Ela está vivendo em Tyn-y-Coed.

— Deveria estar vivendo em Gorphwysfa, todos estes anos — disse Bron, deixando-me completamente surpreso, pois antes nunca se mostrara tão direta nas suas falas a respeito.

Gorphwysfa era a casinha com o pórtico em concha.

— Será que o Sr. Gruffydd já sabe que ela está de volta? — perguntei-lhe.

— Não tardará muito a saber — respondeu ela. — Não faltam línguas para ir contar-lhe.

Estávamos na turma da tarde, naquela semana, de modo que tinha oportunidade de ir ver Angharad, embora minha mãe me houvesse trazido, da parte dela, uma coleção de penas e um livro de Dickens, com bondosas palavras de afeto. Que livro adorável era aquele, chamado Martin Chuzzlewit. Hei de conservar Dickens com os outros capitaneados pelo Dr. Johnson. Mais tarde adquiri o Pickwick dele. Ah! que livro divertido! Levava minha mãe a convulsões de riso, lá embaixo, contando-lhe coisas de Snodgras e daquele outro maluco, o tal Winkle. E aquele gordo pedaço de rapaz, no carrinho de mão, e Sam Weller trocando os ww pelos w.

Mas quando fui a Tyn-y-Coed, no primeiro dia em que tive oportunidade, fiquei tão abalado com o aspecto de Angharad, que mal pude falar direito.

Tinha o cabelo marcadamente branco, mesmo na sombra do aposento.

Uma carência de brilho nos olhos. Uma debilidade que nem mesmo seu sorriso conseguiu disfarçar. Um definhamento das notas da voz, de modo que sua risada tinha um tom fraco, diverso do rico contralto de outrora, que era um alegre som, agradável de ouvir-se. Os dedos lhe tremiam e o aparecer e desaparecer de uma afeiente ruga entre seus olhos, formando três linhas desiguais ali, como a pata aleijada de um corvo, era coisa estranha nela, porque, embora outrora tivesse sido calada, calma, e bem sossegada, mostrava-se, no entanto, sempre cheia de vida.

— Muito bem, Huw — disse ela, quando lhe beijei o rosto.

— Muito bem — disse eu. E nos olhamos.

Seu cabelo estava todo penteado em torno da cabeça, muito bonito, com um chapeuzinho de flores azuis. Uma blusa pregueada na frente, de seda da cor do goivo amarelo, uma comprida saia mais escura, um largo cinto azul da mesma cor do chapéu, com uma grande fivela oval prateada. E um relojinho, com uma cadeia de ouro, por cima do coração. Um anel. Uma aliança.

Aquela menina costumava lavar panelas em nossa cozinha, esfregar o soalho, fazer cócegas no pescoço de papai, para ganhar vinténs e descer correndo a colina, como um menino.

Aquela menina.

Essa mulher.

Angharad.

— Pareço doente e terei que tomar cuidado comigo mesma. Todos que vêm aqui me dizem isso. De modo que diga também e eu ficarei quieta de novo.

— A doença está dentro de você — disse eu. E nos contemplamos de novo.

— Como você está crescido, Huw! — disse, com um trejeito da boca e olhando pela janela, numa voz que parecia ter pesadas cargas sobre si.

— Você esteve fora muito tempo. Lembra-se de quando costumava me dar uns docinhos, para eu ir à escola dominical?

— Meu querido Huw — disse ela, com lágrimas rosadas e brilhantes nos olhos. — E eu costumava tomá-los de você na escola. Sim, me lembro. Era uma vergonha.

— Vergonha, nada. Você gostava mesmo de uns docinhos. Ela agora chorava, mas sem fazer trejeitos de choro. Era um pranto tranquilo.

Pôs um braço em torno de meus ombros, mas olhava pela janela e seu corpo estava teso, espigado, sem curvaturas nem desvios, como se partilhasse de uma fadiga comigo, e fosse um viajante encostando-se a um marco miliário, que assinala um trecho a menos numa longa estrada.

Depois agitou a cabeça e fechou completamente os olhos, limpando-os como se eles se achassem no rosto de um inimigo.

— Que louca sou! Sente-se, Huw, e coma um pouco.

Atravessou a sala até a campainha, com o jeito da Angharad de outrora, e deu-lhe um puxão capaz de fazer tocar sinos nas florestas da Rússia.

— Agora — disse ela —, um pouco de juízo para variar. Huw, você veio daquela tal mina.

Parecia-se tanto com mamãe, que desatei a rir em voz alta.

— Oh! — disse ela, com um sorriso — que coisa agradável ouvir uma risada!

— Venha à nossa casa, menina. Ouvirá boas gargalhadas e dará também as suas, garanto.

— Nunca mais voltarei lá para casa de novo, Huw — disse ela, e percebi pelo modo como dizia aquilo, sem sentimento, abrindo a boca para pronunciar uma palavra após outra, em fieira, todas do mesmo tamanho e do mesmo peso, que era inútil perguntar-lhe por quê. Era perder tempo.

Em seguida entrou a Sra. Nicholas, com a bandeja, e uma menina atrás dela, com outra bandeja.

— Pronto, Sra. Evans — disse ela, com voz grossa, um sorriso em torno do nariz e olhando de soslaio. — Chá, não é?

— Obrigada, Nicholas — disse Angharad, num tom diferente, como Blodwen, mas creio que melhor. — Deixe-o aí. Eu mesma servirei.

— Oh! — disse a Sra. Nicholas — a senhora mesma servirá, não é? Sem dúvida, mas era eu quem sempre servia o chá para as outras patroas. Tire os dedos dos pratos, Enid.

E Enid ganhou um peteleco, com as chaves, nas costas da mão, que ela se pôs a chupar, ligeira.

— Basta, Nicholas — disse Angharad. — Não seja tão ligeira com essas chaves, do contrário serei forçada a tomá-las de sua mão. Eu mesma servirei.

— Sim, Sra. Evans — disse a Sra. Nicholas, fazendo uma pequena vênua, e conservando o mesmo sorriso em torno do nariz —, uma patroa nova é como lençóis novos. Um pouco duros, mas depois virão a ser lavados.

E saiu, na sua rotundidade, na sua gordura, na sua negridão, começando a resmungar logo da porta.

— Uma cachorra, essa dona — disse eu.

— E de raça — disse Angharad, firme e segura. — Azeda-me o sangue estar perto dela.

— Mande-a embora.

— Há quarenta e sete anos que serve à família Evans, e sessenta vezes por dia dirá isso a você. Eu nunca poderia fazê-lo de bom grado. E ela nada tem feito para merecê-lo. A casa anda sempre que é uma beleza, sem que eu mova uma mão. De pé, a todas as horas, vive ela, e muito solícita, com uma xícara de chá, um vidro de sais,

uma almofada. Mas dá-me vontade de gritar, quando a tenho perto de mim.

— Uma cachorra — disse eu.

— Uma cachorra — confirmou Angharad, e nos pusemos a rir.

— Como vão os meninos e meninas nossos conhecidos? — perguntou-me. Mas pelo seu olhar e pela sua voz, percebi que a pergunta que desejava fazer-me estava rubra a gritar dentro dela.

— Bem — disse eu. — Eunice e Eiluned Jenkins se casaram.

Eunice está em casa, e Eiluned foi para Londres, tomar conta de uma lei teria. Maldwyn Hughes foi estudar medicina. Rhys Howell está no escritório de um advogado na cidade, e manda para casa dez xelins por semana. Madog Powys está numa oficina de funileiro para lá da montanha. Olwen encontrou-o lá. Tegwen Beynon casou-se com o filho de Meirddyn Jones e foi morar na fazenda.

Que necessidade havia de prosseguir, se ela não fazia perguntas? Esperava que eu lhe dissesse o que ela ansiava ouvir.

— E o Sr. Gruffydd é ainda o primeiro a se levantar e o último a se deitar — disse eu, inclinando-me para colocar meu prato sobre o soalho a fim de não ver o seu rosto. Mas vi sua mão. — E ele pode ainda ser ouvido de uma extremidade a outra do vale, sem necessidade de esforço.

Silêncio.

E tamanho silêncio, que se poderia mesmo pensar na possibilidade de ouvir as flores bebendo suas pequeninas gotas.

Tamanho silêncio, que partir um biscoito entre os dentes pareceria tão mal como fazer barulho na capela.

— Como está ele, Huw? — perguntou-me, como se seus lábios estivessem secos e desejasse um gole de água.

— Não é mais o mesmo — disse eu, de propósito. Seus olhos foram se abrindo, com agudos pontos luzentes.

— Que há com ele? Está doente?

— Por dentro. Nos olhos e na voz. Como você. Levantou-se e ficou de pé, com uma mão na escarpa da chaminé e olhando por cima de minha cabeça, para a janela. Nada se notava em seu rosto, mas seus olhos eram terríveis, terríveis, terríveis.

— Saia daqui — disse ela. E eu saí.

Fui direto à casa do Sr. Gruffydd, a casinha com o pórtico em concha, e encontrei-o lendo na sala onde tantas vezes havíamos bebido chá juntos. Dava prazer ver a mobília, agora toda nos seus lugares, com um bom tapete feito pela velha Sra. Gethin e sua filha, lá na granja, perto da cachoeira, no alto da montanha.

— Sr. Gruffydd, incomodo?

— Entre, meu caro — disse ele, com um sorriso.

— Angharad está em Tyn-y-Coed. Fechou o livro, devagar, com mãos firmes.

— Sim — disse ele.

— Ela está doente.

— Mandou chamar um médico? — perguntou-me, com algo de novo na voz.

— Não. Mal do coração, é o que ela tem.

Pousou as mãos em cima da mesa, e levantou-se depressa, deixando marcas acinzentadas no verniz do tampo da mesa.

— Nada posso fazer, Huw.

— O senhor é um pregador. "Vinde a mim todos vós que vos sentis cansados."

— Oh! Huw!

Depois fez silêncio de novo, e enquanto durava o silêncio, e enquanto ele permanecia de pé, com os punhos cerrados, eu saí.

Passaram-se semanas depois disso, e um dia minha mãe me disse que Angharad desejava ver-me. Contara a minha mãe o que acontecera, palavra por palavra; ela nada dissera. Nem mesmo fizera um muxoxo. Mas muito tempo depois disso, ganhava eu bocados especiais para tomar com chá.

Encontrei-a na horta, colhendo feijões das vermelhas trepadeiras. Havia deles longas paredes verdes e Angharad entre elas, toda de branco.

— Às ordens — disse eu, por trás dela.

Lançou-me meio olhar por cima do ombro, com as mãos ocupadas com os feijões sobre a cabeça, e deixando-os cair no cesto sem olhar.

— Muito bem — disse ela. — Que estranho que você é! Gentil, sorridente, com a voz um pouco perdida entre as folhas e uma boa

cor, de tanto pular para apanhar as favas, com os braços para cima.

Havia uma parede entre nós, invisível com degraus de ambos os lados, mas nenhum de nós era capaz de mover as pernas. Amáveis estranhos éramos nós.

— Sim — disse eu. — Quer que a ajude?

— Já acabei. Vamos entrar em casa.

Descendo ao longo das videiras, parou para ver se havia piolho nelas, mas apenas olhou para umas duas folhas e ficou firme de novo.

— Sinto-me envergonhada de haver sido grosseira com você, Huw — disse ela com precipitação e algum tremor na voz, olhando para o arbusto.

— Grosseira, não — disse eu, desconsolado, desejando sair correndo.

— Grosseira — disse ela, com mais vigor e mais serenidade, como se sentisse, comigo, o tamanho de minhas mãos e minha vergonha por causa delas. Não tinham lugar onde ficar. — Eu poderia ter-me suicidado quando você saiu. Tenho sido grosseira com uma porção de gente, sem nenhuma falta da parte delas. Sinto muito, Huw, sinto muito agora mesmo.

— Isso não tem importância, menina — disse eu, mais desconsolado, e mais vermelho do que ela poderia ficar. Como a gente se sente idiota, quando alguém está dizendo que lamenta haver feito alguma coisa contra nós! É pior do que se nós mesmos houvéssemos cometido alguma falta. De modo que a gente está tendo o pior dela, duas vezes, no começo e no fim.

— Vamos trocar um beijo? — perguntou-me, tirando o chapéu com ambas as mãos, tímida como uma andorinha e muito gentil.

— Sim — disse eu, e beijei-lhe o queixo. Ela, porém, beijou-me com força.

Depois começou a soprar, com as bochechas inchadas.

— Danou-se! — exclamou ela. — Até que afinal desembuchei!

— O quê?

— Dizer que sentia muito — disse ela, com uma risada. — Levei semanas praticando, rapaz. E nada disse do que pretendia *dizer.

— Não havia necessidade disso.

— Havia, sim. Venha comigo, vamos brincar de pegar em torno do jardim, sim? Quem chegar por último na estufa é bobo.

Saímos. Eu me conservava bem por trás dela. Com as saias enroladas nas mãos, corria como se a glória do céu por vir estivesse ali, e ria para o ar, parando afinal, porque o chapéu caíra e os grampos não lhe seguravam as tranças.

— Oh! — disse ela, rindo e aspirando o ar, contendo o palpitar do peito e retirando grampos de chapéu e grampos de cabelo. — Que bom, Huw!

— Sim, que bom, realmente!

Baixou a vista para os grampos que tinha nas mãos. O vento agitava-lhe os cabelos; ela, porém, se mantinha quieta.

Quentes elevavam-se os perfumes do jardim em torno de nós, da terra revolvida abaixo dos canteiros de moranguinhos, as canções das videiras, um bom cheiro açucarado das macieiras, com a frescura mais acre de dalias florindo na extremidade. E o vento contente por carregá-lo sobre a cabeça com um pequeno assobio, como um empregado de açougue com um bom lombo de vaca para alguém.

Ela olhou para mim, baixou de novo a vista, girou os grampos do chapéu, olhou para a estrada e mirou uma borboletinha azul, baixou a vista para os grampos, ergueu-a para mim, baixou-a de novo. Para cima e para baixo, de novo. Para cima e para baixo. Para cima.

— Obrigada, Huw — disse ela, olhando-me nos olhos.

— Não tem de quê.

Baixou a vista de novo para os grampos.

— Não — disse ela, com as lágrimas prestes a cair. — Não tem de quê! Oh! Huw! Você foi a única pessoa. Ninguém se incomodou. Você lhe falou.

E chorava de rebentar o coração da gente. Veio apoiar-se suavemente em mim, inclinando-se, tremendo, os grampos me furando, enquanto uma abelha grande lançava uma boa olhadela para nós dois.

— Vamos, menina. Não há motivo para esse choro, não é? Tudo passou, agora.

— É a primeira vez que choro. Nunca chorei antes. Daí a razão. Tudo passou. Graças a Deus.

E recomeçou, pior do que nunca. Mas não de dor. Um perfume se desprendia dela, um perfume que eu aspirei profundamente.

— Tudo acabado agora, não é?

Uma boa aspiração de ar, um sorriso a entreabrir-se e uma boa assoadela no meu lenço.

— Ah! querido — disse ela. — Sou como um bebé.

— Espero que haja mais um em casa, quando eu voltar.

— Coitada da Bron! Vamos apanhar umas frutas para ela.

Voltamos pela montanha, com dois cestos cheios dos frutos de arbustos e de árvores. Quando cheguei a casa, era tio mais uma vez.

Um menino, Taliesin, foi o nome que lhe deram. Ivor estava tão orgulhoso naquela noite! E dentro de um mês estaria morto.

Estávamos na turma da noite e subíamos para a nossa barraca. Eu havia parado para agarrar melhor a picareta. Ouvei um estalido, como se se houvesse partido uma pedra.

Ivor gritou em meio da escuridão, mas jamais ouvi o que ele disse.

O teto caiu por cima dele.

E eu fiquei ali, olhando para dentro de uma negra tempestade.

Desamparado, quando a rocha caiu, e estilhaços e poeira voavam cegando e estrangulando.

Nada a fazer senão recuar, ouvindo a quietude aumentar por entre as quedas dos ecos.

— Você está bem, Morgan? — gritava Rhys, com uma vela diante do rosto e a mão em torno dela.

— Meu irmão está debaixo da rocha — disse eu.

— Sangue de Cristo, rapaz! Mande costurar a cabeça, e depressa. Todos nas picaretas e paremos o serviço.

E operários passaram-me, de mão em mão, até que cheguei lá fora. Cavavam apressados para a frente, com picaretas batendo no rochedo e os torrões passando de uma mão a outra, como acontecera comigo.

Encontraram-no, mas ele subiu no seu caixão, já parafusado.

Bron ficou sentada na cadeira do canto durante dias, calada, olhando pela porta de entrada, sem lágrimas, sem rosto fechado, sem nenhum temor. Sentada apenas, silenciosamente, e olhando.

Capítulo XXXIII

— Deu-nos um — disse meu pai, enquanto ninava Taliesin, — e levou-nos o outro. O Senhor dá e o Senhor toma.

— Vá dizer isso àquela criatura que mora aqui perto — disse minha mãe. — Ela terá uma resposta para você. Ou talvez eu lhe poupe esse incômodo.

— Agora cale a boca, Beth — disse meu pai. — Não ateie a cólera.

— Para o inferno, com essa cólera! — disse minha mãe.

— Eu falo claramente para ser ouvida.

O Sr. Gruffydd costumava subir e sentar-se ao lado de Bron, e, às vezes, levava-a até Tyn-y-Coed, para passar a tarde. Mas muito tempo se passou antes de começarmos a ver de novo a Bron de outrora.

Fui de novo para baixo, com Davy, a trabalhar na sua mina, um pouco mais distante do que a de meu pai, apenas poucos dias após a morte de Ivor. Depois Davy seguiu para Londres, para tratar do sindicato, e eu fui para a oficina do ferreiro, como ajudante.

Um dia, voltei de tarde, com uma queimadura. Minha mãe desceu à casa de Bron, a fim de arranjar lá óleo de linhaça, e voltou com ela.

— Este meu filho está sempre se cortando e se queimando — disse minha mãe.

— Um bom rapaz ele é, na verdade — disse Bron, derramando o óleo.

— Palavras doces incham a cabeça — disse minha mãe.

— Sinto uma dor no coração por tê-lo aconselhado, meu filho, a ir trabalhar na mina. Uma dor no coração.

— Por quê, mamãe? — perguntei-lhe. — São pequenas as queimaduras. Outros operários as recebem e nem fazem caso.

— Outros homens são outros homens — disse minha mãe.

— Mas meus filhos são meus filhos. Um bom copo agora de soro de leite, não é?

— Sim, mamãe, por favor. E um pedaço do bolinho amanteigado de Bron.

— Oh! — disse minha mãe, com a boca franzida como uma casinha de botão — com que então os bolinhos amanteigados de sua mãe são para as galinhas, não é?

— Não, mamãe — respondi —, o dia de bolinhos amanteigados aqui em casa é amanhã, mas hoje é o de Bron.

— Só fiz pão, hoje — disse Bron, com um sorriso que mal lhe descerrou os lábios. — Não há ninguém para comê-los, somente Gareth e eu, e preferimos o pão comum.

O silêncio se fez entre nós. Éramos como rochas, sem movimento. E Ivor estava à vontade, no banco, com as botas em cima, dizendo à minha mãe como eram desafinados os tenores, que cantavam no segundo coro, e cantarolando ruidosamente um trecho para mostrar-lhe. E minha mãe de pé, apertando o peito com as mãos, que eram só osso, olhava pelos cantos dos olhos através da janela. Seu olhar, que eu podia ver, brilhava.

Bron dirigiu-se para a porta e apoiou-se contra o umbral, com uma mão espalmada sobre a parede de dentro.

— Oh! mamãe, minha querida mamãe — disse ela, com uma voz que teria mais desembaraço se estivesse chorando —, sinto-me sozinha sem ele. Todas as noites deixo prontas suas botas e sua roupa. Mas elas ficam lá até o outro dia. Oh! mamãe, como me sinto só!

Minha mãe permaneceu parada alguns minutos, depois que Bron se retirou.

— Huw — disse ela —, se Bron quiser vir, ficará morando aqui comigo.

— Ela nunca virá, mamãe. Cada casa com uma patroa.

— Então, você irá morar lá com ela — disse minha mãe, com um andar duro, tirando seu avental. — Vou até lá agora, saber se o

aceitará. Ela deve cozinhar e remendar e dar conforto a alguém. Até que o tempo devido se passe e ela possa encontrar outro marido, você ficará lá.

— Outro marido, mamãe? — perguntei-lhe, e oh! meu Deus! o mundo estava voando aos pedaços e negro de um novo ódio, que vinha cair pesadamente sobre mim como um desmoronamento de rochedos. Senti uma nova espécie de ódio. Um ciúme, uma inveja, uma recusa do sangue de ver outro homem ao lado de Bronwen. Uma nova visão descobri que me fazia rejeitar a ideia de que outro homem pudesse viver no mundo sob a lua, ao lado de Bronwen. Limpar a casa, cozinhar, costurar, cerzir, todas as coisas que as mulheres fazem, em sua vida cotidiana, para os homens, todas aquelas coisas ela poderia fazer para outro homem. Mas deixá-lo penetrar até a grandiosidade da canção, até as estranhas poesias e sons de harpa e adufe, dar-lhe um lugar nos céus dourados, onde giram maravilhosamente muitas luas, não. A unção diante do manancial, a imersão no vivo e mais rico Jordão, o quente batismo, a glória da enunciação, não.

Não!

E um ódio se avermelhou dentro de mim, para me fazer dizer sempre não, não.

Eu era a sentinela, o vigilante.

E contudo, não tinha desejo de estar com Bron, como estivera com Ceinwen. Em Bron havia o seu próprio mundo, que ela conservara para Ivor, e eu era o estranho às portas, sem o desejo de entrar.

Depois eu conhecia e sentia a solidão de Bron. Porque estava isolado do mundo de Ceinwen, o mundo que era meu e dela, que havíamos descoberto juntos. Aquele Jardim de Universos, onde permanecia um anjo com flamejante espada para vigiar que gozásssemos apenas um momentâneo instante de sua beleza, e que nos mandava para fora de novo, com a respiração ofegante, os olhos cegos e uma fraqueza nos membros, para viver num desconsolo em que se engastava a joia da recordação.

— Outro marido — disse minha mãe. — Sim, rapaz. Ela é moça. Não há quem ganhe dinheiro na casa. Tem ainda diante de si vários

anos de beleza. E é demasiado orgulhosa para pedir auxílio. Não tenha dúvida, outro marido. E quanto mais depressa melhor.

— Vou vê-la — disse eu.

Fui à casa dela e encontrei-a sentada na cadeira do canto, olhando ainda pela porta.

— Bron — disse eu —, consentiria que eu vivesse aqui com você?

Ergueu a vista para mim, como se eu estivesse falando em outra língua.

— E você ficaria com o meu salário.

— Sua casa é a de sua mãe -r—disse ela calmamente, mas com bondade, como se desse desculpas a si mesma. Pois percebia-se um brilho interior nos seus olhos.

— Minha casa é em qualquer parte onde eu esteja.

— Isso magoaria o coração de sua mamãe.

— Foi ela mesma quem me sugeriu.

— Por compaixão.

— Por compaixão, não. Tenha juízo. Se você todas as noites e todas as manhãs prepara roupas, deixe que sejam as minhas roupas.

— Não sou uma cozinheira igual a sua mãe — disse ela, em voz já mais débil.

— Você é a cozinheira das cozinheiras, mas mamãe tem mais anos de prática de cozinha do que você. A diferença é só essa.

— Isso irá perturbar sua família — disse ela, correndo os olhos pela cozinha como se procurasse ver se as coisas que tinha a dizer estavam ocultas por trás do bule, ou por trás dos pratos no aparador, ou dos jarros de cobre, em cima da prateleira da chaminé.

— Perturbação haverá, sim, se você disser não. Ficarei envergonhado por me adiantar na proposta, e mamãe ficará pensando que para você não valho nada.

Silêncio. E se as coisas a serem ditas estavam ocultas, bem guardadas se achavam, pois não eram vistas.

Olhou pela porta de entrada de novo, mas agora suas mãos faziam pregas no avental. Por cima dos tijolos e com minhas botas ringindo na areia, fechei a porta com um repelão, ficando de costas

para ela. Bron olhou para mim, com aquele seu sorriso que não era um sorriso.

— Sim ou não? — perguntei-lhe.

— Sim — respondeu ela, com calma e começando a balançar a cadeira.

— Bem. Vou buscar minha cama.

De modo que subi para este quarto, enrolei o colchão, sobre o qual me acho sentado agora, e deixei-o cair pela janela. Fiz o mesmo com a armação da cama. Desci em seguida a escada, para levá-los ao quartinho igual a este, na casa de Bron, e que estava vazio. Voltei para buscar minhas roupas e voltei ainda para despedir-me de minha mãe.

— Bem — disse ela.

— Bem — disse eu.

— Então nos deixa! Outro que vai embora.

— Virei cá muitas vezes, mamãe.

— Muito bem. E todas as noites virá cear aqui, sim?

— Sim, mamãe.

— Então, adeus — disse minha mãe, de olhos enxutos.

— Adeus, mamãe — disse eu, e beijei-a, saindo depois. De calma foram aqueles primeiros poucos meses com Bronwen. Havia uma linha traçada entre nós, tão visível como se houvesse sido riscada de fresco, a giz, todos os dias. De cada lado daquela linha vivíamos nós, e falávamos e sorriamos. Não como estranhos, porque nos conhecíamos ambos muito bem. Sabíamos, quando ríamos, que a nossa risada não era uma risada completa, que não era franca, ou profunda, ou elevada o bastante, que a maior parte dela era retida no seu lado da linha. Sabíamos, quando nos falávamos, que na nossa conversa não estavam totalmente os nossos "eus", mas somente aquela parte de nós que outros poderiam «ver e conhecer como Bronwen e Huw Morgan. Se nos aproximávamos um do outro, éramos como ouriços-cacheiros, com espinhos para conservar-nos afastados, embora nunca os mostrássemos. Mas sabíamos que existiam. O ar entre nós era quente, duma quentura que somente nós dois poderíamos sentir. Nossas risadas eram falsas, duma falsidade que somente nós podíamos ouvir. Nossa conversa era

vazia, falávamos de comidas, da cor das faces de Taliesin e da escuridão que caía tão cedo ao entardecer. Mas sabíamos por que falávamos assim tão vaziamente, e por que nunca olhávamos um para o outro.

Vivíamos brandamente receosos um do outro, embora sem medo e sem mesmo nada de pavor. Vivíamos receosos somente no espírito e na delicadeza de ser receosos, na mesma natureza de receio que sentem os cavalos puros-sangues, quando uma mão se pousa sobre eles, e estremecem sob a pele, da cauda até o focinho.

Um medo do contato, quer de palavras, de olhares, quer do corpo.

E somente porque conhecíamos um outro mundo, que poderia ser atingido num momento, sentido num momento e desaparecer também num instantâneo momento.

Naqueles meses fiquei sabendo por que Eva cobriu-se de folhas, por que eles se ocultaram um do outro, comprovei a magnitude da maldição que os expulsou do paraíso, para trabalharem com o suor da fronte, fora daquela glória, ele para cortar carvão, entre rajadas de poeira, ela, para ficar numa pia, escalavrando as mãos nos refugos de pratos gordurosos.

Estranho é que a gente viva, dia a dia, durante meses e meses, e nada aconteça, exceto levantar-se, trabalhar e voltar para a cama. Depois uma coisinha acontece e a gente a vê com terror crescer em torno, e tomar de nós um pouco da carga, enquanto tentamos simular que estamos em sonho.

Capítulo XXXIV

Davy esteve muito tempo em Londres, sem grande resultado, exceto a ciência do que estava acontecendo nos sindicatos de lá e os relatórios que enviava para o nosso grupo. Eu escrevia a maior parte das cartas e como que podia sentir o sindicato tomar vigor, graças ao correr de minha pena.

Todas as semanas, centenas de novos membros, e todas as semanas mais e mais vozes exigindo aos gritos uma ação contra os proprietários. Mais curtas horas de trabalho, mais dinheiro, votação para lugares onde o filão era o mais rico, fechamento das minas para trabalhadores de fora, tudo isso tinha seus campeões e todos prontos a lutar.

Ianto estivera a falar noites e noites, durante semanas, não a favor de uma ação contra os proprietários, mas contra o governo. Nesse ponto, o Sr. Gruffydd estava com ele. Desejavam que se deixassem de pagar os impostos aos proprietários, especialmente os pagos a cada tonelada vinda de sob os pastos, que já pagavam renda em cima e tinham mais esse imposto, somente porque a galeria principal corria por baixo deles.

— Daqui a pouco estabelecerão um imposto para o ar que está por cima — dizia Ianto. — Nada de impostos, nenhum, nossos próprios vagões e máquinas, pessoal da estrada de ferro, e uma renda às estradas de ferro para o uso de suas linhas por todo o país. Depois uma frota de navios carvoeiros, nossa mesma, para levá-lo ao mundo inteiro. Mas para o mundo somente quando cada lareira do país tiver um esplêndido fogo, cada balde para carvão estiver cheio, e cada adega repleta.

— Quem será o dono de tudo isso? — perguntou-lhe meu pai, segurando o cachimbo e olhando para o bico de sua chinela.

— O povo — disse Ianto, calmamente, mas pálido e com uma chama no olhar. — Somente o povo. Deus fez a terra para o homem e não para alguns dos homens.

— Onde arranjará você o dinheiro para comprar isso, meu filho? — perguntou-lhe meu pai, ainda segurando o cachimbo.

— Deus fez o carvão, papai — disse Ianto —, mas o homem fez o dinheiro. Seria na verdade lamentável, se Deus estendesse Sua mão através das nuvens e desse a todos nós uma letra de câmbio pelas riquezas que Ele fez para nós e nos deu, gratuitamente. O que aconteceria, imagino eu?

— Está fora de minha inteligência — disse meu pai, fazendo cair, na sua inquietação, todo o fumo do cachimbo. — Parece haver verdade no que você está dizendo, realmente. Mas

a Bíblia e Deus não estão metidos no negócio da mina. Somente os livros comerciais e Mammon. A coisa será difícil, meu filho. Muito difícil, deveras.

— Bem — disse Ianto. — É somente quando os homens deixam de lutar pelo direito que são mal sucedidos. Há muitos que querem lutar pelo que é mau. Acabaremos, primeiramente, de qualquer forma com o salário proporcional. Isso será o começo.

Noite após noite, por todos os vales, os operários se encontravam, às centenas, para discutir a respeito do salário proporcional. Homens velhos, como meu pai, que tinham ganho um punhado de soberanos pelo trabalho de uma semana, censuravam os mais moços por causa da controvérsia e mostravam-se cegos aos argumentos. Aferravam-se à escala proporcional, porque era pelo menos um meio de viver.

Depois Ianto foi despedido da mina com Will Thomas e Mostyn Marudydd, os três trabalhadores do sindicato.

Os operários desejavam largar as ferramentas por toda parte, mas Ianto não deixou. Dizia ele que não queria ter crianças famintas na consciência.

Durante semanas os três correram as minas à procura de trabalho, mas nada conseguiram. Embora fossem operários peritos, não havia lugares para eles.

— Eles estão de prevenção com você — dizia meu pai. — Enquanto você tiver vida, não encontrará trabalho nas minas outra vez.

— O senhor tem razão — disse Ianto. — Irei procurar serviço nas forjas, amanhã.

— Está o sindicato tão pobre que não lhe possa dar emprego? — perguntou-lhe meu pai.

— O que faço pelo sindicato — disse Ianto — é de coração. Que diria o senhor de mim se eu me apoderasse de um emprego por mim mesmo criado?

— Mas Ianto, meu filho — disse meu pai —, alguém tem que fazer a tarefa e ser pago por isso.

— Está bem, mas não eu — acrescentou Ianto.

Dirigiram-se, pois, às forjas e obtiveram o serviço de trabalhar nas fornalhas, voltando à noite, para trabalhar à luz da lâmpada. Quatro milhas de ida e quatro milhas de volta, e entre elas doze horas de trabalho por dia. Um banho, o jantar e mais trabalho, com a pena ou com a voz.

Eu trabalhava ainda com o ferreiro, mas fazendo, a maior parte do tempo, serviços debaixo da terra, em vagonetes que se quebravam, em ferramentas embotadas e todas essas tarefas sem importância que o calor e o martelo conseguem consertar.

Pouco prazer sentia em trabalhar com ferro, pois este parece não ter vontade própria. Uns puxões na corda dos foles, um calor que cresce até ficar branco, e lá vem o ferro, como um escravo, pronto a ser batido, na forma que lhe quisermos dar. Na madeira, devemos trabalhar com cuidado, com respeito, com amor. Porque a madeira tem alma e espírito, e não está à mercê dos néscios. Um desvio do cisei por falta de cuidado ou ignorância, uma raspagem excessiva com a plaina, e eis um trabalho arruinado, bom só para o fogo. Mas com o ferro, a gente bate e toma a bater, e somente vê uma fúria de faíscas, como o cuspir de um sapo em resposta, e se cometemos um engano, colocamos outra vez no fogo, uma puxada nos foles, e ei-lo aqui de novo, pobre matéria sem espírito, pronto a ser batido outra vez.

Eu ia muitas vezes à cidade para trazer ferro em tiras, da forja de lá, quando a nossa provisão escasseava e fazia falta para uma obra.

Ali me encontrava eu, certo dia de mercado, à tarde, em roupas de serviço, sujo de carvão da mina e sentindo-me envergonhado por ter de andar no meio do povo, com risco de estragar-lhe as boas roupas.

A forja ficava perto do edifício do mercado, de modo que os granjeiros podiam parar no largo para descarregar e levar os cavalos para serem ferrados, em lugar de onde pudessem avistar os fregueses que chegassem às suas barracas para fazer compras.

De modo que a forja era sempre um lugar movimentado, em dia de mercado, cheio de risadas e de vozes, do resfolegar dos foles, dos quentes assobios dos fogos, do estrondo argentino dos martelos, batendo pancadas, manejados por suarentos operários malhadores, um monótono bater de cravos nos cascos, a queda de limas sobre as pedras, o impaciente respirar do ferro mergulhado no tanque de esfriar, e, acre ao olfato, o derretimento do casco, quando a nova ferradura azulada ficava ajustada.

Do lado de fora, o cabriolezinho azul vindo de Tyn-y-Coed, com a traseira cheia de cestos, e dentro da forja a égua baia, com a pata posterior estirada e presa entre os joelhos do ferrador.

Estava eu a olhar para ela e rindo diante da cara que fazia, sem saber se escoiceava ou não, quando ouvi uma voz muito minha conhecida.

— Ferraduras novas outra vez — dizia a Sra. Nicholas, com aquele sorriso, esculpido em torno do nariz, a um lavrador e sua mulher, moradores no vale vizinho. — Mas era de esperar, vejam só. Fora todo santo dia vive ela.

— Quer dizer que a senhora está tendo muito serviço em Tyn-y-Coed, não é, minha cara Sra. Nicholas? — perguntou-lhe a mulher do lavrador.

*— O serviço não para nunca — disse a Sra. Nicholas, puxando os dedos de suas luvas. — Chega um, chega outro, de manhã até a noite.

— A jovem Sra. Evans está recebendo visitas, suponho eu — disse o lavrador. — O velho Evans é que não queria saber de visitas.

— Não me admirarei muito de ver meu pobre patrão se levantar, todo branco, de sua sepultura, qualquer dia desses — disse a Sra. Nicholas. — É só a pedra do túmulo que o retém preso ali, sou capaz de jurar.

— Deus meu! minha cara Sra. Nicholas, mas por que então? — perguntou a mulher do lavrador.

— Por quê? — disse a Sra. Nicholas, com as mãos erguidas e de olhos em alvo, e um tom de padecimento eterno na voz. — Pelo que está acontecendo lá em casa, ora essa! Estão vocês aqui muito bem metidos em suas roupinhas e dizendo na minha cara que não estão sabendo de nada, hem?

— Não — disse o lavrador, tirando o cachimbo da boca com as sobranceiras levantadas, enquanto sua mulher se aproximava mais, e ambos se curvaram para a frente. — Mas o que é?

— Vocês são os únicos que nada sabem, em todos os cinco vales — disse a Sra. Nicholas, com aflição. — Todos sabem, menos vocês.

— Bom Deus, Sra. Nicholas — disse o lavrador, olhando para sua mulher. Ambos espicharam os beijos um para o outro e olharam de novo para a Sra. Nicholas, como se a sorte deles, perante o Juízo Supremo, estivesse nas mãos dela. — Mas o que é que há?

— Não cabe a mim dizer — disse a Sra. Nicholas, dando um estremeção na cabeça e lançando um olhar para o chão, como se visse o velho Evans, ali jacente, metido na sua mortalha. — Sou apenas a governanta, há quarenta e sete anos e tanto, na família, vivendo a amaldiçoar a minha existência.

— Bem, bem — disse o lavrador —, a coisa é terrível, qualquer que ela seja, não é?

— Terrível, meu caro Sr. Davies? — disse a Sra. Nicholas, com dureza, com a boca cerrada, de corpo espigado e os olhos ficando opacos ao pensar numa palavra. — Não é esse o termo. A filha de um mineiro, minha cara Sra. Davies, usando a melhor porcelana e trajas de chá todos os dias da semana. E isso é apenas um pouco. Imaginem só! Um passeio de cabriole, sim senhores, todos os dias com um pregador.

— Com um pregador, Sra. Nicholas? — cochichou a Sra. Davies.

— Quem é ele, então? — perguntou-lhe o Sr. Davies, com os cabelos se arrepiando.

— Quem? — disse a Sra. Nicholas. — Quem fica lá na casa todas as noites até altas horas? Quem, estão perguntando? Quem, então? Estou na minha cama, com minha vela apagada.

A Sra. Nicholas olhou em redor, mas não reparou em mim, porque eu estava enegrecido e duro, como um rochedo. Curvou-se para eles e cochichou. Eu vi brilhar no espaço os perdigotos de sua fala e, à medida que ela falava, as bocas e olhos dos dois ouvintes arredondavam-se, num sorridente horror.

— Oh! — exclamou o Sr. Davies.

— Oh! Meu bom Deus do céu! — disse a Sra. Davies, baixinho, como se o fogo de santelmo fosse rebentar ali, naquele mesmo momento.

— Sim — disse a Sra. Nicholas, orgulhosa do dever cumprido —, e como hei de saber se ele se retira da casa de noite?

Os três se entreolharam. Demônios bailavam em torno deles.

— E o coitadinho do marido lá na Cidade do Cabo — disse o Sr. Davies —, morrendo pelo seu país.

— O senhor vai ver, Sr. Davies — disse a Sra. Nicholas, de olhos fechados, como se a vida houvesse fugido de seu corpo e levantando o dedo para fazer o gesto de escrever com uma pena. — Espere só e verá.

— Faz muito bem — disse o Sr. Davies, com uma voz de quem está na capela, uma voz tirada do peito e cheia de austeridade —, a senhora é uma serva honesta e fiel.

— Sim, realmente, minha cara Sra. Nicholas — disse a Sra. Davies, num tom de quem dissesse que o menos que a Sra. Nicholas havia feito era ter salvo a todos da força. — A senhora está sofrendo agora, mas a recompensa virá, não é?

— Oh! espero que sim, espero que sim — disse a Sra. Nicholas, tirando um lenço para aparar as lágrimas. — Coitado, coitado do meu patrãozinho Iestyn. Uma suja, saída de uma mina de carvão, emporcalhando a casa dele, que se acha, o pobrezinho, a mil léguas de distância. Oh! meu Deus, meu Deus!

— Realmente — disse a Sra. Davies, com um calor no rosto para ir dali contar o caso a outros. — Sob a guarda de Deus está a senhora, minha querida.

Tive então de sair dali, cego e mudo, esquecido do meu serviço, sem sentir coisa alguma. Vazio, lá me fui, sem ter uma palavra para a Sra. Nicholas. Não obstante nada sentisse, poderia ter matado aquela mulher sem pensar no que aconteceria depois, tendo apenas o nojo de tocar as gorduchas pregas de seu pescoço. Em vez disso, porém, tive a prudência de retirar-me.

Fui para a casa de Bronwen e encontrei-a enxugando Taliesin, depois do banho.

— Ora — disse ela —, você chegou cedo demais, rapaz. Nem o banho, nem nada mais está pronto para você.

— Não tem importância — disse eu, e contei-lhe tudo. Seu rosto ficou branco como a toalha, quando acabei de falar.

— Ah! — exclamou ela, com enfado, fechando os olhos, apertando Taliesin de encontro ao peito e erguendo a cabeça.

— Tenho esperança na alma de que a língua do povo será menos aguda no ferir, quando meus filhos se tornarem homens. Que prazer acha ele nisso?

— Que faremos nós?

— Conte a Angharad — disse ela, como se não houvesse objeção.

— Isso a matará.

— É melhor que saiba de nossa boca. Se aquela mulher escreveu a Iestyn, ele não demorará a escrever, ou talvez a voltar para casa. Isto seria pior para ela.

— É então verdade? O Sr. Gruffydd está indo lá e ficando até altas horas?

— Sei lá — disse Bron, com singeleza, fazendo uma pausa para amarrar o babador de Taliesin. — Que tenho eu com isso? Está fazendo interrogatório?

— Não — disse eu, sentindo-me interiormente perdido.

— Mas pensei que era tudo mentira.

— A questão não é essa. O negócio deles é lá com eles. Nada temos com isso, nem eu, nem você, nem ninguém mais da terra.

— Mas, Bron, ele é um pregador.

— E um homem. E Angharad é uma mulher. E então?

— Mas isso está direito, Bron? Ela é mulher de outro homem.

Ela agarrou Taliesin e beijou-o, a ponto de sua boca marcar uma linda covinha nas gordas bochechinhas. E ele desatou a rir, igualzinho a uma galinha, quase perdendo o fôlego.

— Com que olhos esteve você me olhando durante esses meses?

— perguntou-me, logo depois do beijo, com tranquilidade e com algo de pranto na voz.

Baixei a vista para minhas mãos e vi as veias inchadas no negror da sujeira, e senti uma vergonha que parecia o fio de uma navalha cortando profundamente e doendo tanto, que me dava vontade de gritar.

— Como me sinto envergonhado, Bron — disse eu.

— Envergonhado? — disse ela, respirando forte e com impaciência. — De ser homem? Ou de ser descoberto?

— Não — disse eu, com a navalha cortando cada vez mais fundo dentro de mim —, por ter lançado maiores perturbações no seu espírito.

— Está dizendo tolices, rapaz — afirmou ela, dando novo beijo em Taliesin. — Vá tomar seu banho. Depois coma um pouco e conversaremos novamente.

Enquanto eu jantava, Bron estava lá em cima, mudando seu vestido para sair, de modo que quando ficou pronta eu já havia acabado de comer.

— E agora, irá você ter com o Sr. Gruffydd, enquanto eu vou à casa de Angharad? Ou eu é que terei de ir à casa do Sr. Gruffydd?

— Você irá à casa de Angharad. Se meus olhos derem com aquela cachorra de preto, sou capaz de estrangulá-la. Mas está acima de minhas forças como terei de falar ao Sr. Gruffydd.

— Fale francamente. Diga tudo. O resto é lá com ele.

— Tem razão.

— Agora, adeus — disse ela, aproximando-se e alisando meus cabelos. Depois sorriu para mim, com os olhos semicerrados, mas cheios de brilho. — Oh! Huw, você também recebeu um golpe desagradável. Pensa que eu sou cega, rapaz?

— Não, eu sabia que você sabia, mas pensei que não tinha importância, enquanto nada fosse dito.

Ela riu alto e que risada adorável tinha Bron, profunda, bem dentro do peito.

— Que camarada engraçado é você! Conversaremos mais quando eu voltar, sim?

— Sim — disse eu, sentindo-me pior que nunca, envergonhado e com raiva, e magoado num lugar que eu podia sentir, mas não podia tocar, como se meus miolos houvessem caído sobre uma estrada de cascalho e se fossem esfolando.

— Procure o Sr. Gruffydd antes de encontrar-se com mamãe — disse Bron —, do contrário ela verá em seu rosto que você tem algo a irritá-lo, e não terá dificuldade em arrancar de você coisa por coisa. Agora, adeus.

— Adeus — disse eu. Olhamos um para o outro. Tentei não sorrir para ela, para mostrar que estava levando tudo muito a sério, mas ninguém podia ver seus olhos daquele jeito, sem sentir que suas contrariedades se esvaneciam.

De modo que sorri e Bron riu de novo, com doçura. Depois, devagarinho, fechou a porta.

Fiquei ali sentado até que a luz se extinguiu, pensando em Bron e em mim, ainda com aquela sensação de dor e cheio de irritação, bem como de vergonha. Mas o sorriso voltava à lembrança e tudo se esvaía. Estava quase a sentir um suor de raiva contra mim mesmo, por me ter mostrado tão tolo, a ponto de dizer a Bronwen que tinha pensado que tudo estaria bem, se nada fosse dito, e pior ainda, lembrando-me de sua voz, quando me perguntou com que olhos a andara olhando durante aqueles meses. Envergonhava-me de ter-me mostrado tão estúpido. Chamei a mim mesmo nomes feios e fustiguei-me brutalmente, em espírito, procurando imaginar alguma punição adequada para mim.

Mas o sorriso voltava cada vez e tudo se esvaía.

Bron sabia.

E ria daquilo.

É estranho como um probleminha nosso pode afastar nosso pensamento de uma tragédia, em que estão interessadas outras

peçoas. Tinha-me esquecido de Angharad e do Sr. Gruffydd, e somente o choro de Gareth lá em cima, acordando Taliesin, fez-me pensar na missão de Bronwen, trazendo-me a pensar também na de que me encarregara.

Saí então, desci apressado a colina, dei volta por trás da casinha do pórtico em concha.

— Muito bem, Huw — disse o Sr. Gruffydd, precisamente no momento em que descia os punhos da camisa, e mostrava um rosto ainda úmido e pálido, que acabava de lavar. Seu chapéu, seu paletó e alguns livros estavam arrumados em cima da mesa, e suas chinelas, com as pontas para dentro, junto da cadeira.

— Sr. Gruffydd — disse eu —, tenho uma coisa a dizer-lhe.

— Não poderá esperar, Huw? Já estou um pouco atrasado.

— Estava saindo para Tyn-y-Coed?

— Sim — disse ele, e voltou as costas para vestir o paletó. Pela curvatura de suas costas, percebi que ele estava pronto contra o ataque e, por alguma razão, se sentia enraivecido.

— Foi justamente por isso que vim aqui.

— Para quê? — perguntou-me, ainda frio e de costas para mim. Conte-lhe tudo.

Durante todo o tempo, não fez um movimento sequer.

Ficou apenas à luz da vela, de costas para mim e com as mãos agarradas na gola do paletó.

— Oh! — disse ele, como se eu lhe houvesse dito que havia começado a chover —, até que enfim, não, Huw?

— Sim, senhor.

— Que fazer então? Angharad deve ser protegida.

— O senhor há de convir que só estrangulando a Sra. Nicholas.

— Você não pode impedir o povo de falar, Huw — disse o Sr. Gruffydd, ainda sem nenhuma vibração na voz, ainda de costas para mim —, nem pode impedi-lo de pensar. Todos são vítimas de um meio imperfeito. E só imperfeições é o que se pode esperar dessa gente.

— Que fará o senhor?

— Deixe-me agora, meu caro. Vou pensar em tudo isso.

— Boa noite, senhor.

Mas ele se mantinha calmo, quando saí de lá, ainda de costas para a porta, quando passei em frente da janela.

Achei a aldeia silenciosa, ao voltar para casa, depois de um passeio ao longo do rio. Nem uma luz em parte alguma, exceto na mina. Pensara poder desanuviar a cabeça, mas o passeio fez-me sentir pior do que antes e descobri que a dor permanecia viva dentro de mim, ao subir a colina.

Mesmo durante o tempo em que estivera trabalhando, o rio sofrera uma mudança, bem como as ruas e até o formato da aldeia. Construções se erguiam em ambas as margens do rio, pela estrada que conduzia à capela, e as paredes de novos barracões de maquinismo nivelavam-se com as margens, de modo que as caçambas vomitavam dentro da corrente, e o barulho de todas elas, uma após outra, chegava a entontecer a gente.

As novas ruas eram muito mais estreitas do que as nossas e as portas das casas abriam-se diretamente para a rua, sem jardim, sem flores, sem um pedacinho de verde para abençoar a entrada ou a saída. Nem quintal também, nem mesmo uma folhinha de grama, em lugar de um jardim. E cada casa numa rua cheia de casas, de ambos os lados, exatamente igual à do vizinho, sem nem um tijolo de diferença. E todas elas apertadas umas às outras, sem nem uma polegada de ar entre si.

Quatro novos montículos de escórias achavam-se iniciados, com as extremidades dos cabos correndo até o alto da montanha, de modo" que a escória caía sobre os verdes pastos e se ia amontoando por entre as árvores. Uma grande faia, onde eu havia trepado, não fazia ainda muito tempo, surgia agora dentre um monte fumegante, como a mão de um espírito sepultado.

Havia luz na cozinha quando entrei, e meu coração sentiu-se elevado ao vê-la.

Bron estava sentada na cadeira, costurando. A chaleira pulava em cima da chapa do fogão, o gato descansava o queixo nas patas da frente e abriu somente um olho para mim. Um bom cheiro de sopa de cebola beijou-me o nariz.

— Ainda acordada? — perguntei-lhe, sem olhar para ela.

— Como nós tínhamos que conversar — disse ela, com um sorriso na voz —, não fui deitar-me. Esteve com o Sr. Gruffydd?

— Estive, mas ele só disse que a gente não pode impedir o povo de falar e de pensar. E vai pensar no caso.

— Angharad regressa a Londres pelo primeiro trem.

— Ela estava zangada?

— Não. Já sabia de tudo.

— Já sabia?

— Não morou ela toda a vida aqui? Tinha graça se não soubesse.

— Mas por que então consentiu que o Sr. Gruffydd fosse lá tão repetidamente, todo esse tempo, sem nada dizer-lhe?

— Você pensa que o Sr. Gruffydd não sabia de coisa alguma? — perguntou ela, às voltas com os pratos.

— Para que então ir contar-lhe, ou nos afligirmos mesmo por alguns instantes? — perguntei-lhe, com um profundo sentimento de injustiça.

— Trate de comer o que há, enquanto é tempo — disse, pondo uma tigela de sopa diante de mim. — Eles não causaram mal a ninguém.

— Mas ele é um pregador e ela é a Sra. Iestyn Evans. Com certeza, isto não está direito, Bron.

— Por quê? Por que não está direito que o Sr. Gruffydd veja Angharad?

— Ora — disse eu com a fumaça da sopa umedecendo meu rosto, satisfeito por achar nisso um pretexto, para tirar meu lenço, enxugar demoradamente a cara e ter tempo de pensar.

— Sim, e então? — disse Bron, com aspereza, e a faca parando a meio caminho no pão. — Quer que eu diga? Porque seu pensamento é igual ao daquelas belezinhas lá de baixo. Como o da Sra. Nicholas. Que belo irmão você é! E como fala bem! E era você que queria estrangulá-la. Você pode, em troca, estrangular-se a si mesmo.

— Ora, Bron, como você está intratável! Eu estava só perguntando por quê.

— Deverá ser o Sr. Gruffydd tratado diferentemente dos outros homens, somente porque é um pregador? — perguntou-me, com cólera. — Será ele menos homem por isso? Tem ele menos direitos?

— Mas eu estou dizendo é que com a mulher de outro homem...
— disse eu, capaz de reduzir a casa a cacos, de tanta raiva.

— Com a mulher de outro homem, o quê? — disse Bron, com uma voz tão fria que seria capaz de gelar o fogão. — Mal a quem, se ele fala com ela e ela lucra com sua companhia?

— Não há mal.

— E então? — perguntou ela, com aquele seu sorriso que não era sorriso.

— Oh! para o inferno! Eu não tenho nada com isso!

Ah! se ouvissem a risada de Bron. Por acessos, irrefreável, enquanto tentava cortar o pão, mas sem forças para segurar a faca.

— Ah! meu Deus! — disse ela, enxugando lágrimas. — Que rapazinho tolo é você, homem!

— Por que é que sou tolo? — perguntei-lhe, tentando sorrir, mas achando demasiado difícil lutar contra a irritação.

— Porque você está fazendo o que o Sr. Gruffydd tem estado a fazer, e ainda por cima dormindo na mesma casa. Gostaria que o povo falasse de você também?

Bem. Aquilo foi como uma luz cegante.

— Ninguém poderá dizer nada a meu respeito e a respeito de você. Eu gostaria de ouvir alguém dizer alguma coisa.

— Não terá de esperar muito tempo — disse ela, com absoluta certeza.

— Está bem, Bron, então eu terei de retirar-me daqui.

— Você ficará. Deixe-os falar. Os pensamentos deles são como uma latrina, e suas bocas, canos de esgoto. E pense bem a respeito de si mesmo, antes de falar dos outros. Eu lhe falei esta tarde da maneira pela qual você olhava para mim. Pense nisso um pouco mais e pergunte a si mesmo se está direito, antes de fazer perguntas aos outros.

Sentei-me como um cão ferido, depois fui deitar-me, sentindo o peso de seus olhos e o seu quente sorriso na sala, mas sem olhar para ela e sem querer retribuir-lhe o sorriso.

Capítulo XXXV

Angharad seguiu para Londres. Ceridwen, com as crianças, também foi, para fazer-lhe companhia durante algum tempo. Minha mãe passou lá um mês, e realmente, pelo alvoroço que fez, podia-se pensar que seria, pelo menos, o polo sul o destino de sua viagem.

Como fica silenciosa uma casa, quando dela se ausenta sua dona.

A gente anda dentro de casa, sentindo o cheiro de sempre como um conforto, o ar que nos passa pelo rosto causa as mesmas sensações, o fogo faz o mesmo barulho, as porcelanas nas prateleiras do aparador riem para a gente, como sempre fizeram, e o relógio de parede bate bem alto, como de costume, seus calcanhares na estrada do tempo.

Mas certo calor se perdeu, uma atividade que se processa logo que a aldrava é levantada, e aqueles rumores que se seguem, o barulho da lata de chá, o ruído da tampa, o tilintar de colheres nos pires, o espocar do fogo, e. o quente chirriado da água fervente sobre as folhas, tudo isso também se foi.

— Meu bom Deus — dizia meu pai —, ninguém saberá a falta que sinto de sua mãe. A doçura se foi realmente da vida. É a primeira vez que fico sem ela, nestes trinta e nove anos. Ah! meu Deus! Estou perdido sem a minha boa Beth.

Muitas vezes vi meu pai escrevendo, sob a lâmpada, coçando a cabeça para encontrar alguma coisa a dizer, contando-lhe até que a asa da chaleira tinha caído, que Gareth cortara uma lasca da porta com meu formão, além de páginas a respeito de Taliesin.

É estranho ver um homem quieto, dentro de seu próprio universo, à procura de joias para ofertar à sua rainha. Muitas vezes imaginei como veria meu pai o universo dele, e desejei estar

sentado dentro dele, um minuto que fosse, enquanto escrevia à minha mãe.

As cartas dela para ele eram de uma página e escritas com letras graúdas, para encher espaço. Sem falta, dizia ela que tinha de apressar-se para apanhar o correio e que continuava sendo sua esposa amante Elizabeth Morgan.

E ele sempre chorava, quando lia aquelas cartas para nós.

Voltei a trabalhar, recebendo apenas uma boa blasfêmia do ferreiro. Mas duas semanas depois, fui enviado para baixo da terra, de novo, com lugar próprio e um rapaz para trabalhar comigo. Tinha doze anos e era um bom menino, mas um pouco jovem demais para o serviço, de modo que o trabalho aumentava para mim.

Estava ele enchendo o vagonete, na extremidade do porão, uma manhã de sábado, e eu me achava na boca, empilhando escórias. Ouvi gritos lá embaixo na galeria e pensei que ele pudesse estar sendo soterrado. Desci então, curvado, escorregando pelo carvão todo o caminho.

Encontrei-o lutando com um rapazinho mais forte e levando a pior, embora agindo com honestidade, mantendo-se de pé e retribuindo bons golpes, quando tinha oportunidade.

— Venha cá — disse eu —, você está trabalhando é comigo.

— Sinto muito, Huw — disse ele, deixando cair as mãos, mas o outro assestou-lhe um forte direto no ouvido, que o estendeu no chão.

Bem, bem.

Um bom murro do lado da cabeça jogou-o por cima de um monte de carvão.

— Um pouco mais de educação — disse eu. — É o que com certeza falta em sua família.

— Oh! — disse um dos operários, que estivera vendo a luta —, desde quando se tornou tão refinada a sua família?

— Faça o favor de conservar sua boca fechada, a respeito de minha família — retruquei-lhe.

— Você então não quer que se fale de sua família, não é? — disse Evan John. — Mas fala-se bem por aí de uma irmã, que é uma

mulher casada e se prostitui com tudo quanto é pregador da freguesia.

Quebrei-lhe duas das costelas com um direito e o nariz com um esquerdo, e só larguei de bater-lhe na cara quando senti que seu maxilar se partia sob meu punho.

Depois voltei ao meu trabalho.

Quando saí da gaiola, na boca da mina, o gerente-assistente acenou para mim.

— A polícia está à sua espera — disse ele.

— Muito bem — disse eu. — Onde?

— No escritório.

Acompanhei-o ao escritório. Um sargento de polícia saiu de trás da porta e bateu-me no ombro.

— Huw Morgan? — perguntou.

— Sou eu mesmo.

— Agressão e lesões corporais — disse ele.

— Posso tomar um banho, antes que o senhor me aferrolhe?

— Não vou aferrolhá-lo agora. Vai ser primeiramente intimado.

— Posso ir-me?

— Está prevenido. Fique em casa.

— Você está despedido da mina, Morgan — disse o gerente. —

Há muitos anos que vocês, Morgan, nos vêm incomodando.

Fui para casa, tomei banho e sentei-me para jantar.

Bron pôs o prato à minha frente e depois olhou para mim.

Eu podia ver seu vestido azul e um pedaço do avental, pelo canto do olho.

— Que foi isso aí nas costas de suas mãos? — perguntou-me, como se tivesse uma mão sobre a boca.

— Se ele fosse solteiro, eu o teria matado. Falou de Angharad.

— Oh! Huw! — exclamou ela, sentando-se a meu lado. — Que houve então?

— Vou ser intimado pela polícia e fui despedido do serviço.

Ficamos em silêncio. Depois ela descansou uma mão no meu ombro.

— Coma seu jantar.

Somente um pouco depois, ouviram-se passos no quintal, sem arrastar de calcanhares, passos ligeiros, nítidos, firmes, de quem tem um dever a cumprir e sem demora.

— O Sr. Gruffydd — disse Bron, e correu a endireitar as cadeiras, a alisar a toalha da mesa e espevitar o fogo.

— Huw — disse ele, grande e escuro, na porta da entrada —, você arranhou uma complicação.

— Sim, senhor — disse eu, de pé. Seu rosto estava pálido e tinha os olhos avermelhados.

— Por causa do meu nome e de sua irmã? Não disse nada.

— Estou envergonhado — disse ele, cansado, mas agitado pela cólera. — Envergonhado. Pior será no tribunal.

— Creio que eles nada têm com isso, nem tampouco o tribunal.

— O Sr. Elias tratará de processá-lo.

— O Sr. Elias? — perguntei, surpreso.

— O Sr. Abishai Elias apresentou denúncia por meio de seu filho, do contrário não haveria intimação. O pai de Evan John é seu caixeiro.

— Esperarei a intimação.

— Vou ausentar-me — disse o Sr. Gruffydd, sentando-se devagar. — Vou deixar o vale. Eles não ousam dizer-me coisa alguma, mas leio em seus olhos. Pelo menos nos de alguns deles. A teimosia em ficar aqui é prejudicial. Já deveria ter ido há mais tempo.

Tinha a fraqueza de um homem derrotado, de olhos baixos sobre o capacho, girando o chapéu entre os dedos, o cabelo caindo-lhe sobre o rosto, e os ombros, uma larga curva enrugada. Bron levava o avental aos olhos.

Eu, frio.

— Sinto muito, senhor — disse eu.

— Vou ter com seu bom pai.

E saiu, enquanto eu ficava a olhar as labaredas, por trás das grades do fogão, em nada pensando, senão na aspereza de suas curvas amareladas e no profundo choro de Bron atrás de mim.

— Bem, Huw — disse meu pai —, que há então?

— Vou trabalhar de carpinteiro.

— Que nos está acontecendo? — disse ele, calmo e pensativo. — É terrível o que nos está acontecendo. Ivor, Ianto, Davy, Angharad e você. Que dirá sua pobre mãe! É melhor não falar nisso. Agora, o Sr. Gruffydd.

— O senhor tentou demovê-lo da ideia de ir embora, papai?

Meu pai apontou com o cachimbo para o alto da montanha.

— Vá você ver se consegue remover aquela montanha de onde está. Ele quer ir para a Patagônia e à Patagônia aportará qualquer dias desses. Vá-se acostumando com essa ideia.

Minha mãe regressou a casa enquanto eu me encontrava para lá da montanha, comprando madeira. Quando entrei em casa, ela estava ainda de chapéu na cabeça, sentada na cadeira de balanço de Bron, ninando Taliesin, com uma toalha por cima de seu vestido de seda preta, para não sujá-lo.

— Muito bem — disse ela, depois que a beijei. — Mais complicações, não é?

— É, sim, mamãe.

— Quando será a intimação? — disse ela, como se estivesse perguntando quando era quarta-feira.

— Depois de amanhã.

— Está com medo? — perguntou, encarando-me.

— Não.

— Muito bem. Trouxe um chapéu de Londres especialmente para você.

— Obrigado, mamãe. Como vai Angharad?

— Está de viagem para a Cidade do Cabo — disse ela, erguendo Taliesin e beijando-o para disfarçar o tremor de seu queixo.

Capítulo XXXVI

Com meu chapéu londrino e minha melhor roupa de casimira, segui para o foro, com meu pai e o Sr. Gruffydd, cada um a meu lado, no melhor cabriole de Thomas, o carroceiro. O povo ficava a ver-nos passar, descendo a colina, através da aldeia, sem um sorriso ou um gesto.

Por todo o caminho pela montanha, os montes de escória pareciam os dorsos de animais sepultos a se erguerem da mina. Árvores vivas estavam sepultadas neles, e em alguns cresciam urzes, com suas lâmpadas acesas, e o capim lutava por permanecer verde, em qualquer parte onde o vento o deixasse em paz.

— Ficaré alguma parte do vale livre das escórias? — perguntei a meu pai.

— Nos meus tempos de rapaz não se permitia isso — disse meu pai. — A ociosidade, a mão de obra ruim e a barateza, meu filho. Mas estou pensando é em ver você livre. As escórias aí estão, que se há de fazer?

— Arranjamos um bom advogado para você, Huw — disse o Sr. Gruffydd —, de modo que tem todas as probabilidades de sair livre.

— Não estou receoso — disse eu, e, por estranho que pareça, não estava mesmo. Sentira uma sensação estranha no estômago, como se uma janela estivesse ali aberta, só de pensar no foro, na polícia, no juiz, e pior de tudo, na prisão e nas grades.

Mas Bron me havia dado o chapéu, antes de eu sair, e ficou junto à porta para beijar-me em despedida.

— Adeus — disse ela.

Olhamos um para o outro, longamente, profundamente. E, de súbito, tive conhecimento de sua solidão, de sua tristeza, de seu desejo de Ivor, que ela jamais demonstrara por palavras ou olhares.

As mulheres têm suas valentias próprias, sua grande coragem peculiar, que é da mulher e não pode ser comparada com a coragem mostrada pelo homem.

Naquele instante em que só pensava em mini mesmo, com ventanias uivantes através da janela do meu estômago, Bron tinha piedade de mim, e, na sua piedade, perdeu, apenas por um rápido momento, o escudo de sua coragem. Mergulhei profundamente no seu olhar, senti o vazio que havia por trás dele, ouvi uma voz que clamava no silêncio e notei as lágrimas que ela derramava, quando todos nós estávamos dormindo.

Tão envergonhado fiquei, que me veio o ímpeto de ajoelhar-me ali mesmo e beijar-lhe os pés.

Bem sabia eu por que os antigos flagelavam-se e usavam o cilício.

— Oh! Bron! — disse eu — só agora é que sei.

Seu rosto se desfez diante de meus olhos e não fui mais capaz de olhar.

Olhei para o alto da montanha, para a verdura, para o azuláceo do cume, para sentir a dureza de seu dorso sob meus pés, seu forte hálito gelado no meu corpo, e depois implorar, em prece, um pouco de paz, enquanto Bronwen se dessangrava a meu lado.

— Já não tenho mais receio, minha querida Bron, mas me alegro que haja acontecido o que aconteceu, somente porque me fez conhecer o que se passa com você. Se tiver de voltar, voltarei. Se tiver de ficar lá, ficarei. Mas quer volte, quer fique, não tenho medo. Tenho apenas vergonha. Adeus, Bron.

Enlacei-lhe o corpo macio e quente com meu braço, e entre suas lágrimas, sentindo a suavidade de sua pele e o cheiro de alfazema cravar suas garras em mim, beijei-lhe a face, num beijo de irmão, e deixei-a, com a minha janela bem fechada, pronto para as mortes da guerra. Os arqueiros de Azincourt¹ não se mostraram mais frios na escolha de uma seta do que eu quando arranquei um galho de resedá para botá-lo na minha lapela.

Subi ao cabriole e segui, não me importando com quem quer que fosse.

Nem prestei atenção ao foro. Tinha aquela mesma sensação de quem vai costurar uma ferida, ou raspar uma queimadura, quando o doutor está enfiando a agulha, ou afiando o seu canivete. A gente embota a sensação, depois de ter pedido a Deus força para conservar a boca fechada e não passar pela 1ª Cidade ao norte da França, perto de Calais, onde, em 1418, os franceses foram vencidos pelos ingleses. (N. do E.)

vergonha de ser chamado de covarde. A sensação de quem está dormindo acordado.

Durante muito tempo estivemos sentados em bancos compridos, entre multidões de gente que eu conhecia. Sorri para elas e foi tudo.

Depois, Evan Johns aproximou-se de mim, com seu irmão mais moço, para falar por ele, porque seu queixo estava amarrado com espessa ligadura e seus olhos ainda inchados e feridos.

— Huw — disse Dafydd Johns —, Evan deseja dizer-lhe que não é ele quem está fazendo isso. Só veio ao tribunal porque foi intimado. Nada dirá.

— Obrigado, Evan — disse eu.

— Sente muito que tenha havido aquela briga e gostaria de apertar-lhe a mão — disse Dafydd.

— Eu também sinto muito o que aconteceu, Evan — disse eu. — Sempre fomos tão bons amigos. Mas veja você, eu não podia deixar de ter feito o que fiz.

Evan apertou-me a mão e fez um leve aceno de cabeça, pois mesmo somente um aceno causava-lhe dor. Fez uma careta e sorriu com os olhos.

— Então, não há processo — disse o Sr. Gruffydd.

— Legítima defesa, se a mina mantiver a acusação — disse nosso advogado. — Será essa a nossa justificativa. O único perigo para nós serão as testemunhas que eles produzirem.

O Sr. Esdras Daniels era um homenzinho com um longo bigode que descia até o queixo e depois se virava para cima de novo com outra volta, como dois semicírculos bem besuntados de pomada. Usava também o cabelo emplastado na cabeça, para encobrir-lhe o rosado do crânio. Tinha uns olhinhos pretos, que olhavam para a gente como um vendedor de roupas feitas olha para medir-nos o

tamanho, mas o Sr. Daniels mirava a gente por causa de uma nota de custas, seis e oito pence, com selo, cinco xelins, e honorários com despesas, e suplicava que queria continuar a ser seu mais humilde e mais obediente servo, impresso em cursivo e com um borrão de tinta encarnada.

— Morgan — gritou um homem de beca negra, com uma cara cujo colorido lhe vinha de um frequente manejo de copázios de vinho. Passei por ele, enquanto se achava ainda de boca frouxa.

Quatro velhos no banco lá em cima, atrás, e aquele lá da ponta era Abishai Elias.

— Suba para a tribuna — alguém me disse, e subi para um pequeno espaço, atrás de três faces de madeira, enquanto o mundo arrastava pés e falava em voz alta, capas de livros pendiam da extremidade das carteiras, parecendo uma escola, quando o professor se ausentou por um instante.

Jamais ficarei sabendo até hoje como o homem que me pediu para erguer a Bíblia pronunciou o juramento. Disse-o num longo palavreado e eu, em troca, repeti o que havia ele dito, somente confiando no som produzido no meu ouvido. Se pronunciei o juramento, não foi na minha linguagem, mas ninguém me poderá dizer que foi em inglês.

Jurei pelo Deus Todo-Poderoso.

Há terror nas palavras.

Contudo, na boca dele e na minha, nada mais que uma confusão de sílabas, que faria vergonha mesmo a uma criancinha.

Depois disso, recaí na minha sonolência. Achava-me lá no alto da montanha, com Dai Bando e Cyfartha, com Shani descendo para a escola, com Ceinwen no espetáculo, em qualquer parte e com qualquer pessoa, mas firme no propósito de não prestar ouvido à conversa que pudesse ouvir em torno de mim.

Somente quando vi as mãos de meu pai nas costas da cadeira que ficara à sua frente, e a clamorosa palidez do rosto do Sr. Gruffydd, é que abri meus ouvidos.

O outro advogado estava falando aos juízes, com muita graciosidade, um lápis entre os dedos pequenos, num jeito de

mulher quando está tomando chá em companhia de uma visita importante.

— Pedimos desculpas por ter trazido este caso ao tribunal — estava ele dizendo —, mas nas atuais circunstâncias, meu cliente pensou que seria necessário aos interesses da justiça. O fato de nossas testemunhas terem decidido não prestar depoimento é, penso eu, um tributo à bravura do réu. É sabido que ele é amigo íntimo de profissionais do soco e de outros da mesma laia.

O Sr. Esdras Daniels levantou-se muito calmo e curvou-se diante do juiz, com um sorriso tão doce que parecia feito pela rainha das abelhas.

— Excelência — disse ele —, é estritamente necessário esse preâmbulo?

— Meu amigo deve permitir-me que informe o tribunal — disse o Sr. Pritchard, com um sorriso que tapearia os próprios anjos — a respeito das circunstâncias que nos forçam a retirar as intimações, tendo causado desta maneira grande quantidade de inconvenientes e evitável demora a um tribunal por demais sobrecarregado.

*

*

— Continue, Sr. Pritchard — disse um dos velhos, e quatro cabeças assentiram, em fileira.

— Há pouco mais a ser dito — disse o Sr. Pritchard, com um movimento de cabeça, e falando do fundo da garganta, como se seu almoço o estivesse perturbando. — O desgraçado caso, como já disse, foi motivado por uma referência à irmã do réu, uma mulher casada, e bem conhecido pregador. Sem dúvida, o réu sentiu-se obrigado a defender o nome da mulher, e assim o fez, com selvagem crueldade, executando a lei por suas próprias mãos, em vez de invocá-la em seu auxílio, e de maneira devida, pedindo satisfação perante a alta corte com um libelo de calúnia assinado pela mulher, ou seu marido ausente, ou pelo pregador interessado. Isso não foi nem está sendo feito. E hoje, por causa da intratabilidade das testemunhas, sou obrigado a pedir ao tribunal permissão para retirar a queixa.

— Alego — disse o Sr. Esdras Daniels, de pé, e falando como se estivesse profundamente embriagado de cólera — que meu cliente, e outras criaturas inocentes, foram sujeitos a excessivas indignidades.

O juiz deu uma pancada com o martelo.

— Está encerrada a audiência — disse a velha voz —, nada de indignidades, apenas vergonha. Vergonha, realmente. Está encerrada a audiência. E nem se sabe bem se estamos certos suspendendo a audiência.

Outro homem, sentado abaixo dos quatro, permanecia na sua cadeira, conversando com eles, em voz baixa, enquanto o barulho de botas e vozes se tornava mais alto no tribunal. O Sr. Daniels e o Sr. Pritchard travaram uma curta conversa, muito satisfeitos, também, com uma risadinha no fim, antes de amarrar os papéis e dá-los a um homem com uma sacola por trás deles.

Uma pancada com o martelo e silêncio.

— Encerrada a audiência — disse o velho. — O caso seguinte.

— Pode sair — disse o homem de toga para mim, e retirei-me entre multidões de caras que me fitavam.

Saí diretamente para o cabriole, já encontrando meu pai e o Sr. Gruffydd nos seus lugares, esperando-me.

— Para casa, pelo amor de Deus — disse meu pai, e Thomas ergueu o chicote.

Voltamos para a ampla verdura do vale, sem dizer uma palavra, durante todo o percurso, tendo aquela mesma sensação de um homem que recebeu um golpe e conserva na boca um leve sorriso, quando a gente olha para ele.

— Obrigado, meu caro Thomas — disse meu pai, quando chegamos a casa.

— De nada, homem, de nada — disse Thomas. — Adeus. Nem uma palavra ou olhar para o Sr. Gruffydd, antes que ele partisse, descendo a colina.

— O senhor virá jantar? — perguntou-lhe meu pai, mas olhando para a casa. Eu olhava para o forro de cortiça do meu chapéu londrino.

O Sr. Gruffydd pôs a mão no ombro de meu pai, virou-se e se afastou de nós.

— Oh! meu Deus! — disse meu pai, chorando. — Entre, meu filho, entre e feche a porta.

Pela primeira vez, a porta de nossa casa foi fechada durante o dia.

James Rowlands chegou, pelo nosso quintal, depois do jantar, e ficou parado na porta. Usava sua roupa de sair, e mostrava certa dureza no rosto.

— Gwilym — disse ele —, reunião dos diáconos.

— Oh! — exclamou meu pai — quando, agora?

— Agora mesmo — disse James. — Você virá?

— Irei, sim.

Minha mãe estava observando a ambos em silêncio, pálida, com um brilho nos olhos, mas não de alegria.

— Bem — disse meu pai, olhando para ela.

— Bem — disse minha mãe, olhando para ele.

Com aquele laconismo, falavam sua linguagem própria, com os olhos, com o jeito como se mostravam, com o que irradiavam de si, cada qual conhecendo o que o outro estava dizendo, haurindo energia um no outro, pois tinham estado a aprender, através de quarenta anos de vida em comum, e seus pensamentos constituíam uma coisa só.

— Adeus, então — disse meu pai. Minha mãe acenou com a cabeça e ele saiu.

Naquela noite, quando voltei a casa, depois de uma reunião com Ianto, Bron estava esperando, com o meu jantar.

— O Sr. Gruffydd foi expulso da capela — disse ela. — Os diáconos disseram que ele não poderia continuar. Sete votos contra três.

— Não faltam capelas — disse eu.

— Papai retirou-se.

— Eu também me retiro.

— E eu — ajuntou Bron. — Teremos um cisma.

— Com o Sr. Gruffydd pregando e atraindo toda a gente para a nossa capela. Deixemos os diáconos sozinhos.

— Ele vai partir num navio para a Patagônia, no fim do mês. Pediu-lhes que consentissem que ficasse até então. Mas responderam-lhe que ele era impuro. O Sr. Isaac Wynn.

— Que disse papai? — perguntei-lhe, sem fitá-la.

— O Sr. Isaac Wynn está com emplastos de vinagre — disse ela, destacando as palavras — e seu bom pai com um olho preto.

— Bem. Onde está o Sr. Gruffydd?

— Acabo de levar-lhe a ceia agora mesmo. Estava engradando a mobília. Teve ordem de retirar-se amanhã.

Cólera rubra, gelo de apreensão. O relógio andava, andava, andava.

— Vou ter com ele.

— Amanhã — disse Bron, pondo uma mão sobre minha cabeça.

— A ceia dele está nesta cesta. “Não houve ceia em Getsêmani”, disse-me ele.

Capítulo XXXVI

Na manhã seguinte, logo cedo, desci a Gorphwysfa, mas já encontrei o Sr. Gruffydd de pé, de rosto lavado e vestido, quando bati à porta. A casa estava calada, com fardos amarrados de cordas e engradados ao longo das paredes do corredor, e mais outros empilhados no meio da sala.

— Muito bem, Huw — disse ele, com calma e sem mostrar diferença de outros tempos —, sinto muito prazer por ter você vindo.

— Obrigado, senhor. Já arrumou tudo e nada há mais para eu fazer. Sinto muito.

— Há, sim, meu caro — disse ele, sorrindo. — Um grande serviço você poderá prestar-me. Quer?

Bem.

A gente não tinha outro jeito senão olhar e tentar mover as pedras.

Ele se virou e foi olhar pela janela.

— Lembra-se dos narcisos, meu caro? — disse ele, e sua voz tinha a suavidade do vento do nordeste. — Fomos professor e aluno. Mas sempre amigos. Esta mobília, que fizemos juntos, quero que você a leve para Tyn-y-Coed. Eu prometi que ela iria.

Silêncio de novo e pássaros começando a cantar lá no jardim.

— Errei, chamando esta sala de Getsêmani — disse ele —, maculei o nome. Somos, às vezes, cegos, egoístas e loucos. Fizemos aquele trabalho com amor nesta sala. Éramos felizes aqui. A única coisa que não se enquadrava neste paraíso era eu.

Um melro parecia pôr presilhas e cordéis na voz, lá fora, e tordos gritavam na grama. O céu começava a azulecer.

— O que me entristece é ter de ir sem nada haver feito — disse ele. — Triste por nada haver feito. As línguas ociosas, as infâmias, a miséria de pensamento, são tanto culpa minha como de todos. Talvez eu encontre bom trabalho a executar aonde vou.

Ellis passava e faltava um cravo na ferradura de Mari, a égua.

— Parto esta manhã — disse ele, e Mari parecia dançar, entre as profundezas de sua voz. — Este relógio foi meu pai quem mo deu, quando me tornei ministro. Gostaria de dar mais alguma coisa a você. Fique com ele, Huw. Marcou horas que eu amei.

O calor de seu bolso em minha mão, a maciez do ouro e do vidro.

— Não precisamos apertar-nos as mãos — disse ele, e sua voz cavalgava ventos e mares. Diante de mim, seu dorso negro, curvado. — Viveremos no pensamento um do outro, Huw, meu querido filho. Adeus, com toda a minha amizade.

Saí dali. Saí dali sentindo sangue em meu queixo. Subi para o topo da montanha e lá fiquei, com o rosto metido na grama, até que o sol começou a aquecer-me as costas. Quando descí, Gorphwysfa estava vazia. Nome bem adequado o seu: lugar de repouso.

Durante vários dias depois, a aldeia apresentou o aspecto de um cemitério. O povo andava como se os céus pudessem abrir-se e vomitar fogo. As crianças não eram vistas nas ruas. Uma quietude completa pairava sobre nós.

Meu pai andava como um homem adormecido, mas tomou a iniciativa de pagar aluguel por um estábulo e comprar tinta e cal para limpá-lo. Ficamos lá, diariamente, até o domingo, raspando e pintando.

No domingo de manhã, seguimos como sempre para a capela. Demos bom-dia às mesmas pessoas e passamos à sua frente, pela colina, como sempre havíamos feito. Mas na extremidade da colina,

dobramos à direita e seguimos para o estábulo, que era nossa nova capela. Foi meu pai quem leu as instruções.

Éramos o cisma.

Dez pessoas.

Durante três quartos de hora, estivemos sentados em silêncio e a voz do Sr. Gruffydd, onde quer que ele estivesse, encheu-nos novamente de coragem e da esperança num mundo melhor.

E o seu relógio estava na minha mão, tão quente como quando me dera.

— O senhor está conosco esta manha, Sr. Gruffydd? — disse meu pai, segurando a mão de minha mãe. — Com nossos olhos para as colinas, estamos nós. Assim como o senhor nos disse, estamos fazendo. Para sempre. Deus o abençoe. Sim. E, ó Deus, dai alívio aos corações hoje amargurados. Amém.

— Amém — dissemos todos nós.

— Cantemos um belo hino — disse meu pai. — Vamos dar um pouco de trabalho agora às nossas vozes, antes que elas se amorteçam.

E cantamos. Pareceu-me ouvir a voz de baixo do Sr. Gruffydd, quando a gente a escutava, vinda de um coro, só podendo ser percebida quando se apurava o ouvido e quando se sabia o que se queria ouvir.

À proporção que os meses traziam o inverno, o cisma chegou a ter cem pessoas. Compramos os estábulos entre nós e trabalhamos neles para torná-los um lugar adequado à leitura do Evangelho. Noites e noites ali ficávamos, fazendo cadeiras, carpintejando para o púlpito, armando portas, soalhando o chão, até que causasse prazer entrar ali.

Até mesmo Dai Bando e Cyfartha nos auxiliaram nos trabalhos de pedreiro, pois Dai sabia assentar pedras muito bem, sem precisar tampouco de auxílio para carregá-las.

— Huw — disse ele, uma noite —, quer vir conosco no sábado? Para ajudar Cyfartha. Estamos precisando de "segundos" extraordinários. Você nunca foi até hoje. Não é, Cyfartha?

— É um favor que você faz — disse Cyfartha. — Dai vai lutar, sabe?

— Dai? — perguntei, surpreso, pois ele estava chegando aos cinquenta e também já mostrava fôlego curto, ao chegar ao alto da montanha.

— Luta de aposta — disse Cyfartha. — Sou o cronometrista. Willie Lewis é um segundo em quem podemos confiar, sabe? E você será o outro. Quer vir conosco?

— Se é em benefício de Cyfartha — disse eu —, irei. Para que essa aposta?

— Houve barulho — disse Dai. — Foi Big Shoni. No Três Sinos.

Mas Big Shoni era mais alto e mais largo do que Dai, um homem de voz reboante, que esmurrava homens pequenos e bebia-lhes a cerveja. Muitas vezes fora golpeado na cabeça, com cabos de picaretas, como lição, mas não era desses que aprendem. Muitos tinham medo dele, e mesmo na mina conservavam-se amigos, e davam-lhe bons lugares, onde ele pudesse encher vagonetes com um mínimo de trapalhadas.

— Onde será a luta? — perguntei-lhe.

— Para lá da montanha — disse Dai.

— Estarei lá com vocês.

Capítulo XXXVII

Contei a Bron para onde ia, pois gostava de estar em casa cedo, para contar histórias aos meninos antes de irem eles deitar-se, e longa era a distância do regresso, de modo que sabia que chegaria cedo, se entrasse em casa com o dia ainda claro.

— Bem — disse ela, reflexiva —, contanto que nada lhe aconteça, vá.

— Nada acontecerá, Bron — disse eu. — Sinto é não poder contar a história aos meninos. Mas na segunda-feira contarei duas, ouviu?

— Com um par de doces — disse ela. Éramos felizes naquela casinha, felizes deveras.

Não houvera mais uma palavra entre mim e Bron, desde a manhã em que lhe confessara quão envergonhado me sentia, e aquela sensação de estremecimento entre nós desaparecera também. Éramos como que uma só pessoa, nem homem, nem mulher, segura, sólida, em paz.

É estranho sair-se da quietude de uma casa para um lugar onde homens se vão divertir com esportes. Uma mudança, chamam a isto, e é realmente uma mudança.

Nunca antes estivera numa luta pública, de modo que para mim era uma vida em outro mundo e um mundo que eu poderia tranquilamente ver incendiar-se.

O ar tinha um fedor depressivo, acre do calor dos corpos, carregado do odor da cerveja turva, secando nas tábuas que nunca haviam conhecido sabão e água e manchadas de cusparadas de fumo.

Pretos e cinzentos, acotovelavam-se os esportistas sobre bancos, com os rostos vermelhos enfileirados, regularmente, como cabeças

de fósforos, uma atrás da outra, todas as bocas abertas, todos os olhares selvagens, e as vozes misturadas numa espessidão de som e no desalinho de um tom cru, sem boas ideias ou sentido.

Eram feitos à imagem de Deus, todos eles, alguma mulher admirável sofrerá dores para dá-los à luz, a fim de que agora ali se sentassem, de boca aberta, como bezerros no laço, na praça do mercado.

Divertiam-se.

— Dai — disse eu —, gostaria de retirar-me daqui depressa, se você e Cyfartha tiverem outro segundo.

— Que é que há, rapaz? — perguntou-me Dai, inclinando-se para meu ouvido, porque a gritaria era tremenda.

— É vergonhoso trazer bons pulmões para cá — disse eu —, e mais vergonhoso ainda lutar para divertir esses sujeitos. Estariam melhor pastando nos campos.

— Isto é esporte — disse Dai, com tal surpresa, que causaria riso vê-lo —, luta de boxe. Gostaria você que se realizasse numa capela qualquer, então?

— Esses homens ensanguentam-se por dinheiro — disse eu. — Para o inferno com isso!

— Para o inferno também com você! — disse Dai. — Hem, Cyfartha?

— Você lutaria de graça, Huw? — perguntou-me Cyfartha.

— Todas as manhãs, durante anos, com você — disse eu. — Por nenhum dinheiro e um esporte melhor do que este. Eu ensanguentaria um homem se houvesse uma questão entre nós. Mas não por dinheiro. E não por causa desse gado que aí está.

— Se eles o ouvirem... — disse Dai.

— Que vão todos para o inferno! — disse eu. — Terei lá medo de gente pior que gado?

Dai olhou para Cyfartha, com dó e desesperança.

— Que segundo, veja você! — disse ele. — Creio que terei de lutar contra dois, esta noite. Big Shoni e ele, hem, Cyfartha?

Cyfartha largou uma cusparada bem longe.

Dois homens achavam-se na liça, de cabeças nuas e cinturões em torno das calças. Usavam pequenas luvas, piores, porém, do que

o punho livre para golpear, pois o couro estava rasgado e cortava a pele.

Olhei para o soalho, pois ambos estavam tirando a vida um do outro, bate aqui, bate ali, sem ciência, sem cérebro, sem nada, somente os punhos afundando na carne, para fazer o sangue sair borbulhando e as feridas se avermelharem.

Um prazer raro, na verdade, esse esporte, e que agradável ouvir o rebanho berrando!

Um verdadeiro lutador poria os dois na cova e seria uma limpeza.

O que há no espírito de um homem que o faz ganhar seu dinheiro quebrando os ossos e derramando o sangue dos outros é coisa que até hoje não sei.

Senti-me doente por estar sentado ali, com aquela algazarra em torno de mim, aquela mesma algazarra que manchou o ar quando um homem sofreu sobre uma cruz e o sangue esguichou sobre as paredes das arenas romanas, e labaredas consumiram a carne das pernas de homens silenciosos.

Ali conosco, ainda aquela mesma algazarra, imutável.

— Venha — disse Cyfartha —, nosso ângulo é por aqui. O balde e o cantil ali em cima, depressa.

Se você visse Big Shoni...

Um metro e oitenta, sólido, com grossos músculos sob a gordura, e pelado, sem nem um cabelo. Grossos maxilares, que pareciam sair por cima de seu peito, sem auxílio de um pescoço, uma cabeça calva acabando em ponta, como um ovo, com cicatrizes e pequenas mossas, cheias de sombra. Seus olhos é que davam medo, pois tinham um brilho amarelado a qualquer luz, envesgados, parecendo joias do Diabo, postas ali para matar o espírito.

— Deus é a minha vida — cochichou Willie Lewis —, o velho Dai deve estar fora de juízo, para pôr o pé na liça. Olhe só para aquele camarada!

— Grande ele é — disse eu. — Mas Dai sabe bem onde há de bater.

— Espero que sim — disse Willie, reticente. — Se aquele sujeito acertar um murro em Dai, nós o enterraremos na volta. Se você

quer a minha opinião, o velho Dai arranjou uma estralada dos diabos aqui.

— Balde e cantil? — perguntou Dai, içando-se pelas cordas para subir, com uma capa nos ombros e as pernas cobertas por alvos calções e meias, com sapatos macios.

— Tudo pronto — disse eu.

Olhou francamente para mim, enquanto secava as mãos com o conteúdo da bisnaga de pomada. Cada nó de dedo parecia uma pequena rocha, e cada mão maior do que as duas minhas juntas, agora escuras da pomada, que as havia endurecido. Punhos de fazer medo, especialmente com aqueles olhos brancos, que fitavam a gente, sem um piscar, através de fendas que quase nunca se alargavam. Mortíferos eram eles, com coragem que nada conhecia de dúvidas, muito pouco de inquietação e menos ainda de forças superiores. Um homem cujo mundo estava fixado dentro das coisas que conhecia, com as coisas que havia feito e visto, e, tendo visto e feito, conhecia, e conhecendo, não tinha receio, nem desejo de investigar mais além, ou vontade de descobrir um motivo.

— Gado, não é? — disse para mim, na sua vozinha esganiçada.

— Olhe para eles — disse eu —, estão apenas esperando vê-lo todo ensanguentado. Ouça-os, então.

— Estão gritando por uma vitória — disse ele. — Que há de mais nisso?

— Muito — disse eu. — Se você tivesse amigos aqui, estariam tratando de dissuadir você e não gritando por uma vitória. E os amigos do outro estariam tristes, por vê-lo ter a desgraça de lutar com um homem que tem apenas a metade de seu peso.

— Eu, eu tenho a metade do peso dele? — exclamou Dai. — Que diabo me importa? Vou escangalhar com ele em dois tempos.

— Escute então o gado.

— São homens e não gado. Venha ver o que é esporte, homem. Que é que não está direito, Huw? Estará você de miolo mole? Pensei que você fosse um bom rapaz e esperava vê-lo ganhando uns bons soberanos por si mesmo.

— Nunca. Nenhum dinheiro compra meu sangue, ou me paga para vê-lo derramado por quem quer que seja. Luta, sim. Mas não

luta para ganhar dinheiro. Isso é uma prostituição.

Cyfartha tocou então a sineta e botas puseram-se a bater no chão com impaciência. O gado gritava, pronto a espasmar-se com prazer de ver o sofrimento invadir o rosto alheio, as feridas arroxearem o branco polido da carne alheia, o sangue aderir aos punhos e peitos e soalhos, e escorrer vermelho e espesso dos narizes amassados, dos olhos feridos, das bocas partidas.

Eliel John, proprietário do Posto Horn, com uma barriga curvando-se até quase os joelhos, de bigodes grossos, era empurrado para cima das tábuas salientes da liça. Agarrou-se a um poste de ângulo, rolando a vista pelo gado, com um olho macio de álcool e lacrimoso de camaradagem.

— Cavalheiros — disse ele, e respirou fundo para encorajar-se, cômico de ser um sujeito importante, e sentindo no íntimo um desejo de exhibir as qualidades de dignidade que a oratória exige. — Sou conhecido dos senhores todos como um esportista, não é?

— É, sim — gritou a multidão e mais outras coisas.

— É um dever de que me orgulho esta noite, neste recinto — disse ele, com um lento manejo de seu chapéu de feltro cinzento —, onde sou conhecido de todos os senhores, de cada um dos senhores, eu, Eliel John, e meu pai, Enoch John, antes de mim sempre no Posto Horn, e jamais alguém entrou aqui com sede que saísse vazio, por falta de dinheiro para pagar a bebida. Eu, Eliel John, e todos nós somos amigos, e hei de dizer isso até mesmo cara a cara com o Diabo. Eu gosto de vocês todos e todos vocês gostam de mim.

— Sim — berrou a multidão, com algumas injúrias também.

— De modo que, esta noite, neste recinto, estamos todos, e todos gente muito boa, trabalhando pelo nosso dinheiro — disse Eliel John, começando a chorar, a boca como um corte, numa bola, sob a pressão de um polegar. — Não temos que agradecer a ninguém, a não ser ao nosso trabalho e a nós. Podem eles ir todos para o inferno e eu lutarei com qualquer que diga não.

O chapéu de feltro cinzento caiu-lhe da mão e ele também quase caiu da liça, mas os braços que lhe escoravam o traseiro o salvaram, mantendo-o seguro ali. Ele, porém, pensando que estava de volta à

sua cadeira, sentou-se, e foram precisos mais homens para auxiliar os outros, enquanto todos palmeavam e gritavam. Eliel rolava os olhos lacrimosos, inclinava a cabeça para a direita e para a esquerda, agradecendo, como se estivesse num trono.

Depois Cyfartha tocou a sineta de novo e gritou para Eliel que fizesse a chamada dos lutadores. Foram precisos vários segundos a Eliel para verificar que se havia esquecido daquilo que se levantara para dizer, de modo que Cyfartha teve que ir gritar ao seu ouvido, pois o gado berrava de se ouvir até no polo sul.

— Cavalheiros — disse Eliel, ainda sentado —, vinte e cinco turnos. Dai Bando e Shoni Mawr. Apostas! Vamos correr o chapéu para o prêmio e todos deem bastante. Estou dando dez contra um pela vitória de Shoni.

Os braços que o sustentavam estavam cansados e ele voltou a sentar-se, muito pesadamente, de modo que se esborrachou sobre a cabeça de meia dúzia, não menos embriagados do que ele, entre os gritos e risadas de todos. Somente dois se levantaram. Eliel estava caído, aquelas oito arrobas, sem respirar, por cima de três homens, já de boca aberta e com a cara ficando preta.

Cyfartha tocou de novo, e Dai saiu para fora para apertar a mão de Shoni, desviando-se depois para ficar de frente. A fumaça se desprendia dos candeeiros de querosene por cima deles, mal podendo a luz romper a atmosfera turva, para luzir alaranjada por sobre suas cabeças.

Os olhos amarelos de Shoni estavam fixos sobre Dai. Curvado sobre as pernas e firmado nos pés, dava voltas e mais voltas, os punhos levantados, e movendo-se apenas um pouco. Dai movimentava o corpo e saltitava, um pé pousado e outro erguido nas pontas dos dedos.

O braço esquerdo de Shoni contraiu-se, para mostrar uma bola de músculos, por trás do ombro, mas a cabeça de Dai se moveu, e seu ombro direito voou para a frente, cavando um buraco na gordura de Shoni, e seu punho esquerdo avançou sobre o ombro de Shoni para encher-lhe os olhos.

Nada se podia ouvir em meio da algazarra das vozes.

Dai estava acompanhando Shoni, movendo-se lentamente, vigiando.

Shoni piscava um olho amarelo, pois o outro estava perdido, entre lágrimas e sangue, com a carne inchando por cima e por baixo. O braço esquerdo de Dai descarregou-se uma, duas, três vezes, tão ligeiro que mal se podia vê-lo, em cima do nariz de Shoni.

Shoni distendeu o braço direito e, mesmo em meio do vozerio, ouviu-o estrondar entre os cabelos grisalhos da cabeça de Dai. Dai curvou-se sob o golpe, como se recebesse uma pancada de martelo.

Shoni percebeu uma brecha na guarda de Dai, mesmo por baixo do maxilar, e recuou para armar o golpe, mas no momento mesmo em que seus músculos se contraíam, para encaixar o murro, o esquerdo de Dai caiu-lhe plenamente na boca, fazendo-o perder o equilíbrio, e ao cair, um soco direito, que o apanhou bem no queixo, fê-lo cair redondamente, estremecendo o tablado.

Dai veio ter conosco para uma golada do cantil, e ficou olhando para o par de homens que procuravam reanimar Shoni.

Mas o murro de Dai fizera um trabalho limpo. Seus ombros, perto de mim, pareciam brancas paredes de pedra, arredondadas maciamente pelo martelo e o cinzel, com compridas cordas largas, todas formadas de músculos quentes e vivos, embora se custe a acreditar, mesmo tão perto dos olhos.

Durante todo o tempo, o gado berrava, e o dinheiro falava de punho a punho, em apostas. Depois Shoni se levantou, gotejante de água, e o rosto transformado num amontoado de sangue e contusões, um olho amarelo aceso e os punhos já prontos.

Cyfartha tocou a campainha de novo.

Dai entrou, depressa, trabalhando sobre o lado cego de Shoni, mas Shoni havia sido avisado pelos seus companheiros e mantinha uns plenos seis pés, distante do esquerdo de Dai, fora do perigo de seu direito. Por um instante ficaram a olhar um para o outro, silenciosos, pensando no que fazer, enquanto o gado olfateava a manjedoura vazia, pateava e gritava com raiva voraz.

Dai curvou-se, não completamente, até o chão, para ter elasticidade nos joelhos, e arremessou-se, o braço esquerdo projetando-se do ombro, ambos os pés saindo do solo, parecendo

por um instante pairar no ar, pernas distendidas, corpo direito, o punho esquerdo nas contusões de Shoni, o direito recuado e pronto para cruzar.

Mas Shoni aparou o esquerdo, apenas com um estremecimento da cabeça, e quando Dai tocou o solo com as pontas dos dedos um direito curto colheu-o no queixo e jogou-o três passos adiante, no chão, parecendo desmaiado.

Willie correu com o balde e eu com o cantil. Willie ajoelhou-se e ergueu o busto de Dai, enquanto eu lhe mantinha aberta a boca, para introduzir nela o gargalo da garrafa. Dai abriu os olhos, mas nenhum brilho se via neles, e olhou em redor de si, como alguém que desperta do sono.

— De pé, Dai — gritava Willie —, de pé, homem. Você o atingiu, meu querido Dai. Fique de pé. Deixe isso de voar para os anjos, homem. Você o apanhou em cheio. Vá e arrase.

Mas estou certo de que Dai não ouviu uma palavra sequer. Esfregava-o com a toalha, o mais depressa que podia, espreitando o momento de ver a vida voltar-lhe aos olhos. Havia vida, mas estranha, como se vinda de longe, sem luz.

Sem um toque de Cyfartha e sem que nenhum de nós dissesse uma palavra, Dai afastou Willie e pôs-se de pé, puxando as calças e batendo um punho no outro, pronto.

Corremos para o canto, ao ouvir o toque da campainha, mas antes que lá chegássemos, os dois já se embatiam, e eu me virei, com medo de olhar.

A boca de Dai sangrava e um direito havia-lhe achatado o nariz, quando voltei a cabeça. Só se viam os ombros de Shoni, com os punhos para cá e para lá, os braços curvados e tesos, e quando os punhos embatiam, o sangue jorrava. Dai estava de cabeça baixa, curvada sobre a cintura, com o punho contra o peito, sem nada fazer.

Depois estremeceu da cabeça aos pés e virou-se para o lado, tentando ver através do sangue que o cegava, mas Shoni descarregou um murro que o derrubou, as mãos agitadas à procura de alguma coisa onde agarrar-se.

De novo o berreiro do gado.

Shoni olhava para seu canto e algo de um sorriso veio mudar-lhe o aspecto da cabeça, pois se sentia feliz, e pronto para gozar o resto daquilo com o gado, tendo tempo, escolhendo os lugares para assestar seus golpes, sem pressa para acabar, pois sabia, e o gado também, que Dai só ficaria deitado enquanto os sentidos o abandonassem. De modo que, como se vê, é um belo esporte.

Mas Daí estendeu uma mão e tocou o antebraço de Shoni. Somente um toque, somente o bastante para dizer-lhe que estava tocando o braço direito de Shoni e assinalar um lugar onde deveria estar sua cabeça. Enquanto eu o olhava, cheio de surpresa, seu braço direito voou sobre o ombro de Shoni e os dedos raspavam apenas o olho bom de Shoni, cortando a carne como uma navalha, mostrando o osso branco e depois enchendo-se de sangue. Dai enviou um esquerdo, em seguimento, que falhou apenas por polegadas.

Shoni vergou, com as mãos no rosto e o sangue esguichando através dos dedos. Dai dirigiu-se para ele, o braço esquerdo estendido, não com a mão fechada, mas com os dedos estirados, para poder tatear. De novo tocou o ombro de Shoni, e rapidamente os dedos palparam-lhe o rosto, e de novo o braço direito descarregou-se, batendo plenamente de encontro ao queixo de Shoni, que voou para o lado por cima das cordas.

Pulei para a liça ao encontro de Dai, antes que ele baixasse as mãos, mas cheguei por trás dele, pois os olhos se mostravam ainda sem expressão e os dedos tremiam, tateando, em busca da carne de Shoni, enquanto o braço direito estava pronto, com o seu aríete contundente.

— Dai — gritei-lhe ao pé do ouvido —, Dai. É Huw. Baixe as mãos. Já acabou tudo.

— Acabou? — disse ele, procurando olhar para mim. — Eu estou derrotado, então?

— Não, não — disse eu, às voltas com a garrafa. — Agora cuspa, Dai. Você venceu, homem!

Ele cuspiu e seu único dente caiu entre uma espuma de sangue. Depois saiu coxeando, cruzando as tábuas.

Cyfartha veio correndo, capaz de me lançar a jardas de distância, e agarrando Dai pelos ombros apertou-o contra si.

— Dai — gritava ele, a chorar —, Dai! Sou eu, Cyfartha, meu querido amigo.

As mãos de Dai palpavam Cyfartha, com as pontas grossas dos dedos a distância, como se estivessem tocando no seio de sua mãe.

— Teremos que carregá-lo? — perguntei a Cyfartha.

— Sim — disse ele. — Vamos levá-lo para casa e depressa.

— Foi uma bela luta, não foi? — perguntou Dai, olhando para o alto do forro.

— Você o derrotou — disse Willie. — Ele está ainda sem sentidos.

— Muito bem — disse Dai, quieto como um gato, mas com o ardor da vida por trás de sua quietude. — Aconteceu alguma coisa aos meus olhos, Cyfartha.

Mas Cyfartha estava chorando, encostado ao poste do ângulo, de modo que eu e Willie juntamos as mãos para levar Dai até nosso banco e esvaziar uns dois baldes de água sobre ele.

Um dia jamais esquecido aquele, depois da luta. Dai, com uma mão no meu ombro, cego agora pelo álcool que o libertava da dor, enquanto Cyfartha, numa bebedeira soturna, sentia raiva do mundo inteiro.

Seguíamos com a branca frialdade da lua sobre nós, porém mais frio me sentia eu, ao pensar no que iria na mente daquele que mantinha uma mão agarrada ao meu ombro, com a pressão de alguém tomado de pavor.

— Hei de matá-lo — dizia Cyfartha, quando chegamos à vista da aldeia.

— Deixe-me pô-lo a salvo em casa — dizia Willie, mas cheio de medo e de olhos arregalados.

— Eu tenho olhos — dizia Cyfartha, com uma voz selvagem e pronto a bater. — Saia daqui.

— Então, boa noite — disse eu. — Vê-lo-ei amanhã de manhã.

— Vá para o inferno! — gritou Cyfartha. — Você há de ver amanhã. Não é mesmo, Dai?

Willie e eu nos afastamos, enquanto Cyfartha seguia, estreitando Dai de encontro ao peito, e falando como uma mãe.

Todos diziam que a cegueira de Dai era castigo de seus maus costumes, e como eu estivera lá, pensava ser parte de um plano, traçado por Deus, em Sua misericórdia, para ensinar aos pecadores uma lição a respeito da vontade divina.

O cisma foi naturalmente também censurado, e perdemos cerca de vinte pessoas, receosas de que algo pudesse acontecer-lhes, por se afastarem de uma casa decente de orações e irem rezar numa velha estrebaria.

Cyfartha levou Dai a Cardiff, para consultar um médico, mas alguma coisinha delicada, lá bem dentro de seus olhos, havia sido arruinada pelo soco, e embora viesse a enxergar, pouco a pouco, à medida que as semanas passavam, nunca mais recobrou totalmente a visão.

Reuniram suas economias e compraram o Três Sinos, ali vivendo, Dai atendendo ao balcão o dia inteiro, Cyfartha trabalhando na sua turma da mina, como de costume, e ajudando à noite, por trás do balcão.

Somente uma vez, em todos os seus anos de convivência, Dai abandonou sua cadeira no bar, para sair e descer à mina, com suas roupas de trabalho.

Uma vez, somente uma vez.

Uma vez para viver de novo, realmente.

Capítulo XXXVIII

Fiz bonito, naqueles anos em que exerci o ofício de mestre-carpinteiro. De todos os outros vales me procuraram para fazer portas, caixilhos e sólidos trabalhos em madeira. Nosso quintal na casa de Bron, e aqui atrás, parecia, em certo tempo, um depósito de madeira. Tinha quatro operários e um par de meninos como aprendizes.

Creio que éramos felizes então.

Suponho que a felicidade é apenas uma essência de bem viver, que a gente só saboreia uma ou duas vezes durante a vida, e depois passa a viver com o gosto na boca, desejando ter a plenitude dele solidamente entre os dentes, como uma boa comida que se provou e de que se gostou, e que volta à mente para ser de novo comida.

Dois homens andavam requestando Bron com flores e doces. Matthew Harries e Gomer James eram dois bons sujeitos, realmente, e agora que penso neles, era uma honra para Bron ter dois homens como aqueles a rodeá-la, embora jamais assim pensássemos naquele tempo, naturalmente.

Quão estranho é o nosso modo de vida!

Bron e eu vivemos naquela casa durante anos, até que os meninos passaram a usar calças compridas. E só tivemos uma única conversa séria.

Mesmo depois daquele tempo, em que tivera de comparecer ao tribunal, havíamos continuado nossa íntima amizade, mas quando a conversa parecia aproximar-se dos rochedos, eu saía da sala ou passava a falar de outra coisa qualquer.

Tomara a firme resolução de não ser mais causa de perturbações para ela, e mantive minha decisão.

Bron também permanecia firme, por sua parte, e como estivesse eu trabalhando sem descanso, e os meninos lhe tomassem o tempo, poucos eram os minutos que tínhamos para ficar a sós, e bastante tranquilos, para podermos pensar.

É somente quando há tempo para deixar o pensamento correr livre que nos sobrevêm as complicações. Enquanto serrava uma prancha, muitas vezes pensava em Ceinwen. Ela, porém, se fora e ninguém sabia para onde. Muitas vezes fui visitar Mervyn, mas ele de nada sabia, e parecia envergonhado ao ter de falar nela. Depois foram abrir uma carvoaria em qualquer parte e nada ficou da família, de modo que tudo quanto me restava de Ceinwen estava em meu pensamento e ali a conservava, como aqueles que conservam bibliotecas de livros raros, raramente tocados, mas cuja posse enche de felicidade.

Depois, chegou a noite em que Matt Harries pediu Bron em casamento.

Após a ceia, em casa de minha mãe, voltei para a casa de Bron e encontrei-a na cadeira de balanço, costurando distraidamente, olhando para a porta, pois ao abri-la dei logo com os olhos ali fitos.

— Olá — disse eu.

— Olá — respondeu ela.

— Não haverá ceia hoje? — perguntei-lhe, ao ver flores sobre a mesa.

— Ceia em quantidade — disse ela, sorrindo discretamente. — Que acharia de mim como a Sra. Bronwen Harries?

Agora que a questão fora plenamente exposta, tinha sensações de alívio, ao pensar que poderia vê-la ir-se, sentindo apenas tristeza, pois me parecia que ela retinha consigo minha mocidade e toda a minha meninice, cuja perda seria dolorosa. Não mais sentia ciúme, pois sabia que o mundo de Bron não era o meu mundo, que seria um lugar estranho e eu um estrangeiro, infeliz ali.

— Se você gosta mais dele do que de Gomer, está muito bem — disse eu.

— Ficaria satisfeito por me ver ir embora, Huw? — perguntou-me, sem nada de mais na voz.

— Não — disse eu, ocupado com uma linha da toalha da mesa —, pois seria triste vê-la ao lado de qualquer outro homem.

— Por quê?

— Não parece direito que outro homem viva a seu lado, ou que outro ocupe o seu pensamento.

— Por quê? — perguntou de novo, num tom de voz mais caloroso.

Mas está fora do alcance humano dizer por quê, e foi isso o que senti então.

Do mesmo modo que têm os homens punhos e cabeças para se defenderem, têm também as mulheres, em torno de si, uma delicadeza de silêncio, uma barreira construída de coisas do espírito, de dor, de quietude, de desamparo, de graça, de tudo quanto é belo e feminino em igual proporção, e que lhes foi dado porque são mulheres, para defesa de sua feminilidade. E essa barreira é a que o homem encontrará diante de si, para desviar seu ataque másculo, para manter seus braços presos, sua boca silenciosa, seus olhos frios, reduzir seu ardor e conter seus ociosos devaneios. Essa barreira é a que as mulheres que são mulheres conservam sempre a certa altura, saindo de trás dela somente quando, com conhecimento e a plena luz, têm confiança. A gente poderá ver isso nos olhos delas.

Eu sabia que Bronwen confiava na minha palavra, mas em Matthew Harries confiava como em um homem. Os dois eram diferentes e a diferença me chocava, e contudo havia nisso um encanto, pois há honra numa confiança, que repousa sobre a palavra apenas, e um estranho deleite em pensar que somente uma palavra consegue manter tanta coisa em respeito.

— Você é Bronwen — disse eu. — Não há outros motivos.

— A lei é contra o nosso casamento — disse Bron, com calma.

Olhei para ela e vi-lhe os olhos cheios de brilhantes lágrimas, com a cabeça gentilmente pendida para um lado, como se quisesse abençoar-me, sua boca, macia, a tremer e as mãos apertadas no colo.

— Muito tempo estivemos juntos, Bron — disse eu —, e Deus abençoe esses dias. Mas não pense na lei, não seria direito. Nem

você é mulher para mim, nem eu sou para você.

— Isso eu sabia — disse ela, a chorar —, mas só o ter você a meu lado é já um consolo para mim. Você é como Ivor, sabe? E em você eu vejo a ele. Em sua voz, eu o escuto. Seus olhos são iguais aos dele. Calça as botinas como ele fazia. Ata a sua gravata, penteia o seu cabelo como ele.

Foi então que eu verifiquei que pode haver pecado no mundo, e pecado tão vil que as próprias palavras se desonrariam em adiantar-se para descrevê-lo.

Eu havia pensado quê o nosso silêncio, que nosso sentimento fossem os mesmos, nascidos no mesmo temor, um temor do contato que poderia levar à união.

Mas agora sentia-me regelar, ao perceber que Bron estivera conservando a barreira, o mais que pudera, somente para desviar-me, pois descobrira o que andava pela minha mente e o suportara somente porque em mim via meu irmão. A semelhança lhe era querida e ansiava por tudo aquilo, e fora brava, destemida, pronta para resistir àquilo que era realmente meu, somente para ter aquelas pequeninas coisas que em mim eram semelhantes às de Ivor.

Oh! que coisa gloriosa e que coisa estranha, nas suas maneiras de agir, é o amor de uma mulher!

Pensei nela, observando-me a amarrar as botinas, e vendo Ivor. Olhando-me pentear o cabelo e vendo Ivor. Ouvindo-me cantar e sentindo, com facas a cortá-la, a lembrança de Ivor, e durante todo esse tempo em que olhara, observara, faminta, eu pensara que estivesse pensando em mim, como eu era.

Pecado, o negror do pecado, para ser jogado numa sentina do asco. Iscariotes e sua corda estavam ali a meu lado, naquela noite.

— Bron — disse eu, sem olhar para ela —, você sabia por que estava eu envergonhado?

— Sim — respondeu ela, com aquele seu sorriso que não era sorriso. — Mas não faz mal.

— Por quê? Suponhamos que eu houvesse sido um louco. Olhou para o fogo. Tudo era calmo, exceto a chaleira, que assobiava, para dizer-nos que estava demasiado quente e que tivéssemos a bondade

de tirá-la dali, do contrário transbordaria e enferrujaria a chapa do fogão. De modo que tirei-a do fogo e ajoelhei-me ao lado de Bron, sentindo ardor por ela, mas ao mesmo tempo um frio dentro em mim, e, coisa estranha, estava calmo a ponto de poder pegar-lhe a mão e sentir por ela apenas o amor do coração.

— Bem — disse ela, baixo e com pesar, mas com um sorriso que tinha um pouco de choro —, também suponho que teria sido capaz de fazer uma loucura.

— Por causa de Ivor?

— Quem sabe? Por causa de Ivor, sim, para ter a ilusão de que ele tinha voltado. Mas eu me sentia triste, por sua causa também. Tão sozinho. E sempre tão bom para mim. Alguma coisinha a fazer por alguém.

— Então por que disse você que não estaria direito casar comigo? — perguntei-lhe, admirado.

— Oh! — disse Bron, movendo a cabeça. — Ivor era forte, suponho. E eu tinha medo. Sou onze anos mais velha do que você. Você é moço. E o seu pensamento está longe de mim.

— Mas medo por quê?

Olhou para mim com calma e vi nela minha mãe.

— Já esteve você com alguma moça, Huw?

— Sim, já.

— Quem? — perguntou, olhando de novo para o fogo. Fiquei calado porque não estava disposto a quebrar a paz do universo que descobrira lá no alto da montanha.

— Ceinwen Phillips — disse ela, como se eu houvesse respondido.

Não disse nada.

— Oh! Huw — disse ela, pondo um braço em torno de mim. — Como me sinto triste.

— Por quê?

— Por quê? por quê? por quê? — disse ela, com uma risada. — Toda a sua vida dizendo “por quê?” Desta vez, porque é pena pensar na inocência em ruína.

— Mas achei que era belo, muito mais que a vida.

— Sim — disse ela, sorrindo, e oh! só vendo o sorriso de Bron! — Belo, realmente. Ivor disse a mesma coisa a mim.

— É por isso que não nos podemos casar — disse eu, pondo-me de pé. — Ivor encontrou seu universo em você. Serei eu quem haverá de trazer algo de estranho para você e de pisar onde ele ainda vive? Respeitemos a lei sábia.

— Mas, Huw — disse ela, algo chocada —, qual era então esse universo que Ivor possuía?

— Aquele que descobrimos com uma mulher — disse eu, mas envergonhado de falar nisso, porque com palavras soa falso. Das coisas comuns, como bules, podemos falar, porque as conhecemos e são sólidas sob nossas mãos. Mas falar do universo que está oculto em cada mulher é um esforço penoso, pois as palavras não são adequadas a descrevê-lo, e usar as palavras que existem é apenas dar saltos com muletas desiguais.

— Que universo é esse, Huw? — perguntou e sentou-se diretamente para ouvir.

— Oh! Bron, só sei como ele é para mim. Somente por um instante vivemos e nos sentimos verdadeiramente vivos, quando o anjo com uma espada flamejante chega para expulsar-nos a cutiladas. É beleza e é música. Sou um louco.

— Não, realmente — disse ela, com suavidade. — Mas eu também tenho um universo, não é? E o terei com todo aquele com quem consentir em partilhá-lo. Ivor foi o primeiro, porque aceitei Ivor e ninguém mais. Você seria o segundo, se eu houvesse dito sim. Mas nenhum de vocês dois, se eu houvesse dito não.

De modo que Bronwen me mostrou outro aspecto da energia de uma mulher, que é mais forte do que os punhos, os músculos e os gritos masculinos. Porque então, em vez de pensar nela como o guarda de um mundo a mim negado e para mim estranho, por pertencer a outrem, fui levado a encará-la, em realidade e em verdade, como proprietária e possuidora, com direito de recusa e de sanção sobre tudo, como partícipe igual e com direito de dizer quem e quanto, de acordo com a vontade dela e de ninguém mais.

E ela se mostrava maior a meus olhos, com mais respeito, porque tinha responsabilidade e eu não. Sua energia me havia

conservado afastado dela, sua vontade me tinha guiado, seu espírito tinha triunfado. Eu era o vazio de quem espera diante de portões fechados à sua visão, enganando-se a si mesmo ao pensar que espera diante de um caminho aberto, indubitavelmente sem estorvos, e depois, ao tentar entrar, marcha para diante com ousadia, apenas para quebrar o nariz de encontro a algo duro e insuspeitado.

O mundo que eu partilhara com Ceinwen era tanto dela como meu, e o mundo que Ivor tinha conhecido era tanto dele como de Bronwen. Era uma morte para mim pensar em Ceinwen como possuidora, e com direito a permitir que outro homem partilhasse dele.

Mas se eu tinha direito de pensar no mundo com Bron, não havia razão para negar a Ceinwen o direito de partilhá-lo com outro homem.

Morri, mas vivi de novo.

— Huw, pensou você em crianças?

— Que crianças? — perguntei-lhe, como se arrancado da escuridão.

— Crianças — disse Bron, suavemente, olhando-me com piedade. — Ivor tinha dois filhos.

Eu continuava obtuso, pois há vezes em que o pensamento está distante e as palavras são apenas um vestígio de som, sem sentido.

— Gareth e Taliesin, lindas crianças, na verdade. Elas ririam se me tivessem como pai, ou mesmo como padrasto.

— Mas supondo que você fosse pai, Huw, e então? Tão surpreso me mostrei, que ela desatou a rir.

— Espera você descobrir esse mundo de vocês sem se tornar pai?

— Oh! Bron, por Deus — disse eu, e um frio me tomou, fazendo-me tremer e gelando-me o cérebro. Chegava a sentir o beliscar da palidez no meu rosto e nos meus ouvidos a voz do Sr. Gruffydd: — Ceinwen!

Ela olhou para mim fixamente e as rugas de sua testa e acima de seus olhos se desmancharam, como se uma mão lhes tivesse passado por cima.

— Ouviu falar dela? — perguntou-me.

— Indaguei numerosas vezes — disse eu, com intensa dor na garganta —, mas ela se foi. Nem mais pensei nisso. Nem uma vez mais, durante esses anos. Eu sou um porco. Eu sou um porco.

— Mas ora, veja isso agora: um mundo de beleza e de música e, depois, um porco.

— Uma responsabilidade — disse eu, ouvindo uma voz profunda — em beleza e majestade inexprimíveis.

— O Sr. Gruffydd — disse ela rapidamente e com simplicidade.

— Ele me disse e eu o esqueci. Falta de inteligência, disse ele. Bom Deus! Que há conosco, Bron, que agimos como loucos, em vez de agir como homens?

— A beleza e a música — disse ela, olhando para o fogo novamente. — É um apelo, Huw. E muitos não são fortes.

— Você sente esse apelo, Bron?

Ela sorriu para o fogo e ficou calada, rolando no dedo, para lá e para cá, sua aliança de casamento.

— Sinto, sim.

Olhei para a chaleira, para descansar dos mistérios que se empilhavam uns sobre os outros, porque ela estava enegrecida pelo trabalho, com suas infladas bochechas, pronta a executar sua tarefa a qualquer momento do dia, com uma vontade sempre disposta, desejando apenas um pouco de água, um pequeno fogo, para ferver, resfolegar e cuspir, como uma boa chaleira que era.

Invejava-lhe a vida simples. Depois envergonhei-me de novo, pois eu era um homem com responsabilidade, embora pouco pensando nela, ao passo que ali estava apenas uma chaleira, mas executando sua tarefa e vivendo sua vida, uma chaleira, nada mais que uma chaleira, formada à imagem de uma chaleira, não pretendendo ser outra coisa senão isso e cumprindo sua obrigação a qualquer momento, para levar a cabo suas responsabilidades de chaleira.

Mas eu nascera à imagem de Deus, era um homem, criador, com poder de vida e de morte, um pai, abençoado com o dom da semente de Adão, um semeador, para produzir gerações de novas vidas.

Eu era isso e ainda invejava uma chaleira.. .

— É estranho falar dessa forma — disse ela. — Há pouco tempo eu teria corado até queimar. Agora não é nada. Sinto-me satisfeita por sua mãe não estar aqui. Ela haveria de menosprezar-me, decerto.

— Pois eu a prezarei ainda mais — disse eu, beijando-lhe a face —, e você irá casar-se com Matt Harries, não é?

— Pensarei nisso — disse ela, levantando-se para ir buscar a lata de chá. — Os meninos não terão dificuldades com ele. E como ele é bom, também, para eles...

— Eles têm ciúme.

Ela olhou de revés para mim, sorrindo. Senti-me corar de novo e pronto a rebentar a cabeça de encontro à porta, por ser tão estúpido.

— Você está com ciúme, Huw?

— Não.

— Com certeza?

— Com certeza — disse eu, porque senti em torno de nós o calor de Ivor, em torno de Bron, e o pensar que ele estivesse ali vigilante, ao lado dela, encheu-me até as bordas de piedade. Por mais desaparecido que estivesse, ainda a abençoava, pois se achava em torno dela, junto dela, como uma parte sua, com ela dentro e fora do sono, e pensar em beijá-la com algo mais do que o amor do coração era um desgosto profundo e insondável.

— Como sabe? — perguntou, com um pouco de dor, como se eu a estivesse desrespeitando. — Sou tão feia assim?

— Oh! Bron — disse eu, dirigindo-me a ela. Mas deu-me as costas, que eram desempenadas como tábuas, delgadas, uma perfeição de apoio para um braço direito —, você não é feia, mas sagrada. E plenamente o é agora. Como poderia eu ter ciúmes? Se eu fizesse uma loucura com você, qual seria o resultado? Cortaria minha garganta de vergonha.

— Onde estaria a loucura e onde estaria a vergonha? — perguntou-me, fria, com as mãos descansando na lata de chá, e olhando remotamente para mim. — Serei alguém das sarjetas?

Olhei para ela, durante muito tempo, tentando encontrar palavras, mas estas soavam tão magoantes, que receei abrir a boca.

— Olhe, Bron. Um homem, uma mulher, não é?

— Sim — disse, porém pronta a dizer não.

— Ivor e você. Ele se foi, mas você está aqui. Contudo, para mim, ele está ainda com você. Você e ele formam uma só coisa. Ver você é vê-lo. Tocar em você é tocar nele. Pensar em você é pensar nele. Ele a impregna como a alfazema. Suas mãos a tocaram, sua boca a beijou. Ele esteve com você e usou de sua carne para ter seus filhos. Onde haverá aqui lugar para mim?

— Mas, bom Deus do céu! — exclamou Bronwen, mais branca do que eu jamais a vira e com o olhar fixo de fazer medo. — Sou então uma propriedade? Sou Bronwen Morgan, mas Morgan somente porque assim o quis. Ivor é ainda Ivor para mim e nossos filhos, que estão lá em cima, assim lhe dirão. Mas que direito tem você de fazer de mim uma propriedade? Serei por acaso um antro velho, com um sinal do lado de fora? Deixe de pensar tolices, homem, e tome uma xícara de chá.

Bem.

Calei a boca, bebi minha xícara de chá, silencioso, pensativo, observando Bron, mas sem vontade de falar de novo, porque aquilo era como um emaranhado de cordas, que a gente pensa um instante ter desmanchado, mas verifica depois que tem nas mãos nós desencorajadores, de esgotar a paciência e fazer a gente ficar doido. Pensei sentir um pouco de mágoa, também, por terem meus nobres sentimentos sido espezinhados na lata de lixo a quem sem dúvida pertenciam.

— Não me casarei com ninguém — disse Bron, calmamente. — E fica isso decidido. Mas então, nada mais de tolices, ouviu?

— Sim.

— Está bem — disse ela, acendendo sua vela. — Boa noite.

— Boa noite.

Sentei-me. Ela subiu, ligeira, as escadas, como sempre fazia, e atravessou o patamar para o quarto da frente.

Pela primeira vez, ouvi a chave girar na porta, firme e decisivamente.

Dai Bando nunca bateu num homem com mais firmeza.

Ah! meu Deus!

Muito tempo depois disso, o amor voltou a viver entre nós de novo, dessa vez, porém, sem aquela felicidade de outrora, mas com um travo de ressentimento, até que pensei que o melhor seria deixar aquela casa, para que houvesse paz entre nós.

Que horrível sensação essa de percebermos que somos uma carga de corpo e de espírito para alguém que nos é querido.

Matt Harries sanou isso e depressa.

Tinha cabelos louros e crespos, repartidos com perfeição, um belo bigode da cor dos cabelos, sempre penteado, mas nunca engordurado. Tinha também belos olhos cinzentos, que encaravam a gente com firmeza e agudeza irresistíveis.

— Huw — disse ele um dia, aqui neste nosso quintal —, posso perguntar-lhe uma coisa?

— Que é? — falei, metendo a mão no bolso, à procura de um pedaço de lápis.

Ele tinha na mão um cavaco de mogno, do qual arrancava pedacinhos e lançava ao vento.

— Você terá de conservar-se calmo — disse ele, com os cinzentos olhos fixos em mim, com seriedade.

— Que é então? — perguntei, encarando-o também.

— Bronwen — disse ele, calmo, mas como se tivesse vergonha de pronunciar-lhe o nome.

— E então? — indaguei, já começando a ficar impaciente.

— Fala-se por aí — disse ele, como que arrancando as palavras com tenazes.

— Oh! fala-se o quê?

— Com você — disse ele, e um silêncio constrangedor se arrastou entre nós.

— Comigo, o quê? — perguntei, como se fosse outra pessoa que falasse.

— Você e Bron — disse ele, baixinho e como num tom de súplica.
— Sei que tudo isso é mentira, Huw. Mas há você. Dizem que Gomer e eu não somos aceitos porque há você no meio.

— Quem lhe contou isso?

— Foi minha mãe, que ouviu falar nisso, há já muitas semanas, no mercado. Perdeu a paciência comigo e o resultado é esse que você está vendo.

Como ficamos cegos, às vezes, na nossa vida, e, muitas vezes, durante anos e anos!

Como pudera ter imaginado que viveria com Bron na mesma casa, dia após dia, anos a fio, adultos ambos nós, tendo apenas dois meninos na casa a nosso lado, sem que a língua do povo falasse mal de nós? É uma coisa que não sei mesmo explicar.

Devo ter estado louco, durante todo esse tempo.

Porque as pessoas que possuem pequenas redes de esgoto no espírito estão apenas à espera de que um homem more na mesma casa com uma mulher, para começarem a exalar os maus odores de sua perversidade, e quanto maior a rede mais fedorenta, a ponto de causar admiração que essa gente não seja apodrecida pelo veneno, pronta a ir para a cova.

— Fique de ouvidos alerta — disse eu —, que ficarei também. Se for um homem que anda falando, que Cristo o ajude. Se for mulher, veremos.

Fui diretamente falar com Bron. Ela sorriu, um pouco, a princípio, e depois francamente, com aquele seu sorriso que somente ela podia sorrir.

— Já sabia disso, menino. Há meses. Há anos.

— Já sabia? E não me disse uma palavra sequer?

— Haveria eu de desejar um crime, talvez? — disse ela, rindo. — Não, menino. Deixe que falem. Não são dignos nem de uma cusparada.

— Você para mim é muito mais digna que uma cusparada.

— Que mal nos fazem eles? Estou como sempre fui. E você está como sempre foi. Falinhas, é o que isso é. Como não há nada a fazer, futrica-se.

— Pois deixe-me encontrar algum futriqueiro. Arrancar-lhe-ei a língua da garganta.

— Deixe-se disso — disse ela, com uma mão no meu braço, e que lindo o seu olhar!

Beijei-a então, e saí. Fui para o alto da montanha, à busca de sossego, porque sentia um ódio selvagem contra todos, e somente lá em cima, que era verde, elevado, azul e quieto, tendo apenas a companhia dos ventos, havia um lugar de repouso, onde poderia ser esquecida a maldade do homem contra , seu semelhante, e onde poderia esperar que Deus me desse i calma e sapiência e, também, um abençoado alívio.

Capítulo XXXIX

Foi lá em cima, naquele dia, que me morderam os dentes do terror.

Voltava eu, já sem cólera e pronto a deixar que as línguas dissessem o que bem entendessem, quando vi uns homens trabalhando para remover pilares da mina até o alto da montanha, diretamente por trás de nossa casa e de todas as outras casas da colina.

— Bom dia, Lewis — disse eu ao capataz. — Que é isso?

— Remoção de escórias — disse ele —, para este alto aqui.

— Mas acabará rolando por cima de nós — disse eu.

— Creio que sim, no futuro — disse ele, sem dar muita atenção.

— Anos ainda.

— Anos? Eles não têm o direito de fazer isso. Aqui estão as nossas casas.

— Ora, homem! Para onde diabo irá a escória, então? Se você deseja trabalhar, é natural que a escória saia para cá. Se ela sai, precisa de um lugar onde ser posta. Por isso é que vem para aqui.

Era inútil censurá-lo.

Inútil praguejar contra os homens, ou seu trabalho, ou os suportes de aço, que eles estavam encavilhando, a fim de transportar o morticínio para a montanha.

Fui ter com meu pai, que apenas meneou a cabeça e limpou os óculos.

— Sim — disse ele.

— Devemos fazer alguma coisa, papai. E depressa.

— Fazer o quê? — perguntou-me com calma. — A escória deve ir para alguma parte. Eles conseguem somente fazer o melhor que podem. Se a conservarem debaixo da terra, como costumavam fazê-

lo, isso implicará diminuição dos salários dos operários. Enquanto estão amontoando escória, não podem extrair carvão. Das duas, uma. De modo que tem de ser para a montanha, por causa dos salários.

— Quem vendeu a terra? — perguntei-lhe. — Jones, o zelador da capela?

— Não. Vendeu-a já há muito tempo.

— Quem, então? Se soubéssemos quem foi, iríamos ter com ele para vendê-la a todos nós da colina.

Meu pai sorriu e coçou a cabeça.

— Vá ver Abishai Elias. É ele o proprietário. Ou era. Pertence agora à mina. Assim acontece a toda a terra da montanha, exceto nossas terras da colina.

— Uma surra sem luta — disse eu.

— Sim — disse meu pai. — Por causa das mulheres e das crianças. Deixá-lo, meu filho.

Quase odiei meu pai naquele instante, mas vi o que receava fazer e simpatizei com essa atitude, pois por mais duramente que lutássemos, deveríamos ser batidos pelas barrigas vazias. Os direitos do homem são pobres coisas, ao lado dos olhos de crianças famintas. Seus golpes são mais agudos do que a dor da injustiça.

Mas depois houve novas complicações com Davy, e nossas mentes estiveram ocupadas com ele, até que se visse livre de embaraços. Por aquela época já a engenhoca estava pronta e em serviço e só nos restava olhar para ela com as mãos nos quadris e xingá-la, na esperança de que o ódio de Satanás caísse sobre o velho Elias.

Fazia apenas algumas semanas que Davy regressara, quando aconteceu. Meu pai dissera-lhe para começar a trabalhar em seu poço, e ele assim fez, alegremente. Wyn sentia-se feliz como há anos não acontecia, pois estava cansada de ir de um lugar para outro. Desejava um lar e, pela primeira vez em sua vida, Davy atendia a um pedido seu.

Uma manhã, encontrei-o a subir a colina, ao voltar do serviço noturno. Mesmo sob a poeira que o cobria, podia eu perceber a cólera de que estava tomado.

— Que há? — perguntei-lhe.

— Pagaram-me com redução. Trabalhando metido até a cintura na água a semana inteira, com o rapaz, e redução hoje.

— Mas, e o salário mínimo?

— Eles recusam. Mas ajustarei contas.

Na segunda-feira, não permitiram que se juntasse à turma, porque havia escrito uma carta ao gerente.

— Está direito — disse meu pai. — Contratemos um advogado e levemo-los ao tribunal. Do contrário, os operários se declararão em greve e haverá maiores complicações.

Cruzamos a montanha e procuramos um advogado, um rapaz que não se mostrou muito contente por se encarregar da causa, pois tinha projetos a respeito do futuro e sabia, e nós também, que a mina poderia vencê-lo pela fome.

— Vocês têm razão — disse ele. — Deixem isso comigo. Deixamos. Dias e semanas se passaram, com comparecimentos perante os juízes do tribunal e comissários para juramentos de certificados e toda a desencorajante trabalheira das questões judiciais.

E o dinheiro se escoando, se escoando, se escoando.

— Não se importe, meu filho — dizia meu pai a Davy. — Ainda que custe o derradeiro soberano, a derradeira trave e o derradeiro tijolo desta casa, nós os levaremos perante o juiz. E toda a habilidade deles em esgueirar-se não lhes servirá no dia do julgamento. Houve um ajuste e eles o cumprirão, como nós o fizemos.

Chegou o dia da audiência e Davy foi notificado em papel timbrado com as armas do rei.

— Afinal — disse meu pai, apontando com o cachimbo para as armas. — Veja, aqui está um sinal. Assim como o Diabo ama a cruz, da mesma forma os patifes amam isto. Agora vocês verão outra fuga de porcos.

Mas quando chegamos ao tribunal, nosso advogado já se achava na frente, no grande vestíbulo escuro, por causa da chuva que caía lá fora, esperando por nós com impaciência e agitando as mãos com ansiedade.

— Entre em acordo com eles — disse, quase cochichando, e olhando em redor para ver se alguém estava escutando. — Seja razoável, Sr. Morgan. Eles são poderosos. Podem levar a causa até a Câmara dos Lordes se o quiserem, esmagando-o no caminho.

Os punhos de meu pai avançaram para o Sr. Vaughan, para agarrá-lo pelo paletó, como um gavião que investe sobre um rato.

— Olhe — disse ele, com lascas de gelo na voz e os olhos a duas polegadas das cebolinhas verdes do Sr. Vaughan —, viemos aqui, depois de tantos meses, para uma audiência. Câmara dos Lordes ou Casa de Deus, entre aí e comece a fazer seu serviço, antes que eu lhe arranque os ossos da carcaça aos pedacinhos.

— Sim, senhor — disse o Sr. Vaughan, engolindo com esforço, e tomando os papéis entrou, a passos miúdos, como uma moça indo encontrar sua sogra pela primeira vez.

O tribunal era uma ampla e boa sala com cheiro de livros e de tinta, feita de pólvora e leve fumaça de carvão.

No mais alto lugar, achava-se o juiz, com uma beca azul e vermelha e uma cabeleira cinzenta bem penteada, até os ombros, parecendo querer ir para a cova, antes de escutar mais ainda as mazelas humanas.

Nossa questão foi das primeiras, e um advogado esteve a expor o caso da mina. Pormenor a pormenor da vida passada de Davy foram revelados acerca de sua atividade como agitador, sua expulsão e a generosidade da mina aceitando-o novamente, em atenção aos bons ofícios de seu pai.

— Que tem isso a ver com a reclamação? — perguntou o juiz, como se acabassem de espalhar areia na sua boca.

Ah! meu Deus!

A questão pusera toda a gente em transe, com cochichos e carrancas, e homenzinhos correndo nas pontas dos pés, com pedaços de papel, de um para outro, e o juiz olhando para a ponta de sua pena, por cima dos óculos.

— Meu cliente sustenta — disse o advogado — que não há base para uma reclamação. O homem recebeu o salário que lhe foi pago, o qual, admitimos, era abaixo do salário mínimo, porque de acordo

com a estimativa do gerente ele era incompetente. Esta estimativa será provada pelas testemunhas.

Ah! se você tivesse visto o rosto de meu pai!...

Davy estava imóvel como uma pedra em sua cadeira, de braços cruzados, enquanto homens após homens, que conhecíamos bem, iam à tribuna das testemunhas, para jurar que Davy era um operário incompetente. E ele ali, sentado, a observá-los.

O Sr. Vaughan nada fazia, senão sorrir um pouco, de vez em quando, para o advogado da mina.

— Poderemos ouvir o reclamante? — perguntou o juiz para o ar, para ninguém, como se falasse para ouvir a própria voz.

Mais correrias para a frente e o Sr. Vaughan estava com uma cara nada satisfeita, quando viu Davy tomar lugar na pequena tribuna, perto do juiz.

— Como irá provar, para satisfazer o tribunal — perguntou o juiz, diretamente a Davy, e, pareceu-me, com alguma bondade —, que é de fato um trabalhador competente e capacitado a receber o salário mínimo concedido a essa classe de operários?

Davy tinha realmente muito boa aparência na sua roupa nova, preta.

— Tenho trabalhado desde a idade de doze anos, Meritíssimo — disse ele.

A cabeça grisalha do juiz se agitou ligeiramente, de um lado para outro, e seus óculos cintilaram à luz das lâmpadas.

— O senhor pode ter estado trabalhando cinquenta anos — disse ele —, mas carecer ainda de competência. Como poderá provar sua alegação?

Meu pai deu-me uma cotovelada, que quase me arrancou deste mundo, tamanho foi meu medo.

— As autorizações de pagamento — cochichou ele, de olhar reluzente. — As autorizações, homem. Onde estão elas, com você?

Graças a Deus, por uma vida inteira de método e arrumação em casa! Pois todas as autorizações de pagamento que sempre recebêramos estavam arquivadas, desde a primeira semana de pagamento que tivéramos.

Eu estava de pé, com os maços pesando nos braços, e os olhos de Davy corriam do juiz para mim, pois vira o meu movimento e todos no tribunal me ouviram, quando me encaminhei, entre os bancos, para a frente.

— Que está esse homem fazendo aqui? — perguntou o juiz.

— É meu irmão, Meritíssimo — disse Davy. — Com a prova de minha competência. São as quantias que eu ganhava, todas as semanas, desde que comecei a trabalhar.

Uma autorização após outra, foram todas passadas em revista pelo juiz e, durante silenciosos minutos, só se ouvia o ruído do folhear dos papéis.

Depois o juiz olhou para Davy e para o advogado.

— Pode alguém dizer-me — disse ele — como pode um homem ganhar três e quatro vezes, e mesmo mais de seis vezes, tanto quanto a quantia desta reclamação, num período de anos na mesma mina, e ainda ser tido como trabalhador incompetente?

Ninguém deu resposta alguma, mas o ar ia ficando carregado em tomo de nós.

— Parece que não — disse o juiz. — A meu ver, pela prova fornecida pela companhia, com suas próprias autorizações de pagamento, o queixoso estabelece, além de qualquer dúvida, que é um trabalhador competente, e, por consequência, apto a receber o salário mínimo, estipulado segundo o acordo. A reclamação está concedida, com custas.

Lamentei somente não nos ser permitido apertar a mão do juiz e depois dançar em cima das bancadas.

Só fomos cear muito tarde naquela noite, pois estava chegando gente de todos os vales, para cumprimentar meu pai e Davy, apertar-lhes as mãos e chamá-los de verdadeiros homens. Minha mãe ficava a observá-los, com uma mão no peito e fazendo pregas no avental com a outra, fingindo sorrir.

Sabia, e meu pai também, que cada uma daquelas caras tinha dois lados.

— Não percam o ânimo — disse-nos meu pai, enquanto minha mãe e Olwen estavam lavando o chão. — Hoje é o nosso último dia neste vale. Se eu for poupado, ganharei mais uns dois anos de

trabalho, e depois estarei liquidado. Ianto trabalha de ferreiro e Huw de carpinteiro. Que fará você, Davy, meu filho?

— Retirarei minha parte do baú, papai — disse Davy, — e partirei para a Nova Zelândia. O pai de Wyn irá conosco.

— Você poderia ir ter com seus irmãos nos Estados Unidos — disse meu pai, com uma fraqueza na voz, pois já sabia qual a resposta dele.

— Nova Zelândia — disse Davy, sem nenhuma modificação na voz ou no rosto.

— Não é caridade, meu filho — disse meu pai. — Mas eu me sentiria feliz por saber que vocês estariam juntos. Eles são seus irmãos.

— Nova Zelândia, papai — disse Davy.

— Está bem — disse meu pai.

— Papai — disse Ianto —, sinto muito dizer isso, mas eu também vou.

Na escura vidraça da janela vi meu pai fechar os olhos.

— Você também, Ianto? — disse ele, com rigidez. — Para a Nova Zelândia, então?

— Não, papai — disse Ianto, erguendo a vista para a camisa de Davy —, para a Alemanha. Há um alemão nos trabalhos daqui, agora, e me disse que eu poderia arranjar melhor serviço com ele. De modo que irei. Não tenho nada diante de mim aqui.

— Não digam nada à sua mãe — disse papai. — Deixemos passar primeiro o dia de hoje.

Sentamo-nos silenciosos, olhando para o chão, para as paredes, para a mobília, mas nenhum encarava o outro, nem ousávamos olhar para papai, pois ele estava lutando contra torrentes.

— Vamos ler um capítulo, meus filhos? — perguntou-nos pouco depois, e Davy levantou-se para ir buscar a Bíblia.

— Que capítulo, papai? — disse ele, com o grosso livro de couro preto e dourado nos joelhos e os dedos arqueados nas páginas.

— Isaías, — disse meu pai. — “Todos vós os que tendes sede, vinde às águas; e os que não tendes dinheiro, apressai-vos, comprai e comei; vinde, comprai sem dinheiro e sem nenhuma troca vinho e leite.”

E enquanto Davy lia, minha mãe veio sentar-se ao lado de meu pai. Olwen sentou-se no chão, com o braço no joelho dele e o rosto pousado no braço. Ele pôs-lhe a mão na cabeça, quase a ocultando entre os cabelos dela, enquanto sua outra mão repousava no colo de minha mãe. Minha mãe tinha as mãos apertadas junto ao peito.

Capítulo XL

Ianto e Davy partiram juntos, porque Ianto sabia que dois adeuses seriam pesados à sua mãe, e a Alemanha, para ela, ficava tão longe quanto a Nova Zelândia.

Engradei toda a mobília de Davy e fiz caixotes forrados de tecido grosso para a louça de barro, mas era uma tarefa cheia de tristeza para mim. Cada martelada parecia que mandava Davy cada vez para mais longe de nós.

Uma manhã, plantaram-se diante de minha mãe, com os paletós nos braços e os chapéus nas mãos. O relógio dizia-lhes que chegara a hora de abandonar a casa.

— Bem — disse minha mãe, e tirou o avental para mostrar-se com seu melhor vestido de seda preta.

— Bem, mamãe — disse Ianto, com um grande sorriso, mas de voz entredita.

— Outros que vão embora, então? — disse minha mãe, sorrindo também, com as mãos ocupadas em enfunar as mangas de seu vestido.

— Sim, mamãe — disse Ianto, limpando o chapéu com a manga do paletó, embora Olwen o houvesse escovado bastante, um minuto antes.

— E você, Davy? — disse mamãe, aquietando as mãos.

— Sim, mamãe — disse Davy, dando outro nó no embrulho de sanduíches e bolos, sem olhar para ninguém.

— Vocês escreverão? — perguntou-lhes mamãe, em voz alta.

Não responderam nada. Deixei que minha vista se perdesse, lá fora, pela colina.

A cozinha estava cheia de eloquência dos olhos de minha mãe, mas silenciosa. Só se ouvia o relógio.

— Bem — disse meu pai. — Vamos indo? Mais silêncio. Olwen começou a chorar.

— Adeus, mamãe — disse Ianto.

— Adeus, mamãe — disse Davy.

Mas minha mãe não lhes respondeu aos adeuses. Ouviu-se apenas o rumor de seu beijo, o leve rumor que seus beijos faziam, secos na face.

Ianto saiu primeiro, depois Davy, em seguida meu pai, e o povo da colina erguia a vista para a montanha e baixava-a para o poço da mina, mas não olhava para eles, quando acenavam adeuses, pois Ianto tinha o braço em torno dos ombros de Davy, e meu pai estava parado no meio da rua, para dar-lhes uma oportunidade de abotoar os paletós. Minha mãe veio sentar-se no tamborete, junto ao fogo, com Sta de costura aos pés. Ela nunca remendava meias antes do sossego da tarde, mas não podia sentar-se calada e sem nada t, de modo que, enquanto seus bons rapazes se afastavam li sentava-se a pensar neles, mas nunca a vi de ombros tão e mais lenta no enfiar uma agulha. Olwen empilhou os pratos do almoço, como se fosse culpa o fato de terem seus irmãos partido da colina. Com meu atlas tentei mostrar à minha mãe para onde seus DI tinham ido. Risquei traços a lápis, de nós até Olwen e Uym, através do Atlântico, até Angharad lá embaixo na Ciclo Cabo, até Davy na Nova Zelândia e até Ianto na Ale-IHi Olhava para a página com a cabeça para trás como se estivesse aspirando alguma coisa, os olhos de revés, pegando no com dedos distraídos, sem curiosidade de ver, indiferente ao que via, pronta para distrair a atenção do que eu lhe estava do. Não queria escutar nada, não queria ver nada que pudesse trazer-lhe mais frieza ao coração do que lhe produzira a lida de seus filhos.

Porque pensava neles como pensava em Ceridwen, apenas além da montanha, que poderia ser vista a qualquer do dia, bastando um pequeno passeio de ida e volta.

— Que aranhol é esse, agora? — perguntou-me, sem mesmo pôr os óculos para ver.

— Uma linha daqui até Olwen e Gwil — disse eu, apontando. — Aqui embaixo, até Angharad. Ali até Ianto fala abaixo, até Davy e

Wyn. A senhora é como a mãe de estrela, mamãe. Desta casa, irradiando luz até essas lonjuras, através de continentes e oceanos.

— Até essas lonjuras — disse minha mãe. — Ah! meu Deus, como pode ser tão longe assim, se tudo está contido num pedaço de papel?

Isso é apenas um mapa, Beth — disse meu pai, pisca-me o olho, para que eu ficasse quieto. — Um desenho, veja só, para mostrar-lhe onde eles se encontram.

— Eles estão aqui em casa — disse minha mãe, positivamente. — E nada de desenhos e de aranhas riscados a lápis, favor.

— Sim, minha querida menina — disse meu pai. E guardei meu mapa.

Foi uma bênção que Ianto e Davy houvessem partido então, pois se teriam metido em complicações com certeza, se tivessem esperado pelo fim do ano.

— Está chegando, Huw — disse meu pai, como um homem que olhasse para uma nuvem de chuva e imaginasse se ainda haveria tempo de voltar para buscar sua capa. — Desta vez será pior do que nunca. Disse à sua mãe que se preparasse para um mau inverno. Mas, graças a Deus, seus bons irmãos estão fora daqui. Passaria toda a minha vida atormentado, caso eles fossem parar na cadeia.

Penso que minha mãe também se sentia satisfeita, pois esse receio sempre a perseguira, e talvez o alívio que lhe causava tê-los visto irem-se em paz do vale a ajudasse nos seus dias negros, quando se mostrava silenciosa, sem nos dirigir uma palavra, áspera com Olwen, e sabíamos que ela chorava.

Bron foi de grande auxílio naqueles tempos, pois nunca ousávamos dizer uma palavra, mas Bron podia pôr um braço em torno dela e afagá-la, preparar-lhe uma boa xícara de chá, colocá-la numa cadeira, conversar a respeito dos rapazes e de Angharad, até que as lágrimas jorravam e ela sorria ao lembrar-se, e depois ficava em forma para outro par de semanas.

E assim passaram as semanas, mas dia a dia as complicações se tornavam piores. Onde havia outrora um comício, agora se realizavam doze, e não somente à noite, mas também à tarde e, para o fim, até de manhã.

Era o assunto principal desses comícios que me causava aflição. Antes, no tempo do Sr. Gruffydd e de meus irmãos, os comícios eram convocados para um fim e tinham ordem, com um assunto definido e votação a ser tomada, com elevação das mãos.

Mas depois pareceu que quem quer que quisesse falar estava certo de encontrar auditório, quaisquer que fossem as tolices que dissesse, e era uma surpresa para mim que homens que eu conhecia, de cabeça dura como um tronco de carvalho, ficassem a escutar.

Ficava ocupado na minha oficina no pátio de trás da manhã à noite, fazendo portas e caixilhos, mesas e cadeiras. Comecei com pouco, para ter tempo de formar uma reserva, de modo que poderia utilizar meu tempo, mais tarde, em fazer boas mobílias, e, talvez almofadas de portas e janelas.

Pedidos tinha em quantidade, embora nunca aceitasse encomendas de caixões, perdendo com isso ricos serviços. Mas não me importava. Nunca achei razão para pôr madeira de lei e bom trabalho a serviço da morte, para mergulhá-los depois num pequeno buraco.

Portanto, ocupado com meus serviços, tinha muito pouco tempo para reparar no que ocorria fora, e quando o fazia e me afligia, meu trabalho dominava a aflição e eu esquecia tudo, na alegria de manejar minhas brilhantes ferramentas. Por isso mesmo o choque era maior. Num sábado, Bronwen festejou seu aniversário e pensei em levá-la à cidade, para dar um passeio e comprar alguma novidade para ela. Deixamos as crianças com minha mãe e seguimos em companhia de Olwen.

Bem, bem.

Que dia aquele!...

Quanto é bom levar alguém que se ama a um passeio na cidade, para ver-lhe um sorriso feliz no rosto. Mesmo uma pequena brincadeira provocará uma boa gargalhada, e quando se é engraçado, então, a gente ri até chorar.

Oh! e que esplêndida sensação a de gastar dinheiro sem preocupação! Eu era um príncipe naquele dia. De modo que, entre

risadas e gestos principescos, gozei meu dia, vivi-o bem, e achei-o muito do meu gosto.

Gente parava na rua para olhar Bronwen e Olwen.

— Que há, Huw? — perguntou-me Bron, de olhos arregalados e em voz baixa. — Será nosso vestido, ou outra coisa qualquer que não está direita?

— Está tudo muito direito, menina — disse eu, sentindo-me, em meu orgulho, três vezes eu mesmo e duas vezes mais alto. — Vocês estão mais belas que as filhas de um faraó, é isto. Vamos para diante.

— Deixe-se de troças, menino — disse Bron, fingindo uma carranca de impaciência, mas um sorriso se formando no fundo de seus olhos, enquanto ia reparando nas pessoas, para ver se Olwen estava recebendo mais olhares. Se descobria um homem olhando para ela, levantava o nariz para o céu e assim enchia-o de vergonha, mas se o visse olhando para Olwen se sentia magoada, imaginando ter uma mancha de fuligem no nariz ou já aparentar muita idade.

Boas risadas eu dava, ao vê-las fazendo o jogo da mulher. É um lindo jogo, e os homens podem divertir-se bastante, quando têm coragem de utilizar seus olhos. As mulheres gostam de ser olhadas, embora o neguem com juramento, e os homens, loucos que são, olharão para cima, olharão para baixo, cegarão a si mesmos, e se curvarão, olhando para o calçamento, ou terão torcidelas no pescoço de olhar para alguma coisa do lado contrário, somente para não ver ou não serem vistos olhando para uma mulher. É insensato, é estúpido, é absurdo.

Porque se você tiver a bondade de dizer-me que há coisa melhor de olhar-se do que uma bela mulher, eu largarei meu

jantar para ver. E todas as mulheres, não importa quem, ou qual, têm uma boniteza própria, de modo que, quem disser que devemos tapar os olhos e nada ver senão pedras e céu, é alguém sem bom senso e sentimento, um ingrato ao dom da visão, e simplesmente um meio homem.

Bronwen caminhava à minha frente, com a vista levantada para as janelas do primeiro andar da rua, sabendo apenas que havia

olhos fixos nela, e tornando-se uma alfineteira, cheia das pontas dos olhares.

— Ganhei fama — disse ela, quando lhe falei que não devia importar-se com as olhadelas. — De modo que faça o favor de cuidar de seus negócios. Que sentiria eu, se olhasse para uma loja e um homem me falasse?

— Teria você tempo de sentir? — perguntei-lhe. — E ele?

— Haveria então complicação — disse ela —, e tudo acabaria no posto policial. Não se incomode agora. Olharei quando desejar e quando desejar olharei.

É estranho que as mulheres sempre se aflijam por causa do pior, que nunca acontece. Nenhum homem, das centenas que vimos naquele dia, teria ousado dizer-lhe uma palavra, mesmo se ela houvesse voltado a vista para ele, porque havia em Bronwen qualquer coisa que gritava uma advertência aos imbecis, e que era mais eloquente do que um sinal escrito.

Demasiado consciente de sua condição de mulher era ela, e se mostrava disposta a inutilizar seu dia, preocupando-se com isso.

— Que tola você é, menina — disse-lhe eu. — Em casa, não se incomoda com as línguas, mas aqui só há olhos e eis você correndo a rua, sem nenhum prazer com isso.

— Ainda não ouvi nada. Mas os olhares, eu os sinto. Só queria que você estivesse no meu lugar, um minuto ao menos.

— Com prazer — disse eu. — Só para satisfazê-la. Eles estão olhando porque você é uma novidade maravilhosa e rara, e haverão de pensar em você nos anos por vir. De modo que você viverá em muitos lugares, simultaneamente, e sempre em estado de beleza. Não dá graças por isso?

— Não — respondeu ela, e depois vi que estava satisfeita, mas negava-o, porque estava fazendo o jogo da mulher.

Olwen olhava para Bron, na esperança de que em breve uma lassidão lhe entorpecesse os pés, a fim de podermos olhar as lojas, pois em torno de nós havia coisas de sonho e tínhamos uma tarde inteira à nossa frente.

Mas Bronwen, acostumada à rua da aldeia e aos olhos daqueles que a conheciam, demonstrava que teríamos talvez uma hora de

desconforto a passar, antes que ela se tornasse menos indulgente consigo mesma e participasse mais das amontoadas torrentes de povo, da rua poeirenta, cheia de sons, do barulho dos cavalos às centenas, com mais cabrioles, carroças e carruagens do que jamais víramos em toda a nossa vida.

É estranho passear numa cidade. Há algo de estranho nos rostos do povo, que passa toda a sua vida numa cidade. Porque suas vidas estão cheias do toque do relógio e seus olhos cegos de verem tantas maravilhas, e não têm o prazer da expectativa e da beleza do desejo. As coisas se amontoam nas janelas, em torno dos habitantes da cidade, mas seus bolsos estão vazios e, além disso, têm os cérebros atormentados, porque aquilo que poderia ser deles têm eles de desejar, e desejos frustrados em breve se transformam em concupiscência, que se revela no rosto. Coisas demais a ver, dia a dia, barulho demais para que haja paz, e demasiado pouco tempo numa volta de relógio, para que se possam sentar sozinhos e pensar.

Afinal, ficamos livres dos olhares, quando alcançamos as arcadas e penetramos na iluminada quietude daquelas arejadas ruas de vidro, cheios de agradecimentos ao homem que as imaginou e felizes por nos encontrarmos ali.

Passei esplêndidos minutos numa livraria, enquanto Bron e Olwen compravam presentes nas lojas de artigos femininos.

Oh! que coisa agradável sentir um livro, um bom livro, firme na mão, pois sua grossura encerra ricas promessas e sentimos um calor íntimo ao pensar nas boas horas que virão!

Ficaria de boa vontade ali, até que os ferrolhos sentissem vontade de serem corridos, mas Bron entrou e pegou-me pelo braço, com a boca cerrada, puxando-me delicadamente para a porta.

— De novo às voltas com livros — disse ela. — E nós duas aqui, andando para baixo e para cima, enquanto você esfrega esse nariz acima e abaixo das páginas.

— Vamos comprar uns livros para os meninos — disse eu, pois o livreiro olhava para mim como se eu lhe estivesse devendo dinheiro.

— Um par de novos testamentos — disse Bron, ligeiro, pois a loja estava cheia deles.

— Ora, menina — disse eu. — Já ganharam novos testamentos em quantidade. Quero dizer um livro para ler. Haveriam de agradecer-me, até mesmo pelas costas, se lhes desse um novo testamento?

— Um livrinho de orações e um de hinos, num estojo, seria bonito — disse Bronwen.

— Compre-o você. Alguma coisa para fazê-los gritar de alegria. Um par de bons livros. Alguma coisa digna de se levar da cidade.

De modo que comprei *Ivanhoé* e *A ilha do tesouro*, depois de séria conversa com o livreiro, um bom homenzinho, de dentes frouxos e muita conversa, bastante inteligente. Eu mesmo dei uns bons mergulhos dentro dos dois livros, até que Bronwen começou a bater o pé, com a boca franzida para um lado, e Olwen parecia tão azeda que, diante dela, pequenas maçãs verdes seriam verdadeiros milagres de doçura.

— Um passeio para mim, não é? — perguntou-me Bron, com uma voz capaz de fazer cair neve. — Venha embora agora. Descubramos outra livraria, que eu irei morar dentro dela. Livros, bom Deus, e as lojas vão-se fechar agorinha mesmo.

Mas depois que tomamos uma xícara de chá, ela sentiu-se melhor, e o mundo era bom, quando fomos ao mercado. Olwen chegou cantarolando.

Era comprido, amplo e alto, debaixo de uma abóbada de vidro, com o sol forte a inundar-nos e compartimentos muito asseados e cheios de boas coisas, vozes alegres provindas de centenas de peitos, num rumor profundo e suspirante, que ecoava com entusiasmo, um agradável cheiro, feito de muitos odores, de hortelã e de couve, de aipo, de toucinho salgado e de presuntos, de caramelos, de flanelas, de couro, de queijos, de óleo de parafina e de flores.

É uma coisa que regozija ver muitas espécies de flores, em longas filas, erguendo-se viçosas em baldes e caixas, vermelhas, amarelas, azuis, purpúreas e brancas, com um pouquinho de verde entremeado, e, aproximando-nos mais, meter o nariz num balde cheio de rosas vermelhas, frias, para que o perfume se torne mais

agudo e assim mais fundamente se entranhe na cabeça, como se tivesse garras de mel.

Sáímos com os braços cheios de flores, pedaços de queijo, um presunto preto, um par de rolos de flanela, dois pares de sólidas botinas para os meninos, um avental feito a mão para minha mãe, ambos os meus bolsos abarrotados de caramelos, e nossos rostos congestionados por causa de grandes bocados que saboreávamos, deliciados.

Depois compramos bonecas para as filhinhas de Ceridwen e um bote e uma máquina para os meninos, caçarolas de cobre para minha mãe e uma coleção de formas de geleia para Bron. Fiquei esperando do lado de fora de uma loja para senhoras, enquanto Bron estava experimentando um vestido e Olwen comprando um casaco, mas quando saíram, vinham carregadas de embrulhos e resfolegantes com tanta compra, mas se tivessem gasto um milhão de soberanos não poderiam mostrar mais

alegria nos olhos. Meu coração não poderia ter conhecido mais esplendor, ou teria eu sido arrebatado da terra, bebendo os espaços.

Estávamos carregados como mascates, prontos a andar durante meses nas montanhas, e seguimos para a estação cantando durante todo o caminho de volta a casa. Quando Thomas nos encontrou, passou também a cantar.

Lá embaixo, na curva da estrada, logo antes da elevação que conduz ao vale, vimos centenas de lâmpadas, e Thomas estalou a língua com impaciência.

— Conversa, ainda — disse ele. — Eles têm estado a bater com a língua desde esta tarde. Muito me admirarei se houver ficado alguém no vale.

— Que há agora? — perguntei, surpreso.

— Estão em greve — disse ele.

— Vou até lá — disse eu. — Quero ouvir o que estão dizendo.

— Nada de complicações agora, Huw — disse Bron, tentando puxar-me para trás. — É melhor que você venha diretamente para casa conosco.

— Pare o carro, Thomas — disse eu, e desci para o lugar do comício.

Um forasteiro estava falando a respeito do capital e do trabalho, citando Marx e Hegel, de mistura, como se põe uma casca açucarada num bolo. O Sr. Marx era mostrado como um Cristo recentemente surgido, e o Sr. Hegel como um João Batista, com o ouro manando facilmente entre eles, infundável como as águas do Jordão, pronto a ser apanhado a bonés cheios.

Escutei-o durante minutos, mas faziam demasiado barulho em torno de mim para que eu pudesse ouvir tudo quanto dizia, pois os homens estavam discutindo entre si e, em algumas partes, havia luta. Revolução vermelha e anarquia era o que o orador desejava, com uma bandeira vermelha a flamejar sobre tudo, e todos os homens iguais.

Se houvesse encontrado em mim mesmo a voz de um touro, não poderia ter-me feito ouvir. Sentia-me também doente, no mais íntimo do coração, e sem ânimo para qualquer esforço.

De modo que voltei para casa, no escuro, deixando atrás de mim o barulho deles, até que a massa do montão de escórias o apagou. Foi essa a única vez em minha vida que fui grato às escórias.

Doía-me que homens pudessem ser tão cegos, mas dor maior me causava saber que meus irmãos e o Sr. Gruffydd, e os bravos dos primeiros dias, tinham sido todos esquecidos, numa loucura de pensamento que dava mais importância a ideias de estrangeiros do que aos princípios de nossos pais.

Sentia-me aflito por não saber o que fazer: se voltaria para lá e lhes falaria, ou se os deixaria ir, em companhia de estrangeiros, para receberem uma lição.

Desci pelo rio morto, com escórias se erguendo por trás de mim, e sentindo sob os pés a dureza da pedra, onde anos antes a truta viera esperar moscas.

Fiquei ali calado na fresca quietude, olhando para o negror da montanha, ouvindo somente o vento do nordeste, ocupado em passar o seu pente pelas relvas. Meus olhos se alargaram, a vista fixou-se num ponto da noite e águas voltaram ao rio.

O firmamento se tornou de súbito aurifulgente, a montanha era de prata, o rio corria livre e largo, como um mar, em meio a um cintilar de pedras preciosas. Tudo em redor do cume da montanha

era uma rutilância de espadas desembainhadas, e eu vi, com um excesso de temor, que uma multidão de homens ali estava a contemplar o vale, armaduras brilhavam-lhes na cabeça e no peito, as cores eram gaias nos escudos, e mãos estavam enclavinadas nos punhos das espadas, que apontavam para o chão.

Fiquei siderado de maravilha e fui arrastado num sonho, mas o temor em breve se transformou num vivo cansaço de sentimentos, e senti energia e vontade de desejar ir mais perto para ver-lhes os rostos, ouvir suas vozes, e conhecer o tom de seus discursos.

Alhures, para além das firmes fileiras, uma trombeta tocou uma canção máscula e rica, e milhares de bandeiras ergueram-se, como se fossem uma só, espadas se levantaram num coruscar de labareda e calcanhares de aço entrechocaram-se.

Um rufar de tambores percutiu com singular vigor e as bandeiras começaram a mover-se, uma poeira dourada se levantava das fileiras em marcha, brilhando em torno de seus capacetes, chegando quase às fitas e flores, que pendiam dos topos das bandeiras.

Depois todos os ventos do céu correram a juntar mãos e curvar um ombro, para carregar o som de um nobre hino, pesado do perfume do Tempo que se Foi.

As multidões cintilantes cantavam agora mais potentemente, e meu coração sangrava ao ouvir uma voz bem conhecida.

Os homens do vale estão marchando de novo.

Meus pais estavam cantando ali em cima.

Alto, triunfante, o cântico de alegria explodiu, e verifiquei, em algum ponto profundo de mim mesmo, que na música majestosa havia uma prece para elevar meu espírito, para encher-me de boa alegria, para conservar-me a fé de que a morte é apenas um fim para as coisas que são feitas de argila, e para lutar, sem temor de feridas, contra tudo quanto traz morte ao espírito, com glória para o eterno Pai, para sempre, amém.

Trombetas soaram de novo e um rufar de tambores conduzia os pés, que marchavam através do firmamento dourado. As bandeiras eram tomadas pelos braços dos ventos para mostrar os dragões carmesins e, à frente, um tropel de aço rutilava, em torno da cruz e da coroa.

Passaram a meu lado e voltei a ficar na escuridão. Meus olhos estavam pesados e cheios das areias da contemplação e pensei que ainda podia escutar a voz, por trás da voz do vento.

Subi devagar a estrada que leva à aldeia e ergui a cabeça para a casa de pórtico em concha e, mais devagar ainda, subi para nossa casa.

— Quanto tempo você demorou, menino — disse minha mãe, sorrindo, como não fazia havia meses. — Arranjou alguma trapalhada?

— Não, mamãe.

— Há alguma coisa que o preocupa, meu filho? — perguntou-me, com uma mão em meu braço.

— Apenas o que acabo de ouvir no comício, mamãe.

— Que foi então? — perguntou meu pai.

— Revolução — respondi. — Imagino o que diriam os rapazes se pudessem ouvir aquilo.

— Deixá-los! — disse meu pai, soprando pela piteira do cachimbo. — Eles acabarão por cansar-se disso. Revolução, realmente, e não há bastante bom senso entre todos eles para virar uma torneira.

— Oh! — disse minha mãe com impaciência. — Conservemos nossa paz longe deles por uma noite, sim? Venha ver os belos presentes e depois cear.

Mas eu havia visto já bastantes coisas naquela noite, de modo que as pequeninas, que havíamos trazido e que faziam minha mãe sorrir de prazer, nada eram para mim, embora procurasse a muito custo não dar demonstração disso.

Dei a Bron o presente dela, numa caixa, quando voltávamos para sua casa. Um broche guarnecido de uma pedra sobre um lindo laço de ouro.

— Oh! — disse ela, com os olhos cheios de luz, e vi que sua boca se amaciava para mim, mas nada havia em mim para corresponder-lhe, porque a Voz parecia ter tomado toda a minha energia.

— Colocá-lo-ei no seu melhor vestido de seda — disse eu. Rugas formaram-se rápidas no seu rosto, e, em pensamento, maldisse a mim mesmo, pois seu melhor vestido de seda fora sempre o

preferido de Ivor, de modo que eu dissera o que não deveria ter dito, outro erro meu, e, pior ainda, como se fosse de propósito, para apagar aquela luz de seus olhos e fazer desaparecer a maciez de sua boca.

— Obrigada — disse ela, e saiu ligeira, para acender as velas.

Fiquei na cozinha, enquanto ela subia as escadas, sem me dar boa-noite, mas eu sabia que Bron estava calada por causa das lágrimas.

Durante minutos fiquei, ardendo em fogo, ao pensar em ir ao seu encontro e beijá-la, pedir-lhe perdão para um louco estouvado, mas ainda me soavam aos ouvidos as vozes que ouvira na montanha e fiquei sentado, quieto, escutando.

E, de novo, Bron virou a chave na fechadura.

Na manhã seguinte, corriam homens, colina acima, gritando que estavam em greve no vale vizinho.

Minha mãe lançava a meu pai pequenas olhadelas, durante todo o tempo em que almoçávamos, mas ele nada disse e seu rosto mantinha-se inexpressivo. Ela, porém, sabia.

Bronwen fora cedo para Tyn-y-Coed com Olwen, para fazer uma limpeza na casa, mas antes de sua partida preparei para ela uma xícara de chá e preguei o broche por dentro de seu avental.

Nenhuma palavra, somente uma xícara de chá, um broche que prende, um beijo e um sorriso amável, e saiu. E eu serrei uma prancha de oito pés de comprimento, sem um único repouso, tão bem me sentia.

Naquela tarde, Olwen veio ter comigo, correndo, com sinais de lágrimas no rosto.

— Huw, os grevistas do outro vale estão rodeando a montanha. Zombaram de mim e de Bron, por causa de Iestyn.

— Vocês terão então de ir para além da montanha — disse eu, zangado, ao pensar que algum estúpido as vexara, e desejoso de tê-lo ao alcance de meus punhos. — Hei de mostrar-lhes amanhã.

— Eles disseram que impediriam nossa volta a Tyn-y-Coed. Disseram coisas horríveis. Queriam tirar-nos a roupa.

— Quanto ao primeiro, veremos. Quanto ao segundo, praza a Deus que eu esteja perto.

Meu pai voltou aquela noite com uma expressão vaga.

— Greve, de novo — disse ele. — Nada se pode fazer.

— Por que são os homens tão doidos? — perguntei. — Recebem lições e mais lições.

— Poucas palavras acertadas — disse meu pai —, um pouco de lisonja, algumas palavras para angariar simpatias, e depois algumas falas ardorosas, e a maior parte deles são como carneiros para a matança. Os que não se prestam a isso são chamados de covardes, ou de submissos aos patrões. Você os conhece.

Sim, eu os conhecia, e os amava, e estava triste até o fundo da alma por causa deles.

— Que há de novo? — perguntou minha mãe.

— Sente-se e espere — disse meu pai. — É inútil falar. Muitos estão metidos nisso, sem saber por quê. Deixarei minha língua sossegada, até que me solicitem, ou até que amadureça o tempo para fazer um pouco de bem.

— Bem, papai — disse eu —, decerto já é tempo de sairmos e falar-lhes.

Meu pai pôs a mão firme no meu ombro e olhou para mim, com seus olhos cinzentos, sem pestanejar.

— Meu filho — disse ele —, seus bons irmãos estão fora de casa, somente porque falavam para eles e por eles. Aconselharam-nos bastante a não fazer greve. Viram a inutilidade disso, afinal, como eu a havia visto, nesses anos passados. Falar-lhes agora é gastar fôlego. Estão ébrios de tolices. Deixá-los.

Capítulo XLI

Desci à aldeia naquela noite. Fui ao Três Sinos colocar postigos nas janelas.

Dai estava de mau humor. Cyfartha também, pois uma greve significava uma parada nos negócios e uma acumulação de dívidas. Cyfartha saíra com sua turma e estivera suportando as invectivas de Dai, desde que pusera pé nos degraus.

— Bandeiras vermelhas — disse Dai, com voz fervente. — Por Deus, bandeiras vermelhas daria eu a eles, de verdade. Ah! tivesse eu meus pobres olhos em ordem e mostraria um par desses sujeitos a Cristo. Hem, Cyfartha?

— Oh! Dai — disse Cyfartha, envergonhado por se sentir coberto de serragem —, que tristeza, meu Jesus, que tristeza! Mas poderia eu ficar sozinho, tirando carvão, sem ninguém para empurrar os vagonetes e com os cavalos ociosos?

— Eu já lhe disse sim — afirmou Dai. — Preferiria vê-lo num bom braseiro, no inferno, a receber ordens dessa gente. Libras e libras perdemos com todas essas greves. Que se ganha, faça o favor de dizer-me, agora, na situação em que se encontram, que se ganha com isso? Nada, nem um vintém, hem, Cyfartha?

— Não, não — disse Cyfartha, emborcando um trago de cerveja, como se lavasse seus pecados e olhando depois para dentro do copo —, que eu me dane eternamente, Dai, mas eles todos largaram o serviço, é o que lhe digo. Se não tivéssemos saído também, ficaríamos lá embaixo, somente eu e o rapaz.

— Pois ficasse até apodrecer, então — disse Dai —, mas pensasse com sua própria cabeça. Saberá algum deles por que estão em greve? Alguns por um preço sobre um veio de pequena importância, outros para conseguir alguns votos e outros ainda por

um preço sobre o corte de pedra, em vez de terem o dinheiro, sólido, em cima da mesa, entre todos eles. Todos puxando, puxando. E cada puxão, diferente. E os patrões sentando-se, à vontade, para rir de nós todos, por sermos malucos. Hem, Cyfartha?

— Estou demasiado cansado para falar, meu caro Dai — disse Cyfartha. — Eu vou é pôr a boca num barril, e dormir embriagado um par de dias. É o melhor para mim.

— Se eles houvessem dado ouvidos a seu bom pai, Huw — disse Dai, com tristeza —, em vez de seguir aqueles que pensam com cabeças de salsa... Que coisa! É de fazer a gente chorar!

— São os esportistas — disse eu. — O gado.

— Estou pronto a baixar o pau num par deles — disse Dai. — Os postigos ficaram bons?

— Sólidos como a casa — disse eu. — Terá você receio de encrencas?

Dai primeiro lançou a vista em redor do bar e depois aproximou a boca do meu ouvido.

— Eles juraram inundar os poços das minas desta vez — cochichou ele. — Se eu pegar um desses sujeitos abrindo a boca para dizer isso, quebro-lhe os dentes para misturá-los com seus miolos. Mas manhosos eles são. Ninguém sabe de onde as ordens estão vindo. Ouvi isso aqui no bar, mas somente em conversa. Ouvidos abertos, boca fechada, meu caro Huw, e se você vier a saber alguma coisa, me conte. Só conte a mim, hem, Cyfartha?

— Eu o agarrarei delicadamente pela aba do paletó, para que você possa bater, Dai — disse Cyfartha.

— E eu hei de bater-lhe tanto que deixará a aba do paletó nas suas mãos — disse Dai. — Poderemos dar um passeiozinho pela montanha amanhã, Huw?

— Sim — disse eu. — Iremos até Tyn-y-Coed para encontrar minhas irmãs. Alguns desses sujeitos não contiveram a linguagem diante dela^ e elas ficaram atemorizadas, porque eles queriam deitar-lhes as mãos, por causa de Iestyn.

Dai olhou para mim, de boca aberta, esperando que as palavras chegassem, e seus olhos se arregalaram, indo de mim para

Cyfartha, e de Cyfartha para mim, com os punhos se abrindo e fechando.

— Suas boas irmãs? — exclamou ele, ficando totalmente vermelho e com os olhos cheios de água. — Ora, pelo amor de Deus, que é que nós estamos esperando, então? Huw, eu e você vamos fazer uma tocaiazinha amanhã de noite, e Cyfartha e uns bons camaradas ficarão algumas jardas atrás de nós. Hem, Cyfartha?

— Não se distancie muito, Dai — disse Cyfartha —, senão, no caso de você arranjar uma pequena encrenca, eu não estarei perto para ter o prazer.

— Prazer haverá — disse Dai, batendo com o punho no balcão do bar, com força capaz de rebentar pranchas. — Quero apenas que você me deixe deitar o olho num deles e eu o esmurrarei, juro, a ponto de metê-lo galeria adentro, até sair do outro lado da montanha. Hem, Cyfartha?

— Como você está cruel, meu caro Dai — disse Cyfartha, com bastante solenidade. — Se você bater nele um pouco mais forte, sairá do outro lado e seguirá para casa, sem mais complicações.

James Rowlands entrou, de fôlego curto e cara de quem trazia más notícias.

— O Sr. Winston Churchill está mandando soldados aqui para cima — disse ele, sufocado pela asma.

— Quem diabo é esse tal? — perguntou Dai.

— O ministro do Interior — disse James Rowlands, bebendo, muito grato, um gole que lhe serviu Cyfartha —, de Londres.

— Ele é então alguma coisa? — perguntou Dai, com a mesma ignorância.

— Penso que sim — respondeu James Rowlands, enquanto bebia.

— Soldados — disse Dai, com calma. — Soldados ingleses, suponho.

— Seriam malucos para mandar galeses? — perguntou-lhe James Rowlands.

— Os únicos malucos aqui somos nós — disse Dai. — Mas soldados ingleses, hem, Cyfartha?

— Trapalhada — disse Cyfartha.

— Com olhos ou não — disse Dai —, estarei lá, metido nisso. Abomináveis soldados ingleses, realmente. Para o inferno com eles, hem, Cyfartha?

Somente uns dois dias mais tarde, quando estavam ambos servindo aos soldados do Regimento de Cavalaria Ocidental e alguns fuzileiros de Munster toda a cerveja que pudessem beber, sem receber um vintém sequer de pagamento, é que fui lá e disse a Dai: — Ora, que boas biscoas são vocês! Para o inferno com os soldados ingleses, hem? E aqui servindo uma cervejinha para refrescá-los!

— Oh! — disse ele, ficando vermelho. — Eles são bons rapazes. Não fazem mal a ninguém e praguejam com muita decência, porque vieram para cá. Alguns oficiais que estão lá em cima, no quarto da frente, praguejam pior do que os soldados, hem, Cyfartha?

— Educados eles são — disse Cyfartha. — Nenhuma encrenca com a gente lá de baixo. Estão ganhando apenas uns poucos cobs por dia e nenhum extraordinário, quando lhes acontece ficar de olho preto.

Em todos os outros vales surgiram complicações de sobra, com cacetadas e lutas entre grevistas e furadores de greve. Mas no nosso vale, embora os operários estivessem nas ruas o dia inteiro, nada mais havia do que gritos.

De novo as marcas de ombros ociosos roçando as paredes se tornavam visíveis por toda a rua principal, dizendo dos milhares que gastavam os ricos momentos de suas vidas, com a terra oferecendo-lhes abundância bem por baixo de seus pés, e grátis, por Deus!

Bem, bem.

Se algum dia eu tiver o privilégio de encontrar face a face a Deus Pai, perguntar-lhe-ei se Ele riu, ou se Ele chorou, quando viu e ouviu o que estávamos fazendo aqui embaixo, com um negócio que corre por si mesmo e que nos foi dado de graça.

O que me maravilha é que Ele jamais metesse um punho através das nuvens, para nos achatar. Ou talvez, como o bom Dr. Johnson, Seu tempo virá, e então os golpes serão muito mais fortes. Sinto calafrios só em pensar nesse dia.

O Dia do Ajuste de Contas.

Creio que, talvez, nenhuma maior complicação nos teria sobrevindo se um policial não se tivesse lembrado, na delicadeza de sua dignidade, de bater com um pau num pobre idiota.

Sami da Água de Esgoto era como chamávamos a este, porque sua mãe fazia cerveja de gengibre, que ele vendia nas bocas dos poços das minas. Eram uma pobre gente, mas não deviam a ninguém e ainda faziam pequenas economias.

Os operários regressavam de um comício. Eu estava lá em cima, na represa, esperando por meu pai, quando vi um policial cavalgando sua égua e gritando para os operários que abrissem caminho.

Alguns correram para o dique, com medo dos cascos da égua, mas os que estavam mais longe começaram a gritar e alguns deles formaram fileiras para detê-lo.

Sami da Água de Esgoto corria, de um lado para outro da rua, atarantado, berrando de medo, batendo palmas, enquanto as garrafas caíam do cesto que levava, quebrando-se e espalhando seu branco conteúdo na estrada. A cada queda e quebra, dava ele um berro, tentando apanhar os cacos. E nisto a égua veio para ele, a toda a brida.

Quase debaixo de seus pés dianteiros outra garrafa se partiu e ela corcoveou. Sami caiu, agarrando-se a ela, mostrando apenas o branco de seus olhos, e então o policial levantou o cacete e descarregou-o na cabeça de Sami, produzindo o som de uma colher num ovo quente.

Guerra.

Qualquer pessoa de azul, com botões prateados, daquele dia em diante foi considerada inimiga.

Aquele policial, que conhecia Sami e conhecia todos nós, não era um estrangeiro. Mas se tinha mãe, difícil lhe seria reconhecer o filho naquela noite. Pulou por cima do dique, ligeiro, e sua égua ficou atrás do Três Sinos, semanas depois bem alimentada e gorda, sem dono.

Naquela noite, mais de mil operários atacaram a mina para tirar o sangue da polícia, na casa das caldeiras.

Mas nem todos eram operários nossos. Havia estranhos entre eles que pareciam estar dando ordens, e pude ouvir alguém gritando para que inutilizassem as bombas e inundassem o poço da mina. Saí correndo à procura de Dai e Cyfartha.

— Muito bem — disse Dai. — Chame os rapazes, Cyfartha.

Descemos até a entrada do poço da mina. Estava escuro como breu. Éramos uns vinte. Demos a volta por trás, afastados da estrada, onde todos os operários estavam gritando.

Vidros foram partidos nas janelas dos escritórios. Pedras eram jogadas como granizo contra as paredes do gerador de energia.

— Que ganharão com isso esses malucos? — disse Dai, com a mão no meu ombro. — Dê-lhes um berro da casa do elevador, Cyfartha.

De modo que Cyfartha e dois dos nossos começaram a gritar para Iorweth. A porta se abriu um pouco, para mostrar o rosto dele, por trás de uma lanterna, mas viu que havia muita gente e fechou-a de novo, obrigando-nos a gritar mais ainda. Afinal, conseguimos entrar.

Iorweth tinha estado na casa do elevador, com seus companheiros de turma, durante dias, dormindo ali, receoso de ir para casa e ser tomado pelos operários como um fura-greve.

— Queremos apenas dar uma olhadinha pela janela — disse Dai —, só para ver o feliz homenzinho que tem tanto a dizer, ali fora. Depois o agarraremos. E você, meu caro Iorweth, poderá voltar para casa conosco, em paz, e dormir na sua cama, não é?

— Obrigado, Dai — disse Iorweth, demasiado cansado para poder sorrir. — Ficarei deveras satisfeito. Vamos.

Subimos para as janelas, com cuidado, para não receber uma pedrada no olho, e observamos a multidão. Grandes janelas e muitas vidraças pequenas, a fim de deixar passar luz para os maquinistas ocupados com a grande roda.

A multidão estendia-se pelo dique na direção da aldeia, apinhada, e os rostos daqueles homens mostravam-se brancos, à luz das chamas. Gritavam. À frente seguiam alguns rapazes com os braços carregados de pedras, fazendo apostas para ver quem poderia quebrar mais vidraças.

— Ele ali está — disse Cyfartha. — Vejo-o.

Apontava para um pequeno grupo, que se mantinha a distância da multidão, com um homem de chapéu-coco no meio, falando muito.

— Eu e você, Dai — disse Cyfartha, pulando para baixo. — Somente eu e você.

— Bem — disse Dai, tirando a jaqueta e o boné. — Pegue meu braço e largue-me quando estiver perto dele, ouviu, Cyfartha?

— Venha, meu caro Dai — disse Cyfartha, e saíram, de mãos dadas.

Só apareceram na luz quando se achavam a poucas jardas do grupo. Ao vê-los, os da multidão desataram a dar vivas, pois ninguém podia enganar-se com Dai, largo, atarracado, tendo ao lado Cyfartha, todo teso.

Dirigiram-se diretamente para o grupo e então.. .

Oh! e então...

A rápida e ascendente passagem dos brancos antebraços de Dai, o brilho de seus punhos, e a agilidade dançante de Cyfartha a seu lado. Um após outro, os homens caíram ao chão, estendidos, braços voando, rostos brancos um instante, desaparecendo logo depois, e nenhum som chegando até nós, por causa da multidão.

Depois os dois recuaram, de mãos nos bolsos, deixando no chão, atrás de si, uma pilha de gente. Operários apinhavam-se para ver que danos tinham sido causados.

— É um vira-lata — disse Dai, de volta. — Aquele tal do chapéu-coco. Eu o ouvi praguejando.

— Iorweth, vá para casa, agora — disse Cyfartha.

— Olhe, Dai — disse Iorweth —, vamos até lá, avivar os fogos. Do contrário, as bombas pararão.

— Vamos — disse Dai, e seguimos para a casa das caldeiras. Quando a multidão nos viu andando, lançou-nos pedras de novo, mas a distância era grande, para sermos atingidos.

O gerente estava na casa das caldeiras, também fatigado, com alguns policiais jogando baralho e dois de seus escriturários prontos a chorar de cansaço, tentando avivar o fogo, como se aquilo fosse serviço de escritório.

— Saíam daqui — disse Cyfartha, tomando uma alavanca de foguista das mãos de um deles. — Vistam os paletós e vão para casa. Dois de nós ficaremos aqui e vocês poderão ir descansar.

— Vocês são sindicalistas? — perguntou-nos o gerente.

— Sim — respondi.

— Meu Deus — disse ele, mostrando-se surpreso, apesar de sua fadiga —, Morgan!

— Mas as caldeiras deverão fornecer vapor amanhã, Morgan ou não — disse eu.

— Muito lhe agradeço — disse ele.

— Quem tiver de ir para casa, que vá — disse Dai, e saiu, deixando Cyfartha e dois de nós, com os policiais jogando cartas, no calor da casa das caldeiras.

Às seis horas da manhã, com a geada brilhando na luz, vimos Bron, inteiramente só e curvada ao peso de um cesto, atravessando a correr a entrada do poço e chamando por mim.

— Ora, será verdade, meu Deus? — exclamou Cyfartha, com a boca cheia do desjejum que ela tinha trazido. — Daria graças a Deus se tivesse encontrado na minha vida uma mulher assim.

— Você vai voltar para casa, Huw? — perguntou-me Bron.

— Quando chegarem os que vierem me render — disse eu, muito satisfeito, provando o toucinho e os ovos.

— Não arranje mais complicações, sim? — disse ela, ficando com o braço em torno de mim.

— Complicações? E você veio parar aqui sozinha? Fique em casa, minha querida Bron, e não deixe os meninos nem Olwen saírem. O povo está ficando louco.

— Você tem razão — disse ela. — Venha comigo para a rua, sim?

Seguimos pela rua, Cyfartha vigiando, mas a aldeia estava sem trabalhadores, vazia, os perfis das casas se acentuando à luz do dia.

Linda estava Bronwen aquela manhã, com uma vermelhidão de flores nas faces, causada pelo frio, e os olhos de um doce e adorável azul para mim, cheios das lágrimas que lhe provocavam os dedos picantes do vento do sudeste, que nos maltratava, impiedoso.

Há na mulher uma totalidade de forma, de som, de cor, de gosto, de perfume, uma tranquilidade que é só dela, que a gente desejaría

apertar estreitamente contra o peito, tudo, cada parcela mínima, sem palavras, em paz, por ciúme das coisas que escapam à grosseria de nossos braços. É isso que a gente sente quando ama.

Era o que eu sentia por Bronwen, mas nunca lhe dizia.

— Bem — disse ela, depois que ficamos algum tempo parados, enquanto eu tentava pensar em alguma coisa para dizer. Ela olhava para a rua e para mim, com um leve sorriso, e depois novamente para o alto da colina.

— Bem — disse eu —, lembre-se do que lhe disse a respeito de sair de casa. E me faça o obséquio de agradecer a mamãe o desjejum.

— Sim — disse ela, baixinho, como uma menina que recebe ordens a respeito de seu procedimento numa festa de escola dominical.

— Se o velho Malachi Edwards vier pedir as cadeiras, diga-lhe que terá de esperar. Ficarei aqui até que isso acabe.

— Sim — disse ela. — Não virá para casa esta noite, então?

— Veremos.

— Bem — disse ela, sorrindo. — Então adeus.

— Adeus.

Olhamos um para o outro, profundamente, de novo.

Oh! onde está então o mal em amar uma mulher que olha como Bron olhava?

Porque sua feminilidade é uma graça que dela se irradia, e a gente se sente inclinado a pousar-lhe as mãos em cima e beijá-la, não com luxúria, mas com a alegria de quem volta para outro ser que julgava perdido.

Mas há na consciência algo que nos impede de levantar um dedo sequer, e essas constrições me enleavam, tornando-me silencioso e mantendo-me quedo.

Afastou-se um pouco e virou-se de novo para mim, como se eu tivesse falado. Seus olhos mostravam-se agora de um azul mais escuro e pareciam repletos de um feliz interesse por mim. Sua boca abriu-se para fazer uma pergunta, mas depois sorriu, com aquele seu sorriso que não era sorriso, fechou a boca, num jeito de beijo

que era o de Eva, e mais uma vez sorriu, um grande, um enorme sorriso, capaz de derreter toda a geada que cobria o vale.

— Que há? — perguntei.

— Nada — disse ela. — É somente adeus.

E colina acima ela seguiu, esbelta, com o seu dorso liso e suas passadas rápidas e perfeitas, sem arrastar de calcanhares. A meio caminho, virou-se para mim, acenou, e o ar sorria em torno dela.

Capítulo XLII

Cyfartha olhou bondosamente para mim, quando voltei.

— Desjejum para o cavalheiro — disse ele —, esteja onde estiver. Uma boa moça, essa. Se a tivesse encontrado quando moço, teria mandado você para o inferno.

— Teria de lutar com dois, então — disse eu —, meu irmão e eu.

— Sim — disse ele e olhou um tanto sem jeito, como se tivesse dito alguma palavra imprópria.

Desejaria que me tivesse preocupado mais com aquilo, então.

Mas as caldeiras precisavam de cuidado e os policiais estavam despertando, de modo que me esqueci.

Ficamos dias e dias na sala das bombas. Meu pai trazia comida para nós de manhã e Dai chegava à noite, com gente para substituir-nos.

A cada hora, a multidão se tornava mais perigosa, porque os dirigentes nada podiam fazer, os patrões nada queriam fazer e o governo nada fazia, e entrementes os soldados marchavam para cima e para baixo aos punhados, a polícia rondava aos cinquenta, encontrando oposição onde quer que mostrassem as cabeças, janelas eram partidas, lojas eram saqueadas, os homens honestos impedidos de realizar aquilo que tencionavam fazer, por bandos de rapazes a quem tinham dado oito anos de educação livre e eram ainda incapazes de usar seus cérebros.

Ficavam pelas ruas o dia inteiro, gritando, atirando pedras, e a gente era obrigado a viver em meio daquelas coisas tão lastimáveis.

Gado, para ser pastoreado com cachorro, de porteira em porteira.

Uma tarde ouvimos uma gritaria mais forte, lá fora, e corremos para a porta, a fim de abri-la.

Olwen procurava abrir caminho até nós, enquanto mãos a pegavam, para arrancar-lhe a capa e agarrar-lhe os cabelos.

Corremos para fora com barras de ferro e alavancas de foguistas, ao encontro do gado, e vimo-lo pôr-se em fuga, deixando dois no chão, para receberem uma lição.

— Você é louca, menina — disse eu.

— Os cavalos — chorava ela —, os cavalos.

— Que cavalos? — perguntei-lhe, pronto para lhe bater.

— Estão lá embaixo nas estrebarias — disse ela, com grossas lágrimas —, estão com fome e com sede.

— Meu Deus! — exclamou Cyfartha — eu os tinha esquecido.

— Howell tem procurado obter um momento de folga, para trazer todos aqui para cima — disse ela. — Eles estão quase todos em cima, nos outros poços, mas não aqui. Papai acaba de chegar em casa, de volta de um comício, e nos contou. Então vim correndo para cá.

— Cyfartha — disse eu —, vou pedir ao gado para me auxiliar.

— Bem — disse ele. — Aprontarei a gaiola para subir até aqui.

Saí em direção à multidão. Pedras passavam pelo meu lado, assobiando.

— Escutem — gritei-lhes —, os cavalos se acham lá embaixo e não há quem cuide deles. Quem quer vir auxiliar-nos?

— Deixe-os lá — gritou alguém. — Ninguém está se incomodando conosco.

Mas, sejamos justos, o gado tinha uma voz de piedade e profunda voz. Depois os homens começaram a adiantar-se e, quando contei uns vinte, vi que chegava. Seguimos para a entrada do poço e descemos na gaiola.

Ah! se tivessem visto os cavalinhos, quando nos avistaram! ... Pareciam crianças prontas a tomar parte numa festa, fazendo a mesma barulhada infantil. Todas as luzes estavam apagadas lá embaixo e apenas velas era o que tínhamos, mas os cavalinhos mostravam-se tão cheios de alegria, que nos empurravam com os focinhos, esfregavam os pescoços, apagando nossas velas, e as pragas se elevavam, então, na busca de fósforos para acendê-las de novo.

Os cavalos, como gatos, conheciam o caminho para os elevadores, pois vivem sempre na escuridão. Subimos. Gaiola após gaiola, cheias deles, relinchando, na perspectiva de chegar lá em cima e irem pastar.

Ah! meu Deus!

Só queria que vissem aqueles cavalos correndo, quando nós os largamos. Não enxergavam, mas sabiam que na montanha só havia coisas boas para eles, nada onde tropeçar, nem alçapões para fazê-los cair.

Se nós todos pudéssemos ter uma felicidade assim.. .

Meu pai andava de um poço a outro, no distrito, para inspecionar o subsolo, arriscando sua vida, ao fazê-lo, pois os operários estavam prontos a matar quem quer que fosse trabalhar para os patrões.

Sabia que meu pai havia descido ao poço que pertencera a Iestyn, porque me contou que iria naquela manhã, e esperava que subisse ao nosso poço caminhando pelo subsolo. Pelo que sabíamos, as bombas estavam mantendo a água embaixo, pois os manômetros mostravam-se normais, mas ele queria certificar-se.

De modo que, enquanto o gado berrava e atirava pedras, dirigentes de ambos os lados discutiam e ofendiam-se uns aos outros, e operários se afligiam com a sorte das mulheres e crianças, meu pai andava pelo subsolo, com ratos, água de inundação e escuridão, pelos companheiros, os olhos perscrutando o perigo que ameaçava a vida dos operários.

Notícia nenhuma tivemos dele durante o dia inteiro, veio a noite e nada ainda.

— Huw — disse Cyfartha —, venha cá, rapaz. Estava debruçado sobre os manômetros, olhando para o vidro, com seu pedaço de estopa na boca.

— Então? — perguntei, olhando também para o nível. A linha negra estava subindo, marcando a água do poço, mais do que as bombas sugavam para fora.

— Vou descer — disse Cyfartha, com rugas de apreensão no rosto. — Estão fazendo patifaria lá embaixo.

— E meu pai?

— Talvez suba pela outra extremidade — disse Cyfartha.

— Voltarei daqui a uma hora.

— Está bem — disse eu, e apertamos as mãos. Fui para a casa do elevador dizer a Iorweth para baixar a gaiola, depois dirigi-me à multidão que esperava a polícia para fazer demonstrações.

— O poço está ficando inundado — gritei-lhes. — Haverá voluntários para ir lá embaixo?

Mas os homens, que queriam vir, estavam com medo de ser surrados mais tarde nas ruas, ou de ter suas casas danificadas enquanto se achassem no poço.

— Vocês estão arruinando a si mesmos — disse eu.

— Se a greve terminar amanhã, terão de esperar semanas, até que se consiga retirar a água das galerias. Mais espera, mais ociosidade, mais miséria.

— Chegue mais para perto — gritou alguém — e nós lhe cortaremos o pescoço e mandaremos suas tripas para Churchill.

Novos gritos da multidão, um movimento para a frente, e pedras a cair. Nada se poderia arranjar com eles.

Voltei para a casa das caldeiras.

Sabia que minha mãe estaria muito aflita, lá em casa. Lembrei-me, então, com vergonha dos dias em que estivera na casa das caldeiras, sem uma palavra para ela, mandando-lhe apenas recados por bocas estranhas. Pensamos em tudo, mas raramente pensamos em confortar nossas mães.

Fiquei à espera dos policiais que nos iam substituir, e enquanto a multidão estava ocupada com eles, corri pelo dique até o leito do rio, distanciando-me da aldeia por trás do Três Sinos, onde penetrei pela porta lateral.

— Dai — disse eu —, Cyfartha desceu sozinho, para ver se há inundação.

— Oh! — exclamou ele, e continuou a jogar paciência. — Ainda não há notícias de seu pai?

— Não. Vou até em casa ver minha mãe, agora mesmo. Talvez Cyfartha se tenha metido em alguma trapalhada, Dai.

— Meus respeitos à sua boa mãe e passe aqui quando voltar, ouviu? Terei comigo uns dois rapazes.

— Está bem — disse eu. A meio da subida para a colina, ouvi-lhe os gritos.

A luz do fogo avermelhava-se nas cortinas de trás de nossa casa, mas a cozinha de Bron estava escura, sem fumaça a sair da chaminé. O brinquedo de madeira de Gareth ocultava suas cores no escuro, junto da porta de trás. Aquilo era estranho, porque o brinquedo já deveria estar lá dentro muito antes, á copa cheia dos odores da ceia e Bron cantando na cozinha.

Como sente a gente a solidão e o sossego em certas ocasiões.. .

— Mamãe — disse eu, na soleira da porta do quintal —, a senhora está aí?

— Onde haveria de estar, então? — perguntou-me, lá da cadeira de papai, junto ao fogo. — Ele veio com você?

— Não — disse eu, compreendendo que ela se referia a meu pai e sentia-se aterrorizada por causa dele, embora na sua voz houvesse uma leve despreocupação, que ela fingia, para tentar assegurar-se a si mesma e me iludir. Mas tudo percebi, quando a beijei e senti-a tremer. E ela estava sentada no escuro e na cadeira de meu pai.

— Quer comer alguma coisa, meu filho? — perguntou-me, e isso também era fingido, pois nenhum movimento fizera, antes de perguntar.

— Não, mamãe. Vim só para dar-lhe um beijo.

— Seu pai saiu desde a manhã, Huw — disse ela. Enlacei-a com meu braço, e oh! uma piedade, que tinha séculos de paixão, atravessou-me o corpo, fazendo-me sentir a sua pequenez e pensar nos homens e mulheres que dela se haviam gerado.

— Sim, mamãe. Por isso a senhora ficou sentada no escuro, esperando.

— Não — disse ela, lançando um olhar vazio para o fogo. — Eu estava na copa, descascando batatas, quando Ivor chegou.

A cozinha escureceu em torno de mim. Meus queixos se contraíram de medo, por ela e por mim mesmo.

— A senhora se afligiu demais, mamãe — disse eu, com uma voz que nem mesmo eu reconhecia.

— Então não conheço meu próprio filho? — perguntou-me, com uma calma e segurança de expressão que me fizeram silenciar. — Eu

vi Ivor. Sorri para ele. Ele sorriu para mim e balançou a cabeça.

Os pratos em cima do aparador riam à luz do fogo e o vento punha seus lábios na cobertura da chaminé, soprando por ela uma leve toada.

Minha mãe olhou para mim e tentou sorrir, mas seu rosto estava lasso de fraqueza e sua boca tinha feias contrações espasmódicas.

— Estou pensando no que terá acontecido a seu pai — disse ela, e sua voz tinha os mesmos espasmos de sua boca.

— Vou descer agora para saber — disse eu, levantando-me. — Bronwen saiu?

— Foi até o poço de Iestyn. Foi com Olwen, esta tarde, levar roupas secas para ele.

— Mas ele estava se encaminhando para o nosso poço, por baixo do solo.

— Ele já estava há muito tempo lá embaixo, de modo que elas foram para o poço de Iestyn, no caso de voltar ele para cima por ali. A multidão era enorme, aqui na ponta da rua.

— Elas não deveriam ter saído de casa, de modo algum.

— Precisavam fazer alguma coisa — disse ela, já chorando, mas sem que lágrimas lhe corressem pelo rosto.

— Mamãe, não pense mais nessas coisas, sim? A senhora está aqui no escuro e amedrontada. Vamos. Acenda a luz e tome uma xícara de chá, ligeiro.

— Deixe-me — disse ela, e eu nunca a ouvi tão ríspida. — Vá procurar seu pai.

— Sim, mamãe.

Beijei-a, saí de casa e desci correndo a colina, até o Três Sinos.

Dai estava com todos os companheiros em roupas de trabalho, a dele mais limpa do que qualquer outra, cheia de pregas das prateleiras do guarda-roupa e apertada. Todos tinham um copo e Dai me entregou um com três dedos de brandy.

— Vamos, Huw — disse ele —, um brinde! Aos dois bons amigos que estão lá no fundo da mina! Bebam com amor.

Bebemos. Dai parecia estar bebendo chá; eu, porém, ainda tossia, quando descemos por entre a multidão até a entrada do poço, com Dai seguro no meu braço, com o punho direito fechado.

Os restantes de nós levavam picaretas e pás para abrir caminho. Dirigimo-nos à gaiola, enquanto a polícia, vinda da casa das caldeiras, descarregava o cassetete para manter a multidão afastada de nós.

— Subiu alguém lá de baixo? — perguntou Dai ao sargento.

— Não — respondeu este — , e o manômetro da água está subindo sempre.

— Está bem — disse Dai, agarrando-se bem a mim, até entrarmos na gaiola — , sinto-me à vontade dentro destas roupas e pronto para trabalhar de novo. Não se acha nem um botão nas minhas calças, está vendo? nem cinturão para amarrá-las à cintura. Arranjei uma barriga que parece a de uma porca, ficando sentado a embriagar-me naquele velho bar.

A gaiola desceu devagar, não até o fundo da galeria, porque a água já dava pela cintura. Fizemo-la parar, onde havia ainda lugar seco, e pulamos, um a um, no negro silêncio daquela frialdade silenciosa, caminhando para as bombas, como se tivéssemos cadeiras nos tornozelos. Uma das bombas estava danificada, mas a outra parecia estar em boas condições. Começamos a mexer nelas, até que os maquinistas deram um sinal, lá em cima, na superfície.

Era bom ouvir a voz deles e saber que as águas iam sendo vencidas.

— Quem quer que seja, fez o possível — disse o maquinista. — Mas, graças à bondade de Deus, não puderam acabar o malfeito. Devem ter sido mais de dois.

— Cyfartha, com certeza, surpreendeu alguém nesse serviço — disse Dai. — Vocês hão de achar esse rato, aí no fundo da água. Mas onde está Cyfartha?

— Creio que saiu a perseguir os outros — disse Gomer.

— Não é surpresa para mim — disse Dai. — Vamos descobrir onde ele está. Vocês que têm vista. Vamos.

Penetramos na galeria principal, com velas ao alto, chafurdando entre ratos, com água até o peito em alguns lugares e até os joelhos depois. Então chegamos diante da calamidade.

O teto tinha caído. As escoras se haviam enfraquecido, e a pressão da água tinha retorcido os encaixes das vigas, como se

fossem de papel.

— Meu Deus! — disse Dai, tateando o rochedo com as mãos —, ele estará debaixo disto?

— Será meu pai? — disse eu, vendo claramente minha mãe a meu lado.

— Vamos — disse Dai —, entremos nisso. Entramos naquilo, sim, entramos naquilo.

Com o terror a cavar buracos dentro de mim, a boca seca e trememente, atacamos o montão desabado com a picareta. Dai trabalhava por três a meu lado.

Tínhamos de romper caminho, através daquele peso morto de pedra e argila, carregá-lo, rocha a rocha, pazada a pazada, para dar passagem, sabendo que em alguma parte, em meio daquilo, poderiam estar meu pai ou Cyfartha, feridos, moribundos ou mortos.

Enquanto trabalhávamos, rezávamos, e entre as preces praguejávamos contra a dureza pesada, morta e estúpida da pedra e a argila espessa e sem vida. E depois rezávamos, cada vez que nos esforçávamos para erguer um pedaço de rocha, na esperança de que algum sinal nos seria dado de que estávamos prestes a conseguir o que queríamos.

Mas tínhamos de trabalhar com muito cuidado, porque o teto estava mole e dava surdos estrondos, como se nos advertisse de que mais cairia sobre nossas cabeças, se metêssemos uma picareta muito para dentro, ou levantássemos uma pá muito alto.

Quando nos cansávamos, outros tomavam nosso lugar, e quando estes gotejavam de suor, três mais, até que nosso turno chegasse de novo, mas durante todo esse tempo ficávamos a remover rochas para um lado, ou empilhando areia e estrume. Até os joelhos dentro d'água, e curvados, pois só havia quatro pés de espaço acima de nós, sabíamos que devíamos trabalhar depressa, mas hesitávamos por causa do perigo de um desabamento, que inutilizaria todo o nosso trabalho.

As velas começaram a apagar-se. Um homem foi à procura de outras e de alguma bebida, pois estávamos morrendo de calor ali embaixo, cheios de poeira, uma espessa camada de pó sobre a

água, lama até a barriga das pernas e a água subindo depressa, enquanto levávamos avante nosso trabalho.

Dai estava coberto de lama, atirando pedras longe de si, tão depressa quanto suas mãos as agarravam, rogando uma praga a cada uma delas, a boca com uma larga ruga de ódio e os olhos enlouquecidos, através da negra sujeira, pegando a picareta agora, e ninguém ousando aproximar-se por causa de seus golpes, baixando-a para desagregar mais rochas e jogando-a para trás, sem cuidar onde pudesse ela ir parar, desde que não fosse à sua frente.

Horas e horas ficamos ali embaixo. A cada nova jarda, o ar se tornava mais frio e nos entorpecia, a água subia, enregelando-nos até a cintura, até que a vida era apenas um escavar, um puxar, um carregar, um gotejar, um andar de rastros, para depois tornar a ser o mesmo escavar, o mesmo puxar, o mesmo carregar, o mesmo gotejar, o mesmo andar de rastros.

E os músculos clamando pela caridade de um descanso, para poder desencurvar as costas doloridas, ou estirar as palmas feridas das mãos.

Mas Dai Bando estava ali, de pé, na frente, cavando sem parar, trabalhando na escuridão, tateando as rochas com as mãos, deixando escapar apenas os sons de sua respiração, e, no seu dorso agachado, uma potência de ameaça para quem quer que parasse, mesmo que fosse para suspender-lhe as calças.

Depois Dai gritou, um grito agudo que ficou sibilando acima de minha cabeça.

— Cyfartha — gritava ele —, vejam, seu paletó está aqui.

— Lá para cima, no caminho da estrebaria — disse eu, pois estivéramos trabalhando junto da parede e o paletó estava na abertura, que seguia para a direita.

— Desembaraçaremos a galeria principal ou o caminho da estrebaria? — perguntou Dai.

Todos pararam o trabalho.

Se prosseguíssemos pela galeria principal, poderíamos deixar Cyfartha, e talvez meu pai, lá no caminho da estrebaria.

Se trabalhássemos no caminho da estrebaria, poderiam eles estar morrendo na galeria principal, diante de nós.

Acredito que Deus Pai sabe como a gente fica, num momento desses, e nos manda um sinal.

Tivemos um sinal, então.

Ouvimos a picareta de Cyfartha, batendo um sinal no rochedo.

Lá em cima, no caminho da estrebaria.

Se tivéssemos continuado a trabalhar, jamais o teríamos escutado.

E Dai, que nunca mais fora à capela rezar, desde rapaz, ergueu as duas mãos e caiu de joelhos na lama, chorando como uma mulher.

— Oh! meu Deus — exclamou ele —, eu vos dou graças por esse dom que me concedestes. Cyfartha é o sangue do meu coração. Tomai meus olhos e meus braços. Eu vos agradeço, por Jesus Cristo, amém.

— Amém — dissemos todos nós.

— Dê-me essa danada dessa picareta — disse Dai, criando nova vida. — Fiquem de banda agora.

E a picareta voava e golpeava com força, como se ele houvesse apenas começado.

— Cuidado com o teto, Dai — disse Gomer, com medo, pois a picareta estava cavando profundo, e a pedra, acima de nós, começava a estalar.

— Para o inferno com o teto — gritou Dai, como um animal —, Deus está conosco e não é sem tempo, também.

Ouvimos, por trás de nós, homens que chegavam, vimos lanternas, com o gerente e com os demais que o seguiam.

— Muito bem — disse ele —, podem ir lá para cima. Estou orgulhoso de vocês.

Mas Dai continuava picando e puxando pedra e nenhum de nós parou o trabalho.

— Venham — disse o gerente, com aspereza —, deixem que estes homens os substituam.

— Eu o reduzirei a pedaços — berrou Dai, lá em cima, no estreito túnel. — Hei de arrancar Cyfartha daqui. Diga-lhe que vá para o inferno, para o diabo que o carregue!

E o gerente compreendeu. A rocha cada vez baixava mais e Dai cada vez subia mais, espichado agora totalmente, um homem atrás espichado, e atrás deste, outro, espichado, passando pedras e lama para trás, um ao outro, com o teto tocando nossas costas, nossas barrigas sangrando, por causa das pedras, e um calor terrível queimando-nos, tirando-nos a respiração.

E Dai gritou de novo, um berro de terror e de triunfo, abafado pelo túnel, pelo calor e pelas coisas amontoadas.

— Cyfartha — gritava ele. — Cyfartha. Para trás, vocês.

— Para trás — disse Gomer, que estava na minha frente, e as solas de suas botas machucaram-me o rosto.

— Para trás — disse eu a Willie, atrás de mim, e fui deslizando, levando a pedra que tinha comigo.

— Para trás — disse Willie ao homem que se lhe seguia.

Rastejamos para fora da galeria. Gomer veio cair, desmaiado, dentro da água, e depois Dai.

Se o Diabo se levantar das profundezas do inferno, como Dai saiu do túnel, poucos de nós morrerão, uma segunda vez, de medo.

Negro e nu, com placas de lama grudadas na cabeça e nos ombros, todo a tremer, com uma força que se tornara fraqueza, brilhava, úmido, à luz das lanternas, os olhos orlados de vermelho, cegos pelas lágrimas, e a boca aberta para cima, na ânsia de respirar.

E nos seus braços, Cyfartha, também negro e vivo.

— Meu pai está lá em cima? — perguntei-lhe.

— Lá em cima — disse Cyfartha, sem demora. — Eu estava à procura dele.

— Levarei Cyfartha até a entrada do poço e voltarei para ir buscar seu pai — disse Dai.

— Eu mesmo vou — disse eu.

— Quero a você como a um filho — disse Daí. — Pois vá. Subi então, e do mesmo modo que Dai tinha ido para aquele cubículo de rocha, tendo cada vez mais rochas amontoadas na minha frente.

— Papai — gritei —, está perto de mim? Bati com a picareta na pedra e fiquei escutando. Somente os estrondos por cima de minha cabeça, e vozes que chegavam lá de trás, no túnel.

Continuei de novo, golpeando e removendo pedras, golpeando e removendo pedras, gastando muito tempo em puxar as pedras para trás, escavando a lama, tentando tirá-la com a pá.

E depois o encontrei.

Estava encostado à superfície do carvão, numa abertura que a rocha não havia tapado completamente.

Coloquei minha vela numa pedra e rastejei para o lado dele. Papai me viu e sorriu.

Estava deitado, com a cabeça apoiada num travesseiro de pedra, numa cama de pedra, com lençóis e colchas de pedra cobrindo-o até o pescoço, e percebi que se se movesse apenas um pouco o teto desabaria.

Ele também o percebeu e sua cabeça moveu-se, devagar, e seus olhos se fecharam.

Sabia que havia outros homens no túnel.

Arrastei-me até junto dele. Afastei a pedra que estava por baixo de sua cabeça e descansei-a no meu colo.

— Willie — gritei eu —, diga aos outros para trazerem escoras, depressa.

Ouvi-os transmitindo a mensagem para baixo e Willie tentando afastar pedras para chegar até mim.

— Cuidado, Willie — disse eu —, o teto vai desabar.

— Já o encontrou? — perguntou-me Willie, raspando em meio da poeira.

— Sim — respondi, sem coragem para dizer mais nada. Meu pai moveu a cabeça. Baixei a vista para seu rosto. Ele me olhava de revés. Tentei pensar o que poderia fazer para aliviá-lo, apenas para permitir-lhe respirar mais desafogado.

Mas a terra oprimia poderosamente, e além da terra pensei nas casas tranquilas, sob o sol, homens vagando pelas ruas a desperdiçar voz, hálito e sangue, crianças a brincar, dançando, mulheres limpando a casa, e bons cheiros na nossa cozinha, tudo aquilo aumentando mais a coberta de cama de meu pai. É paciente a terra, permitindo que penetremos dentro dela, e cavemos, e a magoemos com galerias e túneis, e se lhe restituímos a carne que dela arrancamos, procurando sanar o mal que lhe causamos, mostra-se

contente em deixar que lhe tiremos a seiva. Mas quando tiramos e deixamos vazio o lugar de onde tiramos, ela se sente magoada e encolerizada, por ver-nos tão cruéis para com ela e tão descuidosos do seu conforto. De modo que fica esperando por nós, e quando nos descobre, esmaga-nos com seu peso, e esmagando-nos torna-nos parte de si mesma, carne de sua carne, com nossa argila em lugar da argila que impensadamente dela arrancamos.

Ergui a vista para o alto, pedindo auxílio, pedindo um pouco de ar para ele. Mas enquanto rezava, sabia que era demais o que pedia, pois como poderiam ser removidas, num instante, todas aquelas toneladas, e se o fossem, que maiores males não seriam causados a outros?

Tinha medo de colocar minhas mãos com ternura sobre seu rosto, pois meu contato, embora com todo o amor do coração, poderia ser uma ferida a mais, um peso a mais, porque, cheias de sujeira e de cortes, disformes por aquele trabalho absurdo, não deveriam ser vistas por ele, porque eram as mãos da terra que o agarravam.

Seus olhos avolumavam-se de dor. Tinha a boca aberta, fechando-a somente um pouco de fraqueza, para depois abri-la mais, língua estirada, dura como um cepo, parada, seca, espessa de poeira.

E quando o sangue correu de sua boca e de seu nariz e a vermelhidão fugiu de seus olhos, vi neles o brilhante sorriso, que provinha de um brilho interior, e então encheu-me o peito de um doloroso orgulho, orgulho porque ele era meu pai, lutando ainda, sem ter medo.

Sua cabeça tremeu e se comprimiu contra mim, quando o tronco de sua espinha se inteiriçou e ele foi ter com seus pais. Sangue inundou-me o colo e vi as pedras que o cobriam moverem-se, moverem-se um pouquinho só. Mas depois voltaram a quedar-se e ele ficou quieto.

Seus olhos, porém, luziam ainda, ardendo no cume da montanha de seu espírito.

Fechei os olhos e pensei nele a meu lado, minha mão na sua, tentando acompanhar-lhe o passo, quando caminhava com ele para

o alto da montanha, e vi os borrifos da água na brancura musciosa de seu corpo, quando se banhava, e a luz da lâmpada sobre suas mãos, por cima do assento da cadeira, quando se ajoelhava a rezar na capela.

O ar irrompeu de sua garganta e soprou a poeira de sua língua. Ouvei sua voz, e, em meio daquele estranho barulho, eu pude ouvir, como vinda de muito longe, a voz dos homens do vale cantando um austero amém.

Fechei-lhe os olhos e a boca, tive-o bem apertado ao meu peito, sentindo dolorosamente o espinhar de seus pelos nas minhas feridas. Pesava-me no coração todo o amor que sentia por ele, por ter sido quem fora, e toda a tristeza que me causava o saber que não mais existia. ..

— Podemos mexer nas rochas agora, Willie — disse eu.

— Cristo meu! — exclamou Willie. — Ele então morreu, Huw?

— Sim — disse eu, sentindo o calor fugir-me dentre as mãos —, papai morreu.

— Que dura sorte, meu caro Huw! — disse Willie, começando a chorar. — Realmente, que dura e negra sorte! Que homenzinho bom ele era!

Minha mãe estava sentada na cadeira de balanço, com as mãos entrelaçadas sobre o avental, e olhava através da porta aberta, lá para o alto da montanha.

— Deus poderia tê-lo levado para Si por cem meios diversos — disse ela, com as lágrimas a queimar-lhe os olhos —, mas preferiu levá-lo desse modo. Um besouro esmagado sob o pé.

— Ele teve uma morte suave, mamãe — disse eu.

— Sim — disse ela, rindo sem que a face se movesse. — Eu o vi. Suave, realmente. Ele estava belo e pronto a comparecer perante a Eterna Glória. Viu você suas pequenas mãos? Se eu puser os pés de novo na capela, será no meu caixão, sem nada saber. Oh! Gwil, Gwil, que vazio eu sinto em mim sem você, meu querido. Doce amor do meu coração, que solidão!

Bem.

É estranho que o pensamento esqueça tanta coisa e, contudo, guarde a lembrança de flores que morreram há trinta anos ou mais.

Lembro-me das flores que estavam no peitoril de nossa janela, quando minha mãe falava naquela manhã, e posso ver ainda a água gotejando de uma rachadura, no fundo do jarro vermelho, porque Bron estava ali, num halo profundo e opaco do sol, através da vidraça descida.

Trinta anos passados, mas tudo tão fresco e tão próximo como agora.

Nenhuma amargura há em mim, ao pensar nos meus tempos desta forma. Sou Huw Morgan, feliz pelo que há dentro de mim, mas triste pelo que há lá por fora, porque ali não consegui deixar a minha marca, embora não seja o único, na verdade.

Conheci uma era de bondade e de maldade também, mais de bondade, porém, que de maldade, posso jurá-lo. Pelo menos havia bons alimentos, bom trabalho, e bondade nos homens e nas mulheres.

Mas agora vocês se foram, todos vocês que eram tão belos, quando ardentes de vida. Não se foram, porque são ainda uma vívida verdade dentro de minha mente. Como poderiam estar mortos, meus irmãos e minhas irmãs, e todos vocês outros, quando vivem comigo tão seguramente como eu mesmo vivo?

Poderemos dizer que o bom Dr. Johnson morreu, quando seu querido amigo Boswell o traz para golpear e fulminar, diante de nossos próprios olhos? Morreu Sócrates, quando ainda ouço o ouro de sua voz?

Morreram então todos os meus amigos, e são suas vozes glórias celestes aos meus ouvidos?

Não, e continuarei dizendo não, sempre não.

Digo deliberadamente não.

Morreu então Ceinwen, e morreu sua amada beleza ao meu lado de novo, e seus olhos como joias, a fitar-me, e meus braços magoados com o aperto de seus dedos?

Morreu Bronwen, que me mostrou o verdadeiro amor de uma mulher? Morreu ela, que me provou que a energia da mulher é mais forte do que a força dos punhos, dos músculos e dos gritos másculos dos homens?

Morreu meu pai, debaixo do carvão? Mas, Deus do céu, ele está ali embaixo agora, dançando na rua com a camiseta vermelha de Davy por cima do paletó, e virá, dentro em breve, para fumar seu cachimbo, na sala da frente, dar palmadas na mão de minha mãe, e olhar — oh! o calor de seu orgulho! — para o retrato de uma rainha, dado pela mão de uma rainha, no palácio de uma rainha, a seu filho mais velho, cuja batuta levantava vozes em música digna de ser ouvida por uma rainha.

Morreu o Sr. Gruffydd, aquele homem de pedra e de chama, que era amigo e era mentor, que me deu o seu relógio, toda a riqueza que possuía, porque gostava de mim? Morreu ele? E as lágrimas ainda úmidas no meu rosto, e minha voz rompendo rochedos, em minha garganta, enquanto eu tentava dizer adeus, e, oh! Deus! as palavras sem ânimo de chegar, eu me afastando dele sem lhe falar, apaixonado e em pranto.

Morreu ele?

Porque se morreu, então eu estou morto, todos nós estamos mortos, e tudo, de certo modo, não passa de uma zombaria.

Como era verde meu vale e o vale daqueles que se foram...

FIM

O autor e sua obra



“É um homem de estatura mediana, com pés e mãos pequenas, e seus olhos e cabelos são negros e brilhantes como um monte de carvão galês.” Assim é descrito o autor deste romance, que é um dos mais populares de todos os tempos.

Richard David Vivian Llewellyn Lloyd nasceu em St. David's, Pembrokeshire, no País de Gales, em 7. Seus primeiros estudos foram realizados em St. David's, Cardiff e Londres. Aos dezesseis anos foi enviado à Itália para aprender administração hoteleira. Nas horas vagas estudava escultura e pintura e aprendia os rudimentos do cinema em uma companhia cinematográfica.

Aos dezenove anos, desejando impor uma maior disciplina em sua vida, entrou para o exército britânico, onde permaneceu durante cinco anos, servindo em seu país e no exterior.

Ao deixar o exército, Llewellyn voltou a trabalhar em cinema, onde foi sucessivamente assistente de diretor, cenógrafo, gerente de produção, e finalmente diretor. Devido a uma crise na indústria cinematográfica, ele tornou-se escritor. Sua primeira obra foi um

drama psicológico de mistério, chamado "Poison pen", encenado em Londres com sucesso.

Llewellyn começou a escrever sua obra mais famosa, "Como era verde meu vale", em St. David's, a partir de um esboço escrito enquanto servia o exército na Índia. Continuou a escrevê-lo em Cardiff e no St. James's Park, em Londres, enquanto estava desempregado. No verão de 9, entregou o manuscrito ao editor. A obra foi publicada na Inglaterra, em outubro do mesmo ano. Em apenas quatro meses foram vendidos cinquenta mil exemplares. Nos anos que se seguiram, a obra foi traduzida para diversos idiomas.

"Como era verde meu vale" é uma história simples, forte, feita de saudades sobre o cotidiano de uma família de mineiros do sul do País de Gales, nos anos de 0. Filmado em 1, sob a direção de John Ford, "Como era verde meu vale" foi julgado o melhor filme do ano pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.